REVISTA

DO

Instituto Historico e Geographico

DE

SÃO PAULO

VOLUME XV

1910

SÃO PAULO
Typographia do « Diario Official »
1912

SPELEOLOGIA BRAZILEIRA

Memoria apresentada ao Segundo Congresso Brazileiro de Geographia

P-b 174

PELO

DR. ANTONIO OLYNTHO DOS SANTOS PIRES

Socio correspondente do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo

SPELEOLOGIA BRAZILEIRA

A *Speleologia*, que, pela sua etymologia grega (*spelaion* caverna e *logos* discurso) quer dizer a sciencia que tem por objecto especial o estudo das cavernas, não é, como ainda ha pouco, uma simples curiosidade ou motivo para meras excursões de recreio; mas um corpo de doutrina, rigorosamente scientifico, e tem, como toda sciencia, seus principios, suas leis e seus methodos.

A denominação dessa sciencia, um pouco antiga, é devida principalmente a Mr. Emile Revière e equivale ao termo allemão *Höhlenkunde*, usado na Austria para significar o «conhecimento das cavernas»; porém a sua incorporação ás sciencias physicas naturaes, como doutrina definida, data de um quarto de seculo apenas, devido em grande parte aos esforços perseverantes e aos estudos aprofundados de Mr. A. Martel, director da conhecida revista franceza *La Nature*, que começou a divulgal-a em escriptos avulsos e depois no seu livro — *La Spéléologie ou science des cavernes*, publicado em 1900 e que attrahiu para ella a attenção dos estudiosos.

Hoje, as vistas de muitos observadores eméritos estão voltadas para os factos revelados pela Speleologia e para as deducções que offerecem os principios já nella estabelecidos.

O proprio Mr. Martel desenvolveu o seu plano primitivo, publicando *La Spéléologie au XXe siècle*, onde se encontra a descripção geographica e historica das cavernas do mundo inteiro, obra coroada pela Academia de Sciencias de Paris com o grande premio das sciencias physicas de 1907; e mais recentemente publicou, em 1908, *L'Evolution Souterraine*, onde em 383 paginas de leitura substancial, resumiu elle as suas pesquizas pessoaes de 25 annos e offereceu um apanhado dos phenomenos conhecidos abaixo da crosta terrestre.

Outros, sob sua inspiração, lhe tem seguido á pista; e entre elles, Mr. Viré, cujas investigações revelaram a formação de especies novas nos centros obscuros, admiravelmente adaptadas ao elemento em cujo seio ellas vivem e cujas transformações successivas trouxeram nova e brilhante confirmação á theoria dos *phenomenos de adaptação*; e Mr. Jean Escard, que em sua monographia sob a epigraphe *La Houille Blanche et la dessecation de l'ecorce terrestre*, pu-

blicada no anno passado, faz um prognostico assustador sobre o destino que aguarda a nossa Terra: — *elle se dessechéra complètement!*

A principio o estudo das cavernas cifrava-se na colheita de elementos para a paleontologia; depois, outros assumptos relacionados com aquelle estudo, foram attrahindo a attenção dos observadores, taes como a fáuna e a flora subterraneas, a circulação das aguas nas cavernas ou dentro das rochas que as formam e uma grande quantidade de factos e de objectos que estimulam a imaginação, aguçam a curiosidade e convidam á reflexão.

A flora e a fáuna das cavernas têm effectivamente seus caracteristicos especiaes.

A auzencia da luz determina nas plantas subterraneas uma destribuição especial da chlorophylla e determina nos animaes cavernicolas, que são numerosos, não só a atrophia dos orgams visuaes, como a hypertrophia ou extensão consideravel dos orgãos do tacto, do olphato e do ouvido, e a depigmentação ou descoloração da pelle, dos olhos e dos pellos.

A hydrologia tem tido tambem um contingante valioso com o estudo das cavernas e de outras excavações do subsólo. Não só se tem determinado a origem ou o curso desconhecido de certas correntes de agua, como se tem podido planejar o armazenamento e a conducção de aguas em logares em que esse problema parecia insoluvel, como ainda se tem explicado o modo de formação de numerosas fontes mineraes e thermaes.

Quando se procedia á perfuração do tunel do Simplon, o acaso levou os observadores á uma confirmação de certas doutrinas, sobre aquelle assumpto, que não haviam passado do dominio das conjecturas: — do lado sul do tunel e a 9 kilometros de Iselle, encontraram-se, em 1901, veios de agua consideravelmente fria, de 11.° á 19.° centigrados, quando a geothermica devia prever ahi de 35.° á 38.° c.; ao passo que, de Novembro de 1903 a Setembro de 1904, na galeria norte do mesmo tunel, á 10 kilometros de Brigue, appareceram torrentes de agua quente, de 48.° á 55.° c., que chegaram a perturbar os trabalhos de perfuração.

As pesquizas de Mr. Schart, geologo destacado para acompanhar os trabalhos do Simplon, demonstraram que a agua fria não era mais do que a absorpção das aguas torrenciaes que vinham de 1200 metros mais alto, das fendas do Tággiolo e Val Cairasca, até as excavações do tunel, atravez das fallas dos calcareos chrystalinos, e que as aguas quentes provinham das profundezas indeterminadas do sólo.

Foram os austriacos os primeiros que se atiraram resolutamente ás interessantes investigações da Speleologia; e nem poderia deixar de assim ser, desde que a Austria-Hungria conquistou a justa fama de ser a *terra classica das cavernas*.

Mr. Martel narra a evolução e o crescente interesse que estes estudos foram despertando, a começar pelo impulso dado por Mr. F. Kraus, mais ou menos em 1880; depois com a fundação de uma sociedade de estudos das cavernas (*Verein fur Hohlenkunde*), que tomou grande impulso, de 1882 a 1889, quando se transformou em uma secção do «Club dos Touristas Austriacos»; até a intervenção official para differentes estudos, principalmente da hydrologia na Istria, na Carniola e na Bosnia-Herzegovinia.

Na França os pioneiros das cavernas foram M. M. G. Gaupillat e E. A. Martel, os primeiros a aventar, em 1888, com os abysmos profundos, até então defendidos por falsas legendas e terrores de toda ordem.

Na Allemanha as investigações nas grutas revestiram, desde logo, um caracter scientifico, sendo nellas intentadas pesquizas geologicas por Von Gumbel, Banke, Zittel, Kleas e muitos outros.

Na Italia fundaram se circulos speleologicos, o Club Alpino e outras associações, que tendo á frente os srs. Issel, Marinelli, Salmojraghi e outros, os quaes por mero turismo ou com intuitos mais serios, começaram á sondar os abysmos e a penetrar nas escavações subterraneas.

Na Hespanha acompanharam esse movimento o abbade Font y Segue e o sr. Puig y Larraz.

Na America do Norte, a exploração da gruta *Mamouth*, no Estado do Kentuchy, chamou a attenção dos Srs. Putnam e Pachard para o estudo da fauna subterranea: e desde logo se entregaram ao estudo da Speleologia os Srs. Hovey, Ellsworth Call, Mercer, Miss Owen, que têm continuadores tenazes e apaixonados em nossos dias.

Em 1895 fundou-se em Paris uma sociedade internacional, a *Sociedade de Speleologia*, que mantem um Boletim a *Spelunca* e publica *Memorias*, nas quaes reune os trabalhos e as investigações de seus socios, que se vão espalhando pelo mundo todo.

Ha, pois, de 25 annos para cá, um movimento geral nos circulos intellectuaes dos paizes cultos para o estudo dos interessantes phenomenos de que são proscenio as cavernas.

Porêm, desde a mais remota antiguidade têm tido ellas uma importancia notavel na vida humana.

As tribus primitivas, que erravam nomadas, n'uma lucta sem treguas contra os agentes da Natureza e inimigos de toda ordem, faziam das grutas suas habitações favoritas, quando resolviam se fixar, por encontrarem em seu seio um abrigo contra a chuva, o sol e o vento e uma fortaleza de onde se defendiam com vantagem das feras e de outros inimigos que as perseguiam.

Os troglodytas, ou habitantes das cavernas, existem ainda em nossos dias, em muitos paizes; e não é sem razão que Mr. Martel observa que o uso das cavernas como

habitação é inversamente proporcional á civilização dos povos.

Muitas grutas se tornaram notaveis na Historia, em epochas de guerra, em que os fracos e perseguidos encontraram refugio nellas; e outras se assignalaram por crimes de toda ordem, alguns dos quaes se transformaram em episodios historicos; e muitas tornaram-se tambem necropoles, naturaes ou artificiaes, que os paleontologistas e archeologos revolvem hoje, na sêde insaciavel de alargar os conhecimentos humanos.

D'ahi as lendas religiosas e legendas phantasticas que povôam as cavidades do sub-solo, onde o homem ignorante sempre penetra a mêdo ou cheio de terrores.

Hoje as pesquizas speleologicas têm tornado conhecidas muitas grutas, cuja notoriedade, até ha pouco, não passava do reduzido circulo dos poucos habitantes de suas redondezas.

Algumas, porêm, têm, de ha muito, celebridade mundial; e entre ellas podem ser citadas a *Mammouth Cave*, do Estado do Kentuchy dos Estados Unidos da America do Norte e a do *Jenolan* na Australia.

Destas já fiz uma rapida descripção, quando escrevi sobre a nossa *Gruta do Maquiné* em um dos jornaes da Capital de Minas Geraes, ha oito annos; e aqui a transcrevo:

«Na America do Norte a gruta do *Mammouth*, no Estado do Kentuchy, goza de fama universal, por ser considerada a mais vasta e curiosa do mundo. Sua extenção em linha recta é calculada em cerca de 18 kilometros pelos viajantes que a têm descripto.

Ella é constituida por uma serie de cavernas que se succedem, localizadas todas no mesmo penhasco, apezar de separadas umas das outras.

Distante seis kilometros da entrada principal, segundo a descripção de Mr. Word, encontra-se um vastissimo salão, todo adornado de columnas de estalactites, com mais de quarenta metros de altura, e cujas paredes estão revestidas de brilhantes cristaes de carbonato de cal.

A gruta do *Mammouth* é excessivamente secca e conserva uma temperatura constante e relativamente baixa.

A tradição conta que ella foi habitada, antes da descoberta da America, pela forte e aguerrida nação dos *Pelle Vermelha*.

Mas, tornou-se ella mais bem conhecida e começou a ser visitada depois do anno de 1799, em que casualmente a descobriu um colono de nome Beker. Este, maravilhado pelas bellezas que encontrou na gruta, levou a percorrel-a sua mulher e filhos; e alli passaram dois dias e duas noites perdidos, sem luz, sem alimentos, nem agua, apezar de ouvirem o estrepito de cataratas inviziveis que se despenhavam dentro das rochas que elles pisavam.

As cavernas do Kentuchy, porêm, tornaram-se mais notaveis na guerra que os Estados Unidos tiveram de sustentar com a Inglaterra, por terem ellas fornecido enorme quantidade de salitre para o fabrico da polvora, n'uma epocha em que aquella grande Republica Americana iniciava os seus passos e ficou reduzida a contar exclusivamente com seus recursos proprios.

D'ahi em deante a gruta do *Mammouth* tem sido visitada por milhares de curiosos e de touristes que alli encontram hoje todas as commodidades e conforto que a civilização pode offerecer.

Na Australia existe tambem uma gruta, ou antes um grupo de grutas, que goza de celebridade universal:—é o Jenolan, que fica a leste das «Blue montains» (Montanhas azues), na Nova Galles do Sul, á cerca de 200 kilometros da Cidade de Sidney, no fundo de um pitoresco valle, onde serpenteia o Rio Harrhesbury.

Um escriptor viajado e conhecedor das curiosidades mais notaveis de todos os paizes do mundo dizia de *Jenolan*— «ces grottes depassent en beauté tout ce que nous avons dans le genre en Europe et même dans l'Amérique du Nord».

As grutas do Jenolan foram descobertas em 1841 por um audaz explorador, Whalon; e o governo colonial tomou as logo sob sua guarda, mandando fazer nellas uma exploração minuciosa, para melhor descobril as e patentear-as, bem como mandou executar obras de arrimo, construir escadas e rampas, fazer exgottamento das aguas e installação de luz electrica, para permittir o facil accesso a todos que alli fossem admirar os maravilhosos caprichos da natureza, na vasta variedade das estalactites e estalagmites, que affectam formas elegantissimas e, ás vezes, dimensões collossaes.

No interior dessas grutas está installado um grande hotel profusamente illuminado á luz electrica e extremamente confortavel; elle é frequentado sempre por numerosos hospedes que confundem o ruido de suas vozes com a musica dos concertos e das dansas, que se succedem naquelle sitio phantastico, onde é noite sempre.

A viagem de Sidney ás grutas de *Jenolan* se faz quasi toda por estrada de ferro, menos o ultimo trecho que é feito em diligencia ou a pé; e, quando se chega alli, n'uma noite escura, entra-se para as grutas sem sentir, como se fôra n'um palacio maravilhoso, onde o silencio e a solidão do caminho percorrido são bruscamente transformados n'um vozear continuo de diversas linguas, misturado com a cadencia da musica e das dansas em vastos, elegantes e luxuosos salões».

A Speleologia confinada, pois, no seu inicio, á descripção dos accidentes do sub-sólo, até onde pudessem chegar as investigações humanas, foi a principio qualificada de *geographia subterranea*.

Porêm, hoje, como muito bem observa Mr. J. Escard, ella nos revela factos de uma importancia capital sobre a evolução da crôsta terrestre e o destino do globo; e, pela multiplicidade dos assumptos que ella abrange, é um novo contingente para o desenvolvimento da geologia, da geographia physica, da hydrographia, da zoologia, da botanica e da hydrologia. Essas considerações justificam a inclusão desta pequena memoria na Secção II do nosso Congresso de Geographia e explicam o motivo pelo qual a escrevi,— que não é mais do que para chamar a attenção dos geographos brazileiros para esse grande manancial de informações e de estudos, que existe no interior do nosso paiz, em grande parte virgem de quaesquer investigações scientificas.

No Brazil ha grutas e cavernas em quasi todos os Estados; é possivel mesmo que existam em todos; não posso porêm affirmal-o pela deficiencia de informações. Isso é mesmo um dos motivos de haver escolhido este assumpto, para ser ventilado no nosso Congresso de Geographia, afim de chamar para elle a attenção dos estudiosos, e podermos ter, em reuniões que se seguirem, informações mais completas sobre esse ramo de nossa Geographia physica.

As grutas e cavernas, no Brazil, recebem denominações differentes, conforme os Estados onde estão: em Minas Geraes ellas são geralmente denominadas *Lapas ou Furnas* e em Mato Grosso chamam *Buraco Soturno*.

São os caçadores commummente os descobridores dellas: —excitados pela paixão selvagem da caça, não medem elles perigos nem sacrificios; e, na perseguição de uma innocente paca ou de um timido veado, muitos se têm encontrado deante de bellezas deslumbrantes, que para elles ficariam perpetuamente desconhecidas no flanco das montanhas ou no interior da terra, si a pobre victima de sua semibarbaria não fosse alli procurar um abrigo ou um refugio.

Muitas das cavernas brazileiras têm sido exploradas para a extracção do salitre; e algumas dellas tornaram-se mais completamente conhecidas, quando desentulhadas das terras salitrosas que continham.

Essa pequena industria nos veio desde o periodo colonial, em que sendo muito cara a polvora e muito difficil o seu transporte pelos poucos navios de vela que nos mandava a metropole, o fabrico desse explosivo começou a ser feito no Brazil com os recursos locaes.

Ella teve maior desenvolvimento em Minas Geraes, em que a activa exploração das minas auriferas exigia um grande consumo de polvora; e, talvez por isso, sejam mais conhecidas as grutas e cavernas desse Estado, onde aliás ha ainda muito a descobrir e a conhecer nesse assumpto.

Na exploração das cavernas para a extracção do salitre são encontrados, de mistura com as terras salitrosas, ossos, fructos e troncos fossilificados pela acção das aguas calcareas e de outras aguas mineralizadas que alli havia. Quando esta exploração era bastante activa, na zona calcarea da bacia do Rio das Velhas, em Minas, ha mais de um meio seculo atraz, habitava aquella região um sabio dinamarquez, o sr. Pedro W. Lund, que alli passou 50 dos seus 80 annos de existencia, tendo obtido da amenidade daquelle clima allivio para os males que o exilaram de sua patria.

Não lhe podia passar despercebido tamanha quantidade de fosseis a elle que era um espirito observador e eminentemente culto. Dedicou-se, pois, ao estudo e comparação daquelles elementos e pode recompor toda a fáuna que habitou o planalto central de Minas Geraes na epocha em que se formaram aquelles depositos. Foram assim lançados por elle, e com mão de mestre, os alicerces da *Paleontologia Brazileira*, de que dão testemunho suas interessantes «Memorias», mandadas aos centros mais cultos da epocha e de preferencia á Academia de Sciencias de Copenhague, que era sua terra natal.

— As grutas que eu conheço mais de perto são as de Minas Geraes, algumas das quaes tenho percorrido, por curiosidade ou por estudos.

Na bacia do Rio das Velhas, principalmente nas proximidades da Lagoa Santa, Sumidouro, Mattozinhos, Sete Lagoas, Vista Alegre e Curvello, existem centenas de grutas, muitas exploradas já para a extracção do salitre, outras pouco conhecidas, outras de accesso difficil, porém, cheias de bellezas naturaes que maravilham aos que as têm vizitado.

Nessa zona são mais conhecidas as *Grutas ou Lapas do Sacco Cumprido*, dos *Mosquitos*, da *Cerca Grande*, dos *Porcos*, da *Lagoa Feia*, do *Cercado* e do *Maquiné*.

E' nessa região, onde os calcareos formam a base do terreno, que se encontram lagoas, cujas aguas se reconvam ás occultas e rios que somem durante muitos kilometros para reapparecer subitamente, brotando em jorros da superficie do sólo.

A localidade denominada *Sumidouro* deve o seu nome a um phenomeno dessa ordem; e a Lagoa Santa e outras, que ficam nos arredores de Sete Lagoas, têm sangradouros naturaes, por onde sahem continuamente as aguas que formaram o lago, sem se perceber de onde provem o supprimento permanente que o mantem.

Em differentes zonas de Minas existem grupos de grutas na sua maioria calcareas, que se tornaram conhecidas desde muitos annos: — nas proximidades de *S. João d'El Rei* ha a *Casa de Pedra*, perto da *Cidade de Formiga* ha as *Grutas de Arcos*, proxima a *Diamantina* existe a *Furna do Curralinho*, de onde foram extrahidas milhares de toneladas de

salitre, e mais adeante as de *Curumatahy* e depois as de *Montes Claros*.

Nos arredores de *Ouro Preto*, a antiga Capital de Minas, tambem são assignaladas algumas, nas fraldas do *Itacolomy* e um pouco mais distante as do *Caraça*. De permeio, existe a Lapa de *Antonio Pereira*, que é a mais notavel.

Esta é uma gruta calcarea que se encontra á pequena distancia do arraial daquelle nome, no valle do Rio Gualacho, que torna aquelle sitio muito pittoresco e que já fez delle, em outros tempos, um activo fóco de explorações auriferas.

A *Lapa de Antonio Pereira* é um sanctuario que attrahe annualmente, em mezes de Agosto, centenas ou milhares de devotos que vão fazer preces e levar oblatas á Virgem alli venerada, a qual se diz haver sido encontrada em um dos altares formados pela Natureza.

Porém, as grutas mais afamadas de Minas, são as da bacia do Rio das Velhas, principalmente as que se agrupam na zona comprehendida entre o Municipio de Santa Luzia ao sul e o do Curvello ao norte. Descrevendo essa região, onde se deram outrora tão notaveis revoluções telluricas, para a formação da crosta terrestre, e hoje tão placida e risonha, dizia o sabio professor Gorceix:

«Essas immensas regiões não têm a tristeza nem o aspecto desolado dos longos prados dos Estados Unidos, nem dos pampas da extremidade sul da America. O viajante que atravessou essa região jamais se esquecerá da sua poesia, e mais de um, conserva recordações cheias de desejos de a rever».

Percorri pela primeira vez essa zona, em excursão scientifica organizada pelo professor Gorceix, quando, pouco depois de sahir da Escola de Minas, fui, a mandado daquelle professor, estudar os terrenos diamantiferos do Rio Abaeté.

Para chegar ao objectivo de meu estudo, tive de passar por essa região, onde, segundo as instrucções daquelle meu sabio mestre, me detive, para vêr as grutas que estivessem sendo exploradas para a extracção do salitre.

Transcrevo dos *Annaes da Escola de Minas de Ouro Preto*, n. 4-1885, o trecho de meus estudos em que me referi ás grutas que examinei:

«Visitei trez grutas principaes: — a do *Canhanga*, da *Cerca Grande* e da *Lagôa Feia*.

A *Gruta do Canhanga* foi ha poucos annos explorada para salitre; existem ainda escadas e cordas que serviram á exploração e que me permittiram visitar alguns dos salões.

Sua entrada é uma sala elevada de alguns metros sobre o nivel da chapada, ornada no tecto e nos lados de immensos e lindos blocos de carbonato de cal crystalizado e fechada no fundo por columnas de estalactites, algumas perfeitas, outras truncadas.

Na mesma montanha onde está a *Gruta do Canhanga*, na direcção E. O. e a um kilometro de distancia, fica a *Lapa da Cerca Grande*. Essa lapa foi visitada e esmeradamente estudada por Lund. Suas entradas ficam quasi no mesmo nivel de um prado extenso, que se transforma em lago na estação chuvosa. Infelizmente ainda as aguas occupavão sua entrada, quando lá estive, não me tendo possivel percorrel-a.

Vi, entretanto, em uma parede externa os desenhos toscos dos indios Cayapós, que representavam veados, tatús, tiús, porcos etc., feitos com uma tinta vermelha indelevel.

Na primeira «Memoria» das obras de Lund, publicada no n. 3 dos *Annaes da Escola*, encontra-se a descripção completa dessa gruta.

Na direcção N. e a uma legoa de distancia fica a *Lapa da Lagôa Feia*, unica que nesse tempo se achava em exploração salitrosa. A entrada dessa gruta é alta, em um rochedo escarpado.

Visitei todos os salões e varandas desentulhadas pela exploração.

As estalactites e as formas caprichosas das paredes davão-lhe o mesmo aspecto fasciuador das outras grutas. Seus salões inferiores são occupados, em todas as estações, pelas aguas tranquillas, cujo negro e morto aspecto justifica o nome que lhe dão.

No principio da exploração os trabalhadores encontraram ossadas completas e gigantescos ossos esparsos e enterrados no calcareo; hoje poucos se encontram e os trabalhadores perderam os que antigamente encontram. Em minha rapida visita encontrei alguns pequenos argmentos de ossos fosseis enterrados em um conglomerato calcareo com elementos rolados; infelizmente julgo que elles não são sufficientes para uma classificação»

Essa *Lapa da Lagôa Feia* é um archivo geologico que está se enchendo de documentos á nossa vista. as aguas tranquillas ou o lago que occupa a sua parte inferior é um depozito de ossos, troncos, folhas e fructos, carreados pelas enchurradas e depositados no meio de outros detrictos, onde a acção das aguas calcareas os vae fossilificando, endurecendo, transformando em rochas, para que os geologos e archeologos no futuro, daqui á dezenas de seculos talvez, possam estudar as especies animaes e vegetaes com que estamos convivendo hoje. Essa observação me veio á mente quando me achava dentro daquella gruta, deante do aspecto sombrio e severo daquellas aguas dormentes por baixo de meus pés e que eu entrevia nas frinchas e nos grandes orificios que o sólo da gruta apresentava. E como naquella epocha já sonhava com o ideal republicano e tinha esperança de que o Brazil seria, mais ou menos proximamente, uma grande Republica, quiz intrigar os geologos do futuro, atirando no fundo daquella lagôa, para que ficassem archivadas nas impressões das rochas em formação, todas as moedas de cobre

e de nickel que trazia comsigo e que tinham naquella epocha as armas imperiaes.

De todas as grutas conhecidas nessa zona, porêm, e em todo o Estado de Minas, a maior e a mais cheia de encantos e de maravilhas é a *Lapa do Maquiné*.

Ella fica nas proximidades da actual Estação de Cordisburgo, no kilometro 744 da Estrada de Ferro Central do Brazil e entre Sete Lagôas e Curvello. Dista apenas seis kilometros para oeste do arraial de Vista Alegre, hoje denominada Cordisburgo.

Tive occasião de visital-a ha cerca de oito annos e fiz della uma descripção, na qual me soccorri do bello colorido com que Lund a pintou, pouco depois de havel a penetrado pela primeira vez e certamente impressionado ainda pelas bellezas que alli havia encontrado.

Transcrevo em seguida a descripção que fiz em uma folha da Capital de Minas, em 1902:

«Na grande bacia onde se acha a entrada da gruta serpenteia o corrego do Cuba, o qual, não encontrando sahida para suas aguas perfarou uma passagem subterranea na montanha depois de um trabalho secular; e por ella desapparece, para surgir do lado opposto e unir suas aguas ao ribeirão da Onça que verte para o Rio das Velhas.

Para chegar á gruta é mister transpor a montanha que contorna aquella bacia; e do seu cimo «a vista do viajante perde-se em extensos e variados horizontes» parece que a natureza ahi ostentou toda sua gala para mais inspirar o poeta que quizesse cantar as bellezas ainda mais imponentes do interior da caverna e delinear os traços da lugubre scena, mysteriosamente inscripta em suas sombrias abobadas, como disse o dr. Lund.

Logo na entrada da gruta abre-se um vasto salão podendo abrigar commodamente uma centena de cavalleiros montados; o tecto tem a forma de um arco abatido; no fundo existem estalactites, que, devido ás sinuosidades das paredes semelham uma pequena cascata que se tivesse petrificado. Esse salão é illuminado pela luz do dia e suas paredes são de calcareo pardacento e curo, o que lhe dá um tom severo, contrastando com a scintillação risonha das mil facetas de pequeninos crystaes espalhados por toda a parte e que brilham ao contacto da luz.

Desse salão de entrada sobe-se um pouco para encontrar uma fenda estreita que se abre de cima para baixo com a largura de perto de dois metros, como se fora uma verdadeira porta, para dar entrada em outro salão onde já falta a luz solar.

Ahi apparecem grandes estalactites e estalagmites alabastrinas; e é phantastico o effeito da luz dos archotes sobre as facetas de innumeros crystaes que ornam paredes, tecto e columnas.

Outros salões se succedem, cada qual mais cheio de maravilhas, parecendo que a natureza caprichou nas fórmas phantasticas e bizarras das estalactites e columnas.

A passagem de uns para outros desses salões se faz através de corredores ou de salas menores, geralmente inclinados, onde se encontram escadarias, tambem feitas pela natureza, e maravilhas cada vez mais surprehendentes.

Ás vezes são tão tenues e unidas as estalactites, suas dobras são tão caprichosas e de tanta alvura, que se tem a illusão de cortinas de fina renda estendidas pelas paredes.

Em quasi todas as grutas dessa região o dr. Lund encontrou grande quantidade de ossadas fosseis de numerosas especies animaes hoje extinctas, que elle estudou e classificou, lançando um facho de luz vivissima sobre essa parte sombria da paleontologia do Brazil.

A gruta do *Maquiné* foi objecto da 1.ª Memoria enviada do Brazil pelo dr. Lund á Academia de Sciencias de Copenhague em 1836; elle descreveu grande parte dessa gruta que ainda não havia sido vizitada pelos homens.

Aquelle eminente sabio tememos emprestada a descripção dessa parte da gruta, que elle pinta com uma exuberancia de colorido e verdade inegualaveis.

São do dr. Lund essas phrases, nas quaes elle exprime o seu enthusiasmo por essa obra prima da natureza á qual ficou o seu nome inolvidavelmente ligado:

«Duvido que a formação de estalactites tenha em qualquer outra caverna conhecida produzido combinações tão admiravelmente bellas, como as que são encontradas nesta parte da gruta do *Maquiné*. Pelo menos as cavernas que vizitei na Allemanha lhe são muito inferiores a este respeito; e a julgar das bellezas das outras pelas descripções que hei lido nenhuma pode soffrer a minima comparação com a de que falo. A principio subindo-se um ligeiro declive atravessa-se uma camara aberta para a parte inferior da caverna.

Ahi o sólo, que é totalmente cavado em pequenas bacias, se acha revestido de uma brilhante camada de delicados crystaes de spath calcareo.

Ao fundo e á direita ha uma passagem que abre para um outro compartimento, onde parece se terem reunido todos os esplendores que a formação das estalactites pode produzir. As obras artisticas do mais alto gosto, a mais rica architectura ahi são reproduzidas, e preso mesmo dizer que a arte humana é excedida por essas formações caprichosas da phantasia da natureza. Aqui um bello templo surprehende nossa vista; alli, levanta-se um altar; mais longe ergue-se uma columna collossal de uma ordem nova e de delicado gosto; além, vê-se uma cascata cujo limpido veio condensou-se em brilhante alabastro.

Todos esses deslumbrantes primores da natureza são realçados pelos mais delicados ornatos, de fórmas tão phan-

tasticas quanto de bom gosto, franjas, grinaldas, frisos e uma infinidade de outros enfeites, cuja ennumeração seria fastidiosa e incapaz de dar uma idéa da belleza do conjuncto a aquelles que não o virjam com os proprios olhos. O que contribue principalmente para augmentar o effeito destas bellezas architectonicas é o seu revestimento brilhante. Toda a camara e todas as figuras nella existentes estão cobertas de uma crôsta de crystaes delicados de carbonato de cal, ora do branco o mais puro, ora diversamente coloridos, predominando o amarello nankim. Os esplendidos reflexos produzidos pela luz, ferindo as innumeras facetas destes crystaes, deslumbram a vista e julga-se o homem transportado a um palacio de fadas.

A imaginação poetica a mais rica não saberia crear uma tão esplendida morada para seres mataviIhosos; deante dessa notavel gruta ella seria forçada a confessar a sua impotencia. Meus companheiros permaneceram durante muito tempo mudos, na entrada deste templo; depois involuntariamente se ajoelharam e persignando-se exclamaram diversas vezes:—«Milagre! Deus é grande!» Foi-me impossivel distuadil-os da idéa de que esse templo devia servir de morada a Nosso Senhor. Quanto a mim confesso que nunca meus olhos viram nada de mais bello e magnifico nos dominios da natureza e da arte.

Não só nessa parte da gruta, denominada pelo dr. Lund o *Castello das Fadas*, como em diversos outros compartimentos, encontram-se bacias de verdadeiro alabastro, cheias de pequenas concreSSões calcareas, de aspecto saccharino similando perfeitamente amendoas de assucar.

Deante do testemunho daquelle sabio que conhecia todas as manifestações da arte e os segredos da natureza do velho mundo pode-se asseverar que nenhuma das grutas conhecidas e afamadas, nem a do *Mammouth* nem a de *Jenolan*, leva vantagem á gruta do *Maquiné* que esconde suas maravilhas a uma centena de kilometros de distancia de nossa Capital»

— Depois das de Minas Geraes, as grutas brazileiras mais estudadas têm sido as de S. Paulo.

Para isso tem grandemente contribuido a Commissão Geographica e Geologica, daquelle Estado, que publicou em um dos seus bellos Relatorios *Exploração da Ribeira de Iguape*, em 1908, não só a determinação geographica de differentes grutas desse valle, como interessantes gravuras da *Gruta de Arataca* e de differentes dependencias da *Caverna de Monjolinho*, no Iporanga.

A Speleologia de S. Paulo tem tido igualmente, nestes ultimos annos, cultores tenazes; e entre elles o snr. R. Ihering que apresentou ao snr. Secretario do Interior um interessante Relatorio sobre differentes grutas que o Governo do Estado adquiriu por compra, o snr. Ricardo Krone que, no Vol. XV dos *Archivos do Museu Nacional*, de 1909, escreveu uma communicação sobre «As Grutas Calcareas», do Valle do Rio Ribeira de Iguape», e o snr. Edmundo Krug, que tambem se refere a ellas no seu folheto «A Ribeira de Iguape».

Devido á obsequiosidade do illustre chefe da Commissão Geographica e Geologica de S. Paulo posso dar aqui detalhadas informações das mais importantes grutas estudadas naquelle Estado, que são as que se seguem.

As grutas então discriminadas em trez categorias:

1.ª — Grutas de grande extensão, (0 5 — 7 k'm.), ricas em ornatos naturaes e ao mesmo tempo muito promisseiras sob o ponto de vista paleontologico. São ellas, as grutas *Monjolinho*, *Arataca*, *Chapéo Grande* e *Tapagem*.

2.ª — Grutas menores que as precedentes, mas equivalentes a ellas. São, as grutas *Pescaria Grande*, *Arataca-Mirim*, *S. Antonio* e *Areas*.

3.ª — Grutas pequenas ou menos bellas, mas nas quaes ha probabilidade de se fazer boas excavações. São ellas as grutas *Pescaria-Mirim* e *Lambary*.

O Governo de S. Paulo, para melhor preservar esses preciosos dons da Natureza e impedir que o vandalismo dos ignorantes os destruam, está adquirindo as mais importantes grutas do Estado; e já possue as de: *Monjolinho*, *Arataca*, *Chapéo-Grande*, *Chapéo-Mirim*, *Pescaria Grande*, *Pescaria-Mirim* e *Tapagem*.

A *Gruta de Monjolinho* fica em Iporanga no local denominado Morro Agudo.

E' com razão uma das grutas mais afamadas de São Paulo. A sua entrada, como em outras, não é facil, devido a um amontoado irregular de pedras de todos os tamanhos que torna difficil a passagem.

A *Gruta do Monjolinho* não tem em geral galerias muito espaçosas; depois de um pequeno trecho tortuoso, chega-se a um ponto em que é preciso descer, com auxilio de corda, por um plano inclinado, para chegar a um grande salão ricamente enfeitado com estalactites e estalagmites de todas as dimensões. Segue-se mais um trecho irregular, aliás bastante perigoso, por causa dos abysmos que se abrem junto das rampas pelas quaes é forçoso passar, para chegar ao salão em que se acha o famoso «Gigante», um conjuncto de estalactites e estalagmites, que formam uma importante columna, alvissima e rendilhada com os mais bellos enfeites.

A extensão da galeria principal desta gruta pode ser calculada em 500 metros; ha salões de 20 x 30 e mais metros; a altura porém raro excede 8 a 12 metros.

A *Gruta da Aratáca* fica em rumo quasi opposto N. N. E. no morro Aratáca da Serra do Chumbo, em terrenos da chamada «Companhia do Chumbo», hoje propriedade dos snrs. cel. Raphael Descio e João Neves, de Iperanga, e dr. Bernardo de Magalhães, da capital paulista.

A gruta tem uma entrada monumental, mas impraticavel; um sorpiradouro de 0m, 70 de altura e outro tanto de largura e uma centena de metros, ao norte, dá mais facil accesso aos vastos salões da gruta.

Em essencia, a *Aratáca* não differe da *Monjolinho*; tem comtudo feições caracteristicas, que convem salientar.

A *Aratáca* é gruta muito mais ampla, de architectura mais grandiosa, de chão plano e quasi sem accidentes. Si por este lado ella impressiona melhor, falta-lhe, entretanto, aquella riqueza de estalactites, que caracteriza a do *Monjolinho*. Os estalactites aqui são mais grosseiros, poucas vezes cylindricos, formando geralmente travertines em pannos. Corre um regato pela gruta e, como elle, em tempos de chuva abundantes, arasa enormemente, o chão está em grande parte coberto pelas areias das enxurradas; em parte a rocha núa está exposta, e escalavrada pelas aguas. Como em geral o sub-sólo é de origem estalactitica, as aguas o corroem facilmente, apresentando elle um relevo comparavel ás rochas de coral ou de recifes de aremitos.

A *Aratáca* deve prestar-se a explorações em procura de fosseis, fornecendo abundante material paleontologico.

Quanto a extensão desta gruta é difficil precisar algum algarismo; certamente é ainda bem maior que a do *Monjolinho*.

A *Gruta Aratáca Mirim* fica situada no mesmo morro do Aratáca, na Serra do Chumbo, como a precedente, mas a sua entrada fica na outra vertente.

A um corredor segue-se um salão espaçoso, e por toda a parte ha geralmente agua empoçada. Singular é a forma destas pequenas bacias no chão, muito comparaveis aos «Atolls» de corses; o todo parece um mappa da lua em relevo.

Com difficuldade se passa para um sitio que semelha a sachristia de uma lindissima cathedral.

A' direita, atraz da entrada, ha um côro (3 x 5 m), ao qual se sóbe por alguns degráus. O corpo medio da nave é um pouco concavo; elle sóbe-se gradativamente ao altar-mór.

De lado a lado estalagmites de dois a tres metros de altura fazem as vezes de columnas gigantescas e dão um

aspecto solemne ao templo. Tambem ahi, por meio de escavações pertinazes, conseguir-se á provavelmente bons documentos paleontologicos.

A *Gruta Pescaria-Mirim* francamente accessivel dos dois lados consiste essencialmente em um corredor ou tunel de mais ou menos 100 metros de extensão, com uma entrada a N. E. e outra a S. O. Nesta porção da gruta ha uma relativa claridade por toda a extensão. Varios pequenos salões lateraes augmentam a extensão da gruta; não ha signal de recente passagem de aguas por ella, o que augmenta a probabilidade de se encontrar fosseis nas camaras adjacentes.

E' de interesse geologico a formação de uma bolsa de cascalho junto á porta S; muito mais rapidamente que a rocha primitiva, se decompõe este sedimento. A rocha primitiva nesta gruta apresenta-se formada de duas pedras de natureza bastante semelhante, mas de structura diversa (de granulação fina e grosseira).

Trata-se em seu conjuncto, de uma gruta pequena, mas muito instructiva para o estudo geral da formação geologica.

A *Gruta da Pescaria* fica situada serra abaixo no mesmo sitio de *Pescaria*; a entrada da gruta é monumental, aberta em immenso rochedo, escalavrado pelo tempo. E' uma gruta de grandes dimensões, com corredores amplos e salões de altas abobadas.

Um dos salões mede quasi 100 metros de comprimento por 15 a 30 de largura; ha poucos estalactites e em geral são grosseiros. Ha uma descida de alguns metros para chegar ao tunel pelo qual corre o ribeirão Tunimina, raso, com cerca de dois metros de largura. Essas aguas entram no sumidouro no Faxinal, approximadamente 5 a 6 klm. de distancia. Um outro braço deste mesmo riacho corre superficialmente e vae juntar-se com as aguas da gruta, formando o Rio da Pescaria, affluente da margem direita do Rio Pilões.

E' uma gruta das mais importantes e é pena que fique tão afastada das outras do grupo.

A *Gruta grande do Chapéo* tem entrada monumental e bellissima. A rocha primitiva, em que se formou esta gruta, é marmore quasi puro, de côr branco-azulada. Seria esta a gruta mais bella si o marmore fosse a sua cor natural. Mas a acção destruidora das aguas continuamente desgasta a rocha e cobre-a de lama. Em alguns lugares vê-se, pela conformação dos estalactites, que ha menor quantidade de calcareo na rocha, de modo que se formam estalactites semelhantes aos da *Aratáca*; em outros salões, devido a pureza do marmore, as paredes são inteiramente cobertas por travertinos em cascata, de bellissima conformação e, quando ainda relativamente novos, alvos e delicados. A architectura é gran-

diosa e varios salões são grandes, como os maiores das outras grutas já descriptas.

Além da entrada principal ha ainda outra, regular, mais acima e assim se explica a temperatura baixa que reina ahi.

Neste mesmo sitio do *Chapéo* existem mais duas grutas ambas proximas a casa do proprietario do terreno, uma a 400, outra a 200 metros. As duas são pequenas e quando muito uma dellas é comparavel em suas dimensões, á *Pescaria-Mirim*. A rocha primitiva é muito escura na primeira, quasi preta na segunda.

De difficil explicação geologica é o apparecimento de um bloco de 3m. de granito em frente da casa em sua entrada.

A *Gruta do Lombari* é antiquissima e a acção dos agentes dynamicos ahi se fez notar mais intensamente.

Todas as rochas estão trabalhadas pela erosão e ha abundante sedimento por toda a parte. Naturalmente o riacho que entra á direita, a pouca distancia da porta, cresce grandemente no tempo das aguas e assim actúa com violencia.

Comparando esta gruta com as anteriores pode se dizer que é feia e sem atractivos; a architetura é monotona, sem grandes bellezas, os estalactites bem desenvolvidos são poucos, com certeza destruidos pela agua do rio. A fama que tem esta gruta só se póde explicar pelo facto de ser a que fica mais proxima da estrada e portanto mais facilmente vizitada.

Na *Gruta das Areas* foram denominadas por excursionistas D. Pedro I e D. Pedro II as duas grutas gemeas do Sitio da Serra e ambas são extensissimas. Pode-se indicar sua extensão exacta porque se conhece o logar, serra acima, onde as aguas entram no sumidouro, para depois de um curso subterraneo de 7 — 8 k/m. surgir de novo no portal da gruta das *Areas D. Pedro I*; a entrada da gruta *D. Pedro II* fica á cerca de 50 metros.

A entrada da gruta não é grandiosa, mas é de dimensões regulares; tem muitas pedras cahidas, porque naturalmente ahi se junta a maior quantidade das terras e das areias carregadas pelo rio que a atravessa, na distancia de alguns metros para dentro da porta.

Ella não tem salões grandiosos, mas suas galerias são amplas e enfeitadas singularmente por blocos, parecendo recifes de coraes nos quaes as arestas de milhares de crystaes reflectem a luz forte dos archotes, como se fossem estrellas sem conta, brilhando nas trevas que a innundam.

E' nas aguas desta gruta que habita o «Mandy cego», peixe descripto pela primeira vez pelo sr. Alipio Miranda Ribeiro, como *Typhlobagrus Kronei*.

A *Gruta Santo Antonio* é uma bella gruta, á serra-acima, o que quer dizer que ahi as aguas não conseguiram destruir os enfeites delicados da infiltração do calcareo.

Ha uma descripção minuciosa desta gruta feita pelo sr. Ricardo Krone nos *Archivos do Museu Nacional*.

A *Gruta da Tapagem* é a mais importante do municipio de Xiririca, no Sitio do Paraguay, distante 700 metros da casa.

A entrada é monumental, aberta para N. E.; e a descida é difficil, entre pedras. A primeira galeria desce com declive uniforme, até chegar a uma segunda muito mais alta, que vae terminar em um salão de forma de capella. E' o que ha de mais sumptuoso em obra de Natureza, realizada com tão minguados recursos. Ha abobadas de 20 e muitos metros de altura, assim como abysmos, dos quaes uma corda de 30 metros não alcança fundo.

A ornamentação dessa gruta que consiste em estalactites massiços, formando columnas de rara perfeição, não tem egual em nenhuma das outras grutas da região. *Monjolinho*, *Aratica*, *S. Antonio* terão enfeites mais delicados; mas estylo de apurado gosto, regularidade na destribuição dos ornamentos, um como que imitação de architetura, só se encontra nessa.

A Gruta do *Chapéo* é a que mais se assemelha a ella, devido a ser egual a coloração do marmore de que ambas são formadas.

Um phenomeno interessante é a formação de uma especie de soalho que divide em dois andares um grande recinto dessa gruta; vê-se claramente que esta camada estalactica, alias de estructura delicadissima, é de formação posterior ás columnas lateraes. Uma perfuração no tecto vae deixando cahir terra vermelha no meio das areias da decomposição das estalactites. Os sedimentos se amontoam, encobrindo muitos estalagmites. E blocos immensos, principalmente de grandes travertinos, ruem por terra, obstruindo o caminho e destruindo os ornatos estalagmiticos. Uma columna immensa, de um metro de diametro e talvez 10 metros de comprimento, ahi está tombada, ao que dizem derrubada por mão de homem.

Dessa gruta nasce o rio André Lopes, affluente do Ribeira do Iguape.

Além destas, são ainda conhecidas no Estado de S. Paulo as grutas do *Avaré*, do *Itqueryá* do *Itapety*, da *Tóca Feia*, do *Farto*, do *Fartinho*, da *Casa de Pedra* e da *Aberta Funda*.

Entre os mais notaveis phenomenos speleologicos desse Estado são citados os cursos subterraneos do *Rio Itararé*, que desapparece na distancia de 14 kilometros e do *Cachoeirinha* na de 300.

— Os Estados brazileiros de maior extensão territorial como o Amazonas, Matto-Grosso, Pará, Goiaz, etc., são os, menos conhecidos, não só por ser relativamente pequena a população que os habita, como pelas difficuldades que as

suas florestas virgens e seus caudalosos rios oppoem a todas as explorações.

São, por isso, ainda por demais escassas as informações que temos da speleologia desses Estados.

De Mato Grosso se conhece a afamada *Gruta do Inferno*, minuciosamente descripta pelo dr. João Severiano da Fonseca em sua «Viagem em redor do Brazil» e no Tomo XLV, parte II, da *Revista do Instituto Historico Brazileiro*, 1882; pags. 21 — 34.

Esta gruta fica á 2 kilometros do «Forte Coimbra» e a cêrca de 400 metros da margem direita do Rio Paraguay. Sua entrada principal se encontra a uma centena de metros acima do leito do rio, em uma fenda que fica á meia encosta do Morro do Presidio, na latitude sul de 19.° 55'.

Quem primeiro descreveu esta gruta foi o sargento-mór, engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra, commandante do «Forte Coimbra», em officio mandado a seu chefe em 1786.

Visitaram na depois o botanico dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, que em carta de 5 de maio de 1791 ao general João de Albuquerque fez della uma descripção interessante, publicada no tomo IV da *Revista do Instituto Historico*, em 1842, o tenente cel. Joaquim José Ferreira em 1792 e o Conde de Castelnau em 1845.

— Sobre as grutas existentes no Estado de Goiaz faz o brigadeiro Raymundo José da Cunha Mattos, no seu «Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão» referencias ás seguintes:

Trahyras a nove kilometros do arraial desse nome, *Macacos*, no arraial do Anta, *Geraes* descoberta em 1821 no districto de Araés, *S. Felix*, *Serro do Coral*, *Duros*, *S. Domingos*, *Poço da Camisa* e finalmente *Ouro-Fino* perto da Capital do Estado.

— No Estado da Bahia são conhecidas as grutas calcareas da Serra da Borracha; e a informação mais detalhada que temos é a da *Gruta do Patamuté*, a 12 kilometros da povoação desse nome e á cerca de 100 kilometros da cidade de Joazeiro. Ella está, pois, francamente na zona calcarea do valle do Rio S. Francisco, que deve ser tambem muito rico de grutas interessantes.

A entrada da *Gruta do Patamuté* fica na encosta de uma montanha de accesso penoso; seus corredores são todos inclinados, terminando em salões ornados de bellas estalactites e tendo milhares de crystaes de carbonato de cal encrustados nas paredes. Um desses salões de mais facil accesso, denominado «Templo», tem bellas columnas recamadas de crystaes e se estende por cerca de 100 metros de comprimento com 30 a 40 metros de largura.

— No Estado do Ceará são conhecidas as cavernas das serras do *Araripe*, de *Ibiapaba* e *Uburetama*.

Proximo á Villa de S. Francisco, que está situada na encosta meridional dessa serra, existe afamada gruta, cuja entrada se faz por uma fenda na montanha; ella conduz a corredores que vão ter a salas mais vastas, tidas como necropoles, por se ter encontrado nella grande quantidade de ossos que parecem ser humanos.

A gruta mais notavel do Ceará, porém, é de *Ubajara*, em um serrote proximo á Ibiapaba. A entrada da gruta é estreita e fica a meia encosta da montanha, em sitio de difficil ascensão.

Ella foi explorada para a extracção do salitre e se compõe de uma successão ininterrupta de corredores e salões, adornados alguns de bellas estalactites e de crystaes, cujas facetas brilham á luz dos archotes, dando áquellas profundezas um aspecto phantastico.

Podem ser percorridos, na gruta do *Ubajara*, cerca de dois kilometros, tem obstaculo serio. Dentro della apparece um regato de aguas crystalinas, o qual some em abysmos não percorridos ainda pelos curiosos.

Dous escriptores, que percorreram a *Gruta do Ubajara*, deixaram escriptas as suas impressões pessoaes dessa visita: o dr. J. R. Gabaglia, membro da commissão scientifica do Ceará em 1861 e o publicista cearense Antonio Bezerra Menezes nas suas *Notas de Viagem*, publicadas em Fortaleza em 1889 (pgs. 108 — 114).

Pouco se conhece, pois, de Speleologia Brazileira; porém muitos são os elementos para seu estudo que temos em nosso proprio paiz.

Com a ampliação que em todo o mundo culto vão tomando as investigações speleologicas é natural que para ellas tambem volvamos as nossas vistas.

Assignalando aquelles progressos e levantando apenas a ponta do véo que, entre nós, encobre tantas maravilhas e tão vastos caminhos para estudo do que occulta o nosso sub-solo, eu quiz apenas chamar a attenção dos estudiosos, reunidos nesse Congresso, para uma parte interessante da Geographia Brazileira que poucos cultores têm tido até agora. E a prova do que affirmo está na deficiencia de informações existentes sobre esse assumpto.

Sirva, ao menos, esse nobre intuito de escusa para as linhas aqui escriptas; e que ellas possam despertar a curiosidade, que o mysterio das cavernas accende na imaginação dos estudiosos, e a attracção, que o desconhecido sempre exerce sobre os espiritos investigadores, para mitigar a sêde insaciavel do saber humano,

Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1910.

A ZONA DA RIBEIRA

PELO

DR. DIOGO DE MORAES

Socio effectivo do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo

A ZONA DA RIBEIRA

(Ao dr. Alfredo de Toledo)

Existe ao sul do Estado de S. Paulo uma extensa região conhecida geralmente pelo nome de *zona da Ribeira*, atravessada pelo grande rio Ribeira de Iguape, região pouco povoada, si bem que comprehendendo localidades importantes: em primeiro lugar a cidade de Iguape, e depois Xiririca e Cananéa, sédes de comarca e com algum commercio e industria e povoações menos importantes, como o Porto da Ribeira, Jacupiranga, Pariinha, Santo Antonio do Juquié, Sete Barras, Jaguary ou Itaúna e Iporanga, existindo outras ainda menores.

A cidade do Senhor Bom Jesus de Iguape tem uma bonita collocação no Mar Pequeno e á margem do Valo Grande, a trez quartos de legua da costa. O Mar Pequeno é um braço de mar formado pelas aguas do Oceano, que vêm pela barra de Cananéa, do lado do sul, e pela barra do Icapara, do lado do norte, e que se encontram.

Tem em alguns lugares duzentas braças de largura, e em outros quinhentas, sendo um dos portos de mar do Estado.

A cidade está situada em terreno pouco elevado, porém secco, ao sul do morro denominado do Senhor, sendo o seu territorio uma grande ilha formada pelo Mar Pequeno, do lado de sueste, pelo Valo Grande, canal artificial de novecentas braças de extensão, hoje com cerca de duzentos metros de largura e vinte de profundidade, que liga a Ribeira ao Mar Pequeno, a sudoeste, e pelo rio Ribeira, a noroeste. Em frente á cidade está a ilha Comprida ou do Mar Pequeno, situada ao correr da costa, e que occupa o littoral, da barra do Icapara á de Cananéa. Tem mais de dez leguas de comprimento, e mil e setecentas braças na sua maior largura.

A navegação é feita sómente pela barra de Cananéa, apezar de distar de Iguape mais de cinco leguas, por offerecer muito mais segurança do que a do Icapara, e ter, em frente, a ilha do Abrigo, com magnifico fundeadouro para abrigo das embarcações de varios ventos, especialmente do sueste, que cahe de travessia sobre a costa.

Não se conhece a data certa da fundação da primeira povoação em frente á barra do Icapara, nem por quem foi

principiada, mas a sua mudança para o lugar em que está, foi effectuada em anno anterior a 1637.

Sabe-se por uma certidão passada em 1660 ao Capitão Bernardo Rodrigues Bueno, pela Camara Municipal, que Francisco Alvares Marinho e Antonio de Barcellos foram os doadores do terreno em que se acha situada a cidade.

A imagem do Senhor Bom Jesus, que alli se venera, chegou á povoação no dia 2 de dezembro de 1647, e foi conduzida em procissão solemne para a Igreja Matriz de Nossa Senhora das Neves, padroeira do lugar.

Foi elevada á villa no anno de 1753, sob a denominação de Villa de Nossa Senhora das Neves de Iguape, e á cidade em 1849.

Extrahia-se antigamente muito ouro das terras das immediações da Ribeira, havendo bastante gente empregada nesse mistér.

Em Iguape existiu uma casa para fundir ouro, de 1637 a 1697, anno em que o pessoal que trabalhava na mineração se retirou para as lavras de Minas Geraes, acabando-se a casa.

Naquelles tempos, as transacções eram feitas com ouro em pó, em vez de moeda cunhada, ou o extrahido na zona: confirma isso uma carta datada de 26 de outubro de 1635.

O municipio de Iguape é banhado por muitos rios navegaveis em grande extensão e que convergem para a Ribeira.

Este rio tem a sua origem na face oriental da cordilheira maritima.

Da confluencia dos rios Ribeirinha e Assunguy fórma-se o rio Ribeira, que recebe depois grandes affluentes: o rio Pardo, o rio Juquiá, o rio Jacupiranga, o rio Peroupava e o rio de Una. Lança as suas aguas no Oceano e no Mar Pequeno, devido ao Vallo Grande, canal cuja abertura foi iniciada em 1837.

A Ribeira é navegavel em grande extensão e tem bastante largura até depois de Xiririca. Poderá ter alguns baixios, mas que dão passagem livre. Destes, o que mais se alonga, é o do Carapiranga, com talvez cerca de trez kilometros; entretanto, mesmo ahi a navegação é franca, a não ser o caso de excessiva secca: então se faz preciso procurar canaes, que, aliás, têm sempre a profundidade necessaria.

A cidade de Nossa Senhora da Guia de Xiririca está collocada em lugar alto, á margem direita da Ribeira e a 29 metros sobre o nivel do mar.

Foi elevada á villa em 1842. A fundação da sua Igreja Matriz data de 16 de janeiro de 1757, sendo então o seu patrimonio constante de duas casas situadas na cidade de Iguape, doação feita para aquelle fim por Severino de Veraz e Romão de Veraz.

Separou-se de Iguape, constituindo freguezia, em 19 de janeiro de 1763.

Extrahiu-se muito ouro no municipio, em época remota. A capella de Nossa Senhora do Rosario de Ivaporunduva foi fundada em data de 21 de agosto de 1791, por escravos dos moradores do lugar, que trabalhavam na mineração do ouro.

A navegação, algumas leguas adiante de Xiririca, cerca de quatro a cinco, não é inteiramente franca, devido ás corredeiras, de perigosa travessia.

Existem no municipio importantes minas de marmore de muito bôa qualidade.

Canaréa está na ilha do mesmo nome, em lugar plano, não longe da barra de Cananéa. Esta ilha, encostada ao continente, está separada deste pelo canal do Ararapira, tendo a sua extremidade sul fronteira á barra. Em geral os seus terrenos são baixos.

Na parte meridional eleva-se o morro de S. João, nas proximidades do qual está a cidade de S. João Baptista de Cananéa, no ponto extremo do Mar Pequeno.

A sua fundação data de 1587.

O Porto da Ribeira é uma pequena povoação proxima a Iguape, com bella situação, á margem da Ribeira e do Vallo Grande.

Jacupiranga ou Botujurú, situado á margem direita do rio Jacupiranga, é o ponto terminal dos vapores da navegação da Ribeira, quando em virgem nesse rio. E' lugar florescente.

Foi elevado á freguezia em 5 de abril de 1870.

Um pouco além estão situadas as importantes minas de ferro do Jacupiranga, á margem esquerda deste rio, descobertas ha annos pelo engenheiro dr. Raymundo Black.

Afim de serem examinadas, foram em 1874 remettidas diversas amostras deste minerio para o Laboratorio Real Metallurgico da Escola de Minas, em Londres, amostras essas extrahidas em um principio de mineração, dando magnificos resultados.

Remettidas outras amostras no mesmo anno para Londres, deram tambem explendidos resultados.

Uma amostra analysada em 22 de junho de 1874 em Pariz, deu muito bom resultado.

Ainda em novembro de 1899, duas amostras analysadas em Londres deram magnificos resultados.

—Prainha, á margem do rio S. Lourenço: Santo Antonio do Juquiá, á margem do rio Juquiá; Sete Barras, Jaguary ou Itaúna e Iperanga, á margem da Ribeira.

Santo Antonio do Juquiá é freguezia desde 1853, sendo que já em 1.º de março de 1829 havia sido designado lugar para uma capella curada e determinada a extensão, limites e população que lhe ficava pertencendo. A provisão constituindo o curato official foi passada aos 4 de novembro de 1831.

A villa de Sant'Anna de Iporanga foi fundada em 1755, com o título de patrimonio, e pertencia ao municipio de Xiririca.

Em Iporanga estão situadas importantes minas de chumbo que se extendem por algumas leguas, chegando até o vizinho Estado do Paraná.

O seu descobrimento data de 1832: entretanto, a sua importancia só se tornou conhecida em 1857.

O Porto da Ribeira, Jacupiranga, Prainha e Santo Antonio do Juquiá estão no municipio de Iguape; Sete Barras e Jaguaryão no municipio de Xiririca, e a villa de Iporanga, na comarca de Xiririca.

A cidade de Iguape, grande exportadora do arroz produzido em toda a zona, conta diversos engenhos de beneficiar esse cereal, a vapor, dos mais aperfeiçoados, e que funccionam com a maior regularidade o anno todo. Além destes a vapor, existem os movidos á agua, em não pequeno numero.

A exportação tem augmentado sempre.

A producção dos engenhos atinge á cifra elevada, havendo mesmo tendencia para ser elevado o numero de engenhos a vapor.

Existem actualmente, funccionando com regularidade, só na cidade de Iguape e proximidades, dez (10) engenhos a vapor, de beneficiar arroz, e seis (6) movidos á agua, e outros a vapor e muitos á agua, espalhados por toda a extensa zona.

Não são engenhos de grande producção, entretanto, só os dez a vapor, a que nos referimos, fazem um beneficio medio diario de cerca de oitocentas (800) saccas.

Os engenhos de agua, os seis sómente, beneficiam diariamente cerca de cento e oitenta (180) saccas.

Este resultado é muito grande, si attender-se a que tomamos apenas a estatistica de uma parcella da producção.

O transporte de mercadorias, pela linha de vapores da Empreza de Navegação Sul Paulista, subiu gradualmente no espaço de sete annos, de 1903 a 1909. De menos de mil toneladas, passou a 4542 por anno.
almente: de 644, por anno, passou a 4453, com tendencia a crescer sempre.

A natureza destas considerações, que não podem ser muito extensas, e o facto de nos acharmos de ha muito afastados dessa zona, não nos permittem entrar em maiores esclarecimentos e detalhes.

Podemos adiantar que capitalistas de fóra têm ido empregar ali seus capitaes, na lavoura e até em industrias, auferindo os mais satisfatorios resultados.

As terras da Ribeira se prestam a toda a especie de cultura: feijão, batatas, milho, canna, mandioca, taióba, etc.; o cacáu dá admiravelmente bem, o que se sabe por varias experiencias feitas. Existem magnificas pastagens para gado.

A vida é baratissima, em qualquer parte, havendo abundancia de tudo—carne de vacca, de porco, peixes do

O transporte de passageiros augmentou tambem gradu-
mar em Iguape e Cananéa, da Ribeira, nos outros lugares. Este rio, um dos maiores do Estado, é talvez o mais piscoso.

O clima é extraordinariamente ameno; os casos de febres de máu caracter, rarissimos, e na mesma proporção que em qualquer outra localidade do Estado.

Na *Revista do Museu Municipal de Iguape*, de junho de 1907, encontram-se algumas considerações sobre o clima da zona, feitas pelo engenheiro Young, alli residente ha muitos annos, o que assim terminam:

«A idéa infundada de ser insalubre a zona maritima do Estado de S. Paulo, precisa ser derrocada da mente popular, e sómente com provas positivas é que podemos conseguir esse fim. Durante muitissimos annos a cidade de Santos era considerada como verdadeiro fóco de epidemias; entretanto, a causa não foi seu clima, apezar de ter mais humidade relativa na atmosphera e estar sujeita ás oscillações mais bruscas na temperatura do que outras partes do littoral, effeitos da sua posição proxima á Serra do Mar e ser mais circumdada de morros que antepõem a acção benefica dos ventos do mar, e a provas é que, hoje, a nossa vizinha não infunde o menor receio, e, comtudo, os elementos climatologicos naturaes são os mesmos de antes.

Iguape, pela sua posição geographica e topographica, goza de effeitos climatologicos dos mais beneficos. Situado no littoral em lugar onde a grande muralha—a Serra do Mar, fica afastada longe das praias do Oceano, recortados seus terrenos em todas as direcções por rios separados por pequenas serras que vão crescendo em altura á medida que se approximam da referida Serra do Mar, actuando sobre este territorio os ventos do mar em porcentagem igual aos da terra, sendo geralmente aquelles que reinam durante as horas mais calidas do dia e estes que reinam das 10 ás 11 horas da noite até ás 10 e 11 do dia, cahindo sobre seu sólo chuva em quantidade a mais favoravel possivel á agricultura, conservando por todo o anno uma temperatura agradavel, cujas oscillações nunca são bruscas, o que tudo concorre para que seu solo seja dos mais productivos e seu clima dos mais amenos»

Não ha, pois, motivo algum para o abandono em que se acha aquella estupenda região, e isso já o reconheceram alguns dos nossos homens publicos, que por ella têm trabalhado, conseguindo certos melhoramentos.

Assim, está melhorado o serviço da navegação da Ribeira e seus affluentes, tendo sido augmentado o numero de vapores pela respectiva empreza.

Trafegam actualmente as aguas da Ribeira e seus affluentes, os vapores da Empreza de Navegação Sul Paulista: *Candido Rodrigues, Izabel, Bento Martins, Sabaúna e João Martins.*

Essas vapores realizam mensalmente as seguintes viagens, partindo do porto de Iguape: quatro á cidade de Xiririca, numa extensão de 144 kilometros; quatro ao porto do Sabaúna, com 25 kilometros; duas á cidade de Cananéa, cujo percurso é de 60 kilometros; duas á freguezia do Jacupiranga, em 92 kilometros; duas á freguezia do Juquiá, com 137 kilometros; uma á freguezia da Prainha, com o percurso de 177 kilometros; uma ao Itimirim, no rio de Una, com 57 1|2 kilometros de extensão.

Quando neste Estado, no auge do enthusiasmo, os lavradores todos se atiraram ás grandes plantações de café, enthusiasmo justificado pelo enorme preço que então obtinha o precioso producto, muitos lavradores da importante zona do sul emprehenderam colossaes plantações de café pelas extensas margens da Ribeira e terras interiores, plantações que chegaram a produzir muito, verificando-se então que todas aquellas terras se prestavam perfeitamente a essa cultura.

Com a cahida dos preços, porém, penetrou o desanimo no espirito dos cusados agricultores, e algumas fazendas opulentas foram quasi abandonadas pelos donos, desapparecendo tambem da zona a opulencia desse periodo aureo.

Hoje ainda existem poucas fazendas de café com algum trato, tendo os lavradores voltado á antiga cultura do arroz, mais remuneradora nos tempos que correm.

Já se pensa hoje em cultivar o trigo em terras deste Estado, e melhores, parece-nos, não se podem encontrar do que as da Ribeira em toda a sua extensão e dos seus affluentes. Seria por isso de toda conveniencia um estudo urgente dessas terras e do seu clima, tendo em vista o cultivo do trigo, e campos de experiencias dirigidos por profissionaes competentes: o que traria a vantagem não só das experiencias, como tambem do ensino pratico dessa cultura aos lavradores do lugar.

Na cidade de Iguape funcciona o Aprendizado Agricola *Dr. Bernardino de Campos*, com um campo de experiencias, criação do ex-inspector de agricultura alli, dr. Lourenço Granato: não seria, entretanto, esse campo, sufficiente ás experiencias do plantio do trigo, que deveriam ser levadas a effeito em terras mesmo da Ribeira, não só nas margens, como nos terrenos interiores, e em lugares differentes, para estabelecer-se um confronto, e por elle, a superioridade ou inferioridade de certos logares ou terrenos, e bem assim para poder-se conhecer, desde logo, uma média da producção.

Si, como ha todas as probabilidades, essas terras se prestarem a esse genero de cultura, devem ser preferidas, pelo preço relativamente barato por que são vendidas e pela quantidade de terras ainda incultas alli existentes.

Para o arroz as terras se prestam admiravelmente: é o melhor dos que vêm aos nossos mercados, sendo extraordinario o resultado das colheitas, apezar do trato ser quasi

nenhum, dominando no plantio e na colheita processos ainda muito primitivos.

Pouco ha, o inspector de agricultura dr. Adalberto de Queiroz Telles, de volta de Iguape, onde esteve em vizita ao nucleo colonial do Pariquerassú, apresentou ao secretario da agricultura do Estado o seu relatorio, no qual, entre outros assumptos de importancia, occupa-se das culturas do arroz, da mandióca e da taióba, e aventa a idéa da criação, na colonia, de um campo de experiencias ou de demonstração de culturas, por haver notado que todo o trabalho agricola alli feito em nada differe do que fazem os nossos caboclos, imperando ainda a rotina.

E' de esperar que o trigo produza com igual abundancia, não exigindo tambem tratamento muito difficil ou muito dispendioso.

O que vimos dizendo prova a excellencia daquellas terras que já deviam estar sendo mais bem aproveitadas.

A zona da Ribeira é rica em bellezas naturaes: nas suas terras desenvolvem-se arvores colossaes, que fornecem magnificas e variadas qualidades de madeiras aproveitadas em construcções e no fabrico de enormes canôas; os seus campos de criar, á margem da Ribeira, ostentam bellissimos typos de animaes, e dão ao viajante a mais agradavel impressão; a Ribeira, os seus affluentes e os pequenos rios interiores muito contribuem para dar á região, a par da utilidade da navegação, aspectos da mais deslumbrante belleza. E' toda uma rêde hydrographica importantissima.

Levados pelas noticias dessas bellezas e riquezas naturaes da zona, innumeros viajantes a têm percorrido e alguns sobre ella escripto.

A Commissão Geographica e Geologica do Estado procedeu á exploração de toda a Ribeira de Iguape e seus affluentes, fazendo imprimir e distribuir um magnifico trabalho, na presidencia do dr. Jorge Tibiriçá.

Essa commissão teve por chefe o distincto engenheiro dr. João Pedro Cardoso.

O engenheiro dr. Edmundo Krug percorreu toda a região da Ribeira, e num bem lançado trabalho, que teve as honras de ser impresso em portuguez e allemão pela Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas do Estado de S. Paulo, descreve o valle da Ribeira, as paragens mais interessantes e as suas bellezas e riquezas naturaes.

O infatigavel trabalhador e homem de sciencia Ricardo Krone, residente na cidade de Iguape, fez estudos especiaes sobre ethnographia no valle da Ribeira e escreveu um trabalho sobre o assumpto, de real merecimento, que vem incluido no volume que, sobre a exploração da Ribeira, o governo do Estado mandou imprimir: tem esse estudo a modesta denominação de *Informações ethnographicas do valle do rio Ribeira de Iguape*. E', entretanto, um trabalho de gran-

de valor pelas excellentes noticias e observações que contem, merecendo ser lido pelos competentes e estudiosos.

O Museu Nacional do Rio de Janeiro, reconhecendo a competencia do engenheiro Ricardo Krone, distinguiu o, em junho do anno de 1907, com o encargo da exploração, sob o ponto de vista paleontologico, das cavernas de Iporanga.

O illustre investigador, após trabalhosos exames, pesquizas e estudos, escreveu o seu relatorio e o apresentou ao Director do Museu vindo por inteiro inserto no volume XV dos *Archivos do Museu Nacional*, de 1909.

Esse mesmo trabalho, sob o titulo — *As grutas calcareas do valle do rio Ribeira de Iguape*, foi impresso em volume na typographia da Imprensa Nacional, e vem acompanhado de 42 gravuras e um mappa topographico da zona calcarea, com indicação de rios e ribeirões, correntes subterraneas, estradas e caminhos, grutas e cavernas.

Por esse trabalho, póde-se avaliar da natureza de taes grutas e cavernas e do quanto é interessante seu estudo, sob o ponto de vista scientifico.

A cidade de Iguape conta entre os seus habitantes, além do major Ricardo Krone, um outro scientista e distincto engenheiro, major Ernesto Guilherme Young, ha longos annos alli, Director do Museu Municipal, criado pela lei n. 12 de 23 de dezembro de 1906 da Camara Municipal, e inaugurado em 5 de janeiro do anno de 1907.

O dr. Young que muito tem feito pelo lugar, escreveu e deu á publicidade recentemente um interessante opusculo sob o titulo — *A cultura de arroz no municipio de Iguape*, no qual, entre outros muitos pontos a que toca, refere-se ao systema atrazado que ainda domina nessa cultura e aponta processos aperfeiçoados, celeres e economicos.

Devia ser lido esse trabalho por todos quantos se dedicam a essa lavoura. Nelle colheriam uteis ensinamentos, de reaes vantagens na pratica.

* * *

Parece-nos não ser inopportuno, em um Congresso de Geographia (*), chamar a attenção dos nossos governos para assumpto que póde beneficiar vasta região do Estado e contribuir para o nosso bem estar economico futuro.

E o fazemos começando por ponderar que é impossivel qualquer progresso na zona, sem vias de communicação. As que existem, são estradas de difficil transito, mal construidas e mal conservadas, dando communicação a lugares sem grande commercio, do interior.

(*) Esta memoria foi apresentada ao Segundo Congresso Brazileiro de Geographia, reunido em S. Paulo de 7 a 16 de setembro de 1916.

S. do R.

As communicações por via maritima são poucas e se tornam por isso muito demoradas: apenas dois ou trez vapores, por mez, tocam em Iguape e Cananéa, quando em demanda dos portos do sul, ou na volta.

E, de ha muito, a unica barra que dá entrada a esses vapores é a de Cananéa, como já fizemos vêr, o que faz as viagens serem mais morosas: pela barra do Icapara, ora intransitavel, ficariam ellas reduzidas de muitas horas. Um estudo para o fim de conseguir-se tornar esta barra de novo navegavel, seria, parece-nos, profiquo e de muito proveito para toda a região.

E podia ficar francamente navegavel, mesmo para navios de grande calado, com serviços de aprofundamento e balisamento.

Convinha impulsionar os projectos de estradas de ferro já existentes.

São dois esses projectos, e por elles ambas as estradas têm como ponto terminal a freguezia de Santo Antonio do Juquiá, partindo uma da capital do Estado, outra da cidade de Santos.

Si taes projectos conseguirem ir avante, como é quasi certo, estará garantido o futuro daquella região, em tempo não remoto. Entretanto, os seus habitantes estão já meio descrentes desses beneficios, pois não é de hoje que debalde os esperam.

Por outro lado, convinha tambem que fossem mais repetidas as ecommunicações por via maritima, favorecendo-se emprezas nacionaes, que tomassem o encargo principalmente da navegação entre os portos de Iguape e Cananéa e Santos e o Rio de Janeiro.

Deviam ser abertas estradas de rodagem para o interior, em maior numero, e melhoradas as existentes.

Igualmente, a navegação por toda a Ribeira e seus affluentes, tem necessidade de ser melhorada, soffrendo reforma alguns dos vapores em serviço e sendo adquiridos outros mais rapidos e mais apropriados á navegação fluvial.

A navegação pela Ribeira e seus affluentes principaes poderá ser estendida muito ainda. Para isso se faz preciso a limpeza de alguns trechos desses rios, e mais tarde, a organização de um serviço de fiscalização.

Sómente depois desses melhoramentos, ou pelo menos de alguns delles, e conforme estudos que se fizerem, poder-se-á pensar em colonização.

Existem alli dois nucleos coloniaes: o do Pariquerassú, em franca prosperidade, e o de Cananéa, de ha muito votado ao abandono.

Podiam ser ambos aproveitados em um novo plano de colonização, povoando-se melhor e dando-se outra orientação ao do Pariquerassú e infiltrando-se nova vida ao de Cananéa.

Dois outros poderiam ser criados, cuja collocação depende de estudo, mas que nos parece ser de conveniencia ficar um nas proximidades de Iguape, outro nas proximidades de Xiririca, com facil e rapida communicação para esses centros de população e commercio.

Eis o que a nosso vêr poderia melhorar as condições da extensa zona que comprehende os municipios de Iguape, Cananéa, Xiririca e Iporanga, e lugares circumvizinhos.

Os resultados futuros compensariam os sacrificios que fossem feitos.

Oxalá os nossos governos nos ouçam e vejam que está impossibilitada de prosperar uma zona uberrima e que em breve futuro se poderá transformar em magnifico celleiro do nosso opulento Estado.

ANNAES DE MATTO GROSSO

PELO

MARECHAL VISCONDE DE BEAUREPAIRE ROHAN

Henrique de Beaurepaire Rohan

VISCONDE DE BEAUREPAIRE ROHAN

Poucos homens do segundo Imperio tiveram tantas e tão variadas commissões, exerceram tantos cargos e tão diversos como Henrique de Beaurepaire Rohan; poucos como elle tambem souberam desempenhal-os com egual proficiencia e escrupulosidade. Reflectido, prudente, moderado e criterioso como era, nelle a intelligencia tinha a feição eminentemente observadora, typica dos historiadores de hoje que absolutamente não se atrevem a pisar no terreno compressivel das conjecturas e não avançam um passo sem se apoiar em documentação segura.

Avido de aprender e incontentavel erudito nelle a curiosidade era immensa, esta curiosidade que tanto revela uma das mais evidentes mostras de robustez da intellectualidade, uma curiosidade, nobre e util, que se referia somente aos assumptos elevados, ao conhecimento dos grandes problemas nacionaes.

Em tudo isto, porêm, agia de accordo com a invariavel maxima que lhe regulava a vida e os estudos: o *festina lente*. Os escrupulos faziam no tardo; não se abalançava a publicar, o que quer que fosse, antes de se convencer plenamente de que em nada prejudicava de leve sequer, a realidade dos factos, pois, acima de qualquer preoccupação collocava um culto absoluto á verdade.

Trabalhador incansavel não sabia perder um dia. Engenheiro militar, presidente de provincia, commandante de armas, explorador, por toda a parte onde passou conseguiu aproveitar as excursões e viagens que lhe valeu a vida movimentada atravez de todo o Brazil, quasi, para emprehender varios e variados trabalhos historicos, geographicos, ethnographicos, linguisticos, economicos, alguns do mais subido valor como o *Diccionario de vocabulos brazileiros* e a *Chorographia da Parahyba do Norte*, outras menos importantes, mas, nem por isto, merecedores de menores applausos e de consulta pouco proveitosa.

Resumamos a biographia do eminente servidor do Brazil, E' sempre tão util relembrar os feitos generosos, os serviços leaes, os trabalhos notaveis dos compatriotas illustres!

Filho de nobres francezes, expulsos da patria pela Grande Revolução, nasceu Henrique de Beaurepaire do consorcio dos Condes de Beaurepaire, em Sete Pontes (Niterhoy) a 12 de maio de 1812. Foram-lhe os padrinhos de baptismo D. Pedro I e a rainha D. Carlota Joaquina.

Seu pai, refugiado no Brazil, era militar e falleceu em 1838, **general do exercito brasileiro. Um tio Theodoro de Beaurepaire morreu vice almirante, e uma tia, Adelaide de Beaurepaire desposou o Conde d'Escragnolle, nobre francez, tambem refugiado no Brazil e official do nosso exercito.** Applicado como raros, desde a primeira infancia, Henrique de Beaurepaire, primeiro cadete aos sete annos, formou-se em engenharia militar em 1837, havendo, em 1824, estado com o pai na Bahia, e, em 1827, no Pinuby. Serviu no Rio Grande do Sul durante a Guerra dos Farrapos, de 1839 a 1841, foi engenheiro-chefe das obras municipaes do Rio de Janeiro e, em Novembro de 1843, teve ordem de seguir para Matto Grosso para proceder á exploração do Baixo Paraguay, commissão que lhe tomou dezoito mezes. Demorou-se em Matto Grosso quasi tres annos e sofregamente estudou os archivos matto grossenses encontrando-os em miseravel estado, em via de destruição pelo abandono em que se achavam.

Já nesta epoca tinha diversas memorias ineditas, havendo publicado em revistas e diarios numerosos artigos muito apreciados. Sabia aproveitar, por toda a parte onde passava, o tempo de todos os modos possiveis. Em Cuyabá escreveu uma *Chorographia de Matto Grosso* de que só quiz publicar excerptos, não julgando o trabalho completo, e tomou os apontamentos que constituem estes *Annaes*, primeiros alicerces de uma obra de vasto plano.

Voltando ao Rio de Janeiro atravessou o Paraguay colhendo curiosissimas notas acerca deste paiz, que a morte acabava de libertar da tyrannia do sinistro Francia.

Mandou-o novamente o governo ao Sertão invio para abrir a estrada de Guarapuava á margem do Paraná; em 1848, voltando desta commissão, foi nomeado engenheiro das obras da Provincia de S. Paulo, cargo que occupou quasi cinco annos. Em S. Paulo satisfez o seu pendor pela historia, largamente revolvendo o archivo da provincia; desta permanencia em nossa Capital, datam varias das suas memorias e opusculos.

Em 1853, já tenente-coronel, foi enviado ao Paraná como engenheiro da nova provincia, fazendo então longas estradas entre Curytiba e o littoral e a fronteira argentina. Deu largas á paixão pelas viagens no sertão percorrendo todo o contestado das Missões, então quasi deserto. Em 1855 exerceu, durante seis mezes, a presidencia do Paraná de modo brilhante; em 1856 escolheu-o o Imperador presidente e commandante das armas do Pará, cargos que exerceu até setembro de 1857; não quiz deixar a Amazonia sem

ir a Manaus e fazer varias excursões pelos principaes rios da região. De 1858 a 1859 foi presidente de Parahyba do Norte, cargo que deixou pelo de Director das Obras Militares da Côrte. Na Parahyba confeccionou excellente trabalho: *Chorographia da Provincia da Parahyba do Norte* que nunca quiz publicar por entender que perdera a opportunidade.

O Instituto Historico e Geographico Parahybano, porêm, apreciando-lhe o alto valor inseriu-o na integra no volume III de sua optima *Revista* (1911). Em 1862 vemol-o encarregado de proceder aos estudos necessarios para a transformação de Fernando de Noronha em Colonia Agricola Penitenciaria, publicando então valiosa monographia; em 1863 percorreu todo o littoral brazileiro e estudou as condições das nossas fortificações; em julho de 1864 alcançou o generalato sendo chamado, logo depois, a fazer parte do gabinete Furtado como ministro da guerra. A sua insistencia para que a direcção das operações de guerra no Paraguay fosse entregue ao Marquez de Caxias fel-o ter um attricto com os collegas de ministerio e pedir demissão.

Seguiu com D. Pedro II para o Sul, assistindo á rendição de Uruguayana e exercendo diversos cargos durante a campanha do Paraguay, na fabrica de polvora da Estrella e á testa de varios serviços; em 1873 nomeou-o o governo chefe do serviço da Carta Geral do Brazil; apresentou então um mappa do territorio nacional feito de accordo com os dados mais completos da epoca, mappa summamente apreciado então.

Em 1876, já marechal de campo, foi nomeado Conselheiro de Guerra; Tenente-General em 1880; Conselheiro de Estado Extraordinario em 1886, dando a Princeza Imperial Regente a 13 de Janeiro de 1881 o titulo de Visconde de Beaurepaire Rohan, com grandeza; em França, desde a morte do pae era Conde de Beaurepaire.

Ministro do Supremo Tribunal Militar, em 1893, terminou a longa existencia de relevantes serviços á Patria a 10 de Julho de 1894, estudando até os ultimos dias, escrevendo, annotando, sempre occupado com assumptos intellectuaes.

Dentre os seus numerosos trabalhos, memorias, monographia, etc., destaca-se o tão conhecido *Diccionario de Vocabulos Brazileiros* em que averbou alguns milhares de brazileirismos, das mais distantes regiões ao nosso paiz, com um cuidado, com uma meticulosidade rara; o estudo das origens de cada termo é feito, como todos sabem, com uma erudição philologica digna dos mais acabados lexicographos e testemunha a grande illustração do autor.

Muito citadas são tambem: — as suas *Considerações sobre as seccas no Norte do Brazil*, cheia de judiciosas observações, e a refutação que oppoz a Varnhagem quanto á fixação do lugar da costa bahiana onde aportou a frota

de Cabral, contestação esta em que, graças ao estudo acurado dos locaes, o criterio da critica, o respeito á verdade, a agudeza da perscrutação e a logica dos argumentos, poz o autor da *Historia Geral do Brazil* na mais falsa das posições.

Seus trabalhos serão igualmente sempre citados, pelos historiadores do movimento abolicionista — de que foi, um dos arautos ardorosos—como pamphletos que na epoca muito deram que falar de si.

Os *Annaes de Matto Grosso*, organisados de 1844 a 1850, que tenho o prazer e a honra de offerecer á *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo* constituem o arcabouço de uma obra de muito maiores dimensões que o autor não concluiu. Foram provavelmente, os seus continuos e exagerados, por vezes, escrupulos a causa do não acabamento e publicação. Havendo-lhe faltado o ensejo de completar os apontamentos colhidos e verificar as asserções, ponto por ponto, achou preferivel não os dar á publicidade.

Assim não deve ser, porém: os *Annaes de Matto Grosso* representam um repositorio de informações muito importante para a historia da grande circumscripção central. Confiou me estes ineditos de seu illustre pae a Exma. Sra. D. Elisa de Beaurepaire Rohan Aragão, unica filha do Visconde e accedendo eu ás determinações do tão honroso convite com duplo prazer, visto como se trata de prestar uma homenagem a um brazileiro notavel a quem me prende proximo parentesco, organisei os manuscriptos de Beaurepaire Rohan pondo em ordem chronologica os muitos apontamentos esparsos que nunca coordenara. Nelles não ha uma linha que não seja do seu punho. Acredito que os *Annaes de Matto Grosso* hão de figurar entre as mais valiosas contribuições que nos ultimos tempo tem enriquecido o patrimonio da historia do Brazil. E' um trabalho que, embora represente um simples escorço de obra de grandes dimensões, sobremaneira honra a memoria illustre, por tantos titulos de Henrique de Beaurepaire Rohan.

S. Paulo, Janeiro de 1913.

AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY.

ANNAES DE MATTO-GROSSO

INTRODUCÇÃO

A primeira colonia regular de portuguezes no Brasil, depois da feitoria de Itamaracá, na ilha de S. Vicente, foi como se sabe, fundada pelo capitão-mór Martim Affonso de Sousa em 1532.

A esta povoação segue-se a de Santos, em 1543, a de S. André, em 1553, a de S. Paulo em 1554, em cujo tempo, pelas outras capitanias em que D. João III dividira o littoral do Brasil já alguns estabelecimentos se haviam erguido, entre elles a cidade da Bahia, em 1549.

No mesmo anno, 1554, em que os jesuitas portuguezes se estabeleceram nos campos de Piratininga, assento hoje da cidade de S. Paulo, fundarão os Hespanhóes do Paraguay a villa de Ontiveros ao oriente do Paraná, acima da confluencia do Iguassú, territorio pertencente á corôa de Portugal. Annos depois (1557) erigirão Ciudad Real á margem do Piquiry, que conflue tambem no Paraná e, em 1577, Villa-Rica-del-Espirito-Santo. Finalmente, os primeiros jesuitas hespanhóes que chegarão a Assumpção, em 1588, forão estabelecer missões naquellas paragens, onde, conseguindo reunir 200 000 Indigenas, fundarão a celebrada provincia de Guayra. (*)

Entretanto, prosperava a capitania de S. Vicente, hoje S. Paulo. No intuito principal de reduzir ao captiveiro os habitantes primitivos do paiz, estendião os Paulistas o seu dominio pelos sertões do Brazil. A provincia de Guayra offerecia-lhes ampla colheita. Cumpria-lhes de um só golpe exterminar os invasores dessa porção da monarchia portugueza, e apoderar-se de seus ricos despojos. Com effeito, em 1628, cahirão de surpresa sobre aquelles povos, cuja destruição geral completarão quatro annos depois. Dos seus numerosos habitantes apenas poderão 12 000 acompanhar os jesuitas, na sua fuga pelo Paraná abaixo; 60.000 ficarão agrilhoados, e os mais ou morrêrão, ou reganharão as florestas.

Estes successos animarão o espirito de conquista nos antigos Paulistas, e os dispozerão para viagens longinquas e

(*) Quanto ás datas destes estabelecimentos hespanhóes na provincia de Guayra desde o seu começo até a sua conquista pelos Paulistas, refiro-me a *Relação geographica e historica de la provincia de Miriam*, pelo brigadeiro D. Diego de Alvear.

arriscadas, cujo resultado foi a descoberta de varias regiões, que formão hoje provincias do Imperio: taes são as do Piauhy, Rio Grande do Sul, Minas-Geraes, Matto-Grosso Goyaz e Santa Catharina.

Só quem conhece praticamente os sertões do Brazil bem poderá avaliar as proezas desses afeitos exploradores. Era mister muita resignação, muita constancia, e di-lo-hemos tambem, muita ambição, muita sede de ouro, para os não fazer desanimar na temeraria empresa. Ora reduzidos á defensiva, por esses mesmos selvagens a cuja conquista corrião, ora dizimados pelas febres que, em certas quadras, assolão aquelles sertões, tinham tambem estes guerreiros, para assegurar os meios de subsistencia, de se converter em agricultores, como o attestão os restos de plantações, que ainda hoje se reproduzem nas solidões que percorrêrão.

Aquelles exploradores a quem se deve a descoberta de Cuyaba, origem da provincia de Matto-Grosso, dirigirão-se para o occidente, pelo vehiculo fluvial. Transpondo o Paraná, chegarão ao Paraguay, depois de terem arrasado a cidade de *Nuestra Xeres* (1) á margem do Mbotetehu, e assim tambem seis povoações hespanholas nos campos a que derão e ainda conserva o nome de *Vacaria*, pela abundancia de gado que ahi achárão (2).

O rio Paraguay tinha sido descoberto, em 1538, por Sebastião Cabot. Por suas margens, habitavão innumeras nações indigenas, mais ou menos bravias, quaes os Payaguás, os Guaycurús, os Guatós, os Chamacócos, os Guanys os Chavés, os Enimas e outras que se ramificavão pelo interior do paiz: e esta circumstancia, que tinha limitado a conquista dos Hespanhóes ao territorio que constitue hoje republica do Paraguay, era justamente o que mais podia lisongear a cobiça dos antigos Paulistas.

Não conhecemos ao certo a época em que chegarão ao Paraguay os primeiros exploradores de São Paulo, mas é facto que já ahi se achavão no anno de 1718, sob o reinado de D. João V, e sendo governador das capitanias reunidas de São Paulo e Minas-Geraes D. Pedro de Almeida Portugal, conde de Assumar. E, portanto, dessa data em deante que contaremos os annaes da provincia de Matto-Grosso

1718

Dentre os Paulistas que andando á conquista dos Indigenas, havião chegado ao Paraguay, forão Antonio Pires de Campos e seus companheiros os primeiros que subindo o rio *São Lourenço*, por elle entrarão no *Cuyabá*, seu tributario. Navegando por este acima sessenta e quatro leguas, chegárão á confluencia do *Cuxipó-mirim*, que se lhe despeja pela margem esquerda, e em cujo sitio encontrarão uma aldeia de *Cuxiponés*. Derão sobre elles, e com esta presa regressarão do Paraguay e se reuniram aos outros conquistadores, que, na mesma diligencia, pelas margens e bahias (1) d'aquelle rio faziam as suas correrias.

(1) Nueva-Xeres foi arrasada pelos Paulistas pelos annos de 1726. *Descripção da capitania de M. Grosso* pelo coronel Ricardo Franco d'Almeida Serra.

(2) Dr. Lacerda, *Jornada do Maranguape*, pag. 18.

1719

Com a noticia da bem succedida exploração de Antonio Pires de Campos, resolverão-se Paschoal Moreira Cabral (2) Fernando Dias Falcão, Gabriel Antunes Maciel, (3) Antonio Antunes Maciel (4) Francisco Velho Moreira, e outros a fazer a mesma viagem. Achando porem destruida a aldea dos Cuxiponés, subirão pelo Cuxipó mirim, em cujas margens reconhecerão á existencia de ouro, de que tambem virão amostras em mãos dos indigenas. Determinarão pois fixar-se no lugar da extincta aldea, hoje São Gonçalo Velho Foi esta a primeira povoação regular que houve nas minas de Cuyabá. Seus habitantes adoptarão estatutos pelos quaes se regesse a pequena republica, elegerão por guarda mór a Paschoal Moreira Cabral, que havia sido o descobridor, por capitão-mór para os governos, a Fernando Dias Falcão, ambos sujeitos ao governo e capacidade (5), e enviarão a São Paulo Gabriel Antunes Maciel (6) a dar parte da descoberta e arranjar instrumentos de mineração. Entretanto, principiarão a fazer plantações pelas margens do Cuyabá e Cuxipó-mirim.

(1) Na prov. de Matto-Grosso chamão bahias ás lagoas que tem immediata communicação com os rios. A palavra bahia consagrou-se áquellas agoas que não tem sahida apparente.

(2) Paschoal Moreira Cabral, filho do capitão Paschoal Moreira Cabral e sobrinho de Jacinto Moreira Cabral, ambos filhos de Pedro Alvares Cabral.

(3) Nos *annaes de Cuyabá* se falla correntemente em Gabriel Antunes. No registo da secretaria do governo de S. Paulo pude certificar-me que este Gabriel Antunes tinha mais o appellido de Maciel e essa portanto differença do outro que nesse tempo vivia em S. Paulo chamado Gabriel Antunes Maciel alguns annos antes, no anno de 1720.

L. de Reg. da Cap. de S. Paulo 1721-1730 V. 124-V.

(4) E' preciso que se verifique com effeito foi com Antonio Antunes Maciel como o vejo no ass. do conego Roque Luiz de Macedo Paes Leme f. 181.

(5) Consta o mesmo de uma carta escripta por Lemo, na qual estranha de ter concorrido para a eleição de capitão na pessoa de Fernando Dias Falcão.

(6) Não concorda esta asserção com o que se lê nos annaes da camara de Cuyabá onde se affirma que a eleição do capitão mór regente recahisse na pessoa de Paschoal Moreira Cabral. Mas o escriptor daquelles annaes tolheu-se geralmente quanto aos successos daquelles tempos aos que a tradição vinha conservando. Diz que a correspondencia official do Governador Rodrigo Cesar de Menezes, o qual dando conta ao Vice Rei do Brazil em carta de 20 de Abril de 1725, daquella eleição pela maneira porque a mencionou diz o porque ignorava ainda haver governador nesta cidade remettera-nos uma por cuja copia remetto a V. Exca. Em nos conformos com a eleição por Cuyabá assim por entender que estava bem feita, como por ser necessario estar aquella gente com algum temporilho, porque em o recibarte nos obrigou a este mais tempo.

1720

E' facil imaginar-se o alvorço que em São Paulo produziu a noticia da descoberta de minas de ouro. Immensa gente se poz em movimento para a California d'aquelle tempo; mas alem da falta de praticos, que guiassem as «monções na descida das cachoeiras, d'onde resultarão destroços condenaveis, a fome e as febres produzirão taes estragos que frotas houve em que todos morrerão.

Neste anno os dous irmãos João Leme da Silva, e Lourenço Leme da Silva, cujo nome muito figura na historia do tempo descobriram o varadouro de Camapuam, entre os affluentes do Pardo, tributario do Paraná, e os do Taquary, affluente do Paraguay. El rei D. João V. tendo consideração ao que lhe representou o conselheiro ultramarino o marquez d'Angeja sendo Vice Rei e cap. general de mar e terra do Estado ao Brasil D. Braz Balthasar da Silveira, no tempo que foi governador das capitanias de S. Paulo e Minas, e o conde de Assumar D. Pedro d'Almeida que tinha então aquelle governo, resolveu por Alvará de 2 de Dezembro de 1720 que as duas capitanias de S. Paulo e Minas Geraes formassem dous governos distinctos tendo cada terra seu governador privativo com o ordenado de oito mil cruzados. Por este mesmo Alvará se declarou que ficava aberto o Porto de Santos e com a liberdade de irem a elle, em direitura a Portugal, os navios pagando os mesmos direitos que se pagavão no Rio de Janeiro, com a obrigação de quando voltarem pr. o reino irem incorporados á frota do mesmo Rio de Janeiro.

L. 20 de Reg. de Regte. Provs. Contas V. 1 721-1744 f. 62.

1721

Em continuação de suas explorações, os habitantes de São Gonçalo Velho descobriram grande copia de ouro ás margens do Cuxipó mirim, no sitio que denominarão da Forquilha, para o qual se passarão e fundarão uma capella dedicada a N. S.ª da Penha de França. A 5 de Setembro, Rodrigo Cesar de Menezes, primeiro governador e capitão general nomeado para a capitania de São Paulo, depois da sua separação da de Mina-Geraes, toma posse deste cargo na cidade de São Paulo. Este general tomou sob sua especial protecção os descobridores de Cuyabá, manifestando pelos meios os mais lisongeiros, o alto apreço em que os

tinha (1) Procurou evitar, por medidas continuadamente repetidas, que áquellas minas se passassem vadios e desordeiros e sobre tudo os frades de qualquer religião, por julgalos os entes mais perigosos e corrompidos da época (2) Mandou por bando de 7 de dezembro deste anno de 1721 intimar a todas as pessoas chegadas das novas minas de Cuyabá que quintassem o ouro que haviam trazido, sob pena de lhe ser confiscado. Liv. de Reg. da C. de S. P. 1721-1730 f. 3 V.

1722

Em 1722 mandou o general Rodrigo C. de Menezes estabelecer no Rio Grande (Paraná) uma casa de registro para percepção dos quintos e revisão das pessoas que iam para Cuyabá (Bando de 11 de abril de 1723 cart. da Pres. Geral de S. Paulo L XI de registo de Ordens Regias f. 5 V. Em quanto o celebre Bartholomeu Bueno da Silva (3) e seu genro João Leite da Silva Ortiz tinham no mez de julho (4) partido de São Paulo para explorar sertões de Goyaz, um grande achado se fazia em Cuyabá. Um dos habitantes da Forquilha, Miguel Sutil, tudo ido á sua roça á margem do Cuyabá, mandou dous indigenas, seus escravos á procura de mel, os quaes, voltando, pela tarde, lhe trouxeram uma amostra de ouro que havião apanhado no lugar que ao depois se chamou *Tanque do Ernest*, junto daquelle em que está hoje edificada a capella do Rosario Guiado pelos dous escravos e acompanhado por um seu camarada, europeo, por alcunha *o Barbado* foi Miguel Sutil, no dia seguinte, ao lugar indicado, d'onde tirou á superficie da terra, meia arroba de ouro, com a qual se recolheu a seu rancho.

Divulgada esta noticia, transportarão-se em massa os habitantes da Forquilha para o novo descoberto, a que de-

---

(1) A 4 de Novembro de 1721 escreveu Rodrigo Cesar de Menezes a Paschoal Moreira Cabral, ao capitão mor Fernando Dias Falcão, capitão mor Braz Mendes Paes, coronel João Anthero Maciel, capitão mor Domingos Rodrigues do Prado e capitão Lourenço Leme, todos pessoas principaes que foram ao descobrimento das minas participando-lhes estar de posse do governo. A 9 de Abril de 1722 escreveu ao Vice Rei participando-lhe que o povo elegera guarda-mor a Paschoal Moreira Cabral e capitão-mor Fernando Dias Falcão; pedin então habitos para os descobridores. A 31 de Maio escreveu a Lorenço Leme, Fernando Dias Falcão, João Antunes Maciel e Antonio Peres, fazendo-lhes recommendações sobre as minas.

A 13 de Junho de 1723 escreveu a Braz Mendes (Paes?) Gabriel Antunes Maciel, José Pires de Almeida, Jacintho Barbosa Lopes, José de Sá de Arruda, Antonio Pires de Campos, Manoel Dias da Silva, Antonio de Almeida Lara, Gaspar de Godoy, dando-lhes parte de se achar governador da capitania de S. Paulo, o que não fez quando se dirigiu aos outros por não saber que existiam naquellas minas de Cuyabá.

(2) Tudo isto consta do Arch. da cam. de S. Paulo, Liv. de Reg. de 1721-1730

(3) Bartholomeu Bueno da Silva, filho do celebre Bartholomeu Bueno da Silva *o Anhanguera* e sua mulher Isabel Cardoso da Silva Leme era bisneto de Bartholomeu Bueno da Ribeiro natural de Sevilha, e neto de Amador Bueno da Ribeira. Natural de Parnahyba

(4) João Leite da Silva Ortiz, casado com Isabel Bueno da Silva, natural de Parnahyba e filha de Bartholomeu Bueno da Silva. Morreu em Pernambuco em 1730, em que a seu requerimento passava a corte de Lisboa.

rão então o nome de *Lavras do Sutil* e só do Tanque do Ernesto, tirarão em um anno 400 arrobas de ouro, maravilha que se não observou em nenhum outro lugar aurifero do Brasil. Tal é a origem da cidade de Cuyabá, cuja localidade se achava então coberta de espessa mattaria, que o trabalho das lavras fez desapparecer. O nascente arraial tomou por padroeiro o Senhor Bom-Jesus e uma capella desta invocação foi levantada pelos cuidados do capitão-mór Jacintho Barbosa Lopes.

Todo o districto de Cuyabá foi riquissimo em ouro; e ainda hoje, se poderia minerar com proveito mormente em alguns logares que si consideão virgens quaes aquelles em que se achão o palacio do governo, a matriz e o quartel militar. Era tal o afan com que os primeiros colonos se entregavão aos trabalhos das lavras, que nem sequer tratavão de prover aos meios de subsistencia. A lavoura era desprezada e as poucas plantações que havia perecião já por falta de trato, já pelo rigor das estações. Nem lançarão mão da pesca, sendo alias tão piscoso o rio, tanto que um especulador que se entregou a esta industria, fazia pagar caro o seu trabalho, chegando a vender um *jahú* por uma quarta de ouro, e um *dourado* por quatro e cinco oitavas.

Por provisão do general de São-Paulo, de 19 de Janeiro de 1722 (1) se concedera faculdade ao sargento mor Manoel Gonçalves de Aguiar, Manoel Godinho de Lara, Sebastião Fernandes do Rego e mais socios para abrirem um caminho por terra, de São Paulo a Cuyabá. Parece que pelo tempo adiante chegou-se com effeito a estabelecer esta estrada, para cuja exploração houve differentes empresarios, alem dos acima citados e posteriormente a elles, tanto que se estabeleceu hum registo no *Rio-Grande*. Se este Rio Grande, de que fallão os documentos antigos, é como parece provavel, o Paraná, deve-se presumir que a dita estrada seguia a direcção do que hoje chamão *estrada nova* aberta pelos cuidados do presidente Pimenta-Bueno, no anno de 1837. (2) Como quer que seja, daquella via de communicação nenhum vestigio existe; mas é facto que de São-Paulo se conduzirão boiadas para aquellas minas (3) Comtudo os carregamentos de outros generos, pelo que consta, escripto e tradicionalmente, sempre se transportarão pelos rios e só principiárão a ter lugar por terra, muito depois

(1) Livro do reg. do Senado de São Paulo de 1721-1736 f. 7.

(2) A 8 de abril de 1726, arrematou na cidade de S. Paulo o cego, Bartholomeu Paes de Abreu a passagem do Rio Grande de Goyaz; mas em sua carta, posta em praça de arrematação a razão de 1295 a 20 de dezembro se diz que o dito Rio Grande era atravessado por hum feliz e prodigioso [illegible] abrindo.

[illegible] São Paulo f. 173 131 172.

(3) Com [illegible] 1736 o Dr. Lacerda, em seu diario (a pag. 24) [illegible]

que se abriu a estrada entre Cuyabá e Goyaz. Entretanto, o general não somente para prevenir o extravio dos *quintos* do ouro, como para impedir o encontro de Paulistas, com Hespanhóes, prohibiu, por bando de 27 de março, que se transitasse pelos campos da Vacaria.

1723

Carta Regia de 30 de Junho de 1723, dirigida a Rodrigo Cesar de Menezes, governador e capitão general de S. Paulo, em resposta á sua carta de 20 de dezembro de 1722, ordenando-lhe que siga para as minas de Cuyabá, fundar no lugar mais conveniente uma povoação com governo na forma prescrita pela ordenação. Pode perdoar em nome d'El-Rey os delictos commettidos por Lourenço Leme da Silva e Domingos Rodrigues do Prado, se entender que o mereceu e assim tambem aos mais se julgar prudente; pode prometter um habito das tres ordens militares a Paschoal Moreira Cabral, Fernando Dias Falcão, João Antunes Maciel e alguns mais que lhe parecerem dignos destas mercês, dando-lhes tenças no rendimento das mesmas minas, não excedendo a cincoenta mil réis annuaes. Fazer por não haver senão uma unica estrada entre Cuyabá e a praça de Santos, para a boa arrecadação dos quintos, pondo nella uma casa de registro. Leve em sua companhia, para poder aconselhar-se a Raphael Pires Pardinho que foi ouvidor na capitania de São Paulo, e se acha em Minas; caso tenha elle fallecido espere pelo ouvidor nomeado para Paranaguá Dr. Antonio Alves Lanhas Peixoto. Marca para ajuda de custa do general quadro mil cruzados e ao ouvidor dous mil.
fl-102 do L 2.° de Reg. de Regim.to Prov.es do cartorio do Thes.-geral de S. Paulo.

Faz-se a primeira e avultada remessa de ouro para São Paulo; conduzindo o capitão Fernando Dias Paes Falcão, natural de Parnahyba, o ouro dos quintos a sua custa segundo affirma o ms. da *Nobiliarchia Brasiliense* de Roque Luiz de Macedo Leme da Camara.

O general toma novas medidas para impedir a immigração de immensidade de aventureiros que desta e outras provincias se dirigiam a Cuyabá.

Existiam então naquellas minas os dois irmãos João e Lourenço Leme da Silva, cujo nome figura na historia do descobrimento daquelles sertões e a quem se deve, alem disto, a descoberta do varadouro de Camapuan. Seus crimes ainda lhe dão maior celebridade, e teve o general de os mandar capturar, commissão de que se encarregarão o mestre de campo Balthasar Ribeiro de Moraes o sargento mór Antonio Fernandes de Abreu, e cap.m João Roiz, Che-

gados a S. Paulo e atendendo o general a que eram homens poderosos e haviam prestado bons serviços, contentou-se de os admoestar e na esperança de os vencer pelo estimulo nomeou sargento mór a Lourenço Leme e provedor das minas seu irmão João Leme. Com toda a apparencia de satisfeitos partiram para Itú de onde escreveram ao general, em data de 30 de maio, renunciando á mercê que lhes havia feito, um porque já tendo exercido em outros lugares o posto de capitão mór não podia agora aceitar o de sargento mór e o outro porque queria em tudo seguir a sorte do irmão mais velho.

Esgotados portanto estes meios conciliatorios, foi necessario recorrer aos de rigor, no que se interessavam tambem os habitantes de Itú e Sorocaba, testemunhas dos crimes desses homens. Entrincheirados primeiramente em sua casa, donde se evadiram, depois de se haver aprisionado mais de setenta dos seus escravos e assalariados, fugiram para o matto onde continuaram a ser perseguidos. Finalmente João Leme na sua fuga foi preso quando procurava transpôr o Tietê, apezar de nadar e mergulhar perfeitamente. Lourenço Leme foi, dias depois, morto com um camarada que o acompanhava. João Leme remettido para a Bahia foi degolado neste mesmo anno de 1723 em virtude de sentença da Relação. Seus bens foram confiscados.

1724

Chegam a Cuyabá numa monção vinda de São Paulo, Fernando Dias Falcão, provido no lugar de capitão mor regente e o coronel João Antunes Maciel no de intendente geral das Minas. Este tinha sido agraciado per El Rei com o habito de Christo e a tença annual de cincoenta mil reis como lhe foi participado pelo general em carta de 2 de março deste anno. (1)

Descobrem se as lavras da Conceição a pequena distancia de Cuyabá onde se funda uma capella hoje extincta. Por carta dogeneral Rodrigo Cesar de Menezes, de 18 de dezembro de 1724, se participou a el rei ter vindo naquelle anno das minas de Cuyabá 36 arrobas de ouro. Isto consta de uma provisão do Cons. Uitr. de 37 de julho de 1725. L: de Reg. da Cam. de S. Paulo 1721-1730, f. 147.

Principiou a reinar em Cuyabá uma epidemia que se, veiu associar ás outras causas de miseria que affligião os colonos de Cuyabá.

---

(1) Secretaria do governo de S. Paulo, Livro de registro da correspo. do general Rodrigo Cesar de Menezes, p. 37.

1725

Primeira hostilidade dos Payaguás. Além de todos os males de que se vião afflictos os que emprehendião a carreira entre São Paulo e Cuyabá, um novo flagello se apresentou. A nação Payaguá, que habitava o rio Paraguay, entre os 21.° e 27.° de Lat. S. (1), já se havia tornado celebre, desde o anno de 1528, por occasião da descoberta d'aquelle rio. Zelosos defensores da sua patria, estes Indigenas nem economisavão sangue para a defender, nem se deixavão atemorisar pelas armas de fogo, o terror das outras nações selvagens; e constantes e incançaveis na guerra contra esses hospedes suspeitos, aniquilárão milheiros de Hespanhóes, que se vierão estabelecer na provincia do Paraguay, e os terião exterminado completamente, se reforços de gente e munições de guerra não chegassem constantemente de Buenos-Ayres. Com o estabelecimento dos Paulistas em Cuyabá, virão-se os Payaguás entre dous fogos; porém seu valor cresceu, suas proezas se tornarão mais frequentes. Todavia, foi só neste anno que os Payaguás se derão a conhecer aos habitantes de Cuyabá, pelo destroço que fizerão na *madre* do rio Paraguay, junto á barra do Chavés, em huma expedição de vinte canoas e de 600 homens, de que apenas escaparão um branco e um preto! que poderão noticiar este desastre.

Principiarão este anno a transitar pelo varadouro de Camapuan as monções que viajavão entre São-Paulo e Cuyabá. Antes da descoberta deste varadouro, tinhão os primeiros exploradores entrado pelo Iguatemy e descido pelo Iguarehy guassú ou mirim; depois subião pelo Nhanduhy e descião pelos affluentes Mbotetehú ou Mondego.

---

21 de Outubro. Chegarão a São-Paulo, de regresso da sua entrada para os sertões de Goyaz, os capitães Bartholomeu Bueno da Silva e seu genro João Leite da Silva Ortiz, depois de tres annos e tres mezes de ausencia. Dão parte de haverem descoberto minas de ouro, de que trazem amostra ao General, e se preparão para nova entrada, que se effectuou no anno seguinte. Em consequencia de autorização dada por carta regia de 14 de fevro. de 1721 (2) concedeu o general a estes exploradores o previlegio da passagem dos rios, que dependessem de canoas, por tres vidas sujeitas á lei mortal.

---

(1) Azara, *Voyage dans l'Amer. Mérid.* 1781-1801.
(2) Arch. da Prov. de São Paulo: Liv. de Reg. de 1721-1730 f. 31 v.

8 de Novembro. Bando do general consnetindo que de Curitiba e outros pontos da capitania, e bem assim da Vacaria se transporte livremente gado vaccum para as minas de Cuyabá. (1)

1726

Segunda hostilidade dos Payaguás. Acomettem uma monção que de Cuyabá se dirigia a São-Paulo, emcontro que teve logar no álveo do Paraguay. São repellidos distinguindo-se na acção os dous ituenses Miguel Antunes Marciel e Antonio Antunes Lobo.

Havendo os povos de Minas-Geraes requerido a el-rei a abertura de um caminho que d'aquella capitania se dirigisse a Cuyabá, mandou S. M. informar a tal respeito o gov.^r e cap.^m gen.^al de Sao Paulo. O Senado desta cidade a quem consultara o governador respondeu-lhe por carta de 10 de Maio deste anno que não convinha deferir se aquella pretenção, pelos prejuizos e damnos que d'ahi resultarião aos Paulistas a quem se deveria deixar a posse pacifica d'aquellas minas em compensação dos serviços que haviam feito nas descobertas dos sertões. (2)

Devendo o general, em virtude de regias ordens ir pessoalmente examinar as minas de Cuyabá, e dar as providencias que mais acertadas parecesse para a boa arrecadação dos quintos, como participou ao Senado da Camara de São Paulo, em carta de 19 de Junho, (3) deixou em seo lugar regente o coronel Domingues Rodrigues da Fonseca Leme, e, embarcou em Araritaguaba a 16 de Julho, levando em sua companhia o secret. do gov. Gervasio Leite Rabello e o doutor ouvidor geral de Paranaguá, Antonio Alves Lanhas Peixoto; chegarão a Cuyabá a 15 de novembro.

1727

A 1.º de Janeiro mandou o general Rodrigo Cesar de Menezes celebrar o acto da creação da villa em que se erigiu o arraial de Cuyaba, com o titulo de Villa do Senhor Bom Jesus de Cuyabá, nomeando, ao mesmo tempo, por provedor ao capitão mor Fernando Dias Falcão.

---

(1) Do liv. XI de reg. de ordens regias de 1721-1732, cart. da thes. de S. Paulo f. 50 se acha um attestado passado ao tenente general David Marques Perdigão pelo capitão Jeronymo de Magalhães, cabo da gente que se acha no Rio Grande do Sul, pelo capitão mor da Laguna Francisco de Brito Peixoto. Por este attestado consta o assentado no porto do Rio Grande de São Pedro a 18 de fevereiro de 1721 porem que havia pouco de um anno que estava nesse porto. (Arch. Publ. Thesouro e Patrimonio).

(2) Arch. da Camara de São Paulo; liv. de Registro de 1721-1730 f. 8.^v.

(3) Arch. da Camara de São Paulo, liv. de Reg. de 1721-1730 f. 162

Foi grande o concurso de gente que este anno entrou para as minas e com ella dez padres com seu vigario da vara e visitador.

Expediu D. João V a 12 de Março a seguinte

Carta Regia

Rodrigo Cesar de Menezes, amigo. Eu El Rei vos envio muito saudar.

Fui servido nomear para vos hir succeder no governo dessa capitania a Antonio da Silva Caldeira Pimentel, ordenando á camara da cidade de S. Paulo que no caso de vos achardes ausente della lhe desse logo posse do dito governo, havendo-vos por levantada a homenagem que delle me destes, e por que poderá succeder que quando elle chegue vos acheis nas minas de Cuyabá ou de Goyazes, executando nellas as minhas ordens, mando declarar a mesma camara que no districto das mesmas minas somente haveis de conservar a jurisdicção que vos tenho dado até findardes o que nellas vos mandei executar, o que procurareis fazer com a brevidade possivel, ficará o dito Antonio da Silva Caldeira Pimentel governando o que pertence á dita capitania e logo que tiverdes acabado nas referidas minas as diligencias de que vos encarreguei, sahireis dellas, sem dilação e da dita capitania e vos recolhereis a este reino o que me parece mandar vos avisar para que assim o executeis.

Escripta em Lisboa occidental a 12 de março de 1727 — Rey-Para Rodrigo Cesar de Menezes. — E não continha mais nada a dita carta que tornei a entregar ao proprio general Rodrigo Cesar de Menezes em 27 de fevereiro de 1728, nesta villa do Snr. Bom Jesus de Cuyabá. Gervasio Leite Rabello. — f. 107 v. do L.º 2.º do reg. de Reg.^to Prov.^al Cartorio do Thesouro Geral de S. Paulo.

A 21 de março escrevia sobre o mesmo assumpto a Rodrigo Cesar de Menezes, Diogo de Mendonça Corte Real, o illustre ministro de D. João V:

Pela frota do Rio de Janeiro recebi varias cartas de V. S.ª e todas forão pres.^tes a S. M.; como tambem as que V. S.ª escreveu ao mmo. Sr. por via do Sr. Marquez de Abrantes, e S. M. fica certo do zelo com q. V. S. se emprega no seu real serviço.

Attendendo S. M. as representações que V. S. lhe fez dos disturbios que causavão nessa cidade os dous Ten.^tes Generaes unidos com o Ouvidor Geral, foi servido renovar a huns dos seus postos e a outro do seu lugar, Nomeando novos T.^es Generaes, e ao desembarg.^r Francisco Galvão da Fonseca, p. Ouv.^r Geral, que entendo satisfará as obrigações do seu cargo, para concorrerem nelle letras e talento, que todos vão nessa frota.

S. M. vendo que os deram.ºs do ouro das Minas Geraes se não podião evitar, para se confundir com o que se tirara das de Cuaybá, Goyases, Jacobina e Rio das Contas, foi servido resolver se estabelecesse nessa cidade casa de quintos, como tambem na Jacobina e R. de Contas e nesta frota vão as materias necessarias e os officiaes como pelo Cons. Ultramarino se avisará a SS.

Pelas cartas que ultimamente receby do R. de Janeiro tive a noticia de V. S. haver partido para as minas de Cuyabá e Goyases para nellas formar o seu estabelecimento na forma das ord. de S. M., e ultimam p. V. S. o conseguisse com aquelle socego que se póde esperar do grande zelo, prudencia e actividade, com que V. S. costuma servir.

Vendo S. M. as repetidas instancias com que V. S. pedia successor nesse governo, foi servido encarregar delle a Ant. da S. Caldr.ª Pimentel, que vai na pres. occasião o qual hade governar essa capitania na forma das ordens q. leva de S. M., e estimarei muito que V. S. se restitua a este reino com a felicidade que lhe desejo.

Nas gasetas inclusas achará V. S. as notas deste reino e as mais de Europa, o supponho que nellas se refirirá já o rompimento de Castella com Inglaterra e o rigoroso sitio que os Castelhanos tem posto a Gibraltar.

Todas as pessoas reaes logrão boa saude.

Ds. G. a V. S. Lisboa Occidental a 21 de março de 1727 — Como Antonio da S. Cald. Pimentel não vai por adoecer no dia em que partia a frota, fica para ir nos primeiros navios — Diogo de Mendonça Corte Real — Sr. R. C. de Menezes f. 108 do L. 2.º de Reg. de Reg., Provisões. Cart. da Thes-Geral de S. Paulo.

Antonio da Silva Caldeira Pimentel, governador e capitão general nomeado para succeder a Rodrigo Cesar de Menezes toma posse, em S. Paulo a 15 de agosto deste anno.

Ainda em 1727 fundou o capitão mor Luiz Rodrigues Villares a fazenda do Camapuan com o fim de auxiliar a varação das canoas que viajam entre S. Paulo e Cuyabá, para o que havia carros que as transportavam na distancia de 6230 braças que medeia entre os rios Camapuan e Sanguesuga, affluentes aquelle do Taquary e este do Rio Pardo.

Alem disto havia, mantimentos de toda a sorte, de que se proviam os viajantes, Villares admittiu, depois, como socios, em 1740. ao guarda-mor André Alves da Cunha e em 1774 ao Dr. Manoel Rodrigues Torres. Actualmente (1849) é esta fazenda objecto de contestações entre a Fazenda Nacional e um dos descendentes do guarda mor André Alves da Cunha.

1728

Tendo noticia Rodrigo Cesar de Menezes de estar seu successor empossado em São Paulo retira-se de Cuyabá em Setembro.

O ouro dos quintos de Cuyabá que em julho de 1728 sahiu de S. Paulo para o Rio subiu a 14.263 oitavas.

(L. de R. de Cartas Reg. e Prov.ºs de 1727-1736, f. 24).

«O cap. mor Jacinto Barbosa Lopes, Provedor dos «Reaes quintos. pelo Exmo. Sr. Rodrigo Cesar de Menezes, «do Conselho de S. M. que Deus guarde, governador e «capitão-general da capitania de São Paulo, e minas de «Paranapanema e destas do Cuyabá.

«Certifico em como o reverendo padre André dos San«tos Queirós aos 20 dias do mez de Março de 1728 annos, «por ordem do Exmo Snr. Rodrigo Cesar de Menezes, Go«vernador e Capitão General tomou entrega, em casa do «dito capitão mor, de quatorze mil duzentos e settenta e «tres outavas de ouro de entradas do registo liquido de «entradas ditas e *livres* de gastos e mais despesas para en«tregar na cidade de São Paulo a quem direito fôr, a qual «conducção faz o reverendo padre á sua curta com muita «despesa da sua fazenda, risco de vida e trabalhos, pela «qual razão se faz merecendo de que S. M. que Deos guar«de pela sua real grandeza o attenda, como costuma fazer a «quem lealmente o serve. Passa o referido na verdade pelo «juramento dos Santos Evangelhos, e por me ser pedida a «presente, lh'a mandei passar aos 20 de março de 1728 «annos, nesta villa do Senhor Bom Jesus das minas de Cuyabá.

Jacinto Barbosa Lopes»

Liv. de Reg. de Ordens Regias e provisões de 1727-1736 fls. 22 V.

O caixão n.º 1 continha	4608 outavas		
O caixão n.º 2 »	4608		ouro de Cuyabá
O caixão n.º 3 »	5 047		
	14,263		
O caixão n.º 4 »	3,820		ouro de Paranapanema
	18,083		

Estes quatro caixões forão conduzidos de S. Paulo ao Rio de Janeiro, pelo ajudante Antonio José de Mendonça, como consta de uma carta do Provedor Luiz de Abreu Leitão de 20 de julho de 1728, dirigida ao Provedor do Rio de Janeiro Bartholomeu de Siqueira Corvovil Desta se passou conhecimento em forma ao d.º ajudante em 17 de Agosto de 1728.

Carta do General sobre este assumpto, dirigd.º ao Provd.ºr de S. Paulo. — «Na tropa que o anno passado «foi destas minas para o povoado, de que era cabo o tenente-«coronel João Antunes Maciel se remetterão quatro arrobas «e sete centas outavas de ouro pertencentes aos quintos «reaes destas minas, de que Vm.ª hade estar entregue, «como provedor delles, que junto a 14.263/8as. que agora «leva o padre André dos Santos Queirós e em sua ausencia «o ajudante Manoel Dias, fará Vm.ª remetter tudo, com toda «a brevidade á cidade de Rio de Janr.º a entregar ao Provr. «da Fazend.ª Real acusando-lhe do que se remette e pedin-«do-lhe conhecimento em forma do que receber para a todo «o tempo constar da dita remessa que hade ser á custa de «Vm.ª, na forma q.ª commigo ajustou. Advertindo a Vm.ª «que fora das 4 a. e 700/8.as que forão o anno passado «destas minas se havião de entregar a Vm.ª as que se «forão cobrando dos rosseiros que estão em caminho, q.º tudo «junto o deve remetter, como tambem os quintos reaes das «minas de Paranampanema que hão-de estar cobrados e se «hão-de remetter com separação dos destas minas, ficando «clareza nos livros da casa dos quintos de tudo o que se «remetter a S. M., que D.ª G.ª, para a todo o tempo cons-«tar, e servir de descarga ao Thesoureiro. O ouro se não «ha-de barretear; mas sim ir em pó como remetto, e se «não os caixões, q.ª a m.ª ordem vai ao Provedor do Rio «de Janeiro, p.ª q. como vão alguãs folhetos p.ª S. M. não «suceda trocarem-se por ouro em pó. Tambem o ouro que «se acha para acompanhar este que agora vai se remetterá «em tres caixões que leve cada-hum tres borrachas com o «mesmo peso, pouco mais ou menos. No caso que, p.ª «algum accidente que a frota haja partido tornará a vir o «ouro para essa cid.ª donde não sahirá sem ordem minha, «e fará Vm.ª todo o possivel para que se não dilate o con-«ductor dos quintos nesse cid.ª mais de dois dias para poder «hir com toda a brevidade. E chegando com saude e capaz «de levar os reaes quintos os mandará Vm.ª pelo Ajudante «M.el Dias que vai p.ª esse effeito e em sua falta os man-«dará Vm.ª por pessoa de toda a confiança. He o que se «me offerece dizer a Vm.ª que D.ª g.ª mt.os annos. V.ª «Real do Bom Jesus 13 de Março de 1727 annos (Deve «ser 1728). — Rodrigo Cesar de Menezes.»

Fl. 28 p. idem.

Tendo se desavindo com o ouvidor Lanhas, Rodrigo Cesar o depoz encarregando o Senado de Cuyabá do governo destas minas.

Antes da retirada do general, tinha se remettido para São Paulo, com destino para Lisboa, sete arrobas de ouro, encerrados em quatro cunhetes bem e devidamente lacrados.

Este ouro procedia de tributos impostos aos mineiros. Chegados ao seu destino e abertos os cunhetes, acharão-nos cheios de chumbo de munição, em lugar do ouro, que se devia encontrar. Tomarão-se todas as medidas de rigôr para conhecer-se o auctor de tamanha ladroeira; mas não tendo sido possivel, apesar das maiores diligencias, chegar-se a esse resultado, o povo, que gosta do maravilhoso, entendeu que essa transformação não era mais do que um milagre com qae Deus castigava o governo que o sobrecarregava de impostos.

Neste anno principiou a povoação de Goyaz.

Em 28 de Março representara a el-rei R. C. de Meneses as hostilidades praticadas pelos Payaguás nos rios Tacoary, Paraguay grande e pequeno e cursando ainda mais adiante, impedindo aos mineiros e mais pessoas que passão para as minas de Cuyabá com roubos e mortes, como na menção passada fizerão e ás antecedentes, não dando quartel a prisioneiro algum. Em consequencia do que ElleRei por provisão do conselho ultramarino de 14 de Dezembro, determinou que se lhes fizesse guerra, captivando-os e vendendo-os em praça publica tirando-se os quintos para a fazenda real; depois de satisfeitas as despezas com a tropa se repartissem as *peças* que sobejassem com os cabos e governadores dellas.

1729

Terceira hostilidade dos Payaguás. Destroção uma expedição, que ia examinar as minas do Coxim.

Havendo chegado a Portugal por carta de 28 de Março do anno passado, dirigida a El-rei pelo general R.d C. de Menezes a noticia das hostilidades praticadas pelos Payaguás mandou se, por provisão do Conselho-ultramarino de 15 de Dezembro do m.mo anno, que se lhe fizesse guerra. Em consequencia desta regia determinação, mandou o capitão general Antonio da Silva Caldeira Pimentel publicar, em 2 de Abril do corrente anno, um acto de declaração de guerra contra esses selvagens. (1)

---

(1) Arch. da Cam. de São Paulo. Livro de reg. de 1721—1735 fls. 230 v.—233. Pr. Prov. do Ceará. Cramar de 29 de Março de 1729 e 11 Rel. Lugar de cuyabá e goyazes p. este lugar e Castrioto de Barros e Villas Boas fls. 15 do L. 27 de Registros. Pinheiro, Pr. Carneiro, C. 10 s. G. de S. Paulo.

1730

Havendo el rei por Prov. do Conselho Ultram. de 29 de março de 1729 creado o lugar de Ouvidor em Cuyabá nomeou para o exercer o bacharel Villas Lobo, que tomou posse neste anno.

Quarta hostilidade dos Payaguás. Destroção varias monções em uma das quaes hão 60 arrobas de ouro pertencentes á fazenda real. Morrem dos nossos 400 pessôas e entre ellas o ouvidor Lanhas, que se retirava para S. Paulo.

Armou-se em Cuyabá uma expedição contra estes selvagens, cujo resultado foi fazer-se lhe algum mal, e entabolar-se paz com os Guaycurús, de cujo cacique se trouxe um filho, que se baptisou com o nome de *Thomé*, em memoria do Apostolo neste nome.

1731

Quinta hostilidade dos Payaguás. De cada vez mais atrevidos, subirão este anno os Payaguás pelo Cuyabá, atacárão o arrayal de S. Gonçalo-Velho, matárão alguns pescadores, e a outros levárão prisioneiros. Tambem tivérão um encontro com duas canôas, uma em que se achavão escravos fugitivos, outra em que ia uma escolta a captural-os, e a ambas destroçarão.

Os Cuyabanos, auctorisados pela provisão do Conselho Ultramarino de 15 de Dezembro de 1726, e acto de declaração de guerra contra os selvagens que infestávão o caminho de Cuyabá, mandado publicar em 2 de abril de 1729, pelo capitão-general de S. Paulo Antonio da Silva Caldeira Pimentel, armão huma expedição contra os Payaguás, Esta expedição composta de 30 canôas de guerra, 50 de bagagem, 2 peças de artilheria, 2 pedreiros e 4 0 homens sob o commando do brigadeiro Antonio de Almeida Lara, depois de alguns dias de viagem, encontrou no rio os Payaguás e nos campos os Guaycurús. Depois de perseguir infructuosamente os primeiros até o arraial de Tabatingas, donde regressárão, por não querer Lara annuir as instancias dos seus arrazando esta povoação hespanhola vierão tomar posição no sitio onde estávão os Guaycurús. Alli se entrincheirárão e mandárão-lhes propôr pazes. Viérão com effeito alguns destes Indigenas na bôa fé. A uns prendeu Lara e os trouxe comsigo, a outros mandou cortar as mãos e as orelhas, e os reenviou neste estado aos seus caciques e seus alliados Payaguás. Este acto de crueldade, pelo qual mostrou Lara ser tão barbaro e ainda mais perfido que os selvagens, é talvez a causa primaria do rancor com que nos gratificam, ainda hoje, algumas tribus dessa nação soberba.

1732

15 de Agosto. Antonio Luiz de Távora, conde de Sarzedas, toma posse do governo da capitania de S. Paulo. Foi nomeado por decreto de 19, Patente de 24 de março de 1732. (1)

As desintelligencias havidas em Cuyabá, entre o ouvidor José Burgos Villas Lobo (2) e o vigario Antonio Dutra de Quadros, produzírão algum rumor na população e obrigárão este a se retirar para S. Paulo, deixando em seu lugar o padre André dos Santos Queiroz.

1733

Sexta hostilidade dos Payaguás. Uma monção de 50 canoas, capitaneada por José Cardoso Pimentel, que vinha de S Paulo é destroçada por estes selvagens nos pantanaes do Caranhá, á margem esquerda do Cuyabá. Distinguem se na acção o mesmo Pimentel, uma mulata, Maria e um negro, Sebastião Benguela. A' excepção de quatro pessoas, que se pudérao escapar e chegárão por terra á villa de Cuyabá, todos os mais foram feitos prisioneiros.

A sorte daquelles que cahíão em poder dos Payaguás era bem triste. Ordinariamente matavão os homens, ficavão-se com as mulheres, e vendiam aos Hespanhoes do Paraguay os meninos, que ião alli acolhidos e educados. Ainda hoje ha muitos descendentes desses prisioneiros, que se glorião da sua origem paulista. (3)

1734

Marcha de S. Paulo o tenente-general Manoel Rodrigues de Carvalho, (4) com 400 homens de guerra para bater os Payaguás (5). Esta força engrossou-se em Cuyabá formando o total de 842 praças. Compúnhão uma flotilha de 108 canoas e 3 balsas, com casas portateis. Depois de terem

---

(1) L. de Reg. das Patentes, Provisões e mais ordens de S. M. (fl. 44), Cartorio da Thes. Geral de S. Paulo.

(2) No Liv. XI de reg. de ordens regias, a fls. 120, consta que se achava nomeado este ouvidor para Cuyabá, com o ordenado de 600 mil rs. annuaes.

(3) Na viagem que pelo Paraguay fiz em 1816, encontrei entre outros um *Cardoso*, homem velho, que me disse ser neto, e m'o provou por documento, de um Cardoso de S. Paulo, que fôra feito prisioneiro e vendido no Paraguay; sendo menino. Seria filho de José Cardoso Pimentel?

(4) Por Prov. do Cons. Ultr. de 11 de Outubro de 1745 se mandou dar a este tenente-general uma ajuda de custo de 1:600$000. (Liv. de Prov. de 1745-1756.)

(5) De uma provisão do Conselho Ultramarino de 21 de abril de 1738, dirigida ao governador da capitania de S. Paulo, consta que em um assalto que deu o gentio payaguá á tropa que commandava o tenente-general Manoel Rodrigues de Carvalho, foi morto o segundo cabo della Gabriel Antunes Maciel, um dos descobridores de Cuyabá, isto por causa da correnteza das aguas na occasião do assalto, perdendo-se alguns apetrechos militares que El-Rei mandou levar em conta á Camara de Cuyabá. (Liv. das Provisões do Conselho Ultramarino de 1738-1739, Cart. da Thes. Geral de S. Paulo.)

viajado durante um mez pelo Cuyabá e Paraguay, sem exito algum, chegárão afinal á *Bocaina* (1), onde ao cerrar da noute divisárão fogos. Estavão com effeito a dormir um magote de Indios, de que matarão quarenta e fugiram quatro. A um prenderão que falava castelhano, e se declarou catholico, não obstante o que, como se exprimem os *Annaes* da Camara de Cuyabá, *fizérão o em picado*. Continuando a sua navegação, por mais tres dias e tres noutes, e tendo avistado fogos pelo reconcavo de uma bahia do Paraguay, derão em huma aldeia de Indios, que procurárão logo evadir-se, espantados do som de huma trombeta, que um negro indiscretamente tocava. Todavia, matarão 600 delles e aprisionarão 266, que se distribuirão pelos principaes da comitiva, o que desgostou sobremaneira os apprehensores, tanto que não quizeram mais continuar na empresa, e recolheu-se a expedição a Cuyabá.

Este mesmo anno marca uma época notavel na historia de Cuyabá pela descoberta das minas de Matto-Grosso, cujo nome se estendeu, ao depois, a toda a provincia. Arthur Paes de Barros, e seu irmão Fernão Paes de Barros, naturaes de Sorocaba, sahirão de Cuyabá a procura dos selvagens Parecys, considerados então bons escravos; em cujo empenho, depois de terem captivado alguns individuos desta nação, proseguirão sua viagem até as margens do Galera, confluente do Guaporé donde tirarão perto de uma oitava de ouro.

Fernão, deixando neste lugar o irmão, vinha com a intenção de noticiar esta descoberta a Cuyabá; porém chegando ás margens do Alto Paraguay (2) e deixando-se ahi ficar, mandou aviso ao brigadeiro Lara regente daquella villa, o qual lhe enviou o sargento-mór Antonio Fernandes de Abreu, sem todavia mandar-lhe fornecer polvora, chumbo e ferramenta, que lhe pedira Fernão, pelo que não quiz este regressar ao Galera; e dando por guias alguns Carijós e seu sobrinho João Martins Claro, com estes seguiu o Sargento-mór a procura de Arthur.

Entretanto, Arthur se tinha ido estabelecer nas margens de outro ribeiro chamado *Maquabaré*, pouco distante do Galera; e dous Indios que ahi deixára de vigia condusirão á sua presença o sargento-mór Abreu. Arthur noticiou-lhe o achado de ouro no ribeiro, a que chamárão de *Santa Anna* ao oriente d'aquella chapada, a que ao depois derão o nome de *São Francisco Xavier*. Delle tirárão tres oitavas de ouro; e com esta amostra, e mais duas oitavas, que se extrahirão do ribeiro—*Brumado*, regressou Abreu a Cuyabá onde chegou já no anno seguinte.

---

(1) [illegible]

(2) [illegible]

1735

Com a chegada do sargento-mor Abreu a Cuyabá, agitárao-se os espiritos; e nao obstante as diligencias e medidas que tomou o ouvidor Villas Lobo, para impedir a imigração, que, desde logo, principiou a se effectuar, passou-se muita gente ás minas de *Matto Grosso*, e entre ella o padre José Manoel Leite, e seu irmão o sargento-mór Francisco de Salles Xavier e João Pereira da Cruz. Juntando-se no Alto-Paraguay com Fernão e seus sobrinhos João Martins Claro, e José Pinheiro de Barros, chegárão aos novos descobertos. O padre Leite e seu irmão se estabelecerão no campo a que dérão o nome de *Pilar*. Depois destes foi tambem Francisco Rodrigues Montemór, e se aranchou perto do rio Sararé.

Em consequencia do crescimento que ia tendo a população de Matto-Grosso, o novo vigario de Cuyabá João Caetano Leite Cesar de Azevedo, (1) mandou no mez de Dezembro, que seu antecessor, o padre André dos Santos Queiróz fosse áquelle districto na qualidade de capellão. Este padre, em companhia de quem forão tambem Manoel Pereira Marques, seu filho Manoel Vicente Neves e outros, aranchou-se no lugar do hoje arrayal de Santa Anna, e nelle edificou a primeira capela, a qual foi coberta de palha.

Já neste tempo vinha subindo o rei Cuyabá uma monção de São-Paulo e nella o ouvidor João Gonçalves Pereira, successor de Villas Lobo. Tomou posse a 29 de Dezembro. Tinha de ordenado 600$000 rs. e de Intendente da Capitação 1:000$000, que lhe forão marcados por Prov.ᵃᵒ do Conselho Ultramarino de 13 de Fevereiro de 1739.

Prov.ᵃᵒ do C. Ultr.

1736

O Sargento-mór Francisco de Salles Xavier, que viera a Cuyabá com 15 oitavas de ouro das minas de Motto Grosso, para alli regressou em companhia do brigadeiro Lara, que ia inspecionar aquellas descobertas, e levava comsigo numerosa commitiva de aventureiros. O brigadeiro mandou explorar as minas da Chapada e a este logar impor o nome de S. Francisco Xavier. Entretanto ordenára a Ignacio Pereira Leão a abertura de um caminho por terra de Cuyabá a Matto Grosso, e a conducção por elle de uma boiada sua.

---

(1) Este padre João Caetano Leite Cesar de Azevedo era vigario da vara em Santos em 1724. Consta isso de uma Provisão sua de 12 de julho do mesmo anno que se acha lançada no l. XI de registro de ordens Regias da [illegible] Cart. da Thes. Geral de S. Paulo.

Os mesmos males que havião afflito a nascente povoação de Cuyabá, se reproduzirão em Matto-Grosso. Em breve virão se os mineiros reduzidos á fome. Os meios de subsistencia se tornaram cada vez mais precarios, pela concurrencia da gente que affluia á nova colonia; e esse estado de miseria se aggravou ainda mais de Agosto em diante, em que principiarão a lavrar umas mortiferas febres que naquelle territorio serão sempre um obstaculo a qualquer estabelecimento permanente.

7.ª *hostilidade dos Payaguás*

Mas emquanto atravez de todos estes obstaculos ia progredindo a população de Matto-Grosso, vivia a de Cuyabá em continuados sustos pela audacia dos Payaguás. A 19 de Março uma monção que vinha de S. Paulo, foi acommettida por estes selvagens, nos pantanaes de Carandá.

Pedro de Moraes de Siqueira, que capitaneava a monção, e o frade franciscano Fr. Antonio Nascentes, por alcunha *o tigre*, morrerão na acção depois de terem feito grande mortandade nelles. Os mais forão feitos prisioneiros Immediatamente derão sobre os gentios cinco canoas bem tripuladas e capitaneadas por Lourenço Soares de Brito, Francisco Xavier de Mattos e seu filho Theodoro de Mattos, e retomarão as canoas aprehendidas, menos duas que ião carregadas de mercadorias. Sobre todos estes merece especial menção Manoel Rodrigues do Prado, mulato fusco, natural da villa de Pindamonhamgaba e a quem chamavão *Mandi Guassù (Manoel Grande)* por ser corpulento e extremado em força e valor. Trasia sua mulher tambem mulata, na canoa de que era piloto. Cercado pelo gentio fez-lhe vivissimo fogo, carregando-lhe a mulher as armas, e fazendo-elle pontaria que não errava, com tanto esforço, valor e presteza' dando risadas e acenando aos barbaros que chegassem, que os aterrorisou e os pôz em fuga; e mandando remar a canoa deu sobre elles e matou ainda muitos. Este valeroso Paulista foi ao depois capitão do matto em Cuyabá, durante muitos annos, ao cabo dos quaes o assassinou um miseravel soldado.

O ouvidor João Gonçalves Pereira, alem de outros melhoramentos materiaes, que julgou necessario, mandou abrir a estrada entre Cuyabá e Goyaz, commissão que encarregou a Antonio de Pinho e Azevedo, o qual concluiu esta deligencia, regressando no anno seguinte, com numerosa commitiva composta de gente que de Goyáz vinha procurar fortuna nestas minas.

1737

O brigadeiro Lara remette, de MattoGrosso para Cuyabá 1300 oitavas de ouro dos quintos, e neste mesmo anno segue para S. Paulo uma monção com 80 arrobas de ouro. Outra monção que chegára de São Paulo, nenhum embaraço soffreu da parte dos Payaguás. De Cuyabá emigrão para Matto Grosso 1500 pessoas.

O padre Manoel Antunes, que de Cuyabá fora mandado a Matto Grosso, a succeder ao padre André dos Santos edificou na Chapada uma capella de pau-a-pique dedicada a S. Francisco Xavier.

Descoberta do Guaporé. Os pescadores Simão Correa e Estevão Correa, a elle chegam, pela primeira vez, descendo o Sararé, confluente d'aquelle rio.

O ouvidor de Cuyabá J. Gonçalves Pereira, que se passára o anno antecedente para o districto de Matto Grosso, com o fim de alli estabelecer justiça, nomeia para superintendente das minas, com jurisdição civel e crime, a Antonio Francisco dos Reis, a quem deu por successor no anno seguinte o sargento mór Francisco de Salles Xavier, regressando a Cuyabá no anno de 1739.

Descoberta e povoação do Rio Grande do Sul, por Domingos de Brito Peixoto (1728?)

1.º de Dezembro. Havendo fallecido a 29 de Agosto deste anno em viagem na capitania de Goyáz o conde de Sarzedas, recahiu o governo de São Paulo na pessoa de Gomes Freire de Andrade, capitam general do Rio de Janeiro, para isso auctorisado por alvará de successão de 29 de Outubro de 1733. (1)

---

(1) Cartorio da Thesouraria de S. Paulo, L. de Reg. das Provisões Alvaras e ms. ordens de S. M. fls. 1727 e—1743.

1738

Chegou de São Paulo a Cuyabá, uma grande monção e nella por intendente e provisor ou provedor das minas o dr. Manoel Rodrigues Torres. Este empregado, no exercicio de suas funcções, procedeu com nimio rigor e pouca prudencia, pelo que se fez logo odiar.

Salvador d'Espinho habitante de Matto-Grosso entra no Guaporé e descobre o rio Alegre. Outros pescadores o imitam e chegam até a confluencia do rio *Verde* donde regressão, por temor dos selvagens. Neste mesmo anno se descobre ouro no rio Corumbiará, confluente do Guaporé.

A capitania do Rio Grande do Sul é desmembrada da de São Paulo.

Por decreto de 2 de Setembro de 1738, do Conselho Ultramarino, mandou El-Rei dar de ajuda de custo a D. Luiz de Mascarenhas Capitão General de São Paulo, dous mil cruzados por anno emquanto durar o seu governo (Prov. do C. Ultramarino de 1738-1739).

1739

12 de Fevereiro. Toma posse do governo D. Luiz de Mascarenhas, nomeado por decreto de 4 de Agosto de 1738 e patente de 10 do mesmo mez e anno (1).

Este novo capitão-general mandou que o ouvidor de Cuyabá desse balanço nos cofres reaes. Achou-se falta de meia arroba de ouro, por cujo motivo, o ouvidor prendeu o intendente e mais officiaes da intendencia, e metteu-os na enxovia não obstante a generosidade do vigario João Caetano Leite Cesar de Azevedo, que, compadecendo-se da sorte dos delinquentes, se offerecera a fazer por elles a restituição do ouro extraviado.

1740

Oitava hostilidade dos Payaguás.—No mez de janeiro foi atacada por estes selvagens uma monção que vinha de São Paulo. Aprehenderão quatro canoas carregadas de fazendas e escravos. Houve-se neste conflicto, como esforçado soldado, Jeronymo Gonçalves Meira, valioso ituano, o qual retomou duas canoas, matou muito gentio, defendeu a mais conserva, e chegou a Cuyabá com lanças, arcos flexas tomadas ao inimigo, como tropheus da sua victoria.

(1) L. de Reg. das Patentes, Provisões e mais ordens de S. M. fl. 181 v. Corrêa da Tres, Geral de S. Paulo.

Conhecendo finalmento os Payaguás o risco da posição em que se achavão tendo por inimigos poderosos, de um lado os hespanhoes de Assumpção do Paraguay, e de outro os portuguezes de Cuyabá, tiverão por prudente alliar-se a uma destas nações, e dérão preferencia aos Hespanhoes, impondo-lhes todavia a condição de os deixar livremente fazer a guerra a seus inimigos. Desde este anno estabelecerão-se nas praias de Assumpção, onde ainda hoje se conservão, e continuarão por muitos annos, a dirigir seus ataques contra os habitantes de Cuyabá (1).

Estes entendendo a conveniencia de haver por si os Guaycurús, mandão-lhes fazer proposições de paz. A expedição encarregada desta importante commissão foi por estes selvagens acolhida com todas as apparencias de amizade. Assim illudidos, cincoenta dos nossos dirigiram-se ao seu acampamento no dia seguinte e forão todos assassinados. O resto da expedição recolheu-se a Cuyabá. Nove annos antes, tinha o brigadeiro Lara praticado para com esta nação vingativa um acto da mais requintada barbaridade.

O povo de Cuyabá encarrega a Antonio Pinheiro de Faria de ir a Chiquitos, no Alto-Perú, hoje Bolivia: este emissario tendo sido bem acolhido regressa a Cuyabá.

1741

Em uma monção de São Paulo chegada este anno a Cuyabá veio por successor do vigario João Caetano Leite Cesar de Azevedo, o padre Anotnio José Pereira.

1742

Entraram de Goyaz pela nova estrada muita fazenda e gado.

Com a certeza de estarem proximas as missões castelhanas de Chiquitos, a ellas se dirigem com mercadorias Joaquim Ferreira Chaves e mais alguns habitantes de Matto Grosso; não se lhes tendo porem consentido o penetrarem naquellas possessões hespanholas, e receiosos de regressar a Matto Grosso, donde tinham sahido sem licença resolverão-se a emprehender a viagem fluvial até o Pará, donde, segundo as informações que houverão, já tinhão subido até a paragem em que se achavão canoas com negocio. Chegando com effeito ao Pará forão todos presos pelo governo d'aquella capitania, e dous delles remmetidos para Lisboa.

(1) Azara, *Voy dans l'Amérique mérid.*

Chaves tendo sido ao depois solto regressou por terra a Matto Grosso, onde já se achava no anno de 1747. Neste trajecto atravessou os sertões do Maranhão, Pianhy, Goyaz e Cuyabá. Sem duvida fez esta viagem bem acompanhado e armado: mas, ainda assim, foi esta uma empresa temeraria, naquelles tempos.

1743

A capella de S. Francisco Xavier da Chapada é erecta em freguezia, separada de Cuyabá sendo seu primeiro vigario o padre Bartholomeu Gomes Pombo, (Morreu no anno de 1774, em Villa Bella)

9.ª hostilidade dos Payaguás.—Diversas monções vierão de São Paulo, sem terem tido encontro algum com os Payaguás; porém o Saipé, onde se achava grande numero de pessoas a pescar, é atacado por estes selvagens. Algumas pessoas são assassinadas, e vinte feitas prisioneiras.

Chegarão a Cuyabá o vigario da vara desta villa, padre Manoel Bernardes Martins Pereira; o doutor Manoel Antunes Nogueira, ouvidor geral, que tomou posse a 14 de Dezembro em substituição ao doutor João Gonçalves Pereira, que passa para a relação da Bahia; e o intendente das minas João Nobre Pereira.

1744

10.ª hostilidade dos Payaguás.—Duas canoas que vinhão de S. Paulo pertencentes a Antonio Alves de Siqueira são atacadas por estes selvagens nas aguas do Paraguay. Para melhor se defenderem saltão os viajantes em terra, donde fazem fogo e repelem o inimigo, que já os tendo arcado, se retiram com perda de 30 homens. Da parte da monção não houve senão um preto morto. Um dos selvagens declarou em mau castelhano que erão mandados pelo governador de Assumpção.

Decima primeira hostilidade dos Payaguás.—Atacão o sitio de João de Oliveira na passagem do Paraguay, matão parte da gente e queimão os edificios. Entretanto a monção que viera este anno de São Paulo, passou incolume.

Francisco de Salles Xavier e João Pereira da Cruz são os primeiros juizes ordinarios da vara vermelha alçada, nomeados este anno para o districto de Matto Grosso.

Alguns habitantes de Matto Grosso emprehendem a viagem para o Pará, pelo alveo do Guaporé, Mamoré, Madeira; e Amazonas. Um delles é morto pelos selvagens Muras; um hollandez e alguns escravos morrem afogados nas cachoeiras.

1745

Antonio Francisco da Silveira abre novo caminho desde o rio Jaurú até o rio Guaporé, onde estabelece plantações e d'ahi continua até as minas de Matto Grosso a encontrar o novo caminho.

1746

Não obstante as riquezas das minas de Matto Grosso, mandára o anno passado o mestre de campo Antonio de Almeida Falcão seus filhos a explorar os sertões ao oriente d'aquella colonia. Chegarão ao rio Arinos de volta e tal pintura fizerão do ouro que por suas margens encontrarão, que immensidade de gente abalou para o novo descoberto. Tiveram porem de se arrepender os emigrantes, porque longe de encontrarem o ouro que esperavão, a vista da exagerada noticia que havião recebido, tornarão-se pelo contrario victimas da insalubridade d'aquellas paragens. Alem do desfalque, que então soffreu a população de Matto Grosso, accresceu lavrar pelas roças fogo que se havia ateado nos mattos e perder-se a maior parte das plantações. Felizmente os que andavão a procura de ouro pelas margens do Corumbiara, desanimados se estabelecerão na *Ilha Comprida* do Guaporé, onde se occupirão da pesca, com o que abasteciam os habitantes de Matto Grosso.

Illudido, como todos, sobre a riqueza do Arinos, e contando com o quinhão que lhe poderia pertencer, mandou para alli o vigario do Matto Grosso um padre a titulo de administrar os sacramentos áquella porção do seu rebanho. Não menos solicito, por tão piedoso motivo, e a pretexto de que para alli tinha ido tambem grande numero de freguezes seus, encarregou o vigario de Cuyabá outro sacerdote da mesma diligencia. Os dous enviados se encontrarão no Arinos e depois de terem calorosamente disputado a precedencia, excommungaram se reciprocamente. Depois desta scena ridicula, cujos pormenores não mencionamos, publicarão que havia subitamente desapparecido todo o ouro d'aquelle districto!.

Neste anno os Jesuitas hespanhoes do Alto Perú, a titulo de auxiliarem os exploradores do Corumbiará, na reducção dos selvagens, fundão missões na margem direita do Guaporé.

João de Sousa e Azevedo explora o rio Sipotuba, de cujas cabeceiras vára para as do Sumidouro, e pelo alveo deste, do Arinos, do Tapajós e do Amazonas vai até o Pará.

---

6 de Dezembro. Bulla *Candor lucis eterna* de Bento XIV, que cria a prelazia de Cuyabá e Matto Grosso.

1747

Convencidos emfim os exploradores do Arinos de que alli não podião fazer fructuosa tratação de se dispersar. Nesta retirada descobrirão algumas minas nas cabeceiras do Paraguay, e tendo se ahi estabelecido, desde o anno passado, fundarão o arraial de N. S. do Parto. No presente anno dirigiu-se áquelle lugar o ouvidor Manoel Antunes Nogueira a estabelecer justiças e fazer a partilha das terras.

De volta a Cuyabá, e divulgando-se a noticia de que nas minas, que estava de regular, havia, desde o anno de 1735, monopolio feito sobre os diamantes brutos por el-rei, diamantes cuja extracção pertencia á corôa, mandou que o povo as abandonasse, o que se effectuou com grande prejuizo de todos.

José Leme do Prado e Francisco Xavier de Abreu vão de Matto-Grosso ao Pará, pela Guaporé, Mamoré, Madeira e Amazonas. Resolverão-se a esta viagem em consequencia das informações que tiverão de Joaquim Ferreira Chaves, que a havia praticado no anno de 1742.

No seu trajecto tratarão amigavelmente com os missionarios hespanhoes estabelecidas nas margens do Guaporé.

Grande secca assolou estas minas neste anno e nos dous seguintes. A 24 de Setembro estando a secca no maior auge, sentiu-se em Cuyabá um tremor de terra em que se perceberam tres balanços compassados. Os annaes da Camara daquella villa dizem que na mesma occasião se ouviu um grande *trovão*, sem explicar se essa detonação ou estrondo foi um phenomeno meteorico, ou subterraneo, o que mais provavel parece.

1748

Em abril (dia de 5.ª feira santa) falleceu em Cuyabá o Dr. Ouvidor Geral Manoel Antunes Nogueira, e succedeu-lhe interinamente, como juiz mais velho, o mestre de campo Manoel Dias da Silva. Sabendo este que havia da parte de alguns designio de o depôr e substituir-lhe o coronel Manoel Antunes Bellem de Andrade, mandou-os todos prender.

Manoel Cardoso Siqueira e outros descobrem este anno minas de diamante e ouro, alem do Paraguay (1). O ouvidôr mandou que se retirassem d'alli, e se queimárão os ranchos.

A importancia geographica das minas de Cuyabá e Matto-Grosso, sua riquesa, crescente população e a circumstancia de se acharem em contacto com as provincias hespanholas de Moxos, Chiquitos e Paraguay, exigião alguma attenção da parte do governo portuguez, nem era possivel que a capitania de São Paulo comprehendesse em seus limites districtos tão distantes como aquelles e o de Goyaz. Neste sentido, mandou el-rei D. João V. por provisão do Conselho Ultramarino de 9 de Maio de 1748, crear a capitania geral de Matto-Grosso e Cuyabá, e assim tambem a de Goyaz; e ficando extincta a de São Paulo, continuou esta a ser administrada pelo governador de Santos sujeito ao capitão general do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrada, ao qual tambem se incumbiu a administração das de Goyaz e Matto-Grosso, até a posse dos respectivos capitães generaes, que forão, para esta, D. Antonio Rollim de Moura (v. anno de 1751) e para aquella D. Marcos de Noronha, conde dos Arcos. Demittido do governo, pelo acto da extincção de capitania geral de São Paulo, concedeu-se a D. Luis de Mascarenhas, por aviso de 17 de maio deste mesmo anno, retirar-se para Portugal, conformemente as supplicas dos seus parentes. São Paulo foi restituido á categoria de capitania-geral no anno de 1765.

1749

O padre José Manoel Leite, que, no anno de 1735, se transportára de Cuyabá ás minas de Matto-Grosso e fora um de seus primeiros habitantes, fundou, neste anno, a capella de N. S. do Pillar, no sitio do mesmo nome.

---

(1) As minas de Cuyabá não designão á primeira vista; mas é provavel que [illegible] Bandeira [illegible] [illegible]

A 10 de julho chegou ao Sararé, e nelle aportou João de Sousa de Azevedo, que viera do Pará, pelo Amazonas, Madeira, Mamoré Guaporé e finalmente o Sararé, com a primeira carregação de negocio que por este vehiculo receberão as minas de Matto-Grosso. Seu carregamento foi transportado a costas de animaes desde o desembarque até a povoação da Chapada. Este Azevedo foi o mesmo que no anno de 1749, emprehendeu a viagem para o Pará, pelo alveo de rios que ninguem explorára até então (V. 1746).

De São Paulo chegarão tambem a Cuyabá algumas monções de canoas, sem nada terem soffrido dos Payaguás.

Chegarão este anno a Cuyabá, pela estrada de Goyas o novo ouvidor geral João Antonio Vaz Morilhas, que tomou posse a 30 de Novembro, e assim tambem o novo intendente Francisco Xavier dos Guimarães Brito e Costa, cujo antecessor o Dr. João Nobre Pereira se retirou pelo mesmo vehiculo. Da mesma sorte veio dar comsigo a Cuyabá um frade franciscano missionario.

1750

Tratado de limites celebrado em Madrid a 13 de Janeiro deste anno, entre D. João V rei de Portugal e D. Fernando VI rei de Hespanha.

A 31 de Julho falleceu D. João V, rei de Portugal, depois de um reinado de 43 annos. A 7 de Setembro seguinte foi acclamado rei seu filho D. José I, o qual reinou 27 annos.

José Leme do Prado, que das minas de Matto-Grosso seguira em canôas, para o Pará, no anno de 1747, regressa com sua carregação de negocio, segundo soccorro que recebem estas minas. Com elle vem o sargento-mór do Pará Luiz Pagundes Machado, e o commissario José Gonçalves da Fonseca, a examinarem esta navegação, por ordem regia, e neste mesmo anno regressão ao Pará.

Neste anno, nada se passou de muito notavel nas minas de Cuyabá e Matto-Grosso. Sómente perturbou a quietação publica em Cuyabá o novo vigario João de Almeida Silva, o qual prendeu seu antecessor e outras pessôas, o que deu logar a intervenção do Ouvidor, e este lhe prohibiu expressamente taes prisões.

Forão juizes ordinarios em Matto Grosso Antonio da Silveira Fagundes Borges, e Braz Antunes Maciel. Ao padre Bartholomeu Gomes Pombo, vigario do mesmo districto succedeu o padre Fernando Machado de Sousa e Abreu.

1751

A 7 de Janeiro chegou, por terra, a Cuyabá, o primeiro governador e capitão general desta capitania D. Antonio Rollim de Moura, e tomou posse a 17 do mesmo mez. Com elle veio o Dr. Theotonio da Silva Gusmão, primeiro juiz de-fóra para Matto-Grosso, e assim tambem uma companhia de dragões e officiaes de guerra, e dous jesuitas Agostinho Lourenço e Lourenço de Crasto.

Em Novembro partirão para Matto-Grosso, o general, o Juiz de Fóra e o jesuita Agostinho Lourenço, ficando o outro em Cuyabá, em cujo districto fundou este anno a missão de Sant'Anna. O juiz de fóra chegando á margem do Guaporé, nelle se embarcou e desceu até o sitio do *Pouso Alegre*, viagem que fez atravez de mil difficuldades, e dahi transportou-se por terra ao arraial da Chapada. Tendo sido objecto desta exploração a escolha de lugar conveniente para a fundação da capital da capitania, escreveu o juiz-de-fóra ao general, aconselhando-lhe que emprehendesse a mesma navegação. Annuindo a esta insinuação, chegou o general ao Pouso-Alegre, e comparando este sitio aos outros da circumvisinhança, que tambem visitou, achou-o proprio para o fim a que se destinava.

1752

Não quiz, todavia, D. Antonio Rollim de Moura tomar definitiva resolução a respeito do Pouso-Alegre, sem se certificar se este logar era, ou não, periodicamente invadido pela crescente do Guaporé. Havendo, porém observado que o rio, na sua maior cheia deste anno, deixára a secco aquelle sitio, e julgando, no que se enganou, que o mesmo acontecia sempre, não hesitou mais na escolha.

A 19 do Março celebrou se pois, a creação de *Villa-Bella*, mandando o General levantar o pelourinho, abrir pelouro e dando posse aos vereadores da camara, e mais officiaes que promovera e entre elles para capitão-mór a João Pereira da Cruz que falleceu a 22 de Maio de 1778, officiaes que promovêra. Em seguida mandou construir uma casa do governo, aquartelamentos e mais edificios publicos, e assim tambem uma capellinha coberta de palha, e dedicada a S. Antonio. O juiz de fóra mandou derribar a matta que marginava o Guaporé abaixo da villa

Se era aprasivel a situação de Villa-Bella, e importante a sua posição na fronteira, não podião todavia compensar estas vantagens os inconvenientes que resultavão da insalubridade de seus ares, e que devião mais tarde determinar o estado de decadencia em que se acha hoje. Neste mesmo anno em que se fundára a recente villa, lavrarão as sezões na população de que só morreu um homem branco e maior numero de negros, e attribue-se, em parte, essa

epidemia á falta de viveres. Felizmente dias depois da fundação da villa, chegou um carregamento do Pará em uma monção que ancorou em frente da nova Capital. Mezes depois, veio de Cuyabá José Roque da Silva, com uma boiada, e estabeleceu se córte certo de carne de vacca a 2 oitavas a arroba (2400 em ouro).

Decima segunda hostilidade dos Payaguás. — Vinha de São Paulo para Cuyabá uma monção, e nella o padre Vito Antonio de Madureira. Não podendo o reverendo soffrer as descortezias de certos militares que, como era de costume, tinhão ido desta villa a guarnecer a monção, resolveu-se a se separar della. Surprehendido pelos Payaguás, roubarão-lhe estes selvagens a canôa e escravo, que trazia, e quasi sem vida o deixarão em uma canoinha, onde expirou, á vista dos companheiros.

1753

Desde o começo da sua administração promovera D. Antonio Rollim de Moura todos aquelles melhoramentos materiaes que podiam assegurar o bem estar dos habitantes de Villa-Bella, e esse foi sempre o objecto de sua sollicitude. Já neste anno produzião as lavouras quanto bastava para o consummo da população, e este recurso foi valiosamente auxiliado por um novo carregamento de generos que trouxe do Pará João de Sousa e Azevedo. Abriu-se uma valla entre a villa e a varzea que se estende até o rio, e ahi se collocou huma ponte e outra no Sassaré a custa do povo. Mandou o juiz de fóra a explorar os sertões ao occidente do Guaporé, além da Serra do Gram-Pará, onde regressou com a noticia de ter chegado as margens de um ribeirão que suppunha ser cabeceira de algum grande rio.

Foi neste anno que se construiu a primeira casa coberta de telha, para a qual se passou o General. O juiz de fóra tambem lançou os fundamentos da igreja de N. S. Mãe dos Homens, que se benzeu no anno seguinte.

Os jesuitas hespanhóes, com a noticia de que vem proceder á demarcação dos limites entre as duas nações, abandonão e destroem as missões de S. Miguel e S. Simão, á margem direita do Guaporé, e se passão para o lado opposto.

13.ª *hostilidade dos Payaguás.* Derão no sitio da Ficueira, margens do Cuyabá, acima do Crusará, matarão bastante gente, que se occupava na salga de peixe, e a outros levarão prisioneiros.

14.ª *hostilidade dos Payaguás.* Tendo fugido ao capitão-mór Francisco Lopes de Araujo alguns escravos em canoas, expediu elle outra canoa apos os fugitivos. Assaltada esta pelos Payaguás, matarão uma parte dos tripulantes, outros forão feito prisioneiros, escapando apenas dous homens, que vierão dar a noticia.

Na monção chegada em junho a Cuyabá veio o padre Manuel Antonio Falcão Cota, por vigario da vara e parocho desta villa.

Convenção de limites entre Portugal e Hespanha sobre a colonia do Sacramento.

Guerra de limites no Rio-Grande-do-Sul entre o Governo Portuguez e as missões jesuiticas do Uruguay.

1754

Por determinação do bispo do Rio de Janeiro, D. Fr. Antonio do Desterro, (1) a freguezia de S. Francisco Xavier da Chapada fica incluida na do SS. Trindade de Villa-Bella. Não estando porêm construida a competente matriz, ficou servindo a capella de S. Antonio.

Devendo-se em virtude do tratado de 12 de Janeiro de 1750, proceder á demarcação dos limites entre as possessões portuguezas e hespanholas, mandou o general abrir por Bernardo de Oliveira Leitão uma picada entre Villa-Bella e o Marco do Jauru, para o transito da respectiva commissão.

Neste anno chegárão do Pará mais dous carregamentos de generos para Villa-Bella; o primeiro pertencente a João de Moura Collaço, e o segundo a João de Souza de Azevedo. Aquelle tinha partido do Pará no anno de 1751.

Em companhia de João de Souza de Azevedo veio o desembargador Fernando Caminha de Castro, ouvidor nomeado para Cuyabá, o qual morreu a 10 janeiro do anno seguinte, 25 dias depois de sua chegada.

---

(1) Ainda não havia sido creado o bispado, bem que a provisão o tivesse creado.

Os jesuitas hespanhóes que ainda se havião conservado na missão de Santa Rosa, a margem direita do Guaporé, abandonão esta missão, depois de haverem queimado as bemfeitorias, passando para a margem opposta d'aquelle rio.

Neste anno chegou a Cuyabá o padre José Ayres a fazer missões, o que executou com proveito e jubilo, e foi muito applaudido. Dirigindo-se depois a Matto-Grosso, bem longe de alli receber o mesmo acolhimento, mandou-lhe immediatamente intimar o general que se retirasse da capitania.

No seu regresso a Cuyabá, por onde devia passar, mandou o ouvidor o intendente para que pagasse capitação de um escravo que tinha. Em lugar de cumprir esta ordem, descompoz o padre aquella autoridade, pelo que se disse ao vigario da vara que o mandasse prender e lhe sequestrasse os animaes. Refugiou-se então na casa do Ouvidor João Antonio Vaz Monilhas, que protegeu a sua fuga para Goyaz. Achou-se pregado na porta da igreja do Rosario um auto de excommunhão lançado por este ecclesiastico contra todos os que o perseguirão. Verdade é que naquelles tempos muito effeito produzião as excommunhões.

1755

Já neste anno contava Villa Bella 26 casas cobertas de telha e mais de 30 de palha. Sua população e a de seus arrabaldes, sem comprehender a dos arraiaes visinhos, montava a 500 almas. O juiz-de fóra Theotonio mandou levantar a igreja matriz da SS. Trindade, orago da freguezia; e um novo e mais curto caminho para o Sarayé foi aberto a custa do povo. Infelizmente uma praga de ratos assolou, de tal sorte, as plantações alem do Guaporé que houve grande falta e carestia de viveres.

O general querendo explorar o rio Guaporé, por elle desceu até a sua confluencia no Mamoré, donde regressou com dous mezes e meio de viagem, em que o acompanharão alguns empregados publicos. Em seguida, o jesuita Agostinho Lourenço fundou a missão de S. José á margem do Guaporé, reunindo para isso as reliquias de varias nações indigenas.

A sorte dos malfadados indigenas civilisados do Brasil merecendo o mais paternal desvelo da parte dos monarchas Portuguezes, mandou el-rei D. José 1.º publicar as leis de 4 de abril, 6 e 7 de junho de 1755 que, vigorando as disposições da de 12 de Setembro de 1663, garante a liberdade, foros e mais direitos dos Indios do Gram-Pará e Maranhão mandando outrosim que sejão suas aldeas governadas pelos principaes dentre elles, leis que se fizerão extensivas a todo o Brasil pelo Alv. de 8 de Maio de 1758. Em virtude desta ultima disposição, ainda hoje o governo de Matto-Grosso expede patentes de capitães aos *caciques* das differentes nações indigenas, que lhes prestão obediencia. E como este titulo honorifico muito lisongeia a vaidade destes homens simples, costuma expedir aos que não pertencem a classe de cacique, mas que comtudo se assignalão por algum serviço importante, patentes de tenentes, alferes e até de officiaes inferiores.

Em 1.º de Novembro deste anno, teve logar o horroroso terremoto que destruiu grande parte da cidade de Lisboa. A noticia deste phenomeno chegou a Cuyabá em agosto, e a Villa-Bella em Septembro do anno seguinte, e produzio a mais viva consternação. Pelos *annaes* da camara desta ultima villa, consta que, por subscripção voluntaria, concorreu o povo com cincoenta mil crusados para reparação de tamanho damno.

O reverendo doutor Amaro Barbosa Lima tomou posse da vigararia de Villa-Bella. Seu antecessor Fernando Machado de Sousa e Abreu, seguiu para o Pará.

Por queixas dirigidas pela camara de Cuyabá, contra o Ouvidor Monilhas, mandou-o depôr o general. Suppuzerão em principio que a representação dos vereadores daquella villa a semelhante respeito tinha sido feita por insinuações do general; mas pela correspondencia deste e mais documentos verificou-se ao depois a injustiça desta suspeita. Succedeu interinamente ao Dr. Monilhas, o intendente das Minas Dr. Francisco Xavier dos Guimarães Brito e Costa, o qual serviu até o anno de 1758, em que foi extincta a ouvidoria de Cuyabá e creada a de Matto-Grosso.

1756

A 30 de Maio chegou a Villa-Bella, e a 5 de junho tomou posse de juiz-de fora o doutor Manoel Fangueiro Frausto. Tambem veio substituir o vigario Amaro Barbosa Lima o padre José Ramos de Moraes.

Neste anno e no districto de Cuyabá descobrirão-se minas de ouro, no lugar que se ficou chamando *Lavras do Medico*. A ellas acudiu muita gente de São-Paulo, Minas-Geraes e Goyaz.

Subirão pelo Paraguay os enviados d'el-rei d'Hespanha na forma do tratado de 1750? a plantarem o marco do Jauirú. De Cuyabá mandou-se-lhes em auxilio algumas canoas com gente, no que gastou a fazenda real vinte e duas mil oitavas de ouro.

1757

Em um lugar da Chapada de São Francisco Xavier descobriu-se este anno uma mina, de que se extrahirão mais de quinze mil oitavas de ouro.

O commercio entre Villa-Bella e o Pará, e entre Cuyabá e São-Paulo continuou este anno.

Pela corte de Lisboa forão approvados todos os actos respectivos á suspensão do Ouvidor Morilhas.

1758

Tomou posse de vigario da vara e parocho da villa de Cuyabá o padre José Mendes de Abreu, que chegára de São-Paulo na Monção do anno passado.

Os annaes da camara de Cuyabá mencionão que no principio de abril deste anno viu-se ao crepusculo sobre a madrugada um cometa, e poucos dias depois appareceu outro ao Sul ao anoitecer. A maneira pouco clara porque se dá conta deste phenomeno, não nos permitte verificar se erão dous os cometas que simultaneamente se observavão, um de manhan e outro de tarde, ou se o segundo se mostrara depois do desapparecimento do primeiro, em cujo caso não era talvez senão o mesmo cometa depois da sua passagem pelo periheliо. Como quer que seja, os annaes da astronomia fazem menção de um só cometa no anno de 1758, observado por Lingre, e cujo passagem pelo periheliо, tempo medio de Paris, se effectuou a 11 de Junho.

Muitos depois do apparição desse ou desses cometas, lavrou por toda a capitania de Matto Grosso, e pela de Goyaz uma epidemia de catarraes, com tosse, e cuspos de sangue,

de que em alguns lugares morreu muita gente, sobretudo velhos e crianças. Esta epidemia ainda continuou a ceifar a população no anno seguinte. Em Villa Bella não foi ella tão mortifera, como em outros districtos, antes apresentou-se com caracter benigno, e não perturbou a serie dos melhoramentos que a olhos vistos ia apresentando. A agricultura florescia, e já se ião estabelecendo fazendas de gado vaccum, e onde tambem se criavão carneiros. Do cacau e da baunilha, que expontaneamente crescem pelas margens do Guaporé se fazia chocolate para o consumo; e alem de todos estes recursos locaes conseguiu o general que os comerciantes de Araritaguaba (hoje villa de Porto Feliz, ás margens do Tieté) viessem com suas canoas até Villa Bella.

Extincta a ouvedoria de Cuyabá e creada a de Villa-Bella, foi nomeado ouvidor o juiz-de-fóra Manoel (Miguel?) Fangueiro Fausto, o qual tomou posse deste cargo neste mesmo anno.

1759

Por alvará de 19 de Janeiro deste anno foi extincta em todos os dominios de Portugal a ordem dos Jesuitas. Em consequencia desta medida e da abolição das missões em todo o Brasil, teve ordem de se retirar da de S. José na margem do Guaporé, o padre d'aquella companhia A. Agostinho Lourenço, que a fundara no anno de 1755. Esta Missão foi pois convertida em parochia, e della nomeado vigario o padre Domingos Gomes da Costa. Desta povoação nem mais vestigios talvez existão.

1761

Tratado de limites de 12 de Fevereiro, entre Portugal e Hespanha que annulla o de 1750 e manda que tenha vigor o de Utrecht.

João Roposo da Fonseca Godoes se encarrega de construir a cadea de Villa Bella por 2700 oitavas de ouro.

Este anno chegou á mesma villa, vindo pelo Pará, e tomou posse o ouvidor geral nomeado, Dr. Manoel José Soares. Exerceu este emprego até o anno de 1769, em que foi rendido.

E' preso em Cuyabá, por ordem do governo, o ex-ouvidor João Antonio Vaz Morilhas, sequestrados seus bens, remettido para Villa Bella, e d'ahi para o Pará, sob a vigilancia do sargento-mór João de Sousa de Azevedo.

1762

Guerra entre os Portuguezes e os Hespanhoes; perda da colonia do Sacramento e do Rio Grande do Sul.

Publicou-se este anno na capitania do Matto-Grosso as medidas tomada pelo alvará de 19 de Janeiro de 1759 relativas á extincção dos jesuitas e assim tambem á ordem pela qual, abolido o captiveiro dos Indios, devião estes ser tratados com as honras dos demais vassallos.

Continua o commercio de Villa Bella com o Pará e Araritaguaba. Na monção que chegara este anno de São Paulo a Cuyabá veio o 1.º juiz de fóra desta villa o Dr. Constantino José da Silva e Azevedo, e tomou posse em 9 de Agosto.

Por ordem regia, prohibe-se aos habitantes da capitania de Matto Grosso o pesquisarem bastas minas, e marca-se o praso de dous annos dentro dos quaes devem ser exportadas. O povo requereu maior praso, mas não sabemos se foi attendido. Ignoramos os motivos que derão lugar a esta medida. Terão sido seu objecto animar as viagens fluviaes, que, sem duvida, convinha conservar para impedir estabelecimentos hespanhoes aquem dos limites?

1763

A capital do Brasil é transferida para o Rio de Janeiro.

O intento principal de D. Antonio, em relação á fronteira, era impedir o estabelecimento de missões hespanholas na margem direita do Guaporé. Neste sentido, tinha mandado guarnecer, em 1759, o sitio das Pedras, e em 1760 Santa-Rosa, onde fundára o presidio da Conceição, hoje extincto. Estes actos derão lugar a reclamações e protestos

da parte dos jesuitas e do governador de Santa Cruz-de-la-Sierra; mas D. Antonio, ao passo que recebia com obsequio os emissarios daquella provincia, despresava completamente essas pretenções, que se fundavão em um direito de posse mal adquirido. Todavia, receioso de que se traduzis em em factos essas ameaças dos jesuitas entendeu dever guarnecer os pontos mais importantes da fronteira e alem da limitada força de que podia dispôr deprecou ao capitão-general do Pará Manoel Bernardo de Mello Castro, um auxilio de 30 infantes, um subalterno e munições, auxilio que chegou ao presidio da Conceição em 9 de fevereiro de 1763, tempo em que já ahi se achava D. Antonio, occupado em exercitar a sua gente, construir trincheiras e tomar todas as cautelas, que podiam evitar uma supresa.

Toda a força no presidio da Conceição constava de 224 praças, de que 40 se achavão doentes. Foi em tão penosas circumstancias que em 14 de Abril houve a noticia de que os Hespanhoes se fortificavão na confluencia do Itunamas, pouco acima da posição que occupava D. Antonio.

Nesta mesma noute tentou o general observar a posição dos Hespanhoes; mas ao aproximar-se a sua canoa fizeram-lhe fogo com bala rasa, e havendo retrocedido, encarregou no dia seguinte o sargento Pedro de Figueiredo de Vasconcellos, tanto de indagar dos Hespanhoes o motivo dessas hostilidades, como de examinar o numero e qualidade de força que guarnecia o acampamento inimigo.

Responderão ao mensageiro que muito se espantavão de não saber o general que el-rei catholico havia declarado a guerra a Portugal em principios do anno passado; que a força alli acampada estava ás ordens do governador de Santa-Cruz, o qual a frente de maior numero de gente seguira pelo Mamoré a desalojar os Portuguezes do presidio da Conceição, que o governador de Marques com 5000 homens marchava á conquista do Matto-Grosso, e que quasi todo o Portugal estava em poder dos Hespanhoes. Finalmente, apesar de não ter podido penetrar no interior do acampamento, avaliou o sargento em 700 ou 800 homens o total das forças inimigas e mais 6 peças de artilheria.

Com esta noticia, e bem cuidoso da maneira por que poderia defender a fronteira voltou D. Antonio ao presidio, donde expediu uma canoa com 6 Indios ao capitão general do Pará, informando-o do bloqueio em que se achava e pedindo novos soccorros. Esta expedição poude passar pelo acampamento de Mamoré sem ser presentida pelos Hespanhoes.

O alferes de dragões Marcelino Rodrigues Camponez, que, com um bote e duas canoinhas, ficára de observação ao inimigo, deu aviso ao general em 16 de Abril de que 40 canoas armadas havião largado do acampamento, e seguião em direcção ao presidio. Disposto a ir ao seu encontro, poz D. Antonio em movimento a sua esquadra que constava de

dous botes e duas canoas; mais já a esse tempo se havião os Hespanhoes recolhido ao seu alojamento.

Projectou D. Antonio augmentar o entrincheiramento do presidio para multiplicar a força de seu tenue exercito; porem, recuou diante da idéa de que este serviço iria comprometter a saude dos seus soldados e inutilizal-os para o combate. Sua propria dedicação e a de seus soldados devião supprir o numero, e o prestigio de que gosavão os Portuguezes entre os Hespanhoes da America, lhe assegurava a fortuna. Era pois sobre a influencia dessa idéia lisongeira que o valeroso guerreiro animava os seus soldados— «Para defender seu posto, dizia elle, não precisam os Portuguezes de fortificação: basta-lhes animo, os braços e a espada.«—O apreço em que D. Antonio tinha os seus subditos era por estes retribuido com as provas da maior dedicação. Receiosos pois que não podesse o general resistir ás fadigas, e privações a que se via reduzido, ouzarão representar-lhe a conveniencia de se retirar para Villa Bella, onde era a sua presença não menos necessaria,... «Não me fallem mais nisto» foi a sua resposta. Neste comenos escreveu para aquella villa, noticiando o estado em que se achava, pedindo soccorros e recommendando toda a cautela para não serem surprezos.

Resolvido a adoptar a guerra offensiva, tanto quanto lh'o promettessem suas forças, planejou D. Antonio a destruição da missão de S. Miguel, a margem do Baures, outro confluente do Guaporé, 3 leguas acima da do Itenamas. O tenente de dragões Francisco Xavier d'Horta Tejo, encarregado desta diligencia conseguiu passar na noute de 5 a 6 de Maio pela frente do acampamento inimigo, sem ser visto' e com 39 homens bem armados cahiu sobre aquella povoação, que se lhe rendeu sem a menor resistencia, compondo-se aliás de 600 a 700 Indios, a mór parte dos quaes se passaram para o presidio, bem como os dous jesuitas Juan Rodriguez, e Francisco Espin, feitos prisioneiros

Dias depois mandou D. Antonio o pedestre Manoel Pereira com 6 negros a examinar rio abaixo se estava occupada com effeito a confluencia do Guaporé no Mamoré. No dia 15 de Maio estando estes homens proximo ao Mamoré vierão sobre elles duas canoas grandes bem guarnecidas e com o pendão d'Hespanha. Decidido a defender-se, Manoel Pereira saltou em terra com a sua gente, emboscou-se e de ahi fez vivo fogo sobre o inimigo, matando a muita gente, e entre ella trez personagens, cuja perda pareceu consternar toda a comitiva, tanto que retrocedeu. Manoel Pereira voltou ao presidio, onde lhe deu o general o posto de cabo d'esquadra.

A tentativa de um ataque geral contra o inimigo, operado a 26 de Junho foi mal succedida, por causa da indisciplina dos soldados a cargo do ajudante de ordens Manoel da Ponte Pereira, os quaes, depois de terem passado

toda a noite a abrir uma picada que pela margem esquerda do Guaporé os conduzisse ao acampamento inimigo, deixarão a forma e se precipitaram sobre a trincheira fazendo contra ella um fogo desordenado. O mesmo praticaram os soldados do tenente Horta, no tempo em que este, aos primeiros tiros de terra, poz em movimento a sua frotinha e effectuou o desembarque; de sorte que esta tentativa custou a vida a 25 homens, alem de 46 feridos levemente.

Entretanto a junta administrativa, que, por ordem do general se creára em Villa Bella para a direcção dos negocios interiores da capitania, fizera um appello aos povos, e esse appello foi bem acolhido alem dos socorros de gente e munições enviados pelas auctoridades locaes, houve da parte do capitão de ordenanças José Paes Falcão um exemplo de dedicação digna de mencionar-se. Este bom cidadão, senhor das lavras dos Cocaes no districto de Cuyabá, armou e municiou a sua custa 30 homens em que se comprehendião 20 escravos seus e os enviou ao general, não obstante o despeito dos conselhos que lhe davão seus amigos.

Já a seu tempo se havião retirado os Hespanhoes por effeito do tratado de 12 de Fevereiro de 1761 entre as cortes portuguezas e hespanhola, e cuja noticia chegara ao presidio da Conceição em Agosto de 1763. Todavia D. Antonio acolheu benevolamente a offerta do capitão José Paes Falcão, empregou a sua gente, e dirigiu-lhe uma carta escripta de seu proprio punho, agradecendo-lhe este importante serviço que custou ao mesmo Falcão 4:500$000 em ouro, valor correspondente hoje a 12:000$000 rs. Ainda teremos occasião de fallar neste patriota.

1764

Em 25 de Dezembro, recolheu-se D. Antonio a Villa-Bella, trazendo em sua companhia seu sobrinho João Pedro da Camara, que lhe vinha succeder na qualidade de Capitão General, e que tendo viado pela via do Pará, estivera ainda no presidio da Conceição. Forão recebidos no desembarque pelo clero, povo e nobresa, recitando nesta occasião o vereador Caetano de Brito e Menezes um discurso allusivo aos serviços de D. Antonio.

1765

Em 1.° de janeiro tomou posse o general João Pedro da Camara, e a 15 de fevereiro seguinte retirou-se de Villa Bella para o Pará o ex-general. Os serviços de D. Antonio havião sido dignamente galardoados por D. José 1.°, honrando-o com o titulo de conde de Azambuja, o posto de Marechal do Campo, a commenda de Samora Correia, e o cargo de capitão general da Bahia, donde foi removido

em 1767 para o Rio de Janeiro, na qualidade de vice rei e capitão general de mar e terra do estado do Brasil, cargo que occupou até 1769. Morreu em 11 de Dezembro de 1782, causando a sua morte real pezar. Em 12 de Julho de 1783 a camara de Villa Bella mandou fazer exequias em sua honra. Na éça se pozerão varios disticos allusivos a sua carreira.

1765

Houve neste anno tamanha enchente no Guaporé que Villa Bella ficou innundada, a ponto de sahirem os moradores em canoas das suas casas. Em Cuyabá, os generos de importação tornárão-se tão raros e tão caros que se chegou a vender a medida de sal a 4.500 réis em ouro (12$000 rs.) e a de vinho a 12$000 rs. (32$000 rs.)

Em 14 de Março tinha o general Camara seguido para o forte de Bragança, donde voltou em desembro. Durante esta ausencia houve em Villa Bella um levante dos soldados dragões, que o general castigou severamente.

1766

Distante de Cuyabá 100 leguas, nas margens do rio das Mortes (1) existia de ha poucos annos uma povoação á qual se deu ao depois o nome official de Amarante, chamada dos *Araes*. Tinha sido fundada pelo coronel Amaro Leite Moreira, paulista, o qual havendo partido de Goyaz á testa de uma bandeira, com o fim de ir á descoberta da celebre *Serra dos Martyrios*, limitára sua exploração a um lugar, onde achou vestigios de ouro. Não obstante a remota posição no centro do sertão, tinha esta povoação adquirido tal ou qual grau de prosperidade, até que este soffreu um completo destroço, por causa das desordens que resultarão do assassinato commettido na pessoa do juiz e guarda-mór Manoel de Oliveira Ferreira, por seu antecessor Antonio Ribeiro de Brito. No anno de 1775 continha 240 habitantes; mandou-a regular o general Luiz de Albuquerque, pelo sargento-mór Marcellino Rodrigues Camponez. Suppunha o general que esta povoação seria de grande utilidade aos viajantes de Serra que ahi se poderiam prover de mantimentos. O sargento mór Camponez, depois de se ter demorado seis mezes nesse lugar, retirou-se por não achar sufficiente ouro nas suas lavras.

Em principio deste anno soube se em Villa Bella que os Hespanhoes de Santa Cruz de la Sierra se dispunham a nos hostilisar. Desde então começou o general Camara a organisar os meios de defesa de que podia dispor, e não só alistou a gente que poude achar nos districtos de Villa Bella e Cuyabá como tambem requisitou soccorros aos capitães generaes do Pará e Goyaz. No emtanto, tratou de guarnecer os pontos mais importantes da margem direita do Guaporé, quaes a fortaleza da Conceição, o sitio das Pedras, a confluencia do Mequens, em cujo ponto se estabeleceu no mez de maio, e onde soube que da missão hespanhola de S. Martinho estavão cem crusenhos de guarda, pelo que se resolveu a manda-la queimar sabendo que os Indios, seus habitantes, se querião pôr debaixo da protecção dos Portuguezes. Todavia não o poz em pratica, porque nesse somenos chegou lhe do Pará dum prego no qual se lhe recommendava que, bem que se devesse preparar para repellir qualquer ataque da parte do inimigo, não fosse comtudo o primeiro a romper o fogo dos 100 homens que mandou vir de Villa-Bella sob o commando de João Leme do Prado, mandou 44 para a fortalesa da Conceição renunciando os mais para a capital. Mandou construir na fortaleza um subterraneo para pôr as munições ao abrigo das bombas inimigas, e uma bateria com uma peça de calibre 3 defronte da confluencia do Itunamas.

(1) Ha muitos *rios das Mortes* no Brasil. Este corre na prov. de Matto-Grosso, e é confluente do Araguaya.

Em agosto percorreu o campo além do Guaporé uma ronda inimiga, a qual se retirou no mesmo dia depois de ter posto fogo aos campos. Por um desertor crusenho soube o general em 12 de Outubro que a força inimiga se compunha de 1200 homens e sessenta peças de artilheria dirigidas por officiaes inglezes. Esta força era commandada em pessoa pelo presidente da real audiencia e pretendia entrincheirar se defronte da fortaleza para arrasa-la, entretanto que o coronel Cevallos devia passar a Santa Rosa para operar o ataque por terra. Felizmente, poucos dias depois se desvaneceráo estes receios com a certeza da retirada do inimigo; e foi depois disto que chegarão os soccorros que vinhão das capitanias de Goyaz e Pará, e da villa de Cuyabá, sem contar o reforço que deste ultimo districto enviara o prestante cidadão José Paes Falcão e que chegára a fortaleza sob o commando do seu filho José Paes das Neves em Maio. Este reforço consistia em 40 homens armados e municiados, em que se comprehendião 24 escravos seus, e ficou durante tres annos de guarnição a fronteira, custando ao dito Falcão perto de 6000 8.as de ouro 1500 (14:000$000 rs.) sem se contar a despeza que fez para sustentar as familias dos soldados durante a sua ausencia.

Se Falcão se sacrificava desta sorte para ser util ao paiz, outro tanto não praticou o capitão de ordenanças Antonio José Pinto de Figueiredo, o qual sendo avisado pelo capitão-mór de Cuyabá para marchar com a sua companhia, recusou cumprir esta ordem a pretexto de que as ordenanças não podião ser obrigados a sahir do seu districto mais de uma legua. Ameaçado de prisão pelo capitão-mor marchou todavia para Villa Bella, onde o prendeu o general, reenviando-o depois para sua casa.

O Rio Grande do Sul é retomado.

Em 23 de Dezembro chegou a Cuyabá o Dr. João Baptista Duarte, juiz de fóra nomeado para aquella Villa.

1767

Em janeiro deste anno regressou o general Camara para Villa Bella, donde em Maio partiu de novo para a Fortalesa.

Em novembro descobriu o capitão mór Bento Dias Botelho as riquissimas minas auriferas de S. Vicente Ferrer. Este homem, um dos mais antigos colonos do districto de Matto-Grosso, foi tambem um dos mais infelizes mineiros. Morreu na miseria em 13 de Setembro de 1776.

Em 4 de Dezembro se expediu ordem suspendendo-se os officiaes de ourives.

Em 8 do mesmo mez se fez na casa da camara de Villa Bella a exposição publica do retrato de D Antonio Rollim de Moura, que a mesma camara mandara tirar na Bahia.

1768

O general Camara, em 30 de Setembro deste anno de 1768, lançou os fundamentos da povoação de Bahremão, no salto do Girau, a margem do rio, e a compoz de Indios da nação Pama. Esta povoação já não existe.

Este mesmo anno mandou o general retirar para as suas respectivas praças, por desnecessarios, o ajudante de auxiliares de Cabo Frio Antonio José Varenguera, e o sargento de artilheria José Gonçalves, que a sua requisição havia mandado o vice-rei do Estado; e assim tambem o official de artilheria de Goyaz Thomaz de Sousa, com todas as praças vindas daquella capitania e do Pará.

1769

Em 1.° de Janeiro chegou á Villa, vindo pelo Guaporé o novo general Luis Pinto de Sousa Coutinho, ao depois Visconde de Balsemão; tomou posse a 3 do mesmo mez. Seu antecessor Camara que governára a capitania durante 4 annos e tres dias, partiu a 18 do mesmo mez pelo Guaporé. Em companhia de Luiz Pinto, veio o Dr. Miguel Pereira Pinto Teixeira tendo sido qualificado de ouvidor, ao Dr. Manoel José Soares.

O ouvidor Pinto Teixeira exerceu o seu emprego até o anno de 1776 em que foi rendido.

Methodico em todos os actos da sua administração, tratou immediatamente Luiz Pinto de se inteirar do estado moral e material da capitania afim de introduzir aquelles melhoramentos de que mais carecião estes povos. Promoveu a industria, o commercio, a agricultura, a arrecadação dos impostos, mandou examinar e animar o consumo do sal gema, que se havia achado no districto de Cuyabá, organisou corpos de milicia e tratou de pôr a capitania em estado de defesa mandou continuar as obras do palacio do governo interruptas por causa da guerra; fez repartir o descoberto de S. Vicente Ferrer tentou, mas infructorosamente, abrir uma communicação entre o Jaurú e o Guaporé, para facilitar a communicação fluvial até São Paulo, mandou João Leme do Prado, a explorar um caminho por terra entre o forte de Bragança e Cuyabá, o que se conseguiu, mandou examinar e redigir os estatutos municipaes. Depois de ter visitado os arraiaes e minas do districto de Matto-Grosso, partiu em julho para Cuyabá.

Mandou explorar o paiz dos Chiquitos; promoveu por meio de privilegios a cultura do algodão e do tabaco.

Mandou destruir os quilombos do Sipotuba e Porrudos deu ajuda de custo aos que se encarregarão de examinar as minas da babia de Jaisme. Voltou de Cuyabá a Villa-Bella em 3 de Novembro fazendo a viagem pelos rios.

Por um bando publicado a 4 de março se derão as seguintes denominações a varios lugares, denominações que se perderão, já pelo destroço dessas povoações já porque o uso as não consagrou.

Forte da Conceição — de Bragança
Aldeia de S. João — lugar de Lamego
Destacamento das Pedras — Palmella
Lugar de S. José — Leomil
S. Anna da Chapada — Guimarães

Mandou estabelecer a igualdade de pesos e medidas em toda a capitania. Convocou os Indios dispersos para se fundar uma nova aldea. Estabeleceu regulamentos sobre as sesmarias nomeando em Cuyabá um juiz de demarcações.

Exportaram se este anno de Villa Bella 191.452 oitavas e 1/4 de ouro.

A divida passiva do commercio da capitania para com o Rio de Janeiro, Goyaz e Pará montava em 450:000$715 rs.

1770

A 17 de Janeiro falleceu o padre Simão de Toledo Rodovalho, vigario da freguezia da SS.ma Trindade, e foi succedido pelo p.e Domingos Gomes da Costa que tomou posse em 19 de Março.

O general Luiz Pinto segue a examinar o forte da Conceição (Bragança).

Com fim de evitar a continuada fuga dos escravos mandou o general Luiz Pinto o sargento-mor Ignacio Leme da Silva, a testa de uma força, a destruir um grande quilombo que desde a descoberta das minas de Matto-Grosso se formára nas campanhas do Galéra. Bem succedida foi esta empresa, porque das 79 pessoas que o compunhão poderão aprisionar 44, alem de 9 que morrerão em acto de resistencia. Estes quilombolas se occupavão de plantações de roças e de algodão, tinhão teares e duas ferrarias. Para supprir a falta de mulheres negras, tinhão aprisionado Indias, com as quaes vivião Havião eleito um rei; mas era este morto, recahindo a soberania em sua viuva a rainha Theresa de nação Benguella. Esta negra naturalmente cruel, exercia um poder tyranico sobre seus subditos que lhe obedecião como escravos, e de cuja vida dispunha a seu bel praser. Era seu conselheiro um José Piolho, e todas as grandes questões erão decididas em uma reunião parlamentar convocada e presidida por ella. Na occasião do ataque, morreu este conselheiro, a rainha foi feita prisioneira; e, condusida a presença do sargento-mór, foi ahi injuriada de palavras pelos outros prisioneiros que acabavão de ser seus humildes vassalos. Não podendo resistir a tão cruel prova, morreu de desgosto poucos dias depois e sua cabeça foi collocada em um poste no lugar do quilombo.

15.º encontro com os Payaguás. Uma monção seguia este anno de 1770 de Cuyabá para S. Paulo, quando uma canoa que ficara atraz deu com um troço de 25 Payaguás, que se achavão a margem do rio a moquear suas caças. Travou-se peleja de que resultou morrerem 20 selvagens escapando apenas 5. Da nossa gente ficárão levemente feridos tres.

Sahiram este anno de Villa Bella para o Pará 194 mil crusados 270 rs.; e de Cuyabá para as praças do Rio de Janeiro e Bahia não fasendo menção das parcellas modicas 55.075 oitavas, que redusidos a cruzados são 206 mil crusados, que com a decima faz todo o ouro que sahiu desta villa 299 mil crusados 356927 1/2 rs.

1771

16.º encontro com os Payaguás. A 19 de Março de 1771 derão estes selvagens no Cruará a margem do Cuyabá e levárão prisioneiras dez pessoas entre escravos e indios mansos.

A 21 do mesmo mez pouco antes do pôr do sol, surpreendêrão os Cayapós ou Bororós os habitantes das lavras do Medio, distante de Cuyabá 6 leguas matando 44 individuos. No mez de julho os mesmos selvagens atravessárão o rio Cuyabá e matarão a dez escravos de tres differentes senhores. Mandou-se contra elles uma bandeira; porem nada se conseguiu.

Havendo-se recebido a noticia de que os Hespanhóes pretendião effectuar novas hostilidades na fronteira da capitania, tomou Luiz Pinto todas as precisas cautelas para embaraçar a invasão, e o estabelecimento de uma fortaleza inimiga a margem do Guaporé.

Este anno lançarão-se os fundamentos da igreja matriz da SS. Trindade em Villa Bella. Tomou posse a 15 de agosto de vigario desta freguezia o reverendo Estevão Ferreira Ferro.

Sahiram para o Pará 59966 1/2 oitavas de ouro.

Chegando a noticia de haver fallecido a mãe do General, mandou o Senado de Villa Bella fazer um officio funebre, com sua assistencia e a de muito povo.

1772

Neste anno se estabeleceu que as casas de fundição em Villa Bella e Cuyabá pagarião quinto inteiro, e a de Matto-Grosso meio quinto.

Em 4 de Outubro chegou a Cuyabá, vindo por terra o novo governador e capitão general Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres; a 3 de Novembro partiu para Villa Bella, onde chegou a 5 de Dezembro, e tomou posse a 13 deste mesmo mez. Em sua companhia trasia o capitão d'engenheiros Salvador Franco da Motta, e o frade benedictino Fr. Antonio de S. Theresa Mello.

Fundirão-se neste anno 293.260 oitavas de ouro.

1773

Em 7 de janeiro embarcou-se no Guaporé para o Pará, donde devia seguir para Lisboa o ex-capitão-general Luiz

Pinto de Sousa Coutinho. Teve ao depois o titulo de Viscende de Balsemão, e o emprego de secretario-menor destado da repartição do reino e mercês.

Os selvagens das circumvisinhanças de Cuyabá tinhão-se tornado tão desaforados que em menos de dous annos nas sua interpresas crueis havião morto mais de 200 moradores daquelle districto. Estes selvagens erão ou os Cayapós ou os Bororós. Em virtude das ordens do general Luiz d'Albuquerque mandou-se contra elles uma bandeira capitaneada por Paschoal Delgado Lobo, a qual conseguiu capturar mais de 80 Bororós, os quaes depois de terem protestado serem os Cayapós e não os da sua nação os auctores dos desacatos de que se queixavão os Cuyabanos forão conduzidos á aldeia de S. Gonçalo Velho, donde fugirão.

O general Luiz de Albuquerque encetou a sua administração tomando todas aquellas medidas policiaes que julgou necessarias para a tranquillidade da capitania.

Estabeleceu um registro na parte oriental da capitanir, caminho de Goyaz (registro da Insua, no ribeiro das Pitomas); mandou delinear o arruamento da capital pela parte do oriente; estabeleceu correios para a conducção do ouro entre Cuyabá e Villa Bella, mandou que a camara de Villa Bella fisesse sahir da Villa todos os enfermos chamados de lepra; determinou que a camara promovesse a agricultura e impedisse que os vendilhões abusassem da sua posição para vender seus generos por exorbitante preço; prohibiu que os officiaes militares abonassem seus soldados por dividas, e prohibiu que os officiaes tivessem luxo no seu vestuario, alem do que lhes era permittido por lei.

1773

Descobrem-se no districto então de Cuyabá e hoje do Poconé as minas de Piranema; foi repartido e deu á fazenda real 260 oitavas.

1774

Em uma viagem que fez entre o anno passado e este á fortaleza da Conceição levantou o General Albuquerque a planta dos rios Guaporé e Mamoré.

Mandou pelos officiaes engenheiros examinar as margens do Guaporé e Mamoré e conheceu que não se podia alli fazer estabelecimento algum por causa da innundação.

No seu regresso encontrou um lote de 40 Indios Paranovas á margem oriental do Mamoré, que davão signaes de paz. O general os presenteou e os mandou para a fortalesa da Conceição.

Morreu este anno em Villa Bella o reverendo dr. Bartholomeu Gomes Pinto, que foi o primeiro vigario na freguezia extincta de S. Francisco Xavier da Chapada. Em Cuyabá morreu a 21 de janeiro Francisco Lopes de Araujo, 1.º mestre de campo do regimento auxiliar daquellas minas. Succedeu-lhe no posto o sargento-mór Antonio José Pinto de Figueiredo.

1775

No mez de maio subiu uma horda de Guaycurús pelo Paraguay acima em 20 canoas até alem da confluencia do Jaurú, e ahi matarão 16 pessoas que compunhão uma habitação. Os Bororós atacão no mesmo tempo as habitações do Coxipó-guassú proximo de Cuyabá e levão prisioneira uma filha de Placido Bicudo.

17.ª hostilidade dos Payaguás. No mesmo mez estes selvagens atacão os sitios na passagem do Paraguay. Esta passagem era o ponto onde atravessavão o Paraguay os que viandavão entre Cuyabá e Matto-Grosso.

Não somente para neutralisar as hostilidades dos Payaguás e Guaycurús, como para impedir a fuga de escravos e criminosos, requereu a Camara de Cuyabá que se posesse uma fortalesa a margem esquerda do Paraguay na confluencia do Ipané (1). Attendendo o general Luiz d'Albuquerque a esta requisição, ou guiado por intentos politicos, encarregou o capitão de auxiliares Mathias Ribeiro da Costa de explorar o Paraguay até o Fecho dos Morros. Este official a testa de alguns dragões, descendo pelo Paraguay abaixo chegou até a lat. sul de ° ' ", onde este rio corre encanado por entre dous morros, circumstancia que lhe fez pensar ter chegado ao Fecho dos Morros, que aliás lhe ficava 42 leguas mais abaixo na lat.... Assim illudido, plantou a bandeira naquelle lugar a 13 de Setembro de 1775, e na tromba da montanha que fica á margem direita do Paraguay se estabeleceu a fortalesa de Nova Coimbra, que não constava em principio senão de uma obra inteiramente passageira.

Neste mesmo anno, mandou Luiz d'Albuquerque a João Leme do Prado a explorar as margens do Paraguay e seu confluente Albotetuba. Este rio, que alem deste nome

(1) Os Annaes de Cuyabá dizem Ipanané; mas é sem duvida por erro do escrevente, porque o rio que desagoa no Paraguay se chama Ipané (Agua pobre).

indiano, tinha tambem o de Guaxy-y (Rio dos Guaxys) por serem suas margens habitadas por indios da nação Guaxy, tomou o nome de rio Mondego que lhe poz o mesmo J. Leme do Prado e é hoje tambem conhecido pelo de *Miranda*, por se haver estabelecido em sua margem direita o presidio assim chamado.

No anno seguinte de 1776, dando este explorador parte de ter effectuado a sua commissão, participou ao general que pelas margens d'aquelle rio viravam gados e indios que lhe parecião sujeitos aos Hespanhoes.

Mandou-se tambem Luiz d'Abuquerque seguir uma bandeira de 74 pessoas a explorar os sertões de Urucumacuan. Esta bandeira sahiu este anno de 1775 da capella de S. Anna e se recolheu a 11 de Outubro de 1776, trazendo alguns indios e signaes de ouro. Tinha sido nomeado commandante della o Sargento-mór das entradas Ignacio Leme da Silva. Este chefe tendo porem abandonado esta expedição foi severamente castigado por Luiz d'Albuquerque, o qual em 1776 lhe mandou dar baixa do posto, declarando que jamais seria admittido em nenhum emprego publico.

Mandou-se em virtude das ordens regias, taxar o preço dos generos que vinhão do Pará, para impedir extorsões da parte dos commerciantes.

Mandou abrir a grande travessa que parte da praça, em Villa Bella, e corta as ruas do Fogo e Mercadores.

Em Cuyabá chega o padre José Corrêa Leitão que vem succeder ao padre José Pereira Duarte no lugar de vigario da vara daquella Villa.

1776

No dia 8 de janeiro chegou a Cuyabá o dr. José Carlos Pereira, natural da Cachoeira, capitania da Bahia, e terceiro juiz de fora para a Villa de Cuyabá. Foi pelos habitantes recebido com applauso, presagio sem duvida da boa administração que tinha de fazer. No mesmo anno chegou a Villa Bella o novo Ouvidor Luiz de Azevedo Sampaio, o qual foi, em 12 de junho de 1778, das 4 para as 5 horas da tarde, publicamente assassinado por um portuguez de nome José Tavares Barbosa, que foi isso justiçado.

Passou portanto a vara de ouvidor para as mãos de José Carlos que a conservou até o anno de 1780, em que a entregou ao ouvidor nomeado Dr. Joaquim José de Moraes e foi afinal removido do cargo de juiz de fora em 1781. Este

magistrado se fez de tal sorte amar pelos povos de Cuyabá, que delle ainda hoje se falla com saudade e gratidão. Fundou no anno de 1789 a igreja de S. Anna do Sacramento da chapada do districto de Cuyabá, e no de 1780 ou 1781 a capella de S. Gonçalo (hoje matriz da freguezia de S. Gonçalo de Pedro Segundo) na Villa de Cuyabá. Seu retrato se acha na Sachristia desta igreja, e talvez tambem na de S. Anna da Chapada. No anno de 1786, estando ausente, mandou ornamentos para a Igreja da Chapada, que lhe merecia particular devoção.

Chegou neste mesmo anno de 1776 o dr. Filippe José Nogueira Coelho, Provedor da Fazenda Real. Escreveu no anno de 1780 uma memoria historica sobre o descobrimento e povoação de Cuyabá.

Em 20 de junho deste anno de 1776 lançou o general Luiz d'Albuquerque os fundamentos da fortaleza do Principe da Beira, á margem direita do Guaporé.

Poz-lhe a seguinte inscripção:

Josepho Primo
Lusitaniæ et Brasiliæ Regi Fidelissimo,
Ludovicus Albuquerquius à Mello Pererius et Caceres
Regiæ Magestatis à consiliis
Amplissime hujus Mato-Grosso Provinciæ
Gubernator, ac Dux Supremus
Ipsius Regis Fidelissimi nutu
Sub augustissimo Beirensis Principis Nomine
Solidum hujus Arcis fundamentum jaciendum curavit
Et primum lapidem posuit
Anno Christi MDCCLXXVI
Die XX Mensis Junii

Em 31 de agosto de 1783 já estava este forte em estado de ser habitado tanto que naquelle dia passárão-se p.ª elle o commandante e mais praças do arruinado forte da Conceição.

Tiverão lugar neste anno de 1776 as primeiras entrevistas amigaveis entre o Sargento mór Marcelino Rodrigues Camponez e mais habitantes de Nova-Coimbra com os Guaycurús. Os Indios selvagens atacão o sitio denominado Chiqueiro a margem do Cuyabá, acima da Villa deste nome, assassinão Antonio Vieira de Lima e seus 16 escravos, roubando toda a ferramenta que poderão levar.

Luiz d'Albuquerque funda a povoação de Viseu, á margem esquerda do Guaporé, defronte da confluencia do Curumbiará, a meia distancia com pouca differença de Villa Bella ao forte do Principe da Beira. Esta povoação já não existe.

1777

No dia 4 de fevereiro deste anno incendiou-se casualmente o presidio de Nova-Coimbra. Ficáram reduzidos a cinzas todos os quarteis e casas, menos a da polvora, que era coberta de telhas. Não morreu senão o escravo de um soldado Foi nestas circumstancias que ahi se recebeu aviso mandado pelo capitão-general de São Paulo, Martim Lopes Lobo de Saldanha, de que os Hespanhoes se preparavão a nos atacar. Em verdade, os Hespanhoes que desde o anno de 1762, se havião apoderado da Colonia do Sacramento, e alguns pontos da capitania do Rio-Grande do Sul, se apoderarão, este anno de 1777, da Ilha de Santa-Catharina, e tudo parecia dispôr-se para uma luta renhida entre as duas coroas, por causa das questões de limites das possessões americanas.

Fallecendo porêm el-rei D. José 1.º a 24 de fevereiro deste anno, succedendo-lhe sua filha D. Maria 1.ª e seu esposo el-rei titular D. Pedro 3.º vierão não a terminar estas dissensões, porêm a suspende-las por emquanto. O tratado de limites de S. Ildefonso assignado em Outubro de 1777, e ratificado pelo de Pardo a 11 de Março de 1778 fixou os limites das possessões portuguesas com as hespanholas.

Entretanto, com a noticia da tomada de S. Catharina, mandou Luiz d'Albuquerque guardar todos os pontos da fronteira, até receber do marquez de Lavradio, Vice rei do Brasil, a noticia de se haver ajustado suspensão de armas entre as duas monarchias.

———

Neste anno, descobrirão-se e repartirão-se as minas de ouro de Beripoconé 18 a 20 leguas distantes de Cuyabá. Este lugar era assim chamado por causa de uma tribu ou nação selvagem deste nome, que habitava estas planicies, e que está hoje extincta. Daqui se extrahirão muitas arrobas de ouro, e ainda hoje (1869) se mineira com proveito. Este lugar de Beripoconé continha, no anno de 1781, 2118 pessoas Então o mandou regular Luiz de Albuquerque dando-lhe o nome de *arraial de S. Pedro d'El Rei*, em honra de D. Pedro 3.º rei titular de Portugal. Foi acceito em julgado em 1783, e se lhe poserão juizes ordinarios para mais facilmente se fazerem as diligencias da justiça.

1778

Os Guayanás que o anno antecedente se havião apresentado com todas as apparencias de amisade aos habitantes de Nova-Cintra, chegarão em janeiro d'este anno áquelle presidio em numerosissima quantidade, e estabelecerão seu acampamento a pequena distancia deste. Illudidos por essas apparencias dirigirão-se 54 pessoas entre officiaes e

soldados a seu acampamento e quando menos se devia esperar forão todos assassinados e roubados, depois do que montarão os indios a cavallo e desaparecerão. Mezes depois ainda fizerão proximo ao presidio uma emboscada onde matarão 3 soldados.

———

Por mandado de Luiz d'Albuquerque funda o capitão mór de conquista João Leme do Prado em 21 de Setembro a povoação de Albuquerque no morro das Pitas á margem direita do Paraguay.

Esta povoação, que ainda existe, é hoje conhecida pelo nome de *Corumbá*. A povoação chamada presentemente Albuquerque existe na mesma margem do Paraguay a 12 leguas ao sul.

———

Em 12 de junho, das 4 para as 5 horas da tarde, é assassinado o Dr. Ouvidor Luiz Azevedo Sampaio com um tiro que lhe deu um vil traficante portuguez José Tavares Barbosa. Succedeu-lhe interinamente o juiz de fóra de Cuyabá Dr. José Carlos Pereira, e durante o impedimento deste serviu o lugar de juiz de fóra Antonio da Silva Pereira, natural de Pernambuco.

———

Os habitantes de Vizeu descobrirão ouro na serra dos Guarajús ou dos Guaraios como lhe chamão os Hespanhoes alem do Guaporé. Conheceu se porem que erão minas pobres que não davão para as despesas.

———

Em 6 de Outubro se funda a povoação de Villa Maria com 161 habitantes á margem esquerda do Paraguay. Foi erecta em freguezia de S. Luiz, rei de França no anno de 1779. Conserva o titulo de *villa* que se lhe deu ao principio; mas não é municipio. A sua posição é excellente e tem havido a idéa de a transformar em capital da provincia, ou pelo menos de se ahi estabelecer os arsenaes.

———

O escrivão da provedoria attesta que nestes seis annos de sua administração tinha o general desempenhado a fasenda publica em quasi 400 mil crusados. No mesmo espaço fundirão-se em Cuyabá e Villa Bella 311 arrobas 30 marcos 4 onças 2 oitavas 42 grãos de ouro.

1779

Os selvagens acommettem em 7 de junho deste anno de 1779 o sitio do Cruará a margem do Cuyabá e matão 7

pessoas que andavão a pescaria, alem de 5 que desapareceram. Manda-se contra elles uma bandeira, que aprisiona 20 Bororós. Sendo estes mandados para Villa Bella, evadem-se em caminho.

Neste anno de 1779 fundou o padre Manoel de Albuquerque uma fazenda á margem do rio Porrudos, cabeceiras do S. Lourenço, no caminho para Goyaz, 26 leguas distante de Cuyabá. Já não existe esta fazenda.

Sahirão 18:619$431 réis, 1.º Semestre dos devedores á companhia extincta do Pará. O 2.º Semestre foi de 12:619$309 réis.

Luiz d'Albuquerque manda explorar o rio Barbados.

1780

O general Luiz d'Albuquerque mandou examinar ao occidente de Villa Bella os accidentes naturaes que poderião determinar a linha divisoria com as possessões hespanholas.

O tenente de auxiliares Mancel Velloso Rabello descobre minas de sal a 8 leguas de distancia do curral de Custodio José da Silva.

Chegou com sua mulher o doutor Joaquim José de Moraes, nomeado ouvidor da capitania.

Houve este anno uma grande inundação em Cuyabá causada pela enchente do rio deste nome.

Chegou a Villa Bella a noticia de estar nomeado para succeder a Luiz d'Albuquerque, o capitão general do Pará João Pereira Caldas. Este general tinha sido ao mesmo tempo nomeado Plenipotenciario e chefe da Commissão de demarcação por parte do governo portuguez, e entrou com effeito no exercicio de suas funções e como tal viajou pelo Amazonas e seus confluentes; mas nunca chegou a ir á capitania de Matto Grosso. No anno de 1789,

entregou seus poderes ao governador do Rio-Negro, e, competentemente autorisado, retirou-se para Lisboa a tratar de sua saude. Luiz de Albuquerque continuou portanto no governo da cap.nia de Matto Grosso, e o governo portuguez mandou pôr á sua disposição 20:000$000 rs. annuaes, alem do subsidio ordinario, para as despesas da demarcação.

Foi para o Pará o 1.º Semestre deste anno de 1780, importando em 14:998$272 rs.

1781

Chegou a Cuyabá o Dr. Antonio Rodrigues Gayoso, 4.º juiz de fora proprietario desta villa, e successor do Dr. José Carlos Pereira.

No mez de Outubro por ordem de Luiz d'Albuquerque sahe de Cuyabá uma bandeira contra os Bororós, dos quaes se consegue capturar mais de 200, que ao depois se evadem.

Deu-se principio, em 5 de Agosto, á capella de N. S. do Monte do Carmo, no fim da rua de Santo Antonio em Villa Bella.

Por um Francez Gabriel Ronil, que viera dos dominios hespanhoes, soube-se que os Indios das provincias de Cusco, Arequipa, Pinto e outras, tendo á frente um José Tupa Amaro, descendente dos Incas, intentárão restabelecer o antigo imperio do Perú.

O dr. José Carlos Pereira se retira de Cuyabá depois de haver concluido a igreja de S. Gonçalo.

1782

O alferes José Pereira descobre terrenos auriferos junto á Serra de Aguapehy. O general dá a este logar o nome de S. Barbara, e o manda repartir.

A camara de Cuyabá supplica a real protecção para se extinguirem todos os Indios barbaros que se mostrarem nos seus alojamentos a excepção das creanças e das mulheres.

A 28 de Fevereiro chega a Villa Bella a commissão encarregada das reaes demarcações, composta dos capitães d'engenheiros Ricardo Franco d'Almeida Serra, Joaquim José Ferreira, do Dr. em mathematicas Francisco José de Lacerda e Almeida, e do capellão Alvaro da Fonseca Zuzarte, este morreu em 1786; ficando ainda em caminho e chegou ao depois, o dr. em mathemathicas Antonio Pires da Silva Pontes. (1) Esta commissão explorou o rio Paraguay e alguns de seus confluentes e bahias durante o anno de ..... . Examinou todas as circumstancias que podião determinar astronomicamente a posição de alguns pontos mais notaveis; mas não se tendo nunca reunido a ella os commissarios hespanhoes, e considerando-a o general João d'Albuquerque muito onerosa á fazenda publica, a mandou dissolver em 1.º de Janeiro de 1790. O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira que tambem fazia parte da mesma expedição só chegou a Villa Bella em 2 de Outubro de 1789, e tinha em sua companhia um preparador botanico, dous desenhistas e mais comitiva.

Dos differentes membros desta commissão ficarão-nos alguns trabalhos interessantes, quaes as memorias geographicas do engenheiro Ricardo Franco e a unica carta geographica que temos da provincia de Matto-Grosso, o diario do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida. Não temos noticia de memoria alguma que nos deixassem os outros commissarios, bem que provavel seja que alguma cousa exista a semelhante respeito. O Dr. Lacerda foi encarregado em 1789 de fazer a viagem fluvial de Cuyabá a S. Paulo, devendo ao depois regressar por terra para levantar a respectiva planta. Não effectuou senão a 1.ª parte desta commissão, porque estando em S. Paulo em 1790 recebeu ordem de se retirar para Lisboa, o que executou.

Os commissarios hespanhoes pelo lado do Alto Perú nunca se reunirão aos commissarios portuguezes de Matto Grosso. Constou em 1785 que estando em Cochabamba ahi morreu o 1.º Commissario, e que o outro tendo sido preso fugira para Buenos Ayres.

1783

Luiz de Albuquerque, tendo mandado no anno de 1779 explorar o rio Barbados fundou, neste anno de 1873, á margem direita do mesmo rio a povoação de Casal Vasco,

(1) Antonio Pires da Silva Pontes era capitão de fragata da real armada e foi ao depois governador da Capitania do Espirito Santo. Morreu no Rio de Janeiro, era natural do arraial de Inficionado, em Minas, e filho do capitão [illegible] da Silva Pontes, natural do mesmo Inficionado e de sua mulher D. [illegible] natural do Sumidouro da cidade de Marianna.

[illegible] por [illegible] Luiz de Macedo Pires da Ca[illegible]

encarregando da direcção das respectivas obras o capitão d'engenheiros Joaquim José Ferreira. (1)

Manda L. de Albuquerque que a Camara não permitta na villa mais de 12 a 14 vendas e que restrinja tambem as dos arraiaes, por serem, pela mór parte, receptaculos de roubos.

Descobrem-se alguns veios auriferos na chapada de S. Francisco Xavier.

1784

No principio deste anno houve tão grande enchente no Guaporé, que destruiu grande parte de Villa Bella.

Em Cuyabá, entre os rios Manso e da Casca, são aprisionados 19 Bororós de ambos os sexos, os quaes são repartidos por varios habitantes, afim de serem bem tratados.

O juiz de fóra de Cuyabá Antonio Rodrigues Gayoso, tendo ido em serviço a St.ª Anna da Chapada, recebeu ahi um tiro; e bem que não fosse mortal a ferida teve comtudo de se recolher de rêde para Cuyabá. Conseguiu-se prender os assassinos, menos um.

1785

Chegou a Cuyabá o novo juiz de fóra o dr. Diogo de Toledo Lara Ordonhes e Rendon (2) para render o Dr. Antonio Rodrigues Gayoso. Era natural de S. Paulo. Tomou posse a 6 de Dezembro.

---

(1) Em 7 de Setembro de 1785 benzeu-se a nova capella de N. S. da Esperança, edificada nesta povoação de Casal Vasco, cuja população foi neste mesmo anno muito augmentada com grande porção de Indios das missões hespanholas de Moxos, que desertaram para a capitania de Matto Grosso.

O general os encarregou de ensinar a fecer aos demais habitantes de Casal Vasco para o que lhes forneceu algodão em rama. Em 3 de Novembro de 1876, pelas 3 horas da tarde, sentiu-se em Casal Vasco um leve tremor de terra, por espaço de 2 minutos. A 30 de Dezembro do mesmo anno, houve nesta povoação um incendio que consumiu dois terços das casas.

(2) Diogo de Toledo Lara Ordonhes e Rendon era irmão do tenente-general José Arouche de Toledo Rendon, que morreu em S. Paulo. No anno de 1794 achava-se em Lisboa. Em 1814 era conselheiro de fazenda e ainda vivia em 1816. Neto materno do capitão mór Diogo de Toledo Lara, paulista, regente das minas de Paranapanema, e filho de Agostinho Delgado Arouche e sua mulher d. Maria Lara de Toledo.

E' mandado em grilhões para fóra da capitania um Gregorio José Betencourt da França Doria, que estabelecia intrigas em Villa Bella.

Luiz de Albuquerque manda estabelecer uma guarda no campo das Salinas para impedir a fuga de escravos.

No fim deste anno houve uma peste em Matto Grosso de que morreu muita gente.

Luiz de Albuquerque envia á côrte um mappa geographico construido pelo engenheiro Ricardo Franco d'Almeida Serra.

1786

Morreu neste anno de 1786, a 25 de Maio, el-rei titular de Portugal D. Pedro 3.º, marido de sua sobrinha a rainha D. Maria 1.ª.

Neste anno houve no rio Guaporé uma inundação que quasi egualou a de 1784.

Em 30 de Abril sahe de Villa Bella a commissão das reaes demarcações, com o fim de examinar o rio Paraguay e suas bahias. Chegou até a Bahia Negra em 11 de Julho, e depois de a ter examinado, dirigiu-se para a bahia de Cuyabá, onde chegou em 1 de Setembro. A 7 de Novembro estava de regresso em Villa Bella.

O general extranha ao administrador de Camapuan a intenção de reduzir a captiveiro alguns indios Cayapós que aprisionára, e manda que os remetta para Cuyabá.

18.ª hostilidade dos Payaguás. Ha um encontro de uma canôa nossa com os Payaguás, de que nos resulta a morte de dous homens.

Tres padres avisados para marcharem de Cuyabá a Villa Bella, temerosos da insalubridade daquelle clima, fogem para S. Paulo.

1787

Os indios selvagens (que se suppuzerão ser os Cayapós) derão no mez de Julho nas habitações á margem do Aricá, a cousa de 8 leguas da villa de Cuyabá. A 29 atacarão a roça de José Rodrigues Corrêa Leal e ahi matarão 3 escravos; e a 31 a fazenda do «Coqueiro», pertencente ao capitão José Pereira Nunes, onde matarão 5 pessoas, de que 4 erão crianças.

Nos mezes de Setembro, Outubro e Novembro foram os habitantes de toda a capitania flagellados com catharraes, pneumonias, pleurises malignos, e febres podres. Esta epidemia reappareceu com grande intensidade em todos os annos que decorrerão até o de 1793, e foi sobretudo no districto de Villa Bella que produziu estragos consideraveis, tanto que quasi se extinguiu o arraial do Pilar no anno de 1789. Fizerão-se então, na capital, preces publicas, não sómente por motivo deste flagello, como pela grande secca que empeorava ainda mais a sorte dos habitantes.

O capitão d'engenheiros Ricardo Franco d'Almeida Serra é pelo general Luiz de Albuquerque encarregado de edificar novo quartel para a tropa por estarem arruinados os antigos. Em principios de Setembro de 1789 ficou terminada esta obra.

1788

O padre Fernando Vieira da Silva mandando fazer uma exploração pelo Guaporé acima em distancia de 15 leguas do arraial das Lavrinhas, causa a descoberta da gruta das Furnas. No anno seguinte mandou este padre outra bandeira ás cabeceiras do Cabaçal, a qual se recolhe sem ter explorado os terrenos, onde encontrou aliás boas formações de ouro.

Morre o padre Estevão Ferreira Ferro, em 31 de Outubro.

1789

Distante de Cuyabá 4 leguas descobriu-se uma nova mina aurifera no logar chamado «Sapateiro», a qual sendo repartida a 7 de Julho, produziu este anno 5 arrobas de ouro.

A 1/2 legua destas minas descobriu-se tambem outra que foi egualmente repartida, mas que era de pouco valor.

Em 7 de Fevereiro mandou Luiz de Albuquerque declarar em frente da tropa que não admittia distincção alguma entre europeos e americanos, e castigaria severamente aos que a promovessem.

Cartas de João Pereira Caldas, chefe da commissão das reaes demarcações, chegadas a Villa Bella, em 17 de março, annunciavão estar nomeado, para succeder a Luiz de Albuquerque, seu irmão João de Albuquerque de Mello Peixoto e Cacéres. Com effeito João de Albuquerque nomeado em 21 de Agosto de 1788 chegou pelo Guaporé á Villa Bella a 16 de Outubro, em tão mau estado de saude que só tomou posse a 20 de Novembro seguinte.

Luiz de Albuquerque conservou-se em Villa Bella até 1.º de Junho de 1790, em que se embarcou no Guaporé para o Pará. Este general foi sem duvida um dos mais habeis administradores da capitania de Matto Grosso. Estendeu consideravelmente os limites do territorio portuguez nesta parte do Brazil, e ao seu zelo, actividade e patriotismo deve hoje o Imperio o estar senhor da margem direita do Paraguay, e territorio além das cabeceiras de alguns confluentes deste e do Guaporé. Governou a capitania durante 17 annos menos 23 dias, e seu nome será sempre lembrado, como o attestão os monumentos que deixou no Porto do Principe, em V. Maria, Albuquerque, Coimbra e outros estabelecimentos por elle erguidos.

João da Motta descobre neste anno de 1789 ouro nas cabeceiras do Cabaçal, porém examinado o estado deste descoberto decidiu-se que não valia a pena ser repartido.

1790

Em 1.º de Janeiro desfez João de Albuquerque a commissão de reaes demarcações, cuja continuação se tornava onerosa, visto nunca se lhe haverem remettido os commissarios hespanhoes.

O astronomo Silva Pontes, que havia partido em Dezembro do anno passado para examinar as cabeceiras do Jauru, Guaporé e Xingú, recolheu-se, dando parte que havia determinado astronomicamente as fontes dos seguintes rios:

do Juruena Lat. 14° 4' 40";
do Guaporé Lat. 14° 39' 54"; Long. 318° 39';
do Jauru Lat. 14° 31"; Long. 315° 32';

distando estes dous ultimos pontos entre si de 7 e meia leguas tão sómente, por campos vastos, e bem se poderiam

communicar entre si com vantagem da navegação se não fossem as cachoeiras que se encontram em ambos.

O governo hespanhol de Assumpção do Paraguay intimou ao commandante de Nova Coimbra de que devia evacuar aquelle ponto e o de Albuquerque. O official que trouxe esta intimação navegou pelo Paraguay acima até o Jaurú. Com esta noticia e com a de que os hespanhóes se preparavam para a guerra, mandou o general João d'Albuquerque guarnecer com mais força tanto o forte de Nova Coimbra como o do Principe da Beira. Ordenou um recrutamento para augmentar a força publica.

João d'Albuquerque mandou estabelecer este anno a algumas leguas de Villa Bella um Lazareto; mandou tambem estabelecer a sua custa em Villa Bella um hospital para os pobres.

Em Cuyabá se edificou um chafariz na ponta do Rosario para dentro da cidade, conduzindo-se a agua do tanque do Ernesto.

A 27 de Setembro chegou a Cuyabá, vindo de Bella Vista, o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. Em 2 de Outubro do anno seguinte partiu de Villa Bella para o o Pará, com os dous desenhistas que trouxe.

1791

Em 7 de Janeiro chegaram a Villa Bella 7 arrobas de ouro para pagamento militar.

A requisição do povo, depõe João d'Albuquerque o vigario de Villa Bella Fernando Vieira da Silva (V. 1788).

Durante as administrações anteriores á de João d'Albuquerque tinhão os Guaycurús tentado obrigar ao exterminio os habitantes da capitania, já empregando a força, já a perfidia, mesmas armas que lhes oppunha a população civilisada. Todavia, devião já ter observado estes selvagens que a população portugueza ia progredindo, e convinha ligar-se a ella, como outr'ora aos Hespanhóes se alliarão os Payaguás. A nação dos Guaycurús se compõe de varias tribus quaes são os Cadiuéos, os Lulóos, os Guatiadéos, os Beakicos, os Pacaxudéos, os Giuóos, os Danikéos e outras, cada uma das quaes é regida por um *anyone-illiod*. A do

Guiéos foi a que tomou a iniciativa nestas relações amigaveis, e seus chefes João Keima e Paulo, deixando o seu alojamento na margem (direita?) do Parsguay dirigirão-se a Villa Bella, com 17 dos seus guerreiros onde João d'Albuquerque, prevenido desta visita, lhes dispunha a mais solenne recepção.

Foi no dia 14 do Julho de 1791 que effectuarão a sua entrada em Villa Bella. Todas as pessoas distinctas da capital os forão encontrar a 2 leguas de distancia. O general, de sége, e acompanhado do seu piquete os foi esperar a um quarto de legua da villa. A entrada se fez na ordem seguinte. Vinha á testa do cortejo o general, depois a nobreza; seguião-se os subditos Guaycurús a cavallo e completamente nús, e atraz destes os dous chefes. Conduziu-os o general a palacio, e os pôz á sua mesa, depois do que os mandou aquartelar e tratar com todo o cuidado dando-lhes pretos para os servirem. Era interprete a preta Victoria que haviam aprisionado em um sitio proximo á Cuyabá.

Em 1 de Agosto convocou o general uma assembléa em seu palacio, e nella comparecerão todos os Guaycurús. Celebrado o tratado de paz, jantarão todos á mesa do general, e procurarão os Guaycurús conformar-se ás cerimonias da civilisação.

Afinal retirarão-se estes selvagens deixando como refens os dous *mimones* Luiz Pinto e José de Seabra e mais 8 subditos, os quaes tiverão licença de se retirar de Villa Bella e partirão para os seus alojamentos do Baixo Paraguay em 27 de Abril de 1796, tendo portanto ficado perto de 5 annos em Villa Bella.

A tribu dos Guiéos foi leal ao seu tratado. Uma filha de João Keima, d. Catharina do Espirito-Santo Sá, ainda existia em 1845 no presidio de Miranda, onde ainda talvez se ache, porque não tinha mais de 40 a 50 annos de idade. E' mulher de trato agradavel, e se distingue das outras da sua nação pelo cuidado que mostra no seu vestuario. Viveu muitos annos maritalmente com um branco que lhe fez varios donativos, tanto que possue algumas miseraveis casinhas em Miranda e é reputada rica entre os da sua nação. Quando as auctoridades do presidio de Miranda commettem, o que não é raro, alguma injustiça para com os Guaycurús, d. Catharina e seus compatriotas não deixam de exclamar que elles têm se conservado fieis á sua promessa, entretanto que os Portuguezes (nome que dão a todos os que não são da raça indiana, quer sejam brancos, pardos ou negros) não respeitam a promessa que fizerão de os tratar sempre como amigos.

Em 11 de Dezembro do 1791 chegou a Cuyabá o novo juiz de fóra daquella villa o dr. Luiz Manoel de Moura Cabral, successor do dr. Diogo de Toledo Lara Ordonhes e Rendon. Tomou posse em principios do anno seguinte.

Novos auxilios se mandarão de Cuyabá a Nova Coimbra, para impedir a invasão, que se receiava, dos Hespanhóes.

1792

Em consequencia da enfermidade mental da rainha D. Maria I.ª, principiou a governar a Monarchia Portugueza, como herdeiro presumptivo da corôa, seu filho D. João. Em 1799 tomou o titulo de regente do reino; e em 1818, dous annos depois da morte da rainha, foi acclamado rei, com o nome de D. João 6.º, no Rio de Janeiro, onde chegára em 1808, em consequencia da invasão dos Francezes em Portugal.

Chegou a Cuyabá em 16 de Novembro de 1792 o novo ouvidor geral da capitania o dr. Antonio da Silva Amaral, o qual seguiu para Villa Bella a tomar posse do seu emprego.

Neste anno, fundarão os Hespanhóes o forte *Bourbon*, á margem direita do Paraguay, abaixo do de Nova Coimbra. O forte *Bourbon* é hoje chamado *Olympo*.

1793

O general João d'Albuquerque promove em pessôa esmolas para a nova Matriz da S.S. Trindade de Villa Bella.

A 17 de Setembro parte para Lisbôa o tenente-coronel de engenheiros Joaquim José Ferreira.

1794

Este anno houve grandes desavenças entre João de Albuquerque e a Camara de Cuyabá, por causa de uma petição dirigida por esta, na qual requeria a reconducção do juiz de fóra Luiz Manoel de Moura Cabral. Não sabemos ao certo quaes as razões em que se fundava o general para não assentir aos desejos dos povos de Cuyabá; mas o certo é que dessa lucta se originarão intrigas em que se envolveram pessoas notaveis de Cuyabá, e que duraram até o anno de 1796.

Em 8 de Agosto de 1794 mandou João d'Albuquerque fazer o reconhecimento do rio Juruena, braço mais notavel do Tapajóz e as suas possiveis communicações com o Guaporé, Sararé e Galera, e averiguar varias minas de ouro de que havia tradição. Foi encarregado desta diligencia o tenente-coronel de engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra, e mais pessoas. Recolheram-se depois de 37 dias de viagem.

1795

Chegaram de Goyaz, em ouro, 23:068$800.

A 7 de Maio de 1795 sahiu de Villa Bella, pelo Guaporé abaixo, uma *bandeira* a examinar o rio do Pilho, e vêr si por suas margens havia ouro. Deram em um quilombo, formado das reliquias de outro que havia 25 annos (1770) se havia destruido. Constava de 50 indios e indias, e de 20 caborés de ambos os sexos.

O general mandou baptisar os indios e enviou para a sua antiga povoação a que deu o nome de Aldeia Carlota: nome da esposa do principe D. João. A's minas que disserão alli existir deu o nome de S. João do Principe, em obsequio ao mesmo D. João. São estes lugares apenas conhecidos pelos que estudão a carta geographica da provincia.

Neste mesmo anno distruiu-se o quilombo de Pindahituva, que contava 50 pretos.

1796

A 21 de fevereiro de 1796 foi João d'Albuquerque atacado de uma enfermidade aguda, de que falleceu a 28 do mesmo mez e foi sepultado no dia seguinte na igreja da SS. Trindade de Villa Bella, que mandára edificar. Governou a capitania durante 6 annos, 3 mezes e 8 dias.

Em consequencia da morte de João d'Albuquerque entrou em exercicio a 2 de Marco o governo de successão composto do tenente coronel Ricardo Franco d'Almeida Serra, do ouvidor Antonio da Silva do Amaral, e do vereador mais velho Marcellino Ribeiro.

Caetano Pinto de Miranda Montenegro, precedentemente nomeado para suceder a João d'Albuquerque, chegou por terra a Cuyabá em 17 de Setembro deste anno de 1796. Seguiu para Villa Bella, onde chegou a 3 de Novembro, e tomou posse a 5.

Com este general chegou tambem o novo ouvidor Dr. Francisco Lopes de Sousa Ribeiro Faria e Costa, para render o Dr. Antonio da Silva do Amaral.

1797

Sabendo-se que em consequencia da guerra entre Portugal e Hespanha achavam-se as respectivas tropas nas fronteiras dos dous reinos na Europa, e havendo recebido ordem de se acautelar contra qualquer tentativa de invasão da parte dos nossos visinhos, tratou Caetano Pinto de fortificar os pontos mais importantes da capitania.

Uma das medidas mais acertadas que tomou foi a nomeação do engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra para commandar o forte de Nova Coimbra.

Foi tambem encarregado neste mesmo anno de estabelecer um novo presidio á margem direita do Mbotetohu ou Mondego o ajudante Francisco Rodrigues do Prado. E' este o presidio que ainda hoje se chama *Miranda*, em memoria do mesmo general.

De Cuyabá seguirão para Nova Coimbra, em 27 de Julho, 50 aregões commandados pelo tenente Joaquim José dos Santos; em 4 de Septembro 40 soldados auxiliares, commandados pelo tenente de cavallaria Miguel Angelo de Oliveira e em 19 de dezembro mais 50 soldados de ordenanças commandados pelo alferes do mesmo corpo Antonio Teixeira Coelho.

Da mesma Villa marchárão para Villa Bella 30 pedestres; e para o Jaurú em differentes partidas 255 praças, sendo a ultima de 130 soldados commandados pelo capitão Antonio Joaquim Moreira Serra.

Nove chefes de Guaycurús que habitavão as margens do Paraguay, proximo aos hespanhoes da Assumpção, cansados das perseguições que destes recebião, vierão habitar as margens do Mondego, e pedem a amizade dos portuguezes, pelo que vai um delles como enviado ao capitão general Montenegro. Egual obediencia presta um chefe Guaná.

1798

Entretanto os Selvagens que habitavão os campos do interior não perdião a occasião de commetter seus disturbios. No dia 6 de Maio atacárão (suppõe-se serem os Cayapós) a fazenda do padre Manoel de Albuquerque Fragoso, no lugar do *Jatobá*, e ahi matárão uma mulher e dous meninos, podendo escapar-se o marido, todos escravos do mesmo padre, e unicas pessoas que se achavão naquelle

sitio. Em 18 do mesmo mez dão no sitio do Quilombo pertencente a Domingos José de Azevedo e lhe matão 7 escravos.

Em 15 de julho chegou a Cuyabá o padre José Manuel de Siqueira, natural daquella villa, e seu primeiro professor publico de philosophia.

Nos mezes de Agosto e Septembro chegárão de São Paulo duas monções com sal e liquidos, sendo a primeira pertencente ao sargento mór Antonio José de Almeida.

Em 8 de Dezembro baptisou-se solennemente em Cuyabá hum indio Guaná, a quem se deu o nome de Luiz, e de quem foi padrinho o Dr. Luiz Manoel de Moura Cabral. Assistirão a esta cerimonia o ouvidor Francisco Lopes de Sousa Ribeiro Faria e Costa, que tinha vindo de Villa Bella a fazer correição; e assim tambem todos os sacerdotes e pessoas gradas da Villa.

Nesse mesmo dia, apparecêrão no engenho do rio da Casca, pertencente ao sargento mór Antonio da Silva e Albuquerque varios Indios da nação Bacaeris, dos quaes forão aprehendidos hum individuo e mais hum preto que se havia refugiado entre elles.

1799

Em 16 de julho deste anno de 1799, o principe D. João, que desde o anno de 1792, governava a monarchia portugueza, por impedimento de sua mãe, a rainha D. Maria I.ª tomou o titulo de *Principe Regente*.

Em 18 de Novembro tomou posse de juiz de fora de Cuyabá o Dr. Joaquim Ignacio Silveira da Motta. Exerceu este emprego até o anno de .... em que foi removido para Goyaz na qualidade de ouvidor. Foi successivamente nomeado desembargador da relação da Bahia, desembargador da Casa da Supplicação e aposentado no conselho da fazenda em 1828. Falleceu no Rio de Janeiro, em 1832.

1800

Continuarão este anno os preparativos de defesa em toda a capitania de Matto-Grosso, ameaçada pelos Hespanhões.

1801

Neste mesmo anno em que se estabelecia uma luta renhida no Rio Grande do Sul, entre as nossas tropas e as dos Hespanhoes, de que resultou expellirmos das posições que occupavão naquella capitania as forças inimigas, e apoderarmo-nos dos povos de Missões, se dispoz para atacar em pessoa o forte de Nova Coimbra o governador do Paraguay D. Lazaro de Ribera. Com effeito em Setembro apresentou-se em frente desta posição este general com cerca de 800 homens de guerra, 3 escunas e embarcações menores.

A nossa força era mui diminuta e constava, segundo dizem, de 40 praças (?). D. Lazaro intimou ao commandante Ricardo Franco que se rendesse. A correspondencia que entre elles houve foi a seguinte:

(Neste ponto o manuscripto de Beaurepaire Rohan apresenta uma grande lacuna).

1802

Os successos de Nova Coimbra encorajarão os habitantes da capitania de Matto-Grosso, e os dispusérão para a guerra offensiva.

Ao Sul de Miranda, cerca de 45 leguas, corre o Apa, tributario do Paraguay, e em cuja margem esquerda tinhão os Hespanhóis estabelecido o forte de S. José, guarnecido por 106 praças, sob o commando de D. Juan Caballero. Foi contra esta posição militar que o commandante do dito presidio, Francisco Rodrigues do Prado, tentou uma interpresa e a effectuou, marchando á testa de 53 praças e mais um magote de Waicurús.

A's primeiras descargas, morreu o commandante Caballero, sorte que teve uma parte da guarnição, o restante da qual rendeu-se á discrição. Os Waicurús esmorecerão na occasião do ataque, mas nem porisso deixárão de tomar parte no saque com os vencedores. O forte foi incontinente arrasado. O commandante Prado, depois de ter curado os feridos, mandou-os, com a maior parte dos prisioneiros, para Villa Real; e recolheu-se com duas peças de calibre 3 e 1 e 40 arcabuzes, apprehendidos ao inimigo.

Tomou comsigo preso um alferes e 6 soldados. Sabendo o general Caetano Pinto d'esta proeza requereu á Côrte hum premio para o tenente de dragões Prado e promoveu a capitão o alferes da milicia de Cuyabá Francisco Xavier Pinto e a furriel o cabo de dragões Manoel dos Santos, que mais se haviam distinguido na acção. Quanto aos prisioneiros mandou-os para o seu paiz.

1803

Desejando Caetano Pinto certificar-se da possibilidade de uma communicação fluvial entre Cuyabá e o Pará de-

terminou mandar explorar o rio das Mortes, e encarregou desta diligencia a João Alexandre Leme de Brito, e seu irmão João de Brito. Esta expedição composta de 26 pessoas sahiu de Cuyabá em 2 de Maio de 1803 e chegando ao rio Manso ahi se embarcou em 3 canoas. Neste lugar recolheu se para Cuyabá o mestre de campo José Paes Falcão das Neves. Em 21 de Septembro regressou a expedição trazendo apenas algumas amostras de ouro e informando que ate o lugar dos Araez não é navegavel o rio das Mortes por causa de suas multiplas cachoeiras.

Entretanto, tinha Caetano Pinto sido nomeado governador e Capitão general da Capitania de Pernambuco. Em 15 de Agosto fez entrega da administração ao governo de successão composto do ouvidor Manoel Joaquim Ribeiro, coronel Antonio Filippe da Cunha Ponte, e vereador mais velho José da Costa Lima. A 22 do mesmo mez partiu de Cuyabá para Pernambuco, viagem que completou por terra, e tomou posse do seu novo governo em 26 de Maio de 1804, nove mezes depois da sua partida de Cuyabá. Governou Pernambuco até ao anno de 1817. Por occasião da revolução que ahi teve então lugar foi preso pelos revoltosos e enviado para o Rio de Janeiro.

Depois da Independencia do Brasil, foi feito marquez da Praia Grande, e exerceu o lugar de ministro de estado.

1804

Em 20 de Março de 1804 chegou a Cuyabá o capitão general nomeado Manoel Carlos d'Abreu e Menezes. O mau estado da sua saude o reteve nesta villa até o dia 27 de Junho, em que partiu para Villa Bella, e ahi tomou posse em 28 de Julho.

Em sua companhia vierão seu primo o novo ouvidór Sebastião Pitta de Castro que vinha render o ouvidor Franc.º Lopes de Sz.ª Faria e Costa, o capitão ajudante de ordens Manoel Antonio Pinto e o cirurgião mor Francisco José Ribeiro.

Neste mesmo anno chegou a Cuyabá o seu novo juiz de fóra Gaspar Pereira da Silva Navarro a render o Dr. Joaquim Ignacio Silveira da Motta.

Neste mesmo anno chegárão a Cuyabá, em setembro e outubro duas tropas com trem de guerra: o egual auxilio veio no anno seguinte em uma monção.

1805

Com o fim de repartir as minas do Alto Paraguay sahiu este anno de 1805 de Villa Bella para Cuyabá, onde chegou a 21 de Janeiro, o general Manoel Carlos. Encarregou desta diligencia o ouvidor Sebastião Pitta de Castro; e este segundo as ordens que recebera mandou explorar o rio Arinos por 40 homens commandados por João Viegas.

Em 25 de Junho apartou se do Alto Paraguay Diamantino o coronel José Paes Falcão das Neves, com tres sezões que apenas durou 8 dias. Ficou sua casa empenhada em 130 mil crusados, não se lhe achando de posse senão 70 mil.

O general Manoel Carlos tendo partido de Cuyabá chegou a Villa Bella em 5 de Agosto, levando comsigo o sargento mor d'engenheiros Antonio José Rodrigues (hoje brigadeiro ou marechal de campo reformado) e outros. Em 8 de Novembro falleceu e no dia seguinte foi sepultado na capella de S. Antonio.

Ficou administrando a capitania o governo de successão composto do ouvidor Sebastião Pitta de Castro, o coronel Antonio Filippe da Cunha Ponte e o vereador mais velho José da Costa Lima.

Manoel Carlos de Abreu e Menezes governou durante um anno e 8 dias, e tanto bastou para se fazer amar por sua modestia e bons costumes, alem das boas disposições administrativas que manifestou.

Neste mesmo anno houve grande epidemia em toda a capitania, e só em Cuyabá morrerão 420 pessoas.

Entretanto este facto não paralysou o commercio. Chegárão a Cuyabá José Pedro da Silva Prado, com 33 escravos, Joaquim da Silva Prado com 9, José Rodrigues de Sá com 25, José Pinheiro com 40, Manoel Dias Gonçalves com 49 sommando todos 156. Entrárão tambem vindos de S. Paulo as monções do Pedro Marques de Fontes e de Manoel de Sousa, com sal e liquidos.

1806

Continua a administrar a capitania o governo de successão.

1807

Em 7 de Outubro, chegou a Cuyabá o novo capitão general João Carlos Augusto d'Oeynhausen. Partiu a 29 para Villa Bella, onde tomou posse em 18 de novembro.

1808

Partirão de Cuyabá tropas para reforçar os presidios de Nova Coimbra e Miranda.

Em 17 de Maio chegou a Cuyabá o prelado D. Luiz de Castro Pereira, Bispo *in partibus* de Ptolomaida. Foi este o primeiro prelado, que, dos nomeados, chegou a tomar posse desta prelazia.

Em consequencia da invasão do exercito francez sob o commando do general Junot, operado em Portugal, resolveu-se o principe regente D. João a mudar-se para o Brasil. Partiu pois de Lisboa em 29 de Novembro do 1807 e chegou á Bahia de arribada a 19 de Janeiro de 1808. Em 28 do mesmo mez publicou a carta regia que abria os portos do Brasil ao commercio das nações amigas. Da Bahia seguiu o Principe regente para o Rio de Janeiro onde chegou a 7 de Março, e alli instaurou a sua côrte.

Entrão para a casa da fundição 2416^{m}7°3^{a} 62^{s} de ouro.

1809

A 21 de Janeiro de 1809 morreu em Nova Coimbra o coronel d'engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra, que tão valorosamente defendera aquella fortaleza em 1801. Quando se soube em Cuyabá que havia enfermado enviárão lhe alguns remedios; e bem que a canoa que os levava fizesse em 10 dias a longa viagem de 200 leguas, não foi isto bastante para salvar esta existencia tão preciosa. O general João Carlos querendo honrar a memoria desse sabio e illustre official mandou que se trasladassem seus ossos para Villa Bella, onde com effeito chegárão a 28 de Julho de 1810. Em 24 de Agosto seguinte mandou-lhe fazer um officio funebre, a que assistiu numeroso concurso composto das autoridades civis e militares e do povo.

Fundem-se em Villa Bella mais de cem mil crusados em ouro.

Os Indios Cabixys devastão as plantações das roças de S. Vicente Ferrer.

Neste anno chegou a Cuyabá o Dr. José Francisco Leal, juiz de fora nomeado.

1810

Em 4 de Janeiro de 1810 estabeleceu-se em Villa Bella em virtude das ordens reaes o tribunal da junta da fazenda, ficando extincta a provedoria com todas as suas dependencias.

Entrarão para a intendencia 183^{m}4°4^{a} 35^{s} de ouro.

1811

Fundem-se em Villa Bella 1878^{m}4°4^{a} de ouro (29^{a} 11^{b}4°4^{a}).

1812

Nasce na Baviera, a 31 de julho, a princesa D. Amelia de Leuchtemberg, que veio a ser a segunda esposa do Imperador D. Pedro 1.°, com o qual se casou em 17 de Outubro de 1829.

Fundem-se em Villa Bella 1718^{m}4°5^{a} 55^{s} (26^{a} 27^{b}4°5^{a} 55^{s}).

Em 10 de Novembro partiu de Villa Bella para Cuyabá afim de seguir para o Rio de Janeiro o Dr. José Francisco Leal.

1813

Em 18 de Março recebeu a camara de Villa Bella carta de Luiz Barba Alardo de Menezes pela qual lhe participava achar-se nomeado capitão general desta provincia. Nunca porem chegou a ella, por ser nomeado para um lugar do Conselho da Fazenda.

Neste anno de 1813 chegárão á capitania grande numero de Hespanhóes emigrados em consequencia da sublc-

vação dos povos Entre elles D. João Baptista Alta la Guirra, governador de Chiquitos e D. José Miguel Beserra, governador de Santa-Cruz-de-la-Sierra. No anno seguinte, no de 1815, 1816 ainda continuou a mesma emigração.

1815

Em 16 de junho chegou a Villa Bella, vindo do Rio de Janeiro o desembargador José Francisco Leal, nomeado ouvidor geral e corregedor da comarca.

Neste anno de 1815 chegou tambem do Rio do Janeiro o tenente coronel José Pereira da Silva Guimarães, com o encargo, para que se havia offerecido ao Principe regente, de estabelecer uma colonia no Salto do Theotonio no rio Madeira. No anno seguinte de 1816, a 9 de fevereiro, partiu com effeito este official para esta diligencia, cujo resultado ignoramos. Entretanto não existe actualmente no salto do Theotonio nenhuma povoação.

Por carta de lei de 16 de dezembro de 1815 foi o Brazil elevado á cathegoria de reino, unido ao de Portugal e Algarves. A chegada desta noticia foi festejada em Villa Bella a 9 de julho do anno seguinte.

O capitão Bento Pires de Camargo descobriu este anno o rio Negro confluente do Arinos, e deu a este lugar o nome de Porto Franco d'Oeynhausen, que ao depois se chamou porto da Boa-Esperança. Neste mesmo anno principiou o commercio com o Pará pelo novo vehiculo do Arinos, Juruena, Tapajoz e Amazonas.

1816

Em 20 de Março de 1816 falleceu no Rio de Janeiro a rainha D. Maria 1.ª, noticia que chegou a Villa Bella em 22 de Agosto.

Havendo o tenente de milicias Antonio Mendes Torres descoberto e dado a manifesto uma nova mina de ouro nas margens do Cabuçal, partiu a 21 de abril o Desembargador José Francisco Leal a repartil-a, mas conheceu-se que não valia a pena lavrá-la.

A 29 de julho deu-se principio em Villa Bella á ponte dos Barreiros, que se concluiu em 13 de Fevereiro de 1817. Tem 148 braças de cumprimento, com 144 esteios de aroeira por banda.

De Cuyabá se enviou este anno para se fundir em Villa Bella 16709 1/2 + 18716 1/4 + 12538 1/2 = 47964 1/4 de ouro em pó.

1817

Neste anno fundou o general João Carlos o hospital dos Lazaros em Cuyabá.

Tendo-se frustrado a sociedade que, em 1732, fundára o brigadeiro Antonio de Almeida Lara, então regente de Cuyabá, com o fim de encanar e conduzir á villa as aguas potaveis do ribeirão da Mutuca, intentou o general João Carlos renovar esta empresa. Criou-se com effeito uma sociedade, e parece que iniciou-se a obra; mas não se conseguiu levá-la ao cabo, entretanto que d'ahi resultaria grande vantagem aos habitantes de Cuyabá. Suppõe-se que o ouro que se extrahiria das excavações bastaria para cubrir as despesas do aqueducto e dar lucro aos empresarios.

A nação indigena dos Chanés, habitantes das margens do Paraguay, cançada de soffrer o jugo dos Guaicurús que a tratava como escravos, apresentou-se este anno ás autoridades portuguezas do Baixo Paraguay pedindo a protecção dos Portuguezes. Desde então vivem pacificamente sob o nosso dominio.

Neste anno, em 5 de Novembro, chegou ao Rio de Janeiro a Archiduqueza de Austria D. Leopoldina Carolina, esposa do Principe Real D. Pedro de Alcantara, que veio a ser (1822) o fundador do Imperio do Brasil e seu primeiro imperador. A noticia deste consorcio foi festejada em Villa Bella a 17 de março do anno seguinte de 1818.

Neste mesmo anno, a 16 de Março, houve lugar a revolução republicana em Pernambuco, contra a qual marchou e a sufficcu o novo governador e capitão general Luiz do Rego Barreto.

1818

Em 6 de fevereiro de 1818 foi acclamado no Rio de Janeiro El-Rei D. João VI.

Por carta de Lei assignada no Rio de Janeiro em 17 de Novembro de 1818 forão elevados á cathegoria de cidades as villas de Cuyabá e Villa Bella, conservando aquella o mesmo nome e tomando esta o de Matto Grosso.

Entrárão para a fundição 1070^{m}5^{oit}10^{g} de ouro.

Retirando-se para o Rio de Janeiro o Desembargador José Francisco Leal, entregou a vara ao juiz de fora Dr. Antonio José Carvalho Chaves. O Dr. Leal foi ouvidor de 1815 até este anno. Falleceu no Rio de Janeiro em ..... O Dr. Chaves é hoje conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça.

Neste mesmo anno de 1818 foi tal a carestia em Matto Grosso que chegou o sal a custar 48 outavas de ouro o alqueire.

1819

Sabendo João Carlos que se achava nomeado para o substituir por despacho de 4 ou 7 de julho de 1817 o tenente general Francisco de Paula Tavares Maggessi de Carvalho, tudo dispoz para a sua solemne recepção. Com effeito a 6 de Janeiro deste anno entrou em Cuyabá o novo capitão general; porem não querendo João Carlos, por motivos particulares, encontrar-se com seu successor, sahiu de Cuyabá por diverso caminho por onde entrava Maggessi, de sorte que se não encontrárão.

João Carlos Augusto de Oeyahausen foi um dos capitães generaes que melhor memoria deixou na capitania de Matto-Grosso, e de le ainda hoje se fala com veneração e saudade. Do governo de Matto-Grosso passou-se para o de S. Paulo, onde tomou posse a 25 de abril de 1819. Foi o ultimo capitão general de S. Paulo, e em 1821 foi eleito presidente da junta provincial da mesma capitania. Mais tarde depois da independencia do Brasil foi ministro de estado, senador do Imperio, e teve o titulo de marquez de Aracaty. Em 1831, por occasião da revolução de 7 de abril, retirou-se para Portugal, foi reconhecido cidadão portuguez e nomeado para o governo de Moçambique, onde morreu em 18... Em Cuyabá lhe fizeram pomposas exequias.

Em 4 de abril nasceu a princeza D. Maria da Gloria, filha primogenita do principe D. Pedro de Alcantara e de sua esposa a archiduqueza de Austria D. Leopoldina. E' hoje rainha de Portugal sob o nome de D. Maria 2.ª

A 22 de abril deu-se principio a construcção de um novo quartel militar mandado construir pelo general Magessi, assim como a uma casa de polvora. O edificio destinado para quartel é hoje o arsenal de guerra.

Em 21 de agosto parte de Cuyabá o tenente Antonio Pinto de Asevedo a explorar o rio Paranatinga, confluente do Tapajoz. Nesta excursão submetteu a nação Apiacá.

Houve grande epidemia este anno, de que morrerão na cidade de Matto Grosso 329 pessoas.

Entrárão para a fundição 898^{m}4°6^{g}49^{g} de ouro.

1820

Por alvará de 23 de Novembro de 1820, foi erecto em Villa do Alto-Paraguay-Diamantino, o arraial do mesmo nome.

1821

Em 24 (ou 26?) de fevereiro de 1821 havia el-rei D. João VI aceito no Rio de Janeiro a constituição das cortes portuguezas. A noticia deste acontecimento, que foi tão enthusiasticamente acolhido em todo o Brasil, chegou a Cuyabá em agosto do mesmo anno. O general Magessi, ultimo delegado do governo despotico na capitania de Matto Grosso, conseguira, por sua administração impopular, tornar odioso o systema politico, que regia então os dominios portuguezes; e se, de um lado, as idéas liberaes se insinuavão no espirito da população, tinhão de outro seus actos violentos preparado o golpe que lhe devião tornar amargos os ultimos dias da sua administração. Com effeito na noute de 20 de agosto reunirão-se os habitantes de Cuyabá, depuserão Maggessi e creárão o governo provisorio na forma da lei. O ex-capitão general, sahiu de Cuyabá a 12 de Setembro seguinte e fez a sua viagem pelo vehiculo fluvial até Porto Feliz. Foi mais tarde nomeado Governador da Praça de Montevideo, e condecorado com o titulo de Barão de Villa Bella. Morreu no Rio de Janeiro no anno de 1847 ou 1848?

Não podendo a cidade de Matto Grosso soffrer que a de Cuyabá invadisse as suas attribuições de capital, pela creação do governo provisorio, instituiu em 11 de Setembro do mesmo anno, um novo governo que se intitulou *provisorio e legal*, ficando de facto governada a capitania por duas administrações distinctas, o que occasionou não poucos conflictos, até que, em 18 de novembro de 1822, mandou a

côrte que o governo fosse exercido pela junta administrativa de Matto Grosso, o que foi executado em 30 de julho de 1823.

Os acontecimentos do anno de 1821, determinárão D. João VI, por decreto de 7 de Março, a mudar para Lisboa a côrte da Monarchia. No dia 26 de abril fez-se de vela para aquella cidade deixando seu filho primogenito D. Pedro de Alcantara como regente e seu logar-tenente no reino do Brasil.

1822

Em 1.° de Agosto morreu em Cuyabá o respectivo prelado D. Luiz de Castro Pereira, bispo *in partibus* de Ptolomaide.

No dia 7 de Setembro de 1822, achando-se o Principe regente D. Pedro nos campos do Ypiranga, na distancia de 3/4 de legua da cidade de S. Paulo, proclamou a independencia do Brazil; a 12 de Outubro seguinte foi no Rio de Janeiro acclamado Imperador Constitucional, e em 1.° de Dezembro sagrado e coroado.

1823

No dia 17 de abril de 1823 teve lugar no Rio de Janeiro a reunião da assembléa legislativa e constituinte da nação. Foi nella representada a provincia de Matto Grosso. Em 12 de Novembro do mesmo anno mandou-a o Imperador D. Pedro dissolver, promettendo pela mesma occasião uma carta constitucional, o que mandou executar por Decreto de 26 de Novembro, encarregando o Conselho de estado desta commissão.

1824

A 27 de maio deste anno chegou a Cuyabá D. Fr. José Maria de Macerata, monge capuchinho, natural da Italia, e prelado nomeado para Cuyabá. Este monge tinha anteriormente vindo a esta provincia na qualidade de missionario, e como tal enviado para catechisar os Indios do Baixo Paraguay. Em uma viagem que fez ao Rio de Janeiro, recebeu de D. Pedro 1.° a nomeação acima, que exerceu até o anno de 183., em que foi demittido pela regencia do Imperio por ser estrangeiro. Morreu no anno de 1846 e foi sepultado na igreja matriz do Senhor Bom Jesus de Cuyabá. Ainda depois de demittido continuou Frei José Maria de Macerata a gosar de todas as honras de bispo *in partibus*, bem que nunca lhe tivessem expedido as respectivas bullas, por intrigas (diz elle) de Monsenhor Vidigal.

A Constituinte e o dia 3 de Maio

POR

AFFONSO A. DE FREITAS

Socio effectivo do Instituto

A Constituinte e o dia 3 de Maio

E' por demais sabido que, em consequencia da reforma do calendario juliano ordenada em 1582 pelo papa Gregorio XIII, a data do descobrimento — official — do Brazil por Pedro Alvares Cabral foi corrigida de 23 de Abril para 3 de Maio, visto reconhecer-se errada a correcção do calendario romano, feita pelo vencedor das Gallias de parceria com o sabio Sosigenes, os quaes, com a generosidade que o grande capitão não soube ter para com o vencedor de Gergovia, concederam 672 segundos de tempo a mais ao anno solar, á custa do civil, que se atrazava na mesma proporção do adeantamento daquelle.

O que, porém, ainda não cahio no dominio da vulgaridade, sendo até ponquissimo conhecido, graças ao desamor que votamos ás cousas patrias e ao ciume com que se aferrolham os archivos publicos, conservando os documentos da ainda não escripta historia do Brazil fóra do alcance dos estudiosos e á mercê das traças, são os pródromos da installação, naquella data, da Assembléa Constituinte, em commemoração ao facto primordial da nossa historia.

Moreira Pinto, tratando ligeiramente do assumpto, diz, á pagina 10 da sua «Epitome da Historia do Brazil», que em 1822 (sic) Antonio Gonçalves Gomide, por insinuação de Diogo de Toledo Lara e Ordonhes propôz que, sendo o dia tres de Maio o do descobrimento do Brazil, fosse este destinado para a abertura do parlamento brazileiro, não deixando claro si o que o conselheiro Ordonhes insinuou foi a ideia ou a sua apresentação.

Da carta seguinte, pelo deputado Gomide, que era homem de grande valor intellectual, endereçada a um dos ministros, talvez a José Bonifacio, de facto mas não de direito, presidente do conselho, pois sómente a 20 de Julho de 1847 é que foi creado esse cargo, vê-se claramente que a idéa fôra concebida por aquelle deputado, tendo o conselheiro Ordonhes apenas o encorajado a apresental-a.

Eis a carta:

« Illm.º e Exm.º Sr. — Neste momento des-
« embarco, e irei á presença de V. Ex.ª logo
« que arrange o meu domicilio na rua da Ca-
« deia n. 13.

« Portanto, antecipo á minha apparição « pessoal.

« Conversando com o Sr. conselheiro Diogo « de Toledo, me occorreu uma ideia que elle « me insinuou propozesse a V. Ex.ª

« Lembrei me que o dia mais adequado « para a installação das Côrtes era o dia 3 de « Maio, motivada esta eleição em ser o da « descoberta do Brazil, na relação que tem com « o Cruzeiro austral, e com a bem lembrada « ordem do Cruzeiro imperial, não sendo in- « differente que na terra descoberta por um « Pedro, outro no mesmo dia lançasse a pri- « meira pedra no edificio eterno da nossa « constituição.

« Esta fixação do dia annunciada ao pu- « blico em um decreto com as razões e com a « força, harmonia e nobreza, que caracteriza « os espiritos de V. Ex.ª não deixará de fazer « grande impressão nos animos, e de excitar « esperanças e contentezas geral. Assim me « parece, mas V. Ex.ª melhor julgará. Deus « guarde a V. Ex.ª como muito desejo e pre- « cisamos. Rio de Janeiro, 12 de Abril de « 1823. — *Antonio Gonçalves Gomide.* » (1)

Iniciados os trabalhos preparatorios da Constituição a 17 de Abril de 1823, conforme determinara o decreto imperial de 14 do mesmo mez, foi ella effectivamente installada a 3 de Maio seguinte, mas a *primeira pedra do edificio eterno da nossa constituição* durou bem pouco tempo, pois o proprio Pedro que a lançara britou-a a 12 de Novembro, dissolvendo por um simples decreto e sob a pressão da força armada, o primeiro parlamento brazileiro, após 192 dias apenas de sua inauguração.

Antonio Gonçalves Gomide, graduado em medicina, era natural de Minas Geraes e veiu á tona de evidencia pela brilhante refutação, escripta em 1814 (2), da santidade da irman Germana, a estatica da serra da Piedade, preconizada *santa* pelos medicos-*papas* Antonio Pedro de Souza e Manuel Quintão da Silva, que lhe descobriram nos symptomas hystericos-rheumaticos algo de divindade para inteiro gaudio da credulidade popular.

Eleito por sua terra natal supplente de deputado á Constituinte, serviu desde a primeira sessão preparatoria em substituição ao deputado effectivo conego Francisco Pereira

(1) [illegible]

(2) [illegible]

de Santa Apolonia, que não tomou assento. Dissolvida a Constituinte, não mais voltou á camara baixa, sendo escolhido senador por Minas Geraes em 1826, mandato em cujo exercicio o surprehendeu a morte em 1835, aos 63 annos de idade.

***

Elegeram deputados á Assembléa Constituinte Legislativa, na seguinte proporção, as 14 unicas provincias que em 1822 se achavam organizadas no imperio recem fundado:

Minas-Geraes, 20 deputados; Pernambuco, 12; Bahia, 11; S. Paulo, inclusivé o territorio paranaense, que ainda lhe pertencia, 9; Rio de Janeiro, 8; Ceará, 8; Parahyba, 4; Rio Grande do Sul, 3; Rio Grande do Norte, Matto-Grosso, Goyaz, Espirito-Santo e Santa Catharina, 1 cada um. O Municipio Neutro e a provincia do Amazonas ainda não tinham sido creados, e as do Pará, Piauhy, Sergipe e Maranhão, convulsionadas pelo elemento recolonizador que as dominava, não conseguiram fazerem-se representar.

Dos 84 deputados que tomaram assento, sómente 52 estiveram presentes á installação solemne da Constituinte, contando-se nesse numero o dr. Antonio Gonçalves Gomide, deputado por Minas, Martim Francisco, pelo Rio de Janeiro, José Bonifacio, Antonio Carlos, Costa Aguiar, Souza e Mello e marechal Arouche, por S. Paulo. Deixaram de assistir a essa memoravel sessão, entre outros, o visconde de S. Leopoldo, deputado pelo Rio Grande do Sul e que tambem houvera sido eleito por S. Paulo, sua terra natal, e toda brilhante bahiana, da qual faziam parte o visconde de Cayrú, marquez de Abrantes Montezuma, marquez de Barbacena e marquez do Monte Alegre.

O conselheiro Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, o mesmo a que se refere o dr. Gomide em sua carta, eleito por S. Paulo, deixou de tomar assento, sendo substituido em toda a legislatura pelo supplente dr. José Correa Pacheco e Silva, secretario do ultimo governo provisorio de S. Paulo.

O conselheiro Ordonhes não mais foi eleito, e o dr. Pacheco e Silva voltou ainda á Camara nas quatro primeiras legislaturas, de 1826 a 1837.

A Mocóca

De sua fundação até 1900

POR

HUMBERTO DE QUEIROZ

Socio effectivo do Instituto

PANORAMA DE MOCOCA

IA DE MOCOCA

« *Laudator temporis acti.* »

AO LEITOR

A Cidade onde eu tenho residido, dos 20 aos 35 annos, o que vale dizer, a melhor epoca de minha vida; onde eu tenho, de par com a commodidade material, gozado da estima e consideração de meus conterraneos; onde nasceram meus filhos e crescem saudaveis e risonhos; onde eu tenho sido, emfim, relativamente feliz, bem merece de minhas pequenas aptidões algum serviço.

Si serviço é escrever a «*Monographia de Mocóca*», contando a meu bondoso leitor sua historia, seus costumes antigos, o progresso e o estado actual dessa Cidade, eu tenho conseguido meu fim e assim pago uma parte do muito que lhe devo.

Moço e sem conhecimento pessoal da gente que já se foi e das historias que vou contar, tratei de me inspirar e orientar nas bôas palestras que tenho tido com os meus amigos e velhos moradores de Mocóca, os Senhores: Coronel José Pereira dos Santos, Major Benjamin de Magalhães, Coronel Diogo de Figueiredo, José da Cunha Ferreira Campos e outros, alem dos fallecidos Barão de Monte Santo, Coronel Gabriel Pinheiro, Major Xavier de Souza e Capitão Jeremias Barbosa.

Assim como tambem encontrei valioso auxilio no habil e intelligente agrimensor, Snr. João Ulorico F. da Cunha, que graciosamente offereceu-me o mappa do Municipio e planta da Cidade, tanto como nos Senhores escrivães e outros funccionarios publicos, que da melhor vontade me franquearam seus archivos.

Esforçar-me-hei por ser imparcial: e si algo de injusto possa, por ventura, transparecer de meus conceitos, a critica que attribúa essa injustica não a mim, sinão á maioria da opinião dos antigos ou á historia tradicional; e isso basta para que meu temor seja infundado, pois, esses velhos e essa tradição, difficilmente mentiriam.

Escrever sobre o meio seculo de Mocóca ou antes sobre sua vida inteira, não é trabalho facil e si o livro que ahi

vae carece de merito literario que não tenho, representa, todavia, o producto de um trabalho longo, penoso e acurado.

Si esse grande encargo é peso de mais para minhas minguadas forças e si eu vou lutar com difficuldades serias para chegar a meu fim, mais difficil seria escrever para o futuro a historia de Mocóca.

Para o futuro, quando, mortos os velhos de hoje, testemunhas do que vou narrar, o historiador de então tivesse de se impressionar em lendas e tradições adulteradas e erroneas.

Faço bem em escrever agora essa historia e porque o faço na convicção unica de escrever um livro util para o presente e para o futuro, sem aspiração de gloria ou nomeada, mereço a tolerancia da critica. *Feci quod potui; faciant meliora potentes.*

Mococa, 10 de Abril de 1900.

H. de Queiroz.

Antes de 1846

TEMPOS PRIMITIVOS, ATÉ A FUNDAÇÃO DE MOCÓCA

Deixemos em paz a lembrança do rico hespanhol, D. Thomaz de Molina, o primeiro possuidor de sesmarias, e mais sesmarias por estas paragens, uma figura quasi prehistorica, um nome rodeado de lendas e multiplas tradições contradictorias, apezar de ter sido elle o dono de quasi a totalidade do Municipio de Mococa de hoje, naquelles tempos, sertão virgem.

Rememoremos tão somente os annos ultimos, que precederam á éra da fundação de Mococa.

Em 1840 a zona occupada hoje pelo Municipio e Cidade, de cuja historia nos occupamos, pertencia a Mogy-Mirim, termo que fazia parte da terceira comarca do mesmo nome e depois da septima—Mogy-Mirim e Franca.

A natureza dos terrenos d'essa zona, constituidos quasi em sua totalidade de puro massapé, algum salmourão e pequenas manchas de terra roxa, de mui favoravel disposição topographica, condições climatericas e riquezas naturaes foi attrahindo os lavradores mineiros que ahi vinham se estabelecer.

Apezar da pouca abundancia de correntes d'agua, as mansas collinas, os massiços elevados, os contrafortes de serras, vestidos de frondosas mattas virgens, e gordas pastagens; a amenidade do clima, alterada apenas pelos frequencia das febres palustres, em determinada estação do anno e, sobretudo, a grande altitude da região, 645 metros, em média, eram condições bastantes para que esta zona fosse o cahos, de onde devia resurgir, meio seculo mais tarde, o prospero e rico Municipio de Mocóca. de hoje.

Era já, em 1840, uma zona essa que gosava de fama, como sertão futuroso e promettedor.

E esse sertão ia-se povoando; entre os lavradores mais abastados d'esse tempo, tempo em que não existia uma só casa onde é hoje a Cidade de Mocóca, contavam-se os seguintes: Diogo Garcia da Cruz, na Alegria; José Christovam de Lima, na Agua Limpa; Antonio José Gomes, no Ribeirão do Meio; José Gomes de Lima, na Bôa-Vista; Francisco José Barbosa, na Pedra-Branca; José Caetano de Figueiredo, na Cachoeira; Joaquim Custodio Dias, na Lage; José Pereira dos Santos (Pae), em Sta. Thereza, todos já

fallecidos e Manoel Vicente da Rocha, que vive ainda, com perto de 100 annos, na Ressaca.

Entre esses nossos predecessores, encontrarão familias salientes de hoje, os nomes de seus antepassados.

Cultivavam-se a canna de assucar e cereaes e a industria pastoril se limitava á creação de gado vaccum e suino.

Apezar dos infimos preços d'esse tempo, da difficuldade de communicação com os mercados consumidores, Rio de Janeiro, S. Paulo, Santos e Campinas, a prodigalidade de uma natureza fecunda garantia aos lavradores de então, abundancia actual e relativos elementos de prosperidade.

Teciam pannos de lan e algodão para se vestirem, manufacturavam a mór parte de seus utensilios e instrumentos de lavoura, encontravam recursos medicos em seus conhecimentos praticos; emfim, muito pouca cousa, alem do sal e da polvora, compravam esses ousados e corajosos arroteadores de sertão.

E a zona ia-se povoando; as soberbas mattas virgens de viçoso verde negro e troncos colossaes, iam sendo derribadas pelo machado firme do mineiro tenaz e trabalhador; do mineiro, que foi o bandeirante povoador, de toda a extensa região que se estende do Mogy-Guassú ao Rio Grande.

E os cannaviaes vicejantes cobriam grandes extensões, enquanto o milho, o feijão e o arroz, com fartas colheitas, premiavam o arduo e perseverante trabalho dos antigos agricultores.

Lá se iam, estrada fóra, com grande sacrificio de longas e penosas viagens, as boiadas gôrdas, ora cançadas e tropegas, em paciente marcha, ora *estourando* em vivos redomoinhos, que terminavam em *deudas* disparadas.

E lá se iam lotes e mais lotes de burros, de ventas abertas, *linguas bebujantes, pelas poeirentas estradas, go*mendo um gemido rouco de martyres resignados, sob um continuo ranger de couros novos, levando em jacás de taquára, a pezada carga de 120 kos. de toucinho salgado.

Melhor era quando por esses sertões passavam negociantes especuladores, que, como se dizia, «compravam na porta».

E compravam um magnifico boi gordo por 25$000, ou um porco de 10 arrobas por 8$000!

Custava então uma gallinha 80 rs. e nada mais que 200 uma quarta de feijão

Apezar d'isso a zona se povoava e prosperava; de dia para dia, novos moradores por ahi se estabeleciam, espantando a onça, o veado e a anta, que por essas mattarias emmaranhadas, viviam ha seculos e seculos!

Era a guerra de conquista do homem, contra os indomitos e bravios habitantes das mattas, a invasão do progresso, a luta pela vida.

Foi, bem se diz, a caça abundante, um dos maiores attractivos para os novos habitantes.

Uma extensa matta virgem, terminando em capoeirão, pelas margens do Ribeirão do Meio, cobria a collina, onde hoje se ostenta o centro mais populoso e commercial da Cidade.

Cortavam essa região, a estrada que de Caconde procurava Casa Branca e uns trilhos que iam ter a Cajurú e ao arraial de Monte Santo.

Por esse tempo ja havia, na Alegria, o Padre Manoel Joaquim das Dores, ordenado a expensas do Cap.m Diogo da Cruz e por elle trazido de Dores do Pantano, para Capellão da Ermida da Alegria.

Foi n'essa Ermida, em 1837, que se rezou a primeira missa, na zona occupada hoje pelo Municipio de Mocóca.

Dois annos, apenas, ahi permanecen o Padre Dores, que voltou para Minas, depois de ter assistido ao fallecimento de seu bemfeitor, o Cap.m Diogo, em 1839.

O cadaver do Cap.m Diogo foi conduzido para Casa Branca e lá sepultado diante da porta principal da Matriz, hoje Egreja do Rosario.

Foi então que o Cap.m José Gomes e os Diogos, como então se dizia, que eram os filhos do Cap.m Diogo, assim como seus parentes, influiram para que viesse o Padre Manoel Machado da Assumpção, que aqui chegou em 1841.

Comprou por 6 contos de reis a Fazenda da Gramma, annos depois vendida por 800, vendendo-a logo e vindo dedicar-se á criação de gado, pela qual era apaixonado, nos bellissimos campos da Alegria, fazendo ao mesmo tempo o serviço religioso da Ermida.

Este padre ahi residiu até depois da fundação de Mocóca.

E a prosperidade da zona, o augmento dos habitantes, a promessa viva de um grande futuro, fizeram nascer no espirito dos homens do tempo, a ideia da fundação de um povoado, um centro para suas activas e já importantes transacções.

Em 1839, o abastado lavrador portuguez, Antonio José Gomes, cuja mulher, D. Catharina, era muito popular e prestante, doou a S. Sebastião e S. Francisco das Chagas, 16 alqueires de terras, nas margens do Ribeirão do Campo, depois corrego do Lino, uns 3 kilometros para Oeste do ponto occupado, hoje, pela Cidade.

A escolha d'esse local, desagradou mais tarde ao Cap.m José Gomes de Lima, que presentiu a inconveniencia de uma povoação, na visinhança de sua fazenda da Bôa Vista, servida por numerosa escravatura.

Em 1843, entrou em negociações com o doador e fez com elle uma permuta d'aquelles terrenos, *por outro maior*, nas margens do Ribeirão do Meio, onde é hoje a Cidade.

Para augmento do patrimonio, fizeram ainda pequenas doações os senhores: José Pereira dos Santos, Salvador Pedro de Moraes, Emygdio Antonio de Jesús, D. Theodora, Joaquim Gonçalves de Moraes e Domingos Antonio do Couto.

O auto de posse judicial do terreno do patrimonio doádo, reconhecido no espaço de 33 alqueires de planta de milho,

avaliado em *333$000*, em dinheiro, traz a data de 4 de Dezembro de 1847, sendo fabriqueiro Felicissimo Antonio Pereira, juiz municipal primeiro suplente, Antonio José Teixeira de Carvalho e Vasconcellos, official de justiça, Severiano Constantino Pereira, fiscal, Joaquim José Pereira; auto julgado por sentença de 15 de Dezembro de 1847, sendo Presidente da Provincia o Brigadeiro José Pinto Gavião Peixoto e vigario capitular do Bispado o Conselheiro Vicente Pires da Motta, segundo as pacientes e cuidadosas investigações do illustre publicista Dr. E. L. Bourroul— *Iskander*.

Por esse tempo, vindo de Cacondé, o abastado proprietario, Venerando Ribeiro da Silva, adquiriu a grande fazenda da Prata, transferindo para ella sua residencia.

Tomou logo vivo interesse pela nascente povoação e foi um dos mais salientes e enthusiastas pela ideia; determinou o local e organisou a planta topographica do novo arraial, sendo, mais tarde o protector da nascente Capella.

A seu lado trabalhavam com devotamento, José Gomes, Diogo Garcia, Gabriel Garcia, José Pereira, José Christovam e outros, aos quaes se devem os primeiros passos para a fundação de Mocóca.

A partir de 1843, foram se então construindo as primeiras casinhas de meia agua, como as de Venerando, D. Barbara, José Pereira e outros, não se levando em conta casebres e bertos de sapé, pertencentes a aggregados, que ja existiam pela margem do corrego.

Falleceu em 1844 o velho José Pereira dos Santos, sendo seu cadaver transportado para Casa Branca, acompanhado por seu filho e lá inhumado no Cemiterio da Villa.

Apezar de não se ter cuidado da edificação da Capella, os influentes de então ja haviam conseguido a creação official da povoação, que, *de facto* foi erécta Capella Curada, pelo Bispo D. Manoel Joaquim Gonçalves de Andrada, pela Lei n. 15, de 25 de Fevereiro de 1841, com o nome de S. Sebastião da Bôa Vista, pertencendo a Casa Branca, então creada Villa, em virtude da mesma Lei, fazendo, esta, parte do Termo de Mogy-Mirim, séde da Comarca do mesmo nome.

Em 1844, veio do Machado, caçar em S. Sebastião da Bôa Vista, em companhia de seus genros Vigilato, Domiciano e Joaquim, o *Capitão Mór Custodio José Dias*.

Ao passar pela nascente povoação a aristocratica cavalgata, esclamou o Capitão-Mór: «Olhem para ahi essas *Mocóquinhas*».

Dos que acompanhavam ao Capitão-Mór, entre outros, José Pereira e Diogo Garcia, alguem perguntou a siguificação do vocabulo *mocóquinha*.

Explicou-lhes o graduado caçador, que, em Ituruna, *onde havia elle residido, existia um bairro* com o nome *Mocóca* ou *Mocoquinhas*, palavras que significavam um certo numero de casas pequenas.

Encontraram originalidade na denominação e foram, desde logo, applicando-a ao novo arraial, ao qual chamavam —*o arraial das Mocócas*.

Parece haver razão na explicação dada pelo Capitão-Mór, quando é certo que essa palavra, inquestionavelmente indigena, deve ser uma corruptéla de *Mucoca* (*Mu-co-oca*) casa de pequeno esteio, casa pequena; *mu*, pequeno; *co*, esteio; *oca*, casa, etymologia adoptada pelo illustre philologo Lafayette de Toledo, opinião corroborada por Moreira Pinto e Emilio Mario, e que nós, fracos n'esses dominios, adoptamos em absoluto.

Baena, em seu «*Ensaio Corographico sobre a Provincia do Pará*», dá ao vocabulo Mocóca a significação de cerca ligeiramente construida nos riachos, por meio de páus fincados a prumo, para facilitar a pesca chamada *gapuya*, devendo ser a palavra decomposta assim—*mi-i-co-oca*.

O Dr. João Mendes de Almeida, de veneranda memoria em seu *Dicionario Geographico* e *Etymologico* (obra inédita) diz:

«*Mocóca*, nome do ribeirão, corruptéla de *Mbo iquê, og, ca* — encerrado dos lados — de *mbo*, particula activa, de *job*, é quasi imperceptivel na pronuncia quando prevalece o *m*, conforme a lição dos grammaticos, *iquê*—lado; *og*, encerrar, com o suffixo *ca*, (oreve) para formar supino. Allusivo a correr entre morros.

Mesmo na Cidade assim é: pois que está rodeada de quatro morros e o rio corre entre elles.

Somos propensos a adoptar, como verdadeira, a primeira opinião, que, alem de respeitar a uma etymologia facil e natural, respeita tambem á tradição historica, sufficientemente confirmada e vulgarizada.

Para que se adoptassem as opiniões de Baena ou do Dr. Mendes, aliás respeitabilissimas, seria preciso que se acreditasse que foi o Ribeirão que deu o nome ao arraial, quando o que se deu foi justamente o contrario: o ribeirão que se chamava e ainda hoje alguns o denominam, *Ribeirão do Meio*, porque corre entre (no meio) dous outros — o do São João e o do Campo. E só foi mais tarde, quando a denominação de Mocóca estava vulgarizada em relação á povoação, que alguns chamaram a esse riacho, o *Ribeirão da Mocóca*.

Accresce mais que, em relação ao que diz o Dr. João Mendes, a hypothese de sua etymologia é inadmissivel, quando é fóra de duvida que o vocabulo *Mocóca* ja existia de ha muito, quando foi conhecido o *Ribeirão do Meio*, que, é certo, corre entre morros.

A de Baena, que pode ser verdadeira em relação a outro ponto qualquer, mesmo assim não seria mais de que uma homonymia do vocabulo discutido, accrescendo ainda que, depois das mais minuciosas indagações, não me consta terem sido usadas pelos antigos, as *cercas de pesca* no Ribeirão do Meio.

Assim tambem a tradição não justifica a etymologia adoptada pelo illustrado Snr. José Honorio de Silos: *mboyoca*, casa de cobras, sendo todavia exacto que as cobras abundavam muito nas margens do Ribeirão do Meio.

O que é real é que a denominação vulgar ficou estabelecida, apezar de ser o nome official da freguezia e até da villa — São Sebastião da Boa Vista, até 1875, quando a villa foi elevada a categoria de cidade, com o nome de Mocóca, nome que foi, é e será; razão tem Lafayette de Toledo, dizendo: ...«Mocóca, nome que já agora a localidade não perderá mais.

E o novo arraial da Mocóca ia prosperando, ainda que lentamente: já contava em 1846 umas 12 casas regulares e uns 80 a 100 habitantes.

Foi pelo mez de Julho desse anno, que se deu começo á edificação da capellinha de São Sebastião.

Um denso capoeirão cobria a encosta onde é hoje o largo da Matriz Velha.

Venerando Ribeiro José Gomes, Gabriel Garcia, Diogo Garcia, José Christovam, José Pereira, Antonio José Gomes, Manoel Ananias Barbosa e outros, reuniram-se e com numerosa turma de camaradas e escravos procederam á *derrubada*, em trabalho alegre e festivo.

Os mais enthusiastas tomávam aos camaradas as fouces e machados, fazendo-os reluzir ao sol vivo e ardente, que descia do azul purissimo do céu de sertão.

Devia ser curioso ver o emprehendedor Venerando, de machado em punho, desafiar aos circumstantes, com excepção de Diogo Garcia, para o córte de um grosso tronco de peróba.

E razão devia ter Venerando para temer-se de Diogo Garcia, que possante e agil devia ser com 24 annos, attendendo-se á rija robustez que ainda conservava em 1902 o Coronel Diogo, com quasi 80 annos de edade!

Acceito o desafio pelo cap.m José Gomes, essa coragem valeu-lhe uma derrota: *ficou na casca*; e a seu contendor, festejada victoria.

Arroteado o capoeirão, depois de outros desafios, como o de Diogo Garcia e José da Cunha e outras manifestações de bem justificavel alegria, Venerando determinou o local da Capella, que foi construida em poucos mezes, graças aos auxilios de todos aquelles nossos heroicos precursores, concorrendo cada um com seu contingente.

A Capella, que ainda hoje existe como Capella-Mór da Matriz Velha, tendo na frente um grande rancho de sapé, foi inaugurada pelo Natal do mesmo anno de 46, rezando a missa, que foi concorridissima, o padre Manoel Machado da Assumpção.

Estava então, de facto, fundada a povoação que tão vivo progresso e desenvolvimento, devia manifestar 40 annos mais tarde.

1846 a 1856

A CAPELLA CURADA

A edificação da Capella impulsionou ao movimento progressivo do Arraial, ao mesmo tempo que a plantação de canna e a criação de gado se desenvolviam, alargando as transacções e facilitando os recursos da vida material.

Pouco faltou para que Mocóca já se pudesse dizer povoação rica e futurosa; elementos, pelo menos, não lhe faltavam.

Tinha já seu primeiro estabelecimento commercial, a vendinha do *Panelleiro*, Joaquim José Viegas.

Um homem original, o Panelleiro: de palavra, honesto e trabalhador, mas, não raro, dedicava oito dias a fio, a uma bebedeira sem tregoas.

Que se apertasse com elle a mulher, que por sua ordem cantava para dentro da venda umas cantigas tremulas, medrosas, resignadas, terminadas as quaes, o *Panelleiro*, na porta da venda da Vargem, berrava a pulmões cheios: «Viva minha Velha!» — salvando com o estrondo de dous tiros de garrucha!

E não era jacobino o *Panelleiro*!

Tinha tambem já a Mocóca seu sapateiro, o preto Francisco de Salles, que perambulava pelas fazendas, em busca de serviços, bem raros então.

Pouco se demorou para que tivesse sua loja de fazendas, em uma boa casa de telhas, no local onde é hoje a casa dos Snrs. J. Palermo & C.ª, a loja do Felicissimo, ou antes do Senhor Felicissimo, pois foi logo inspector e fabriqueiro, o Sr. Felicissimo Antonio Pereira.

Felicissimo, como seus collegas de inspectoria, Joaquim José Pereira e José Mendes Carneiro, distribuiam justiça summaria e despoticamente ao talante de suas altas sabedorias.

Mas, quem sabe si justiça mais justa era essa, de tronco de campanha para os homens e duzias de bôlos para as mulheres, do que essoutra que se baseia em um labyrintho de artigos e paragraphos e transcendentaes theorias de direito, sujeitas a um infinito de interpretações, custando rios e rios de dinheiro?!

E a futura riqueza de Mocóca e do Estado de S. Paulo, a lavoura de café, teve ja sua vida embryonaria.

Para o gasto da fazenda da Agua Limpa, tinha José Christovam de Lima, café plantado em 1844, do qual cedia, a amigos, a 4$000 a arroba, uma pequena parte.

O primeiro café vendido em Mocóca, como genero de negocio, foi o de Venerando Ribeiro, que havia plantado em 1845, um terreno de tres quartas, sem alinhamento, de 5 em 5 palmos... mas, estava lançada a ideia, o exemplo estava dado.

E o bom, o popular, o benemerito cap.m José Gomes, influia, por sua vez, para o progresso do arraial, animando com boas palavras e conselhos, dando madeiras e auxilios de toda a especie aos novos moradores.

E a gente do arraial novo não se deixava avassallar pela tristeza da solidão d'essa embrenhada mattaria.

Divertiam-se, folgavam, dançavam e os meritos choreographicos dos povos de então, se resumiam no *catêrêtê*.

Os echos d'essas remotas paragens sertanejas, eram acordados, pelas caládas noites de luar, com as lamurientas e nostalgicas cantigas do caboclo robusto, que pedia á lua um balsamo para a alma, com o corpo moido por um trabalho de sól a sól.

Chorava o pinho — era a vióla acompanhando em surdinas, a canção do sertanejo.

Derreavam as cabeclas faceiras em voluptuosos requebros... *prompto, mulata*! gritava um violeiro, atirando um verso, acompanhado de uns olhares derretidos, quebrados e humidos...

«Da palma nasce o palmito,
«Do palmito nasce a palma,
«Eu quero que vancê diga,
«Quem entra no ceu sem alma!

Formava-se a roda — estava *ferrado*!

Depois dos primeiros versos, as primeiras palmas isochronas, seguidas de um sapateádo firme, que dava um som surdo a perder-se por esses valládos!...

Corria a pinga!

Os olhares se incendiavam de voluptuosidade; a dança *pegava fogo*!

Reluziam na cinta dos violeiros os canos das garruchas e as bainhas das *prateádas*, ao mesmo tempo que o ciume faiscava nos olhares sexuaes.

A pinhóra fumegante de café cheiroso corria a roda, enchendo successivamente a tigellinha de loiça e excitando de mais a mais aos dançadores.

Socavam facadas de estalar — era o batuque, o delirio, o prenuncio de desaguisados.

«*Arregaça*»! berrava um caboclo... Era o fim do mundo, ás vezes precedido de um — «o sabão para ser molle»...

Que saudade ainda alguem sente da casinha terrea da Mariannninha do Cabo Verde! E que filha que ella tinha — a Maria! Que lindeza!!

Que saudade! Os olhos ainda marejam, quando a gente se alembra d'isso!

Gente que vive de lembranças quasi mortas!...

E o batuque chegava ás raias do desespero: uma má palavra, um olhar de esguêlha e zás! estava armado o *guaiá*!

Sopapos estalavam; socava-se a faca no bucho do proximo, sem a menor ceremonia; roncavam dous canos de garrucha e... acabou-se a festa!

Lá que ficasse um estendido, era o de menos; e um desaguisado não era nada de mais.

Soldado morava longe e ficava por isso mesmo, e ia-se vivendo.

Si morresse alguem, enterrava-se ali para traz da Capélla, que era o cemiterio do tempo; ali ou lá, entre as cabeceiras do Sucury e do Guardinha, onde hoje, cercada de barba de bóde, se eleva uma Cruz, solitaria e triste, abrindo os braços mysteriosamente, desesperadamente, ao viajante que atravessa aquelles bellos campos sem fim!...

Muita gente ali e lá ficou!

Mas, apezar d'isso, o que não se póde duvidar, é que, relativamente pacato e ordeiro era esse povo. apezar d'isso e mesmo porque os bôlos nas mulheres eram puchados a sustancia e um tronco de campanha ao sól quente, incandescendo o ferro que queimava os pulsos e as pernas, ou gelado ao sereno da noute, ao ar livre, deixava muito a desejar.

Eram raros os crimes serios e quando se dava um caso como o do *Chapéu de Couro*, que, com um tiro de espingarda, enrolou o Salvador, era mais frequente ir o criminoso mais para o fundo do sertão, do que para a cadeia da Villa de Casa Branca, como fez o *Chapéu de Couro*, que não se sabe onde foi morrer.

E tudo isso não impedia que houvesse trabalho serio e perseverante, capaz de produzir grandes fortunas e solido futuro.

Para exemplo citemos a fórja do honrado José da Cunha, que bufava noite e dia em continua labuta, incandescendo o ferro, que se achatava na bigorna, borrifando faiscas, sob as martelladas firmes do tenaz trabalhador, hoje o Senhor José da Cunha Ferreira Campos, abastado fazendeiro e capitalista, velho de quasi 80 annos.

Continuava como cura d'almas da Capella, o padre Manoel Machado da Assumpção, que dedicava-se tambem á criação de gado, em campos que lhe davam os Diogos, praticando tambem os actos religiosos da Ermida da Alegria.

O padre Machado, relativamente aos meios de que dispunha, bons serviços ia prestando a seus curados, apezar de seu temperamento violento e atrabiliario, muito desculpavel, quando era certo que o padre Machado perdia as estribeiras fosse com quem fosse, que lhe chegasse a mostarda ao nariz.

«Machado é de ferro duro, aço que não vérga e alcobaça é panno molle» — dizia elle batendo o pé dentro da Capélla, ao padre Alcobaça, de Casa Branca, então vigario da vára, a proposito de um desconcerto qualquer — era independente.

Foi só em 1848 que se retirou o padre Machado, indo para Casa Branca e ahi fallecendo, em 20 de Outubro d'esse mesmo anno.

Foi então contractado, para substituil-o no serviço da Capélla o padre Manoel Euzebio de Araujo, vindo de Uruenia, e ordenado em Goyaz, aos 47 annos de edade.

Foi este padre que collocou em 1850, no altar da Capella, a imagem do orágo — S. Sebastião.

Não completou dous annos de residencia em S. Sebastião da Boa Vista o padre Araujo; retirou-se e veio a fallecer, mais tarde, em S. Simão, a 10 de Janeiro de 1869.

Em 1852 occupava o curato o padre Manoel Marques, que, por sua vez, pouco se demorou, occupando em 1853 seu lugar vago o padre João da Fonseca e Mello, que permaneceu no sitio até sua elevação a freguezia, em 1856.

Fez, com auxilio de subscripção popular, o primeiro cemiterio, *ainda hoje chamado Cemiterio Velho*, cercado de taipas, que logo desmoronaram, devido á má qualidade da terra empregada.

Vivia em companhia de sua irmã, *Séa Margarida*, cega, que, apezar disso, bordava, tecia e dançava a fazer maravilha. Foi um padre popular, estimado e cumpriu com singeleza os deveres de seu curáto.

Foi-se observando, d'essa epoca em deante, um incipiente movimento politico, que mais tarde tomando incremento, tão util foi ao progresso da localidade, quão nefasto e prejudicial se tornou na ultima decada da vida de Mocóca, tolhendo-lhe, por todos os modos, a marcha progressiva.

Os chefes de Casa Branca e Mogy-Mirim entendiam-se em Mocóca com o cap.m José Gomes de Lima, chefe do *partido conservador, mais numeroso e forte*, ou com Venerando Ribeiro da Silva, chefe dos liberaes.

Marcada que fosse uma eleição, lá se iam, caminho de Casa Branca, as duas legiões de votantes de Mocóca.

Foi por esse tempo, mais ou menos em 1850, que o Tenente Gabriel Garcia de Figueiredo, mais tarde (1885) Barão de Monte Santo, começou, auxiliando a seu primo o *Capitão José Gomes no movimento politico conservador*, a fazer seu nome considerado e respeitado.

Já com o merecimento de lavrador abastado e mocóquense influente, sentiu necessidade de representação e fez construir o velho sobrado, a melhor casa do tempo e que ainda hoje existe, reformado, ao lado esquerdo da matriz velha.

E tanto se fazia manifestar já sua influencia, que fôra em 14 de Novembro de 1849, nomeado Tenente—Commandante da Secção de Cavallaria da Guarda Nacional de Casa Branca.

Muito auxiliaram á popularidade e valimento do prestigioso cidadão, os dotes de sua virtuosa esposa, D. Maria Carolina de Figueiredo, bondosa e caritativa senhora.

Poderoso auxilio encontrava ainda o nascente chefe, para a sua ascenção no conceito popular, em seu irmão Diogo Garcia, pela sua posição pecuniaria e elementos de popularidade real e merecida, tanto que, ja havia sido em 1855, supplente de Juiz Municipal de Casa Branca.

Muito auxiliaram tambem ao Tenente Gabriel, seu irmão José Caetano de Figueiredo, alem de outros influentes adeptos do partido conservador.

Em 1856, dominando o ministerio conservador do Conselheiro Euzebio de Queiroz e devido á influencia do chefe d'esse partido, Capitão José Gomes, n'esse empenho de mãos dadas com o chefe liberal, Venerando Ribeiro, conseguiu-se a elevação da Capella á categoria de freguezia, pela Lei n. 15, de 5 de Abril de 1856, sob a Vice Presidencia da Provincia, do dr. Antonio Roberto de Almeida, que succedeu ao Dr. José Antonio Saraiva e serviu no cargo de 16 de Maio de 1855 a 26 de Abril de 1856.

A freguezia creada, com a denominação de S. Sebastião da Boa Vista, pertencia á Villa de Casa Branca, termo que fazia parte da Comarca de Mogy-Mirim.

O povo, porém, soberano sempre, não acceitou a denominação official, e a nova freguezia só gosava desse nome em actos officiaes; era sempre *A Mocóca*—a nova povoação.

Só teve a sancção popular o nome *dado involuntariamente* pelo Capitão-Mór Custodio José Dias; e com justa razão veio esse nome a predominar mais tarde, mesmo officialmente, quando Mocóca mereceu, em 1875, os fóros de Cidade.

1856 a 1871

A FREGUEZIA

A freguezia de S. Sebastião da Bôa Vista não contava, em 1860, população superior a 1500 almas, dando indicios já, porem, de proximo desenvolvimento.

Bom foi que viessem logo os Juizes de Paz e auctoridade policial, substituir ao mandonismo despotico e á justiça *sui-generis* dos inspectores de quarteirão.

A justiça, então, tornou-se, sinão mais justa, pelo menos mais formalizada, apezar de continuar ainda e por muito tempo, o regimen do tronco de campanha, o que se justificava pela pouca segurança que offereciam as casas, que, como a do José Narcizo, serviam de cadeia, nos casos de delictos serios.

Fez-se a primeira eleição e dentre os Juizes de Paz eleitos occupava o primeiro logar o nome do Capitão José Gomes de Lima, que foi sempre reeleito, até sua morte em 1866.

Foi o Capitão José Gomes o Juiz de Paz por excellencia; foi o intermediario anonymo de discordias, o apasiguador de contendas, o elemento de paz e de ordem, emfim.

Conta-se que não poucas vezes, recebendo o Juiz uma petição de citação por divida, chamava o devedor, offerecia-lhe dinheiro e terminava assim a questão!... *tempora mutantur*. Serviram durante os 15 annos da freguezia, diversos escrivães—Joaquim Vieira, Joaquim Felisbino, Alcobaça e Manoel Severino, que, em horas vagas, dava de rabeca ou cpheleyde, para alegrar os povos; foi o primeiro musico de Mocóca.

Quem não se der ao trabalho, aliás curioso, de folhear os velhos alfarrabios carunchosos do Cartorio de Paz, não imagina o que ia por esse tempo!

Basta dizer que encontramos escripturas lavradas na parte interna da capa do papelão de um dos livros de notas!

Proporcionava ensejo esse archivo, para intrincados problemas, só resolviveis por archeologos decifradores de hyeroglyphos... e assim se escrevia a historia!

Só quando em 1870, foi nomeado escrivão de paz o Sr. Benjamin de Magalhães, o serviço do cartorio se tornou

limpo, regular e methodico, sendo o primeiro trabalho desse escrivão, o testamento aberto de Venerando Ribeiro, documento que, contra a nossa expectativa, nada encerra de notavel ou interessante.

Como representantes da freguezia de S. Sebastião, na Camara Municipal de Casa Branca, figuraram nos tempos a que nos referimos diversos nomes que são:

Vigilato José de Souza, de 42 a 44, e de 44 a 48; José Christovam de Lima, de 48 a 52; Diogo Garcia de Figueiredo, de 52 a 56; finalmente Gabriel Garcia de Figueiredo, de 52 a 56 e de 60 a 64.

Maiores distinções e honrarias estavam reservadas ao Tenente Gabriel, como se verá.

Servia como egreja matriz a antiga capellinha, erecta em 1846.

O padre João de Mello, de quem já nos occupamos, permaneceu em a nova freguezia, até 1857, tempo em que o substituiu o religioso capuchinho Frei Angelo, que foi o primeiro vigario encommendado de Mocóca.

Serviu até o anno seguinte, tendo como auxiliar, proparocho, o padre Angelo Alves de Assumpção, então vigario de Caconde, que substituia a Frei Angelo, quando este ia a Missões, o que era frequente.

Frei Angelo retirou-se em fins de 59; ficando assim vaga a parochia, o Tenente Gabriel Garcia fez vir do Rio de Janeiro, o padre Lourenço Evangelista Lameglia em 1860. O padre Lourenço, o primeiro italiano que residiu em Mocóca, ahi permaneceu até 1864; era um homem intelligente e de illustração pouco vulgar.

Apezar de ser vigario provisionado, ganhava a mensalidade de cem mil reis, que lhe era dada por seus Parochianos.

Promoveu e presidiu a melhoramentos na Matriz. Foi em seu tempo que se fez o corpo da egreja, sobresahindo n'esse melhoramento valiosos auxilios prestados pelos Figueiredos, que foram, todavia, por sua vez auxiliados por outros mocóquenses, zelosos ao brilho e decencia do culto catholico.

Fez-se ainda em seu tempo, por subscripção, uma casa para residencia dos vigarios, onde é hoje o elegante chalet do sr. José Pedro de Figueiredo, casa que muito mais tarde foi dada a seu substituto.

Em 1864, retirando-se o padre Lourenço, substituiu-o o padre Joaquim Feliciano do Amorim Sigar, vindo do Espirito Santo do Rio do Peixe, e que, em 1831, segundo a Lei de 20 de Setembro de 1830, fôra já eleito juiz de facto do Jury do Termo de Mogy Mirim.

O padre Joaquim tinha já mais meio seculo de serviços á Egreja, prestados em diversas parochias, desde sua ordenação pelo Bispo D. Matheus, de quem fôra famulo.

Apezar de já contar quasi 90 annos, quando foi nomeado para S. Sebastião da Bôa Vista, o que valeu-lhe a al-

cunha de *Padre Velho*, era meticuloso em sua escripta ecclesiastica, attencioso e prociente para com seus parochianos.

Tinha apenas uma vaidade na vida; um bello sermão da Soledade, que havia decorado de um auctor qualquer, sempre repettido, no qual se resumiam suas aspirações e glorias.

Severo cumpridor de seus deveres ecclesiasticos, foi pelo Bispo D. Sebastião, honrado com uma distincção; «*podia usar solideu, anel com pedra e banda roxa, com borlas da mesma côr*,» distincção pela qual se desvanecia.

Foi em seu parochiato que se fizeram na Capella-Mór e altares lateraes da Egreja, as obras de talha que ainda perduram, trabalho de muito valor, relativamente á época.

Foi ainda em seu tempo que se reconstruiu o cemiterio, que foi cercado de muros de pedra, sendo nessa obra, muito saliente o concurso dos Christovães.

Prohibiram-se então os enterramentos dentro da Egreja e suas adjacencias, com excepção de alguns de homens de alta consideração, que se fizeram ainda, em annos posteriores, dentro da Egreja.

Apesar de sua adeantada edade, quasi cégo e alquebrado, a fazer compaixão, o *Padre Velho* prestou serviços até 1880.

Impossibilitado, então, em absoluto, de serviço da Egreja, com 114 annos, teve por auxiliar o Padre José d'Anacassuerd, actual vigario de S. José do Rio Pardo, então recentemente ordenado.

O velho Padre Joaquim, doente e invalido, vendeu por necessidade pecuniaria a casa que lhe havia sido dada, viveu em extrema pobreza, com exclusivos e minguados recursos da caridade publica e falleceu em 1886, com 120 annos de edade, como se vê em assento do Livro de Notas numero 1.

Entre os tres escravos que trouxe o *Padre Velho*, veio o conhecido João de Antonio—o *João Estigarribia*, velho preto que lhe servia de sachristão.

Preto pernostico, bom falante, fecundo chronologista, conservador patricta, com ares affidalgados de ex-creado do Conselheiro Euzebio de Queiroz e do Duque de Caxias, que o fôra, dizia. Era pretenso a aristocracias o velho Estigarribia, e, verdade seja dita, sabia mais de historia contemporanea do Brasil, com datas e minuciosidades, do que muita gente que tinha nome na historia.

Tinha convivido com Pedro II, dizia elle,—o Imperador, e fallava do Paço do velho Monarcha, victima dos patriotas de 15 de Novembro, com mães de familiaridade e camaradagem.

Sobreviveu a seu senhor, que o libertára; serviu ainda como sachristão de outros padres, servia de troça ao rapazio vagabundo e imbecil e morreu em 1897, com mais de cem annos.

Pobre João!

De pouco lhe valeu a *pose* aristocratica de homem independente—morreu mendigando!

Para conduzir seu encarquilhado cadaver á ultima morada, fomos nós, alguns amigos do negro secular, avisados á ultima hora, levar esse corpo abandonado e já em decomposição, ao mundo do esquecimento.

Como o tempo consumiu o *relogio de sól*, do largo da Matriz, do qual tanto se orgulhava o Sachristão do *Padre Velho*, o tempo consumiu tambem o antigo Sachristão... *tout passe*!

Apezar dos esforços do Padre Joaquim, improficuos pelo estado do velho vigario e pelas condições do meio, bem descurado e irreguiar devia ser o serviço ecclesiastico, nos primeiros annos da vida da Freguezia: exgottados os recursos na reconstrucção da Matriz, poucos em condições de prestar auxilios pecuniarios, minguados os rendimentos da parochia, que precisava fazer ordenados para manter vigarios, era justo que D. Antonio, tantas faltas notasse na Egreja e dependencias, como se vê de alguns trechos que destacamos de seu provimento, em visita pastoral realizada em Julho de 1858.

«Não visitamos a pia baptismal, por não haver, apezar «de já ter annos de curada e dous de creada a Freguezia.

«Visitamos o tabernaculo e não encontramos o forro de «sêda, nem fóra o pavilhão. A ambóla tem uma coberta «já indecente e que se deve renovar de sêda emcorpada. «Não tem lampada para n'ella arder luz deante do S.S. «Sacramento, nem baldaquino, nem umbélla.

«O cemiterio está aberto, o que é muito indecente.

«Deixamos de esmola, em mãos do Senhor Tenente «Diogo Garcia de Figueiredo, a esta Matriz, a quarta parte «do que renderam as offertas do chrisma, no valor de «81$630 rs. N'este valor se mande vir umbélla e baldaquino e sacras, que, nos pareceu, não tem; si a terra para «taipa não for bôa, cerquem o cemiterio de tabuas de peroba e bons mourões e portão fechado e cruz dentro, como «deve ser. D'ora em diante, cessão todas as festas, terços «na rua e mesmo de promessas, até que as cousas apontadas fiquem promptas.

«Não podemos não lamentar este desleixo para as cousas de Deus... etc.

«Dado em visita pastoral, na Villa de Casa Branca, aos «31 de Agosto de 1858.

«Eu, Padre Raymundo Marcolino da Luz Cintra, escrivão da visita, a subscrevi. — ✝ *Antonio, Bispo Diocesano.*»

Como se viu e se verá, esses males foram sendo remediados, ainda que mui vagarosamente.

Não menos falha que a cura das almas era então a cura dos corpos.

Que se contentassem os mocóquenses d'esse tempo, com a botica de José Bento Vieira Serzedello, estabelecido em 1862, em substituição aos *raizeiros*.

Apezar de unico, o primeiro boticario de Mocóca ainda tinha tempo para ser rabula, medico, e ainda para ter espirito; e o teve, quando denominou *Republica*, ao bairro de Leste da Freguezia, á margem direita do Ribeirão do Meio. E tanto o teve que a denominação ficou e passou em julgado pelo juizo popular.

Os continuos sarilhos, as repetidas desordens que se davam entre os habitantes do bairro, justificavam bem o nome dado pelo antigo boticario, que tinha já intuição do que deveria ser sua Patria, 35 annos mais tarde.

Bons serviços prestou a botica de José Bento e bons serviços prestaram os boticarios que o succederam — Belizario Rodrigues Lages, que era tambem cirurgião e *chloroformisava* a bordoadas; o caritativo e prestavel José Caetano de Abreu e mais tarde os curandeiros Pedrosa e Cysterna e o infeliz Augusto Boticario, que depois de tantos sacrificios desinteressados, morreu para ahi, abandonado e á mingua, em estado lastimavel.

Philantropia, altruismo!..

Cousas theoricamente muito bonitas, palavras sonorosas e campanúdas; praticamente, porém, só conseguimos autenticar a ingratidão e o egoismo como meios seguros de successo e bem estar.

E ainda ha quem acredite no proverbial *tac el spera*.

E os povos de então viviam ás mil maravilhas.

Curavam febres sem thermometros e curavam tudo sem a chusma de medicamentos novos que invadiu a therapeutica moderna, sem o delirio de theorias scientificas contradictorias e falsas que hoje movimentam o mundo da sciencia, para serem amanhan esquecidas ou abandonadas.

Theorias microbianas, liquidos organicos, serums! Estupendos progressos da sciencia nova! E' muito rapido o caminhar.

A carreira com quédas successivas, não ganha terreno.

Mais factos, mais criterio nas experiencias e menos hypotheses scientificas, que a humanidade quer viver.

Mas, deixemos d'essas alturas, ás quaes nos elevamos com azas de Icaro e continuemos a essa despretenciosa chronica dos tempos que já se foram.

O publico de Mocóca, até 1863, jamais havia gosado de espectaculos publicos de qualquer natureza, si não contarmos as *Cavalhadas*, divertimento predilecto e aristocratico dos antigos.

Os mais velhos recordam ainda com saudade e enthusiasmo, os passados tempos em que *cavalleiros* firmes e elegantes como o Tenente Gabriel, o Tenente Diogo, Joaquim Garcia, o Major Antonio Garcia, Francisco Antonio, Casemiro Pires e outros, *mouriscos e embaixadores*, electrisavam o publico, disputando a palma da victoria, nesses tor-

neios de agilidade, garbo e firmeza, com que cavalgavam seus gôrdos, escolhidas e fogosos cavallos.

Que os havia de 400$000, que, por estas paragens, n'aquelle tempo, era uma respeitavel quantia!

Foi quanto custou a Casemiro Pires o cavallo *Fanchão*, um soberbo castanho de clinas pretas.

Eram as Cavalhadas o divertimento que se proporcionava ao povo, por occasião das festas religiosas e era tal o enthusiasmo que dispertavam, que os acontecimentos mais extraordinarios não as interrompiam.

Corria-se; o Barbosa de Cajurú, que se havia regalado em farta mesa do Tenente Diogo, vae correr tambem; morre na arena, fulminado por uma apoplexia!

Que se havia de fazer?!

Continuou se a correr!

E as lansinhas e setins e fitas azues e vermelhas, em uniformes mirabolantes e espalhafatosos, se misturavam de tempos em tempos no Largo da Matriz, onde se correram cavalhadas, até 1875.

Foi em 1863, pelo S. João, que pela primeira vez se fez, em Mocóca, ideia aproximada do que era theatro.

De facto, o primeiro espectaculo não foi mais do que o embrião de um theatro tão prospero, como se tornou em nossos tempos, o de Mocóca.

Em um terreno, vago por esse tempo, onde é hoje a casa do Senhor Francisco Domasi, foi armado um theatro de ramas e copádas de palmeiras — folhagem verde, que pela côr, bem prognosticava a marcha progressiva do emprehendimento.

Representou-se o *Ermitão da Cabana* e *Napoleão em Santa Helena*.

Devia ser interessante ouvir-se a phrase correcta e elegante do Tenente Joaquim Raymundo, fazendo o *Visconde de S. Thiago*, a perder-se atravez da ramada dos palmitos, por essa noite estrellada e fria!

Bem curioso devia não menos ser o *aplomb* do austero Snr. Capitão Luiz Penna, que era então o *Pedro Pues*, pae de *Ausenda*. Quem diria?!...

Quem nos déra ter assistido a esse espectaculo; ver o João Mendes, o José Emboába, Antonio Dias dos Reis, João Nogueira, Antonio Mancel e outros!

Ninguem pagava entrada a quem fallasse em um Silva Pinto que nos levasse uns 20 contos ou em uma revista local que custasse 15, como se viu mais tarde, era mandado, com certeza, para a Praia Vermelha!

Que não! Seria uma loucura! E já louco pelo Theatro era então Benjamin de Magalhães, que veio do Casa-Branca, só para assistir a esse espectaculo e quem sabe si não foi o *Ermitão da Cabana*, que o resolveu a mudar-se para aqui, o que fez no anno seguinte, aqui chegando em 1 de Janeiro de 1864 e como se vae ver, tornando-se desde logo a alma do Theatro de Mocóca.

Nesse mesmo anno, na rua que ficava entre o sobrado do Tenente Gabriel e a casa de seu irmão Diogo, armou-se outro theatro, congenere do primeiro.

Representou-se o *Fronteiro d'África*.

No mesmo logar e em identico theatro, representou-se ainda em 1868.

Um anno antes os Mocóquenses viram, pela primeira vez, em seus dominios, um Circo de Cavallinhos — a Companhia do Candido Ferraz, da qual fazia parte o velho *Pery*, que assombrou a nossa gente correndo a cavallo, em pello, ou dançando na corda, com facas ponte-agudas nos pés.

Manifestou-se logo o gosto patente de nossos conterraneos, gosto que lastimavelmente ainda perdura, predilecção manifesta pelo Circo de Cavallinhos, com grande prejuizo para o bom Theatro de Mocóca e que melhor devia ser nos tempos em que faziam de dama o illustre homem de lettras, Snr. Horacio de Carvalho, auctor do *Chromo* e que ainda em 88 guardava reminiscencias de Mocóca, escrevendo o bello folhetim «Caravana Negra» ou o habil solicitador Snr. João Bento Vieira da Silva.

O tempora!...

Bons tempos, tempos em que se dançou pela primeira vez em Mocóca, alguma cousa que não fosse o nacional *catêrêtê*.

Foi pela grande festa do Cap.m José Gomes, que teve logar em principios de 1858; e razão havia para isso, quando é certo que essa festa precisava ter de tudo; era ao que se chamava — uma festa de estrondo: cavalhadas, musica de Batataes, espectaculo e gente que veio até da França!

Em um grande rancho construido para baixo da casa do Tenente Diogo, o *Rancho Reiúno* logar de divertimentos publicos, foi que se aproveitou, pela primeira vez, em *grande baile*, a rabeca do Manoel Severino e do João Curiango, ainda acompanhadas á viôla.

Era elegante e dançador mestre o Cap.m José Joaquim, especialista na *valsa alta*, nada lhe ficando a dever seu Tio Tenente Gabriel bem como Diogo, José Pereira e outros.

Rangia a rabéca, ponteava a viôla e hei-los entregues aos quebrados do *mudinho*.

Dançavam o *rill*, uma dança antiga, para a qual se dispunham cinco, um em cada angulo de um quadrado e outro no centro e moviam-se formando um 8.

Variavam com as *contra-danças*, dançavam o *pitanguá*, e, quando crescia o enthusiasmo, alguns, mais desembaraçados, dançavam o *Chama Ritta*, uma dança de figuras simples; mas cujo chiste estava em uma cantiga monotona e repetida, cujos versos eram como estes:

«Chama Ritta, Vossê não me quer!
«Pois no mundo não falta mulher.
«Chama Ritta, Vossê não me adóra!
«Pois a mim não me falta senhora.

E vinham depois o *Balaio*, a *Maria Cachucha*, o *Duque de Flores* e... que alegria não deveria presidir a esses divertimentos, nos quaes as almas dos folgazões eram mais brancas do que as luvas de pellica de hoje, e a luz do azeite da *macahuba* deixava ver rostos mais ingenuos e leaes do que os illuminados agora, nos Casinos, pela luz electrica deixando ver risos perfidos e ruborisações honestamente inexplicaveis.

E assim se descançava de um trabalho arduo e pouco remunerado, o que não impedia que, a lentos passos, Mocóca fosse caminhando na trilha do progresso, melhorando materialmente de dia para dia.

Em Abril de 1864 começou o movimento que devia produzir a proxima Guerra do Paraguay, guerra que tantas lagrimas e privações trouxe aos brasileiros e tantas glorias ao nosso exercito.

Os mocóquenses não podiam ser surdos á vóz da Patria que os chamava ás armas em sua defeza e alguns lá se foram, sendo certo tambem que o prestante cidadão, Tenente Diogo, patriota enthusiasmado, soffreu suas decepções.

Hei-los enfileirados, a cavallo, os homens valentes da freguezia.

Brada o Tenente Diogo:

Quem quer seguir, dê dous passos á frente! Marche!

Não soube o Tenente e não sabemos nós, pelas nossas indagações, qual mais puchou pelas rêdeas de seu corcel.

E no entanto, militarisados deviam estar os homens da época, desde que é certo que, poucos annos antes, fora chamado de Batataes, para fardar os povos, José Manoel da Silva, que ganhava 20$000 de cada um a quem fazia uma farda encarnada e uma calça azul.

Tambem foi elle o primeiro alfaiate d'estas paragens e fez figura, mostrando aos mocóquenses uma raridade ainda não vista—uma machina de costura! Tres annos mais tarde, estave-lhes reservada outra novidade—um lampeão a kerozene, comprado por Benjamim de Magalhães a Honorio de Sillos, de Casa Branca.

E os sucessos da longa guerra se desenrolaram e a luta sanguinolenta estava travada.

Com sofreguidão se esperavam noticias do theatro da guerra.

Não bastava o correio que de 10 em 10 dias, vinha a pé, de Casa Branca; faziam correios particulares, de 3 em 3 dias.

Quando um feito de armas chegava ao conhecimento de nossa bôa gente, quando se soube da tomada de Paysandú, em 2 de Janeiro de 1865, quando se soube da batalha naval do Riachuelo e dos louros que cingiram a fronte gloriosa de Barroso, ou dos feitos de Andrade Neves na passagem de Humaytá, o patriotismo incandecia-lhes os corações!

Organizavam os mocóquenses procissões civicas e cortavam as ruas numerosos populares, acompanhados por extranha banda musical: um ophicleide, um violão e uma rabéca!!

Que concerto extravagante devia ser o d'essas ardentes patriotadas!

E as historias vão se succedendo e vamo-nos alongando em factos curiosos, esquecendo-nos do que produzio a Mocóca, da força que a impulsionou, do elemento unico de seu progresso—o movimento agricola.

Lembremo-nos que 15 annos apenas tinham passado depois da fundação de Mocóca, e que essa Freguezia offerecia já prenuncios promettedores de uma agricultura prospera e grande, como veio a ser.

Além da criação de animaes, a cultura de cereaes e outras pequenas industrias agricolas, a canna de assucar e o fumo constituiam a fonte principal de sua riqueza.

Foi durante esse periodo que o plantio do café começou a tomar incremento, até 1870, quando já quasi desthronando a outras, essa exploração, mais tarde tão fecunda em redditos fabulosos, constituia quasi a unica preoccupação dos agricultores de Mocóca.

Mas... Deus dispõe.

Quando todas as esperanças repousavam nos novos e viçosos cafesaes, a grande geáda de 70, que tantos prejuizos causou a toda a Provincia de São Paulo, quasi devastou toda a lavoura! O desanimo apoderou-se dos mais corajosos e quasi foi abandonado o nascente trabalho agricola da *preciosa rubiacea*.

Fez-se, porem, logo, proveitosa reacção e tratou-se de recuperar os prejuizos e sanar os males, com grandes difficuldades, pois, tambem os cannaviaes foram quasi aniquilados.

Reanimavam-se os agricultores, renasciam esperanças, quando em 1871 nova geada veio reseccar os brotos novos e esturrar os campos, lançando a ruina por toda a parte. E para completar a desolação e o desanimo, a incuria de um escravo do Capitão José Gomes fez communicar o fogo de uma roça a quasi metade das lavouras, campos e mattas dos arredores da infeliz Freguezia.

Os ramos tostados pela geáda e o sól ardente de Agosto proporcionaram elementos para esse incendio devastador, cujas fagulhas, levadas pelo vento, conduziam as chammas por toda a parte.

Era impossivel mesmo aos mais tenazes, conservar a perseverança e a coragem de que careciam e completa pasmaceira apoderou-se dos lavradores, que se viam fracos diante de luta tão desegual e calamitosa.

Valeu lhes que a terra, a grande productora, a mãe fecunda da natureza, não nega recompensa farta ao trabalho perseverante.

Iniciaram outras lavouras, entregaram-se a outras especulações

BENJAMIN DE MAGALHÃES

E de mais, a Freguezia havia melhorado, adquirindo uteis auxiliares.

Concorrendo para diversos ramos de sua actividade progressiva, poderosos elementos foi ella conquistando, durante sua vida de 15 annos.

Homens de real merecimento, transferiram para a Freguezia sua residencia, no decurso desse periodo, vindo annos depois a constituir poderoso auxilio a seu progresso moral, intellectual e material

Longo sinão descabido, seria enumeral-os um por um, em pequeno livro que escrevemos e dar de cada um a merecida biographia; mas, si tal não fazemos, não nos furtamos ao desejo de enumerar alguns.

Em 1856, como simples marcáte de fazendas, o mineiro, Antonio Xavier de Souza, que veio a ser em breves annos negociante forte, lavrador abastado, e depois prestigioso chefe do partido liberal.

Como homem de honra, que sempre foi, o fallecido Tenente Coronel Xavier de Souza collocou sempre seu caracter limpo, acima de todas as considerações sociaes e politicas.

Em 1858, apenas com 16 annos, modesto caixeiro, quem soube impor-se por seus dotes moraes e intellectuaes ao apogêo da estima e consideração de seus conterraneos— Joaquim Raymundo Monteiro.

—Benjamim Moreira Rocha de Magalhães, que veio em 1864 e em pouco se tornou a opinião consultada, influencia politica legitima e real e um dos homens que mais influia nos destinos de Mocóca, pela sua intelligencia fina e culta e caracter altivo e independente.

Em 1860, os dous irmãos já fallecidos, José Fernandes Pinheiro, e Gabriel Fernandes Pinheiro, vindos de Lavras, homens honestos e laboriosos, que progrediram em fortuna e gosavam da mais elevada consideração.

D'estes foi mais tarde o Tenente Coronel Gabriel Pinheiro um dos chefes de real influencia no partido conservador.

Foram estes dous honrados mineiros os progenitores felizes de uma familia que se impõem a consideração social, como o é a numerosa e influente familia Pinheiro de hoje, que conta, em seu seio, membros de valimento real.

Emfim, João Evangelista de Sillos, filho do Barão de Casa Branca, ambos fallecidos, a quem chamavam o *Zico*.

Homem prestante e popular, que levou ao sacrificio sua dedicação ás cousas publicas de Mocóca.

Foi membro do Directorio Conservador, Delegado de Policia e Vereador da Camara.

Em tempos posteriores não foram poucas as acquisições de cidadãos uteis ao desenvolvimento local e si aquelles fizemos menção que d'estes por muitos, não poderemos fazer, é porque damos-lhes mais merecimento do que aos outros.

Sim, que elles foram os precursores, foram os arroteadores, foram os que mais lutaram com difficuldades bem duras, aplainando o terreno em que se edificaria mais tarde nosso grande edificio social.

Bem assim não vem de molde citar aqui o nome de illustres mocóquenses que a povoação prestavam já de ha muito, seu valioso concurso e dos quaes já nos temos occupado.

Quizemos falar apenas dos imigrantes de então, não nos esquecendo que a colonia italiana, hoje numerosa e rica, foi tambem um dos elementos que mais influiu para o progresso material de Mocóca e que ella teve seu inicio nesse periodo da historia dessa Cidade. Esses economicos, trabalhadores e perseverantes obreiros, foram de facto, os que maiores contingentes trouxeram, mais tarde, ao progresso da florescente povoação, quer edificando predios, quer trabalhando nas artes, nas industrias e na lavoura.

Em compensação a nova patria proporcionou-lhes abundancia, bem estar, consideração social e muitas fortunas respeitaveis.

Absorveram o commercio, monopolisando-o quasi e hoje ainda predominam nesse ramo de actividades humanas, esses habeis e constantes apostolos do trabalho. Em 1866 existiram os primeiros.

Felicio Antonio Curcio que se tornára em pouco tempo o principal negociante da Freguezia, estabelecido onde hoje se desenvolve a importante casa commercial do sr. Francisco Demasi; João Velho, Iatosiro e o mascate Nicoláu.

Foi em 1870 que vieram os seis socios Domingos Define, Leonardo Define, Domingos Gatti, Francisco Parisi, Braz Marino e Mauricio Infantini.

Foram dos primeiros. Foram os que, por bem succedidos, influiram para que, mais tarde, viessem numerosos compatriotas seus, em busca do bem estar e da fortuna, nas mattas ainda ha pouco desbravadas, ainda ha pouco seesmarias do rico hespanhol D. Thomaz de Molina, ainda ha pouco sertão virgem.

Era o elemento europeu, mais um passo dado, mais um prenuncio de prosperidade e de grandeza.

Não fossem os desastres de 70 e 71, que bem mais rapido teria sido o desenvolvimento de Mocóca.

A terra fertilissima, as condições naturaes favoraveis, os homens honestos, laboriosos e amantes do logar: tudo concorria para o progresso.

A politica que é hoje um embaraço ao bem publico, era, então, um impulsionador do progresso.

Dominasse este ou aquelle dos partidos militantes, os homens eram unidos e accôrdes, quando se tratava do interesse geral.

Liberaes ou Conservadores animavam a Mocóca.

O antigo e prestigioso chefe conservador, o benemerito Capitão José Gomes, depois de tanta dedicação ao bem publico, sentiu se inapto para continuar em seu posto de chefe.

Uma lesão cardiaca progressiva minava-lhe as forças e e, elle mesmo, julgando seu dias contados, fez reunir em 1866, em sua Fazenda da Boa Vista, seus mais influentes partidarios, e em numerosa reunião elegeu-se um Directorio politico, o primeiro que se organisou em Mocóca, formado dos melhores elementos de então, e que ficou assim constituido:

Presidente	Tenente Gabriel Garcia.
Secretario	Benjamin Magalhães.
Membros:	Tenente Diogo Garcia
	Alferes Gabriel Pinheiro
	José Pereira dos Santos
	José Caetano de Figueiredo
	Francisco F. Pedrosa
	José Fernandes Pinheiro.

Este Directorio, com pequenas modificações dominou por muitos annos, ficando desde então considerado chefe legitimo do partido, o Tenente Gabriel Garcia, que nesse posto de honra foi encontrado, cheio de prestigio e valimento, pelos successos de 15 de Novembro.

O primeiro chefe, o popular Capitão José Gomes, não se illudia em relação a seu estado, tanto que naquelle mesmo anno de 66 veiu a fallecer, coberto das bençãos de seus contemporaneos e das lagrimas sinceras de todos que conheceram o bondoso coração e sua alma generosa.

Auxiliado por seus irmãos Antonio José Dias de Lima e José de Souza Dias, bem como pelos senhores Ignacio Fernandes Garcia e Raymundo Estelino Ribeiro da Silva, o prestimoso cidadão Francisco José Dias Sobrinho chefiou então, o partido liberal.

Homem bemfazejo e magnanimo, foi Francisco Christovam, como o chamavam, um dos vultos da velha Mocóca que mais se soube fazer estimar, pelos seus excepcionaes dotes civicos.

Como o velho chefe conservador o antigo chefe dos liberaes abandonou o campo da politica; aquelle por molestia, este, o enthusiasta fundador de Mocóca, de quem já nos occupamos, Venerando Ribeiro, por desgostos em lutas politicas.

Desilludido e descrente, havia se reconcentrado, retirando-se em sua Fazenda da Prata e pouco intervindo mais em negocios publicos da Freguezia.

Sua viva intelligencia, porem, e seu espirito irrequieto não se accommodaram ao ostracismo e á inactividade. Pensador e sensivel, patriota e enthusiasta, escreveu no *Jornal*

do Commercio. do Rio de Janeiro, longa série de artigos sob o titulo *Um agricultor brasileiro a seu Paiz*.

Ainda que, por vezes, sustentasse theorias estravagantes e inacceitaveis, seus artigos eram ungidos de boa fé e acendrado patriotismo.

Foi um dos homens mais polidos de seu tempo.

Como orador era verboso e fluente, chegando a fazer defezas no jury de Casa Branca.

Intelligente e sagaz, nas sociedades de que fazia parte fazia sempre figura saliente.

A vida de isolamento que levava e posterior misanthropia, tornaram-no um tanto original e estravagante em suas ideias e concepções, retirando-se de mais a mais do bulicio do mundo, até sua morte em 18 6.

As lutas politicas, de então, eram extremadas e renhidas entre os dous partidos militantes, não restando, porém, passados os dias de eleições, alguns bem cheios de peripecias, a mais leve prevenção pessoal

Sentimos que espaço nos falte em obra ligeira que escrevemos para relembrarmos essas antigas eleições, que tão proveitosos ensinamentos podiam trazer aos *patriotas modernos*, contando-lhes quanto ia de espirito publico e civismo, naquelles tempos que se foram e aos quaes succedeu o regimen do bico de penna e das indicações de centros politicos, fazendo da eleição uma comedia ridicula e da opinião publica um burlesco e futil espectaculo de *mestre de cocanha*!

1871 a 1875

A VILLA

A freguezia de S. Sebastião da Boa Vista, que, por vezes, andou de Herodes para Pilatos, isto é, ora pertencendo a Caconde, ora a Casa Branca, conforme dominavam os Liberaes ou os Conservadores, estava já em condições de governar-se ou viver por si, até certo ponto.

Foi o que se deu sob o dominio politico do patriotico ministerio do grande brasileiro, o Visconde do Rio Branco, resolvendo, o Governo Provincial, elevar a villa essa freguezia, e o fez em virtude da Lei n. 29, de 24 de Março de 1871.

Esta lei era promulgada com a condição de ser feito, pelos habitantes de Mocóca, um edificio para Cadeia e casa de Camara.

O predio destinado a esse fim, foi construido durante o anno seguinte, por subscripção popular, promovida pelo Major Gabriel Garcia.

Presidia então a Provincia o dr. Antonio da Costa Pinto e Silva, depois ministro.

Esse edificio perdurou até o anno em que escrevemos (1930), quando foi demolido, para dar logar a moderno e elegante Paço Municipal.

Acabamos de dar ao influente chefe conservador o titulo de major e mais poderiamos fazer, visto como esse illustre mocóquense havia sido promovido a major commandante do esquadrão de cavallaria n. 9, reformado em tenente-coronel, em 18 de Setembro de 1872.

A nova villa foi installada, algum tempo depois, reunindo-se sua primeira Camara, eleita em 7 de Janeiro de 1873, empossada pelo Presidente da Camara de Casa Branca, Ildefonso Garcia Leal, secretariado por Francisco das Chagas Alvarenga.

Compunham essa Camara os senhores:

Tenente-coronel Gabriel Garcia—Presidente.
Dr. José Americo de Siqueira
João Evangelista de Sillos
Alferes Gabriel F. Pinheiro.
Alferes Francisco F. Pedrosa

Alferes José Justino de Figueiredo
Capitão Antonio Luiz de Souza.

Foi nomeado seu Secretario, o sr. Antonio Dias dos Reis.

Foi solenne o acto de posse da nova Camara, que cheia de bem intencionado patriotismo, prestou juramento pela formula seguinte:

« Juro aos Santos Evangelhos, desempenhar as obri-
« gações de vereador da Camara d'esta Villa e promover,
« quanto em mim couber, os meios de sustentar a felicidade
« publica ».

Juraram e cumpriram o juramento, volvem-se tempos... nada se jura e nada se faz.

Na mesma data, em 7 de Janeiro de 1873, eram empossados os juizes de paz, eleitos:

1.º Tenente Diogo Garcia
2.º José Joaquim de Figueiredo
3.º Tenente-coronel Gabriel Garcia
4.º Antonio Dias dos Reis.

A Camara eleita, assim como os juizes de paz, dos quaes os dous primeiros haviam sido substituidos, em nova eleição, por José Pereira dos Santos e José Gomes de Figueiredo, serviram durante toda a vida da Villa, isto é até 1875.

Demorada e deficiente foi, tambem, a installação do Fôro e novo Termo só chegou um logar de Juiz Municipal e de Orphãos, pelo Decreto n. 5633 de 16 de Maio de 1874 e esse logar foi logo occupado pelo Dr. Matheus Marques de Moura Leite, tendo funccionado no cargo, anteriormente, os suplentes, dos quaes mais tempo prestou serviços o Tenente Diogo Garcia.

Os escrivães serviam interinamente e eram Joaquim Raymundo Montana, como tabellião e Benjamim de Magalhães como escrivão de orphãos, prestando, ambos, compromisso em 21 de Abril de 1873.

Foram, pouco depois, nomeados serventuarios vitalicios nesses cargos, nos quaes muito serviço prestaram, sendo considerados como habeis empregados.

O novo termo, que pertencia a Casa Branca, unido a Caconde, formou a nova Comarca, creada pela Lei n. 10 de 24 de Março de 1874, com séde nesta Villa e sua denominação.

A creação da Comarca de Caconde, nestas condições, mereceu fortes protestos da Camara Municipal de então, sendo mesmo proposto pelo vereador dr. José Americo de Siqueira que se consignasse na acta da sessão de 22 de Junho de 1874, um voto de pezar por esse facto, com acre censura ao Governo da Provincia.

O Tenente-coronel Gabriel Garcia, não se conformando com o facto, foi, em viagem rapida a S. Paulo e, apezar dos fortes empenhos dos cacondenses, que por carta já lhe haviam dado disso pelo acontecimento, conseguiu que, apezar de com nome e denominação, fosse S. Sebastião da

Boa Vista a séde da nova Comarca, ponto capital da pendencia.

A installação official da Comarca realizou-se em sessão extraordinaria da Camara Municipal, em 13 de Novembro de 1874, com assistencia do Juiz de Direito nomeado, o Dr. José Pinheiro de Ulhôa Cintra, quasi ao mesmo tempo em que a Camara recebia, «com especial agrado,» a communicação de haver assumido o cargo de Juiz Municipal o Dr. Matheus Marques de Moura Leite.

Para festejar a faustosa data foi offerecido, no sobrado do Major Gabriel, um grande baile ao Juiz nomeado e ruidoso contentamento animou aos novos jurisdiccionados do Dr. José Pinheiro.

Pelos primeiros mezes iam servindo diversos promotores interinos, sendo o Capitão Raymundo Nato Brazileiro de Oliveira Novaes o primeiro effectivo, nomeado no mesmo anno de 1874.

Como Delegado de Policia da Villa serviu José Gomes de Figueiredo, filho mais velho do inesquecivel benfeitor de Mocóca, o Capitão José Gomes de Lima.

A influencia e poderio do Major Gabriel se accentuavam de mais a mais na politica e a maioria do partido conservador sobrepujava ao partido liberal, que contava em seu seio, todavia, homens de alto valimento como os quatro irmãos Christovam, Raymundo, Estelino, Ignacio Garcia, Antonio Xavier, Luiz Penna e outros.

Cabendo assim, ao partido conservador, como se deve ter visto, sempre, a gloria de ter sido elle o impulsor do progresso e dos mais salientes melhoramentos locaes.

Das cinzas do incendio que succedeu ás geádas de 70 e 71, como a phenix renacia a lavoura do municipio.

Não mais se repetiram as geádas calamitosas e a plantação de café tomou de novo, vivo incremento, ao mesmo tempo que os cannaviaes vicejantes verdejavam, trasendo a abundancia e as promessas de riquezas.

A lavoura rejuvenecia e o soberbo massapé de Mocóca dava, com a exuberancia dos gordos brótos nóvos, o que a geáda e as chammas haviam destruido.

Accrescia, ainda, que uteis elementos convergiram para a Villa, por esse tempo, auxiliando potentemente o seu florescimento.

O commercio se desenvolvia e a colonia italiana com Vicente Gatti, José Parisi e outros, como mais tarde, Carmo Taliberti e José Demasi, tomava incremento real.

Ainda mais, a inauguração da Estrada de Ferro Mogyana, em Mogy-Mirim, em 26 de Agosto de 1875, vinha trazer aos productores dessa fertilissima zona, uma inestimavel commodidade.

E, tanto era manifesto o progresso desse tempo, que a população do Municipio subiu a 3934 almas, sendo 1097 escravos.

Foi este um dos periodos da historia de Mocóca, em que mais accendrado patriotismo animou seus habitantes e razão tinham para alimentar solidas esperanças no futuro, cujo real prosperidade, com prazer nós mais tarde constatamos.

A sociedade mocóquense era unida, e intima cordialidade ligava seus elementos, em costumes singellos e despretenciosos, mas, sãos e leaes.

Não medrava a intriga pequenina que sóe aniquilar a todas as sociedades de logarejos e a familia mocóquense vivia em pacifico seio de Abrahan.

A quadrilha franceza e os lanceiros, valsas e polkas, sempre dirigidas pelo Benjamim, iam substituindo ao *rill* e ao *miudinho*, ao mesmo tampo que a sanfôna dos italianos, ia ganhando terreno á rabêca e á viôla.

Todo esse progresso não impedia que o costume antigo do *catêrêtê* reinasse, ainda, em certa ordem de gente, mesmo no centro da povoação, e a barulhenta dança brazileira, noites e noites, impedia o somno aos pretos mocóquenses.

Para taes funcções era porém necessaria a respectiva licença da auctoridade, *sob pena de multa de 4$000 a quem dançar catêrêtê e sem licencia*, como se vê de um provimento do subdelegado, escripto pelo escrivão Dias dos Reis.

Tinha já a Villa o seu medico o primeiro, o dr. Domenico de Luca, que viera em 1873 e permanecêra até 1875, o que não impedia que o povo, pouco habituado a médicos, continuasse a se utilizar dos serviços do boticario José Caetano de Abreu e de seu auxiliar, o Augusto, de quem já nós ocupamos.

Veio logo substituir a seu irmão o popular e prestavel boticario, Thomaz Salustiano de Abreu, que, ainda aqui encontramos estabelecido, em 1886

O Theatro conservou-se em completa calmaria, por todo o quatrienio da Villa.

A Egreja entregue aos cuidados do pobre Padre Velho não progrediu em melhoramentos sensiveis.

Era o serviço, todavia, feito com a regularidade compativel com as forças de um vigario doente e octogenario.

A iniciativa e os emprehendimentos difficilmente podiam nascer do espirito de um homem, nessas miseraudas condições; isso, contudo, não impedia que seu velho coração pulsasse mais forte, ao impulso das ideias generosas.

Foi assim que o venerando vigario fez adornar de flores a Pia Baptismal e foi ao estrugir de foguetes e ao repicar de sinos que se celebrou o baptismo do primeiro *ingenuo*, que, em Mocóca aproveitava a humanitaria Lei do immortal Visconde do Rio Branco, logo depois da promulgação dessa Lei, em 28 de Setembro de 1871.

O Delegado José Gomes e o subdelegado José Thomaz, pouco tinham que fazer.

A meticulosa calligraphia dos escrivães Montaus e Magalhães, deixam que se leiam, em todos os termos de audiencias, o immutavel «como não havia o que requerer, foi a mesma encerrada»....

Assim tambem, as audiencias do Juiz Municipal, que era, como se sabe, o juiz preparador, em sua maioria presididas pelo primeiro supplente Diogo Garcia, com assistencia do unico advogado de então, o Dr. José Americo, corriam mansas e calmas.

Rara era uma questiuncula; folheando o carunchoso livro de protocollos encontramos duas ou tres causas crimes e nenhuma do civel, durante dous annos!

Não sonhava o dr. José Americo que, quasi só, exercia advocacia, que mais tarde, se fariam, em Mocóca respeitaveis fortunas no fôro.

Melhores e bem melhores tempos foram aquelles, bem o dissem-se: a Villa de S. Sebastião da Boa Vista, era um paraiso perdido por essas frondosas mattas do valle do Rio Pardo!

Um mal ressoberbava os mocóquenses; mal que do mais a mais se arraigou e muito tem perdurado

Mil esforços empregados sempre, pela prosperidade material, toda a actividade e empenho em adquirir e augmentar fortuna, ao mesmo tempo que se descuidava e se descuida do preparo intellectual dos nossos filhos.

Não é só de pão que vive o homem era o thema de brilhante artigo do illustre homem de letras Dr. Manoel Bomfim impressionado pelo mal que lamentamos.

Haja luz! era a exclamação final de outro não menos bello escripto de E. M., iniciaes que ocultaram o nome do Vigario Conego Bento, publicado com o titulo «Mais escolas e menos districtos de paz».

Em todos os tempos tem se feito sentir esta magna necessidade: precisavamos e precisamos dar a nossos filhos, educação intellectual, mais solida e scientifica.

Lembremo-nos que, até agora (1900), só existe um filho de Mocóca que possue um pergaminho, o dr. Galdino de Siqueira, nascido nos bons tempos da Villa de S. Sebastião, e formado em 1895.

Quem, naquella época, apprendesse a lêr e escrever regularmente, fazendo as quatro fundamentaes operações de arithmetica, emfim, quem tivesse cursado as escolas do Benjamim ou do João Mendes, por dous annos, tinha a educação litteraria completa, ainda que manifestasse intelligencia fóra do commum, ou predilecção patente pelas letras.

Trabalho era palavra que só exprimia o conjuncto de actos attinentes á agricultura: ninguem seria capaz de acreditar que era trabalhador o dr. José Americo, como si a penna não pezasse, muita vez, mais do que o machado dos arroteadores de mattas virgens, como si, arredondar um periodo, colorir uma phrase ou resolver um problema philosophico ou scientifico não constituisse mais arduo trabalho do que o manejo de uma fouce sob o sól ardente que clareia o trópico.

O trabalho honra, sempre, sob qualquer fórma que se manifeste, mas deixar de aproveitar patentes aptidões de nossos filhos para uma determinada actividade, é mais que uma falta, é quasi um crime.

Esse mal vae, felizmente, sendo sanado em nossos dias, quando é certo que já contamos alguns jovens conterraneos progredindo em estudos superiores.

E, demais, não devemos tentar uma revolução social intempestiva, que seria, por todos os titulos de resultados negativos, e esperemos que o progresso intellectual evolutivo desenvolva a instrucção, creando escolas e, sobretudo, auxiliando e secundando as tentativas de estabelecimentos de ensino, cousa que ainda não se vê.

Já nos tempos da antiga Villa de S. Sebastião, havia alguem, que, como os posteros, quer remediar esse mal manifesto, mal que nós protegamos, com o intuito unico de fazer bem.

Em a primeira sessão da Camara Municipal da Villa, em 3 de Fevereiro de 1873, o vereador Sillos propunha que se representasse a Assembléa Provincial, pedindo a decretação do ensino obrigatorio e razão devia ter o bem intencionado vereador, para proceder assim.

Escolas, escolas e

« Livros, livros a mãos cheias,
« Fazei o povo pensar!

E, assim, Mocóca que começou a progredir, quando era a Villa de S. Sebastião da Boa Vista, terá em proximo futuro, a gloria de vêr brilhar, ao lado do ouro colhido em fartas messes, a lucida intelligencia de seus filhos, occupando, por esse modo, saliente posição, entre suas mais ricas e prosperas irmãs do grande Estado de S. Paulo.

1875 a 1889

A CIDADE ATÉ 15 DE NOVEMBRO

Em 1875, sob o dominio do partido conservador, no governo do ministerio do inclyto e venerando Duque de Caxias, o major Gabriel, o incançavel propugnador do progresso de sua cara Mocóca, de mais a mais subindo em consideração e valimento, conseguiu fazer com que a Villa de S. Sebastião désse mais um passo — fôl a cidade.

Os fóros de cidade foram concedidos á recente Villa, pela Lei n. 20 de 8 de Abril de 1875, § II, com a denominação de *Mocóca*.

Estava, emfim, sanccionado o voto popular; o nome pelo qual era vulgarmente conhecida a povoação era reconhecido officialmente.

Dois mezes depois era a cidade installada em sessão extraordinaria da Camara Municipal, em 28 de Junho de 1875, com grandes manifestações de regosijo popular.

Pouca alteração se fez no pessoal do fôro e da policia, durante o primeiro biennio da vida da nova cidade.

Juizes, promotor, escrivães, advogados e mesmo vereadores, continuaram a ser os mesmos até 1877.

Como delegados de policia serviram: em 75 João E. de Sillos e durante o anno seguinte o major Gabriel.

Em 1877, em logo e formalizado provimento, na audiencia de 22 de Junho, o delegado de então, Theodulindo Lopes de Siqueira, providenciava *salutares medidas, para que dôce paz reinasse na sociedade mocóquense.*

Não era necessario fazer muito para que se conseguisse tão louvavel emenho, quando é certo que os costumes morigerados e o genio ordeiro do povo, eram já, de si, sufficiente garantia para essa *dôce paz*, que fazia *juntar agua á bocca* do sr. Lopes de Siqueira.

E si é certo que assim era, melhor se tornou Mocóca com a vinda, em 1877, do dr. José Custodio da Cunha Canto, juiz de direito nomeado em substituição a seu digno antecessor — o dr. José Pinheiro.

E si melhor se tornou foi porque o illustre e modesto dr. Cunha Canto, durante seu longo estadio no elevado cargo de primeiro magistrado da comarca se tornou idola-

trado por seus jurisdiccionados, em cada um dos quaes tinha um amigo.

Até 1885 permaneceu em Mocóca o dr. José Custodio.

Durante esse tempo esteve o fôro em completa calmaria: em vez de demandas judiciaes, as controversias e questões que se suscitavam, eram resolvidas pelos conselhos sensatos e prudentes e pela directa e benefica intervenção do bondoso juiz.

Affavel, popular, cavalheiro e attencioso, o dr. José Custodio, assim como sua fallecida senhora, dotada de excelsas virtudes, são lembrados, até hoje, pelos velhos mocóquenses, com sincera saudade.

Foi o dr. José Custodio o iniciador da vida fôrense do popular e habil solicitador, sr. João Bento Vieira da Silva, que obteve provisão interina em 24 de Novembro de 1883, o que vale dizer que o sr. J. Bento deve áquelle integro magistrado suas prosperas condições actuaes.

No tepido e calmo fôro, de então, além do advogado formado, dr. José Americo, trabalhava o ex-delegado, sonhador da *doce paz*, como provisionado, e o solicitador José Maximiano R. da Gama.

Foi a Comarca presidida por aquelle distincto magistrado até 1885, quando substituiu-o o dr. José Feliciano Ferreira da Rosa, que permaneceu, em Mocóca, como Juiz de Direito, até 1888.

Nesse anno, retirando-se o dr. F. da Rosa, occupou esse elevado cargo o habil jurista, dr. José Manoel Pereira Cabral, que chegou a Mocóca no dia 9 de Agosto, assumindo logo o exercicio do cargo.

O primeiro juiz municipal, dr. Moura Leite, que havia servido até 1879, foi, então, substituido pelo dr. Henrique Marques de Carvalho, a quem succederam os drs. Ferreira Nobre, Cruz Tamandaré, Eduard Aguiar e Leite de Camargo, que, com a vara de direito, foi surprehendido pelos successos de 15 de Novembro de 89.

Assim tambem, Raymundo Nato, o promotor nomeado na installação do fôro da Villa, teve como successores: o Dr. Albano do Prado Pimentel, de 77 a 78; o dr. Mendonça Brito até 80 e o dr. Moraes Vieira até 82.

Foi, então, nomeado, para esse cargo, o illustrado professor Antonio Rabello Cysterna, que assignalados serviços prestou á Mocóca, como habil preceptor e util cidadão.

Em 1883 foi o promotor de Mocóca o dr. Manoel Leite de Camargo, severo e rectilineo na administração da justiça.

Ao dr. Camargo succedeu o dr. Adelpho Coelho de Mattos Barretto, por um anno apenas e a este, em 86 o dr. Rogerio O'Connor Lopez de Camargo e Dauntre, que, como o dr. Camargo, recebeu os primeiros decretos do Governo Provisorio da Republica.

Os acontecimentos politicos de 5 de Janeiro de 1878, isto é, a ascensão do partido liberal ao poder, com o ministerio Sinimbú, vieram modificar, em Mocóca, mui naturalmente, a situação das cousas politicas.

Durante os sete annos do dominio liberal, com os ministerios Sinimbú, Saraiva, Martinho Campos, Lafayette, Dantas e, de novo, Saraiva em 85, occupou a delegacia de policia João Baptista de Lima, extremado e violento e, então, uma das reaes influencias do partido liberal.

Foi em seu tempo e sob a jurisdicção do dr. Moura Leite que se deram os lamentaveis successos de 5 de Agosto de 78.

Os liberaes, no poder, vendo as eleições de dous Senadores e Deputados perdidas, não se conformaram com a derróta que iam soffrer; promoveram terrivel bernarda, roubaram as urnas, houve conflicto serio, ferimentos graves e a eleição foi inutilizada.

Pouco depois retirou-se de Mocóca o Dr. Moura Leite e o chefe liberal, Major Antonio Xavier de Souza occupou a delegacia, durante os tres annos seguintes, substituindo-o o sr. José Maximiano R. da Gama, que, em audiencia de 27 de Maio de 81, elaborou ceremonioso e longo provimento.

Pouco se demorou no exercicio do cargo, sendo, logo nomeado em seu logar o sr. José Manuel da Silva a quem succedeu o sr. João Pinheiro da Silva, que foi demittido com a quéda de seu partido, para ser nomeado o dr. José Francisco de Araujo Macedo.

O illustre mineiro dr. Araujo Macedo, que tinha então, em Mocóca, seu escriptorio de advogado, soffreu uma das maiores emoções de sua vida, quando fomos, um grupo de republicanos enthusiastas, mostrar-lhe em 17 de Novembro o numero do *Estado de S. Paulo* que noticiava a proclamação da Republica Brazileira, inquerindo de sua attitude, como auctoridade.

— Garantias, meus amigos; garantam minha familia!!

— Mas, o Doutor é o Delegado de Policia!...

— Sim... sou... mas... Razão teve Aristides Lobo!! E o dr. Macedo éra um homem illustre. A Republica o venceu, mas não o convenceu, não era um producto de evolução natural—devia bestificar!

Assim como as auctoridades mencionadas, a primeira Camara Municipal, a da Villa, serviu na cidade durante quasi dous annos, sendo, então substituida pela segunda, a primeira eleita da Cidade.

Eram seus membros:

José Thomaz de Carvalho, Presidente
Antonio Manoel Ribeiro
Antonio J. Dias de Lima
José Pereira dos Santos
Tertuliano J. Vieira da Silva
Miguel Ferreira da Silva
Theophilo C. Dias

Pedro Fernandes Pedrosa
Antonio Corrêa de Souza.

Esta Camara effectuou sua primeira reunião em 2 de Fevereiro de 1877.

Em fins de 80 elegia-se nova Camara que tomou posse em 7 de Janeiro de 1881.

Era a seguinte:

Diogo Garcia de Figueiredo, Presidente
Antonio Dias dos Reis
José Pereira dos Santos
Francisco G. Figueiredo
Joaquim Fernandes Pinheiro
José Manoel da Silva
José Joaquim de Figueiredo
Antonio J. Dias de Lima
Antonio da Costa Pereira.

No seguinte quatriennio occuparam as cadeiras de vereadores, tomando posse em Janeiro de 83:

Major Gabriel Garcia, Presidente
Manoel Thomaz de Carvalho
Manoel Pereira dos Santos
Gabriel Fernandes Pinheiro
Antonio J. Dias de Lima
José Germano da Silva
Sergio Pereira Dias
Francisco F. Pedrosa
João Sabino G. Meirelles

Finalmente veio a ultima Camara da Monarchia, aquella que cedeu o logar á *Intendencia*, nomeada pelo triumvirato, que constituia o Governo Provisorio do Estado, ou, melhor, Governador.

A ultima Camara tomou posse em 7 de Janeiro de 87 e constava dos srs.:

Antonio Xavier de Souza, Presidente
José Fernandes Pinheiro
José de Souza Dias
Braulio de Souza Dias
Francisco G. Figueiredo
Thomaz Saiustiano d'Abreu
João B. Vieira da Silva
Antonio Gomes M. Junior
Joaquim Octavio Pinheiro.

A cada uma destas camaras, deviamos, fazendo justiça, dispensar algumas considerações e referencias.

Sobre ser longo, tornar-se-ia fastidioso, esse estudo, que, aliás, fazemos, restando-nos a convicção de que todas ellas eram formadas de homens pobres, honestos e patriotas, tendo cada uma, em seu módo de proceder, o bem

publico, a justiça e os desejos sinceros de ver o progresso e o desenvolvimento do municipio, que dignamente representavam.

Si pouco se vê do bem que realizaram é porque muito pouco poderiam ter feito, com as minguadas e insignificantes rendas de então.

Em 1879 os rendimentos da Camara eram de 3:242$000; em 1886 de 23:663$624, ao mesmo tempo que a Collectoria arrecadava para os cofres provinciaes 67:607$562 e para os cofres geraes 16:335$071.

Nesse mesmo anno, de 86, a producção de café orçava por 1.400.000 kg. e a de fumo por 21.000 kg.

Com esses dados chegamos á conclusão de que mais não podiam ter feito, os antigos edis, que, concertos de estradas, limpeza de ruas, modesta illuminação da cidade, etc.

A cada uma das Camaras citadas correspondia uma lista de quatro juizes de paz eleitos, que passamos a enumerarar:

1.° Antonio Dias dos Reis
Francisco G. Figueiredo
José Gomes de Figueiredo
Joaquim F. Pinheiro
2.° José Gomes de Figueiredo
Francisco F. Pinheiro
Joaquim Teixeira da Silva
José Germano da Silva
3.° Antonio G. Meirelles Junior
João Carlos Nogueira
Francisco Garcia Figueiredo
Joaquim Teixeira da Silva
4.° Francisco F. Pinheiro
Antonio Fernandes Pinheiro
José Gabriel Pinheiro
José Germano da Silva.

Como se vê eram, por esse tempo, escolhidos com o maximo escrupulo e perfeito criterio os candidatos a cargos de eleição popular; e si é certo que a sociedade mocóquense simples e pouco culta dispunha de elementos minguados, não é menos certo que, d'entre esses, governavam os melhores.

Havia equilibrio social e politico: Cezar, fosse quem fosse, tinha o que era de Cezar; pouco valia João Fernandes ainda que fosse primo de Cezar.

As oligarchias ainda não estavam em moda.

O interesse publico era superposto ao interesse particular; os homens de então sacrificavam-se pela Mocóca, em vez de exploral-a.

Ao mesmo tempo que se gosava de harmonico e regular estado politico-social, o progresso de Mocóca, que se tornou vertiginoso nos ultimos annos do periodo que historiamos, já se ia fazendo sentir.

Em 1879 o Major Gabriel fazia construir a expensas proprias, um vasto edificio destinado á Instrucção Publica.

Alem d'este foram tantos os serviços prestados pelo venerando patriarcha, que, no governo do Ministerio do Barão de Cotegipe, em 19 de Dezembro de 1885, o Imperador assignava um decreto agraciando ao benemerito bemfeitor de Mocóca, com o titulo de *Barão de Monte Santo*.

A singelleza ingenua e despretenciosa do caracter do novo titular, fizeram com que a subida distincção do titulo honorifico, pouca impressão lhe causasse.

Era, então, real influencia no partido conservador, não só de Mocóca, mas de todo o 9.º Districto o Barão de Monte Santo e fecunda em beneficios foi essa bemfazeja influencia.

Sobre o velho titular escreveu o illustre dr. M. Bomfim:

«Conscientemente, nunca mal derivou de seus actos; qual o que se lhe imputa?!...

O *mandonismo*?...

Si elle o exerceu, em outros tempos, com certeza que não foi o culpado, porque esse mal não é devido ao chefe que o exerce, mas sim á sociedade, que o comporta e que só com elle pode sub-existir.

E... por acaso acabou-se o *mandonismo*.

E de *mandonismo* a *mandonismo*, não seria preferivel o que era, materialmente desinteressado, exercido por um coração generoso e uma alma leal?!»

. . . . . .

Durante os 16 annos, que percorremos, a Egreja de Mocóca esteve entregue a diversos vigarios.

Até 1880, como já dissemos, com grandes sacrificios, parochiou o Padre Velho. Impossibilitado, então, de servir, teve como auxiliar o Padre José Ancasuerd, ordenado havia pouco tempo e que dirigiu os destinos da Egreja até 1883.

Durante esse tempo os prestantes mocóquenses cap.º Antonio J. Dias de Lima e José de Sousa Dias promoveram a edificação de uma nova matriz, no mesmo logar em que hoje se ostenta o soberbo templo edificado mais tarde.

Fizeram os alicerces e a obra foi suspensa por alguns annos.

Retirando-se o Padre José em 83, foi substituido pelo popular e bondoso Padre Francisco Sulimena, que serviu 3 annos. Em 86 veio o Padre Adelino Jorge Montenegro, que não se demorou mais de um anno na administração da parochia. Foi, então, em 1887, nomeado vigario o Padre Ernesto Augusto Lages, homem caritativo e desinteressado, que, pelo facto de ter-se envolvido abertamente no movimento politico de então, como republicano intransigente, o que se verá, mais tarde, soffreu injusta guerra e perseguição, foi atrozmente calumniado e, por isso, removido de Mocóca, levando innumeras provas de estima da grande parte de seus ex-parochianos.

BARÃO DE MONTE SANTO

Apesar de já crescente o progresso de Mocóca, nesse tempo, a Egreja não teve melhoramentos sensiveis, sendo certo, contudo, que o Padre Lages promoveu meios de embellesar e melhorar a velha Matriz, como se vê de sua circular de 10 de Maio de 1889. Seus esforços, porem, produsiram pequenos resultados reses.

Em Dezembro de 1886, tendo obtido uma carta de Pharmaceutico, na Escola de Ouro Preto, viajaram em companhia do Melhor Amigo que temos tido neste mundo, e, chegados á Mocóca, fomos recebidos pelo Barão de Monte Santo, Benjamin de Magalhães, Dr. Muniz Ferreira, João Bento e outros, com francas e animadoras manifestações de sympathia.

Essa cavalheirosa recepção e a convicção de que Mocóca tinha reaes elementos de progresso, decidiram-nos a estabelecer nossa residencia na cidade sertaneja e, em 2 de Fevereiro de 1887, inauguravamos nosso estabelecimento, com a modesta tenda de trabalho, denominado—*Pharmacia Queiroz*, o primeiro, nesse genero, que houve em Mocóca, dirigido por profissional, com presumpção legal de aptidão. Funccionavam a Pharmacia Abreu e a Pharmacia Meirelles, que se fechou com a nossa chegada; antes tinha havido as de Braulino Aguiar, Adolpho Caldas e Augusto de Oliveira.

Encontramos dous medicos: o Dr. Augusto Barreto, director mental do Partido Conservador, secretario do Directorio, occupando, mais tarde (90-91) logares nas chapas dos candidatos ao Congresso Estadoal; e o Dr. Muniz Ferreira, propenso ao Partido Liberal, pouco depois republicano propagandista e enthusiasta, e, afinal, chefe supremo do Partido Republicano Governista de Mocóca.

A estes medicos precederam os Drs. Santo Pagano que clinicou em 1875 e, logo depois, o Dr. J. P. de Mello Moraes que salientou-se no inicio da politica republicana e o Dr. Salathiel de Andrade Braga que falleceu tres annos depois.

A politica conservadora, então, como desde 1866, nas mãos do Barão de Monte Santo, obedecia, nos ultimos tempos da monarchia, ao Directorio organizado em 1.° de Janeiro de 1888, composto dos seguintes senhores: Barão de Monte Santo, pres., Dr. Augusto Barreto, secret. Gabriel Fernandes Pinheiro, Francisco Garcia Figueiredo, Miguel Ferreira da Silva, Thomaz Salustiano de Abreu. Este Directorio era filiado á União Conservadora.

A Dissidencia Mendista, resultado da scisão do Partido Conservador de S. Paulo, era chefiada pelos influentes politicos, Cel. Diogo Garcia, José Pereira dos Santos e Benjamin de Magalhães.

O primeiro Directorio Liberal eleito compunha-se dos srs. A. Xavier de Souza Pres., Joaquim R. Montana secret. Luiz J. Souza Penna, João B. Vieira da Silva, João Bap-

tista de Lima. Com a ascenção do Partido Liberal em 1889; foi este directorio substituido pelo seguinte:

Luiz J. Sousa Penna, Pres., Joaquim R. Montans, secret., Azarias Pires Eustachio, José Germano da Silva. Continuara como sempre, a preponderancia do Partido Conservador sobre o Liberal, mesmo com a reforma eleitoral da Lei de 9 de Janeiro.

Era esse o estado politico de Mocóca em 1889.

Logo que aqui chegamos tivemos o prazer de observar geralmente, mesmo entre os lavradores, manifesto e franco apoio ás ideias abolicionistas, que tendiam a fazer eliminar a pagina mais negra que tem turvado o livro claro e luminoso de nossa historia patria—a escravidão.

Entre os mais enthusiastas por essa humanitaria reforma, notamos os nomes de Benjamin de Magalhães, João Bento e João Sabino, que, commoser, foi alvejado uma noute de Novembro de 87, por um tiro, de cuja balla cuvimos o «sio insidioso», depois de um dia em que partiram de Mocóca para as brenhas do Cubatão, uns 80 escravos!...

D'entre os lavradores, alguns, bem se vê... não eram abolicionistas, sinão dos abolicionistas... Era natural!...

Por toda a vasta extensão do territorio brasileiro soprava o vento benefico da liberdade, esse movimento justo e grande que, devia redimir uma raça ingrata e má mas com direitos incontestaveis e naturaes.

De bom grado tomando parte activa entre os propugnadores da redempção dos captivos, collaboramos, com Benjamin de Magalhães em ardente propaganda feita em numerosas e continuas correspondencias feitas para a Imprensa de Campinas e da Capital.

Pouco depois, com ruidosos festejos e enthusiasticas manifestações de regosijo popular era, em Mocóca recebida a luminosa *Lei de 13 de Maio de 1888*.

O estado prospero em que se achava a lavoura, nesse anno, era condição bastante para que a transformação do trabalho não produzisse o menor abalo, apesar de existirem no municipio mais de mil escravos.

A imigração immediata de trabalhadores europeus, principalmente italianos, substituiu, com vantagem, o braço escravo e, a lavoura, que constituia o elemento unico do desenvolvimento de Mocóca, foi tomando, desde logo, grande incremento.

A Estrada de Ferro Mogyana, inaugurada em 14 de Janeiro de 78, em Casa Branca, o augmento extraordinario da plantação de cafeeiros, o calculo bem feito e a economia methodica do lavrador mineiro, firmaram e fizeram a collossal lavoura de Mocóca.

Pouco depois o Dr. Costa Machado incorporara a Companhia E. Ferro Rio Pardo, que, em 88, tinha, já, seus trilhos em S. José. A Companhia Mogyana comprehendendo

quanto promettia em prosperidade a futuroza zona cortada por essa estrada, comprou-a logo.

Em 14 de Janeiro de 89 o povo assistia alegre e em festas ao acto do assentamento do ultimo marco da locação, acto solennemente realisado pelo velho e respeitavel coronel José Pereira dos Santos, honrado pela turma de engenheiros com essa distincção.

No mesmo anno, em 28 de Outubro, Mocóca festejava a escolha do local onde seria a estação da Cidade, com enthusiastica manifestação aos Engenheiros da Mogyana.

Bastou a aproximação da estrada de ferro para que se sentisse um vivo estremecimento do progresso, a febre de crescer que se manifestava.

A lavoura augmentou, o commercio desenvolveu-se e Mocóca tinha, já, estabelecimentos commerciaes com capital superior a 200 contos, como as casas de Carmo Talibert, Francisco Demasi, Vicente Gatti e outras.

Medicos, advogados, artistas, industriaes, affluiam para a Mocóca, como si essa bella cidade fosse a terra da Promissão.

A edificação de predios foi se tornando caprichosa, moderna e elegante.

Bons hoteis luxuosos e confortaveis substituiram o hotelzinho da *Sinhana do Môrro*, fundado em 76.

Padarias de grande producção substituiram a do *José Botão* a primeira de Mocóca que não vendia mais de 1$000 diarios, de um pão que devia ser o legendario pão... que o diabo amassou.

Uma rez morta diariamente tinham os de Mocóca em vez do antigo açougue *semanal* do magaréfe João Ribeiro.

Era, já, a cidade illuminada a lampeões belgas, comprados por subscripção popular, promovida pelo Dr. Muniz Ferreira.

Com o lamentavel fallecimento de Manoel Felix de Alvarenga e Silva, o valente jornalista da Casa Branca, veio para Mocóca, seu filho Wenceslau de Almeida e, com elle, as officinas do extincto *Municipio*.

Teve Mocóca o seu primeiro jornal *O Monitor Paulista*, de propriedade e direcção d'este operoso moço e, em 15 de Janeiro de 88, destribuia-se em Mocóca, o primeiro numero do *Monitor*. Entramos logo a collaborar no novo jornal com uma série de artigos sobre melhoramentos locaes e saudaramos, com alma apaixonada de 22 annos, o seu primeiro numero, com um hymno inspirado pela grandeza do melhoramento:

Salve grande invento humano,
Que nos vem trazer a luz;
Salve Imprensa, deusa ingente,
Onde a verdade transluz.

Na treva que nos cercava,
Cheio de luz e fulgor,
Um raio de luz brilhante
Brotou do Sól — *Monitor*.

Novo Messias da Luz
Da Luz — Civilisação,
O povo já esperava,
De joelhos, pela missão!

Eil-a chegada; contrictos,
Como em fervida oração,
Ouçamos a voz da Imprensa,
Como a creança á licção.

Salve grande invento humano,
Que nos vem trazer a luz!
Salve, Imprensa, deusa ingente,
Onde a verdade transluz!

Foi, de facto, um grande beneficio, o que prestou o *Monitor Paulista* ao municipio de Mocóca; foi sempre advogado dos direitos do Povo, justo em seus conceitos e grande impulsionador do progresso e da civilisação dessa cidade.

Tambem por esse tempo, a Instrucção Publica, com o habil professor Emilio Mario de Arantes melhorou sensivelmente e a Cidade muito ganhou com o genio progressista e emprehendedor d'esse intelligente e adiantado cavalheiro.

O fôro, com os advogados Macedo, Campista, Muniz de Sousa e outros, movimentou-se e tornou-se de extraordinaria actividade.

O Theatro que havia permanecido em pasmaceira, desde que o Dr. José Custodio com Benjamim de Magalhães fizeram construir o velho barracão, acordou estremunhando do prolongado lethargo.

Fundou-se a «Sociedade Recreio Dramatico», sob a presidencia do Juiz de Direito Dr. Pereira Cabral e realisaram-se melhoramentos no Theatro, representando, por vezes, o «Grupo Particular».

Em vez das «Nodoas de Sangue», velho dramalhão com o qual se inaugurou o Theatro Velho, tinhamos o inesquecivel Xisto com o *Capadocio*, o Carrara com o Penna a darem-nos *Periquito*, *Phantasma Branco*, *Deus e a Natureza*, com uma *troupe* feita de Fontana, Camões, Lino, Ribeiro Guimarães com a Hercilia etc.

Já tinha Mocóca a sua primeira banda de musica regular a «Banda do Fortunato».

E a boa e cordial sociedade mocóquense reunia-se em frequentes convivios, tornando-se tradicionaes o S. João e

outras festas da casa do Benjamim, onde as danças, recitativos, discursos e truques barulhentos se succediam, em meio de expansiva alegria augmentada pela bem servida mesa e franco espoucar de rolhas.

Com o inicio da propaganda republicana, começou tambem a desunião e a intriga politica, que tão perniciosa se tornou para o bem estar social.

A licença exagerada de que gosavam os republicanos propagandistas no Brazil, depois da promulgação da Lei de 13 de Maio, os excessos de um brutal desbragamento de linguagem, iam produsindo manifestações hostis á monarchia, ás vezes barbaras, como o attentado de 15 de Julho de 89, no Rio.

Com a alma incendiada pelas ideias utopistas de moço republicano, cheia das allucinações que produz a leitura precoce da Historia da Revolução Franceza, com uma educação talhada nos moldes da demagogia d'essa patriotica nação, nós nos deixamos levar pela corrente da epoca, e a irreflexão de moço ideólaga arrebatou-nos, fazendo-nos adejar pelo paiz luminoso do Ideal.

Viamos no kaleidoscopio de nossa mente imaginosa o phantasma de uma felicidade illusoria, a visão feérica de um futuro completo para nossa Patria.

Fomos republicanos sinceros e convictos, como o eramos anteriormente, entre os coll gas que estudavam sobre as negras e pedregosas montanhas de Villa Rica que, um seculo atraz ouviram as ternissimas endeixas de Gonzaga e presenciaram ao lugubre desenrollar da tragi-comedia da Inconfidencia Mineira.

Tractamos, com o Dr. Muniz Ferreira, da fundação do Partido Republicano de Mocóca.

Faziamos parte da directoria do Club Republicano, em sua installação, em 15 de Agosto de 1888, club organisado com o Dr. Muniz Ferreira, Francisco Soares, José de Souza, Antonio J. Dias de Lima, Dr. Geraldino Campista, João Sabino, Ignacio Fernandes Garcia, Theophilo C. Dias e outros elementos de real influencia local.

Com o Dr. Muniz Ferreira e José de Souza formavamos o primeiro directorio republicano de Mocóca, organisado em 29 de Agosto de 88, depois de brilhante conferencia realisada por Herculano de Freitas.

Sinceramente enthusiasmado e apaixonado crente, ouviamos o canto de sereia do Snr. Francisco Glycerio, em sua conferencia de 31 de Outubro do mesmo anno, no Theatro S. Sebastião.

Pouco antes, em arroubos de douda demagogia, promoviamos atrevidas manifestações publicas, nas quaes deprimiamos os meritos incontestaveis de respeitabilissimos e encanecidos mocóquenses, com direitos reaes ao respeito e á consideração, por longos e inesqueciveis serviços a causa publica.

Uma desenfreada manifestação de protesto seguia-se, em Mocóca, aos acontecimentos de 11 de Agosto em S. José do Rio Pardo.

Emfim, chamavamos emphaticamente a tudo isso, «fazer propaganda da causa luminosa e ideias democraticas».

E, mesmo assim, com essa propaganda irreflectida, superficial e desvairada, tentava-se, em Mocóca, como em quasi toda a Provincia e em boa parte da Nação, um movimento que poderia ter produsido, por uma evolução natural e consentanea, durante o terceiro reinado, uma Republica honesta, patriotica e opportuna. Tal, porem, não se deu. Uma revolta de quartel, o levantamento de uma brigada, a trahição de deus generaes monarchistas e ambiciosos produsiram, com extranha surpresa, para o Paiz, a mudança da instituição governativa vigente.

Derribara-se uma dymnastia de reis e fundara-se uma dymnastia de soldados.

E o povo Brazileiro assistiu bestificado ao extemporaneo estabelecimento da Republica Brazileira!

Festejamos o 15 de Novembro de 1889.

1889 a 1900

A CIDADE SOB O REGIMEN REPUBLICANO

Passado o estupor do primeiro momento, em Mocóca, como em todo o Paiz, acreditaram todos que *já eram* republicanos.

Saude e Fraternidade!...

Viva a Republica!...

Salve-se quem puder!...

A 23 de Novembro, em sessão solemne, a Camara Municipal, sob proposta do cidadão João Bento, então seu presidente, adheriu em peso!

Adheriam mais: o Juiz de Direito em exercicio, Dr. Leite de Camargo, o Dr. Augusto Barreto, Juiz Municipal supplente; orava o antigo chefe conservador B. de Magalhães, assignavam a moção todos os chefes de partidos monarchicos da vespera, emfim, a Mocóca unanime ia com a onda, ás cégas, a esmo, inconsciente, atordoada... e assim foi em todo o Brazil!

E foi por isso, foi porque não havia convicção solida na Ideia Nova, que a republica veio atirar com o Brazil na bacchanal politica que presenciamos!

A republica não foi opportuna.

A propaganda *não tinha ainda produzido* seus *effeitos*, a maioria da nação não era republicana e, como, até hoje, *não é nada*.

Porque haveriamos de acreditar nos homens de hoje e duvidar dos de hontem?!

Não são elles, por ventura, os mesmos?!

Quando eram patriotas, quando eram leaes?

Quando elegiam a Camara unanime, quasi, do Visconde de Ouro Preto, ou quando adheriam á Republica que os *surprehendeu*?!...

Na mesma sessão da Camara, tomaram posse dos seus cargos, as primeiras auctoridades policiaes, nomeadas em 19 de Novembro pelo Governo Provisorio da Capital — o Dr. Muniz Ferreira e o auctor destas linhas.

A' noute foi cantado, na Matriz, solenne *Te-Deum* e, em seguida, houve grande baile... em casa do Barão de Monte Santo!!!

A realização brusca, inesperada e inopportuna de nosso caro ideal, lançou logo, em nosso espirito, a semente, que, germinando, veio a produzir a mancenilha perniciosa de nosso scepticismo actual

A falta de sinceridade politica nas bruscas adhesões, a não existencia de partidos com programmas definidos crearam logo a politica pessoal, que não era possivel medrar a de principios.

Começou a cizania e a sêde ardente de mando.

Dividiu-se a sociedade, começou o reinado da intriga, estabeleceram-se lutas e dissenções pessoaes.

Uma *Intendencia* de 5 membros era nomeada por Decreto do Governador do Estado, em data de 31 de Janeiro de 1890 e tomava posse em sessão de 5 de Fevereiro.

Compunha-se de:

Padre Ernesto A. Lages, Presidente
Dr. João P. de Mello Moraes
Estebio Ribeiro da Silva
Carmo Taijberti
Humberto de Queiroz

Muitos dos adherentes, da vespera, não adheriam mais; promoviam intrigas e desordens, queriam depôr a Intendencia, ameaçavam, esbravejavam, e traziam a Familia mocóquense em continuo sobresalto.

A Intendencia, por sua vez, não se entendia: era governo administrativo, era governo provisorio, era o directorio politico.

Foi uma balburdia!

Demittiam-se uns, nomeavam-se outros e, durante os tres annos seguintes, occuparam cadeiras de intendentes nomeados, os Senhores:

Dr. A. Muniz Ferreira
Dr. Alvaro da R. Azevedo
Dr. F. Carvalho Junior
José Gabriel de Figueiredo
José Epiphanio Ferraz
Antonio Pantaleão Soares
João José Nogueira
Andronico S. Vieira
Antonio Padilha
José Lamoglia
Antonio da Costa Pereira.

Depois, no governo do Dr. Americo Brasiliense:

Dr. Augusto Barreto

Antonio Noronha Péres
Francisco Demasi
Luiz Figueiredo
Luiz Ricci
Emilio de Toledo
João A. Teixeira
Antonio G. Nascimento
Manoel Thomaz de Carvalho
Joaquim Octavio Pinheiro.

Dividiu-se, logo, a politica em dous grupos, que por não terem bandeira e nem programma eram ridiculamente denominados: *Jacobinos* os chefiados pelo Dr. Muniz Ferreira e *Turcos* os que tinham á sua frente o Dr. Augusto Barretto.

Os *Turcos* eram partidarios do Dr. Americo e sua grei e os *Jacobinos* eram compadres dos Srs. Glycerio, Prudente e Campos Salles.

E foi assim que os opposicionistas, então governistas, com Americo Brasiliense nomearam como Delegado de Policia o cidadão João Victor dos Santos, que a 14 de Dezembro de 91 aliciava grossa turma de gente armada e telegraphava ao Dr. Americo, offerecendo a flor de sua gente em defesa d'esse Governador ameaçado; mas cruel acontecimento! O telegramma era recebido em S. Paulo depois da deposição do Dr. Americo e o valente patriota Victor dos Santos demittido por telegramma e nomeado para substitui-lo o Dr. Muniz Ferreira.

Novas desordens, nova bernarda!!

Em balde o Partido Republicano Historico procurava ligar-se aos monarchistas adherentes.

Em Fevereiro de 90 a Intendencia dava, por nossa proposta, á principal rua da Cidade o nome do Barão de Monte Santo.

Offerecia-se, em ruidosa festa, um fardamento riquissimo ao coronel Diogo Garcia, organizaram-se directorios mixtos, heterogeneos e, por isso mesmo, ephemero.

Inventaram-se partidos politicos — *Partido Nacional, Partido Municipal, Partido Catholico*.

Os homens não se entendiam, era a *cabra-cega* politica.

Era a anarchia das idéias, era o entulho de uma derrocada, a ruinaria de um terremoto social e politico.

E ninguem se lembrava que tinha sobre os hombros a responsabilidade de uma instituição e o futuro de uma infeliz Patria.

Não havia convicções e nem patriotismo e era por isso que se festejava em 12 de Fevereiro de 90 a organização do *Ministerio Ladario*, a volta do Imperador, a prisão de Deodoro e outras ballélas engendradas, com espirito, em um falso telegramma, por um brincalhão qualquer.

E o *canard* era festejado ardorosamente pelos adherentes da vespera.

. . . . . .

. . . . . .

E' muito cedo para contar-se a historia da primeira decada republicana, no Brasil.

Os vindouros contarão com mais desembaraço as curiosas e interessantes peripecias desse periodo anormal e movimentado: nós, os de agora, percorremos essa estrada escabrosa como gato por brazas.

Outros dirão, mais tarde, o que não nos é dado dizer com a rude franqueza da verdade historica.

. . . . . .

Pouco tempo depois, em renhida eleição, venciam os opposicionistas que tinham os seis primeiros nomes na Camara eleita em 30 de Agosto de 1892, que era a seguinte:

Dr. Augusto Barreto, Intendente,
João Bento
Antonio Antheiro
José Gabriel
J. Araujo Gouvêa
Antonio G. Nascimento
Urias Bellarmino
Aubertin Nogueira.

Ao mesmo tempo que fazia a chapa inteira de Juizes de Paz, *que constava dos Senhores:*

1.° Coronel Diogo Garcia
2.° Gabriel Lacruz Pinheiro
3.° Luiz Figueiredo.

A Lei n. 80 de 25 de Agosto de 1892, alterando a Lei n. 18 de 21 de Novembro de 1891, que reorganisou o Poder Judiciario, extinguiu os termos reunidos, passando cada um destes a constituir comarca.

Foi assim que se separou Caconde de Mocóca, sendo nomeados juizes letrados para cada um dos antigos termos, então novas comarcas.

O Dr. Pereira Cabral, removido para Itajubá, em 90, deixara o logar ao Dr. José Machado Pinheiro Lima; este depois de um anno, era substituido pelo Dr. Levindo A. de Hollanda Chacon, que teve como successor o Dr. Carlos Augusto Pereira Guimarães, servindo, tambem cada um, mais ou menos um anno.

Veio depois o Dr. Carlos Samuel de Araujo, que serviu uns dous annos, deixando, por permuta com o Dr. Souza Barros, a este, a suprema magistratura da comarca; occupou

o cargo, tambem, o Dr. Barros, pouco mais de um anno, sendo substituido pelo Dr. M. Augusto de Ornellas que permaneceu mais tempo.

Desde a proclamação da republica a politica de Mocóca era extremadissima. Chegado a Mocóca um *Juiz*, era assediado pelos dous grupos; si propendia para um, era hostilisado pelo outro; si se conservava neutro era hostilisado por ambos. Foi essa a rasão de servirem na comarca, em o curto periodo de uns 8 annos, nada menos de sete juizes!

Com a reforma judiciaria, extinguiram-se os logares de Juizes Municipaes.

Até 92 haviam servido, depois do Dr. Leite de Camargo, os Drs. Rogerio Dauntre e Alvaro Gomes.

A Promotoria foi, como vimos, occupada pelo Dr. Rogerio Dauntre, até 89; de 90 a 93 pelo Dr. Amador Cobra; de 93 a 97 pelo Dr. Calimerio dos Santos e depois pelo Dr. Laurentino de Azevedo.

O fôro animou-se, contando, por esse tempo, em seu seio, advogados de nome como o illustre publicista e jurisconsulto Dr. E. L. Bourroul que não poude permanecer em Mocóca, por ter soffrido o que soffreu sempre os intellectuaes que, na effervescencia social sobem alem da esphera das vulgaridades. E foi pena que um homem de talento, illustração e nomeada, como é o Dr. Bourroul não pudesse permanecer em Mocóca, quando elle seria sempre um elemento de progresso e de luz em um meio que necessitava de luz e de progresso.

Terminando o tempo da Camara Municipal, que tinha como Intendente o Dr. Augusto Barretto, começou o dominio ininterrupto do partido governista.

Essa Camara fez o Mercado e o Comiterio Municipal, concluiu o Lazarêto e iniciou o calçamento de ruas e fez os primeiros estudos para o abastecimento de agua.

Ella conseguiu do abastado fazendeiro, Major F. Garcia de Figueiredo a concessão gratuita dos terrenos do bairro de S. Benedicto, que, vendidos, produsiram aos cofres municipaes uns 30 contos. Começa de novo, o bafêjo official ao outro grupo politico; o Intendente resigna seu cargo e o Major Urias Bellarmino é eleito Intendente. Accentua-se esse bafêjo e o Dr. Muniz Ferreira vence a eleição de 30 de Julho de 96, fazendo os seis primeiros do Camara eleita, que se compunha de:

Dr. Muniz Ferreira, Intendente
João Vita
Antonio da Costa Pereira
Francisco C. Pereira
Antonio D. Martins
José Justino de Figueiredo
José Pedro de Figueredo
Humberto de Queiroz

Venceu ainda a eleição de 30 de Outubro de 98, na qual eram eleitos.

Dr. Munia Ferreira
João Bento
Synval Ribeiro
Francisco Garcia
Emilio de Toledo
Joaquim Cunha
Francisco Carlos
José Guilherme.

Esta Camara soffreu, desde sua posse, tenaz opposição do partido contrario e da imprensa local.

Conservou-se em continua anarchia, elegendo cada anno um intendente dos tres primeiros da lista. Enormes *deficits* orçamentarios, descredito consecutivo, ataques tremendos da imprensa sobre questões melindrosas.

. . . . . .

Sobre tudo a perniciosa politicagem, tudo isso concorreu para que fosse essa uma época de descalabros para o governo administrativo do municipio.

Tomamos parte activa em algumas manifestações do movimento politico que, então, se fez.

Muita ferida sangra ainda e ainda se sente o fel da indignação, que pode, inopinadamente se extravasar e transformar-se em tinta. E a penna do chronista historiador só se deve embeber na tinta inerte da verdade sem paixão. Não podemos escrever, com placida frieza, sobre esse periodo da politica, que, tantos males tem produzido, dos quaes os mais lastimaveis se deram em 1894, quando, em 11 de Abril era victima de brutal attentado o Delegado de Policia, em exercicio, Tenente Augusto Lages e as consequentes e, algumas injustas perseguições a velhos e veneraudos mocóquenses, e outros extranhos ao facto, todos com respeitaveis titulos ao respeito e á estima.

Sentimo-nos contente e feliz quando nos vemos emancipados de uma vida que nos obrigava a intervir nessa politica mesquinha, pequenina, pessoal sem ideaes e sem proveito, ingloria e injustificavel.

Mocóca, como todo o logar pequeno, devia pagar seu tributo a esse mal, e o pagou bem pesado, atravessou alguns annos nessa lucta esteril, vendo seu progresso paralysado e seu bem estar turbado.

Epoca infeliz! Era lá esse torvo combate aggravado ainda com os reflexos nefastos e lutulentos da espada de Floriano, no Governo supremo da Nação.

Bom é que deixemos esse terreno aspero e continuemos com o nosso despretencioso estylo de noticiarista de jornal a exposição de nossas notas e reminiscencias.

Diversos directorios presidiram os destinos da politica, então dominante, prevalescendo em todos a influencia absoluta do Dr Munis Ferreira e por pouco tempo a do Dr. Amador Cobra, que só queria ser e foi eleito Deputado Estadual.

A politica do Dr. Muniz Ferreira foi auxiliada, sempre, pelos srs. Coronel Antonio G. Siqueira, Coronel Francisco Soares de Camargo, Antonio da Costa Pereira e outros.

Por sua vez, na direcção do partido opposicionista predominava a vontade do Dr. Augusto Barreto, sustentada pelas influentes familias Figueiredo e Pinheiro.

Com as victorias alcançadas nas eleições de Camara, o partido situacionista alcançou tambem successos completos nas de Juizes de Paz; assim com a primeira Camara eram eleitos:

1.° João A. de Mattos.
2.° Emilio de Toledo.
3.° Francisco Pires Barbosa.

E com a ultima.

1.° Benjamim Dinamarco.
2.° José Tiburcio Pereira.
3.° Joaquim F. Pinheiro.

Faz-se nova eleição de Camara e o partido opposicionista alcança franca victoria!!!

O Tribunal de Justiça annulla a secção eleitoral, que produzia essa victoria!!!

Os poderes superiores abafam e deprimem o espirito publico que estremece em ancias de patriotismo moribundo!.

E' o aniquilamento dos esforços da vontade popular!

E' a bancarrôta da politica;

E' a derrocada da Nação.

No dominio do partido governista, serviram como Delegado de Policia o Major Pantaleão Soares, o Major Gomes de Meirelles, o Commendador B. Saboya e o Major J. Silverio do Amaral, alem de diversos delegados militares, que, por vezes, vieram *manter a ordem* em dias de eleição.

Bem se vê que Mocóca soffreu durante essa periodo grave damno: essas luctas politico-pessoaes tolheram por todos os lados o seu bem estar e o seu movimento progressivo.

Os elementos naturaes desse riquissimo municipio foram annullados pela preoccupação unica, esteril e absorvente de uma politicagem maninha e antipathica.

Gregos e Troyanos, todos, fomos culpados de, antepondo interesses pequeninos ao interesse publico, fazermos estacionar a marcha de tão prospero municipio.

Apezar disso Mocóca era ainda, então, dos mais importantes e ricos municipios do Estado.

Si não, vejamos:

Partindo de 1890, nós viamos a cidade movimentar-se e reanimar-se de um modo extraordinario. Em 6 de Feve-

reiro desse anno, com alegres festas, commemorava-se a chegada da ponta dos trilhos da Estrada de Ferro Mogyana.

Em 18 de Março seguinte, cerca de 3000 pessoas aguardavam a chegada do trem inaugural, que, entrou na gare, por entre enthusiasticas acclamações, seguindo-se grande banquete e luxuoso baile.

A chegada da Estrada de Ferro produziu, em Mocóca, um movimento assombroso: o commercio desenvolveu-se, crearam-se numerosas casas de commissões, grandes depositos de generos de consumo, realisando se avultadas vendas em grosso.

Affluia para a Mocóca o commercio e a exportação das visinhas cidades sul-mineiras, Cajurú, etc.

Mocóca tornou-se um grande centro, um verdadeiro empório commercial, concorrendo para toda essa animação o alto preço do café.

Na safra de 91, foi tal a entrada de café, que foi necessario encherem se salas de visita e atulhar até o Theatro com as saccas desse precioso producto.

Uma Fazenda de 30 alqueires, comprada quatro annos antes pelo sr. Victor dos Santos, por 3:500$000, era vendida então por 30:000$000!!

O eleitorado que orçava por uns 74 eleitores em 1881, por 95 em 89, subiu em 91 a 453, attingindo a mais de 800, em 1900.

Pelo recenseamento a que se procedeu, em 1891, a população era a seguinte: existem, no municipio, 7731 habitantes.

São casados 2937, solteiros 4551, viuvos 243; masculinos 4324, femininos 3407; brancos 4952, pardos 1203, cabocolos 434, pretos 1162.

De edade inferior a 14 annos 2993; de 14 a 21, 1268 de 21 a 40 annos, 2489; de mais de 40 annos, 981.

De filiação legitima 7089; illegitima 642.

Sabendo ler, 1579; não sabendo ler, 6152.

São catholicos 7723, mahometanos 8.

Expostos 32; cegos 18, surdos-mudos 42, idiotas 47, aleijados 73.

Naturalidades:

S. Paulo—3863.
Minas—2788.
Bahia—61.
Ceará—16.
Goyaz—5.
Rio de Janeiro—90.
Capital Federal—5.

Espirito Santo—2.
Pernambuco—7.
Maranhão—1
Santa Catharina—1.
Rio Grande do Sul—2.
Parahyba do Norte—1.
Sergipe—28.
Portugal—186.
Italia—597.
Allemanha—4.
França—2.
Hespanha—26.
Africa—40.
Austria 7.
Turquia—8.
Paraguay—1.

Vê-se que a colonia italiana, estava ainda em começo, podendo-se calcular, 8 annos depois, em mais de 3000.

Vê-se ainda, que, como ja temos dito, era lastimavel o estado da instrucção publica, pois contavam-se 84 % de analphabetos este vergonhoso quociente parece que foi decrescendo de mais a mais nos annos seguintes

Pelo menos podiamos notar, com prazer, a fundação de algumas casas de instrucção, como «O Collegio Oliveira», «O Collegio Infantil», «O Collegio Miranda» alem de funccionarem, até 95, duas escolas publicas e alguns modestos externatos, que mesmo assim, prestaram bons serviços, em limitada vida, que, dura verdade é, mas deve ser dita—sempre viveram pouco, sempre prosperaram pouco, os estabelecimentos de instrucção em Mocóca.

A grande alta de café, de 93 a 95, quando se vendia uma arroba desse producto por 25$ e 30$000, produziu em Mocóca um delirio de progresso.

Tambem ella teve o seu *ensilhamento*.

Houve anno de se edificarem 200 predios!

As ruas eram entulhadas de materiaes de construcção; as carroças, os operarios, os negociantes, em apressado vae-vem, se entrecruzavam, nas ruas, em um labutar continuo.

Era uma cidadade de *Yankes*! O progressista e emprehendedor Carmo Taliberti, fazia inaugurar, com grandes festas, em Abril de 92, a seu «Hotel Terraço» vasto edificio, o melhor que havia, então, em todo o interior do Estado. O mesmo cidadão com o auxilio de José E. Ferraz e Benjamin de Magalhães, fundou uma excellente banda de musica—A Philarmonica Mocóquense, com magnifico instrumental, importado de Milão.

De 91 a 92 funccionou, sob a alegre presidencia de José E. Ferraz, o originalissimo e estravagante *Club Cartolinha*, que em meio de suas luculescas reuniões, deu a orphãos e viuvas, para mais de dez contos de réis, em es-

molas. Chamavam-n'o club da pandega e da caridade .. paradoxal, estravagante e originalissimo.

Por iniciativa do util cidadão Major Benjamin de Magalhães tratou-se, em 93, da reconstrucção do velho Theatro. A generosa philantropia de José de Souza Dias se patenteou exuberante, gastando, esse bom mocóquense, uns 60 contos, nessa obra de real utilidade.

Fez-se um Theatro elegante, moderno e confortavel. Deve tambem ser lembrado o concurso, para a realisação d'essa empreza, do fallecido Sr. Estebio Ribeiro da Silva, filho do legendario Venerando e um dos mocóquenses mais amantes de sua terra que conheciamos.

E o novo Theatro, onde já havia trabalhado a «Companhia Festana», era inaugurado officialmente, em 16 de Março de 1894, com a companhia de «Theatro Lucinda» do Rio de Janeiro, empreza Silva Pinto.

Começou desde então o empenho manifesto e fecundo de João Teixeira, o progressista impulsionador do desenvolvimento e brilho do Theatro de Mocóca, que se tornou conhecido e citado até na Capital da Republica. E assim devia ser. As boas companhias que, por esse tempo vinham á Capital do Estado, se iam a Campinas, tambem iam a Mocóca.

Foi assim que, pisaram o palco do Theatro S. Sebastião: *Zaira Tiozzi, Cuneo, Lotti, Leonor Rivero, Miola, Medina, Brandão, Machado, Leonardo, Collás, Dionesi* e tantos outros artistas de merito.

Viu-se ali o lyrico, o drama, a zarzuella; a opereta a revista e, em Dezembro de 1897, era levada á scena, com luxuosa montagem, cujas despezas excederam de 15 contos, a revista local «Mocóca», escripta por nós e ornada de artistica e graciosa musica de Pedro Camin, um artista nato e de real merecimento, sobre ser um espirito culto e intelligente. Essa *revista* alcançou grande successo, tanto em Mocóca, como em muitas outras principaes cidades do Estado.

Mais tarde engallanou-se ainda o Theatro de S. Sebastião, para dar ao publico outra *revista* original, devida á fina penna do intelligente letrista, Dr. Laurentino de Azevedo— a revista—*De Fio a Pavio*—que mereceu do publico de Mocóca, francas e merecidas ovações.

De toda a vida de Mocóca, como se terá visto do correr de nossa chronica, foi o anno de 95 o mais farto de melhoramentos para a cidade.

Assim, nesse anno, inaugurava-se o Mercado Municipal; em 20 de Janeiro installava-se o Banco de Mocóca; em 6 de Outubro collocava-se a pedra fundamental do Collegio; edificava-se a Cadeia; fundava-se a S. B. Nuóva Italia; erigiam-se ricos palacetes particulares e, finalmente construia-se a obra mais importante de Mocóca—a Matriz Nova. E nesse mesmo anno, em que Mocóca se ufanava de festas e progresso, teve de registrar, no livro de sua historia, o fallecimento de seu mais util e dedicado servidor, o Ba-

rão de Monte Santo, que falleceu em 18 de Novembro, já quasi octogenario, mas dedicado ainda e como sempre, ás cousas publicas de sua terra adoptiva, á qual serviu mais de meio século, com civismo e desinteresse. Assim foi elle, ainda, velho e doente, o mais enthusiasta auxiliar que encontrou o Padre Bento para a edificação da Matriz.

Devia ser uma data inesquecivel, para os mocóquenses o dia 18 de Outubro de 1890, pois, nesse dia, tomou a direcção da Parochia esse operoso e emprehendedor Vigario, dos 14 que teve Mocóca, o que mais obras e beneficios realisou.

Devido, exclusivamente, á sua tenaz vontade e habil diplomacia, edificou-se, como dissemos, a Matriz Nova, edificou-se o Collegio; sahiu victoriósa a Egreja da longa pendencia com a Camara, sobre o patrimonio, com grandes e reaes sacrificios do benemerito Vigario; reconstruiu-se a Matriz velha e ricos paramentos e alfaias custosas ornaram a Matriz. Ganhou a sociedade mocóquense um preclaro componente e é assim que, temos visto, sempre, na vanguarda da cruzada do Bem Geral, o nome do distincto sacerdote, sempre prompto, franco e desinteressado em beneficios á communidade social, tanto como em auxilios pessoaes.

E foi por isso e foi justo que o Padre Bento Monteiro, fosse distinguido com o titulo honorifico de Conego, em 29 de Junho de 97.

Deve o leitor ter colligido de nossa modesta exposição, que o progresso espantoso de Mocóca, si é devido a sua grande riqueza natural, não o é menos á excepcional iniciativa particular que, por annos, boa e fecunda, muito beneficio produziu.

Da primeira decada republicana, deve-se ter notado; destacam-se dous lustros: o primeiro, de 90 a 95 de franco e assombroso progresso e o segundo, de 95 a 900, com a baixa do café e a alta da politicagem de podre calmaria.

E apesar d'isso, era tão rica, era tão dotada a bella Mocóca, que a crise financeira que agoniou a todo o Estado, pouco se fez sentir nessa Terra previlegiada, invulneravel a todos os males, resistente a todos os attaques, fórte a todos os embates. E assim foi a sahida de Mocóca do seculo XIX, e assim começou ella uma outra phase que não estudamos, mas que tem muito que estudar, para quem quizer fazer uma curiosa observação sociologica, estudando a maneira de desenvolvimento de uma população nova, de adventicios, em vias de uma organisação social solida, que, necessariamente se formará, na futura geração de filhos de Mocóca, que terá por seu torrão natal o amor sincero e desinteressado de que carecem os de hoje.

Então Mocóca será feliz. Então, quando os costumes de uma sociedade heterogenea, adventicia e provisoria, se accentuarem em sãos principios de boa moral;

Quando, por isso mesmo, se accentuarem, tambem, o respeito mutuo, a consideração social justa e bem cabida, isto é, o equilibrio de uma sociedade civilisada;

Quando Mocóca possuir estabelecimentos sérios de instrucção e dér mais valor ao pão do espirito, que, por agora, quasi só cura do pão do corpo;

Com os reaes e valorosos elementos de progresso de que dispõe a Mocóca, ella será grande, prospera e feliz.

E é com os luminosos e promissores horisontes de grandeza, progresso e felicidade, que ella entra no vasto e luminoso peristylo do seculo XX!

DADOS GERAES

Em 1900

Posição

A cidade de Mocóca está situada a 21° e 25′ de lat. sul e 3° e 43′ de longitude O. do Rio de Janeiro.

Dista 13 kilometros do Rio Pardo e está á sua margem direita, ao norte da Capital do Estado.

A cidade dista:

Da Capital	330 k.
De Cajurú	42 »
» Casa Branca	38 »
» Caconde	42 »
» S. José	23 »
» Monte Santo	37 »
» Jacuhy	80 »
» S. S. Paraizo	75 »
» Musambinho	56 »
» Santa Barbara	31 »
» S. João Fortalesa	13 »

Superficie

Pode-se calcular a superficie do municipio de Mocóca em 2.100 kylometros quadrados.

Limites

Este municipio confina, ao Norte, com o de Cajurú, do qual o divide a Serra da Boiada.

A Leste com os de Monte Santo, pelo rio das Areias e Corrego Comprido; de Muzambinho pelo rio das Canôas; de Caconde, pelo rio Guaxupé; de S. José do R. Pardo pela Serra da Tubaca, até o Rio Pardo, passando, a divisa convencional, por Santo Antonio.

Ao Sul e Oeste com o de Casa Branca, pelo Rio Pardo, limitando-se tambem ao Oeste com o de Cajurú, pelo ribeirão da Boiada.

Chorographia

Ao Norte e Oeste é o terreno geralmente plano, coberto de vastos e bellissimos campos, com alguns capões de mattas.

Do alto da Serra da Boiada descortina-se uma esplendida vista de campinas interminaveis.

A Leste e Sul o territorio é accidentado, formado de collinas mansas e ligeiros massiços, vestidos de espessas florestas com capões de mattas virgens.

E' a zona mais rica de cultura que tem o municipio e, não raro é o ponto d'essa zona, em que o observador, alem do céu azul, só avista o verde-pardo, monotono e regular dos extensos cafesaes viçosos.

A cidade é edificada sobre quatro collinas, e de poucos pontos se descortinam horisontes vastos, sendo, todavia, bellissimo o panorama visto do alto da Estação da Estrada de Ferro para a cidade e para o Norte e Oeste, até Monte-Santo, limitado pelo azul desbotado e longinquo da Serra da Boiada; e não menos bello é o ponto de vista dos altos do Collegio e Cemiterio Novo, para Oeste, por onde se estendem os campos interminos das velhas Fazendas da Boa Vista, Alegria e Borda da Matta.

Orographia

Notam-se no Municipio, as serras da Boiada, contraforte da serra de Jacuby, ramificação da grande cordilheira da Mantiqueira, assim como as pequenas serras da Pedra Branca, Bica de Pedra, Tubáca, Serrinha, etc.

Hydrographia

Banham o municipio:

O Rio Pardo, affluente do Mogy-Guassú e o Rio das Canôas, tributario do primeiro; o primeiro, em parte, navegavel e o segundo só podendo ser sulcado por canôas de pequeno callado.

O Rio Pardo atravessa o Municipio de Leste a Oeste, tomando, depois o rumo de Noroeste, em direcção a S. Simão.

O das Canôas, que, como o primeiro, nasce em Minas, tem a mesma direcção, passando, porém, ao Norte da Cidade e indo lançar-se no primeiro, um kilometro acima da Cachoeira, em bellissimo sitio.

Além d'estes dous rios, pequenos riachos banham o Municipio, sendo d'estes os principaes: o *Guaxupé*, o *Areias*, o *Boiada*, o da *Prata*, o do *Meio* ou da *Mocóca*, o do *Lino* ou do *Campo*, o *S. João*, o *Sucury*, o *Guardinha*, o *Serro*, o da *Ressaca* e outros menores.

D'estes, o Ribeirão do Meio atravessa a Cidade de Sul e Norte, dividindo-a em duas partes: a Mocóca propriamente dita ou a parte central da Cidade, á margem esquerda e o bairro da Republica á margem direita, dividindo, egualmente a Cidade do bairro da Mocóquinha ou Santa Cruz, que fica a Nordeste.

O corrego do *Tamanduá* banha o povoado de S. João do Rio Pardo, assim como o *Monte Alegre* banha a povoação de N. S. da Luz das Canôas, á margem do corrego da *Fazenda Velha*.

Todas as aguas do Municipio, pertencem, como se vê, a uma só vertente, a do Rio Pardo, tributario do Mogy-Guassú — vertente geral do Rio Paraná.

Disposição da Cidade

A cidade tem suas ruas mais extensas de Leste a Oeste, medindo as maiores 1500 metros; as transversaes, de Sul a Norte, terão as mais longas 600 metros. São 24.

São largas de 60 palmos, sem calçamento, sendo as centraes, abauladas e macadamisadas, servidas por sargêtas de pedra e passeios cimentados, largos de 1.m50.

São mal cuidadas pelos poderes publicos, estando, quasi todas, estragadas e em quasi completo abandono, quanto á limpeza.

A Cidade não tem agua canalisada e é servida ainda, pela primitiva illuminação a kerosene.

Os predios, em numero de 985, são, em geral, bem construidos, modernos e confortaveis, tendo quasi todos espaçosos quintaes, pois as datas não edificadas, excedem de 400.

A horticultura e floricultura são muito pouco desenvolvidas, o que dá á Cidade um aspecto desagradavel, falta de gosto que está de accordo com a incuria do governo municipal em adornar as ruas e praças de arborisações e jardins, por muitos motivos uteis, e que faltam por completo.

A Cidade tem edificios publicos e particulares que merecem menção especial; destacamos os seguintes:

A Matriz Nova, que é o principal, teve começo, como já vimos, em 13 de Novembro de 1892, dia em que, com grande festa, foi lançada sua pedra fundamental.

Em 30 de Maio de 1891, em reunião convocada pelo Conego Bento Monteiro, tratou-se da organisação de uma Commissão encarregada da direcção das obras. Depois de terem sido indicados diversos nomes, de recusas e resignações, assignou o contracto com o empreiteiro Felice Calviti, a Commissão Definitiva, que se compunha dos senhores:

Conego Bento Monteiro do Amaral
Barão de Monte Santo

José Joaquim de Figueiredo
Diogo Garcia de Figueiredo
Gabriel Fernandes Pinheiro
Luiz J. de Souza Penna
Carmo Taliberti
Francisco Demasi.

Foi digna de justo louvores essa Commissão, que, alem de importantes serviços, despendeu para mais de 100 contos de seu dinheiro proprio, para a construcção do templo que custou mais de 400, salientando-se, ainda, grandes auxilios de outros prestantes mocóquenses, assim como o concurso e boa vontade do povo em geral.

D. Lino, Bispo da Diocese, em visita pastoral a essa parochia, dizia em seu provimento de 2 de Novembro de 1893:

«Differentemente do que se deu ao tempo da visita pastoral de nosso veneranda antecessor, o Ex.mo e Rev.mo Sr. D. Antonio Joaquim de Mello (9 de Agosto de 58) em que o estado de pobresa, desalinho e quasi abandono da Matriz, eram verdadeiramente deploraveis, nos é grato declarar que, hoje dá-se justamente o contrario.

Será a Matriz, dentro em breve, um templo bellissimo, que, correspondendo á importancia d'esta florescente localidade, dará, tambem, aos vindouros, um attestado da religião e generosa piedade de quantos concorreram para a realisação *de tão grande desideratum*.»

E o virtuoso Bispo expandia-se, em seguida, em francos elogios ao digno Vigario e aos dedicados membros da Commissão.

Quatro annos, apenas, foram gastos na edificação do magestoso templo.

No dia 12 de Maio de 1896, ás cinco e meia horas da tarde, procedia-se, com grandes festas, á benção da Matriz Nova, com assistencia do Bispo D. Joaquim Arco-Verde, orando, por essa occasião, o Conego Nery, brilhante prégador.

E' no provimento de D. Joaquim, em data de 17 de Maio do mesmo anno, que se lê: «Apraz-me aqui manifestar a nossa convicção de que o Rev.mo Vigario, Padre Bento Monteiro do Amaral, foi a alma dessa magnifica empreza, desde o começo até seu complemento.»

A Egreja está bem collocada, no ponto mais alto da praça Marechal Deodoro, a cavalleiro da Cidade.

A construcção, em geral, respeita á architectura gothica, usada e arreganse.

O aspecto geral do edificio, interna como externamente, é grandioso e imponente.

A nave, bem como a capella-mór, são abobadadas, ornadas de finas pinturas a fresco, com duas filas de modernas columnas, fingindo marmore, encimadas de ricos capiteis dourados.

MATRIZ NOVA

O altar-mór pequeno, mas elegante, respeita ao mesmo estylo e tem base de marmore branco.

E' rica e luxuosa a capella lateral do Sagrado Coração de Jesus.

Um excellente regulador funcciona na torre.

Internamente o templo resente-se de um excesso de luz, vindo das altas ogivas lateraes, o que lhe dá uma apparencia um tanto profana ou, antes, um meio que pouco convida á paz e ao recolhimento, necessarios aos templos religiosos.

O Theatro. Edificado por iniciativa do Major Benjamim de Magalhães e, quasi a expensas do Snr. José de Souza Dias, é pequeno, mas aceiado e luxuoso.

Dispõe de ricos scenarios pintados pelos melhores scenographos do Rio de Janeiro. E' servido por duas ordens de camarotes, além da galeria e espaçosa plateia.

Sua lotação é orçada em 120 logares e é illuminado a gaz acetyleno.

O Collegio. Feito por subscripção popular, promovida pelo Conego Bento Monteiro, efficazmente auxiliado pelo Snr. Thomaz de Abreu é um bem collocado, vasto, commodo e hygienico edificio, destinado a um collegio de meninas, dirigido por Irmãs.

Está concluido ha 5 annos, custou mais de 100 contos e, infelizmente, apezar dos esforços sempre renovados de seus benemeritos instituidores, não tem sido possivel o seu funccionamento.

Trata-se de um estabelecimento de instrucção..... como, a tantos outros, auguramos-lhe negro futuro. Que calamidade!!...

A Cadeia, bom edificio, feito pelo Governo Estadoal, custou 40 contos e foi edificada pelo habil constructor André de Luca. Consta de dous andares. No andar terreo funcciona a Cadeia e no superior a Camara e Audiencias.

Dispõe de espaçoso salão ricamente mobiliado, com bonita collecção de retratos a oleo, etc.

Está concluido, ao lado d'este, um novo edificio destinado, exclusivamente aos trabalhos da Camara Municipal e por esta mandado construir.

Grupo Escolar. Casa de edificação antiga, pequena e insufficiente, sem condições de prestabilidade, para o fim a que se destina.

O Mercado, um barracão pretencioso, acaçapado e pouco elegante, cuja disposição respeita mais ás exigencias de uma gorda renda, do que a esthetica, a hygiene e a utilidade publica.

Templos maçonicos em numero de dous, um dos quaes rico e elegantissimo.

S. Nuova Italia, pequeno, mas architectonico e elegante edificio.

Cemiterio e Lazareto, custando este algumas dezenas de contos, mas ambos descurados, como tudo o que depende dos poderes municipaes de Mocóca.

Capellas, duas: a de Santa Cruz e a de N. S. da Apparecida, alem da Matriz Velha, em parte reconstruida.

Pontes, seis sobre o Ribeirão do Meio; quatro de pedra e tijólos e duas de madeira.

A Cidade tem, ainda, alguns predios particulares que merecem menção especial, sendo os mais dignos de nota: o Hotel Terraço e os palacetes João Bento, Candido de Souza Dias, José Pedro e José Joaquim.

A Cidade consta da parte central e dos Bairros da *Republica*, *Mocóquinha*, *Vargem*, e *S. Benedicto*.

População

Conta o Municipio, mais ou menos, 14 mil habitantes, dos quaes pertencem á Cidade uns 6 mil.

E' numerosa a colonia italiana que conta no Municipio uns 3 mil nacionaes e pequenas são as de outros estrangeiros, sendo destas, as mais numerosas a portugueza e a hespanhola.

Rendas Publicas

A Camara Municipal, em seu orçamento de 1900, dispunha de uma renda de 130 contos.

A Collectoria Estadoal produzia uns 100 e a Federal uns 15 contos em medias tiradas das rendas do ultimo quatriennio.

Divisão ecclesiastica

A parochia da cidade era a unica de que constava o Municipio.

Divisão policial

Tem uma Delegacia e está dividido o Municipio em 14 quarteirões policiaes.

Imprensa

A Cidade publicava dous hebdomadarios de formato regular: A *Mocóca* e *L'Ortica*, com tiragem de 1000 exemplares cada um.

Curiosidades naturaes

E' de grandioso aspecto a cascata do Rio Pardo, que se despenha, por uma estreita garganta, de uma altura de 10 metros, e bellissima a queda do Boiáda, do alto da serra do mesmo nome.

Viação

Alem de numerosas estradas particulares, que ligam a Cidade aos estabelecimentos agricolas do Municipio, a Cidade se communica, por boas estradas, com Cajurú, Monte Santo, Casa Branca, S. José, Caconde, Santa Barbara etc.

Mocóca é servida por um ramal da E. Ferro Mogyana, estando a Estação da Cidade no kilometro 67 a 645 metros acima do nivel do mar, distante 1 kilometro do Largo da Matriz Velha.

O ramal que parte do tronco, em Casa Branca, tem, no municipio, mais duas estações: Commendador Guimarães e Canôas.

A Estação da Cidade era uma das tres mais movimentadas da Companhia.

Sua renda annual produz, aproximadamente, mil contos de réis, sendo avultado o movimento de passageiros e regular o do telegrapho.

Correm nesse ramal denominado Ramal de Mocóca, dous trens que partem e dous que chegam, estando só um d'elles, o Expresso, em communicação diaria com a Capital.

Gastam-se horas de viagem:

De Mocóca á	Capital	11 h.
» »	» Campinas . . .	8 h.
» »	» Mogy	5 h.
» »	» C. Branca . . .	2 1/2 h.
» »	» S. José	1 h.

Esse ramal foi inaugurado, com a estação da cidade em 18 de Março de 1890.

Instrucção

Infelizmente é muito descurada a instrucção em Mocóca, ou antes, muito deficientes os meios de que se dispõe para o preparo intellectual das creanças.

Apezar de creadas muitas, só funccionam, no Municipio, uma escola publica e os estabelecimentos de ensino particular de ambos os sexos, em numero de 4 ou 5, são mal geridos, mal montados, não satisfazendo, em absoluto, ás exigencias de um ensino criterioso e consciente, sendo os filhos de Mocóca, obrigados a procurar alhures, as luzes de que carecem.

Profissões liberaes

A Cidade tinha, alem do pessoal do Fôro, nove advogados, 6 medicos, dous engenheiros etc.

Correio

A agencia do Correio, classificada, injustamente, em 2.ª classe, tem, além do Agente, um Ajudante, um Carteiro e um Estafeta, vencendo todos esses empregados, o ordenado annual de 4 contos.

A renda annual da agencia é de 14 a 15 contos e seu movimento em media annual é de:

Cartas recebidas	23000
» expedidas	50000
Registrados recebidos . . .	5000
» expedidos . . .	3000

Registro Civil

O movimento do registro durante o anno de 1899, conforme os termos de encerramento do livro competente d'esse zelado e caprichoso Cartorio era o seguinte:

Casamentos	85
Nascimentos	649
Obitos	252

Deve-se notar que na parte referente a casamentos, os accentos da Egreja davam cifra muito maior, o que é explicavel pelo grande numero de casamentos que, inconvenientemente se faziam só no religioso.

Agricultura e pecuaria

Os terrenos do municipio prestam-se para qualquer cultura e são reconhecidos como dos mais ferteis do Estado.

O preço d'esses terrenos, em 1900, era o seguinte:

Um alqueire cultura	café	500$000
» » »	geral	200$000
» »	campo	50$000

A cultura do café era quasi exclusiva e a natureza dos terrenos presta-se admiravelmente ao cultivo d'essa preciosa planta. Não raros são os cafezaes produzindo 1500 a 1800 kg. por mil pés.

A conformação do terreno ou disposição topographica, de suaves collinas, sem alcantis e ladeiras rapidas, muito facilita o trabalho da lavoura.

O serviço agricola é, em geral, entregue a colonos, em maioria italianos, por empreitadas, e, ás vezes, de parceiria.

Produziu o Municipio em 1900, 7.500.000 kg. de café Ha no municipio de Mocóca, 109 fazendeiros com 125 propriedades agricolas, que constam de 17.506 1/2 alqueires

de terra, achando-se ja cultivados, em café, 4.070 1/2, restando ainda 3.093 de terras proprias para essa cultura. Tem as fazendas 6.760 888 pés de caféeiros maiores de 4 annos, 1.714.549 menores d'essa edade.

O pessoal trabalhador nellas existente é de 2.871 individuos, faltando, ainda, para seu completo funccionamento 1.472, dos quaes apparecem, em tempo extraordinario, de colheita uns 600 a mais.

A lavoura é dividida por pequenos productores; ha alguns que colhem de 10 a 20 mil arrobas e que excedem de 30 mil, os Snrs. Francisco Garcia de Figueiredo, Francisco Soares de Camargo, José Julio de A. Macedo e Antonio J. Dias de Lima. Alem de productores grandes, tem a lavoura grandes fortunas territoriaes, sendo d'estas as maiores, os Snrs. Francisco Garcia de Figueiredo e Diogo Garcia de Figueiredo, que possue uns 8 mil alqueires unidos.

Alem do café, cultivam-se, em pequena escala, os cereaes, fumo, batatar, vinha e tem municipio alguns pés de mangabeira nativa.

A lavoura, de então, dispunha de 24 machinas de beneficiar café movidas a vapor e quatro a agua.

Contam-se no municipio 25 serrarias e 3 machinas a vapor para beneficiar arroz. As fazendas de criar eram em numero de 16 e são mais que regulares as pastagens de seus extensos campos, nos quaes predomina o capim *barba de bode* e o *gordura*.

Fabricam-se laticinios e a produção annual de gado, que ja havia sido muito maior, era mais ou menos de:

Gado bovino		3.000
» equino		1.500
» suino		9.000
» lanigero		1.500

O cultivo da canna de assucar, que havia sido, em tempos mais remotos, quasi exclusivo ou o mais importante, estava quasi abandonado.

De todos os municipios do Estado, tem sido o de Mocóca o mais desempenhado, sendo quasi nulla a sua divida hypothecaria.

Era promettedor o futuro da lavoura quando é certo que existem muitos cafézaes novos e em excellentes condições, sendo, em geral, a lavoura nova.

Commercio e Industria

Como a lavoura, da qual depende directa e naturalmente, o commercio de Mocóca atravessou soberbo e altaneiro as difficuldades de uma crise financeira geral.

O movimento commercial era importantissimo, como bem se pode avaliar pela seguinte estatistica; tinha a cidade 312 casas de negocios, 4 pharmacias, 3 hoteis, 8 restaurantes, um cortume com vapor, uma serraria e uma machina de beneficiar café, tambem a vapor, 6 fabricas de cerveja, 7 fabricas de massas, 4 olarias, 3 bilhares, 8 funilerias, 2 marmorarias 5 ferrarias, 9 marcenarias, 2 carpintaria, 5 ouriversarias, 9 sapatarias, 4 sellarias etc.

O Commercio e a Lavoura dispunham, para suas importantes transacções, de um solido estabelecimento, o *Banco Regional de Mocóca*, que, com capital de 500 contos e grande credito, effectuava negocios de monta, distribuindo nunca menos de 20 % em seus dividendos. Geria esse importante estabelecimento o habil, activo e intelligente financeiro, Dr. Rogerio Dauntre.

Dispunha ainda o Commercio da acreditada Casa Bancaria — *Centola & Comp.* que por sua vez, realizava importantes transacções. Uma rede, ja regular, de linhas telephonicas unia diversos pontos do Municipio e este com Sta. Barbara, Monte Santo, S. Sebastião, Musambinho, Jacuhy e Posses, no Sul do visinho Estado de Minas.

E' indubitavel que bem poucas zonas do Estado gosarão da amena salubridade de que gosa Mocóca. Apenas, nos mezes de Março e Abril, notam-se alguns casos de impaludismo nas margens do Rio Pardo e Cannôas e estas febres mesmo tendem a desapparecer, em vista de sua constante diminuições, com a devastação das mattas e consequente seneamento dos terrenos marginaes a esses rios.

Por vezes casos importados de febre amarella, variola, e outras molestias epidemicas ou contagiosas, têm sobresaltado a população, mas tem sempre limitado e nunca se desenvolveu, em Mocóca, uma epidemia qualquer.

Carecendo de todos os recursos do que dispõe a moderna hygiene para o saneamento de uma localidade, Mocóca, pela sua topographia e tambem pelo riacho que corta a cidade, constituindo-se em escoadouro natural, gosa ainda assim, de mui favoraveis condições climatericas.

A cidade está, como ja vimos a mais de 500 metros de altitude.

Predominam duas estações; o inverno e o verão; raras vezes desce o thermometro a 0° no inverno e não menos raras sobe a 35.° no verão. A média é de 25.°.

Reina o vento Noroeste e as chuvas são abundantes, como em todo o valle do Rio Pardo.

Mineralogia

O sub-sólo de Mocóca jamais foi explorado.

A pedra de construção é superior e o barro de olaria excellente.

Geologia

O sólo, em geral, é argiloso, proveniente da decomposição de rochas *genesis — graniticas* e alguma *terra roxa*, proveniente da decomposição da *diabase*, vulgarmente chamada *pedra ferro*, variedades de sólo que muito se prestam á cultura, em geral, e especialmente á do caféeiro.

Flora

Variada em familias e riquissima pela prodigiosa fecundidade do sólo, a flora do Municipio causa real admiração.

Alem da belleza de uma natureza privilegiada, ostentando mattas soberbas e emaranhadas, os vegetaes de cultura desenvolvem-se admiravelmente, em perenne primavera, produzindo fartas colheitas.

Dentre as plantas uteis que se desenvolvem no municipio, citamos:

Plantas alimenticias

Abobora — *Curcubita major.*
Agrião — *Cisimbrium Nasturtimus.*
Aipim — *Manihot Aipi.*
Alface — *Lactuca Sativa.*
Amendoim — *Arachis Hypogœa.*
Arroz — *Oriza Sativa*
Batata doce — *Convulvulus Batata.*
Batata ingleza — *Solanum Tuberosum.*
Carurú — *Phytolacea Cairirú.*
Canna de assucar — *Saccharum Officinarum.*
Café — *Cofea Arabica.*
Cará — *Dioscorea Braziliensis.*
Cenoura — *Daucus Carota.*
Chicorea — *Sanchus Oleraceus.*
Couve — *Brassica Oleracea.*
Ervilha — *Pisum Sativum.*
Feijão — *Phaseolus Vulgaris.*
Gilò — *Solanum Melongena.*
Inhame — *Dioscorea Sativa.*
Machiche — *Cucumis Anguria.*
Mandioca — *Manihot Utilissima.*
Milho — *Zea Maïs.*
Nabo — *Brassica Napus.*
Pepino — *Cucumis Sativus.*
Quiabo — *Hibiscus Esculentus.*
Serralha — *Sonchus Levis.*
Taióba — *Caladium Esculentus.*

Adubos

Alho — ***Alium Sativum.***
Cebola — ***Alium Cepa.***
Coentro — ***Coriandrum Sativum.***
Gengibre — ***Zinziber Officinalis.***
Hortelã — ***Mentha Crispa.***
Louro — ***Persea Fragrans.***
Mangerona — *Oreganum Mejorana.*
Pimentas — *Capsicum*
Salsa — *Petroselium Sativum.*
Tomate — *Solanum Licopersicum.*

Medicinaes

Avenca — ***Adianium Chrysophorum.***
Arruda — *Hipericum Teretinsculum.*
Alfavaca — ***Ocimun Iucamecens.***
Alecrim — ***Rosmarinus Officinalis.***
Alfazema — *Lavandula Spicata*
Arthemisia — ***Arthemisia Vulgaris.***
Bucha — ***Momordica Operculata.***
Barbatimão — ***Mimosa Virginalis.***
Carqueja — *Baccharis Triptera.*
Carrapateira — ***Ricinus Communis.***
Casca d'Anta — *Drimis Winteri.*
Caroba — ***Hordelestris Syphilitica.***
Caiapiá — ***Dorstenia Braziliensis.***
Cairana — *Cestrum Levigatum.*
Cipó chumbo — *Cuscuta Americana.*
Dormideira — *Papaver Somniferum.*
Douradinha — *Waieria Faniculum.*
Funcho — ***Anœtum Fœniculum.***
Fedegoso — *Heliotropum Hortensis.*
Figueira do Inferno — ***Datura Stramonium.***
Herva de Santa Maria — ***Chenopodium Ambrosioides.***
Herva cidreira — ***Melissd Officinalis.***
Herva S. João — ***Ageratum Cynisoides.***
Herva tostão — *Boeraria Hirsuta.*
Herva de rato — ***Palicurea Marcgravii.***
Japecanga — ***Smilex Japecanga.***
Losna — ***Arthemisia Absynthium.***
Mastruço — ***Lepidum Sativum.***
Mostarda — ***Sinapis Nigra.***
Poaia — ***Cœphelis Ipecacuanha.***
Poejo — *Mentha Pulegium.*
Quina — *Solanum Pseudo Quina.*
Sabugueiro — ***Sambucus Australis.***
Salva — ***Salvia Officinalis.***
Tanchagem — *Plantago Lanceolata*
Urucú — *Bicha Orelana*
Velame — *Croton Campestris.*

Madeiras

Alecrim — ***Hypericum Laxiusculum.***
Angico — ***Acacia Angico.***
Açoita Cavallo — ***Lukea Sp.***
Araribá — ***Centrolobium Robustum.***
Angelim — ***Andira Vermifuga.***
Cabreúva — ***Mirocarpus.***
Cambará — ***Moquinia Polymorpha.***
Cangerana — *Cabralea Canjerana.*
Cannafistula — *Canna Braziliana.*
Canella amarella — ***Nectandra Nitidula.***
Canella preta — ***Nectandra Molis.***
Cedro — *Cedrela Braziliensis.*
Copahyba — *Copahyfera Officinalis.*
Guarantan — *Ymira Antan.*
Guatambú — ***Aspidosperma Sessiliflorum.***
Ipê — *Tecoma Chrysantha.*
Ipeúva — *Tecoma Sp.*
Jacarandá — ***Macherium Alemeni.***
Jataby — *Hymenéa Courbaril.*
Massaranduba — ***Minusops Ellata.***
Oleo — ***Mirocarpus.***
Peroba — ***Aspidosperma Peroba.***
Socupira — *Ferreiria Spectabilis.*
Sassafraz — ***Mesphilodaphne Sassafraz.***

Pomareiras

Abacaxy — ***Var Pyramidalis.***
Annanaz — ***Ananassa Sativum.***
Araçá — ***Psidium Pomiferum.***
Ameixa — *Ximenia Americana.*
Araticum — *Anona Silvatica.*
Cajú — ***Anacardium Occidentale.***
Goiaba — ***Psidium Iucamecens.***
Guabiroba — ***Psidium Guassumifolium.***
Jaboticaba — ***Eugenia Cauliflora.***
Joá — *Ziziphus Joazeiro*
Mangaba — *Apocinum Ancornia.*
Maracujá — ***Passiflora Maliformis.***
Abacate — ***Laurus Persea.***
Bananas — ***Musas*** (**diversas**).
Cidra — *Citrus Vulgaris.*
Figo — *Ficus Carica.*
Lima — *Citrus Limeta.*
Limão — *Citrus Limonum.*
Laranja — *Citrus Aurantia.*
Laranja azeda — *Citrus Vulgaris.*
Mamão — *Carica Papaya.*
Manga — ***Mangifera Indica.***

Maçã — *Pyrus Malus.*
Marmello — *Pyrus Cydonea.*
Melancia — *Curcubita Citrulus.*
Melão — *Cucumis Melo.*
Morango — *Fragaria Vesca.*
Pecego — *Amygdalus Persica.*
Romã — *Punica Granatum.*
Uva — *Vitis Vinifera.*

Conta o municipio, ainda, entre os numerosos especimens de sua exuberante flôra, plantas textis, tintureiras, oleoginosas, aromaticas, resinosas e forrageiras.

Fauna

A fauna do municipio, não é, proporcionalmente, tão rica como a flóra; ou porque os caçadores tenham quasi dizimado especies antigamente numerosas, ou porque o povoamento do municipio os tenha afugentado, são raros os animaes e aves em geral, sendo ainda abundantes na Serra da Boiada e mattas adjacentes.

Contudo, contam-se, ainda, entre os especimens mais communs, os seguintes:

Anta — *Tapirus Suillus.*
Arára — *Macrocerus Maccio.*
Anú preto — *Crotophaga anú.*
Anú branco — *Pteroleptis Guira.*
Araponga — *Chasmarinchus Nudicolis.*
Andorinhas — *Hirundinio.*
Abelhas — *Hymenopteras.*
Bugio — *Micetes Fuscus.*
Beija-flores — *Gripus, Glaucis etc.*
Borboletas — *Lepidopteras* varias.
Cachorro do matto — *Canis crarw.*
Coati — *Nasua Socialis.*
Cutia — *Dosyprocta Aguti,*
Capivara — *Hydrocurus Capibara.*
Cactetú — *Dicotiles Torquatus.*
Carácará — *Polyborus Vulgaris.*
Coruja — *Otus americanus.*
Curiango — *Podager Nacunda.*
Canarios — *Cicalis.*
Codorna — *Nothura Maculosa.*
Colheireiro — *Platalea Ajaja.*
Cascavel — *Crotalus Horridus.*
Carrapatos — *Amblyomas.*
Ema — *Rhéa Americana.*
Formiga saúva — *Ata Cephalotes.*
Gambás — *Marsupialea.*

Gato do matto — *Felix Macrura.*
Garça branca — *Ardea Nivea.*
Giboia — *Boa Coronata.*
Grilos — *Artropteros.*
Irara — *Galictis Barbara.*
Inambú — *Crypturus Tatampa.*
Jaguatirica — *Felix Mitis.*
Jaratataca — *Mephitis Sufocans.*
João de Barro — *Furnarius Rufus.*
Jacú — *Penelope Pipile.*
Jacutinga — *Penelope Superciliaris.*
Jacaré — *Aligator Sceleps.*
Jararacussú — *Trigonocephalus Atrox.*
Lontra — *Lutra Brasiliensis.*
Macaco — *Cebus Patuellus.*
Morcegos — *Cheiropteros.*
Mocho — *Bubo Crestirostris.*
Maitaca — *Tricharia Cyanogastra.*
Martim Pescador — *Chloroceleri Americana.*
Macuco — *Trachypelmus Braziliensis.*
Mosquitos — *Culex, Simulea etc.*
Onça pintada — *Felix onça.*
Onça parda — *Felix Concolor.*
Paca — *Cuelogenis Paca.*
Preá — *Cavea Aperea.*
Preguiça — *Bradipus Torquatus.*
Papagaio — *Psytacus Vinaceus.*
Pica-páus — *Piscinie*, varios.
Pombas — *Columbinæ*, varias.
Perdiz — *Rynchotus Rufescens.*
Peixes — *Salmonides, Cyprinus, Citurinos etc.*
Quexada — *Dycotiles Labiatus.*
Ratos — *Hesperonys.*
Sagui — *Hapale Rosalea.*
Serelepes — *Sciurus Estuans.*
Sabiás — *Milms, Calandria etc.*
Soriema — *Dicolopus Cristatus.*
Sucury — *Boa Caninana.*
Tatú — *Dasipus Gigans.*
Tamanduá — *Myrmecophaga Tetradactyla.*
Tucano — *Ranophastidico.*
Tico-tico — *Zonotrichia Matutina.*
Uirapurú-rei — *Sarchoramphus Papa.*
Urubú — *Cathartes Lutens.*
Urú — *Odontophorus Dentatus.*
Urutú — *Crotalus Mutus.*
Veado mat. — *Servus Rufus.*
Veado cating. — *Servus simplicecornis.*

E, muitas outras, além dos animaes domesticos: gallinhas, patos, perús, gado de toda a especie e outros animaes

communs, encontrados em todos os centros de industria pastoril do Brazil.

D'entre estes, alguns são criados com abundancia, chegando a producção a exceder ao consumo, fazendo-se delles exportação para fóra do municipio.

O peixe é abundante. O Rio Pardo proporciona, especialmente na Cachoeira, abundante pesca.

Os peixes mais apreciados, são: o dourado, a piracanjuba, a ipiaba, o mandy, o suruby, o jahú, o curimbatá etc.. Tambem é piscoso e bastante explorado o Rio das Canôas, especialmente em Março, Abril e Maio, mezes que succedem á estação das chuvas.

O OESTE

Considerações geraes

Durante a época que mediou de 1880 a 1900, como que si se tivesse descoberto uma Terra Nova, uma nova Calyfornia, uma outra Canaan, quasi todo o sul do Brazil voltou suas vistas para essa região extraordinaria a que se chamava, impropriamente, *Oeste de S. Paulo.*

Os de longe contavam historias, como as lendas orientaes, de quanto a riqueza e felicidade o *Oeste* proporcionava; era a gruta de Ali-Babá.

Ir para o Oeste era o *abre te Ozamo* de quem queria enriquecer.

Si algo havia de exagerado nesse modo de ver, não era menos certo que uma região nova, de terras feracissimas, para a qual se avançavam os trilhos da *Mogyana* e da *Paulista*, cujas locomotivas levavam o silvo triumphador do progresso, como um toque de avançar, para essa deslumbradora região, constituia, de facto, aos que se aventuravam a exploral-a, uma viva promessa, muita vez realisada, de riqueza a de prosperidades.

E assim foi: do exhausto Norte de S. Paulo, do cançado Rio de Janeiro, de Minas Geraes, dos estados do Norte, de toda a parte affluiu, para o *Oeste*, uma população nova, ambiciosa, trabalhadora e corajosa.

O café era o motor d'essa formidavel machina de actividade, de trabalho e de progresso, que foi o quasi delyrio que empolgou o *Oeste*.

Grandes cidades, enormes fazendas, importantes casas de negocio fizeram-se, por esse tempo, nessa zona, como se fazem, com varas de condão, prodigios e milagres nas lendas da Arabia. Vimos, de perto, o desenvolvimento d'essa zona, acompanhamos o progresso de uma de suas mais importantes cidades, e observando o modo de formação e de progredir d'essa cidade, que é Mocóca, tivemos desejo de descrever, em suas diversas phases, resumidamente, mas com verdade, a formação de uma cidade do Oeste, onde assistimos, ao som de musicas, ao estourar de foguetes á collocação do *primeiro tijolo*, em construcção, vendo, vinte annos depois, essa mesma cidade, servida por uma estrada de ferro, illuminada a luz electrica, com o subsólo sulcado de canalisação d'agua e rêde de exgottos, as ruas cortadas de fios telephonicos, em franca ostentação, emfim, de um progresso real e positivo.

Acompanhar e descrever o progresso de Mocóca é acompanhar e descrever a formação e progresso de *Ribeirão Preto, S. Simão, Jahú, Jaboticabal, Botucatú* e tantos outras, desenvolvidas como que por encanto.

Escrever sobre o facto, pareceu-nos ser, assim, um serviço prestado á Historia de S. Paulo.

E foi por isso que procuramos dar ás nossas notas um certo methodo e ordem e emfeixamo-las neste modesto e despretencioso opusculo que ousamos publicar, sendo certo que o fazemos não com o fim de colher elogios ou renome, sinão por esse motivo e, ainda mais, por um ingenuo sentimentalismo, que resulta de uma dedicação sincera, real sympathia e saudosissimas lembranças que guardamos e guardaremos de Mocóca.

S. Paulo, 7 de Setembro de 1900.

Nota — [illegible] este livro, o produto [illegible] será destinado á [illegible]

O descobrimento do Brazil

PELO PADRE

J. B. HAFKEMEYER S. J.

Socio correspondente do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo

O descobrimento do Brazil

«A Terra do Brazil, que está na America, huma das quatro partes do Mundo, não se descobrio de proposito, e de principal intento; mas acaso indo Pedro Alvares Cabral, por mandado de El Rey Dom Manoel no de mil e quinhentos para a India por Capitão Mór de doze Naus, afastando-se da costa de Guiné, que já era descoberta ao Oriente, achou esteutra ao Occidente, da qual não havia noticia alguma, foi a costeando alguns dias com a tromenta the chegar a hum porto seguro, do qual a terra visinha ficou com o mesmo nome». (1).

Tal o parecer dos historiadores sem uma voz discrepante até aos principios do seculo passado. E quando em 1850, á proposta do Imperador, Joaquim Norberto da Silva defendeu a intencionalidade dos Portuguezes no descobrimento do Brazil, (2) achou escasso consentimento.

Hoje podemos dizer que a maioria dos autores segue a opinião contraria, apoiada em diversos argumentos que, no ardor com que o estudo da nossa primitiva historia foi em nossos dias reencetado e reviado, mais de uma vez foram aceitos em fé dos autores. Pois chegaram a attribuir aos Portuguezes não sómente a intenção de descobrir o Brazil, mas até a prioridade no de cobrimento da America. Faustino da Fonseca tentou surripiar esta gloria á nação vizinha e, se seu livro não foi aceito pela sciencia, arrastou muitos pelo enthusiasmo patriotico com que é escripto, bastantes vezes a custo da verdade historica como da logica. Outro autor se contentou com o descobrimento do Brazil intencionado por Pedro Alvares Cabral, recolhendo em breve resumo todos os argumentos que se podem preferir em abono de tal affirmação. (3).

J. Capistrano de Abreu rejeita a questão se foi fortuito ou não o descobrimento do Brazil como questão historica, dizendo que «deve relegar-se para as minucias da hicgraphia conjectural». (4) Com toda a veneração com que acatamos as pesquizas conscienciosas do mestre a quem a

(1) Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, V. 13 (1885-1886) p. 5.
(2) Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, V. 15 (1852) p. 125-171.
(3) A. A. Baldaque da Silva, O Descobrimento do do Brazil. Acad. Real de Sc. Lisboa 1892.
(4) O descobrimento do Brazil, pag. 37.

nossa historia patria tanto deve, contradizemos este parecer. Tem elle a questão do acaso ou não acaso no descobrimento do Brazil apenas «por um lado de outra questão mais vasta: como entre os Portuguezes de 1500 e imaginava a distribuição das terras e dos mares?». (1).

Quer-nos parecer que na revolução produzida pelos descobrimentos de Colombo e successores estas questões theoricas, conservadas pela escola, passaram para a segunda plana, tanto mais que cada descoberta fez nova brecha no edificio carcomido das tradições e construcções aprioristicas. Já os primeiros descobrimentos desarranjaram por completo a oikumene ptolemaica e, seguindo-se novos de tropel, não ficou aos geographos tempo de cultivar theorias. (2).

Os autores que defendem a intencionalidade do descobrimento do Brazil, levaram a questão ao terreno da historia attribuindo aos Portuguezes conhecimentos que, segundo outros, lhes são contestados. Vejamos, portanto, os argumentos do autor citado que julga «ter demonstrado com authenticidade o fundamento: que Pedro Alvares Cabral descobriu o Brazil porque levava instrucções de se desviar para o oeste, não só por vantagem da navegação, como tambem para na sua passagem explorar os mares occidentaes, onde havia toda a probabilidade de existir terra». (3) Refutando os seus argumentos, veremos que «o descobrimento do Brazil foi o que seria igualmente o da America, um episodio do periplo africano». (4).

Antes de entrar na argumentação positiva, o nosso autor rebate as explicações antigas e — depois de desenterrada a carta de Pero Vaz de Caminha — podemos ajuntar antiquadas, do descobrimento do Brazil, refutando: 1) que os navios da expedição foram arrastados para oeste pela acção forçada e insuperavel do meio em que navegavam; 2) que os navios foram desviados para oeste por erro commettido na navegação. (5)

De unico interesse para o nosso fim é a demonstração positiva expressa pelo autor por diversas maneiras e repartida em tres proposições. A hypothese que *a expedição se dirigiu para oeste propositadamente*, subdivide-se em tres: 1) proposito motivado por vantagem da navegação; 2) proposito de procurar terra ao occidente da Africa; 3) proposito de procurar passagem para a India pelo caminho do occidente. (6)

A primeira destas proposições é provada pelos seguintes factos e razões: 1) Já Vasco da Gama tinha dado o

(1) L. c. p. 24).
(2) Cf. o trabalho do autor: O primeiro mappa com o nome de America em Annuario do Estado do Rio Grande do Sul; 1910 p. 229 s. s.
(3) Baldaque da Silva; l. c. Todos os leitores não estão convencidos desta evidencia; Supan p. e. só fala de probabilidade: cf. Die territoriale Entwicklung der europaeischen Kolonien p. 37.
(4) João Ribeiro, Historia do Brazil (3.ª ed.) pag. 2[illegible].
(5) Baldaque da Silva l. c. p. 1.
(6) L. c. p. 12.

primeiro exemplo de fazer proa ao mar a grande distancia da terra, cortando a linha a oeste do meridiano das ilhas de Cabo Verde, seguindo a meio do Atlantico sul até virar na volta do Cabo da Boa Esperança.

2) Pedro Alvares Cabral levava instrucções nauticas, feitas por Vasco da Gama, para se afastar para oeste das ilhas de Cabo Verde, tomar abordada do SW. e seguir assim até á latitude do Cabo da Boa Esperança.

3) Pretendia-se com as instrucções nauticas, referidas na alinea anterior, evitar não só as calmas e trovoadas da costa de Africa, como tambem fugir das tempestades do Cabo da Boa Esperança (cabo tormentoso) fazendo a viagem muito pelo largo.

4) Os conhecimentos determinantes destas instrucções, em relação aos ventos, calmas e correntes maritimas do Atlantico, tinham sido adquiridos durante as viagens anteriores feitas pelos navegadores portuguezes, entre os quaes se tornaram mais notaveis: Diogo Cam, Bartholomeu Dias, Vasco da Gama e todos os pilotos que foram na primeira viagem á India. (1)

Vejamos o valor destes quatro argumentos. O lugar citado do Roteiro é o mesmo, do qual tambem o Barão do Rio Branco quer tirar a conclusão que «é mui provavel que havia a certeza da existencia duma terra na direcção do Brazil. (2)

Ao ler a passagem citada do Roteiro, parece a conclusão evidente. O estudo, porém, de toda a obra e a consideração do fim da expedição de Vasco da Gama faz esvaecer tal evidencia. Tinha que achar o caminho para a India e explorar tudo que poderia facilitar a navegação e, antes de tudo, os portos, estações no caminho. E neste ponto esmerou-se, pois achando na derrota signal qualquer de terra, ia atraz para conhecel-a. E' esta a unica vez que viram vestigios de terra sem fazerem tal pesquiza, porque ninguem julgava possivel a existencia de terra nestas alturas. (3)

Os outros tres argumentos proferidos por Baldaque em abono da proposição não adiantam a questão. Fala de instrucções nauticas de Cabral, tomadas por base da prova, mas onde existem taes instrucções? Citou E. Mouchez um trecho dellas, mas perguntado donde o tirou, não respondeu e assim a prova perde todo o seu valor. Para provarmos que Cabral tinha ordem de seguir aquella derrota, nem precisamos de semelhantes instrucções duvidosas que as temos bem claras e expressas no roteiro de Vasco da Gama.

(1). L. c. p.
(2) St. Anna Nery, Le Brésil en 1889, p. 105.
(3). Sabemos que já se tirou outra conclusão deste mesmo lugar. Faustino da Fonseca diz: «E' claro que Vasco da Gama teria procurado a terra para onde essas aves se dirigiam *como aves que iam para terra*, se não soubesse perfeitamente que havia ali uma terra portugueza, já visitada por outros e já incluida nos nossos dominios» A descoberta do Brazil, p. 238-9. Cf. a resposta C. Teschauer, S. J. Será discutivel a prioridade dos Portuguezes no descobrimento da America? Fortaleza, 1903.

A viagem deste navegador dá luz para toda a questão e as difficuldades até agora novidas contra o acaso da descoberta explicam-se por não attenderem os escriptores a roteiro exacto que na ida seguiu Vasco da Gama, pois mappas historicos excellentes como o de Droysen o apresentam bastante inexacto, o que se verifica pelo confronto com o mappa que acompanha o Roteiro e no do livro «Subsidios para a leitura dos Lusiadas por J. Barboza de Bettencourt. Consultando estes mappas e conferindo os dados do Roteiro achamos que Vasco da Gama, sahindo de St. Yago, seguiu, ao primeiro, rumo S.O. até que nas alturas da Rocha de S. Paulo dobrou para o Sul e seguiu uma derrota NS entre os graus 15 (Bettencourt) e 30 (Roteiro) long. Greenwich, dobrando pouco mais ou menos no grau 25 de latitude sul para o oriente em demanda do cabo da Boa Esperança. Atravessou, portanto, o nosso almirante o alto barometrico dos nossos mares e, por isso, a região mais rica em calmarias. (1)

Era facil evitar este estorvo seguindo um pouco mais para oeste e, seguindo Cabral esta derrota, haviam de deparar-se-lhe signaes de terra muito mais numerosos do que ao seu antecessor. Vasco da Gama não tinha visto o Monte Pascal que havia de fazer de Cabral um feliz descobridor.

Assim «o plano systematico de estudo e investigação que seguiam as viagens dos Portuguezes de exploração, levou ao descobrimento de novas terras» sem que em tudo isto se manifestasse a minima intenção de descobrir a terra do Brazil. E esta intenção que Baldaque da Silva quer provar na segunda proposição com sete argumentos, dos quaes o primeiro é:

Já em 1498 havia el-rei d. Manoel encarregado Duarte Pacheco, cavalleiro da sua casa, notavel pelo valor pessoal, de ir procurar terra no occidente da Africa». (2)

Contra este primeiro argumento levantam-se varias duvidas. Antes de tudo cortemos uma palavra de que Duarte Pacheco não tem sombra, a saber «da Africa». Pacheco diz apenas que d. Manoel «mandou descobrir a parte occidental passando alem a grandeza do mar oceano honde he hachada e naueguada huma tam grande terra firme com muitas e grandes ilhas ajacentes a ella que se estende etc.», dando em seguida a extenção do novo mundo quanto era conhecida ao tempo em que Pacheco escreveu o seu livro (3)

O intrepido Faustino quer provar por uma exegese atrevida que Pacheco faz esta viagem (4). Faz outra vez demais, pois sabemos que no anno allegado não se executou

(1) Roteiro da viagem de Vasco da Gama, editado por A. Herculano e o Barão do Castello de Paiva, p. 3.
(2) Baldaque da Silva, l. c. p. 11.
(3) Esmeraldo de Situ Orbis, p. 7.
(4) A descoberta do Brazil, pag. 2[illegible].

a expedição e, no anno seguinte, «com a volta de Vasco da Gama, forçosamente deviam soffrer alteração quaesquer combinações assentes» (1), chegando afinal Pacheco a acompanhar Cabral.

Mas como se hade provar desta passagem do Esmeraldo que aquella viagem havia de ser ao Brazil? Semelhante exploração «ao occidente» só podia mirar as terras annunciadas pelos descobridores hespanhoes. Era muito natural que o Rei de Portugal, que estava procurando o seu caminho para a India, fizesse, entretanto, uma tentativa sobre as descobertas que, segundo o direito do tempo, erão possessão hespanhola. E não admira que, apenas soube de resultados positivos da sua faina, pela volta de Vasco da Gama, desistisse de semelhante empresa, para colher os fructos que acenavam aos esforços do seu povo na India.

E' excusado dizer que a noticia sobre a extenção do novo mundo não confirma o parecer dos adversarios, porque representa o saber do autor em 1505 e não em 1498. O mesmo temos que dizer do segundo argumento com o qual Baldaque da Silva apoia o seu parecer: «Refere Duarte Pacheco que era esta a terra da quarta parte desconhecida do mundo que el-rei d. Manuel mandou descobrir (2). Nem a affirmação que foi d. Manuel quem descobriu o novo mundo abona a these do autor, porque no tempo em que se escreveu o Esmeraldo significava o Brazil. (3)

Mas é difficil ligar a passagem citada com a viagem de Duarte Pacheco, pois nem no mesmo capitulo do Esmeraldo se acha. O sobrescripto do capitulo de que Baldaque da Silva a tirou é: «De como Seem, Caão e Jafet, filhos de Noé despois do diluuio cada hum abitou sua parte da terra e como lhe poseron nome Europa, Asya e Africa, e os Lugares por honde se deuidem.» (4) O autor aproveita a occasião para fazer um cumprimento a d. Manuel e mais nada.

Outro argumento achou o autor da Memoria tambem na carta de Pero Vaz de Caminha que diz «que a frota seguiu o caminho que el-rei mandou que seguisse.» (5) Lê o autor na carta manuscripta que existe na Torre do Tombo *vosso caminho*, torcendo numa nota o sentido da phrase por uma interpretação com que os grammaticos se avenham. Temos diante dos olhos o bello facsimile da carta editado em 1900 pelo Instituto Geographico e Historico da Bahia, em que lemos «nosso caminho»; nosso caminho dá a versão para o Portuguez da epoca como para o Portuguez

(1) Esmeraldo Introd. p. 6. Zeferino Candido dá a esta passagem a explicação que «desde 1498 d. Manuel instava com os seus marinheiros por que lhe descobrissem a terra. (Brazil, pag. 80) Mas quaes seriam os marinheiros que fizessem viagens nestes annos?
(2) Baldaque da Silva, l. c. p. 14.
(3) Fischer e Nieser, Die aelteste Karte mit dem Namen Amerika.
(4) Esmeraldo p. 8.
(5) Baldaque da Silva, l. c. p. 14.

actual; nosso caminho e eveu Ayres Casal em 1817 e ainda o editor do Esmeraldo, do que, aliás, já opinou que os dous trechos apontados podem servir de apoio á idéa actualmente debatida de que o descobrimento da terra de Vera Cruz não foi devido a um mero acaso». (1)

Suppomos, portanto, que Baldaque da Silva leu mal. Caminha escreve: «e asy seguimos nosso caminho per este mar de comgo», a saber o caminho do roteiro de Vasco da Gama.

Mas ainda não estamos no fim das provas. Continúa a Memoria: «Levava Pedro Alvares Cabral na expedição um navio destinado a voltar para traz, dando conta do resultado da exploração do occidente, que era a nau dos mantimentos.» (2)

E a prova desta affirmação? Está talvez na pergunta que Cabral fez a todos os capitães, «se nos parecia seer bem mandar a nova do achamento desta terra a Vossa Alteza?» (3) Porque esta deliberação, se o plano já estava feito? Como podiam disputar tal assumpto, se el-rei tinha mandado descobrir uma nova terra e até dado um navio para annunciar a descoberta? Em outras viagens desfizeram a nau dos mantimentos e nesta «tudo leva a crer que Vasco da Gama, tendo em vista não perder o navio, tivesse incluido nas instrucções nauticas que deu a Cabral, a indicação de aproveitar a nau dos mantimentos para voltar para traz, dando conta da investigação que a frota ia fazer ao occidente na sua passagem para o cabo da Bôa Esperança.» (4)

O autor refere-se mais uma vez ás instrucções nauticas de Cabral e destas pode provar tudo o que quizer, mesmo sem bofetear a logica, como a bofeteia num argumento ulterior dizendo: «Além das instrucções conhecidas dadas a Pedro Alvares Cabral, nenhuma prova ha que elle não levasse tambem instrucções verbaes e confidenciaes; é mesmo evidente que deviam existir para tão delicada empresa, e, portanto, estar entre estas incluida a de procurar terra ao occidente na sua travessia tão amarada do continente africano,» (5)

Com este argumento todos os mais se tornam superfluos. A these proposta está enunciada claramente num documento que deve existir — logo — para que procurar outros argumentos? Baldaque da Silva continúa: «Fazendo-se os geraes de SE. na estação considerada, muito para E., depois de passar a linha para o sul, e justificando-se o desvio para oeste unicamente por vantagem da navegação, tinha a frota aproveitado aquella circumstancia favoravel do alarga-

(1) Esmeraldo, Not. Prel. p. 7.
(2) Baldaque da Silva, l. c. p. 15.
(3) Carta de Pero Vaz Caminha.
(4) Baldaque da Silva, l. c. p. 15, n. 23.
(5) L. c.

mento do vento, para barlaventear na direcção do cabo da Bôa Esperança, o que não fez, porquanto, arribou para o occidente em direcção opposta áquella que deveria seguir pretendendo simplesmente montar o cabo da Bôa Esperança. (1) Este argumento está completamente no ar, porque nem Vasco da Gama nem Cabral seguiu a derrota que Baldaque suppõe.

Chegamos á ultima prova do nosso autor: «A unica objecção até hoje apresentada contra a existencia de instrucções verbaes ou confidenciaes para procurar terra a oeste, é a de que em relação a este descobrimento, nada explica o segredo que dellas se fez anteriormente, nem a falta de referencia posterior; mas esta razão contradictoria carece de fundamento, encontrando pelo contrario completa explicação na reserva que deveria haver nas explorações maritimas, desde que outras nações procuravam combater pela concorrencia a notavel expansão de Portugal sobre o globo.» (2)

Aqui mudou o autor algum tanto a essencia da questão, pois não se objecta nada contra as instrucções nauticas, mas conjecturar o seu contendo não podemos. Quanto á reserva que Portugal observava até 1500, é argumento pesado contra o nosso autor; porque apenas d. Manuel recebeu a noticia do descobrimento, annunciou o fausto evento a todas as côrtes. E outro tanto prova a «falta de referencia posterior». Todos os historiadores dão como descobridor fortuito e afortunado Pedro Alvares Cabral calando de qualquer viagem anterior: prova sufficiente que não houve descoberta anterior. Guardar segredo de semelhante facto sem que nada transpirasse, era uma impossibilidade. (3)

Resta ao autor despachar a terceira proposição, o que faz com as palavras: «A terceira hypothese fica evidentemente prejudicada em face dos fundamentos que justificam a hypothese anterior.» (4) Falar do proposito de procurar passagem para a India pelo caminho do occidente em 1500 é apenas um anachronismo. Feita a primeira exploração da costa brazileira, sim, começaram estas aspirações, executadas com feliz exito pelos Hespanhoes.

Temos no trabalho de Baldaque da Silva todos os argumentos que se pódem proferir em abono da thereze, como vimos, nem um unico resiste á critica. Temos para provar a these contraria o roteiro de Vasco da Gama, não attendido pela maior parte dos autores e mal entendido por Baldaque; temos a historiographia de tres seculos sem uma só voz que desafine; temos os progressos da geographia e historia que estão elucidando sempre mais os pontos escuros do

(1) Baldaque da Silva, l. c. p. 15.
(2) L. c.
(3) Cf. o que escrevemos nas Principaes representações cartographicas da costa brazileira, no Relatorio do Gymnasio N.ª S.ª da Conceição em S. Leopoldo, 1909, p. 18.
(4) Baldaque, l. c. p. 15.

periodo dos descobrimentos, sem ter dado uma sombra de luz para tal doutrina nova; temos finalmente uma explicação dos factos que não deixa duvida alguma em espirito despreoccupado e como é isto a tarefa do historiador, contentemo nos com o resultado obtido. Toda a gloria da descoberta fica a Pedro Alvares Cabral e a Portugal e, se o acaso se ajuntou aos esforços gloriosos dos Portuguezes, o descobrimento do Brazil é sempre a recompensa honrosa da faina desta nação de achar o caminho da India. Tinham evitado os navegantes os temporaes da costa da Africa e, querendo escapar tambem ás calmarias não menos perigosas dos nossos mares, toparam com o Brazil.

A GEOGRAPHIA NACIONAL

Discurso proferido na sessão inaugural do Segundo Congresso Brazileiro de Geographia

POR SEU SECRETARIO GERAL

DR. GENTIL DE ASSIS MOURA

Socio effectivo do Instituto

A GEOGRAPHIA NACIONAL

« *Senhores Congressistas.*

Comprehendendo a coordenação de um grupo de sciencias que lhe são connexas, libertada das restrictas normas traçadas para a Topographia e Chorographia, a Geographia constituiu-se em sciencia que ao mesmo tempo observava, determinava e representava a forma da terra e a sua posição no espaço, registava os phenomenos meteorologicos e sismicos, contribuia os grupos das classificações botanicas e zoologicas, estudava os mares e seus seres, os casos anthropologicos e ethnographicos e descrivia os productos da actividade social sob a forma de colonização, industria, commercio, estatistica, instrucção e etc. que desde a phase historica deviam figurar como capitulos dos seus tratados.

Descrevendo a terra, não poderia completar-se sem que ella fosse conhecida em todos os seus pontos: tratando dos seus habitantes, sua ultimação dependia da relação minuciosa da vida e da actividade social.

Estacionaria e circumscripta até o começo do seculo XV á pequena parte do velho continente, abriu dessa época para diante, as paginas do seu grande livro, para receber os contingentes scientificos que em grande mósso Tristão Vaz, Gil Yanes, Bartholomeu Dias e Colombo traziam das suas viagens e que corrigiam as erroneas concepções do «mar e da terra da noite» com que o mappa de Marco Polo envolvia as regiões desconhecidas.

A nova descripção de mares sem Cyclopes, de passagens sem Scylla e sem Charybdes, onde livremente se poderia navegar por largo prazo, era natural razão para excitar expedicionarios á viagens longinquas onde em investigações mais minuciosas, pudessem descer á analyse daquillo que em contorno lhes era divulgado.

Portugal tinha mais uma vez occasião para saber quantos heroes moravam no seu seio.

Apparelham se novas náus que continuamente afastam-se da terra com as vellas enfunadas ao sopro do nordeste buscando o alto mar. Ahi se orientam para o lado do sul e perdem-se na curva do horizonte.

Decorrem tempos e quando regressam, narram feitos que provocam assombros: Vasco da Gama invadira os dominios de Bartholomeu Dias e conquistara o oriente: Cabral ultrapassára os mares de Colomboe descobre o Brazil;

Magalhães sobrepujára a ambos. Seus expedicionarios, confirmando a presumpção da esphericidade da terra viajam por todos os mares, circumscrevem o globo e descobrem o mundo. Começam então as primeiras explorações geographicas.

Na obra do Brazil, Vespucci, Coelho, Pinzon e Sollis fazem as primeiras explorações da costa e que logo depois Cantino, Canerio, Kunstman e Waldseemuller rompendo com a autoridade de Ptolomeu—até então o arbitro supremo—fazem figurar nos mappas do mundo as costas recem descobertas.

Estava delineada a costa do Atlantico, faltava esmiuçar o paiz até seu amago, saber até onde poderia chegar a conquista pelo lado do poente, até onde proceder os passos dos povoadores hespanhoes.

Aquella raça, porém, tambem era de gigantes: a Hespanha possuia egualmente o seu exercito de heroes.

Nunes de Balbôa explorando o mar do Sul, inaugura a serie de descobrimentos que se vão fazer. Pizarro lhe succede, navega tres vezes pela costa do Pacifico, funda S. Miguel, occupa o Perú, apodera-se de Quito e conquista o Chile.

A obra das duas nacionalidades estava quasi completa, conhecia-se o contorno, faltava o centro, mas onde predominava o mesmo ardor de emprehendimento o exito deveria apparecer como consequente funcção.

Valdivia invade então o Chile e funda Santiago, Gonçalo Pizarro explora o paiz a leste dos Andes, Orellana desce o Napo e o Amazonas em cuja embocadura Pinzon tambem já estivera.

Atraz da mallograda expedição de Sollis, tentando subir o rio da Prata vêm Caboto, Diego Garcia, Fernando Mendonça, Ayalas e Irala que conseguem explorar o valle desse rio e do Paraguay até suas cabeceiras. Dahi voltam porque nada mais havia de novo para diante. Os seus patricios de Perú já o tinham descortinado.

No primeiro seculo da occupação, os hespanhoes avantajam-se aos portuguezes nas series de incursões pelo interior do paiz.

E' que todo o esforço do patriotismo luzitano, estava empenhado na expulsão dos francezes ao principio e dos hollandezes ao depois que pretendiam fortificados conquistar o seu terreno. Acceitavam o «training» da guerra como educação da resistencia para as arrojadas empresas com que iriam assombrar os seculos seguintes!

Mesmo assim, traçam-se desde logo os primeiros itinerarios, registam-se as entradas e devasta-se em parte o paiz.

Em 1536, já Diego Nunez em carta a d. João III noticia os pontos por onde se passa para attingir o Perú; poucos annos depois, Cabeça de Vacca atravessa de Santa Catharina para o Paraguay, Schmidel viaja de Assumpção para S. Vicente. Braz Cubas palmilha talvez o mesmo caminho, mas em sentido inverso, Sebastião Tourinho, Adorno, Martim de Carvalho e Francisco Bruzza penetram até o rio S. Francisco, onde Wilhelm Glimer attinge tambem, partindo de S. Paulo.

Iniciam-se então as celebres bandeiras paulistas que devassam o paiz. João do Prado, Mathias Cardoso, Antonio Raposo, Salvador Furtado, Arzão, Fernão Paes, Guilherme Pompeu, Domingos Jorge, Bartholomeu Bueno, Paschoal Moreira, etc. atravessam o paiz, attingem o Perú, o Prata, o Paraguay, o Maranhão, penetram até onde pode chegar a audacia consorciada á resistencia.

E são essas viagens ou bandeiras que concorrem nos primeiros seculos da nossa vida, para as imperfeitas descripções do paiz ou para a insipiente cartographia colonial aproveitada quasi exclusivamente na representação do campo da actividade dos jesuitas.

se bem que em 1626 toda a costa do Brazil tenha sido levantada de modo irreprehensivel e sob orientação scientifica pelo astronomo João Teixeira, comtudo, só no começo do seculo XVIII é que se começou applicar egual methodo para os levantamentos no interior do Paiz.

O jesuita Fritz publica uma carta do Amazonas que Condamine corrige e depois amplia com a costa até Cayenna, Relli opera numa parte do sul do paiz, os jesuitas Carbone, Capaci e Diogo Soares, são encarregados pelo governo de proceder a levantamentos nas capitanias do Rio de Janeiro, Minas e S. Paulo, no Rio da Prata e na colonia do Sacramento. Apparecem posteriormente os trabalhos dos brigadeiros José de Oliveira, José da Silva Paes e os das commissões nomeadas pelos tratados de 1751 e 1777 que levantam a faixa da fronteira, uma parte do centro do paiz e grande numero dos rios da bacia do Amazonas e do Paraná.

Os proprios capitães generaes, imitando o exemplo da metropole, tratam de levantar os mappas das capitanias da sua jurisdicção, parcelladamente ou no todo. Em Matto Grosso, José Gonçalves Ferreira, o alferes de dragões Pedro de Mello e o proprio capitão general d. Antonio Rolim de Moura, delineiam os primeiros traços do mappa da capitania. Em S. Paulo, d. Luiz Antonio de Souza encarrega o brigadeiro Sá e Faria de construir uma carta que abranja a costa desde a Bertioga até o Rio da Prata, a linha da fronteira até a altura de Cuyabá, comprehendendo no detalhe do interior grande cópia de dados sobre a regiao. João Ferreira da Costa, Montezinho e d. Luiz, bosquejam egualmente outros mappas parciaes do paiz.

No Espirito Santo, o conde de Azambuja manda confeccionar a Carta Chorographica, Silva Pontes organiza do mesmo modo outra carta dessa Capitania; no Rio Grande do Norte, no Maranhão, no Ceará, no Piauhy, em Minas e em Goyaz, o padre Montenegro, José Patricio, Antonio Veiga, Silva Paulet, Gauluzi, Crommerberger, Eschwege, general

Andréa, Thomaz de Souza, etc., esboçam os cursos dos grandes rios, orientam as serras geraes, distribuem os povoados e elaboram as primeiras cartas das capitanias.

Como melhor contribuição, apparecem depois os trabalhos de Diogo Soares, Colombina, Corte Real, Silveira Peixoto, Montezinho, Chagas Santos, padre Codeo, Fernando Portugal, Spix e Martius, onde se inclue mais de uma capitania, representa-se grande parte do paiz.

Estava feita a obra de detalhe, levantada com o rigor compativel com a época e com a arte, faltava reunil-os em uma só carta. Põe-se á frente da empreitada o brazileiro dr. Antonio da Silva Ponte, que aproveita o material existente, corrige os defeitos, preenche as lacunas, e organiza a carta comprehensiva de toda a região.

A publicação da carta inicial não trouxe e nem poderia trazer as ultimas linhas sobre a representação de tão grande paiz.

Por isso mesmo as contribuições parcelladas continuam, as provincias substituindo as capitanias, tratam de organizar o mappa do seu terreno e como sequencia natural, apparecem em todas ellas contribuições de maior valia.

Em S. Paulo publica-se a carta de Daniel Pedro Muller e a Carta Chorographica da Provincia, que abrange a parte sul do Brazil e em que se incluem os levantamentos de João da Costa Ferreira, Francisco Barbosa, Montezinho, Candido Xavier, Lacerda e demais membros da commissão demarcadora de 1752.

A egual emprehendimento se propõem: Bulhões, Bellegarde e Niemeyer no Rio de Janeiro; Krauss, no Espirito Santo; coronel Serra, brigadeiro Molle e Francisco de Souza Martins na Bahia; Mattos Nunes, em Pernambuco; João Bloem em Sergipe; Kraus e Mornay, em Alagôas; Mathias Pereira, Guilhobel, Rodrigo Lopes e Costa Ferreira, em Maranhão; Carlos Bleiss, na Parahyba; Felippe Ferreira, no Rio Grande do Norte; Teberge, no Ceará; Gerber e Rocha, em Minas, e Cunha Mattos, em Goyaz.

Tanto material novo implicava tambem a coordenação de outra carta geral mais completa.

A lista dos que se encarregam de fazel-a, é composta de geographos de valor. Começa em Niemeyer, prosegue com Kraus e Werneck, Candido Mendes, Ponte Ribeiro, Sculli, Duvernay, Colton, Rio Branco, etc. e termina nos nomes de Homem de Mello e Theodoro Sampaio, escriptos nos «Atlas do Brazil», e em que se incluem os ultimos e os mais minuciosos dados sobre a Chorographia do paiz (1).

A evolução da Geographia vae numa progressão crescente.—Sciencia de detalhe seu termo é infinito; quanto mais se explora o terreno, tanto mais se diminue o denominador das escalas nas plantas; quanto mais minudencias inserta, mais rigor exige nos caminhamentos.

(1) O orador por modestia deixou de mencionar entre os trabalhos da cartographia [illegible] *Mapa do Sul do Brazil*, [illegible] autor [illegible] [illegible]

N. S. R.

Das ultimas décadas da monarchia até a época actual, seu movimento é de grande celeridade, sua conquista ultrapassa as previsões.

Em S. Paulo, como marco milliario para as explorações modernas, cria-se em 1886 a Commissão Geographica e Geologica que Orville Derby organiza e que João P. Cardoso prosegue com a mesma dedicação—e que se incumbe de levantar a carta da Provincia na escala de 1:100.000 com representação da configuração do terreno por meio de curvas de nivel equidistantes de 25 metros e que se encarrega egualmente do estudo da Geologia, da Flora e da Meteorologia. O trabalho elaborado nas 23 das suas folhas publicadas, realizado no numero levado das suas expedições e mencionadas em relatorios minuciosos ou descriptos nos boletins que se referem á Botanica, Anthropologia, Ethnographia, Meteorologia, Mineralogia, Geologia e Geographia, o seu trabalho digo, não pode ser senão enumerado por quem delle foi o ultimo dos operarios. A Commissão Geographica é um dos concorrentes á exposição do nosso certamen. Ides julgal-a.

Após S. Paulo vem Minas, que cria egualmente o seu serviço geographico, cujo plano, com pequenas modalidades, é egual ao da commissão paulista e publica dez folhas daquelle Estado.

O governo federal tambem faz apparecer o empenho da sua acção em prol da cartographia. O estado-maior do exercito inicia no Rio Grande do Sul os trabalhos da grandiosa obra do levantamento da carta geral; o Serviço Geologico e Mineralogico accumula valiosos levantamentos em regiões que interessam ao Rio Grande do Sul, Santa Catharina, Paraná, Minas, Goyaz, Bahia, Matto Grosso, Sergipe, Pernambuco, Ceará, Piauhy, Maranhão e Pará.

Antes desses trabalhos as commissões encarregadas do levantamento da carta do Districto Federal e dos estudos do planalto goyano, as commissões demarcadoras das fronteiras, as turmas de exploração das estradas estrategicas e das estradas de ferro, já tinham reunido valiosas contribuições para aproveitamento cartographico.

Concorrem tambem como maiores collaboradores dessa obra, as expedições scientificas que têm explorado diversos rios do paiz e as estradas de ferro—a cujos engenheiros, num preito de justiça, o primeiro Congresso dedicou merecida distincção—e que levantando grandes areas da zona da penetração das suas estradas, determinam a posição dos lugares, formam o canevas onde se irão calcar as explorações expedictas.

E não é sómente o material esparso sobre a cartographia e chorographia os elementos que dispomos para o assumpto que nos occupa.

A ethnographia e a anthropologia, a botanica, a zoonogia e a meteorologia, entram tambem com documentos valiosos, contribuições elevadas.

Da ethnographia e da botanica os primeiros estudos se encontram em Anchieta, Hans Staden, Montoya, André Thevet, Conceição Velloso, etc. e que Martius, num espirito lucido de ordem, classifica, systematisa e ordena e ao depois é seguido por Ehneireich, S. Hilaire, Langsdorff, Hermann Meyer, Joaquim Serra, Machado de Oliveira, Couto de Magalhães, Rath, Mello Moraes, Theodoro Sampaio, Telemaco Borba, Nelson de Senna, Ermelino de Leão, von Ihering, João Mendes, Affonso de Freitas e tantos outros na parte ethnographica ou então S. Hilaire, Barbosa Rodrigues, Loefgrin, Ewall, Hubert, Alvaro Silveira, Schwack, Lindmann, Duseen, Hermindorff, etc. na botanica.

Na anthropologia, com Humboldt á frente, temos o longo sequito formado por Ehrenreich, Eschwege, Burmeister, Lund, Lacerda, Barbosa Rodrigues, Ihering, Goeldi, Krone, etc. que particularizam ou generalizam os casos dessa sciencia.

Na zoologia o grupo é chefiado pelo indefesso Agassiz. No meio dos seus estudiosos figura quasi a maior parte dos nomes já citados, a referencia especial cabe, porem, a Hartt, Goeldi, Hubert, Hermann e Rodolpho Ihering.

Na meteorologia, os serviços do Ministerio da Agricultura, os antigos trabalhos da Repartição da Carta Maritima e os actuaes serviços estaduaes da Bahia e S. Paulo, são os registadores dos phenomenos meteorologicos do Brazil.

E' este, em traço rapido e «*per capita*», o volumoso material que existe archivado para o estudo da nossa geographia. Resta dizer algo sobre o modo porque ella é ensinada no paiz.

Ao ser proclamada a independencia, existia como obra didactica de maior consideração, a Geographia Universal de H. Combes, cujo tomo IV, edição de 1794, é consagrada á America e dedica cerca de 20 paginas ao Brazil.

Ella contem novidades que fogem á nossa historia, accidentes que escapam á geographia, governos que nunca cogitamos ter possuido.

Começa dizendo que a Amazonia ou paiz das Amazonas é a decima nação da America, ao Sul da Terra Firme e limitando com o Brazil; que o Rio S. Francisco vem do Paraguay e que desapparece no meio do seu curso para apparecer mais longe e que S. Paulo é uma cidade construida sobre a formosa montanha de Parampicaba, onde existe uma rica mina de diamantes.

«Era uma especie de Republica independente, formada por bandidos de differentes nações que o Rei não pôde subjugar até o ultimo reducto, contentando-se com um tributo que pagava em ouro; mas desde que se submetteram, as cidades e o paiz, dependem do seu dominio immediato.

O paiz é cultivado, rico, e contem treze villas ou povoações. E' quasi inacessivel por causa de uma grande floresta e montanhas escarpadas que o cercam. Alguns autores dão-lhe um governo particular».

A obra de maior diffusão didactica do fim do seculo XVIII, reproduzia como Charevoix já o tinha feito e como o proprio Combes confessa, o que dissera em fins do seculo XVII, o livro «Voyages aux Indes Occidentales», de Francisco Coreal, o fogoso «globe-trotter» que Alfredo de Carvalho, muito judiciosamente, propende não ter existido e que ser aquella «obra apocrypha e contrafacção clandestina com os prelos hollandezes inundaram a Europa no seculo XVII».

E não é mister enumerar outras obras didaticas de importação onde á guiza de referencias geographicas se encaixam descripções erroneas das nossas cidades e da nossa sociedade.

Felizmente no seculo seguinte apparece a Chorographia de Ayres Cazal como o primeiro trabalho nacional para servir de guia ao ensino, descrevendo, com relativa verdade, as feições topographicas do paiz.

A obra de Cazal é proseguida por Pompeu e Abreu nos seus substanciosos compendios e ao depois por Lacerda, Pinheiro Bittencourt, Moreira Pinto, Carlos Novaes, Horacio Seroso pi, etc., e uma serie grande de autores de preciosos trabalhos que estudam o paiz na sua integridade e que servem de guia ao ensino escolar do Brazil.

Nos Estados, essa obra se detalha em tantas outras como que formando cada uma o capitulo do compendio geral. Assim as Chorographias do Pará, de Raymundo Cyriaco, e Carlos Novaes, o Diccionario Topographico do Ceará, de Pompeu. O Ceará no principio do seculo XX de um outro Quadro Chorographico de Sergipe, de Laudelino Freire, a Geographia de São Paulo, de Affonso de Freitas e o Diccionario Geographico de João Mendes, a Chorographia do Paraná, de Almeida e Sá e Sebastião Paraná, as Chorographias de Santa Catharina, de José Vieira da Rosa e Carlos Marques Leite, o Diccionario Geographico do Rio Grande do Sul, de Araujo e Silva, a Chorographia do Districto Federal, de Noronha Santos, etc., são os primeiros volumes publicados da grande obra em que se dá o exemplo do esforço emprol do ensino.

Além desses monumentos, temos ainda estudando, esmiuçando; discutindo e esclarecendo todos os ramos da sciencia, um numero colossal de escolas e gymnasios e um conjunto de associações scientificas que se distribuem por todos os Estados.

Como constituindo a alma mater dessas associações, temos a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, que na sua revista aborda tudo quanto se refere á geographia, e o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, cujo titulo já define, estuda a acção e o campo onde a scena se desenrola e

que nos 72 volumes já publicados, cerca de metade de suas paginas consagram-se a essa sciencia. Os seus beneficos exemplos repercutem nos Estados e ahi a acção é secundada pelas associações que em Alagoas e Pernambuco denominam-se Instituto Archeologico e Geographico, e na Bahia, Parahyba, Ceará Nictheroy, São Paulo e Bello Horizonte, Instituto Historico e Geographico, que sem descurar da geographia geral, particularizam os accidentes topographicos dos Estados.

Além dessas, como séde no paiz, é obrigação lembrar, *gratidão marcar lugar honroso*, ao conjunto de sociedades congeneres estrangeiras que ao estudar a geographia geral, consagram especial mensão á geographia do Brazil.

Quatro dellas, numa distincção que confunde, numa gentileza só excedida pela fidalguia dos seus membros, resolveram mandar a sua adhesão ao nosso certamem. A primeira que nos remetteu o boletim foi a Deutsch Sudamerikanisch Gesellchafe de Berlim, que com tanto interesse acompanha os grandes feitos dos filhos de seu imperio que escolheu o sul do paiz para beneficiar com o concurso da sua colonização.

A segunda adhesão procede de uma associação interessada em conhecer no nosso paiz o campo onde se desenrolaram os grandes feitos dos heroes da sua nação, a terra que guardara por mais de tres seculos as producções da sua actividade, o paiz em que se passaram uma grande parte dos seus factos historicos.

E a Sociedade de Geographia de Lisboa, numa generosidade que supera a abnegação, numa fidalguia egual a da realeza, numa gentileza que vae além da distincção, escolhe as scintilações das suas estrellas, tres faces do seu diamante e manda trazer o melhor dos seus affectos, ao Congresso da nação mais que irman — do mesmo povo com governo differente.

A vós, senhores congressistas, fica o encargo, gratissimo aliás, de recebel-os com a distinção com que seus antepassados, ou antes nossos mutuos avós ensinaram receber os homens eminentes, principalmente agora quando a morte, como agente que transforma as alegrias de amizade, num desespero de separação — acaba de riscar, com a rudeza da violencia, as ultimas linhayls da vida e abrir as paginas da Historia ao aercules do talento que se chamou Consiglieri Pedroso. Se o nosso affecto e dedicação não puderem mitigar a dor dos seus companheiros, que fique como consolo o verem triumphante a obra do grande patriota no consorcio dos dois paizes, que o mar separa mas que a fraternidade approxima.

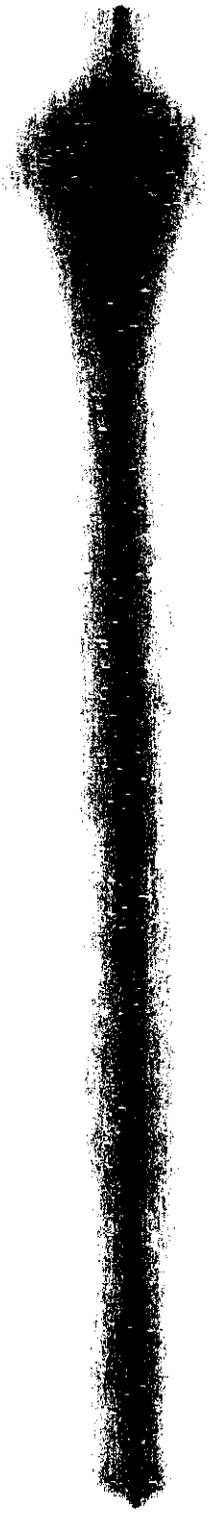
Não foi somente a cooperação das sociedades europeas que distinguiu o nosso certamen. Duas outras nossas irmans no continente americano, vieram trazer o conforto do seu apoio, o encarajamento do seu concurso e o valor da sua operosi-

dade. O Aheneo Scientifico-Literario de Guatemalat e a Junta Directiva de la Universidad de Honduras, estreitando os laços da amizade dessas nações, denotam ao mesmo tempo o empenho de commungar comnosco nas festas da sciencia.

E' são esses concursos alentadores do Congresso que vem ainda mais nos animar praa reorganizar o material esparso pelas bibliothecas, archivos, repartições, associações e mãos particulares, approximar as pessoas que se interessam pelo estudo da geographia e produzir trabalhos que aproveitem á sciencia.

Nossa tentativa é a segunda desse genero no paiz. A primeira, terminou em franco successo; sua iniciadora, a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, guarda a aureola de gloria que colheu ah um anno. O segundo Congresso tem assegurado o seu triumpho pelo concurso brilhante que receberá de vós e a vós senhores congressistas é que caberão os merecidos applausos pelo brilho que ides dar aos trabalhos, porque a acção da Commissão Organizadora, termina neste momento.

(Uma salva de palmas reboou pelo recinto, ás ultimas palavras do orador).



Subsidios para o estudo dos Kaingangues do Paraná

PELO

DR. ERMELINO A. DE LEÃO

Socio correspondente do Instituto

Subsidios para o estudo dos Kaingangues do Paraná

I

CRENÇAS

I

Concepção da divindade

O estudo das concepções religiosas dos povos que atravessam um periodo ainda rudimentar na escala da evolução, é um dos mais attrahentes ramos da sciencia da sociedade.

A religião, como todos os phenomenos sociaes, evolue, partindo do complexo e indistincto das primeiras idéas e attingindo a um grão de individualização mais ou menos completo.

Todos os modernos investigadores desta ordem de factos sociaes, são accordes em affirmar que a gradação mythologica, iniciada pelo grosseiro e confuso fetichismo, atravessa as varias escalas do polytheismo: e chega, afinal, a idéa monotheista ou pantheista, ultima forma metaphysica da crença humana.

Embora racional, a doutrina simplificadora não possue um valor absoluto e não pode servir de estalão infallivel para a classificação das sociedades, sob o ponto de vista da civilização.

A religiosidade apresenta aspectos os mais variados, phases multiplas de transição e modalidades que escapam ao rigorismo de uma taxinomia scientifica. No nosso entender, não ha duvida que as primeiras tendencias religiosas nasceram da exteriorização do espirito humano, que dota de faculdades semelhantes ás suas, tudo quanto o rodeia, como já observou Letourneau. As arvores, as montanhas, os rios, os animaes, têm, para o homem primitivo, uma alma semelhante á sua.

Esta forma primordial do animismo, produz o primeiro estadio do culto: o fetichismo. Mais tarde, a experiencia e a observação vêm demonstrar aos selvagens que os amuletos, que adoram, são impotentes contra as furias dos elementos: não os preservam dos raios e dos vendavaes.

O sentimento egoistico, que preside a este ciclo da credulidade humana, revolta-se contra a invalidade dessas

divindades inferiores; e os fetiches cahem em descredito, a proporção em que o homem se vae convencendo da sua inefficacia.

Um novo estado de espirito, mixto de temor e de crença, conduz á adoração das forças da natureza. O relampago, o trovão, o vento, o sol, a agua, o fogo são os novos deuses que surgem. Eis o naturalismo religioso: a adoração das forças da natureza, forças que se vão individualizando até subir á phase polytheista.

O animismo empresta ás novas divindades formas humanas; e leva ao Olympo as mesmas paixões que agitam a alma humana. Os deuses, assim humanizados, descem dos céos á terra e presidem a todos os actos da vida.

Mas, em breve uma das celestiaes entidades vae reinar nos céos: e este ser poderoso, deus dos deuses, grangea o culto universal; conquista a supremacia sobre os seus compares o termina desthronando as demais divindades; e só, então, o sentimento religioso attinge ao mais alto grão da escala metaphysica — ao monotheismo. Para chegar a esta elevada graduação, preciso se torna que o deus supremo vença as divindades e cun'arias do Olympo, centralizando todos os dons, monopolizando todos os poderes que a crença popular lhes emprestava.

O monotheismo, ultima formula metaphysica da crença humana, triumpha desde o momento em que todos os attributos da divindade se concentram em um Ente Supremo e Omnipotente.

Qual o estadio da religiosidade dos Kaingangues? Como classificar as crenças desses selvagens?

Eis um vasto problema entregue á solução dos mais competentes. Pela nossa parte, estulta seria a pretenção de resolvel-o,

Estudemol-o, comtudo.

II

As crenças kaingangues

Pretender encontrar, nos rudes habitantes das nossas selvas, idéas superiores á propria civilização, é labor infructifero e insano: cada sociedade tem a sua psychose peculiar e caracteristica. Sómente dentro do circulo desse estado de alma collectiva, productiva será a investigação do conceito religioso de determinado povo.

J. Lubbock consigna, com acerto, que é inconcebivel que selvagens incultos ao ponto de ignorar o numero dos seus proprios dedos, possam ter concepções intellectuaes bastante adiantadas para formar um systema de crenças digno do nome de religião. Convem não concluir desse juizo scientifico, que os povos selvagens sejam incapazes de

crer: nem das premissas resalta tal conclusão. O que lhes falta para construir uma religião é o espirito de systematisação, o methodo de concatenar as idéas em um conjuncto harmonico e philosophico.

Crenças não lhes faltam: incohesas, illogicas, indistinctas embora, existem quiçá mais numerosas do que as dos mais superstitiosos dos homens civilizados.

A tribu kamé ou kaingangue que habita as selvas do oeste do Estado do Paraná, atravessa, ainda hoje, um estadio muito rudimentar: a sua numeração não passa do numero de cinco, embora os indios aldeados, em contacto com a civilização, tenham procurado elevar-a a maior quantidade, com accrescimo de syllabas antepostas aos vocabulos designativos das 5 unidades primitivas, segundo asseverava o saudoso capitão Edmundo de Barros.

Outro indicio revelador desse atrazo, consiste no agglutinismo que se observa na lingua kamé, tornando facilmente perceptivel a contextura monosyllabica, formada, como observou Martius, de um almagama de raizes de diversas origens.

Ao examinar-se o vocabulario kamé, derrehende-se, ao primeiro relancear da vista, que as concepções religiosas se exteriorizam por meio de palavras tupinicas. Quer isto significar que as abstracções superiores são alienigenas; não pertenciam, desde ao nascer, á psychose da tribu. Exemplifiquemos: *tupen*, o deus kamé, é o *tupan* dos guaranys *aran*, o sol, é o *aracy* dos mesmos indigenas.

Procuremos saber qual a noção que os kaingangues possuem do Ser Supremo.

A palavra *tupan*, a acceitar a traducção do Visconde de Porto Seguro, não passa de uma interrogação: oh! quem és tu? Assim sendo, não exprime uma idéa religiosa, não encerra uma abstracção elevada. Designa sómente um estado d'alma mais propinquo á ignorancia, do que á crença.

O selvagem diante do trovão, cuja causa ignorava, manifestava-se admirado, buscava sondar-lhe a origem e não concebia a existencia de um Ente Superior, creador dos relampagos e dos vendavaes.

Um americanista argentino deprehendeu o facto de ser adoptada a palavra *tupan*, pelos missionarios, como correspondente á de Deus, que o conceito de ambas era identico. Tal deducção não nos parece logica: os nossos selvagens não tinham concepção de divindade superior: assistindo os phenomenos metereologicos acreditavam que fossem effeito de uma causa desconhecida, que não sabiam definir.

A interrogação — *tupan* — sómente tomou uma fórma substantiva quando os missionarios, aproveitando-se do temor que os indios nutriam sobre o ignorado efficiente do raio, emprestaram á palavra a significação do Deus dos christãos.

Os kaingangues, pedindo aos guaranys o subsidio do termo *tupen*, desconheciam, comtudo, o que elle representa-

va. Receberam-n'o com a feição indefinida de uma interrogativa aposta ao ignoto.

Frei Cemitile conta que interrogando o cacique Aropquimbé o que era *tupen*, o chefe indigena lhe contestou que era o sopro: e explicou que, por esse motivo, quando alguem adoece é necessario que fique um enfermeiro a soprar os orgãos molestos para que não que falleça. Era, portanto, *tupen* o vento (câcan)

Para o mesmo indio, o trovão e os relampagos eram indicios da colera divina. Chamavam á trovoada—o Deus bravo.

Outras vezes, os kaingangues respondiam ao missionario capucho *tupen* era o sol (aran) e, em outras occasiões, que nada sabiam.

Não ha, pois, entre estes selvicolas uniformidade de concepção, a respeito do principio creador: temiam os elementos naturaes não perscrutando da sua natureza, mas attribuindo-lhes poderes sobrenaturaes.

O naturismo religioso se revela nessas manifestações: mas não exclue o fetichismo, que continúa a reinar.

Telemaco Borba declara que os kaingangues apenas acreditam em um ente bom, chamado *Tupen*, que os dirigirá, na outra vida ou na terra da caça abundante, onde cessarão os labores e os soffrimentos.

Essa idéa da transmigração das almas ao paiz da caça abundante, é semente deixada entre os kamés, pelos missionarios capuchos. Os catechizadores que escreveram sobre as crenças dos kaingangues não a registram; e, certo, não deixal-a-iam no olvido, se encontrassem entre os catechumenos tão elevada noção metaphysica.

O venerando P. Francisco das Chagas Lima, o Anchieta de Queluz e de Guarapuava, não fez, nos seus trabalhos, o expositivo dos sentimentos religiosos dos indios de Guarapuava, limitando-se a declarar que procurou banir todos os abusões e erros; e presuppoz a crença que deviam ter de um Deus creador e remunerador, revelado a todos os povos da terra.

A idéa do Deus revelado, todavia, não n'o concebiam os kaingangues; a ignorancia em que jaziam immersos, sobre a natureza divina dessa entidade infinitamente perfeita, não importava a negação da crença em um principio ignorado que se manifestava nos phenomenos da natureza.

Criam nas leis naturaes, divinizando-os e temendo-as. *Tupen* para elles era o vento, era o trovão, era o sol e finalmente, a ignoto, diante do qual interrogavam, sem jamais affirmar.

Os deuses supremos da raça kamé revestiam-se das fórmas naturistas corporizavam-se nos phenomenos; mas não representavam uma abstracção uniforme e superior. Implantavam o temor, mas não reinavam na consciencia da tribu como entes supremos, dignos da adoração dos povos.

Ao par do naturismo religioso, ainda os fetiches tinham seus altares e seus adoradores.

III

A superstição kaingangue

O RITUAL FUNERARIO

Fixando a observação sobre as crenças religiosas dos kamés ou kaingangues, se deprehende que, ainda em nossos dias, estes selvicolas perlustram uma phase transitoria entre o grosseiro fetichismo e o polytheismo naturista.

Exemplo frizante, confirmador de tal asseveração, testemunha o venerando P. Chagas quando descreve a superstição do cacique Condoi.

O maioral da tribu guarapuavana tinha boas disposições para a catechese; e deste estado d'alma se aproveitou o mismissionario para instruil-o na fé christan. Occorreu, porém, que o velho cacique, depois de iniciado, cahiu enfermo. Vendo aggravados os seus incommodos, em perigo de morte, em vez de dirigir suas implorações e preces ao Deus dos christãos, foi invocar o auxilio dos fetiches para a salvação da sua vida.

Com esse intuito, mandou modelar, em cera, as imagens de dois periquitos e revestil-as de pennas das mesmas aves. Concluidos os fetiches, foram suspensos, pendentes de fios, sobre o leito em que jazia o velho guerreiro. As ondulações do vento faziam-n'os oscillar, e Condoi lhes dirigia votos reverentes, imprecando o seu favor.

Yon jó! Yong jó kangatomi caraca pano tom! exclamava o selvagem (*)

Eis, pois, o animismo kamé imperando sobre o proprio monotheismo catholico do neophyto indigena!

Uma das aves mais bellas das nossas selvas — o periquito, symbolizava um ser superior que o indio invocava, dando-lhe o nome de Yongjó-páe.

Não fica ahi a superstição. Os kaingangues attribuiam as enfermidades a um genio do mal e para expellil-as do organismo, serviam-se do sopro, principio vivificador da materia.

E qual dos christãos poderá apontar, como absurda, essa crença, quando a historia biblica menciona o sopro divino como o principio vivificador do barro de que Jehovah se servio para modelar Adão?

IV

O culto dos mortos

Apezar da inexistencia, entre os kaingangues, de noções superiores sobre a divindade, existia, bem mais accentuada,

(*) O Padre Chagas traduziu a exclamação do seguinte modo: «Papagaio! Papagaio! se eu sarar não mais despedirei settas contra vós.»

a concepção de uma vida futura, para não avançarmos, a crença da immortalidade da alma.

O P. Chagas refere que, nos enterros dos indios, costumavam pôr junto ao cadaver um facho acceso para que, segundo diziam, pelos reflexos da luz possam subir para os céos, as suas almas.

Frei Cemitile narra que quando o kaingangue adoece, o primeiro cuidado consiste em apertar o corpo com imbê, collocando, em baixo do leito, brazas e hervas que produzem denso fumo. De um lado sentam-se as pessoas incumbidas dos misteres de enfermeiro; de outro lado, um dos mais velhos dentre os assistentes que se encarrega de soprar em differentes partes do corpo.

Este ritual, ou antes, esta medicina rudimentar mostra que os kaingangues attribuem as enfermidades á incubação de um genio do mal. Procuram, comprimindo o corpo, defumando o enfermo, bafejando os orgãos molestos, expellir da victima o espirito maligno que nella penetrou.

Morto o indio, é immediatamente transportado, envolto em *curu* preso por amarrilhas, para o local do sepultamento. A cova, que o receberá, aberta então, tem o comprimento de sete palmos sobre tres de largura e quatro de profundidade: forram-n'á com palmas e com a casca de arvore que servia de leito ao defunto.

O *curu* e os adereços de pennas do fallecido servem de almofada e a direita do corpo são postos as armas e o fogo.

Cobrem a sepultura de ramos e folhagens de modo a impedir que a terra caia sobre o cadaver, e levantam, então, um monticulo de 10 a 20 palmos de altura e de fórma conica.

Observado este ritual, os kaingangues voltam, silenciosos, para as suas cabanas: as mulheres do indio desapparecido dentre os vivos, durante oito dias se conservam incommunicaveis em ranche separado, lamentando o morto tres vezes ao dia, ao despontar do sol, ao meio-dia e ao crepusculo.

Emquanto as viuvas pranteiam, os demais indigenas se entregam, com afan, aos preparativos da festa dos mortos — o *vaicoquefu*. A primeira preoccupação que os domina é o preparo das bebidas inebriantes: mastigam o milho e o pinhão para facilitar a fermentação e os collocam em vasos de barro perto do fogo.

Misturam esse caldo repugnante com o mel, fabricando, assim, uma bebida generosa a que dão o nome de *aquiqui*. Servem-se, tambem, do mesmo preparado sem addicionar o mel denominando-o — *goiofá* (agua azeda).

Oito dias após a morte, celebram a cerimonia do *vaicoquefu*, a dansa dos mortos. Convocados pelo toque do *saquerê* (buzina), reunem-se na cabana dos parentes do fallecido, todas as familias da taba, com os corpos tatuados de negro.

Reina respeitoso silencio: ao redor da fogueira que, quasi, se extende de uma a outra extremidade da cabana, sentam-se formando duas filas, uma defronte a outra. As mulheres tomam assento em filas trazeiras.

O cacique canta lôas monotonas em homenagem ao companheiro tombado; as mulheres choram e os homens começam a consumir as vitualhas e as bebidas do festejo. Repentinamente se erguem e iniciam a dansa pittoresca e rithmica. Os festejos proseguem até desapparecerem dos vasos, as ultimas gottas do *aquiqui* e da *goiofá*.

Termina, então, com a embriaguez dos assistentes o ritual funerario da tribu kamé ou kaingangues.

Estas cerimonias funebres testemunham crença dos kaingangues em relação á vida de alem tumulo: as precauções que tomam para que não faltem ao cadaver as armas e o fogo, revelam que elles creem que o «sopro» — a vida ou a alma, «reentrará um dia no corpo, provisoriamente abandonado» como affirma Lelourneau.

Não fica neste rito funebre o culto que os kaingangues prestam aos seus mortos: em a estação das festas, na epoca do milho verde, visitam os *vaicuêie* (cemiterios) e rezam pelos mortos.

V

A tradição do Diluvio

A lenda de Crinjjinbê contada pelo cacique Arakxó ao illustre indianista paranaense coronel Telemaco Borba, é um capitulo da biblia kaingangue.

Nella não se observa, como na tradição hebrea, esse espirito superior que pretendeu alcandorar-se ás causas e explicar o phenomeno, como um castigo divino contra a humanidade corrompida. Não ha nada, na narração kamé, que relembre a revolta do Creador contra a creatura.

A inundação dominava a face da terra e sómente o alto cume de Crinjijinbê emergia da superficie incommensuravel das aguas.

Os kayurucrés e os kamés, fadigados, afogaram-se; suas almas foram morar no centro da Serra. Os kaingangues alcançaram a custo o pico de Crinjijinbê, onde se alojaram uns no sólo e outros, por falta de espaço, nos galhos das arvores.

Assim decorreram muitos dias, passando os indios pelo tormento da fome, sem que as aguas baixassem.

Desesperançados de salvação, predispunham-se para a morte, quando ouviram o canto das saracuras que se dirigiam para o pico, transportando terra em cestas e lançando-a na vastidão das aguas, que paulatinamente começou a baixar.

A pedido dos kaingangues, saracuras e patos se prestaram a fazer a remoção da terra mais apressadamente, até que conseguiram formar um açude por onde os kaingangues sahiram do monte.

Deu-se, então, a transformação dos kaingangues que se achavam suspensos aos galhos em macacos e dos curutons em bugios.

As saracuras fizeram o trabalho em direcção do poente para o nascente; e por este motivo as aguas vertem para aquelle ponto cardeal, até desaguar no Paraná.

As almas dos kayurucrés e dos kamés abriram, na serra, dois caminhos: o dos primeiros formou um bello valle onde brotou um arroio. A vereda era plana e sem pedra e por estes motivos os kayurucrés conservam os pés pequenos.

A estrada dos kamés era pedregosa e secca: os seus pés incharam na jornada, e se conservam, até hoje, grandes.

Quando sahiram da serra mandaram os *curutons* (*curupanno*, *ton*-não-uús) trazer cestas e cabaças que tinham deixado em baixo: estes, por preguiça, se deixaram ficar alli. E' por este motivo que, quando os encontram, reduzem-n'os á escravidão.

Na primeira noite da jornada que fizeram ao deixar o pico, atearam fogo. Com a cinza e com o carvão fizeram tigres (*ming*) e lhes disseram: Ide devorar gente e caça — e os tigres partiram, rugindo. Como não tivessem mais carvão para pintar, só com as cinzas formaram as antas (*oyoro*) e lhes disseram: Ide comer caça. As antas não tiveram boas ouças e não ouviram a ordem que lhes foi dada. Indagaram, de novo, qual a missão que lhes fôra reservada. Kayurucré que já modelava outro animal, respondeu, mal humorado: Ide comer folhas e ramos de arvores. As antas ouviram e partiram. Eis a razão porque as antas só comem folhas, ramos e fructos das arvores.

Um outro animal Kayurucré fazia, quando o surprehendeu a aurora: faltava concluir os dentes, a lingua e algumas unhas, quando o sol despontou atraz dos montes; e como a luz neutralizava o poder do creador, poz-lhe este depressa uma varinha na bocca, e disse: Vós que não tendes dentes, viveis devorando formigas — eis porque o tamanduá é um animal imperfeito.

Na noite immediata proseguia Kayurucré a missão creadora: povoou a terra de animaes e entre estes a abelha activa e benefica.

Kamé não assistia de braços cruzados a obra do companheiro do diluvio: creou por sua vez outros animaes armados para luctar contra os já creados: surgiram das suas mãos os leões americanos, as cobras e vespas.

Concluida a obra genesiaca, kayurucrés e kamés, com os animaes, mascharam para reunir-se aos kaingangues: na jornada verificaram que os tigres eram perversos e devoradores em excesso, *desobedeceram* deste modo ás

leaes companheiros e tramaram destruil-os, todos, de um só golpe. Combinaram fazer uma ponte sobre o leito de profundo rio: e depois de terem passado todos os seres, um dos indios de kamé, quando os tigres transpunham o rio na ponte improvisada, retirou o tronco jogando ao rio os ferozes animaes, dos quaes muitos sobreviveram

Passado algum tempo, os kayurucrés e os kamés se encontraram com os kaingangues em um campo grande. Resolveram constituir a familia.

Os kayurucrés jovens desposavam as filhas dos kamés e os kamés com as filhas daquelles. Como, porém, fosse maior o numero dos homens das duas tribus, os que não encontraram esposa kamé ou kayurucré, desposavam moças kaingangues.

Eis porque os kayurucrés e kainganguos são parentes e amigos.

Quizeram fazer festas, mas não sabiam cantar. Um prodigio revelou-lhes o segredo da harmonia.

Um dia, os companheiros de Kayurucré, em excursão venatoria, depararam no amago da floresta uma clareira ao redor de uma arvore. Junto ao tronco desta repousavam algumas varinhas com folhas e uma delias com uma pequena cabeça na extremidade.

Os caçadores, estranhando o que contemplavam, foram communicar a Kayurucré, a descoberta e este deliberou desvendar o mysterio. Dirigio-se com precaução á clareira, occultando-se proximo do tronco; momentos depois o prodigio se operava. As pequenas varas começaram a mover-se compassadamente de baixo para cima e uma voz debil desferio o canto — *Eminotim vè é é é: Andô xó cá é vô a ha, ha, ha.* A pequena cabeça, em movimento chocalhava: *xii...xii...xii...*

Kayurucré sahiu do esconderijo, approximando-se das varas de condão: cessou, como por encanto, repentinamente, o canto; e as varinhas voltaram a immobilidade.

Pesquizou e esmerilhou o recanto prodigioso e nada descobriu. Retirou-se: e no dia seguinte voltou ao local com todos os companheiros: approximaram-se da clareira cautelosamente. Assistiram o mesmo espectaculo maravilhoso da vespera e ouviram mais este canto: *Dô camôn corojê, canambang, có iyougdá eni no tim gi e que matim...ê que matin...*

Decoraram os cantos e avançaram para a clareira, nada mais encontrando alem das varas, das quaes se apropriaram.

Deliberaram fazer uma grande festa: prepararam varas iguaes ás que haviam encontrado. Quando se realizou o festejo, Kayurucré poz a entoar as mesmas lôas que ouvira na floresta, fazendo com a vara que tinha o manacá os mesmos movimentos que assistira. Os demais indios o imitaram; e, assim, a tribu kaingangue aprendeu a cantar e a dançar.

Os soes decorreram. Kavurucré em uma das muitas excursões que fazia encontrou no caminho um tamanduá mirim (*kacrekin*) e levantou o bastão para matal-o. O animal ergueu-se e começou a dansar e a cantar as coplas que o indio ouvira na floresta mysteriosa. Soube, então, que fora elle o seu mestre de dansa. O tamanduá pediu-lhe o cajado e depois de ter dansado restituio-lh'o dizendo: «O filho que tua mulher traz no ventre é homem e fica isto estabelecido entre nós: quando tu e os teus encontrarem comigo e me entregarem vossos bordões, si eu os tomar e pôr-me a dansar, é signal que vossas mulheres dar-vos-hão filhos viris; si eu os largar sem dansar serão femeas os vossos rebentos».

E eis porque os kaingangues sempre consultam o *kacrekin* quando as suas esposas se approximam da maternidade.

Eis ahi a legenda genesiaca da tribu kamé. Reproduzimol-a do trabalho do coronel Telemaco Borba, com ligeiras alterações de forma, mas com completa fidelidade do contexto. Conta o escriptor paranaense que a lenda do Crinjijinbé ouviu-a elle do cacique *Arakxó*, que a recolhera da sua bisavó materna e das narrações dos seus maiores. Este documento oral é um valioso subsidio para o estudo da condemnada tribu, que dentro de curtos annos, será absorvida ou exterminada pela civilização.

A ingenuidade da concepção, sem revelar nenhuma destas abstracções dignas do nome de religião, evidencia que a tribu kaingangue não tinha uma idéa firme sobre a existencia de um principio creador.

Aos mais competentes legamos a missão de deduzir dos materiaes que colligimos sobre os sentimentos religiosos dos kaidgangues, as conclusões finaes sobre tão interessante assumpto.

II

KAINGANGUES E GOYANÁS

I

A Raça

Uma das questões scientificas que, até hoje, permanece insoluvel, a estimular as investigações e os estudos dos sabios americanistas, consiste em o estabelecimento de um criterium differenciador das raças indigenas da America do Sul.

Theorias varias têm surgido, visando fixar os principaes caracteres necessarios para a classificação dos povos americanos: mas tão frageis se apresentam os fundamentos, tão superficiaes os estudos, até hoje, feitos sobre os primitivos habitantes do continente, que nenhum dos systemas apresentados logra satisfazer ás justas exigencias da taxinomia.

E' a linguistica, o pricipal elemento de que se têm servido os sabios para tentar a solução deste interessante problema ethnico, digno, de certo, da meditação dos estudiosos.

Mas a philologia sul-americana é uma sciencia não constituida: os materiaes não faltam; esparsos ou deficientos, existem, comtudo, reclamando dos competentes, uma concatenação systematizada. Entretanto, outro criterium mais seguro não se offerece para uma classificação dos nossos selvicolas.

Somos, pois, forçados nesse modesto «Subsidio» a adoptar a theoria do dr. Von den Steiner, que fixou os seguintes typos ethnicos dos selvagens brazileiros: *Tupis, Gês, Goytacás. Carahybas, Nu-aruck, Pano, Miranha, Guaycurús.*

Segundo esta classificação, os kaingangues se filiam ao grupo dos *Goytacás*, pertencendo á sub-raça dos goyanás ou bugres, correspondendo ao grupo — *Crens* — de von Martius.

Aceitando este principio classificador, o illustre sabio dr. von Ihering procurou identificar os kaingangues do Paraná com os goyanazes que dominavam, nas campinas de Piratininga (S. Paulo), na epoca do povoamento do Brazil.

A these do illustrado scientista é, cevéras, interessante: della já nos occupamos em artigos da imprensa paranaense, encarando o assumpto sob os variados aspectos que offerece ao estudo.

Contrariando a opinião do sabio director do Museu Paulista, o coronel Telemaco Borba inseriu no periodico *O Tibagy*, sob a sua redacção, varios artigos. Convidado a proferir nosso desvalioso juizo, fizemol-o, pela imprensa, publicando alguns estudos nas columnas do diario *A Noticia*, de Curytiba, então sob a nossa direcção.

O primeiro subsidio que procuramos para a elucidação da materia, foi o exame das chronicas coloniaes sobre a tribu dos goyanazes de Piratininga e dos estudos americanistas modernos.

As sentenças, que deparamos, são contradictorias e antagonicas. Uns proclamam os goyanazes, como um dos ramos da raça tupi-guarany (1); outros, ao contrario, dão-lhe filiação propria e differente da tupinica (2); e finalmente o dr. Mendes de Almeida, Livro de Familia, fal-os descendentes dos caribs e dos tupis.

Quanto aos kaingangues do Paraná, tambem conhecidos pelos nomes de kamés, bugres, coroados, socrés e goyanás, nenhuma duvida surge ao que diz respeito á filiação ethnica: são tribus componentes do grupo que von den Steinen chamou de *Goytacás* e que von Martius e von Ihering denominam — *Crens*, raça diversa da tupi-guarany.

A primeira premissa que, para a methodização deste Subsidio devemos estabelecer, consiste em distinguir duas castas diversas do gentio brazileo, conhecidas sob a denominação generica de goyanás. Feita a distincção, a these do sabio director do Museu Paulista, sobre certo ponto de vista, é aceitavel.

Os kaingangues ou coroados de S. Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul são descendentes dos goyanás, mas não da famosa tribu de Tibiriçá, que habitava as margens do Anhemby ou Tietê.

Sobre os ascendentes desses selvagens—os *goyanás* do sul assim se pronuncia Simão de Vasconcellos:

«A outra especie é de goyanas, notas que tambem se contam entre os mansos; mas differente lingua: são dos mais trataveis e habitam a ultima parte do sul, fronteiros aos carijós, e contrarios seus. Outras especies muitas ha destes indios pelo sertão dentro: especialmente no rio das Amazonas acima, de homens não só nas linguas, mas na côr, feitio e costumes diversos: mas gente mansa e tratavel.»

Estes indios *goyanás*, fronteiros aos carijós, dominadores desde Superaguy até S. Catharina, podem ser admittidos como os ascendentes dos actuaes kaingangues; pois, pelo *habitat* que lhes é designado nas visinhanças dos carijós, não é inconcebivel que se fossem refugiar nos sertões do Oeste, Noroeste e Sudoeste, desde muito deshabitados pelos

(1) A. [illegible] — Historia do Brazil, pagina [illegible]; Visconde de Porto Seguro, [illegible]

(2) [illegible] Chronica da Companhia [illegible], Historia do Brazil, [illegible]

guaranys, dalli expulsos pelas bandeiras paulistas. Serão, talvez, os mesmos guanãs a que se referem d'Orbigny, Martins e outros escriptores.

O chronista da Companhia, no trecho acima transcripto, menciona a existencia de outras tribus desse nome, sertão dentro, de linguas diversas; e a philologia comparada prova até certo ponto a veracidade da affirmativa. Basta ter em vista a analogia que a lingua kaingangue apresenta com os dialectos dos Cayapós Chavantes de Goyaz, Cherentes e outras tribus, não só em relação ao vocabulo—*cren* =pelo qual designam a palavra filho e que serve de distinctivo ao grupo, como relactivamente a algumas outras, para que se reconheça um certo e remoto parentesco destes selvagens entre si.

Assim, pois, concluimos que os kaingangues podem ser descendentes dos—*goyanás*—, visinhos e contrarios dos Carijós, mas não dos—Goyanazes—de Piratininga.

Exemplifiquemos os porquês.

II

A Tribu de Tibiriçá

Os goyanazes de Piratininga eram, sem duvida, uma das muitas ramificações da raça tupy-guarany. As denominações geographicas da zona que habitavam, os nomes dos seus caciques, ahi estão depondo a favor do que avançamos.

Mas, não obstante este depoimento da nomenclatura geographica e historica, é curiosa a multiplicidade de opiniões que surge sobre o gentio de Piratininga. Della já nos occupamos no capitulo anterior, ligeiramente, no que diz respeito á raça, ponto este que ora desenvolveremos.

Gabriel Soares narra que, apezar de differente lingua, comprehendiam o *abanheem* fallado pelos carijós e tupis. Parece pois, fóra de duvida que a tribu de Tibiriçá era da grande familia tupy-guarany, pois do contrario não se poderiam comprehender, dada a notavel differença linguistica que se observa entre o *abanheem* e o *kaingangue* ou qualquer outro idioma *cren*.

Aceita esta proposição, cumpre-nos estudar outra questão surgida sobre a mestiçagem desses selvicolas brazileiros. O dr. Mendes de Almeida, tão notavel causidico, como emerito historiador, considerava os goyanazes como representantes dos indios *goiás* da ilha das Bahamas, que depois de longa transmigração atravez das Goyanas e de Goyaz, sempre em perseguição aos *caribs* ou *carijós*, seus irreconciliaveis inimigos, vieram estabelecer-se á margem do Parnahyba, estendendo-se pacifica e mansamente pelos

valles do Mogy-Guassú e do Tieté. Cruzados com os tupys, quando na bacia do Amazonas, nem por isto os goyanazes haviam perdido os caracteristicos da origem estranha.

Esta theoria do illustrado e saudoso sabio maranhense procura ponto de apoio no processo etymologico, que tão fallaz se ha, por vezes, mostrado nos estudos americanistas.

Houve uma nação goiá nas Bahamas, mas como concluir que os goyanazes della descendem ?

A analogia entre tupis e crahybas é manifesta : os dialectos apresentam bem mais visiveis signaes de parentesco, dos que se observam entre os dialectos desse arbitrario grupo dos *crens* ou *goytacás* ; mas, nem por isso, levados pela semelhança dos nomes (*goyá, goyaná, goyás, goyanás ou goyanazes*) poderemos declarar que os indios de Piratininga eram originarios das Antilhas.

Para traduzir a palavra—goyanás, não ha mistér de recorrer ás Bahamas, pedindo-lhes a radical goiá : a lingua tupy offerece todos os elementos precisos para a mais exigente traducção.

E' sabido que os *tupis ou tupinikis* habitavam o littoral paulista : e que eram estes indios os que davam ás tribus visinhas do serra acima, a designação de goianás e a outra tribu mais remota, a de goaranis.

Vejamos a propriedade destas denominações : a palavra goianá se decompõe nos seguintes valores : goá (paiz ou terra) rai (filho) aná (proximo) filho do paiz visinho ; ou simplesmente *de goá—aná* (paiz proximo) ; ao passo que o termo goarani equivalia á locução—filho da terra distante (*goá, rái, ani*,.

Cremos, pois, que para traduzir taes vocabulos, o *abanheem* offerece elementos que perfeitamente descrevem as situações geographicas das tribus.

Haja vista que os kaingangues eram igualmente para os carijós, goyanás—filhos do paiz proximo—e iguaes denominações receberam outras tribus de diversa raça, visinhas das hordas tupis.

Para reforçar a traducção que apresentamos, poderemos citar as denominações—goaranhuns (filhos do paiz dos campos) e goapuás (paiz plano ou redondo) que eram igualmente empregadas para distinguir varias tribus que habitavam o territorio do Paraná, no tempo da conquista, attendendo sempre ás condições geographicas.

Assim, pois, nos parece desnecessaria a hypothese da transmigração dos goiás para explicar a palavra goyaná, e que, portanto, é carcedera de fundamento a mestiçagem admittida.

Os goyanazes de Piratininga eram tupinicos. Provam-n'o os nomes geographicos e os dos proprios indigenas principaes da tribu ; demonstram-n'o a affirmação de Gabriel Soares, e a corrente geral da opinião dos escriptores modernos.

III

O habitat dos Goyánás

Novas duvidas, provindas das razões que ja accentuamos, de ser a denominação—goyaná—designação geral para as terras ou habitantes das zonas proximas ao habitat dos tupis, surgem, entre os escriptores, sobre a região em que dominavam os indigenas daquella horda.

Comquanto a maioria dos escriptores, quasi unanimidade, mencione a planicie de Piratininga como a zona em que viviam, outros ha que os collocam no extremo sul do Brazil ; outros ainda consignam as margens do Iguassú como seu habitat (1) e finalmente outros julgam-n'os povoadores da costa entre Angra dos Reis e Cananéa. (2)

Wappeus e outros autores modernos consideram-n'os dispersos nos Estados de S. Paulo, Paraná e Rio Grande, confundindo-os com os kaingangues ou coroados

O illustre sabio dr. von Ihering diz que os goyanás viviam no littoral comprehendido entre o Rio de Janeiro e S. Catharina, em boa camaradagem com os indios relacionados e sendo os que, com maior facilidade, se submetteram ao dominio dos portuguezes.

Para nós a verdadeira tribu de Tibiriçá vivia nas bacias do Tietê e Mogy-Guassú, comquanto os goyanás, inimigos e visinhos dos carijós, provaveis antepassados dos kaingangues, estejam hoje dispersos pelos Estados de S. Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e territorio das Missões Argentinas.

Da tribu historica de Piratininga, um facção divergente do cacique Tibiriçá, a qual não tolerava a alliança com os colonos portuguezes e desejava conservar, puros, os costumes barbaros da raça, depois do mallogrado ataque ao collegio dos jesuitas de S. Paulo, emigrou para o sul, fugindo das perseguições dos seus inimigos. Estas hordas vieram estabelecer-se ao centro da serra do Apucarana, no valle do Tibagy.

Pedro Taques, na Nobiliarchia Paulistana, tratando do vulto extraordinario do Caçador das esmeraldas, narra que este bandeirante audacioso veiu encontrar naquella região paranaense os ultimos reductos da horda de Piratininga. Provavelmente os indigenas reduzidos por Fernão Dias eram os dissidentes de Tibiriçá, que acompanharam Araray (*araluz, divindade, ray*-filho) na acção contra o collegio de S. Paulo, e que, vencidos, vieram buscar refugio nas brenhas do Paraná.

---

(1) P. Gay

(2) Warden—Historia do Brazil; Varnhagen, Ibidem; A. Mascarenhas, Ibidem.

Comtudo, aceita a narração de Taques, phantasiosa e poetica como é, não se pode concluir que fossem esses *goyanàzes* os antepassados dos kaingangues; e isto porque o proprio chronista paulista assevera que Fernão Dias logrou, de novo, transportal-os para as margens do Tietè, onde os estabeleceu abaixo de Parnahyba.

Pouco depois, estas hordas se fundiram com os demais elementos que constituiram o typo do mameluco paulista.

A opinião do sabio dr. von Ihering, dilatando o territorio habitado pelos verdadeiros goyanazes desde Angra dos Reis até Cananéa se apoia no Roteiro Geral e Descripção da Costa do Brazil escripto em 1587 e citado por Warden: no entanto o mesmo escriptor descreve os goyanazes como residindo na aldeia de Piratininga sob o mando de Tibiriçá. Si, pois, eram dessa tribu os tupis que povoavam a zona comprehendida entre Angra dos Reis e Cananéa, é logico que os goyanazes eram tambem forçosamente tupis.

O habitat da tribu historica, que nenhuma relação tem com os kaingangues, era constituido pelos valles do Tietè, e de Mogy-Guassú.

Concluimos, pois, que os kaingangues de S. Paulo, Paraná, Rio Grande e Missões Argentinas não são os representantes actuaes dos indios de Piratininga; e que essa tribu, assim como a dos carijós do littoral paranaense, foi absorvida pelos elementos que constituiram o typo brazileiro do sul do paiz.

Os representantes actuaes destas nações americanas somos nós os paulistas e os seus descendentes.

O coronel Telemaco Borba, oppondo-se á opinião do sabio von Ihering, terminou seu interessante estudo confrontando as linguas dos kaingangues e dos goyanás (vocabulario de Domingos Patino) que não offerecem o menor ponto de contacto, o menor visiumbre de parentesco entre as duas tribus.

E' bem de notar, porém, que—goyaná—não era uma designação de raça, mas um termo de applicação generalizada, que servia para denominar as terras ou as hordas visinhas. D'outra forma, a conclusão do coronel Telemaco se imporia sem o auxilio de qualquer outro argumento.

Concluimos que os kaingangues não são os representantes actuaes da tribu historica dos—Goayanazes—de Piratininga.

III

A LINGUA KAINGANGUE

I

Origens

A lingua kaingangue, incontestavelmente uma das mais rudimentares das faladas pelos indigenas da America do Sul, está condemnada a desapparecer, sem que attingisse a uma phase bem caracterizada de agglutinismo.

Estudando-se a contextura dos vocabulos kaingangues se reconhece que o idioma, ainda hoje, se encontra em um periodo de transição entre o monosyllabismo e a agglutinação.

Tão parcos são os elementos linguisticos, que mesmo colhendo e colligindo os subsidios varios que conhecemos sobre a lingua kamé, nem assim conseguimos formar um vocabulario que se compare com qualquer outro dialeto dos indios tupis-carahybas.

E' extrema a pobreza da lingua, não obstante ser ella, como informa von Martius, uma amalgama de palavras de varias origens, como que a demonstrar que esses indigenas ou foram antepassados de tribus hoje distanciadas do tronco, ou então, que não possuem o principal caracteristico de individualização ethnica, que é a linguagem vernacula.

Antes de estudar a natureza dos elementos linguisticos, assignalemos as contribuições dos diversos idiomas que constituem o acervo da lingua kaingangue.

O engenheiro Basaldúa, na valiosa obra *Pasado, Presente y Porvenir del Territorio Nacional de Misiones* assignala a semelhança entre a lingua desses indigenas e o *eskera*, idioma basco, tambem um dos mais rudimentares da Europa; mas, nem por isso, menos interessantes. O *eskera* ou *escuara* é, no dizer dos bascos, a lingua ensinada por Deus ao homem, tão proprio para o *rei da creação como o latido para os cães e o gorgeio para os passaros.*

E' assim que o illustre escriptor basco vae pedir á sua lingua patria, o subsidio para traduzir as palavras kamé, kaingangue e outras.

Para o termo kamé elle suggere as decomposições seguintes: kain-kamé, em *eskera*, caro, mau negocio; ksiame comprar (de *ksia* porto *mea* subtileza). Kamé transformar: *ka-ama*—fecundar, gerar, acção de mãe.

Comtudo, aceita a narração de Taques, phantasiosa e poetica como é, não se pode concluir que fossem esses *goyandzes* os antepassados dos kaingangues; e isto porque o proprio chronista paulista assevera que Fernão Dias logrou, de novo, transportal-os para as margens do Tietê, onde os estabelsceu abaixo de Parnahyba.

Pouco depois, estas hordas se fundiram com os demais elementos que constituiram o typo do mameluco paulista.

A opinião do sabio dr. von Ihering, dilatando o territorio habitado pelos verdadeiros goyanazes desde Angra dos Reis até Cananéa se apoia no Roteiro Geral e Descripção da Costa do Brazil escripto em 1587 e citado por Warden: no entanto o mesmo escriptor descreve os goyanazes como residindo na aldeia de Piratininga sob o mando de Tibiriçá. Si, pois, eram dessa tribu os tupis que povoavam a zona comprehendida entre Angra dos Reis e Cananéa, é logico que os goyanazes eram tambem forçosamente tupis.

O habitat da tribu historica, que nenhuma relação tem com os kaingangues, era constituido pelos valles do Tietê, e do Mogy-Guassú.

Concluimos, pois, que os kaingangues de S. Paulo, Paraná, Rio Grande e Missões Argentinas não são os representantes actuaes dos indios de Piratininga; e que essa tribu, assim como a dos carijós do littoral paranaense, foi absorvida pelos elementos que constituiram o typo brazileiro do sul do paiz.

Os representantes actuaes dessas nações, americanas somos nós os paulistas e os seus descendentes.

O coronel Telemaco Borba, oppondo-se á opinião do sabio von Ihering, terminou seu interessante estudo confrontando as linguas dos kaingangues e dos gozyanás (vocabulario de Domingos Patino) que não offerecem o menor ponto de contacto, o menor vislumbre de parentesco entre as duas tribus.

E' bem de notar, porém, que—goayaná—não era uma designação de raça, mas um termo de applicação generalizada, que servia para denominar as terras ou as hordas visinhas. D'outra forma, a conclusão do coronel Telemaco se imporia sem o auxilio de qualquer outro argumento.

Concluimos que os kaingangues não são os representantes actuaes da tribu historica dos—Goaynazes—de Piratininga.

III

A LINGUA KAINGANGUE

I

Origens

A lingua kaingangue, incontestavelmente uma das mais rudimentares das faladas pelos indigenas da America do Sul, está condemnada a desapparecer, sem que attingisse a uma phase bem caracterizada de agglutinismo.

Estudando-se a contextura dos vocabulos kaingangues se reconhece que o idioma, ainda hoje, se encontra em um periodo de transição entre o monosyllabismo e a agglutinação.

Tão parcos são os elementos linguisticos, que mesmo colhendo e colligindo os subsidios varios que conhecemos sobre a lingua kamé, nem assim conseguimos formar um vocabulario que se compare com qualquer outro dialeto dos indios tupis-carahybas.

E' extrema a pobreza da lingua, não obstante ser ella, como informa von Martius, uma amalgama de palavras de varias origens, como que a demonstrar que esses indigenas ou foram antepassados de tribus hoje distanciadas do tronco, ou então, que não possuem o principal caracteristico de individualização ethnica, que é a linguagem vernacula.

Antes de estudar a natureza dos elementos linguisticos, assignalemos as contribuições dos diversos idiomas que constituem o acervo da lingua kaingangue.

O engenheiro Besaldús, na valiosa obra *Pasado, Presente y Porvenir del Territorio Nacional de Misiones* assignala a semelhança entre a lingua desses indigenas e o *eskera*, idioma basco, tambem um dos mais rudimentares da Europa; mas, nem por isso, menos interessantes. O *eskera* ou *escuara* é, no dizer dos bascos, a lingua ensinada por Deus ao homem, tão proprio para o *rei da creação como o latido para os cães e o gorgeio para os passaros.*

E' assim que o illustre escriptor basco vae pedir á sua lingua patria, o subsidio para traduzir as palavras kamé, kaingangue e outras.

Para o termo kamé elle suggere as decomposições seguintes: kain-kamé, em *eskera*, caro, mau negocio; kaiame comprar (de *kaia* porto *mea* subtileza). Kamé transformar: *ka-ama*—fecundar, gerar, acção de mãe.

Assim, pois, o termo kamé relembra o ascendente materno: a acção maternal por excellencia e é o equivalente feminino de Ka-a-ing-ang que, segundo o mesmo escriptor, provém de *Ka-a* bosque, *ing* phallo e quer dizer *viriles virilis* da floresta.

As traducções aventadas podem muito bem ser aceitas, pois têm, até hoje, no vocabulario kaingangue pontos de apoio. Ingrê é o phallo, para estes indigenas, e kamé relembra a acção maternal e geradora.

Assim, pois, os coroados denominando-se kaingangues ou kamés affirmam os dous principios da geração: o viril e o feminino.

Kaingangue não é, porêm, uma corrupção de *kaa-inga-inga* (viriles virilis da floresta), mas de kay-ing-ang *(kay-ser, ing-viril, ang-grande, superior)*, e neste caso corresponde ao ente viril por excellencia, demonstrando que os coroados se reputavam, como todos os outros povos, superiores ás demais tribus.

O proprio sanscrito offerece a raiz *rag* (luz) que o *abanheem* transformou em *ará* e o kaingangue nazalisou para *aran*, sol. Desta mesma fonte provém: *coran-dia*, que deve ser um abrandamento de *t-aran*, do sol: *aranken*, hontem (*aran*-sol, *ken* passado, que se foi); *coranguê* longe (*coran-dia*, *enguét*-muitos) o que indica que a medida de distancia era o numero de dias gastos nas jornadas; *aranhenguét* calor (aran sol, enguêt muito).

Outro contingente e algo mais abundante que se depara na lingua kamé é o quichua: esta lingua dos incas do Perú concorreu com alguns radicaes para a formação desse idioma: as raizes—*co*-agua; *ya*-procreatura e phallica, *cay*, o ser—se deparam em numerosas palavras kamés, como adiante demonstraremos.

Entretanto, não são tão numerosos como, se devia esperar, os elementos provenientes dos idiomas dos *gês* ou *crens*, grupo a que se acha filiado o coroado do Paraná.

A palavra agua que provém do quichua—co—tem estas traducções nos idiomas que estudamos: kamé, *goio*; jauno, *cgôha*; tucano, *oghoh*; caiapó, *incó*; caráa, *coh*; cherentes, *cou*; chavantes, *keu*; apiscá, *ecó*; itene, *como*; jupuá, *tecoh*, araucano, *co*.

Mas o contingente gê ou crens é bem restricto: a lingua que mais de perto se approxima do kamé é a dos Cayapós de Goyaz. Vejamos as analogias deparadas:

KAMES	PORTUGUEZ	CAYAPÓS
Ipen	Braço	Ipa
Crin	Cabeça	Icrian
Ipen	Pé	Ipaa
Indu	Ventre	Itu

Além destas linguas, depara-se com uma ou outra palavra semelhante nos dialectos dos Mutum (cabeça-cren, pé-pó) dos cherentes (Bom no kamé—*chitaué*, no cherente *chien di*, cabeça no cherente *dicran*—*Lua* no kamé *quoxá*, cherentes *cua*, chavantes *oua*.

Mas, em algumas destas palavras que se assemelham ha uma origem mais remota: por exemplo, no termo quoxá ou cuchê ha a raiz maya *u*; e bem assim na palavra *táa*-chuva, que no chavante é *tá*, no chiquito é *tahach*, no cherente *tana*, no cayapó *intá*, pode-se filiar á raiz tan ou tar das linguas aryanas, que significa soar. E', pois, um valor onomatopaico generalizado, do qual não se pode concluir ligações linguisticas.

A lingua que mais abundante contribuição de raizes proporcionou ao kaingangue moderno foi o tupi ou o *abanheem*, não obstante parecer, á primeira vista, o contrario. A palavra *tupan*, *arân*, *pira*, *ui*, *cá*, *hay-ca* e seus compostos concorrem com maior contingente do que as linguas do grupo *crens*.

Eis ahi, em ligeiros traços, os subsidios que colhemos sobre os elementos alheios que se incorporaram ao vocabulario kaingangue. Apezar, porém, dessas contribuições, não se encontra entre estes indigenas, como nos demais no Brazil, segundo Spix e von Martius, palavras que signifiquem «côr, sexo, genero, espirito, tempo, espaço e substancia.»

Quer isto dizer que estes selvicolas não attingiram ao periodo das generalizações; ainda palmilham na phase do indistincto das primeiras eras da evolução humana.

II

Genealogia da lingua kamé. Processo da formação das palavras. Noções geraes

Dos escassos elementos que colligimos, a mór parte em gabinete, sem uma observação pessoal methodizada (1), deduzimos que a lingua kaingangue atravessa um periodo de transição entre o monosyllabismo e o agglutinismo.

Remontando-se ás origens das palavras desse dialecto rude e pobre, chega se, com relativa facilidade, ao «fundo ancestral de raizes monosyllabicas, sobre o qual repousa toda a vegetação da lingua», como já observou um sociologo moderno, em relação ás linguas primitivas.

---

(1) Quando dirigiamos o Muzeu Paranaense tivemos o ensejo de confrontar o vocabulario do coronel Telemaco com o usado pelos Indios coroados, vindos de Palma e que se achavam hospedados em dependencia do estabelecimento.

Este acervo de syllabas (ou antes destes phonemas variaveis) transparece mesmo nas palavras mais longas do idioma. Temos, por exemplo, o vocabulo *kancrofuêre*, lambary, que é um dos mais longos que conhecemos; e promptamente se deparam os elementos que o compõem; *kan*, forma nazalizada da raiz *kai*-ser, animal, (em quichua *cai* significa igualmente ser), *cro*, beber; *fuêre*, pelle, limo, que se poderia traduzir pela locução—animal que bebe ou ingere limo. Assim, os termos—*kaxin*-rato, provêm das raizes *kai* e *xin* (pequeno); *kampó* e *kai* e *pó* (pedra) pulga; *cokamé*-paca, se origina de: *co*-comer, *kan*-ser e *é*-agradavel, correspondendo a phraze—animal agradavel para comer ou animal saboroso. E, como estes, dezenas de exemplos poderiamos apresentar, em que transparece a formação monosyllabica.

O *caput mortuum* do kaingangue, si permittida a expressão latina, se reduz, como o do sanscrito, a um restricto numero de elementos primitivos, sensiveis á influencia de factores secundarios que lhes modificam a figura. O caso da raiz sanscrita—*kru*—que se metamorphoseia em *kar*, *kra*, *kri*, *kir*, se depara igualmente no kamé.

No vocabulario kaingangue jamais apparecem as consoancias L, S e Z e o R é sempre brando. Não existe o som brando do C, letra de que perfeitamente se pode prescindir com o emprego do K.

O J com o valer phonico do portuguez, sómente encontramos nas palavras—já—e *yongjó*—nos demais casos têm sempre a pronunciação guttural do castelhano; e o mesmo se observa quanto ao—H—que é sempre aspirado.

As vogaes têm variações phonicas diversas—o A ora é forte, como em *há*, azedo; ora mudo como em *deya*, cera, ora nazal, como em *pan* cobra. A nazalização apresenta duas graduações—a forte e a normal: ex *córán* e *tang* Iguaes modificações apresentam as outras vogaes: o E tem frequentemente o som medio; o U tem as mesmas variantes e mais a equivalente ao U francez.

O kamé antepõe o pronome pessoal ás palavras sempre que possam ser susceptiveis da idéa de possessão: os pronomes são pronunciados como si constituissem com os elementos a que precedem uma só palavra.

Vezes ha que a prefixação dos pronomes modifica a raiz: ex: *ekfi* ou *aiefi*—anzol, que se transforma em *Inaniefi*-meu anzol.

Não existe, no kaingangue, formulas para designar sexo, numero ou gráo. O plural se forma com o emprego das raizes *enguet*, *itiii* ou *enteque*. *Nhá* dente, *nhatequê* (dentes muitos) bocca.

O processo da agglutinação não obedece a uma norma perfeitamente definida; comtudo as relações primarias precedem quasi sempre, ás raizes secundarias que as modificam, individualizando a palavra. *Éranhenguê* quente, por exemplo, se forma de *aran*-sol, *nhé*-presente, actual, *enguê*-muito. *Pandói*-planicie, provem de *pandó* (curvo—pan-cobra, dó flexa) e *i*, negação.

As relações secundarias, adverbiaes de quantidade e de negação, quasi sempre pospõe-se ás demais raizes.

Os verbos, como as demais palavras, são invariaveis. Para designar o agente da acção antepõem-se ao verbo os pronomes *i* ou *in*—eu, *an*-tu, *ti* ou *fag*-elle, *ein* ou *en*-nós. As gradações de anterioridade ou posterioridade são determinadas pelo emprego de raizes adverbiaes de tempo: o futuro se forma pela anteposição do adverbio *car*, logo, depois; o passado pela posposição da raiz *ia*. O participio presente é constituido com o emprego da raiz—nhê—designadora de acção actual.

Segundo deprehendemos dos nossos estudos, sem que todavia possamos asseverar, ha no kaingangue indicios da particularidade que se observa nas linguas das tribus exogamas.

As mulheres têm expressões diversas e proprias aos sexos, para designar certas idéas ou pessoas, facto este que se observa, nitido, no *abanheem* ou tupi, em que as mulheres tem locuções diversas das dos homens para designar os mesmos seres.

E' assim que notamos que os indios dizem *ongre* homem, ao passo que as mulheres empregam a palavra *hangué*. A mulher para o sexo feminino é *fanga* ou *fangue* e para o masculino—tanté.

Eis, em ligeiros traços, o resultado das nossas deficientes pesquisas, que apresentamos sem a pretenção, que seria estulta, de haver formulado uma theoria, ou determinado um processo para o estudo desta lingua americana.

O nosso esforço não obedece outro intuito a não ser o de contribuir com o pequeno contingente da observação e do estudo que temos feito, para facilitar as conclusões dos competentes sobre este curioso e rude idioma, que dentro de bem curto lapso de tempo, está condemnado a reunir-se ás linguas mortas, com a completa absorpção da tribu kamé pela civilização brazileira.

Passemos a expor o resultado das nossas investigações quanto a algumas das raizes primarias que constituem o fundo ancestral da lingua kaingangue.

III

Radicaes primitivos do kaingangue

Kai (Do quichua—cay—o ser) exprime a idéa do ser vivo e das qualidades que lhe são peculiares. A raiz soff e a nazalização caracteristica da lingua. Ex: *Kaiè*, arara, (*kai* ser, *hê*, bom); *kaxin*, rato; *kaière* macaco; *ká*, mosquito; *kafei*, mosca; *kacan*, pato;

kardrá, ran; *kacra*, sogro; (ka ser, cran plantar, crear); *kaiká*, amigo; *kacrekin*, tamanduá mirim (*kai*, ser; *cré*, gordura, *kin* ou *xin* pequeno) *kaió*, magro (*kai-ó*, pouco, não); *kamé*, medo; *kaiui*, leve (kai-ui, ser arco) *kavei*. sujo, etc

Sob a forma nazalizada apparece esta raiz nas seguintes palavras: *kambè* veado; (kai, animal, bê grande); *kantu* ou *kandu* (de kai e du) papagaio; *kanquè*, irmão primogenito *kanguére* pintado, *kancrofuêre* lambary, *kampá* pulga, *kanxire* pequeno.

A radical kay modifica-se em *xa* no termo *xaxin* passarinho, para evitar confusões, individualizando a palavra, com as equivalentes *kaixin* ou *kaxi* rato e e *kanxire*—pequeno.

Cá (raiz abanheem que designa vegetal, arvore) entra na constituição de *cá*-arvore, *cáa*-matte, *cacan*-matto, *cankei*-canoa (*ca* e *kei*, que foi arvore que existiu) *capen*-galho (de *cá* arvore e *pen* braço).

Crin—radical do grupo—gês—ou crens, designativo de elevação, culminancia: *crin* cabeça; *crin* ou *crinhé* estrella, *crin* montanha, *tfacrim* joelho (de *tfá* perna, *crin* cabeça); *cri*-tecto; *crin cante canteque fuére*, labio inferior (cabeça abaixo, bocca, pelle), *crifi* sobre; *cripandufuá*, fantasma.

Ran, raiz do tupi ou do sanscrito designativa de luz, sol, calor: *coràn* dia, *arankein* (*arãn* ou *ran* dia, *kein* que se passou), *aranhenguet* calor; *coranguê* (dias muitos) longe; *corantog*, hoje, *caran* calor, *aranguetára* (*aran* sol *cri* cabeça, *tara* valente) diadema de pennas usadas pelos guerreiros.

Angue, bangue, bengue. (1) Raizes augmentativas, exprimem grandeza, mando, supremacia. Ex. *kainkangue*—indio coroado (de *kai*-ser, *ing* viril, *angue* grande), ser viril por excellencia; *paibangue* (*pai*-homem, *bangue*-grande) governador, chefe, autoridade; *bangue* grande, *tangué*-gordo; *fuangue* (*fu*-tronco, *angue*-grande) pinheiro; *cafuangue*-pesado; *iapribangue* (*iapri*-caminho, *bangue*-grande) estrada; *peibengue*-pato.

O P. Chagas diz que além da particula *bangue*, os kamés possuem as radicaes *be*, *biu*, com a mesma funcção augmentativa, Ex. *kambé*-veado, (animal grande).

(1) Os vocabularios existentes usam as formas *ang*, *bang* e *beng*; mas escrevemos diversamente, por julgarmos mais correcto o systema phonetico, unico applicavel aos idiomas que não dispõem de escripta.

Cren, gren. Particulas indicadoras de gordura. Ex. *Créngue* (corrupção de *cren angus*, provém de *cren*-gordura, *angue*-grande) porco do matto; *cren*-gravida; *créngueadingue*-capivara; *nigrein* (de *ni*-carne, *cren*-gordo, *in*-não) orelha; *croyó* (*cre oy ó*, gordo não) fraco; *kacrekim*-tamanduá-mirim.

Cre ou **eren** indica situação inferior. Ex. *cren*-abaixo, *creye*-pau inferior utilizado paaa fazer fogo.

Xi ou **xin**, particula diminutiva que se transforma em kin. Ex. *kaxin*-rato; *goio xin* (*goio*-rio, *xin*-pequeno) arroio; *paixin* (*pai*-homem, *xin*-pequeno) menino; *minxin* (*min*-tigre, *xin*-pequeno) gato; *xaxin*-passaro.

Kanê. Radical composta quiçá de *kai*-ser, *nhe* ou *né*-vista, empregada para designar os orgãos da vista e suas funcções. Ex. *kané*--olhos; *kaneyoky* pestana; *caneré* ou *çanéra*-olhar, procurar; *canheran*-manso, conhecido.

Nin, particula designativa de carne, que entra na formação das seguintes palavras: *tinin*-sua carne; *ningrein*-orelha *ningreidoro*; (orelha-buraco) ouvido; *ninhé* (carne vista) nariz; *nindó* (carne- arco) ante-braço; *ninguémão*, *ningru*-unha; *pud-nin* (*pud* mergulhar) fegado; *nica* (carne páo) chifre; *tininin-bangue* (*ti*-sua, *ni*-carne, *nin*-carne, *bangue*-grande) lombo.

Co, go, o. Significam agua, seus compostos e semelhantes. Ex. *goio*-rio; *goioxin*-arroio; *goifá* (*fá*-azedo) bebida alcoolica sem mel; *nongoié* (*non*-lingua, teta *goio*-agua, *é* agradavel) leite; *orédingue* (*o*-agua, *ré*-campo, *dingue*-fundo) lago, *oré*-charco.

Nhá exprime dente e por analogia milho e raizes comestiveis. Verbi gratia: *nhat*-dente; *nhatecá*-collar de dentes; *nhara*-milho; *nhara fuêre*-palha de milho; *catenhara*-sobriuva; *nhat-kambu* (milho, medida) dinheiro; *nhara*-canna.

Fué ou Feiê. parte exterior dos corpos, pelle, escama, penna. Ex. *fuére*-pelle; *feié* penna; *pirafuang*-escama de peixe grande; *nhara fuere*-palha de milho; *caiconfeiê*-nevoeiro (céu, pennugem).

Poderiamos proseguir enumerando muitas outras raizes que constituem o fundo ancestral da lingua kamé. O que ahi deixamos, desordenadamente escripto, evidencia que o kaingangue é, ainda hoje, um idioma que atravessa um periodo de transição entre o monosyllabismo e o agglutinismo.

Concluimos nossos subsidios, offerecendo aos estudiosos o modesto vocabulario que colligimos.

IV

Vocabulario Kaingangue

(Organizamos este pequeno vocabulario com os subsidios fornecidos pelos seguintes escriptores: Telemaco Borba, F. Basaldua, A. de Saint-Hilaire, Cap. Edmundo de Barros, H. von Ihering, P. Francisco Chagas etc.)

A

Abobora — Peju (o j sôa como no hespanhol)
Agradavel — E, er ou hê
Agua — Goio
Aguardente — Goiofá
Aguia — Kakau
Alento — Tara
Ali — Enqui, tanqui
Alma — Vaicoprin
Alto — Teye
Amanhã — Uaica ou uaêca
Amargo — Caiá, Caiá ingy
Arco-iris — Tanaô
Arvore — Cá
Assar — Jakxunde
Avô — Amban, kaoran
Amarrar — Tokfin, tokfira
Ambos — Eiu
Amigo — Kaiká
Anta — Oyôro
Ante-braço — Nindô
Anus — Diguê
Anzol — Ekfi
Aquelle — Ene
Aqui — Taqui
Arara — Kaéi
Arbusto — Caxin, canxi
Arco — Ui
Avô paterno — Yongyong
Avó paterna — Yongnha
Azedo — Fá
Azul — Tey corég.

B

Balaio — Queye, crê
Banana — Tembanguecanê
Barato — Kaian piri
Barba — Joá
Barriga — Indu, antu
Basta (é bastante) Enguetká
Bastão — Cantô
Batata — Dun
Bater — Tain
Beber — Crôa
Bocca — Antecrê
Bolo (ou pao) E'min
Borboleta — Totô
Bom — Chitauy
Bonito — Chitauy
Braço — Pen
Branco — Cupri
Brigar — Nhon
Brotar — Bûr
Bugio — Gong
Buraco — Dôro
Busina — Saquerê
Buscar agua — Goio mani
Buscar lenha — Pin tin

C

Cá — Tahé
Cabeça — Crin
Cabello — Nham
Cabello m. sexuaes-Gongoia
Cabriuva — Catenhara
Cadaver — Terêti
Cahir — Cuten
Calor — Areinhi, karan
Caminho — Iapri
Camisa — Craninin
Campo — Rê, êrê
Canna — Nhara
Canna de flexa — Uacro
Canna de assucar — Uacrê
Canôa — Cankei
Canto — Tanctain
Capivara — Crendingue
Capoeira — Engeju
Carijó — Cariió
Carne — Nin
Carrapato — Tirê
Claro — Corâ
Cobra — Pan
Cobra urutú — Denman
Collar — Nhateca
Comer — Coon con
Comprar — Káiamé
Comprido — Têye
Conhecer — Quevanherá
Copular — Coio kamé
Carregar — Kaiátura
Caro — Kaian kamé
Casca — Fuêre
Casca de arvore — Caíuêre
Casca de fructa — Canefuêre
Cascavel — Xárá
Cauda — Dére
Cemiterio — Vaic êie
Céo — Kaiké, Cahica
Cera — Deya
Cerca — Ró
Cesto — Quenhê
Chamar — Yeka
Charco — Orê
Cheio — Fóro
Chifre — Nica
Chorar — Fan
Chuva — Táa, tan
Cinco = Panterá
Cinza — Mreinhe
Cipó — Icipó
Correr — Uora, venora, venvô
Cortar — Crê
Cosinhar — Dei
Cotovelo — Penkandum
Cuia — Rumbiá
Curandeiro — Kafanguê
Curto — Ruro
Curvo — Pandô

D

Dansa — Vaicoquefû
Dar — Man
Dar pancada — Mranmran
Dê-me — Máfi
Deite-fóra — Fondiá
D'olle — Fagton
Dente — Nhá, nhat
Despertar — Kangora
Devagar — Comere
Deus — Tupen
Dia — Corán
Diabo — Dicorég — Nharahu
Dizer — Haqué
Doença — Cangate
Doente — Cengá
Doce — Grein
Dormir — Dôrôna — Nôrôna
Duro — Tara

E

Edificar — Handiá
Ella — Fi ou fû
Elle — Fag
Erecção — Kamétara
Escrever — Ran
Escama de peixe - Pirafuang
Esperar — Tori, tore, etor
Espelho — Veyêveye
Espinho — Xot
Esquecer — Karatin
Estrada — Iapribangue
Estrella — Crin, crinhê
Extrangeiro — Kaikaton

F

Faca — Kifé, Kéfé
Familia — Cren
Fantasma — Cripan lufuà
Farinha — Metfû
Fazer — Hat, haudêra
Fazer amor — Coiá
Febre — Nhônhôro
Feder — Cocrê
Feijão — Arangró
Fraco — Crôyó
Frio — Cuxá
Figado — Tamê
Filho — Coxin, Crén
Filha — Coxinfû
Flauta — Cohê
Flexa — Dou, dô
Flexa para passarinhos — Dá
Fogo — Pin
Formiga — Erin
Forte — Tara
Fronte — Prun
Fructa — Canê
Fundo — Digdê ou Dingue

G

Gato — Mikxin
Geada — Cucrire
Genital feminino — Fu, fi
Genital masc. — Iagrê
Genro — Iambrê
Gerivá — Tain
Gissára — Feneen
Gordo — Tangué
Grande — Bángue
Gravida — Cren

H

Herva-matte — Congoin, Cá
Hoje — Hun, Ori
Homem — *Ongre*
Homem — Pai, hanguê
Hontem — Arankei

I

Ilha — Cute
Indigena — Kaigangue
Ingá — Ingá
Inimigo — Tekicorégnhê
Ir — Tin, Tinhra
Irmã — Vê
Irmão — Jauê-Aranguerê
Irmão mais moço — Jauê
Irmão mais velho — Kankei
Instrumento cortante — Crê
Instrumento perfurante — Candonmafan

J

Jabuticaba — Más
Jacaré — *Hapa*
Jacú — Pein-coin
Jaguatirica — Grun
Joelho — Tferin
Junto — Ambré

K

Kagado — Pdmin ou put nin (mergulhar carne)

L

Ladrão — Peyuia
Lago, Lagoa — Orédingue
Lagarto — Kangrê
Lambary — Kancrôfuêre
Lan — bekeki
Leão — Min coxon
Leicenço — Quyui
Leite — Nongoyê
Lenha — Pi
Levantar — Negara
Leve — Kayui
Ligeiro, lesto — Curi
Limpar — Prun
Lança — Urugurú
Laranja — Nerinhê
Largo — Titampêre, Tyetampere
Lavar — Cupeiá
Lindo — E er hê
Lingua — Nonné
Linha — Uafê
Logo — Car, Queyene
Louge — Coranguê
Lon a — Ti in, Tyein
Lontra — Fokfeie
Lutar — Ruruya

M

Macaco — Kaière, Kanherê
Machado — Bengue
Machado de pedra — Bengustampó
Macuco — Uó
Magro — Kayó
Mãe — Yan, nan, nhan
Maleitas — Nhônhôro
Manco — Tincoré
Mandibulas — Iandjára
Mandioca — Comin, cominhara
Manso — Canêcan
Mão — Ninguê
Mão de pillão — Crá
Máu — Coré, corég
Maracá — Xu
Marido — Beem
Massa — Cakiui
Matar — Têre, ataimo
Matta — Cacaut
Matte — Cá, congoin
Matto (taquaral) — Uaio
Medicina — Vaecactá
Medico — Vaictangê ou Véictangê, Cafangue
Medir — Cambu
Medo — Kamé
Mel — Mang
Menino — Paixin
Mentira — One
Mergulhar — Putkei
Meu — Ichon, ixen
Meudo — Kanaire
Milho — Nhara
Minhoca — Nhon nhon
Moça — Tentan, tetun
Molhado — Brêre
Mono — Karaiá
Montanha — Crin
Morcego — Cutefeiê
Morder — Prau
Mosca — Katei
Mosquito — Karan
Mudo — Vincuain
Multidão — Eê aguen
Muito — Ititi
Mulher — Tante fângue

N

Nadar—Maranbraia
Não—Uó
Não quero—Dêia
Nariz—Ninhê
Negro—Xaig
Netto (filho da filha—Coxificexin
Netta (filha da filha)—Coxitantê fi
Nevoeiro — Gronhan, Caiconfeiê
Nó de pinho—Canxê
Noite—Cutê
Nora—Coxipron
Nos—Ein
Nossa casa—Ein in
Nuvem—Caicantón

O

Olhar—Carêra
Olho—Carê
Orelha—Nigrein
Ovo—Crein
Orvelho — Caicanfeiê
Osso — Cuca
Ourinar — Yei

P

Paca — Cokamé
Pae — Yengue
Palha de milho-Nharafuêre
Palha — Fuête
Panella — Cocron
Panno — Curú
Pão — Emin
Pau — Cá
Papagaio — Kantou
Para cá — Tacante
Para lá — Tancante
Parente — Kaiká
Parir — Mon
Partir — Atan
Partido — Goá
Passarinho — Xaxin
Pato — Peinbengue
Pé — Fen, pé, pán
Pedra — Pó
Peito — Peipaio nonguêyê
Peixe — Pirá, piré
Pelle — Fuerê
Pello — Quequi
Penna — Feiê
Pente — Onicureia
Pequeno — Xi, xin, kaxire
Perdiz — Coiampêpê
Perna — Tfa
Perna—(parte superior) Cre
Perna—(parte inferior) Cretangue
Periquito — Cricrye
Pesado — Cufu cufuang
Pescoço — Dui, indui
Pestana — Canê yeki
Pilão — Crehê
Pinhão — Fangue
Pinheiro — Fuangue
Pintado — Kangaêre
Planicie — Pandoi
Plantar — Crande
Poderoso — Paraí
Podre — Ceumaia
Pomba — Pet coin
Porco do matto — Crengue
Prazer amoroso — Coia
Preá — Ditxú
Preguiçoso — Nhenuhêre
Preto — Xaig
Prima — Vê
Procurar — Kanêre, Carêra
Pulga — Kampô
Pulmão — Tekanhua
Purungo — Rumbiá

Q

Quati — Xê
Quatro — Kangrá
Quebrar — Capôque
Queimar — Poro
Quente — Aranhenguet — areinhi

R

Rabo—Bú
Raio (faisca)—Tané
Raio do sol—Gárán
Raiz—Cayarê
Raiz comestivel—Nhara
Raiz mandioca—Cominha-ragrê
Ramo—Capen
Ran—Karárá
Rato—Kaxin
Raso (baixo)—Pareco
Rede (maca)—Temiá
Relampago—Tacopcopkô
Remedio—Vaicactá, Guaycactá
Remo—Caukei-rumbiá
Resina—Canhemio
Riacho—Goioxin
Rio - Goio
Rir—Vengi
Roupa—Curú
Ruim—langue—Coré

S

Salgado—Kaiain
Salto (cachoeira) — Crung
Salubre—Cangaton
Sangue—Quavei
Sapo—Papu
Sapato—Pentorô (pen; pé doro, buraco)
Sarar—Uonea
Secco—Tong
Semente—Fui
Sempre—Vire
Sente-se—Nirá
Sentir—Augueté
Seu, sua—Fagton
Sim—Hê
Sobrancelhas—Kaxaquê
Sol—Ran, Aran
Sombra—Tenia
Sonho—Veipete, Vaepeti
Sovino—Dey
Suas—Karan
Sucury—Beyui
Sujo—Kavei
Surdo—Catud
Surrar—Mran-mran

T

Tabaco—Cafeigrin
Tamanduá—Ioti
Tamanduá-mirim-Kacrekim
Taqaara—Uan
Tateto—Okxá
Tecto—Cri
Tempestade—Coju
Tempo chuvoso—Tafan
Teo, tua—Haton
Terra—Ga, gan, ngá
Tres—Tector, Tacton
Trepadeira—Goiambê
Tripa—Dungbangue
Tescura—Ioaria
Tia paterna—Yongve
Tigre—Min
Timbó—Conge
Tio—Yskaika
Tio paterno—Yongingre
Temar—Man
Torto—Pandó
Trabalhar—Arânharânha
Tragar—Kamé
Trovão—Tarêrê
Tu—Ha
Tua—Han
Tucano—Grôn

U

Um, Pirê—Umbigo, Nondou—Urú, Petfuêre

V

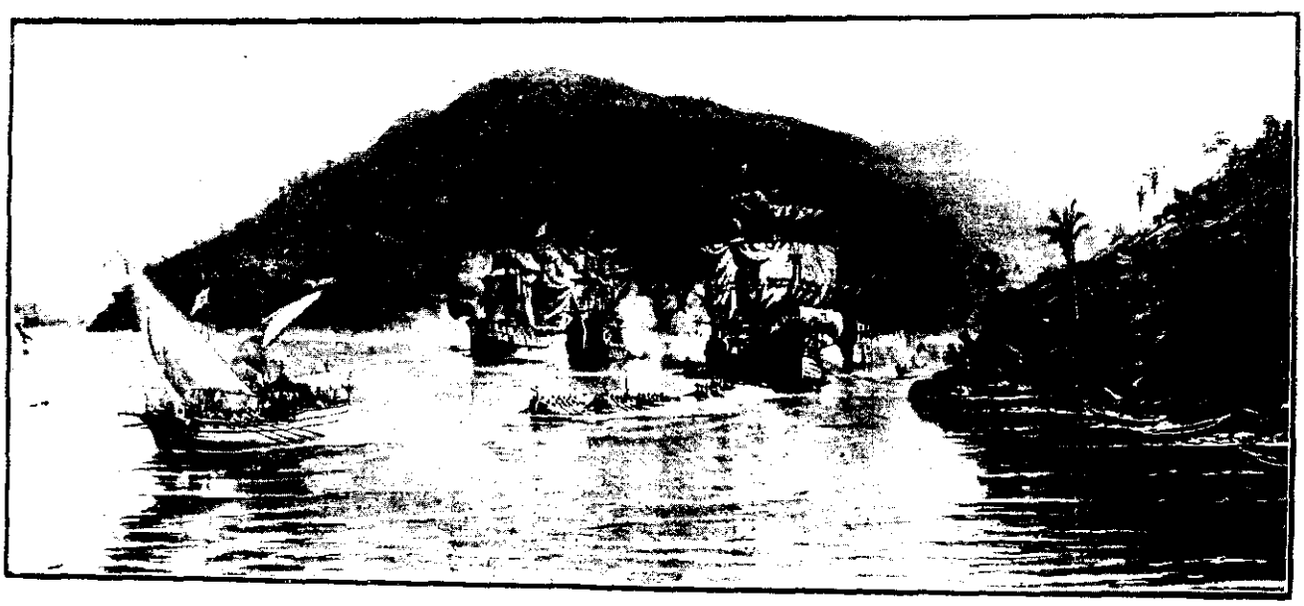
Vagarosamente—Comére
Valente—Turumani
Vamos—Tona
Vapor—Cakeidan
Veado—Kambé
Veia—Quyêyê
Velho—Cofá
VenenoVaecactá corég
Venha—Hacantin
Vento—Câcan. Cancá
Ventre—Dungue
Viuva—Beemton fi
Voltar—Viritin. Virite

A Villa de Santo André da Borda do Campo e a primitiva povoação de Piratininga

POR

BENEDICTO CALIXTO

Socio honorario do Instituto



EM CAMINHO DE PIRATININGA

QUADRO DE R. CALIXTO

O Capitão Donatario de S. Vicente — Martim Affonso de Souza, com seu sequito, dirige-se a 10 de Outubro de 1532 para o Porto de Piassaguéra, em demanda de Piratininga, onde vae fundar a povôação desse nome, a qual teve em 1554 a denominação de S. Paulo. — A fróta ancorada no «Porto das Naus», em Tumiarú, dá as salvas pela passagem do bergantim do Donatario.

A Villa de Santo André da Borda do Campo e a primitiva povoação de Piratininga

Em escrevendo o trabalho que, com o mesmo titulo deste, foi inserto no tomo XIII da *Revista do Instituto Historico de S. Paulo*, não foi nosso proposito estabelecer polemicas sobre a parte activa que teve Martim Affonso de Souza na fundação de Piratininga. Nosso esforço, ao contrario, era conduzido com um unico fito: apresentar diversos documentos esparsos nos chronistas que condissessem com o assumpto, discutil-os e provar com as conclusões que delle tirassemos a razão de ser de nosso trabalho artistico, relativo a Martim Affonso de Souza, «como um dos fundadores de S. Paulo», no projecto apresentado pelo esculptor Petrucci, no concurso que então se abriu para o monumento sobre os fundadores de Piratininga. (*)

Esses documentos, assim como as nossas illações, não agradaram a alguns operosos escriptores de nossa historia, que em artigos publicados no *Diario Popular* e *Estado de S. Paulo*, sendo que o deste jornal foi reproduzido na Revista de Instituto, viram refutar nosso trabalho, obrigando-nos a voltar, ainda uma vez a produzir sua defesa.

Replicamos então, ora reproduzindo documentos ja exhibidos, ora apresentando novos testemunhos ao mesmo tempo que analysavamos detalhadamente as objecções oppostas aos nossos modestos escriptos.

Sobre a fundação dos dois primeiros povôados do Serra acima, existem poucas e mesmo assim muito vagas referencias contidas quasi que exclusivamente nas Cartas de Nobrega e Anchieta, que muito accidentalmente a elles alludem.

Sobre Santo André elles não só são insufficientes como por demais laconicos, emquanto que para Piratininga ha uma triplice referencia, duas annotadas por contemporaneos de Martim Affonso e uma traçada cerca de 22 annos depois pelo padre Manoel da Nobrega.

(*) Esse projecto de L. Petrucci foi recusado pela respectiva «Commissão» por conter *um erro historico*.

A primeira referencia é fornecida pelo Diario de Pedro Lopes de Souza e que diz que seu irmão Martim Affonso «fez uma villa na ilha de S. Vicente e outra nove leguas pelo sertão, que se chama Piratininga.»

A segunda é a declaração do escrivão Pedro Capico de que a Sesmaria de Pedro de Goes foi passada e assignada por Martim Affonso em Piratininga.

A terceira é a da Carta do Padre Nobrega sobre a Aldêa de Tibiriçá «perto da povoação onde Martim Affonso de Souza primeiro povôou.»

Por esses documentos temos a prova de dois factos:

1.° — Que Martim Affonso esteve em Piratininga (segundo o testemunho de seu irmão e do seu escrivão);

2.° — Que elle fundou um povoado nove leguas distante da costa, no sertão de Piratininga (testemunho destes dois e de Nobrega).

Essas conclusões tão faceis de ser tiradas por quem tenha um pouco de boa vontade não influiram na reflexão de um dos nossos illustres contendores, o sr. dr. Eugenio Egas, na refutação que nos faz. Ao inverso até, vem elle nos dizer, com toda a força de uma verdade inconcusa, que «da casa de João Ramalho, Martim Affonso voltou para S. Vicente; não esteve na varzea do Tietê, não pisou terras da cidade de S. Paulo... Na accepção rigorosa das cousas, o Donatario, fundou (apenas) S. Vicente e mandou fundar Santo André da Borda do Campo.» (Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo, vol. XIV pag. 306).

Isto é dito de modo a se entender que o povoado mandado fundar pelo donatario não foi Piratininga, mas sim S. André, esquecendo-se, entretanto, o historiador que uma porção de factos se oppõem a esse seu modo de orientar a historia.

1.° Quando o donatario chegou a S. Vicente, estava já fundado o povoado de S. André, por João Ramalho. «O heroico portuguez tendo chegado a S. Vicente, não se sabe como, penetrou no sertão, subiu a colossal serra de Paranapiacaba, travou relações de amizade com Tibiriça e de amor com Baltira, e fundou a povoação de Santo André da Borda do Campo, nas proximidades da actual villa de S. Bernardo». Dr.) Eugenio Egas — «Os Portuguezes no Brazil» fl. 9 e 10).

2.° João Ramalho não foi nem podia ter sido encarregado da fundação do povoado algum por Martim Affonso, pois não se pode conceber que elle recebesse esse encargo de povoar com indios quando aliás já os tinha em sua companhia, ou então com europeus, quando entretanto é sabido que antes do donatario se retirar para o reino, prohibiu terminantemente aos portuguezes penetrarem pelo sertão e transporem a serra de Paranapiacaba.

Isso seria um acto em contradição com outro.

3.° Pedro Lopes de Souza, Capico e Nobrega falam claramente em «Piratininga» e quer se refiram á aldêa de Tibiriçá, quer ao Rio Piratininga, não podiam se referir a Santo André que, como muito bem pondera e argumenta o dr. Gentil de Moura, na sua monographia sobre aquelle povôado, não tinha seu assento no rio Piratininga, mas sim no rio Jorubatuba. (Vol. XIV da Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo, pag. 5 e 55).

4.° Que ao tempo em que o donatario esteve no Brazil, cada região sertaneja era conhecida por um determinado nome.

Havia a região dos Patos, para designar parte da costa ao sul de Iguape;—a da Parahyba, para as margens do rio deste nome;—as do rio Grande para as do Tietê; as de Piratininga para o vale do Tamanduatehy, e a do campo para a de Santo André—etc. etc.

Cada região dava o nome ao povoado que se fundava como Santo André do Campo, S. Paulo de Piratininga, e, portanto, se o povoado em questão tivesse sido Santo André, Pedro Lopes, Capico e Nobrega, não teriam alludido a Piratininga mas sim ao Campo, ou Borda do Campo.

5.° Que o donatario tendo se demorado cerca de tres mezes no sertão de serra acima, não se póde conceber que tivesse aproveitado esse largo tempo na contemplação exclusiva do povoado que no parecer do nosso illustre contendor—ia mandar fundar por João Ramalho, ao envez de attender aos impulsos do «seu temperamento sofrego e sedento de glorias» como diz Pinheiro Chagas, percorrer o assás conhecido caminho de S. Thomé ou a entrada do Paraguay e conhecer de viso esse «rio formoso» (Porta e chave do sertão) e as demais condições vitaes de sua capitania. Nessa excursão não podia deixar o donatario de ter estado, mais de uma vez, na aldeia de Tibiriçá e pizado e repizado em terras da futura cidade de S. Paulo.

Excluida a hypothese de ser Santo André o povoado fundado por Martim Affonso, vejamos agora com que argumentação poderemos defender a segunda conclusão que tiramos dos taes documentos acima e referentes á fundação de Piratininga.

Primeiramente precisamos rever uma preliminar sobre a fundação de povoados.

Um povoado é fundado por um acto publico determinando a edificação de predios, designação de moradores, nomeação de autoridades, etc. etc. como fez d. Luiz Antonio com os povoados de Faxina, Botucatú, Itapetininga, Piracicaba, etc. etc., ou então é a consequencia de combinação de um certo numero de moradores que por circumstancias especiaes ahi se agglomeram.

Destas duas hypothezes não se pode fugir e com relação a Piratininga, vejamos qual d'ellas melhor resolve o caso.

Não se pode conceber que houvesse uma agglomeração de europeus na localidade, pois é sabido que da comitiva de Martim Affonso, foi este donatario o primeiro que transpoz a serra e penetrou no sertão. Resta-nos a primeira hypothese de ser sua fundação a consequencia de um acto publico emanado do donatario.

Ao attingir elle as campinas do Tietê, *Anhemby* ou Rio Grande, como então o chamavam, e para onde viera, quer para conhecer o lugar onde morava Tibiriçá, quer para explorar a região, seguindo uma variante do caminho do Paraguay, escolheu e determinou o local da povoação, onde mais tarde os Jesuitas effectivaram sua determinação.

Não é crivel tambem, que, sendo tão previdente e reflectido, como narram os seus biographos, deixasse o donatario de dar providencia sobre creação de um povoado onde elle suppunha, talvez, ser o limite da sua capitania com as terras do Rei de Castella, com o duplo fim de conquistar terras aos hespanhoes ou impedir que as suas fossem invadidas por aquelles.

E este proposito é bem definido na concessão da Sesmaria de Braz Cubas, cuja área poderia se estender até onde houvesse *terras da conquista d'El-Rey*.

O certo é que o donatario deu ordem para essa fundação, como se vê no depoimento de Pedro Lopes e Nobrega, escolhendo Piratininga para o local desse povoado. O provincial dos Jesuitas exprime de forma evidente esse facto, no seguinte periodo: «aqui em Piratininga, onde Martim Affonso de Souza primeiro povôou...», isto é, que deu ordem nesse sentido, o que de facto acontaceu após a sua volta para Europa e logo que houve elementos na colonia como bem explica o Padre Nobrega. «Primeiro povôou» não pode ser tomado em outro sentido sinão—«foi o primeiro a mandar fundar» pela impossibilidade material de fazel-o com o pessoal de sua comitiva. Elle nada mais fez do que publicar um acto official sobre a povoação indigena de Tibiriçá que continuou sob a direcção desse cacique até que ali fossem se estabelecer os europeus «que depois vieram (voltaram) para o littoral, de que agora se arrependem» conforme as expressões do mesmo Padre Nobrega.

Nada se oppõem, nas chronicas e nos historiadores a que Martim Affonso ao fundar Piratininga tivesse em mente reunir ahi parte dos portuguezes de S. Vicente, determinação essa que prejudicaria a segurança e desenvolvimento daquella Villa ao ver que o numero de europeus ahi rezidentes eram insuficientes para a povoação daquella Villa e para o de Itanhaem que tambem acabava de fundar, e que só teve fóros de Villa em 1561. Dahi a celebre prohibição aos portuguezes de «transporem a serra e penetrarem no sertão.»

Martim Affonso, mesmo durante a sua ausencia na India, jamais, se descuidou da sua capitania. E' incontestavel

que antes do estabelecimento dos Jesuitas em Piratininga havia existido ali um nucleo de portuguezes após a derrogação do acto prohibitivo que vimos de citar.

A 12 de maio de 1565 os camaristas de S. Paulo, em uma representação feita ao capitão-mór da Armada Real, Estacio de Sá, dizem o seguinte:

«Primeiramente lembramos a Vmce. em como esta villa de S. Paulo de Piratininga, sendo edificada (povoada) ha bastantes annos etc...)

«Bastantes annos» não seria, sem duvida, esse pequeno periodo de tempo que vinha de decorrer da sua fundação pelos jesuitas, ou pela sua elevação a categoria de Villa, que era aliás muito recente.

Esse pequeno trecho que ahi se lê é extrahido dos «Apontamentos Historicos» de Azevedo Marques que o copiou dos livros de Vereanças da Camara de S. Paulo. Tit.—1565.

A 5 de setembro de 1558 Martim Affonso, já de volta da India, assignou em Lisbôa o foral concedendo o predicamento de Villa á sua primitiva povoação de Piratininga que havia adoptado o «sobrenome de S. Paulo», como se pode verificar na «Historia da Capitania de S. Vicente» escripto por Pedro Taques.

D'essa data em diante o donatario prestou ainda relevantes serviços a sua capitania, até o anno de 1564 em que faleceu.

Nossos illustrados contendores ao discorrerem sobre o nosso modesto trabalho apoiam-se no parecer de alguns escriptores da nossa historia e despresam, não se sabe porque, a opinião do principe dos historiadores, do operoso Porto Seguro.

Vejamos, entretanto,que diz sobre o assumpto este respeitavel historiador:

«A algumas leguas da Borda do Campo e proximo de uma ribeira cujas margens não deixam de recordar as coimbrãs do placido Mondego, éra a aldêa de João Ramalho... chamava-se tanto a aldêa como a ribeira de Piratininga... Foi a aldêa de Piratininga que Martim Affonso escolheu para fundar a colonia ou Villa sertaneja cujo governo militar confiou a João Ramalho com o pomposo titulo de guarda-mór do Campo. Eis a origem de S. Paulo.»

E' certo que o illustrado historiador Porto Seguro confunde a povoação de S. André com a de Piratininga (*) ponto aliás que não está em discussão, mas quanto á fundação de Piratininga e sua identificação com a actual cidade de S. Paulo sua affirmação é categorica.

(*) Vide Gentil de Moura — Santo André da Borda do Campo. Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo. Vol. XIV, pag. 5 e 55.

Na fsina de destruir toda a nossa argumentação expendida nos capitulos anteriores, pretendem ainda os nossos antagonistas, em falta de outros recursos, provar que — o Martim Affonso fundador de Piratininga, a quem se refere a carta do Padre Nobrega, não é o Martim Affonso de Souza, o donatario, mas sim Martim Affonso Tibiriçá, o cacique maioral de Piratininga.

Infelizmente esqueceram-se dos depoimentos de Pedro Lopes e do escrivão Pedro Capico que não poderiam tel-o confundido com esse cacique, ainda não baptizado com esse nome, preferindo ao contrario cerrar a argumentação sobre as cartas de Nobrega sem entretanto se darem ao trabalho, de estudal-as em outras informações dos chronistas coevos.

Foi bôa tactica pela simplicidade do trabalho, mas de resultado negativo por se acharem em contradição com o que é corrente naquelles chronistas.

Nas cartas de Nobrega por nós transcriptas do folheto do Snr. Valle Cabral, publicado em 1886, com notas e pontuações feitas por esse escriptor está bem claro o nome e sob enome do donatario *Martim Affonso de Souza*, não restando, portanto, a menor duvida sobre a sua identidade, para ser confundido com o *Martim Affonso Tibiriçá*. E. ainda mesmo que Nobrega só empregasse os dois primeiros nomes, — Martim Affonso — está claro que não podia referir-se a Tibiriçá, pois sempre que o digno missionario se refere a este chefe com o nome de Martim Affonso, não deixa de ajuntar-lhe o appelido — Tibiriçá, afim de não confundil-o, não só com o nome do donatario, mas tambem com o de outro chefe guainá de Piratininga o qual havia tambem recebido no baptismo o nome de Martim Affonso de Mello.

E' devéras extranhavel que os nossos antagonistas que a cada passo vem trazendo citações do chronista Simão de Vasconcellos, que de facto «é tão completo em suas narrações» não tivessem deparado no seu livro com aquelle trecho tão interessante para a historia de S. Paulo em que elle descreve um facto que se dera nas proximidades de Piratininga entre os missionarios e um chefe guaianá já baptizado, e que se chamava *Martim Affonso de Mello*!

A narração desse episodio começa assim: «Corria o principio de Janeiro do presente anno (1555) e foram, as escondidas dos padres, quantidade de indios das aldeas de Piratininga a um lugar por nome Geribatiba etc...» e descreve os horrores da scena canibalesca que ali se desenrola terminando por esta forma: «Não tinham passado muitos dias, quando indo estes mesmos á guerra, tomaram nella um guaianá contrario e voltando com elle para a aldêa, convidado, parece, pelas suas bôas carnes, determinaram fazer o mesmo que tinham feito em Geribatiba; e o que é

mais para prova, — que era causa publica o proprio Principal já christão, por nome Martim Affonso de Mello!»

A narração continúa descrevendo as *proesas* desse *terceiro Martim Affonso* que, embora christão e sujeito aos missionarios, queria, a todo o transe, exercer a sua ferocidade de antropophago na presença dos proprios padres!

Ora, haverá, pois, quem, de bôa fé, ouse confundir este *régulo* Martim Affonso de Mello, tão rebelde e feroz com o docil e prestimoso chefe Martim Affonso Tibiriçá, o grande amigo dos jesuitas e do donatario, de quem recebeu o nome na pia baptismal!?

Os nossos contendores não devem ignorar tambem que, além destes dois chefes indigenas, baptizados com o nome de Martim Affonso e vivendo na mesma região e época, existiu, como aliás é bem notavel, um terceiro cacique baptizado igualmente com o nome de Martim Affonso de Souza que tão importantes serviços prestou aos portuguezes e aos jesuitas conquistadores do Rio de Janeiro.

E' ainda o mesmo Simão de Vasconcellos que nos dá excellentes noticias desse famoso chefe quando faz a narração das luctas entre portuguezes e francezes no Rio de Janeiro.

«Vivia nesta terra um indio, homem de grande coração e esforço e na destreza e prudencia militar superior a todos; fiel aos portuguezes e perfeito christão. Tinha obrado grandes façanhas nas guerras passadas em defensão dos portuguezes, primeiro em S. Vicente, contra os gentios tamoyos que tinham posto em grande aperto a terra, etc, etc. Era seu nome quando gentio Ararigboya e depois de baptizado foi Martim Affonso de Souza...»

E' ainda este illustre chronista que nos relata as differentes campanhas em que este *quarto Martim Affonso* se distinguiu não só em S. Vicente e Rio de Janeiro como na Capitania do Espirito Santo, onde com sua gente praticou prodigios de alto valor, merecendo do Rei d. Sebastião os maiores louvores e recompensas honorificas, como «o habito de Christo, com tença e uma rica vestimenta, do uso do proprio Rei para que o chefe Ararigboya della fizesse uso.

Este terceiro chefe indigena baptizado com o nome de Martim Affonso de Souza Ararigboya é bem mais notavel, para a historia, que o nosso Martim Affonso Tibiriçá. E' o proprio Simão de Vasconcellos quem o affirma.

Ora imagine-se, deante de tantas provas, qual não seria o nosso espanto, ao ver um dos nossos illustres antagonistas, vir pela «Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo», com toda essa tirada que ahi vae em grifho: NÃO SERÁ, POIS, OUZADIA DIZER-SE QUE, DE 1554 EM DEANTE, ESCREVER O NOME DE MARTIM AFFONSO EM COUZAS DO BRAZIL É O MESMO QUE ESCREVER — MARTIM AFFONSO TIBIRIÇÁ.»!!!

Isto que ahi se leu não é só «*uma* cuzadia» é alguma cousa mais!

Ainda mesmo que o nome do primeiro donatario, fundador da primeira povoação de Piratininga, o qual se quer eliminar da historia de S. Paulo, estivesse inteiramente esquecido na época da segunda fundação, 1554, ahi estariam ainda esses dois chefes indigenas, um em Piratininga, com o nome de Martim Affonso de Mello e outro no Rio de Janeiro — Martim Affonso Ararigboya, segundo o depoimento insuspeito de Simão de Vasconcellos em quem tanto se têm inspirado os autores do grandioso monumento que se vae erigir em homenagem aos fundadores de S. Paulo...

Mas .. tenham paciencia os nossos antagonistas: não será assim tão facilmente, com uma pennada, com um traço, que se ha de resolver um ponto de historia tão importante como esse — de provar ser ou não Martim Affonso de Souza o fundador da primitiva povoação de Piratininga —.

Não! Por mais que se pretenda apagar da historia de S. Paulo a figura desse primeiro donatario, a sua memoria, o seu nome hão de sempre perdurar, quer queiram ou não queiram os nossos antagonistas e os autores do «grandioso monumento».

Se ainda mesmo a «historia de S. Paulo» quizer um dia negar-lhe a parte que lhe toca de facto e de direito como fundador da primeira povoação de Piratininga e de Itanhaen, *provando* que o nome de Martim Affonso estava já totalmente esquecido na época da segunda fundação da Villa de Piratininga e que, «de 1554 em deante escrever o nome de Martim Affonso em cousas do Brazil é o mesmo que escrever Martim Affonso Tibiriçá», ahi estarão para desmentir tão temeraria asserção os factos incontestaveis narrados por Simão de Vasconcellos.

Se isso não bastar, para provar que não era o nome de Martim Affonso Tibiriçá o unico que fulgurava nessa época, ahi estarão ainda os nomes desses dois chefes Martim Affonso de Mello e Martim Affonso Ararigboya para demonstrar quão memoraveis, nesse periodo da historia, eram o nome e a figura do 1.º donatario, que, ao voltar das possessões da India, teve como seu primeiro acto, em Lisboa, conceder o fóral e predicamento de Villa a sua povoação de Piratininga.

Quanto a essa *historia* de ser Tibiriçá quem deu o nome de *rua Martim Affonso* á actual rua de S. Bento, em S. Paulo, é *chapa velha* e por demais batida.

Nós mesmo, na monographia que escrevemos «A Villa de Itanhaen», publicada em 1895, já d'ella nos servimos antes de ter conhecimento de outros documentos que nos provassem o contrario.

Nessa época tambem affirmavamos que Martim Affonso de Souza nunca havia fundado Piratininga e respigavamos todas essas *historias* a proposito da dita rua de S. Bento que se nos vem agora trazer como coisa nova, em contestação ao que temos dito.

Mais tarde, em 1903, estando plenamente convencido desse erro, tivemos, mais de uma vez, de nos entender com o nosso illustre amigo, o erudito dr. Antonio de Toledo Piza, que estando de pleno accôrdo nesse ponto, isto é, na materia que vimos discutindo, nos aconselhou fizessemos uma rectificação, salvando assim o erro ou engano em que haviamos incorrido no nosso livro.

E foi assim que o dr. Antonio Piza, de saudosa memoria, como redactor da «Revista do Instituto Historico de S. Paulo», publicou essa nossa retratação, em 1905, no vol. X da dita Revista á pag. 490 e seg., como se poderá verificar.

Nesse tempo, em que ainda não tinhamos a honra de fazer parte desta digna Instituição, e não havia ainda surgido a idéa do Monumento, o nosso trabalho não mereceu a honra de ser contestado, o que é deveras extranhavel.

S. Vicente, setembro de 1912.

A Costa septentrional do Brazil na cartographia dos primeiros lustros do seculo 16

(Memoria apresentada ao Segundo Congresso Brazileiro de Geographia).

PELO PADRE

J. B. HAFKEMEYER S. J.

Socio correspondente do Instituto

Titulo completo dos livros mais frequentemente citados

Jean Denucé, Les Origines de la Cartographie Portugaise et les Cartes des Reinel. Gand 1908.

Memoire présenté par les Etats-Unis du Brésil au Gouvernement de la Confédération Suisse, arbitre choisi selon les stipulations du Traité conclu à Rio de Janeiro, le 10 Avril 1897 entre le Brésil et la France. 1899. VV 1—4 com Atlas.

Second Memoire etc. Berne 1899. VV 1—5.

Edw. L. Stevenson, Ph. D. Marine World Chart of Nicolo de Canerio Januensis. A Critical Study with Facsimiles. New York, 1908.

A Costa septentrional do Brazil na cartographia dos primeiros lustros do seculo 16

Segundo as noticias historicas que possuimos, Hojeda correu a costa septentrional da America do Sul 200 leguas até Paria e dahi á Quinquibacoa. (1) Caetano da Silva fixou o ponto de sahida na terra de S. Ambrosio (Oyapoc). (2) Sobre a exploração de Vicente Yanez Pinzon esclarece a sua capitulação em que diz el-Rei da Hespanha: «Descobristes ciertas islas e tierra firme, que posistes los nombres siguientes: Santa Maria de la Consolacion, é Rostro hermoso, é dende alli seguistes la costa que se corre al Norueste fasta el Rio grande que llamastes Santa Maria de la Mar dulce, é por el mismo Norueste, toda la tierra de luengo fasta el cabo de San Vicente.» (3)

A estes dous navegantes se ajunta ainda Lepe que, voltando em junho de 1500 á Hespanha, pode influir no mappa de Juan de la Cosa. Caetano da Silva lhe attribue «o golfo de Santa Maria e o macareo e até o traçado com a maior parte das costas não visitadas por Hojeda, pois o cartographo tinha tres mezes para se informar com Lepe, emquanto Vicente Pinzon desembarcou quasi nas vesperas de uma nova viagem do autor». (4)

Todas estas viagens de Hespanhoes, resumidas no mappa de Juan de la Cosa, não passaram do cabo onde o continente sul-americano dobra para sudoeste. (5)

Desde a expedição de Pedro Alvares Cabral, Portuguezes e Hespanhoes se encontraram nestas terras (6) e, embora os Portuguezes, seguindo o exemplo de seus emulos, se empenhassem desde já em explorar a costa septentrional, em breve ficaria esta costa abandonada em consequencia de um erro da cartographia contemporanea.

A linha de demarcação que indicava a ambos os paizes o caminho das descobertas, tambem na repartição da America devia ficar de importancia. O governo de Portugal exigiu, após a publicação da bulla papal, que se mudasse a linha 270 leguas para o oeste para ter segura a navegação africana, pois já sabiam das difficuldades das viagens

(1) Navarrete, 3, 544. (2) L'Oyapoc et l'Amazone, 2.386. (3) L. c. p. 429. Diego de Lepe denominou o Rio grande Santa Catalina, cf. E. L. Stevenson, Marine World Chart, p. 51. Este auctor attribue a lenda «todo este mar he de agoa dolce» á terceira viagem de Colombo. (4) Caetano da Silva, 2.387. (5) Os primeiros nomes deste cabo cf. o trabalho do autor: As principaes representacões cartographicas da costa brazileira nos primeiros tres lustros depois da descoberta, no Relatorio do Gymnasio N. Sra. da Conceição em São Leopoldo. 1909, p. 21. (6) Temos mais algumas viagens destes annos bem documentados, como p. e. as de Perelonso Niño e Christobal Guerra, no mesmo tempo como Hojeda, e a de Rodrigo de Bastidas de 1500—1502, cujo influxo na cartographia se subtrae, por emquanto, ás nossas pesquizas. Cf. L. E. Stevenson, Marine World Chart of Nicolo de Canerio Januensis 1502 (circa) p. 46 ss.

ao longo da costa da Africa, ainda que só Vasco da Gama em 1497 experimentasse o desvio pelo oceano que por pouco lhe daria a gloria de Cabral. (1)

Assim o tratado de Tordesillas estabeleceu o meridiano divisorio dos dous paizes em 370 leguas das ilhas do Cabo Verde. Bem que estivesse fixado, os contratantes commetteram o erro de deixar indeterminado o valor da legua até hoje disputado e demais a mais não indicaram a ilha de que devia começar a medição. A maior difficuldade, porém, estava na applicação das 370 leguas por carecerem as idéas de tamanho e extenção da terra de certeza e determinação.

Estas difficuldades foram notadas no congresso de Badajoz (1524), no qual a foz do Amazonas foi toda adjudicada a Portugal, mas desgraçadamente, o Amazonas ou Maranhão era na cartographia portugueza já desviado para o actual Maranhão. Segundo Caetano da Silva, foi Diogo Leite quem introduzio a troca. O estudo dos mappas anteriores nos mostra, porém, que o erro veio de mais longe.

Donde este erro? Caetano da Silva nota como causa principal do engano a latitude austral do rio com o mar de agua doce na maior parte dos mappas. (2) Talvez tivesse ainda maior peso o desenho dos primeiros mappas que davam á bahia do Maranhão maior largura do que ao Rio de Santa Maria de la Mar dulce de Vicente Pinzon. Assim o dão tanto Cantino como Canerio, augmentando a difficuldade pela direcção que dão á costa, que do Amazonas até a outra bahia maior corre em direcção de nordeste.

O fructo do engano amadureceu no mappa dos Reinel (4), no qual a nomenclatura dos logares denominados da costa até ao Amazonas vae até á bahia do Maranhão, continuando o desenho da costa que uns 20 gráus mais ou menos daqui, mostra claramente a foz tanto do Pará como do Amazonas.

Mais evidente se torna ainda o erro destes cartographos pelas quinas de Portugal que são pintadas não somente emcima da costa da bahia do Maranhão até a foz do Pará, mas mais uma vez á margem do Amazonas conforme a estipulação de Badajoz, ainda que lhes faltem por completo nomes para todo este trecho da costa.

Os Reinel, pae e filho, trabalhavam em Lisboa, sem collocação na Casa da India, pois se fossem empregados deste instituto, o rei não lhes daria licença de se mudarem á Sevilha em 1519 para collaborarem na empreza de Magalhães. "Em relação com tante, por sua profissão, com os pilotos, marinheiros e sabios, conheceram Magalhães e Faleiro em Lisboa; e forneceram-lhes até o globo ou mapamundi com o roteiro das Molucas que muito contribuiu para que

(1) Esmeraldo, De Situ Orbis, l. 4. cap. 5. p. 102(2). L'Oyapoac et l'Amazone, 2; 353. Cf. o que escreveu o P. João Fel. Bettendorf na sua Chronica (Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, V. 72 (1909) p. 5.
(4). Reproduzido em J. Denucé, Les origines de la cartographie portugaise et les cartes des Reinel.

os projectos de Magalhães fossem aceitos pelos conselheiros do rei Carlos." (1)

Voltaram os dois Reinel a Portugal, mas breve tornaram a mudar-se, a convite do imperador, para Sevilha trabalhando por muitos annos na Casa de la Contratacion de Sevilha.

Todos os mappas seguintes manifestam o influxo do mappa dos Reinel, começando do mappa de um Portuguez anonymo de 1520 (2), e o de Diogo Ribeiro de 1529 (3) até o padrão real da Hespanha de 1536 (4).

A comparação dos dous mappas dos Reinel e do mappa de Alonso de Chaves (5) demonstra esta dependencia eviden-

(1). J. Denucé, Les Origines, p. 82. Cf. As principaes representações, p. 15 ss.
(2). Kunstmann, Atlas 4.
(3). Mémoire, Atlas.
(4). Este mappa de Alonso de Chaves recompuzemos segundo o texto de Oviedo em Second Mémoire, V. 4, p. 1 ss.
(5) Vid. Tabella abaixo.

Reinel (Paris)	*Reinel (Italia)*	*Padron real 1536.*
gr. 4 almadyas		
4 R. dos espnos	R. dos escravos	2,30 Cabo dos Esclavos
3.40 G. de todolos stos.	angra de todolos stos.	2.30 B. de todos stos.
3.30 R. dos fumos	R. dos fumos	
3,10 R. de Joham de Lixboa	R. de Joham de Lixboa	R. de johan de Lisbona
3.10 R. segundo	R. segundo	R. segundo
3 R. danobom		R. de Naubor
3 baya		
1,45 ponta das correntes	ponta das correntes	1,30 C. de Corrientes
1,40 ponta		p. del Humos
1,30 C. daloeste	C. daloeste	p. de Corrientes
		p. de Allende
1.30 terra de sam vicente	terra de sam vte.	bahia de S. Vicente
1.15 terra dos fumos	terra dos fumos	terra de Humos
2.10 b dos praces	ponta dos parceis	rio del Placel
1.40 C. do palmar	C. do palmar	1,5 p. del Palmar
2 terra da pescarya		plaia de las Pesqueria
3,10 ponta dos praces	ponta dos parceis	plaia del Placel
2,30 G. dos negros	G. dos negros	G. de Negros
2,40 mounte ely	monte deli	
2.45 ponta preta	ponta preta	p. primeira
3 aguada		el Aguada
3,30 G. de sam Lucas		3 angla de san Lucas
3,15 C. branco	C. branco	C. Blanco
3,15 ponta dos fumos	ponta dos fumos	
3,15 baia dos araes	baia dos arecifes	B. de Arrecifes
3,15 C. corco	C. corco	C. corço
3,20 as serras	as serras sam miguel	C. de S. Miguel
3,30 R. de sam myguell		R. de S. Miguel
4 baia das tarrugas	baia das tartarugas	B. de S. Rafael
4,30 ponta p'mra	ponta primeira	
4,40 sam Roque	sam Roque	
5 C. do pracer		4,30 C. del Placel
5 oratapipy	ora tapia	
6,30 ora pinhom		C. primeiro
7 baia de pitiçiaçua	baia de treicam	R. epitlaca
de treycam		baia de S. Domingos
7,20 C. de spichell	C. de spichell	
7,35 R. das pedras	R. das pedras	
7,40 R. das virtudes		R. das virtudes (*)
8 penambuquo	pernambuco	R. de Fernambuco
8,15 R. do estremo	R. do estremo	
8,30 C. fremoso	C. de s. agostino	C. de S. Augustin

(*) Oviedo ajunta: pienso yo que es el que otros llamam de las Piedras.

temente até nas algaravias deste como p. e. no rio de Nanbor que tem tanta semelhança com o rio danobom dos Reinel que dispensa qualquer explicação.

O que mais admira é que o erro se conservou na maior parte dos mappas não somente no seculo 16, mas até no seguinte; encontramol-o nos mappas de Viegas, Weimar, Maggiolo 1519 (segundo Rio Branco de 1515 cf. Atlas N. 1 a) o anonymo portuguez (Kunstmann N. 4). O mappa de Turin de 1523 traz o erro ainda mais evidente pelo accrescimo da signatura do Amazonas: terra de Paricura a oeste da bahia, como tambem o segundo mappa de Maggiolo de 1527 (Mémoire, Atlas n. 3); tanto Diego Ribeiro em 1529, como Sebastião Cabotto em 1544 e Diego Gutierrez nos mappas de 1550 e 1562 baptizam o Tocantins de Maranhão. O globo de Guillaume de l'Isle de 1700 até lhe ajunta uma das marcas deste rio, baptizando o rio de Tapicura e reservando o nome do Maranhão para a bahia e poucos destes autores teriam conhecido com a certeza do P. Samuel Fritz que o Amazonas e Maranhão eram synonimos (1). Os nomes que encontramos neste trecho da costa, do cabo de Santo Agostinho, mais ou menos até o Amazonas tornam-se estaveis desde os mappas dos Reinel.

E são estes mappas que evidenciam a these que queremos demonstrar. Fizeram-se nos primeiros annos depois do descobrimento do Brazil algumas explorações da costa, septentrional, como as de João Coelho em 1502 ou 1503 João de Lisboa, Diego Ribeiro, Fernam Froes (2), este acompanhado pelos pilotos Francisco e Pero Corso, mas quando em 1514 o governo da Hespanha protestou contra o avançar dos navios portuguezes até a a Guyana (3) acabaram estas viagens de todo. Temos, é verdade a expedição de Ayres da Cunha ao Maranhão e a de Luiz de Mello da Silva em 1546 e 1554, mas tendo sido sem resultados praticos, podemol-as deixar de parte.

Parece contrariar a nossa opinião o pedido que fez Orellana ao imperador Carlos 5.° de conceder-lhe para a sua viagem ao Amazonas alguns companheiros portuguezes por terem elles feito viagens continuas naquellas regiões (4).

(1) Cf. o mappa deste missionario do Rio Maranhon o Amazonas (Memoire Atlas, f. 36 a) e a carta com «Notas sobre el rio etc. em que diz: «Este rio Maranhon o Amazonas aunque en la errada imaginacion de algunos authores, son dos diferentes rios, en la verdad es uno mismo con nombres diferentes».

(2) Segundo M. Purby, Geogr. Journ. V. 24 (1904) p. 227 Pero Corso foi companheiro de viagem de João de Lisboa.

(3) Visconde de Santarem, Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal, v. 2 p. 20—21. Herrera, Historia gen. de los hechos de los Castellanos en las Islas y Tierra firme del Mar Oceano, Dec. 1, l. 10, c. 10 e Dec. 2, l. 1, c. 12.

(4) Carta de Sabe mais de 1544: «... Asi mismo hago saber a Vuestra Majestad que no se halle navichuelo ni barco que sea de costa del rio para

Mas deste pedido segue unicamente a convicção dos Hespanhoes de que os Portuguezes tinham explorado as terras de sua demarcação. A mesma persuasão tinham os Portuguezes dos Hespanhoes, mas como a linha de demarcação pelos motivos allegados era bastante indeterminada, o receio de um encontro inimigo induziu ambas as nações a abandonar todo o trecho da costa da Guyana até ao Maranhão actual.

Se a estabilidade da cartographia até o anno de 1516, tanto na configuração da costa como na nomenclatura abona a nossa these, o roteiro de Gabriel Soares confirma-a, ao nosso vêr, decisivamente. Dá elle para esta costa uma nomenclatura nova e muito rica, em tudo differente da cartographia primitiva que acabamos de considerar. Resume o roteiro de Gabriel Soares a geographia nacional e pratica, emquanto os cartographos dos primeiros lustros do seculo 16 dão a sabia e estrangeira.

Poucos nomes de mappas europeus se conservaram neste roteiro, entre os quaes principalmente os que tinham uma denominação significativa, emquanto as generalidades como rio segundo, ponta dos correntes, bahia dos praces, ponta primeira etc. que de antemão só podiam aspirar a uma vida literaria, desappareceram. Entraram em troca muitos nomes de origem indiana, ou ajunta-se á denominação que medrou entre os Brazileiros o nome com que os indios designam o mesmo lugar, nomes que nunca ou muito tarde entraram na cartographia europea que demais a mais conservou a configuração errada dos primeiros mappas corrigida optimamente no roteiro da costa de Gabriel Soares, bem que as latitudes tambem aqui ainda deixem a desejar.

Reparamos que os nomes conservados dos primeiros mappas ficaram mais ou menos com a latitude geographica que se lhes dá nos primeiros mappas no roteiro de Gabriel Soares. Tanto mais admira que o cabo Corso sahiu de todo do seu lugar, mas esta circumstancia abona o nosso parecer, pois a tradição daquellas explorações vinha de tão longe e tão pouco se tinha fixado que estas transposições de nomes se tornarão possiveis.

donde os mi viaje, excepto los portugueses, que tienen gran noticia della por la continua navegacion que por alli tienen, y asi por esto, como porque navegan en piezas ligeras y bien aderezadas, conviene llevarlos esta jornada... «E a 30 de maio: «... y pues que Vuestra Majestad manda que ningun portuguez pase en esta jornada, a lo menos sea servido de dar licencia a cualquier piloto portuguez que quiera ir, al que sa le ponga todo el limite que Vuestra Majestad fuere servido para que no haga deservicio a Vuestra Majestad, y en esto se terná toda la vigilancia y cuidado que conviene: porque Vuestra Majestad esté cierto que se no son los pilotos portuguezes, no hay otro ninguno que sepa tan bien aquella navegacion por la continuacion que por alli tienen; y pues que tanto nos importa llevar persona que lo sepa. Vuestra Majestad sea servido de la mandar proveerlo...» Cf. Toribio Medina, Descubrimiento del Rio de las Amazonas. Sevilla 1894. p. 207 e 209. Mémoire, I 62.

A comparação dos mappas dos Reinel com o roteiro de Gabriel Soares confirma isto em mais de um lugar (1). No primeiro mappa dos Reinel vão notados todos os nomes dos diversos roteiros que estes autores tinham á disposição com os seus respectivos erros de latitude. Daqui tantos «parceis» e «arrecifes» e até a repetição de outros nomes como «terra

(1) Vid. Tabella abaixo.

Reinel	*Gabriel Soares*
	rio Vicente Pinzon
	gr. O cabo Corso (ponta do Amazonas)
	0,20 outra ponta do rio
	1,45 rios da Lama
	ponta dos Baixos
4 almadyas	2 ponta do rio do Maranhão
4 rio dos escravos	2,45 outra ponta esparcelada
3,40 golfo de todolos santos	2,45 bahia dos Santos
3,30 rio dos fumos	
3,10 rio de Joam de Lixboa	2,45 rio João de Lisboa
	2 bahia dos reis
3,10 rio segundo	rio do parcel
	rio do meio
3 rio danobom	2 bahia e rio do anno bom
3 baya	2 bahia da coroa
1,45 ponta das correntes	Rio grande
1,40 ponta	2,15 rio dos negros
1,30 c. daloeste	Barreiras Vermelhas
1,30 terra de sam Vicente	
1,15 terra dos fumos	2,20 ponta dos fumos
2,10 b. dos praços (parceis)	2,30 rio da cruz
1,40 C. do Palmar	rio do Parcel
2 terra da pescarya	rio das ostras
3,10 ponta dos praços (parceis)	enseada de Macorive
2,30 G. dos Negros	porto dos parceis
2,40 monte ely	2,45 monte de Li
2,45 ponta preta	rio Joaguarive
3 aguada	rio grande
3,30 G. de Sam Lucas	
3,15 C. branco	3 bahia dos Arrecifes
3,15 ponta dos fumos	
3,15 baia dos arafes (arrecifes)	
3,15 C. corco	
3,20 as serras	
3,30 R. de sam myguell	3,45 rio de S. Miguel
4 baia das tarrugas	4 rio grande
4,30 ponta primeira	
4,40 S. Roque	4,10 C de S. Roque
5 C. do pracer	4,15 ponta de Goaripari
	4,15 enseada de Ibapitanga
	5,10 rio pequeno (nome ind. Baquipe)
	5,15 rio grande
	porto dos Buzios
6 oratapipy	enseada de Tabatinga
	6 rio Itacoa-tigara
	6,5 rio Goaramatai
	enseada de Aratipicaba
6,30 ora pinhom	6,15 rio Caramative
7 baia de pitiaçua de treyção	6,20 bahia da Traição (ind. Acajutibiro)
	6,30 rio Magoape
	rio Parahyba (S. Domingos)
7,20 C. de spichell	rio Jagoaripe
7,35 R. das pedras	7 rio Aramáma
7,40 R. das virtudes	rio Abionabiaja
	6,30 rio Capivarimirim
	7,20 Tamaracá
	rio Igaracú
8 pernambuquo	8 porto da villa de Olinda
	ponta de Pero Cavarim (Percaauri, P. L.)
8,5 rio do estremo	rio de Jaboatão
8,30 C. fremoso-Agostinho	8,30 C. de S. Agostinho

de fumos» que em parte já desapparecem no segundo mappa destes autores e por completo na obra do Brazileiro.

A historia confirma o argumento. As expedições de aventureiros como Diego de Ordas (1) e semelhantes (2) não podiam dar resultados praticos e assim vemos toda a costa septentrional abandonada durante o primeiro seculo. E mais alto do que o silencio dos historiadores falam as colonias de outras nações estabelecidas nestas paragens.

Foi ao principio do seculo 17 que os Brasileiros de Pernambuco, tendo recebido noticias de colonias estrangeiras no norte, começaram a marchar para a conquista do Maranhão. Os jesuitas tomaram a dianteira, pois sem a alliança dos indios era impossivel progredir e com este trabalho «os missionarios portuguezes renderam á civilização na bacia do Amazonas serviços tão importantes como nas outras partes do Brazil». (3) Ao mesmo tempo lembrou-se o governo da metropole do Amazonas e dos paizes adjacentes. Inglezes, Hollandezes e Irlandezes estavam estabelecidos em diversas partes e, como o governo conhecesse que os governadores de Trindade e Guyana não eram fortes para impedir estas invasões, julgou prejerivel ceder aos Portuguezes de Pará a margem esquerda do Amazonas e uma parte das terras do Cabo do Norte. A 4 de novembro de 1621 a Regencia de Portugal foi avisada (4) e poucos annos depois Felippe 3.º separou do governo geraldo Brasil o Estado do Maranhão e Pará.

Com estas medidas começou a expulsão dos estrangeiros que bastante sangue devia custar, seguindo a occupação e colonisação das terras que haviam de fazer parte da grande patria brazileira.

(1) Southey, Historia do Brazil (Trad. braz.), 1, 122 ss.

(2) Varnhagen, Historia geral do Brazil (3. ed. 1,268.

(3) Mémoire 1, 75, Candido Mendes de Almeida, Memorias para a historia do extincto Estado do Maranhão, 1, 8 nota.

(4) Esta medida é confirmada por um documento hespanhol: «...que se poblase la costa que corre del Brasil hasta Santo Tomé de Guyana y Boca del Drago y de los demas rios y los que fueron tan anchos que nos alcance la artilleria de una parte á outra se fortifiquen y aunque esta conquista es de la Corona de Castilla se podria encommendar a la de Portugal por venirles mas a quenta, y que por la noticia que ay de que en la otra costa ay poblaciones de Inglezes y Olandeses se podria embiar a reconozer y conforme lo que huviese podrá tomar resolucion y prevenir lo necessario para echarlos». Museu britannico, Egerton. Coll. Mscr. 1131, fol. 33. J. J. Justino de Andrade e Silva, Collecção Chronologica da Legislação Portugueza. Lisboa 1855. V. 3, p. 57 da um resumo do despacho. Mémoire 1, 76.

A Ouvidoria de Paranaguá

PELO

DR. ERMELINO A. DE LEAO

Socio correspondente do Instituto

A Ouvidoria de Paranaguá

(MEMORIA APRESENTADA AO SEGUNDO CONGRESSO BRAZILEIRO DE GEOGRAPHIA)

Em substituição ao estudo sobre os limites meridionaes do Brazil Colonia, que já desenvolvemos, em recente trabalho, julgamos de maior alcance e actualidade apresentar ao douto Segundo Congresso de Geographia, que ora se celebra nesta tão progressista, quão gloriosa cidade de São Paulo, uma restauração historica da extincta ouvidoria de Paranaguá cujas obsoletas divisas o Egregio Supremo Tribunal Federal houve por bem, desprezando a legislação posterior, restaurar, em parcella rustral das lindes comarcãs.

Não é nosso proposito, ao aviventar esta quasi desconhecida face assumpto extranho aos nobres e patrioticos intuitos que nos congregam neste certamen scientifico. A these que procuramos desenvolver, bem de perto interessa á Geographia e á Historia da nossa Patria; e offerecendo-a ao debate, longe de nós o proposito de hastear-a como bandeira regionalista, flammulando ao impulso de um mal entendido bairrismo.

Queremos, ao contrario, que uma rigorosa critica, nos moldes que presidem a todas as investigações da sciencia, imparcial e justa, severa e esmiuçadora, surja em torno deste interessante problema historico-geographico, afim de que se evite a pratica de uma perigosa theoria que tenta subverter a actual divisão territorial do Brazil, dando margem a lutas dolorosas e cruentas e a perturbação muito serias nas condições existenciaes da nossa nacionalidade.

As nações, como os individuos, não podem fazer, impunemente, um retrocesso aos seculos decorridos Que seria do nosso paiz si os poderes publicos, esquecendo estas multiplas vinculações que ligam os bairros aos municipios, os municipios entre si, os municipios aos Estados, os Estado á União, decretassem a restauração das primeiras donatarias com as divisas incertas e a radical separação dos antigos tempos do povoamento?

Uma anarchia, a dissolução da sociedade brazileira. Pois bem, é esta egualmente, para as zonas interessadas, a consequencia que reduuda da circumstancia de desprezar-se

as divisas legaes e convencionaes das antigas provincias, hoje Estados, para mandar avivar as linhas demarcadoras das extinctas ouvidorias.

Preconiza-se o socialismo geographico como medida de alto alcance politico; a egualdade territorial e economica dos *Estados*, dizem os arautos da doutrina anarchizadora, é um corollario dos principios republicanos que vigoram no Brasil. Todos são eguaes perante a lei: não haja mais grandes e pequenos Estados; populosos e ricos uns, deshabitados e pobres outros; prosperos e laboriosos, estes; decadentes e ociosos, aquelles; ferteis e cultos, aquelles; improductivos e rotineiros outros.

E' o socialismo, a partilha da terra brazileira, o que se deseja implantar. Mas, esses ideologos, para serem logicos, deveriam corregir a natureza, de forma que todas as regiões fossem geologica, climaterica e geographicamente eguaes; deveriam revoltar-se contra a grandeza do nosso paiz, pregando a cessão de zonas brazileiras ás nações menos favorecidas do Continente Sul Americano!

A utopia ultrapassa as raias do racional!

O Brazil não pode nem retroceder do presente nem esquecer o passado. A sua divisão administrativa deve permanecer tal como se encontrava no advento da Republica.

Novos Estados, certo, poderão surgir pelo desmembramentro dos actuaes, na forma prevista pela Constituição; mas, nestes casos, será a vontade popular que agirá do modo que se lhe afigurar mais conveniente.

Desmembrar parcellas de uns para favorecer outros Estados, contra a vontade das populações e com manifesto desprezo da Historia, do *uti possedetis* e da Lei, o mesmo fôra que impôr o regimen da injussiça, subverter a ordem publica, anarchizar a administração, retroceder aos ominosos tempos em que o arbitrio reinava sem freios e sem limites, sobreposto á soberania popular.

E' mister que se opponha ao precedente injusto que se intenta estabelecer, a voz serena da Sciencia, pairando acima das paixões e vizando o bem estar da nação, para evitar que as populações prejudicadas busquem, fóra da lei, firmar, pelo proprio sacrificio, ás normas garantidoras da ordem e do progresso.

O Paraná appellou hontem e appellará amanhã, para a solução legal do seu magno litigio: pede á ordem judiciaria simplesmente o respeito aos seus direitos, que são inconcussos; deseja conservar, e conserval-a-ha, a herança preciosa dos Paulistas, tal como a recebeu ha meio seculo atraz. Quer tel-a integra: do Atlantico ao Paraná, do Paranapanema ao Uruguay.

Demonstrando as intenções pacificas que nos impulsionam nesta cruzada pela restauração do Direito, vimos submetter á apreciação serena e douta do Segundo Congresso Brazileiro de Geographia este palpitante problema, sem temores da mais meticulosa analyse; pois bem sabemos que da discussão nascerá a plena certeza que, ao nosso lado, patrocinando a causa paranaense, ha, como na memoravel batalha da expulsão dos francezes da bahia de Guanabara, uma entidade superior e divina que nos encoraja nas vicissitudes, que nos alenta nos dissabores e que nos incita a novas refregas.

Esta entidade é a Justiça: ella pode soffrer eclipse, mas sahirá da penumbra, mais bella e resplandorada.

E' para ella que pedimos a conservação da terra que os nossos avós, paulistas e curitybanos, conquistaram, palmo a palmo, dos Castelhanos para a Patria Brazileira. Deem-nos esta herança sagrada, que é nossa, e della os fructos serão da nossa nacionalidade.

A OUVIDORIA DE PARANAGUA'

I

A Justiça nas donatarias. Ouvidores de Itanhaen. A Capitania de N. S. do Rosario de Paranaguá. Ouvidores e corregedores.

A constituição das capitanias hereditarias do Brazil, condensada nos foraes d'el-rei, provia sobre a organisação judiciaria nos feudos coloniaes que se intentavam implantar nas incultas regiões da America.

A carta regia de 1 de Setembro de 1534, que creou a donataria de Pero Lopes, subrogou ao Capitão Governador a funcção de exercitar, por si ou por seu ouvidor, a justiça, com alçada no civil sem appellação, nem aggravo, até a quantia de cem mil reis e no crime até a pena de morte natural para escravos e gentios e bem assim, para christãos e homens livres incursos nos delictos de heresia, traição, sodomia e moeda-falsa, sabendo nos outros crimes alçada até 10 annos de degredo e até cem cruzados de multa.

Era o regimen feudal o que se desejava estabelecer.

Os loco-tenentes de Pero Lopes em Quaibê foram os primeiros ouvidores portuguezes que poderiam exercitar jurisdição nas terras paranaenses; entretanto, jamais tiveram ensejo de fazel-o, porque os carijós e os castelhanos que nellas dominavam, não o permittiam.

Foi depois da exploração de Braz Cubas aos sertões do sul e depois que Heleodoro Eobano conseguiu descobrir as lavras d'ouro de Paranaguá, que a acção dos portuguezes se fez sentir, ininterrupta, nesta zona do nosso paiz. Antes destas ouzadas bandeiras, os hespanhoes de Iguape e de Santa Catharina, alliados aos carijós, dominavam a região.

A partir dos principios do seculo XVII com as sesmarias de Diogo Unhate e de Cubas, em 1614, a occupação luzitana foi dilatando o dominio d'el-rei, palmo a palmo, ao começo no littoral e pouco depois serra acima.

Com a creação da Capitania de Itanhaen ficou o littoral paranaense sujeito aos loco-tenentes do Conde da Ilha do Principe, que não se descuidaram de impulsionar o povoamento do sul.

Foi durante a dominação de Itanhaen, que se erigiu o primeiro pelourinho nas terras paranaenses, quando, em 1640, o capitão de Paranaguá Gabriel de Lara, conseguiu ordem de Duarte Corrêa Vasqueannes, Governador do Rio de Janeiro, para fundar, no continente, a nova povoação.

Elevada Paranaguá á villa, Diogo Vaz Escobar, capitão governador e ouvidor da Capitania de Itanhaen, a 1 de Fevereiro de 1654, deu provimentos á nova camara, fixando as divisas com Cananéa.

O ultimo ouvidor de Itanhaen que exerceu jurisdição em Paranaguá foi o Capitão mór Simão Dias de Moura (1653), visto como Antonio Barbosa Sotto Maior, em 1660, não conseguiu ser reconhecido como tal, quando procurava exercer as funcções desse cargo.

Já, então, o Marquez de Cascaes, successor de Pero Lopes de Souza havia creado a Capitania de N. S. do Rosario (1656), nomeando seu governardor ao proprio Gabriel de Lara capitão povoador de Paranaguá e representante dos governadores de Itanhaen.

Lara acceitou o encargo; mas não lhe foi facil o triumpho da causa, que passou a defender. Sómente a 1 de Março de 1660, a camara de Paranaguá conheceu a existencia da nova Capitania e concedeu ao Marquez de Cascaes posse da villa, que até então reconhecia, como senhor, a D. Luiz Carneiro.

Desde esta epocha passou Lara a exercer os cargos de capitão-mór governador, ouvidor, alcaide mór e sesmeiro da Capitania de N. S. do Rosario e das 40 leguas do sul, sem que a menor duvida surgisse contra a sua autoridade, em virtude de ter, em 1660, o governador do Rio de Janeiro Salvador Corrêa de Sá, o confirmado no posto, em nome de S. Alteza, emquanto perdurasse o litigio entre os herdeiros de Pero Lopes.

Gabriel de Lara exerceu a ouvidoria até 1672. Neste anno, já avançado em idade, resolveu nomear ouvidor a João Beside, isto depois de ter erecto os pelourinhos nas povoações de S. Francisco (1665) e de Curityba a 1.º de Novembro de 1668.

João Beside, o 4.º ouvidor mencionado nas Memorias de Vieira dos Santos foi substituido a 2 de Junho de 1682 pelo Capitão Francisco da Silva Magalhães, mais tarde capitão mór governador da Capitania de Paranaguá.

O sexto ouvidor conhecido foi Raphael de Ramos nomeado em 1690 pelo capitão mór Gaspar Teixeira de Azevedo, o pai de Frei Gaspar de Madre Deus.

Como ouvidores e corregedores geraes, com jurisdição na capitania de Paranaguá, vemos figurar nos documentos por nós compulsados, os seguintes magistrados:

Dr. Manoel de Franco Pereira, ouvidor geral do Brazil, 1648

Dr. Pedro de Unhão Castello Branco, ouvidor geral do Brazil, 1654.

Dr. André da Costa Pereira, ouvidor geral do su do sul do Brazil, 1692.

Bacharel Sebastião Fernandes Correia ouvidor geral do Brazil nomeado a 12 de Outubro de 1694.

Dr. Antonio Luiz Peleja, 1.º ouvidor de S. Paulo nomeado a 18 de Dezembro de 1699.

Dr. João Saraiva de Carvalho em 1707 ouvidor de S. Paulo.

Dr. Antonio Cunha Sotto Maior, em 1710.

Dr. Raphael Pires Pardinho ouvidor de S. Paulo 1719 e 1721, e organizador da justiça e da administração nas villas da Capitania.

Dr. Godinho Manso, ouvidor de S. Paulo, 1723-1724. Com este magistrado se encerra o primeiro cyclo da historia judicial do Paraná.

II

A vista correcional do Ouvidor Pardinho. — A necessidade de uma nova ouvidoria. — A acção do governador Rodrigo Cesar de Menezes. — A creação da ouvidoria de Paranaguá. — Termo de divisão. — Ouvidores de Paranaguá.

A visita correcional do Dezembargador Raphael Pires Pardinho exerceu a mais benevola actuação sobre os destinos das povoações paulistas.

Tão perfeito magistrado, quão previdente estadista, que no seio do Conselho Ultramarino deveria bem demonstrar as suas altas qualidades de administrador, soube Pardinho organizar a administração nas villas de sua ouvidoria, corrigindo os erros e as deficiencias e provendo para o futuro com uma segurança digna dos maiores louvores.

Desde logo o illustrado ministro portuguez reconheceu que seria impossivel ao ouvidor de S. Paulo fazer boa distribuição de justiça desde Ubatuba até o Rio da Prata. No relatorio que apresentou ao Conselho Ultramarino, depois de percorrer as villas do sul até Laguna, demonstrou a inadiavel necessidade de desmembrar a zona meridional de S. Paulo,

da sua ouvidoria e crear uma nova comarca com séde na villa de Paranaguá.

O mesmo alvitre suggeriu ao Governador de S. Paulo, Rodrigo Cesar de Menezes, que por sua vez em carta de 13 de Setembro de 1721, representou ao governo, sobre a immediata necessidade da creação de um juiz de fóra em Paranaguá.

O Conselho Ultramarino inqueriu ao Governador de onde sahiria o ordenado do novo juiz de fóra? (Carta de 22 de Abril, de 1722) Opinou, então, Rodrigo Cesar de Menezes (4 de Outubro de 1722) que mais conviria o novo juizado em Taubaté, que era muito populosa e tinha nas visinhanças duas outras villas mestiças — Pindamonhangaba e Guaratinguetá.

Era, porém, tarde: já o Conselho Ultramarino, em carta de 17 de Junho de 1723, communicava que fôra creada a Ouvidoria de Paranaguá e nomeado o respectivo ministro, attentas as poderosas razões do ouvidor Pardinho. Comtudo, a carta regia que nomeou o 1.º ouvidor de Paranaguá o malogrado Dr. Antonio Alvares Lanhas Peixoto traz a data de 14 de Março de 1724.

Installada a comarca a 24 de Agosto desse anno, cogitaram as autoridades paulistas da divisão da Capitania entre as duas ouvidorias a 10 Fevereiro de 1725 se procedeu nas cousas do governo em São Paulo o termo de divisão com assistencia do governador Rodrigo Cesar de Menezes, dos dois ouvidores geraes e dos juizes vereadores da Comarca de S. Paulo. (Assentaram todos uniformemente que deviam pertencer a de Pernagoa, a villa Iguape a villa de Cananéa, a de Sm. Francisco, Ilha de Santa Catharina, Villa Laguna e dahi por diante té o Rio da Prata; e *da serra acima a villa de N. Senhora dos Pinhaes de Curithba, correndo té o lugar das Furnas inclusive sertão povoado e no que estava por vovoar, fazendo se dahi em diante descobriuento ou pcã voações*, pela marcação ficaria as innovadas povoações pertencendo a Pernagoá, lançando uma linha imaginaria do nascente ao poente do termo em que hoje fica confinando tom a ultima balisa e devisão entre as terras de S. Paulo e Pernagoá".

Este documento, que é preciossimo, confirma, como tantos outros, o facto de ser pertencente á villa de Curityba, todo o sertão de serra acima, povoado e por povoar.

Poderiamos mencionar a longa relação do ouvidores effectivos e interinos de Paranaguá; mas este trabalho foi proficientemente desenvolvido pelo nosso illustre confrade Snr. Dr. Alfredo de Toledo, que publicou sobre o assumpto um valioso estudo, que bem evidencia as qualidades de historiador do seu illustrado autor.

A monographia — A Ouvidoria de Paranaguá — do distincto homem de letras paulista, preenche perfeitamente esta lacuna.

III

A Provisão de 1738. — A desmembração de Laguna. — As divisas dos municipios separados. — Colonização açoriana. — A villa do Viamão. — A ouvidoria de S. Catharina.

A Provisão de 9 de Novembro de 1709, ao crear a Capitania de S. Paulo, estabeleceu como linha divisoria da do Rio de Janeiro, a Cordilheira Maritima, de sorte que toda região serrana do centro e do meio dia do Brazil ficou sob a jurisdicção do governo paulista.

Pelo alvará de 10 de Dezembro de 1720, que separou Minas Geraes de S. Paulo, ficaram incorporadas a esta Capitania *as villas* da marinha desde Parary até Laguna.

Em 1738, depois de creada a ouvidoria de Paranaguá, quando accesa a campanha da Nova Colonia do Sacramento, resolveu o governo portuguez separar de S. Paulo a zona comprehendida entre S. Francisco e Laguna, afim de estabelecer na Ilha de Santa Catharina a base das operações da guerra do Prata. Mais tarde (1742) desmembrou Laguna, de S. Paulo e a annexou ao governo do Rio de Janeiro, ficando *a administração militar a cargo do governador da praça de Desterro*.

Estas separações das villas meridionaes, não modificaram as divisas dos municipios desmembrados: passaram elles para o governo do Rio de Janeiro, com as mesmas demarcações providas pelo ouvidor Rachael Pardinho e pela provisão de 1709; tendo como divisoria a Oeste os picos mais altos da Serra do Mar.

O ouvidor Pardinho, no 11.º provimento á Camara de Curityba deixou estabelecido textualmente o seguinte: «Como Sua Majestade que Deus Guarde, sendo servido mandar governador para a cidade de S. Paulo e Minas Geraes, separando-o do Rio de Janeiro, determinou que este ficasse com a jurisdição de serra abaixo e aquelle com as que estão do serra para cima; nesta conformidade fica o termo desta villa sendo do Pico da Serra para cima e della para baixo termo da villa de Paranaguá, como até agora se praticou; *e assim o fica sendo tambem a respeito das mais villas de serra para baixo com que possa confinar*». E melhor frizando esta determinação, em virtude da qual todo o sertão serrano era pertencente ao termo de Curityba, no seguinte provimento, tratando das divisas entre Sorocaba e Curityba, declarou depois de determinar a divisa pelo Itararé: «*o que terão entendido para em todo este territorio do dito rio Itararé para a parte do sul com o mais que fica da serra para cima e sertões exercitar esta comarca suas jurisdições e os juizes ordinarios as suas.....*

Os provimentos do ouvidor Pardinho foram approvados, parcialmente pela Carta Regia de 24 de Outubro de 1722 e mandados restaurar pela Carta Regia de 1731.

Demais essas demembrações de Sta. Catharina e de Laguna em nada affectavam os limites da Ouvidoria de Paranaguá, visto como, embora separada da Capital de S. Paulo, continuavam sob a jurisdição dos ouvidores paranaguenses.

Foi justamente quando o Conselho Ultramarino recebeu em seu seio dois perfeitos conhecedores das regiões do sul do Brazil: — o glorioso santista Alexandre de Gusmão e o antigo ouvidor de S. Paulo, Raphael Pires Pardinho, que o governo da metropole se resolveu encarar com interesse, para o desenvolvimento, este trecho da America Luztana. Em 1743, pouco mais ou menos, mandou o Conselho Ultramarino levantar os mappas do Brazil pelo padre mathematico Diogo Soares e seus companheiros.

O levantamento dessas plantas geographicas levou a convicção dos estadistas portuguezes, que a occupação de Portugal no sul de Cananéa e a oeste do Belém do Pará, constituia uma invasão aos dominios de Castella, pois pelo tratado de Tordesillas todo o centro e o meio dia da Colonia estavam além da linha divisoria das conquistas atlanticas lusitanas.

Para attenuar a carencia de titulo habil de dominio, resolveu Portugal reforçar a occupação, promovendo o povoamento do littoral do sul.

Baixou-se, então, o acto de 9 de Agosto de 1747, pelo qual foi o Brigadeiro Paes incumbido da localização dos colonos açorianos, entre o Rio de S. Francisco do Sul e o Cerro de S. Miguel (no actual departamento do Rocha, na Republica Oriental do Uruguay) e sertão correspondente a este districto, recommendando todo o cuidado a que não désse justa causa de queixa aos Hespanhóes confinantes.

Esta recommendação visava tornar clandestino o povoamento dos açorianos, porque o governo da metropole não ignorava, como declarou nas preliminares do tratado de Madrid, que essa zona, de direito, pertencia á Hespanha.

Pretende-se dar a essa provisão, que nada innovou, um alcance extraordinario para a historia da Ouvidoria de Paranaguá; de facto, a colonização açoriana constituiu o mais relevante serviço prestado pela metropole ao sul do Brazil. Mas não é esse o ponto que assignalam como relevante: dizem que o facto de mencionar os sertões correspondentes ao districto comprehendido entre a barra de S. Francisco e o Cerro de S. Miguel, quer indicar que estes municipios se extendiam além da Cordilheira Maritima. Basta citar os provimentos de ouvidor Pardinho, determinando as divisas das villas da marinha com Curityba "pelo serrão até os pincos mais altos da Serra" para mostrar que os sertões correspondentes ao districto demarcado para a

colonização açoriana eram os terrenos baldios e selvosos situados entre as encostas povoadas e a serrania do oeste.

Si este argumento não prevalecesse e si de facto esta provisão tivesse cogitado das alterações de divisas, assumpto de que não trata, outro iriamos colher em acto contemporaneo emanado do mesmo Conselho Ultramarino, para que toda e qualquer duvida se dissipasse. A provisão de 17 de Julho de 1747 ordenando ao ouvidor de Paranaguá que erigisse uma villa no Continente de S. Pedro do Sul, determinou que a nova povoação se limitasse com Laguna pela costa do mar e com Curityba pelo Sertão e *serra acima*. Ora, si Sta. Catharina e Laguna fossem senhoras do sertão de serra acima, como poderia a villa do Viamão (Porto Alegre) limitar-se com Curytiba?

Portanto, nenhum destes actos modificou as divisas dos municipios separados da Capitania de S. Paulo, mas conservados sob a jurisdição da Ouvidoria de Paranaguá, cujos magistrados exerciam a judicatura até a vertente meridional da Lagoa-Mirim.

Sómente a 20 de Novembro de 1749, o governo da metropole creou a ouvidoria de Sta. Catharina, fixando, como limite, ao Norte "a barra austral de S. Francisco, o Cubatão do mesmo Rio e o rio Negro que se mette no grande de Curutuba". Já demonstramos em recente trabalho. (O voto do Ministro Lessa) que segundo os mappas e os documentos da epoca, as divisas pelo rio Negro não iam além do traçado da velha Estrada da Matta, isto é além do ponto em que, o ramal que ligava S. Francisco a Curytiba, transpunha as Cabeceiras do rio Negro na serra da Lapinha.

Estavam, pois, separados da Ouvidoria de Paranaguá o littoral do sul do Brazil numa extenção de 8 graos geographicos, abrangendo uma superficie que pode ser calculada em 1600 legoas quadradas.

Installada a Ouvidoria recem creada o seu primeiro ouvidor dezembargador Manuel José de Faria nos provimentos de 1750 confirmou a divisoria traçada pelo ouvidor Pardinho pela linha do *divortium aquarum* da Cordilheira Maritima. (Vide attestação de Correia Pinto de 1772 na «Memoria historico juridica» do cons. Mafra.)

IV

Divisas do Viamão (Porto Alegre). — Fundação de Lages. — O alvará de 1821. — Limites da Ouvidoria da era da sua extincção.

(Conclusão)

Creada a villa do Viamão pelo ouvidor Faria, segundo allegação daquella camara, acceita pelo capitão Correia Pinto,

foi demarcado o seu territorio, com frizante desrespeito das provisões de 1709, da Carta Regia de 1722 e da provisão de 1747 (que ordenou a erecção daquella villa, separando a da de Curytiba pela serra acima) pela tapéra do defunto Carvalho, na Estrada da Matta, junto aos rios das Pelotas e das Canôas.

Em 1766, o morgado de Matheus, visando garantir as fronteiras da Capitania, impedindo qualquer excursão dos hespanhóes das Missões Uruguayas, incumbiu a Antonio Corrêa Pinto de fundar, junto aos rios Pelotas e Canôas, uma nova villa, sob a denominação de N. S. dos Prazeres dos Campos das Lages. Surgiu, então, o protesto do governador do Rio Grande e da Camara de Viamão (Porto Alegre), que allegavam estar a nova povoação dentro do seu districto.

D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, morgado de Matheus e governador de S. Paulo, convencido do direito da Capitania de S. Paulo até ás margens do Uruguay, não se intimidou diante das impugnativas endossadas pelo vice-rei Conde da Cunha e proseguiu na patriotica empreza da occupação e do povoamento de Lages. Na patente passada a 9 de Julho de 1766 a Antonio Corrêa Pinto, designou claramente as divisas da projectada povoação, determinando que a *linha divisoria partiria da Estiva para o Sul até ás fronteiras da Capitania.*

Para bôa comprehensão do pensamento do Morgado de Matheus, é necessario verificar quaes as fronteiras da Capitania naquella época. Dil-o o proprio governador na carta de 5 de Janeiro de 1768: «antigamente chegou a sua jurisdição até o pico da serra do Viamão; ao depois ficou pelo rio das Pelotas, no que se fez a demarcação entre a villa de Curytiba e a do Viamão, que se erigiu de novo, dividindo-se pela tapéra do defunto Carvalho que he junto daquelle rio». As fronteiras meridionaes da Capitania estavam bem claramente estabelecidas, servindo de linha divisoria o parallelo da antiga fazenda de Carvalho.

Em 1820 resolveu o governo do reino do Brazil annexar o municipio de Lages á provincia de Santa Catharina, sem determinar a extensão e os limites de seu termo, sendo, portanto, logico concluir que fel-o mantendo as mesmas divisas anteriormente demarcadas.

No anno seguinte, ao crear a comarca de Santa Catharina, mandou respeitar as divisas da ouvidoria de Paranaguá e Curytiba e abranger o termo de Lages, sem fixar *nova linha divisoria.*

Do silencio destes dois alvarás sobre os limites de Lages, sómente se póde deduzir que nenhuma innovação houve a este respeito: a linha divisoria partia das cabeceiras do ribeirão da Estiva na serra do Espigão *para o sul* (pelo curso do rio Canôas, affluente do Uruguay) até as fronteiras da Capitania de S. Paulo.

Estes actos não provocaram o menor protesto: a ouvidoria de Paranaguá continuou a exercitar jurisdição ao *sul dos rios Negro e Iguassú, intervindo até em processos* crimes occorridos ao norte do rio das Caveiras, como se deu em 1839, quando assassinado Americo de Lemos, em que o juiz de fóra de Paranaguá dr. Agostinho Ermelino de Leão funccionou sem o menor protesto das autoridades de Lages. E' innumeravel a serie ininterrupta de actos jurisdiccionaes das autoridades paranaenses que até hoje se mantêm como unicos representantes do poder judiciario local nas comarcas do rio Negro, Porto da União e Palmas.

Encaremos, agora, outro ponto do nosso estudo: as divisas da Ouvidoria de Paranaguá na época da sua extincção. Este reavivar das lindes comarcãs apresenta hoje mais do que um interesse historico: — as recentes sentenças do mais alto tribunal da Republica desprezando os limites legaes e convencionaes da ex-provincia e mandando observar dilatando, as divisas das extinctas ouvidorias, emprestam a este assumpto uma importancia extraordinaria, tornando-o digno da attenção do Congresso de Geographia, como bem ponderou no notavel discurso inaugural nosso eminente presidente, o exmo. sr. dr. Domingos Jaguaribe.

Ha um documento perfeitamente elucidativo dos limites da Ouvidoria de Paranaguá na época da sua extincção, isto é quando passou a constituir a terceira camara de S. Paulo: é a Descripção topographica da comarca de Paranaguá e Curytiba, registrada em livro da comarca da capital do Paraná, em 1828 (oito annos depois da desannexação de Lages) por ordem do ouvidor Peixoto.

A linha divisoria, ao norte, que o termo da divisão de 1725 havia estabelecido pelo parallelo da ultima balisa entre as terras de S. Paulo e de Paranaguá, tinha soffrido alteração para precisar-se de modo positivo.

Diz a «Descripção Topographica da Comarca de Paranaguá e Curytiba»:

> «Tem esta referida comarca por limites ao
> «Norte pela setima estrada que segue para a Ca-
> «pital o cavernoso rio Itararé, que leva seu curso
> «de Leste a Oeste e que separa esta comarca da
> «villa de Itapeva da comarca de Itú. Ao N. a
> «villa do Apiahy, da mesma comarca, pelo rio As-
> «sunguy ou Ribeira e a villa de Conceição de
> «Itanhaen, da comarca de S. Paulo pela barra
> «do rio Una que desagua no oceano seis le-
> «guas mais ou menos ao norte do alto promonto-
> «rio da Jurés.»

Descrevendo em seguida os limites de Iguape, diz o autor desta memoria, attribuida ao engenheiro da provincia de S. Paulo:

« A Noroeste limita-se com as villas de Apia-
« hy, Itapetininga e Sorocaba, todas da comarca
« de Itú pelo rio Pilões, distante mais ou me-
« nos 50 leguas e abaixo do antigo arraial do
« Iporanga: nesta medição está a villa de Xiri-
« rica, em distancia da referida villa (Iguape)
« quarenta leguas e confina com a dita villa de
« Apiahy pelo referido rio Pilões e com esta villa
« (Iguape) pela foz do rio Juquiá. »

A linha divisoria ao sul ficou traçada pela Serra do Mar, Serra do Espigão, Canôas e Uruguay, como demonstram os trechos seguintes.

Tratando das divisas de S. Francisco, que sempre pertenceu á Ouvidoria de Paranaguá, diz: *pela terra firme confina com a freguezia de S. José dos Pinhaes pela serra denominada da Lapinha por onde tem a sua estrada com a qual se communica com esta freguezia, cujo limite dista sete ou oito legoas, mais ou menos.*

Referindo aos limites da Lapa se expressa: *Tem no levante por divisa com a marinha o sertão da Serra do Mar e ao occidente o sertão que vae ter ao Paraná.*

E ainda referindo aos limites de Belem do Guarapuava menciona que confina « *com os Campos das Missões pelos ser ão, a L., com a freguezia das Palmeiras, a N. e L.* com sertões incultos que rodeiam os campos. »

Eis ahi os limites da Ouvidoria de Paranaguá: Ao norte o rio Una, espigão divisorio das aguas da Ribeira até as cabeceiras do rio Pilões; rio Pilões, Ribeira, Itaperapuan, Itararé e Paranapanema.

Ao sul: barra austral do rio S. Francisco, cubatão do mesmo rio e serra da Lapinha até o ponto em que a estrada transpunha as cabeceiras do rio Negro, a 7 ou 8 leguas de S. Francisco, serra do Espigão, rio das Canôas o Uruguay.

O limite com os campos das Missões que ficavam ao sul do Uruguay, no actual Estado do Rio Grande, não pode ser outro senão o rio que os separa dos sertões de Palmas — isto é, o Uruguay.

O Supremo Tribunal Federal em tres sentenças proferidas, despresando as divisas legaes e convencionaes da antiga provincia do Paraná mandou observar os limites da provisão de 1749 que creou a Ouvidoria de Santa Catharina, e por uma interpretação extensiva destendeu o territorio, que não distava do mar, nos pontos extremos, mais de 15 leguas, segundo o depoimento do grande paulista Alexandre de Gusmão, uma das mais legitimas glorias desta prodigiosa terra que serviu de berço aos gloriosos Andradas, a frei Gaspar do Madre Deus, ao Padre Voador e a tantos outros preciosos vultos que figuram no Panthecn da nossa historia.

Desprezou a Egregia Côrte da Justiça, para dilatar os limites da Ouvidoria de Santa Catharina, a elucidação clara do grande diplomata paulista; os mappas geographicos da época; os provimentos dos ouvidores Pardinho e Faria; os tratados de Tordesillas, de Madrid, do Rio Pardo e de Santo Ildefonso; a patente de 1766 que delimitou a zona de Lages, da Estiva, na antiga Estrada da Matta, para o Sul até as fronteiras; a declaração de limites do fundador de Lages em 1772; o aviso de 1779 que mandou considerar Lages sob a jurisdicção do governo de S. Paulo; as leis n. 16 de 1 de Março de 1842 e de n. 11 de 17 de Abril de 1852; a decisão do arbitro Cleveland e os actos de posse sem interrupção, desde 1723 até nossos dias, exercidos pelos paulistas e paranaenses na zona iguassú uruguaya.

Si não fosse tão clamoroso o erro destes julgados, teriamos nós os paranaenses o direito de vir reclamar de S. Paulo a zona da Ribeira desde o Oceano até o rio Pilões, desde o Una até os limites de Sorocaba, Itapetininga e Apiahy. Seria, então, um retrocesso de 150 annos. Veriamos intentar a restauração das extinctas Ouvidorias, implantando a anarchia e prégando o desrespeito ás leis posteriores que crearam novas comarcas.

Não o faremos!

O Paraná bem sabe que os limites do seu Estado são as linhas divisorias, legaes e convencionaes, da quinta comarca de S. Paulo. Foi com estes limites, que a lei n. 704 de 29 de Agosto de 1853 erigiu a Provincia do Paraná, com as extensões e as divisas da referida comarca.

Desejamos a observancia da lei: anhelamos a posse do que é nosso, o respeito aos direitos nossos e alheios! Queremos o regimen da justiça. Não tentaremos restaurar ouvidorias extinctas ha mais de seculo: não aspiramos dilatar as fronteiras do nosso Estado além das lindes com que foi creado.

Dentro delle ha zonas para todas as culturas, riquezas mineraes e florestaes portentosas, clima benigno, povo laborioso e extensão dilatada para a expansão da nossa raça e para a prosperidade dos adventicios.

Não é pois o instincto egoistico da propriedade, isto é, do goso exclusivo desta região previlegiada do Paraná, que nos aconselha a resistir á pretensão incabivel dos nossos irmãos do sudeste.

Abrimos os nossos portos, com a mais franca hospitalidade aos povos de todas as raças: os slavos da desditosa Polonia encontram á sombra das nossas altivas araucarias uma segunda patria; os germanos e tedescos ahi edificam solidos monumentos de prosperidade; os latinos da Italia famosa e formosa entram para o nosso convivio como irmãos estimados; os filhos da França encontram em nós amigos e admiradores da sua cultura; hollandezes, inglezes, argentinos, suissos, suecos e tantos outros representantes de alheias

nações ali vivem e prosperam concorrendo para o progresso da nossa terra.

Ha, porém, um ideal superior que nos conduz á resistencia: o ideal da Justiça.

Somos todos irmãos: do Chuy ao Rio Branco, de Fernando de Noronha a Tabatinga estamos, sempre, dentro da nossa grandiosa Patria.

Mas, já o disse: a fraternidade não justifica o esbulho!

O respeito ás normas do Direito, condição que garante o desenvolvimento do progresso dentro do regimen da ordem nos leva a defendel-as até aos ultimos extremos.

A resistencia á illegalidade é o mais nobre tributo que o civismo de um povo pode levar ás aras sagradas da Lei.

CLIMA BRAZILEIRO

PELO

DR. ARTHUR ORLANDO

Socio honorario do Instituto

CLIMA BRAZILEIRO

O clima é phenomeno complexo, que se compõe de varios elementos, e está sujeito a multiplas circumstancias.

Dessas umas são exclusivamente cosmicas, dependendo tão sómente da fórma e posição da terra; outras são propriamente geographicas, dimanando da estructura do globo, da sua distribuição em terras e aguas, montanhas e valles, florestas, campos e desertos.

A irradiação solar é o elemento climaterico por excellencia, exerça sua acção sob a fórma de calor ou de luz.

Nas investigações sobre clima se deve levar muito em conta a luz, porquanto o desenvolvimento das plantas e dos animaes depende em grande parte da quantidade e qualidade dos raios luminosos, a que estão sujeitos os seres vivos.

Expostos á luz do sol por espaço de 14 horas, ganham as plantas quatro vezes mais peso do que quando submettidas tão sómente durante metade daquelle tempo.

Nas latitudes polares a acção prolongada ou constante da luz compensa a insufficiencia do calor solar.

Sabe-se desde muito que as plantas cultivadas nas estufas têm os tecidos descoloridos, amarellaços ou esbranquiçados.

Em completa escuridão é impossivel se realizar o pleno desenvolvimento dos vegetaes.

Ninguem ignora que ha plantas luciphilas, sempre dispostas a acompanhar os raios do sol, o que bem se observa nas florestas, onde as epiphytas deixam os troncos das arvores e buscam as folhas banhadas de luz.

Nos jardins não são raras as plantas, que mudam de côr e posição sob a influencia da luz solar.

A chlorophylla não significa outra cousa senão a necessidade, que sentem as plantas, de absorver certos raios do espectro solar.

Graças á chlorophylla, que tem o poder de assimilar os raios vermelhos e amarellos do espectro solar, é que as plantas realizam funcções indispensaveis ao seu desenvolvimento, taes como a fixação do carbono e a rejeição do oxygenio.

Da luz carecem ainda os vegetaes para a absorpção dos nitratos e outras substancias mineraes, de que se alimentam as plantas pelas raizes.

E' extraordinaria a influencia da luz sobre os micro-organismos, a ponto de considerarem os bacteriologistas a luz poderoso desinfectante.

«Sem ella, escreve Julio Courmont. talvez a vida animal desapparecesse da superficie do globo pela invasão dos microbios pathogenicos. Os logares sombrios e humidos conservam por muito tempo os germens virulentos, principalmente os da tuberculose, da diphteria, etc.»

Está provado por multiplas observações e experiencias a influencia nefasta da falta de luz sobre o organismo humano, e sua acção estimulante na genese de innumeras molestias.

Um dos brilhantes capitulos da medicina moderna é o da photo-therapeutica.

Os chimicos consideram os raios vermelhos muito excitantes, e os raios chimicos, pelo contrario, sedativos.

O tratamento da variola pelo systema Finsen confirma a acção excitante da luz vermelha, por meio da qual actualmente se tenta a cura da neurasthenia.

Assim como a luz, o calor do sol é repartido desegualmente sobre a superficie do globo, e devido á fórma mais ou menos espherica da terra, a temperatura do ar varia com os graus da latitude por força da obliquidade dos raios solares, que augmenta do equador para os polos.

Como, porém, os raios do sol não chegam á superficie da terra senão atravez de uma camada de ar, que varia de espessura e densidade conforme a altura, dahi resulta que, sfóra a latitude, exerce influencia decisiva sobre a temperatura da atmosphera a altitude, de modo que não raras vezes gelam as mais altas montanhas do equador.

Entretanto. o abaixamento da temperatura á medida que occorre a elevação do solo, é phenomeno que varia, dadas certas condições. Assim, tratando-se de ar completamente secco, o abaixamento é de 1° por 100 ou 101 metros de elevação. Se porém, o ar contém vapor, sem ser em quantidade sufficiente para satural-o, o arrefecimento se faz na razão de 1° por 104 ou 105 metros. No caso de saturação, o resfriamento é de 1.° por 150 a 200 metros de altitude.

Lembra Berget que nas camadas inferiores da atmosphera é preciso levar em linha de conta a influencia do solo. Durante a noite o solo esfria mais depressa do que o ar. Então o abaixamento da temperatura na vizinhança do sólo póde ser tal que o thermometro marque grau inferior ao que indicaria, se fosse collocado em ponto mais acima do logar da observação.

Dahi vem que a temperatura augmenta até certa altura para diminuir em seguida.

Poder-se-hia suppôr que daquella altura em deante a temperatura fosse descendo sempre, a medida que augmentasse a elevação; entretanto, as experiencias de Bort com balões sondas, munidos de apparelhos registradores, mostram

que a uma certa altura, que varia de 8 a 12 kilometros, o abaixamento é quasi nullo, sendo que em a'guns casos até se opera uma ligeira elevação.

A altitude influe ainda sobre outros elementos atmospphericos que não a temperatura. Com o augmento da altitude a camada de ar se torna menos espessa e densa, diminuindo a pressão atmospherica, o que se não póde considerar de somenos importancia, pois são as altas e baixas barometricas que determinam as correntes aereas e suas perturbações, como borrascas, tempestades, cyclones.

A' auzencia de exageradas variações barometricas deve o Recife a peculiaridade de ser uma cidade propicia á infancia e velhice. As crianças e os velhos se dão bem com a regularidade da pressão atmospherica.

Convém não esquecer que é o contraste entre as concavidades e as convexidades da crosta terrestre que occasiona as brisas de montanha e valle.

Augmentando a humidade relativa quanto a uma certa quantidade de agua contida na atmosphera quando baixa a temperatura, a consequencia é que aquella humidade augmenta com a maior altitude, pelo que as montanhas são em geral mais humidas, mais nevoentas e mais chuvosas que as planicies.

A humidade absoluta, porém, diminuindo, quando augmenta a altitude, deste modo se explica como além de uma certa zona de altura variavel, o ar se torna cada vez mais secco, e no cimo dos altos picos equatoriaes se encontra uma flora semi-deserta:

Além do calor e luz, o ar absorve vapor de agua, e seu poder de absorpção é tanto maior quanto mais se eleva a temperatura.

Mais o ar se aquece, mais se carrega de vapor, e mais se carrega de vapor, mais se dilata e tende a subir.

A consequencia é que *o ar quente é mais leve do que o ar frio, o ar humido mais leve do que o ar secco.*

Para completa comprehensão desses enunciados convem elucidar o conceito de humidade, absoluta e relativa.

O vapor de agua contida na atmosphera se presta a duas medidas: ou se aprecia o peso do vapor de agua contido num metro cubico de ar (humidade absoluta); ou se determina em que proporção o ar seria ainda capaz de absorver uma certa quantidade de vapor de agua (humidade relativa).

Supponhamos um barometro em um espaço hermeticamente fechado, contendo ar humido A columna mercurial em uma certa altura mede a somma das forças elasticas do ar e de todos os gazes nelle contidos, entre os quaes o vapor de agua. Se introduzirmos nesse espaço acido phosphorico anhydrico, esta substancia absorverá immediatamente a humidade do ar, e a columna mercurial diminuirá de altura,

sendo esta diminuição produzida pelo desapparecimento do vapor da agua.

O vapor de agua tem, portanto, na atmosphera força elastica, *f* a que se dá o nome de humidade absoluta.

Se o vapor contido no ar fosse sufficiente para satural-o, a força elastica teria, dada sempre a mesma temperatura, seu valor maximo F.

«Assim, explica Affonso Berget, chama-se humidade relativa ou fracção de saturação $\frac{f}{F}$ entre a pressão actual *f* do vapor de agua na atmosphera e a maxima força elastica F, que elle teria, sob a mesma temperatura, se fosse saturante.»

A humidade relativa exprime, portanto, o afastamento do ponto de saturação, e, por conseguinte, da condensação.

Em virtude da desigual distribuição do calor e da humidade na superficie da terra não reina por toda parte a mesma pressão atmospherica; mas como é lei dos fluidos o equilibrio, todas as vezes que este equilibrio desapparece, surgem os deslocamentos das camadas athmosphericas, que constituem as correntes aereas, quando não as tempestades, os furacões, os cyclones.

Em 1817 Alexandre de Humboldt teve a concepção das cartas isothermicas, imaginando ligar por linhas continuas todos os pontos da terra, cuja média fosse a mesma durante o anno.

A organização das cartas isothermicas deu logar a observações muito instructivas e de grande interesse pratico, enunciadas por Alphonse Berget mais ou menos nos seguintes termos:

I. A média de temperatura em latitude egual é mais elevada no hemispherio norte que no sul.

Recebendo os hemispherios durante o anno a mesma quantidade de calor solar, o facto só póde ser explicado por uma desigual distribuição de oceanos e continentes, sendo o hemispherio norte accentuadamente continental e o hemispherio sul predominantemente oceanico.

II. As costas occidentaes dos grandes continentes do hemispherio norte são mais quentes que as orientaes.

Assim é que a Terra-Nova, paiz frio, onde o mar gela durante o inverno, se acha na mesma latitude que Cherburgo, cujo clima temperado é bem conhecido, da mesma sorte que New-York corresponde á mesma latitude de Lisboa, e Shangai a Alexandria, sendo entretanto diversos os respectivos climas.

Não é pois, a maior ou menor approximação do equador ou dos polos que determina exclusivamente a temperatura dos logares: causas outras, taes como as correntes marinhas e aereas, devem ser consideradas estradas thermicas, vehiculos do frio ou do calor.

III. Acima dos grandes oceanos a temperatura é mais regular. E' o que se nota nas linhas isothermicas acima dos vastos mares, sobretudo no hemispherio sul, onde reina, pode-se dizer, uma regularidade geometrica.

Sendo grande a influencia da distribuição das terras e dos mares sobre a temperatura, insistamos sobre as causas das differenças thermicas entre as regiões continentaes e maritimas.

A principal dessas causas é a diversidade do calor especifico da terra e da agua, regulando o primeiro 6/10 do segundo, quer dizer, «a mesma quantidade de calor elevará, durante o mesmo tempo, a temperatura do solo cerca de duas vezes mais que a da agua», ou, por outras palavras, «a mesma elevação de temperatura será adquirida pelo solo duas vezes mais depressa que pela agua»; mas em compensação (a formula é ainda de Martonne) a agua se resfria cerca de duas vezes mais devagar que o solo».

Outra causa é que a agua aquecida se evapora, e a agua evaporada tende a suspensão no ar. Mas é sabido que o ar humido detêm em grande parte o calor solar, e não deixa chegar á superficie do globo e ás camadas inferiores da atmosphera senão uma pequena porção daquelle calor.

Martonne assignala ainda que as variações thermicas não se fazem sentir no solo senão até vinte metros de profundidade, emquanto que nas camadas de agua vão até 100 e 200 metros.

Conhecidas as causas das differenças thermicas entre as regiões continentaes e as maritimas, é facil determinar as consequencias dessas differenças apontadas por Martonne nos seguintes termos:

«1.° O mar sendo na media mais quente que a terra, o ar é na média mais quente acima do mar que acima da terra. O facto é particularmente palpavel na zona temperada. A lei se verifica mesmo na zona tropical, graças á presença de grandes florestas e pantanos, cuja evaporação crea acima dos continentes uma athmosphera humida refractaria aos raios solares. Na zona polar a observação mostra que as regiões maritimas são, muitas vezes, mais frias. E' que a agua ahi é gelada e offerece uma superficie solida, cujas propriedades se approximam das do solo.

2.° O aquecimento e o resfriamento sendo mais lentos sobre o mar que sobre a terra, resulta que nas regiões de forte oscillação diurna, (zona tropical) ha um excesso notavel da temperatura do mar sobre a terra durante a noite, e excesso da temperatura da terra sobre o mar durante o dia. E' a causa das brisas de terra e mar tão fortes nos paizes tropicaes. Nas regiões de forte oscillação thermica annual, isto é, nas regiões que têm um verão e um inverno (zona temperada e polar), ha para os continentes excesso de calor na primavera e no verão, excesso de frio no

outono e no inverno. E' uma das differenças capitaes entre o clima continental e o clima maritimo.

«3.ª O aquecimento e o resfriamento são maiores em valor absoluto sobre os continentes, donde resulta que nas regiões de forte oscillação diurna da temperatura (paizes tropicaes), esta oscillação é maior no interior dos continentes que á margem do mar; nas regiões de forte oscillação annual, esta oscillação attinge seu maximum no interior dos continentes. E' a caracteristica mais conhecida do clima continental».

Em face do que vem dito, que se póde affirmar do clima brazileiro senão que é uma combinação de todos os climas da terra, sem que, entretanto, se confunda com qualquer delles, o que lhe dá o caracter especial de clima ao mesmo tempo maritimo e continental, de planicie e altitude?

Ao norte é mais ou menos quente e humido, ao sul mais ou menos fresco e secco. Se no littoral as variações de temperatura são pouco consideraveis, concorrendo o mar como moderador thermico para mitigar os rigores do inverno e do verão, nas regiões do interior não se deixam de fazer sentir as oscillações de calor e frio dos climas continentaes.

Por ahi se póde avaliar a insufficiencia das classificações unilateristas, que tem sido propostas sobre o clima brazileiro, entre ellas a do dr. H. Morize, baseada sobre a influencia dos ventos e das chuvas na distribuição da temperatura.

Certamente não se póde negar a acção das correntes aereas sobre as feições climatericas do globo e aos ventos alysios se deve que a planicie do Amazonas, em vez de um vasto steppe ou de uma immensa savana, seja a região das florestas virgens, a patria dos rios gigantescos.

Mas, além de que são muito escassos os nossos conhecimentos sobre o todo dos elementos cosmicos e das condições metereologicas, que constituem o clima, principalmente no que diz respeito á circulação athmospherica, succede que, tratando-se de um phenomeno tão complexo como é o clima, não póde satisfazer uma explicação unilateral, como a que propõe o autor do *Esboço de uma Climatologia do Brazil*.

Attendendo ao todo dos phenomenos, que influem sobre a athmosphera e constituem o clima de um paiz, pódemos reconhecer no Brazil diversas manifestações climatericas, sem que estabeleçamos entre ellas solução de continuidade:

A grande planicie do Amazonas ao norte e ao sul do equador apresenta a modalidade de uma temperatura mais ou menos quente.

Pertence esta modalidade á familia dos climas equatoriaes, em que a media thermometrica é superior a 25, a humidade relativa vae além de 80, as precipitações attingem no minimo 150 cm., a pressão athmospherica varia

pouco e não sobe a 750 m/m. Nesta região predominam a floresta virgem e a falta de actividade humana.

Ao lado da formosa *Hiloea* amazonense surge imponente o planalto, reagindo contra a perennidade da temperatura e affeiçoando o clima ao relevo do solo.

Em regra baixa o thermometro; mas o abaixamento da temperatura é devido não tanto á influencia da latitude quanto á elevação do terreno, de 400 a 1200 metros acima do nivel do mar, afóra os pontos culminantes, como Itatiaia, Serra dos Orgãos, Itacolomi, Caraça, Piedade, Itambé.

Dahi vem que o clima do planalto brazileiro toma feição mais mexicana que andina, dos climas de altitude.

Horizontalmente a debruar o planalto do lado de leste está a feição marinha dos climas de littoral, caracterizada por grande regularidade, que, aliás, não significa uniformidade nem o que se denomina calmaria.

O clima da costa brazileira não abre excepção ao caracter especial de todo o clima de littoral, regimen de temperatura em que não se conhecem as oscillações bruscas de frio e calor das regiões centraes. O mar, verdadeiro moderador thermico, se encarrega de elevar a temperatura em época de frio, e baixal-a em tempo de calor.

Pelo Brazil oriental o calor diminue á medida que se caminha para o sul; mas em cada ponto do littoral se mantém sempre um certo gráu de temperatura que, se não rivalisa com a benignidade do clima das ilhas da Madeira e dos Açores, nem por isso deixa de ser o que se chama um clima regular, bafejado como é pela brisa de terra e mar.

Em regra, todas as vezes que uma differença de temperatura se estabelece entre o mar e a costa, surge uma brisa perpendicular á costa, soprando da superficie fria para a quente. Quando, porêm, as duas temperaturas se mantêm iguaes, dá-se o que se chama calmaria.

E' o que ensina a experiencia diaria, e facilmente explica a metereologia. Pela manhã a terra e a athmosphera terrestre se aquecem, aos raios do sol, mais depressa do que o mar e a athmosphera maritima. Em consequencia, dilatando-se o ar, se elevam as camadas inferiores da athmosphera, formando acima da terra grande pressão athmospherica, que provoca nas camadas superiores certa corrente de ar na direcção do mar. Esta corrente, augmentando a pressão athmospherica acima do mar, força as camadas inferiores a virem occupar o vacuo deixado sobre a terra.

O contrario se dá quando o sol se recolhe. A terra e a athmosphera terrestre se esfriam mais depressa do que o mar e a athmosphera maritima. Dahi resulta comprimir-se o ar e diminuir a pressão athmospherica do lado da terra. Então parte do mar uma corrente de ar que, augmentando a pressão athmospherica acima da terra, provoca nas camadas inferiores da athmosphera nova corrente em direcção do mar.

Além de que produzem frescura amena no littoral, as brisas de terra e mar constituem phenomeno de elevada importancia hygienica e therapeutica.

Correndo do mar para terra varrem com ar puro a athmosphera impregnada de miasmas; soprando de terra para o mar, attenuam, conjunctamente com o movimento das vagas, o effeito malefico das materias organicas accumuladas nas costas.

Em regra as costas do Brazil são salubres, excepto nas regiões, em que se formam pantanos, permittindo o desenvolvimento dos insectos transmissores de febres palustres, contra as quaes é facil empenhar lucta profícua, procurando-se drenar os terrenos alagadiços.

Hermann von Ihering, tratando do clima, no ponto de vista do povoamento do solo, da conquista da terra pelo colono, divide o Brazil em tres zonas climatericas: a Amazonia, o Sertão e o Littoral

A Amazonia é a *Hylea*, de prodigiosa fertilidade; «mas o seu clima não é apropriado para a immigração européa, e muitos dos affluentes são flagellados por febres perniciosas.» Em todo caso constitue «uma grande reserva para o futuro.»

Em contraste com a região amazonica, o Sertão sente falta de chuvas e vegetação. Suas terras estereis não se prestam senão á extracção dos mineraes preciosos e á criação do gado. «Se para a Amazonia a questão do futuro desenvolvimento depende só de elementos de trabalho, no Sertão, mesmo com a construcção de estradas de ferro e outras medidas vantajosas, as condições da producção provavelmente não soffrerão transformações em grande escala.»

Para Hermann von Ihering a Chanaan do Brazil é o Litoral desde Pernambuco até ao Rio Grande do Sul, com as partes adjacentes, especialmente Minas Geraes.

E' a zona, «unica entre todas, que em verdade é prodigiosamente dotada pela natureza com recursos de toda qualidade. Terreno fertil e variegado, vegetação uberrima, agua em abundancia; clima agradavel, que permitte obter mesmo varias colheitas no anno, um estado de saúde que, com poucas excepções, deve ser designado como excellente e adequado á immigração europea.»

Notam Mr. e Mme. Coudreau que no Brazil a questão não é de adaptação do immigrante europeu ao clima do Equador e do Tropico, porquanto desde muito a raça branca se habituou a viver nos paizes mais quentes e lembram que nas bacias do Indus e do Ganges se desenvolveram as primeiras civilizações, e sob o mesmo Tropico nasceram tres grandes religiões da humanidade, o brahmanismo, o buddhismo e o islamismo; o nosso grande problema a resolver é o saneamento do solo, a drenagem do pantano, o insaciavel Minotauro, a resistente Hydra de Lernes, não sómente da Grecia, mas de Roma, da Italia, da Algeria, de todas as regiões alagadiças e paludosas.

Seja como fôr, para corrigir qualquer excesso de calor menos propicio á immigração estrangeira, ahi está o sólo brazileiro por sua fórma, sua extensão, seu relevo, suas disposições orographica e hydrographica, a influir de modo decisivo sobre a massa atmospherica e a direcção das correntes aereas para formar um clima ao mesmo tempo uno e multiplo, que de accôrdo com a orientação simultaneamente longitudinal e transversal do Amazonas e do S. Francisco, é a maior garantia da integração nacional e differenciação federativa do Brazil.

DR. MELCHIADES TRIGUEIRO

POR

J. VIEIRA DE ALMEIDA

DR. MELCHIADES TRIGUEIRO

O morto de hontem, 20 de agosto de 1910, não é daquelles que vão para a valla commum, acompanhados pelo vulgarissimo: — pesames á familia enlutada — dos noticiaristas indifferentes!...

A estatura intellectual do velho paulista merece da parte da imprensa de sua terra,... mas algumas «pazadas de terra!

Espontaneamente, movido pela amizade que lhe dediquei, em vida, tomo a mim esse encargo!

* * *

O dr. Melchiades Trigueiro era paulista, do norte, como então se dizia, nascido na cidade de Aréas, de onde veiu moçinho para S. Paulo.

Era filho de um mestiço, a quem conheci, em Campinas, com a cabeça já coberta de honradas cans, quando em visita ao filho extremecido, então director do conceituado collegio «Culto á Sciencia».

O «Boa Morte», era o nome que lhe davam, exercia o modesto officio de alfaiate.

Passava-se isto ha já bons trinta annos!...

O honrado ancião revia se, desvanecido, na posição brilhante que o filho occupava, á frente daquella casa de ensino, de onde sairam actuaes advogados illustres, medicos notaveis, e até mesmo um prelado da egreja catholica!

O dr. Melchiades Trigueiro, terminados na capital os preparatorios que iniciara na terra natal, matriculou-se em a nossa Faculdade de Direito, na qual conquistou honroso diploma, no anno de 1868.

Durante o curso, residiu, como os estudantes da época, em pensão familiar, onde encontrou a dedicada companheira de seus dias, que o precedeu, no tumulo, ha um anno, mais ou menos.

A historia do seu casamento não representa nenhuma scena de romance; porém, resume, define sufficientemente o seu caracter: desposou, por gratidão, a uma senhora pobre e de edade superior á sua!...

Recebeu della, em crise aguda de molestia, tratamento maternal: pagou-lh', dando-lhe a mão de esposo!

Ao iniciar a vida pratica, foi juiz municipal, abandonando logo a toga de magistrado, para sentar-se na cathedra de professor, para a qual sentia pronunciado pendor.

Em 1875 foi lente da antiga Escola Normal, então, apenas, cellula modesta, de onde se formou o robusto organismo da actualidade!

Em 1878 foi convidado para occupar o pesado cargo de director do collegio «Culto á Sciencia», em Campinas, cargo então vago pela exoneração do ha pouco fallecido dr. Francisco Xavier Moretzsohn.

Foi lá que o conheci, em 17 de dezembro desse anno.

A sua excessiva modestia, qualidade negativa para quem deseja fazer carreira, só prejuizo lhe causou, como se havia de vêr.

A sua excessiva modestia, digo, impressionou-me profundamente.

Vestido de brim pardo, de acôrdo com o clima da terra de «Barreto Leme». com as lunetas de grosso crystal, a cavallo em um nariz... quasi «bombonico», o seu retraimento, a sua quasi timidez, pareciam contra indical-o para aquelle espinhoso cargo...

Entretanto, debaixo daquelle apparente involucro de modestia, occultava elle energia de aço que se traduziu, muitas vezes pela expulsão pura e simples de alumnos rebeldes á disciplina collegial!

E... isto, quando a «Santa Luzia», então em plena jurisdicção, de todo não operava o esperado milagre...

A primeira vez em que elle foi assistir á minha aula de latim, sentou-se, modestamente, na ponta do banco dos alumnos, onde se acotovellavam, ó saudosos tempos! Carmellino de Mesquita Barros, Cincinato Braga e o actual d. João Nery, bispo da diocese de Campinas!

Por lá tambem andavam em annos mais adeantados. João Motta, Adolpho Corrêa Dias, Antonio Loto e Adriano Barros...

Terminada a lição, levantou-se, saiu, e... nunca mais lá appareceu; honrou-me, dahi em diante, com a mais absoluta confiança!

Alcançára eu approvação plena, de tão competente juiz e que aqui agradeço á sua saudosa memoria!...

Em 1881, por divergencias com a directoria da associação que mantinha o collegio, para aqui se retirou, entregando-se ao magisterio particular, com a proficiencia, que todos sempre lhe reconheceram.

Dispensaram-lhe a sua illimitada confiança o conselheiro Antonio Prado que lhe deu como alumno de latim o seu filho, hoje dr. Paulo Prado, e o dr. Martinho Prado Junior, que o convidou para professor de seus filhos.

De um amor ao estudo, só excedido pelos filhos da fria Germania, dedicou-se á cultura da lingua de Göethe, tendo

por guia segura a esclarecida intelligencia do mallogrado Emilio Kerking.

Durante as férias, a familia, então composta da esposa idolatrada e de duas gentis filhinhas, partia para esta capital e lá ficava elle curvado sobre os caracteres gothicos, cujo sentido penetrava, com paciencia e tenacidade, verdadeiramente benedictinas!

O estudo do allemão não veiu, rematar, mas apenas concorrer com uma columna, a mais, para a construcção do majestoso edificio do seu portentoso saber!

Já era latinista, a quem Julio Ribeiro considerava e respeitava; conhecia e escrevia o idioma vernaculo, como quem retemperava o seu estylo na forja incandescente dos classicos; conhecia o inglez, correntemente; e o francez, era para elle uma segunda lingua materna!

Não se contentando com esse já consideravel cabedal linguistico, dedicou-se nos ultimos annos ao estudo do sueco, indo ter á guisa dos modernos, ao campo esteril do Esperanto!...

Possuia e deixou farta e bem escolhida livraria.

Para em dois traços, representar as tendencias do seu espirito encyclopedico, bastará dizer que nas suas estantes se encontravam ás vezes em confusa promiscuidade — D. Cange e Santa Rosa de Viterbo; Franz Bopp, Frederico Diéz, ao lado de Fetis; Zola e Balzac em frente de Eça de Queiroz e Guerra Junqueiro!

Tanto lhe seduziam a intelligencia as «Décadas da Asia», como a «Bohemia do espirito»...

A linguistica, o classicismo e a literatura moderna com a sua feição accentuadamente naturalista, ou parnasiana, de todo não lograram dessedentar aquelle espirito, sempre avido de se abeberar, em fontes mais abundantes e de sabor. porventura, mais acre, se quizerem, porém, com certeza de substancia muito mais nutriente!

Então foi que enveredou pelo terreno das sciencias naturaes cultivando, com enthusiasmo a botanica, sob a direcção de Alberto Leffgrin, ao tempo seu vizinho e dedicado amigo.

Dos progressos que fez, em sciencia, posto que deleitosa, mas tambem ingratissima, póde ser testemunho incontestavel a profusão de parasitas, colleccionadas e classificadas por elle; e que cediam o passo, unicamente ás opulentas collecções do dr. Ramos de Azevedo!

E que diremos das artes, da bellas artes?...

A pintura o apaixonava, como a todo o espirito moderno, que se norteia pela esthetica...

Não manejava o pincel mas era um «connaisseur» do que era bom e digno de figurar numa galeria de artistas de fino gosto.

A sua modesta fortuna, para não dizer a sua honrada pobreza, não lhe consentia liberalidades no capitulo das...

télas preciosas ; mas, ainda assim, pendiam-lhe das paredes da sala alguns trabalhos de reconhecido valor artistico, o que elle chamava, humoristicamente, a sua... «pinacothéca» !...

Na musica, foi eximio !

Conhecia varios instrumentos, chegando a ser executor notavel de clarinete e de saxophone.

No «Club Semanal», antiga sociedade recreativa de Campinas, arrebatou, por vezes, o auditorio com os magicos accentos da sua harmoniosa e afinadissima clarinete !...

* * *

Um homem deste valor era... amanuense da Commissão Geographica e Geologica do Estado !...

E ... ainda bem que o foi, porque o montepio virá salvar os seus descendentes de estenderem a mão á caridade publica ! ..

Esse poderá ser o balsamo, que opere a cura das chagas, recentemente abertas, nos corações que o amaram.

Tristeza immensa reinava na casa mortuaria, como é notavel, nesse doloroso transe !

Cá fóra, nessa aliás sempre lugubre « Via dolorosa », por antiphrase chamada da « Consolação », tambem se divisavam signaes de pezar, na physionomia dos vizinhos, que assomavam ás janellas, como que para enviarem uma despedida, ao bom velhinho, que dalli partia para sempre !

O plumbeo ceu de agosto já de si tão merencorio, mais triste ainda parecia, afogado num oceano de poeira, de fumaça e de neblina, detestavel trindade, que nos rouba a luz consoladora do astro resplandecente dos dias serenos !

Seria audacia descrever, ainda que a traços largos, as angustias no interior daquella, ora desolada mansão !

Suspiros e gemidos abafados, substituiram agora ás harmonias da musicas, as quaes habitualmente se evolavam fóra daquellas abobadas amigas...

Os quadros, os seus queridos quadros, tambem pareciam associar-se á dôr lancinante das pessoas, e como que faziam inclinar as suas figuras para banharem, com seu mudo pranto, aquelle tão conhecido vulto ora hirto e inanimado, diante dellas !

A estante de musica, lugubremente erecta a um canto da sala da bibliothoca, ostentava uma partitura fechada parecendo indicar, na eloquencia do proprio silencio, que já alli não havia quem a pudesse, dignamente, interpretar !

As proprias orchideas, as suas amigas de todas as horas, amarellecidas e placidas pareciam distillar, tambem ellas, as suas lagrimas sentidissimas ; tanto é certo que egualmente « sunt lacrimae rerum » !

Afinal sôa a hora fatal. Acercam-se do feretro os amigos intimos e lá desfila o prestito, para a necropole da Consolação !

Entre o grupo de amigos dedicados lá vimos Aurelio Vaz, o companheiro inseparavel do « Culto á Sciencia », Acacio Masserran, com os olhos rasos de pranto !

Dos irmãos de arte, esteve presente o velho maestro Lago, uma tradição artistica, o representante de velha dynastia musical de S. Paulo.

Tambem lá se encontrava um dos irmãos Levy, outra estirpe de musicos « dilettanti »...

Da Commissão Geologica e Geographica o pharmaceutico sr. Carlos Snell, seu velho amigo e admirador de Campinas.

Não foi muito numerosa mas foi selecta a concurrencia!

E lá ficou elle repousando no frio chão do cemiterio, embalado ao ciciar lamentoso das casuarinas...

O rijo, o inclemente mestre, que punha arripios no dorso das criaturas, tambem lhe havia de abalar os braços da cruz modesta, que ha de proteger o seu ultimo somno !...

Sim, bom e destitoso amigo ! repousa em paz no campo santo, que o teu exemplo de trabalhador indefesso há de servir de incentivo á preguiça intellectual da mocidade hodierna !

A gratidão que te devia, a amizade que te consagrei, não me permittiam quedar silencioso ante o teu fatal desapparecimento : devia-te esta homenagem !

Tu, melhor do que ninguem, podias poonunciar o «non omnis moriar » do Venusino !

Será para mim, grande consolação, se concorrer para isso.

« In aeternum vale » ! ...

São Paulo, 21 de agosto de 1910.

BARTHOLOMEU DE GUSMÃO

A sua época.—O padre e a Inquisição.— A historia e a lenda

POR

BENEDICTO CALIXTO

Socio honorario do Instituto

BARTHOLOMEU DE GUSMÃO

A sua época. — O padre e a Inquisição. — A historia e a lenda.

I

Não póde e nem deve passar sem alguns reparos o artigo do brilhante escriptor portuguez Rocha Martins, publicado na «Imprensa» e transcripto pelo jornal «A Noticia» do dia 19 de outubro do corrente anno.

Uma ou outra phase da vida do Padre-Voador, na parte relativa ao maravilhoso invento, que lhe deu o sobrenome de — voador — andou sempre envolvida em uma penumbra de mysterio, prestando-se a que em torno do seu nome se engendrasse uma série de lendas, as mais absurdas.

Assim é que as noticias biographicas, que por ahi correm, andam eivadas dessas lendas inverosimeis.

Ha alguns annos, porém, escriptores de Portugal e Brazil, no interesse da verdade e da historia, têm, após sérias excavações nos velhos archivos de ambos os paizes, conseguido trazer a lume os factos mais importantes sobre a vida do padre Bartholomeu, desmentindo assim, formalmente, toda essa série de lendas.

O que não deixa de ser extranho é que, apesar disso, se venha constantemente respigar todas essas lendas em detrimento da verdade historica, que vae sendo posta de lado, para não dizer refugada.

No artigo de que estamos tratando, se nos vem dizer ainda que o Padre Bartholomeu Lourenço era um religioso, isto é, frade — e não um sacerdote secular, como aliás todos nós estamos fartos de saber pelos documentos incontestaveis que possuimos.

Diz tambem o mesmo articulista, que o Padre Bartholomeu iniciou os seus estudos de mechanica aqui em Santos, no *Seminario*, á custa do jesuita, padrinho do irmão Alexandre, e que foi aqui que Bartholomeu arranjou a machina para elevar a agua de um ribeiro a grande altura, etc.

Ora, todos que aqui no Brazil se interessam por factos historicos importantes, como estes, que se prendem á maior das nossas glorias, sabem ou devem saber, que esse periodo inicial da vida do Padre-Voador não se deu em Santos,

onde houve collegio da Companhia, mas nunca houve Seminario.

Esses factos se deram na Bahia, no antigo «Seminario de Belém», de que era reitor o jesuita Alexandre de Gusmão, o protector de Bartholomeu Lourenço.

Foi ali que engendrou e poz em pratica esse machinismo, «conseguindo, por meio de pressão, elevar a agua a uma altura de quatrocentos e sessenta palmos», como está aliás demonstrado plenamente pela certidão do reitor do dito Seminario de Belém e pelo privilegio que Bartholomeu requereu e lhe foi concedido pela Camara da Bahia; privilegio esse que mais tarde o governo portuguez tornou extensivo a todo o Estado do Brazil.

Além de outras *novidades* como esta de que o distincto escriptor portuguez nos vem informar sobre a vida do Padre Bartholomeu, não poderá passar despercebido este trecho: «Eram as invenções que o apaixonavam e se acaso — talvez mesmo por conselho do irmão, — o viram prégar na capella Regia, tambem depois, passados mezes, souberam do seu requerimento para fazer carvão de pedra.» (?!)

Se bem nos recordamos, foi em 6 de agosto de 1721 que o Padre Bartholomeu, além de outros privilegios de invenção que já lhe tinham sido concedidos, obteve ainda outros para fazer, não carvão de pedra, (pois seria um absurdo querer fabricar o que já estava feito), mas simplesmente aproveitar os «terrenos turfosos para fabricar carvão de terra—».

Um outro facto que se nos vem trazer, não como novidade, mas em confirmação ás taes lendas, já destruidas pelas investigações historicas — é essa velha questão de pretender fazer crêr que foram as perseguições do «Santo officio» que impediram o Padre de proseguir nos ensaios do seu maravilhoso invento, e que foi fugindo da inquisição, (quinze annos depois das ditas experiencias) que elle se foi esconder em terras da Hespanha, onde falleceu. Como se a Hespanha, com os seus constantes «autos de fé», e com a notavel arguncia dos seus esbirros, fosse azylo seguro para quem fugia da Inquisição Portugueza.

Antes das refutações que vamos fazer a esta parte do artigo da «Imprensa», é necessario fazer uma ligeira digressão para o terreno da historia, afim de vermos a origem e o estabelecimento em Portugal dessa abominavel instituição, que é hoje o mais formidavel libello contra a egreja catholica, «a amiga da ignorancia» na *justa expressão* do brilhante escriptor portuguez.

«O estabelecimento do santo officio entre nós, diz o historiador portuguez Pinheiro Chagas (Hist. de Port. vol. III, cap. LII, pag. 414 a 494) esteve por muito tempo cercado de nuvens... era uma historia evidentemente fabulosa, segundo a qual um falso legado obrigava D. João III a fundar em Portugal o tribunal terrivel.

Ferdinand Deniz, apesar de não ter bases seguras para contrapor a tal narrativa, transcreve a mas chama-lhe «uma especie de lenda»...

O que a perspicacia de «Ferdinand Deniz entrevira vem confirmal-o um dos optimos livros de Alexandre Herculano.

Desde que o nosso illustre compatriota escreveu a sua «Historia da origem e estabelecimento da Inquisição», vieram á plena luz, trazidos «*com rara sagacidade*», as machinações tenebrosas, dessa longa intriga, com que o fanatismo, a hypocrisia, e a torpe cobiça se relevam de um modo repellente».

Vamos pois tentar demonstrar, á luz evidente dos factos e dos documentos fornecidos por Herculano, quaes eram os autores dessa longa intriga, em que o fanatismo, a hypocrisia, e a torpe cubiça se relevam de modo tão repellente.

Foi no anno de 1531, sendo Papa Clement VII, que o rei de Portugal, D. João III, por meio de seus embaixadores, e attendendo *ás aspirações do povo*, deu inicio a essa campanha, com a côrte de Roma, afim de obter, com singulares privilegios, o estabelecimento em Portugal da «*Santa Inquisição*».

O embaixador dr. Braz Netto, teve «instrucções especiaes para que, *muito em segredo*, pedisse o estabelecimento da Inquisição em Portugal».

O que torna mais infames todos esses actos, diz o historiador, é que não era só o fanatismo que o inspirava, era a torpe cubiça, vestindo as roupas da hypocrisia. Do que principalmente se tratava era de apanhar os *christãos novos* desprevenidos, para que a sua riqueza (os bens dos judeus) não escapassem á garra insaciavel do fisco».

Pois a côrte luzitana, não obstante a alta politica posta em pratica em taes *razões do Estado, interesses a bem da christandade*, allegados nas ditas supplicas feita ao Papa, nada pode conseguir durante a vida deste pontifice.

Por occasião da morte de Clemente VII, 25 de setembro de 1534, o embaixador D. Henrique de Menezes dizia em carta a el-rei seu amo, «aqui estou fazendo votos para que suba á cadeira de S. Pedro algum individuo, cujo animo seja favoravel *ás pretensões* da côrte portugueza. Mas, accrescentava elle, hão de escolhel-o trinta e seis diabos, que tanto são os cardeaes».

Por este documento da obra de A. Herculano ve-se, que a opposição não era só do Papa, mas de todo o «Sacro Collegio», — esses trinta e seis diabos que não queriam, que em Portugal, se elevasse tão desejado o santo tribunal.

Com o successor de Clemente VII, o papa Paulo III, não foram menos infelizes os amigos da Inquisição em Portugal. Todos os empenhos e intrigas foram em vão.

Taes eram, entretanto, as irritações da côrte e dos subditos de D. João III, com essa relutancia do Pontifice e de toda a curia romana, que, por vezes, segundo o dito

historiador, elles querendo ser mais catholicos do que o Papa, consideravam-no o maior inimigo da religião; e se houvesse na egreja uma hierarchia mais elevada, a ella se teriam dirigido, denunciando o Papa como herége, digno de ser queimado em auto de fé.

A Inquisição em Portugal só foi estabelecida pela Bulla de 16 de julho de 1574, após desesseis annos de luctas e empenhos com a Sé Apostolica, que, afinal, se viu forçada, pelo peso das circumstancias, a dar essa mera licença para um tribunal, que de religioso só tinha o rotulo; pois, os proprios inquisidores e familiares eram escolhidos e nomeados pelos respectivos governos.

Eis ahi, finalmente, o que se deprehende, sobre a origem da Inquisição em Portugal, nas consultas desapaixonadas que se fazem nos livros de autores competentes, e não em *fabulas* ou *lendas escriptas* com o fim de *deprimir* e *calumniar*.

II

Para demonstrar ainda, qual era essa força que agia sempre, dentro desse abominavel tribunal, ahi está na propria Historia de Portugal, escripta por homens insuspeitos, como Pinheiro Chagas, Alexandre Herculano e outros, esse exemplo dado pelo grande Marquez de Pombal.

«O *carrasco*, diz Pinheiro Chagas, foi sempre o meio de governo do energico mas terrivel ministro.»

Não foi entretanto só do carrasco, foi tambem do Tribunal da Consciencia, do Tribunal do Santo Officio, que mais se aproveitou o terrivel ministro; a prova do que afirmamos está nessa mesma Inquisição, da qual elle afiou as garras e fez seu irmão Paulo de Carvalho inquisidor-mór, para conseguir com mais liberdade e presteza, livrar-se de seus inimigos.

«Nessa luta mortal contra os jesuitas, o acto mais criminoso do Conde de Oeiras, foi incontestavelmente o supplicio do jesuita Padre Malagrida; ahi sente-se bem, que predominava no seu espirito, um desejo de fria e cruel vingança. A arma de que se serviu não podia ser mais deploravel; foi uma sentença da Inquisição» (Hist. de Port. de Pinheiro Chagas, vol. VI, pag. 591.)

Pombal bem podia ter usado, com o Padre Malagrida, de um meio ainda mais summario e terrivel, como esse que usou para o martyrio e supplicio espantoso dos Tavoras e dos Aveiros, a que allude de leve, o autor do artigo da «Imprensa».

Pombal, porém, teve duplo fim em servir-se desse tribunal, para condemnar um jesuita: era infamar a memoria dessa «odiosa» companhia e fazer uma affronta e um acinte ao Papa—esse «Ganganelli», que ainda se não havia submettido aos seus designios—mostrando-lhe que se não dispunha ainda das suas «bullas», movia entretanto, ao seu bel prazer, esse tribunal terrivel, onde podia condemnar e supplicar os ministros da egreja, da qual elle, o Papa, éra o chefe.

O supplicio do Padre Malagrida, diz o citado historiador, «E' um dos mais terriveis artigos do libello, que a posteridade articula contra o grande ministro de El-rei D. José.

Voltaire, no seu «Siécle de Louis XV» diz que nesse processo o excesso de horror só é vencido pelo excesso de ridiculo.»

Um outro exemplo, a que não deixaremos de alludir, pois foi lembrado pelo mesmo articulista, é a condemnação e a morte, num «auto de fé» em Lisbôa, d'esse desventurado brazileiro Antonio José, conhecido como—o Plauto fluminense—por ter nascido no Rio de Janeiro.

Era oriundo de uma familia hebréa, a qual já havia sido denunciada e enviada a Lisbôa, afim de responder a processo no Santo Officio, por denuncia de um prelado portuguez, que fôra nomeado adréde, para vigiar os *cristãos—novos* do Brazil.

Esta prisão da familia de Antonio José teve logar em 1713, precisamente na época de Alexandre de Gusmão, que assistiu o começo e o fim de toda essa tragedia, movida pela perseguição a mais estupida e cruel, contra um patricio seu.

Veremos ainda, no correr desta triste narração, quaes foram os autores do martyrio e morte deste brazileiro, tão opportunamente lembrado pelo articulista portuguez, afim de fazer bôa carga á Egreja, «a amiga da ignorancia».

O primeiro processo movido, pessoalmente, contra Antonio José, foi em 1726, quando elle ainda cursava as aulas da Universidade de Coimbra. Após os primeiros depoimentos, onde elle teve a coragem de confessar-se culpado em crime de apostazia da religião christã, em que fôra nascido e baptisado, e a fraqueza de denunciar outras victimas, que como elle foram arrastadas ás lugubres masmorras, foi finalmente posto em liberdade, depois de ter passado por torturas e de lhe serem «confiscados todos os bens para o fisco e camara Real».

Antonio José, uma vez em liberdade, volt u a sua actividade, concluiu os estudos fazendo-se depois advogado e poeta notavel na sua época.

A 6 de outubro de 1737, Antonio José, sem motivo algum apparente, sem culpa justificada, é novamente preso e arrastado aos carceres da Inquisição, donde só deveria sahir para ser queimado, no auto de fé de 1739, como «herége, relapso e pertinaz», com novo sequestro dos seus bens para o «fisco e Camara real».

Nos archivos do nosso Instituto Historico do Rio de Janeiro existe uma cópia authentica desses dois processos

formados pela Inquisição de Lisbôa, contra o infeliz brazileiro.

E' pela consulta desses documentos, que os biographos de Antonio José, aqui no Brazil, têm desvendado toda essa trama infame de odios contra essa innocente victima. Pode-se affirmar, que o motivo que levou Antonio José á fogueira inquisitorial, está ainda por desvendar.

Não seria pois, algum motivo de «ordem de estado», ou de «inconfidencia», ou simplesmente odio de alguns potentados da côrte, irritados pelas liberdades e pelas satyras do poeta, que sem duvida lhes eram offensivas?...

Para demonstrarmos bem claramente ao brilhante escriptor portuguez, que no artigo «Bartholomeu de Gusmão e sua época», vem fazendo allusões ao martyrio e morte deste nosso patricio, afim de carregar bem as sombras já tão tenebrosas do quadro, para que delle se destaquem com dura nitidez de linhas os habitos brancos dos dominicanos, que, na sua opinião e aliás na de muitos outros escriptores illustres, como sua excia, eram os unicos ou os principaes responsaveis dessa tão degradante e abominavel instituição, vamos ainda citar aqui os nomes de todos os dominicanos que, reconhecendo a innocencia de Antonio José, se esforçaram, em vão, para arrancal-o da fogueira do Santo Officio.

E' um distincto historiador brazileiro quem transcreve dos referidos documentos da Inquisição, existentes no nosso «Instituto», as linhas bem eloquentes, dignas de toda a fé e palpitantes de interesse, nesta importante e tristissima questão.

Depois de demonstrar como as testemunhas eram todas a favor do réo, dizendo ser elle bom christão, praticando sempre todos os actos impostos pela Egreja, termina assim: «A estas provas addicionaram ainda os advogados, o bom conceito em que era tido o réo pelas pessoas piedosas do seu conhecimento, entre as quaes se contavam sacerdotes e religiosos de varias ordens, inclusivé a de S. Domingos, cujos depoimentos requeriam, como advogados, que fossem tomados.

«Perfeitamente concordes foram as declarações dos dominicanos fr. Antonio Coutinho, fr. Luiz de S. Vicente, fr. José da Camara, como as do padre mestre fr. Diogo Pantoja e o padre Bruno de Almeida, mestre de ceremonias da Sé Patriarchal e o dr. Germano da Silva Araujo, juiz de fóra de Alter do Chão.

«Affirmaram todos «una voce», que sempre tiveram Antonio José como bom christão, inteiramente arrependido de sua anterior apostazia, cumprindo com a maior regularidade seus deveres religiosos.

«De nada aproveitou, porém, tão valiosas testemunhas, ás quaes não tiveram pejo, os inquisidores, de oppôr as ignobeis declarações dos seus familiares esbirros, que perseverando nas primeiras aleivosias, addicionaram-lhes outras, forjadas pelas suas criminosas phantazias»...

«Nem uma applicação podendo ter esta sentença, (refere ainda o mesmo escriptor), após a sentença de condemnação, porque até para Roma havia a Inquisição de Lisboa tomado todas as avenidas, como exuberantemente provou o sr. Alexandre Herculano, forçoso foi que a ella se submettesse o pretenso réu...

«Para cumulo da maior maldade, ordenou o Santo Officio, que a septuagenaria D. Lourença Coutinho, mãe do poeta, sua mulher D. Leonor M. de Carvalho, (ambas brazileiras) inclusive sua filhinha de quatro annos, fossem testemunhas deste pavoroso espectaculo, que com ignecs caracteres, deviam gravar-se em suas aterradas imaginações».

Pelo que ahi fica transcripto, vê-se bem claro, qual podia ser a influencia occulta, que, nas trevas, movia o braço dos algozes do Santo Officio.

Essa influencia, como provam estes documentos, não partiam dos dominicanos nem de autoridades ecclesiasticas, porque o proprio inquisidor, como já ficou provado, precisava submetter-se a esse poder occulto.

Todo aquelle que encara, de boa fé, a tenebrosa Instituição, sabe donde emanava esse poder.

Porque então toda essa insania, toda essa accusação tremenda contra a Egreja, tornando-a unica responsavel pelos crimes da Inquisição?!

Será por ignorancia? Não cremos, porque esse «dom» é previlegio» da Egreja e de seus adeptos, e nunca dos que lhe movem guerra em nome da verdade e da sciencia.

III

Terminando a nossa digressão, que nos afastou do assumpto principal, procuremos reatar o fio da questão e demonstrar o erro ou abuso em dizer-se, que o Padre Bartholomeu não levou a effeito os seus estudos, em consequencia das ameaças inquisitoriaes que lhe faziam os dominicanos, e mesmo a propria Egreja, a qual o nosso articulista portuguez quer que seja a amiga da ignorancia.

Se o illustre escriptor se tivesse entretanto dado ao trabalho de recorrer á sua erudição, veria desde logo, que era, á essa mesma egreja, «amiga da ignorancia», que pertencia o sabio Bartholomeu de Gusmão; e que outros sacerdotes, tão sabios como elle, e como elle, pertencentes áquella mesma Egreja, já se tinham occupado muito seriamente da navegação aérea, muitos annos antes do Padre-Voador, sem que fossem ameaçados de excommunhões ou de martyrios inquisitoriaes.

Na obra de Gaston Tissandier «La Navigation Aérienne» vemos, que entre os grandes sabios que primeiramente se occuparam deste magno assumpto, estão, em primeiro lugar, dois padres da egreja catholica, «a amiga da ignorancia»: — O 1.º, em meiados do seculo XII, é um monge,

E as satyras deprimentes contra o padre Santista não se resumiram a essa avalanche de versos esnalhados em Lisboa, pois o livro de Tissandier nos diz ainda que, mesmo em Paris, na «bibliotheca de Santa Genoveva», encontram-se algumas satyras referentes ao padre-voador.

«Une preuve secondaire de l'éxpérience de Gusmão resulte de pièces de vers plus ou moins satyriques publiées en 1732 par Thomaz Brandão. L'une delles est intitulée: — «Au pére Bartholomeu Lourenço, l'homme *volant* que s'erfu't, — et cela se comprend, puis qu'on a su qu'il etait lié avec le diable».

Em nota abaixo accrescenta o sr. Tissandier:

— Nous devons a l'obligence du savant directeur de la Bibliothéque de Sainte Genovièvе Mr. Ferdinand Deniz, la communication des vers fort peu connus de Mr. Brandão.

Dans ces vers, on lit des passages analogues á celui ci:

«Gusmão s'est élevé dans l'air, il a *volé* avec ses ailes, au regrêt de bien de *familles*. Et pour se faire de *bonnes ailes*, il a *deplumé* bien de monde.

. . . . . .

Não só nessa época, mas ainda agora, como vemos, continua-se a censurar as prodigalidades, não só do réi, mas até de seu ministro, Alexandre de Gusmão, que na sua viagem de embaixada á côrte de Roma, segundo a lenda «a qual diz que se tratava tambem de libertar o irmão» — *deitou moedas no Tibre para mostrar a riqueza de seu amo, e que pelo mesmo motivo mandara ferrar de prata as mulas de sua sége.*»

Em resposta a esta censura do nosso articulista portuguez, devemos declarar, alto e bom som, que o irmão do padre Bartholomeu tinha o direito de fazer ainda mais ostentação.

Alexandre de Gusmão podia, *não deitar*, mas *despejar* moedas no Tibre ás mancheias, e ferrar, não de prata, mas de ouro, as patas de suas cavalgaduras, afim de mostrar, não as riquezas de seu amo, mas as riquezas desse «paiz remoto onde nascera» cujas minas despejavam, annualmente, centenas de arrobas de ouro nas arcas do thesouro de seu rei; ouro esse, que tanto se regateava, quando se tratavam das cousas e dos homens do Brazil.

E isso não consta da lenda . . .

Tristão da Cunha, o ministro de d. Manoel, o venturoso, diz a historia, fez muito mais ostentações em Roma quando em 1514 levou a effeito a famosa embaixada, carregada de dadivas sumptuosas a Leão X. para mostrar o alto poderio e grandes riquezas do seu rei, no vasto imperio asiatico, sem que a lenda o venha censurar por isso...

E' que Tristão da Cunha, a par com a suprema dita que teve, de não vêr o seu nome envolvido na lenda, não teve tambem, como tiveram os Gusmões, a grande desdita de «ter nascido em paiz remoto»!

Santos, novembro de 1912.

Santos de Amanhan

Homenagem ao Instituto Historico e Geographico de São Paulo

POR

JULIO CONCEIÇÃO

Socio benemerito do Instituto

SANTOS DE AMANHAN

Recentes dados estatisticos nos chegam dos Estados Unidos da America do Norte, referentes, dentre outros, ao seu gigantesco centro commercial de Nova-York, o orgulho americano. Ao contemplal-os nos vem á mente a verosimilhança em quasi tudo daquella grande cidade, até nas condições topographicas, com o nosso Santos, que, olhado por varias faces, ainda está melhor fadado para um futuro superiormente auspicioso.

Vejamos:

A cidade de Nova-York está situada na ilha Manhattan, com uma area de 63 milhões de metros quadrados, formada pelos rios Hudson, Este, Harlem e o oceano Atlantico (tem como anteparo deste a ilha Longa), ostentando um ancoradouro vasto e dos melhores conhecidos; a cidade de Santos está situada na ilha de S. Vicente, com uma area de 61 milhões de metros quadrados, formada pelo rio Casqueiro, canal de Santos, canal de S. Vicente e o oceano Atlantico (tem como anteparo deste a extensa e fertil ilha de Santo Amaro) ostentando um ancoradouro egualmente vasto, notavel pela sua segurança e apparelhado com um caes moderno na extensão de quatro kilometros e 720 metros, dos mais apreciados do mundo, segundo todos os capitães, velhos lobos marinhos, assim se manifestam com a rude franqueza que lhes é caracteristica.

***

Nova-York supporta horrorosas intemperies: calores que sóbem á tão elevada temperatura de 43 gráus centigrados, ao ponto de victimarem annualmente centenares e centenares de vidas humanas e não raramente até asphyxiando os animaes dos vehiculos (!), e frios intensissimos que descem a 23 gráus abaixo de zero, a sua MÉDIA no verão é de 8 gráus á sombra e no inverno de 17 abaixo de zero; a latitude é de 40°44' Norte, a longitude 76°20' W. Pariz e a altitude 3 metros; Santos, com um clima que se póde considerar ameno e salubre, offerece uma temperatura tão injustamente temida e falada (fructo da ignorancia), de 38.5 gráus centigrados no maximo absoluto, e no tempo invernoso o seu minimo absoluto tem sido 5.0 acima de zero, o que nos fornece uma temperatura, em MÉDIA, no verão, de 24.7 gráus e no inverno de 18.9, acima de zero. Eis os seguintes dados, intelligente e pacientemente registrados no decurso de 12 annos pelo illustrado meteorologista sr. dr. Belfort de Mattos:

QUADRO CLIMATOLOGICO DE SANTOS

Lat. 23º 56' 0" S. Long. 48º 40' W Paris

Estações	Pressão barometrica m/m	TEMPERATURA DO AR (Gráus centigrados)				Tensão de vapor m/m	Humidade relativa %	Evaporação em somma m/m	Nebulosidade 0 a 10	CHUVA		
	Média	Média	Maxima abs.	DATAS	Minima abs.	DATAS				Totaes	Dias de chuva	Ventos predominantes
Setembro	761.9	19.8	34.0	1895—99	13.0	1897-98—1906	14.1	82	12.0	7.3	137.8	12	SE e SW
Outubro	762.7	20.6	35.0	27—1902	12.0	8—1902	14.7	80	47.4	7.8	165.3	13	S e SW
Novembro	761.0	22.3	35.6	28—1903	14.3	1900	16.3	81	51.8	7.4	228.3	15	SE e S
PRIMAVERA	762. 9	20. 7	36. 0	27 outubro 1902	12. 0	3 outubro 1902	15. 0	81	47. 4	7. 5	177. 1	13	SE e SW
Dezembro	759.5	24.5	36.0	20—1895	16.8	1899	17.6	79	71.5	7.0	209.7	16	SE e S
Janeiro	759.5	24.5	37.3	20—1895	17.2	—1903	17.8	80	65.4	7.5	335.3	16	SE e S
Fevereiro	760.2	25.0	38.5	9—1902	18.5	13—1903	19.6	79	53.6	7.4	247.3	15	N e SE
VERÃO	759. 7	24. 7	38. 5	9 fevereiro 1902	18. 8	Dezembro 1909	18. 0	79	61. 3	7. 5	264. 1	16	SE e S
Março	761.6	24.5	37.6	18—1895	15.8	28—1907	18.4	80	58.0	6.7	280.8	16	S e SE
Abril	762.8	22.9	33.5	19—1908	15.0	1901—1906	16.3	79	57.0	6.0	218.3	12	N e NE
Maio	763.3	20.7	33.0	8—1901	12.8	31—1904	14.2	78	47.6	5.5	162 9	11	NW e S
OUTOMNO	762. 7	22.7	37.6	18 março 1895	12. 8	13 maio 1904	16. 3	77	53. 8	6. 1	220. 7	13	N e S
Junho	760.2	19.4	33.2	4—1902	5.0	1889	13.7	79	46.8	5.8	110.4	10	S e NW
Julho	760.5	18.7	33.2	17—1901	6.5	8—1897	13.0	77	44.5	5.2	98.7	9	SW e S
Agosto	763.4	18.9	37.3	1899	8.8	15—1902	13.0	80	41.0	6.7	114.0	11	SW e S
INVERNO	766. 0	18. 9	37. 3	Agosto—1899	5. 0	Junho—1899	13. 2	79	45. 1	5. 8	109. 9	10	S e SW
ANNO	762. 8	21. 8	38. 5	9 fevereiro 1902	5. 0	Junho—1899	15. 6	79	52. 7	6. 7	193. 0	13	S e SE

A altitude media da cidade é de 2 metros sobre o nivel da preamar.

Alta maré 98.500
Baixa maré 96.000
} cota do caes, 100.000

A salubridade local é notavel, apesar dos trabalhos da commissão do saneamento e reformas hygienicas das habitações não estarem completos, pois a mortalidade, na qual pesam de maneira consideravel os sinistros maritimos, bem como os desastres devido ao grande movimento da viação urbana e desenvolvimento das numerosas construcções teve um coefficiente de 23 por 1.000 habitantes no ultimo anno, muito mais favoravel do que o de varias cidades notaveis, conforme as notas demonstrativas adiante estampadas.

***

Nova-York tem agora uma população de 4.285.000 habitantes, que se acotovela, as necessidades das habitações não se satisfazem com as galerias subterraneas, seus edificios sobem em demanda do céu como a planta que procura ar, podendo se figurar que, em seu conjuncto, é um verdadeiro cupim dos nossos campos; Santos tem agora população de 75.000 habitantes, quando ha 21 annos atráz (1888) tinha 16.000. as edificações e melhoramentos da cidade apenas de 3 a 4 annos para cá é que despertaram do somno lethargico em que a prostrou a incuria dos governos passados. deixando neste espelho do paiz lavrar repetidas epidemias de febre amarella e de variola, que, por felicidade, bom renome do Brazil e honra nossa, lá se vão cerca de 18 annos sem que jamais ellas nos possam attingir, medrando como outr'ora. E porque não continuar assim, si temos, como nos centros mais civilizados, hospitaes de isolamento, uma commissão sanitaria permanente composta de medicos distinctos e munida dos apparelhos mais modernos, que a tudo attende com promptidão e vela com rigor da hygiene domiciliaria? E si temos a cidade saneada em parte pela factura do cáes e mais pela commissão do saneamento, a cuja frente, com um grupo de distinctos engenheiros nacionaes, está e obedece a planos do mais notavel engenheiro sanitario brazileiro, dr. F. Saturnino Rodrigues de Brito, que dividiu esse importante trabalho em duas secções differentes, inteiramente separadas: uma para dessecamento do sólo e captação das aguas pluviaes e outra exclusiva para os exgottos domiciliarios?

Quanto ao dessecamento por meio de canaes com drenagem, construidos de cimento armado, correndo, faxeados de pittoresco gramado, pelo centro de bellas avenidas arborizadas, captando ao mesmo tempo as aguas pluviaes, vemos esses canaes em activa execução e já assistimos, com completo exito, á sua inauguração parcial, de fórma que hoje a

camara municipal, ao zelo de quem ficam, já está de posse de 5 kilometros e 761 metros em pleno funccionamento, por conta de 18 kilometros e 301 metros, que é o total do plano de tão importante projecto. A construcção desses canaes veiu systematizar e reunir as aguas de diversos pequenos rios que serpenteiam pelo solo santista, cujos leitos estão sendo ao mesmo tempo aterrados.

No referente aos exgottos, o systema adoptado foi o denominado «Separador completo», que, a par com as vantagens aconselhadas pela boa technica e dos exemplos praticos, tem ainda a da menor contribuição possivel da massa affluente junto á casa das machinas, para o effeito da elevação artificial e depuramento, findo o qual, as aguas, innocuas, serão lançadas limpidas ao mar, a 12 kilometros de distancia da praia. A cidade, para tal, foi dividida em diversos districtos com elevações parciaes, afim de diminuir a profundidade dos collectores em um sub-sólo de arêa fluente como o nosso, evitando assim escavações mais profundas e dispendiosas. O systema «Separador completo» é o mais moderno e applicado nas cidades da America do Norte, sendo Memphis a primeira que o adoptou. A nossa rêde de exgottos, a ultima palavra em assumpto sanitario, é um trabalho fóra das nossas vistas por se achar no sub-sólo, dispendioso para o nosso Governo do Estado e importantissimo para a salubridade local.

A construcção dessa aprimorada rêde de exgottos, em extensão de 60 kilometros, está apta, conforme informação official, para dentro em poucos mezes iniciar o funccionamento geral, dando serventia a todos os bairros. A cidade está, portanto, dotada de um systema de exgottos tão perfeito, quando não seja mais, como os da principaes cidades do velho mundo, pelo facto da intelligente adopção e adaptação.

* * *

Nova-York — primeiro interposto do assombroso progresso dos Estados Unidos, industrial por excellencia e emporio commercial volumosissimo; Santos — joven ainda, já rivalizando com o Rio de Janeiro (primeiro interposto do nosso Brazil), emporio commercial do café mais poderoso do mundo, prototypo da correcção commercial, como lá fóra consideram os principaes bancos, banqueiros e negociantes das maiores praças da America e da Europa, e, sem a minima duvida, infallivel centro industrial dentro em pouco. Isto nos assegura a prosperidade das empresas já existentes, a força electrica de 20 000 cavallos effectivos, que começará a ser distribuida dentro de 5 a 6 mezes pela Companhia Docas de Santos, além de outros factores que para tal concorrerão e que continuamos a mencionar.

A força electrica da Companhia Docas, em vias de distribuição, poderá ser elevada a 50.000 cavallos com despesa

relativamente insignificante, segundo nos affirma um dos seus distinctos engenheiros.

Fóra dessa consideravel energia electrica, já uma realidade, extrahida do rio Mogy ou Itutinga, como cá lhe chamam, ha varias outras cachoeiras, que, muito proximas, rodeiam a cidade e poderão ser aproveitadas do mesmo modo.

Santos, para fim industrial, está collocado em ponto conveniente e verdadeiramente estrategico: apto aqui para receber e expedir por via maritima, por esta vasta e franca estrada sem erradas, sem conservação, sem trilhos e sem privilegios, a materia prima isenta de passar pelas vias ferreas que tudo encarecem, da longa costa do Brazil e do estrangeiro — o algodão, a lan, o trigo, o arroz, a canna de assucar, a madeira, a borracha, o ferro, etc., etc.

Que ponto mais estrategico que este para irradiar com vantagem por todo o mundo o producto do labor humano oriundo da nossa actividade?

Manipuladas ou confeccionadas que sejam as mercadorias, com o expurgamento das materias inuteis para o effeito dos transportes desnecessarios, a expansão póde dar-se pela consideravel rêde ferroviaria do nosso prospero Estado de São Paulo, a qual, em adiantado avanço, demanda varios Estados internos do paiz, até ás republicas vizinhas, e pela via maritima para os nossos Estados do Norte e do Sul que faceam com o mar, como para todo o novo mundo, Europa, Asia Africa, para o Universo, emfim.

Economicamente falando, quanto mais se move com a mercadoria mais se encarece a mesma, e por isso, como todos nós procuramos nosso interesse e bem-estar, si não fôr hoje, será amanhan: os depositos e rêde da importação, como já o são da exportação, hão de ser fatalmente concentrados aqui pela facilidade na escolha dos mercados e pela poupança nas baldeações e carretos prejudiciaes ao preço da mercadoria.

Só na vantagem economica em carretos, de apparencia pequena á primeira vista, porém colossal no decorrer dos annos para os industriaes, aqui já temos, por exemplo, a florescente empreza Moinho Santista, que, immediatamente ao desembarcar dos navios a materia prima de sua industria, o trigo, tem-na de subito dentro dos seus machinismos, através do cáes e da rua Xavier da Silveira, onde estão suas installações. Esse processo é simples: proximo ao desembarcadouro existe uma moega onde depositam o grão, que cahe em correa continua, concava, de 60 centimetros de largura, funccionando em uma pequena galeria subterranea que vae ter ao estabelecimento. Ora, é bem de ver que em toda a ourela do nosso cáes as industrias fabris poderão gosar de identicas vantagens.

Tambem o pequeno commercio a retalho, amparado pela crescente população, tem uma importante fonte de renda

só peculiar aos portos de mar, que é o do movimento maritimo. Raros são os navios que não se abastecem de carne, aves, legumes, fructas, etc. Não ha passageiro, *touriste* e marinheiro, aqui aportados por milhares e milhares, que não baixe a terra. Todos elles consomem, por pouco que seja, é na chacara do café, nos «drinks» pelos «bars» e confeitarias, nas refeições pelos restaurantes, nos cigarros e charutos, nas passagens dos bondes, no cartão postal e photographias do paiz, nas orchideas que os enlevam e em mil pequenas cousas para lembrança.

***

Nova-York, pela densidade do seu commercio, ha muito que traz o governo constantemente preoccupado com o grave problema da viação, não obstante as innumeras communicações por agua, aéreas, pelo solo e sub-solo, as desapropriações são carissimas, os seus predios e terrenos não têm tabellas, os preços são todos estimativos; Santos cresce dia a dia na densidade do commercio, seu porto está eivado de navios, já vemos constantemente suas ruas atravancadas, impedindo o transito com as archaicas carroças, e lá no meio dellas, como prenuncio evolutivo do progresso, alguns airosos automoveis atopetados de cargas. A cidade rejuvenesce, o aspecto archeologo-colonial vae desapparecendo, a camara, com o mais activo interesse e louvavel empenho, tem cuidado da abertura de praças, do alargamento de ruas e sua arborização, dos ajardinamentos e das construcções, para que sejam elegantes e hygienicas. O valor dos seus predios e terrenos, salvo num pequeno centro onde gravita o grosso commercio, já é elevado, mas no resto da cidade e suburbios só agora é que o interesse vae despertando, e não é destituido de razão e tempo. Sem outros numerosos exemplos, proximo de nós temos Buenos-Aires, onde, com menos elementos de futuro que os nossos, a valorização dos seus terrenos subiu espantosamente e com fundamento se mantem.

As nossas construcções de predios urbanos e sub urbanos pullulam em todos os sentidos e vão em notavel crescendo; o rendimento da municipalidade, que attesta o progresso, é assim computado:

Annos	*Rendas*
1900	1.934:694$147
1901	1.978:047$625
1902	2.338:767$000
1903	2.278:704$807
1904	2.175:267$555
1905	2.098:512$939
1906	2.194:629$674
1907	2.428:994$319
1908	2.489:406$008
1909 (onze mezes)	2.706:239$117

Em redor ses naturaes, tem ante si, rodeando sua ilha, vasta quantidade de terras excellentes, na maioria cobertas de matta-virgem com madeiras de lei, e consideradas como das mais superiores para o plantio de arroz, banana, canna, cacau, fumo, fructas, etc. O seu cultivo e exploração está tudo em inicio, salvo o já apreciavel plantio de bananas, que hoje attinge a 3.124.000 pés, assim discriminados:

ESTATISTICA DA LAVOURA DE BANANAS EM SANTOS

Bairros	*Touceiras*
Piassaguera e Mogy	250.000
Arêaes	20.000
Cubatão e Itutinga	1.100 000
Boa Vista e Nova Cintra	20.000
Morrão e Quilombo	300.000
Peruhy, Itapurucaia e Pedreira	20.000
Santa Rita e Santa Cruz	120.000
Jurubatuba	280.000
Sandim e Barnabé	80.000
Rio Diana e Monte Cabrão	30.000
Trindade	40.000
Cabuçú	40 000
Quatinga	120.000
Cubetê	20.000
Iriry	30 000
Caruara	20.000
Ribeirão, Caiubura e S. João	20.000
Jacareguaba	30.000
Caiacica	20.000
Pedrinha e Buracão	20.000
Cachoeira	30 000
Perequê guassú e Morro Alto	20.000
Morrinho, Itapema e Bocaina	20.000
Outeiros e Guayuba	20.000
Matto-Grosso e Canhema	40.000
Pau Grande, Boa Vista e Bertioga	20.000
E mais a producção englobadamente dos seguintes bairros do municipio vizinho (São Vicente), que fez o seu commercio e respectiva exportação pelo porto de Santos, a saber: Japuy, Campinas, Quituê, Prainha, Paranapoã, Sepetuba, Gragaú, Zanzalá, Mariana, Tapera, Itararé, Vuturuá, S. Jorge, S. Gonçalo, Piassabuçu, Imbuassú, Anhangay, Itinga, Botupucé, Mongaguá, Caramboré, Queirozes, Chico Pires, Botucupê, Sant'Anna, Pedrinhas, Itapoã, Carahu-assú, Carahumirim, Nathária, Itú, Fazenda Zerrenner, José Corrêa e Varzea Grande	394.000
Total de touceiras	3.124.000

Calculo da proxima futura safra no municipio de Santos em 1910:

Touceiras		*Cachos*
500.000,	producção média de 180 cachos por 1.000 ao mez, em 12 mezes.	1.080 000
1.000.000,	producção média de 120 cachos por 1.000 ao mez, em 12 mezes.	1.440.000
500.000,	producção média de 60 cachos por 1.000 ao mez em 12 mezes.	360.000
730.000,	primeira producção de bananaes novos	200.000
394.000,	procedentes do municipio vizinho de S. Vicente, cujo commercio e exportação são feitos por Santos.	400.000
3.124.000		3.480.000

A riquissima industria tannifera, que está passando quasi despercebida, com fonte inexgottavel da materia prima — a folha e a casca do pau do mangue, já conta aqui dois estabelecimentos, sendo um importante, o da firma C. A. Dick, sobre o rio Mogy, em Piassaguéra, e outro em menor escala, do Casqueiro, de Marx & C., que só faz extracção para os cortumes de São Paulo.

A industria de vidro entre nós póde florescer como em nenhuma outra parte, pois aqui temos, cortada pela linha de bondes electricos entre esta cidade e a de S. Vicente, abundantissima materia prima — a areia, cuja qualidade está classificada como de primeira ordem. E tanto é assim, que as fabricas da capital do Estado a têm importado com vantagem, a despeito do consideravel dispendio de frete e carretos.

Outra importante fonte de renda egualmente inexgottavel, a da pesca, tão abundante entre nós, que dá trabalho e dinheiro a tanta gente, constituindo mesmo preciosa riqueza de varias nações, ahi a temos manquejando como nos tempos primitivos, sem apparelho algum moderno e sem exploração intelligente.

Póde-se dizer que neste sentido temos retrogradado por falta de vistas dos poderes publicos concitando e animando empresas piscicultoras, pois que ainda existem aqui ruinas dos tempos coloniaes de grandes estabelecimentos de pesca da baleia e de outros peixes grossos.

Para que, porém, este ramo de actividade tenha incremento entre nós, é bem de ver que será questão de pouco tempo.

Mas não é tudo em recursos naturaes: temos a mencionar a bella praia do Embaré, da barra grande de Santos, como os antigos lhe chamavam e agora modernamente mais conhecida pela do José Menino, com 9 kilometros de extensão, que, a par com o conforto em dois bons hoteis e da mais absoluta segurança de praia para os banhos do mar, constitue o ponto balneario encantador, mais accessivel do Estado e refugio dos habitantes da cidade nas épocas calmosas. Este elemento anno a anno presenciamos avolumar-se.

* * *

Para antever optimismo nestes traços retrospectivos, é preciso negar a evidencia dos factos enunciados e comprovados ás nossas vistas. E' preciso, portanto, além do que está exposto, negar-se:

a) O exuberante viço deste Estado de S. Paulo, cuja rêde de communicações, só em seu territorio, já contava o anno passado (em 1908), 4.669 kilometros de extensão em estradas de ferro e 495 kilometros de navegação fluvial, e a prosperidade dos Estados vizinhos pelos seus recursos naturaes, quer de uberdade das terras, attestada pelas producções agricolas, pelas frondosas mattas virgens com madeiras de lei e pelos campos para criação, quer em riquezas mineralogicas, estas com explorações promissoras, ainda deficientes, porém

b) O facto notavel da sempre crescente renda da nossa Alfandega de Santos, prestes a exceder a da Capital Federal, a primeira do paiz.

c) A consequente prosperidade da «São Paulo Railway Company» — com 191 kilometros em trafego, da «Companhia Paulista de Vias Ferreas e Fluviaes» — hoje com 1.104 kilometros em trafego e 40 em construcção, da «Companhia Mogyana de Estradas de Ferro e Navegação» — com 1 446 em trafego e 22 em construcção, da «Companhia Sorocabana» — com 1.311 kilometros e 742 metros, avizinhadas todas pela rêde que se nos afigura nos mappas como uma teia de aranha de pequenas estradas de ferro e de rios navegados e navegaveis, tributaria dessas mencionadas quatro notaveis companhias.

d) A existencia da estrada de ferro «São Paulo-Rio Grande», que vae em activa construcção, com cerca de 7.000 operarios e já com 620 kilometros em trafego, entroncando com a Companhia Sorocabana em São Pedro de Itararé, nas fronteiras deste Estado, e que será uma linha poderosa tributaria de Santos. Sua séde é em Ponta Grossa, no Estado do Paraná, donde segue para duas direcções oppostas: uma para o norte do Estado, entre Ponta Grossa e Itararé, concluida este anno, e outra para o sul, dirigindo-se esta para Santa Catharina, Rio Grande do Sul e republica oriental do Uruguay. Esta promissora via-ferrea, na acti-

vidade em que vae, espera a sua illustre directoria tel-a prompta dentro de um anno até o rio Uruguay.

e) **A existencia da estrada de ferro «Noroeste do Brazil».** Partindo esta do nosso Estado em febril construcção, entroncando com a Companhia Sorocabana na estação de Baurú, hoje as suas locomotivas já percorrem 436 kilometros em rumo da sua directriz transcontinental, atravessando o rico Estado de Matto Grosso em demanda da republica da Bolivia e por fim do Chile, visando a ligação em poucos dias do porto de Antofogasta, no Oceano Pacifico, com o de Santos, no Oceano Atlantico, o que se dará dentro de breves annos, pela actividade dos trabalhos e empenho dos governos. Esta ligação transcontinental vem encurtar cerca de 2.000 kilometros a distancia entre a Bolivia e a Europa, o que garante ser essa republica tributaria do nosso porto, abandonando o seu trajecto muito mais longo, que é pela Republica Argentina. Da mesma fórma o territorio chileno, como o commercio pelo Oceano Pacifico, terão ligações muito mais vantajosas com a Europa.

f) A existencia da recente e futurosa «Brasilian Railway Construction Company, Limited» (estrada de ferro Juquiá a Santos), no littoral, que vae percorrer longa e uberrima zona de Conceição de Itanhaem, Juquiá, Ribeira de Iguape, etc, futuro celleiro do Brazil, com 180 kilometros de extensão, sendo o sul o objectivo da sua directriz. Essa empresa tem por emquanto, em actividade, a construcção de 180 kilometros, sendo 80 de serviço já locado.

g) A florescente navegação costeira e transatlantica, finalmente, aqui tudo concentrado em ponto obrigatorio, como tambem acontece com as estradas de ferro.

* * *

Fóra da pujança dos Estados da parte sul do paiz, cuja importação e exportação Santos vae quasi tudo empolgando, tem tambem a sua particula na prosperidade geral de nossa federação. E porque descrer della, si, por uma notavel felicidade, em nenhum paiz mais que no Brazil a individualidade pessoal e o capital estranjeiro e nacional encontram tanto bem estar e tantas garantias?

Aqui, apesar de ser o paiz um colosso que comporta em seu conjuncto quasi todas as nações da Europa, não ha memoria de se registrar um movimento sismico que tenha occasionado os maremotos e terremotos que, sem reportarmos a factos historicos, temos presenciado em nossos dias e que redundam nas mais horrorosas desgraças individual e material, abatendo cidades e com ellas muitos milhares e milhares de vidas, taes como o de Mont-Pelée (St. Pierre de Martinica), o de Valparaiso, o de S. Francisco da California, o de Messina e varios outros de menor importancia.

Aqui não ha desses phenomenos meteorologicos que trazem dessocego e prejuizos, como constantemente vemos registrar-se por toda a parte, de extraordinarios furacões, inundações de rios e de temidos vendavaes, que reduzem regiões á miseria, como, por exemplo, ainda agora o telegrapho nos annuncia o havido em Jamaica, onde choveu copiosa e incessantemente quatro dias, arrazando a ilha em agua, ceifando innumeras vidas, destroçando vapores de cabotagem, destruindo os plantios agricolas, inutilizando por completo a estrada de ferro Kinston, levando as aguas os aterros, pontes e assim tudo por diante.

Aqui ainda temos as terras em estado primitivo: saturadas de humus e dispensadas das caras e trabalhosas adubações vegetaes ou chimicas, o que não se encontra na velha Europa e nos paizes exgottados.

Aqui, pelas condições vegetativas do solo, não ha desses incendios indominaveis como na America do Norte, onde devastam florestas, culturas e até cidades.

Aqui não ha calores demasiados e nem esses frios excessivos que castigam e até matam os proletarios; as condições climatericas são perfeitamente regulares e ha climas para todos os temperamentos, menos para os esquimáus.

Aqui as condições de salubridade em geral são excellentes, como attestam muitos dados demographicos comparativos com cidades importantes do velho mundo, de cujo estado sanitario nada se fala, quando, no emtanto, o nosso coefficiente é superiormente vantajoso. Eis uma relação pela qual isso se vê, baseada num coefficiente por 1.000 habitantes:

Curityba	13.97
S. Luiz do Maranhão	18 26
Bahia	18.50
Rio de Janeiro	19 47
Roma	20 06
Pariz	21.03
S. Paulo	21 30
Santos	23 00
Milão	24.06
S. Petersburgo	24 07
Buckarest	25.02
Napoles	25 02
Barcelona	25.08
Fortaleza	25 16
Moscow	27 05
Manáos	27.45
Florianopolis	28 35
Porto Alegre	28 55
Marselha	30.06
Lisboa	34 08
Alexandria	35.01

Nietherey.	35.15
Madrid	36.04
Calcuttá	37.06
Cairo.	37.08
Bombaim.	39.06

No territorio brazileiro, salvo as seccas que nos fazem de vez em quando suas surprezas nos sertões dos nossos Estados de Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Norte e Ceará, o que é sabido e póde ser evitado pelas pessoas cautas, que mais desejar para o agricultor?

O cambio, esse grande espantalho do capital estranjeiro pela infernal jogatina, ahi está dominado pela Caixa de Conversão, fixado em 15 d., mantendo o valor da libra a 16$000 réis, do dollar a 3$200 réis, do marco a 785 réis, do franco ou lira a 635 réis, etc., e isto tudo com grande pesar dos especuladores e felicidade dos que collaboram comnosco no Brazil.

Outro ponto tranquillizador: a politica externa, que graves perturbações poderia trazer ao paiz, ahi a temos com todas as principaes questões resolvidas, estabilizada, rodeada de sympathias e cultuada numa orientação toda de paz e de concordia pelo nosso eminente sr. Barão do Rio Branco.

Que mais se póde pretender para o progresso de um paiz em taes condições?

De todos estes elementos de vida e alta pujança do Brazil, comparticipa Santos, portanto, como um viçoso rebento da sua grandiosidade.

E assim como a portentosa Nova York tem o desvelado carinho do yankee e constitue o seu orgulho, Santos, que em breve será, sem duvida alguma, o orgulho do brazileiro, deve merecer a estima e patriotica attenção de todos nós.

Santos, novembro de 1909.

Viagem do Rio de Janeiro á cidade de S. Paulo

Excerpto do livro «Reise in Brasilien» (Viagem no Brazil)

DE

SPIX E MARTIUS

Traduzido do Allemão

POR

JOÃO WETTER

Socio effectivo do Instituto

Os drs. Joh. Bap. von Spix e Carl Fried. Phil. von Martius chefiaram uma afamada expedição, feita por ordem e sob os auspicios de Maximiliano I, Rei da Baviera, para explorar o Brazil. Os dois sabios subiram o Amazonas por 500 milhas e o dr. Martius subiu o Japurá até o monte Arascoara, e o dr. Spix proseguiu até Tabatinga, na fronteira peruana. As enormes coleções que fizeram chegaram perfeitas a Munich onde foram classificadas e descriptas. Antes disso, os viajantes vieram do Rio a S. Paulo e daqui foram a Marianna e Serro, em Minas, e dahi á Bahia, Maranhão e Pará. Os seus trabalhos constituem, como o disse um escriptor patrio, precioso monumento scientifico.

Do livro desses dois notaveis scientistas — «Viagem no Brazil nos annos de 1817 a 1820» («Reise in Brasilien») —, publicado em Munchen em 1823, o nosso distinto e dedicado consocio sr. João Wetter traduziu do allemão para o portuguez a parte referente á vinda dos autores do Rio a São Paulo.

A essa tradução, recebida com agrado pelo Instituto na sessão em que foi apresentada e lida, tem hoje esta «Revista» o prazer de dar inteiro acolhimento.

Viagem do Rio de Janeiro á cidade de S. Paulo

Excerpto, traduzido, do livro «Viagem no Brazil» de Spix e Martius

Livro segundo

CAPITULO III

Viagem do Rio de Janeiro á cidade de S. Paulo

. . . . . .

Afinal chegámos á villa de Lorena, chamada aliás Guaypacaré, lugar pobre e sem importancia, apesar da fertilidade das suas terras, consistindo apenas de cerca de quarenta casas. O caminho de S. Paulo atravessa aqui o rio Parahyba em dous pontos chamados Porto da Cachoeira e Porto do Meira. O commercio de S. Paulo para Minas Geraes é consideravel, abrangendo mulas, cavallos, sal, carne secca, ferragens, e todos os artigos de importação. Actualmente, porêm, as praças do Rio e da Bahia estão supprindo quasi toda Minas Geraes, sendo insignificante a importação via Santos, e mais insignificante a de Angra dos Reys e Parati que ficam até mais perto de Minas. Este ultimo fornece para a capitania de S. Paulo principalmente fazendas d'algodão grosso. Continuando a nossa marcha pelo valle ao sul de Lorena, notámos mudanças bastante sensiveis na vegetação. A feição bravia das matas virgens desappareceu, e a natureza franca e mansa dos campos accentuou-se cada vez mais á medida que fomos avançando. Em lugar das densas e altas matas montanhosas observámos agóra alternadamente planicies e collinas de ascensão suave, cobertas de gramineas e arbustos. Embora pantanoso, o districto pertence ao numero dos de maior fertilidade no territorio de S. Paulo. Principalmente o fumo dá muito bem aqui e a cultura d'elle faz parte importante da actividade dos habitantes de Lorena e Guaratinguetá, villa distante duas leguas, onde pernoitámos. Como sobretudo o calor humido favorece a formação nas folhas do fumo d'aquella substancia cuja presença determina o valor d'elle, prefere-se o fumo plantado na costa do mar e no valle quente do Parahyba, chamado fumo

da marinha, differente do fumo da serra acima. O mais apreciado, porêm, é o fumo da ilha de S. Sebastião.

O tratamento das folhas que se colhem diversas vezes durante o mesmo anno, é muito simples. Quando seccas, ficam acondicionadas em fardos-surrões — ou formam, reduzidas a cordas, grandes rolos, representando um artigo valioso de exportação.

Guaratinguetá acha-se situada, não longe do rio Parahyba, n'um campo extenso, sobre uma collina, rodeada de bananeiras e laranjeiras. O nome indigena do lugar é testemunho da observação fina e justa dos primitivos habitantes, pois que elle significa o lugar onde volta o sol. E, de facto, nem um grão ao sul da villa estamos no tropico do capricornio. Esta agradá bastante pelo seu aspecto singelo e affavel, notando-se signaes d'uma civilização mais adiantada. Desde a nossa partida do Rio de Janeiro reparámos aqui pela primeira vez janellas com vidraças que indicam sempre certa abastança, no interior do paiz até luxo.

Muito surprehende ao viajante a completa ausencia de systema e ordem no exercicio das profissões. Nem aqui nem nos outros lugares do interior, á excepção das cidades de população maior, ha associações profissionaes como, de outro lado, nem tão pouco se pode falar em liberdade de profissão, pois que ainda não existe a maior parte das profissões. Só os ricos fazendeiros estão em condições de dar occupação sufficiente aos profissionaes, o pobre costuma supprir as suas necessidades pela propria actividade e habilidade. Os primeiros contam, em geral, entre o numero dos seus escravos com todos os profissionaes necessarios para os trabalhos occorrentes. A consequencia d'isto é a difficuldade que ha na fiscalização publica das industrias e profissões. Portanto, não pudemos estranhar que até n'uma villa com alguns milhares de habitantes tivessemos de contentar-nos com um tatú (Dásypus septemcinctus) para jantar, o qual matámos em caminho. A carne d'este animal tem paladar agradavel, quasi como carne de gallinha, é, porêm, bastante gordurosa.

Da villa continúa o caminho sempre em direcção sudoeste, pelo valle do Parahyba. A' esquerda vê-se uma bonita serie de collinas, com plantações de feijão, milho, mandioca e fumo. A' direita estende-se o valle até ás montanhas da Serra da Mantiqueira, offerecendo, quasi sem vestigio de agricultura, coberto de baixos arbustos de myrtaceas Goyavas etc., um aspecto assaz sombrio. Unicamente a esperança de que um dia milhares de seres félizes habitarão estas regiões ricamente dotadas, é capaz de consolar o viandante. Apoz uma legua de marcha chegámos á capella da Nossa Senhora da Apparecida, situada n'uma collina e rodeada de poucas casas. Trouxemos do Rio cartas destinadas ao capitão-mór de Guaratinguetá, residente aqui. Acolheu nos elle com visivel contentamento, offerecendo-nos tudo quanto tinha á sua disposição. A cordialidade da recepção d'um desconhecido, a pressa atarefáda com que todos na casa acodem, produzem um sentimento bastante agradavel no coração do viajante europeu. Habituado a comprar em terra estrangeira tudo quanto se não offerece de graça, julga-se o viajante mudado para as condições patriarcaes da antiguidade oriental, em que o nome de hospede conferia quasi um direito a semelhante recepção e encerrava mais do que uma simples desculpa pela occasionada perturbação da tranquillidade domestica. Antes de tudo mostraram-nos aqui a capella, construida ha setenta annos, em parte só de pedra e interiormente ornada de quadros a oleo e de relevo. A imagem miraculosa da Nossa Senhora attrahe muitas romarias de toda a provincia e da de Minas. Quando na vespera do Natal continuámos a nossa viagem, encontrámo-nos com muitas d'essas romarias.

Tanto homens como mulheres viajam aqui sempre a cavallo ou em mula; frequentemente tambem o marido conduz a mulher montada na garupa no mesmo animal. As vestes d'estes homens estão perfeitamente adaptadas ás condições da região, chapéo de félтro com aba larga, servindo como guarda-sol e guarda-chuva, um poncho comprido e largo com abertura no meio, por onde passa a cabeça, calças e paletot de fazenda d'algodão, botas altas, fixadas abaixo do joelho com correia e fivela, um fácão comprido, com cabo prateado, na cinta ou no cano da bota, servindo tanto na mesa como em outra parte. As mulheres usam vestidos compridos e largos de casemira e chapeus redondos.

Todos que passaram, montados em animaes, mostraram qualidades de bons cavalleiros, sobretudo em vista da pressa com que tentaram fúgir das trovoadas que surgiam de todos os lados.

A nossa caravana, porém, teve de aguentar tres fortissimos aguaceiros e, justamente ao escurecer, chegámos n'um miseravel terreiro com uma venda «As Taipas», onde mal achamos espaço para abrigar a nossa bagagem. Choveu toda a noite a cántaros, e as rans dos pantanos vizinhos reuniram-se para um concerto monótono.

Abrigados contra o furor dos elementos, achámo-nos afinal melhor dispostos e trocámos as nossas recordações, comparando os soffrimentos no Brazil n'esta noite com os gozos e prazeres que costuma trazer ella na culta Europa.

Entre Nossa Senhora Apparecida e As Taipas encontram-se grandes blocos d'um granito vermelho, de grão fino, semelhante ao existente na Serra do Mar, que são bastante arredondados, lembrando-nos os blocos que se encontram em diversos pontos no Norte da Allemanha, no valle do rio Pó na Italia, na Suissa etc., a grande distancia do mar. E' possivel que grande parte do valle, por onde corre hoje o Parahyba, tenha estado em ligação com o mar e que taes blocos tenham recebido sua presente fórma e

posição pela vehemencia da corrente. Ha, aliás, indicios no valle do Parahyba que provam já repetidas mudanças e modificações na direcção do curso d'esse rio.

No dia de Natal continuámos a nossa viagem em direcção S. S. oeste em demanda de Pindamonhangaba (o autor escreve: Pendamhongabo), distante cinco leguas de Guaratinguetá. Nos tres ribeiros Parapitinga, Agua Preta e Ribeirão da Villa a enchente era tamanha que só com perigo para as nossas collecções conseguimos passal-os.

Chovia ininterruptamente á cantaros e todo o valle estava quasi sempre coberto de neblina, de modo que não tinhamos nem vontade nem occasião de examinar de perto esta região rica em matas e agua.

Pindamonhangaba consta d'algumas casinhas baixas, disseminadas sobre uma collina e mostra pouca abastança. O capitão mór da localidade recebeu-nos com bastante gentileza, convidando-nos, em seguida, a vêr a igreja prompta só pela metade e cheia de ornamentações de madeira sem gosto algum. Encontramol-a profusamente illuminada, havendo nella um presepio. A circumstancia de encontrarmos também aqui tal uso religioso commoveu-nos e demorámos gostosamente na reflexão de que também nesta região quasi deserta se acha estabelecida a doutrina da salvação e se desenvolve cada vez mais puro o sentimento christão. Désde que desceramos das montanhas para o valle do Parahyba, a physionomia da paisagem tinha mudado cada vez mais e o caracter differente salientou-se tanto mais quanto nos afastámos das matas virgens da Serra do Mar.

O nosso caminho seguiu agóra no largo valle do Parahyba por sobre collinas chatas, cobertas, a principio, de variedade de arbustos baixos e arvores isoladas, mais longe, porém, tornaram-se mais descobertas, revestidas tão sómente de grama e hervas ou com longas filas de abacaxi. Tropas de mulas e gado vacum acharam alli o seu pasto. O Brazileiro distingue as duas principaes formas physionomicas da vegetação, Mato e Cámpo; as diversas variedades, porém, d'este ultimo que determinam, mais ou menos, o caracter da respectiva zona, tem muitas outras denominações. A maior parte do valle do Parahyba está coberta de campos que se estendem das alturas para baixo, raramente interceptados por mato.

Taubaté, onde chegámos de noite, acha-se situado sobre uma collina chata, tres milhas ao sudeste de Pindamonhangaba. Do cima vê-se grande parte dos campos, em que apparecem disseminados pequenos capões e arbustos. O mosteiro de S. Francisco, á esquerda do caminho e circumdado por algumas renques de majestosas palmas, produz impressão agradavel e offerece a expectativa d'um lugar de importancia. Na verdade, é Taubaté, que possúe uma rua principal de grande extensão, margeada, de ambos os lados, de casas, e algumas ruas secundarias, uma das mais

importantes villas de toda a provincia e tem quasi a idade da capital.

Na época em que a sêde de ouro impelliu grande numero de Paulistas, a tomarem parte em expedições perigosas e ousadas por Minas e Goyaz, salientaram-se os habitantes de Taubaté (Um dos descobridores das minas de ouro em Minas Geraes (1693), Antonio Rodrigues, era filho de Taubaté). — Por isso installou o governo também aqui uma usina para extracção de ouro. Este facto, porém, teve por consequencia uma rivalidade ardorosa e inimizade irreconciliavel entre os Taubatéanos e os visinhos Paulistanos (Piratininganos), de fórma que, onde quer que se encontrassem suas expedições, os dous partidos quasi nunca deixaram de empenhar-se em rixas sangrentas. Ainda agóra, segundo dizem, perdura essa inimizade rancorosa, se bem que os Taubateanos tenham abandonado completamente a extracção do ouro fóra da sua região, limitando-se á industria agricola e pastoril no seu torrão natal.

As mulheres fabricam de certas graminaceas, que crescem nas immediações da villa, esteiras para vendel-as principalmente para o Rio de Janeiro.

Descançámos um dia em Taubaté, afim de enxugar a nossa bagagem molhada. A casa que compartilhou comnosco um cidadão do lugar, não offerecia, aliás, commodidade alguma.

As casas, em geral, têm raramente mais de um pavimento, as paredes todas são de vigas fracas ou de sarrafos ligados a pau a pique, revestidas de barro e caiadas com uma argila branca (tabatinga) que se encontra em certos lugares das margens dos ribeiros; o telhado consiste de telhas de barro, raramente de palha, achando-se na parede da rua uma ou duas janellas com rotulas. O interior corresponde á construcção ephemera e ao material pobre. A porta de entrada, commummente com cancela, dá immediatamente para o maior compartimento da casa, sem soalho e, muitas vezes, sem paredes caiadas, á semelhança d'um simples rancho.

Serve este compartimento de sala. Dispensas, ás vezes também um quarto para hospedes, occupam o resto da frente da casa. A parte trazeira contém os quartos para a mulher e o resto da fámilia, as quaes retiram-se, conforme o costume portuguez, para esses quartos, logo que chegam pessôas estranhas. Cómmunicam estes quartos com a varanda coberta que geralmente occupa a largura inteira da casa, dando para o quintal. Ás vezes encontra-se egual varanda na frente da casa. A cosinha e os ranchos para os criados acham-se no lado opposto, no fundo do quintal.

Tambem a mobilia e os utensilios destas casas estão limitados ao estrictamente necessario; muitas vezes encontram-se sómente alguns bancos e cadeiras de madeira, uma

mesa, uma grande arca, um leito formado por quatro páus com taboas sobrepostas e uma esteira ou pelle de vacca (Girão).

Em logar de camas, os Brazileiros usam, quasi geralmente, de rêdes que fazem de fio d'algodão branco ou de côr. Em parte alguma o viajante observa poços, devendo servir-se das aguas pluviaes ou do rio. Os habitantes de Taubaté, comtudo, mostram maior abastança e educação do que os das pequenas villas pelas quaes passamos antes, sendo esta circumstancia decerto devida ás relações commerciaes existentes com o Rio de Janeiro e S. Paulo. Ha tambem alguma viticultura, estando justamente agora as uvas maduras e de gosto agradavel.

Ao sul de Taubaté o caminho passa por sobre algumas collinas humidas e cobertas de mata com magnificas plantas. A parte baixa egualmente é rica em plantas e insectos bonitos; entre outros encontramos aqui o Cérambyx longimanus, de aves uma nova variedade de Tyrannus com cauda comprida e o Cuculus Guira. Após dois dias de viagem, durante os quaes passamos por Vendas do Campo Grande, Sahida do Campo, Paranangaba e a pequena villa de S. José chegamos á villa de *Jacarehy*, onde resolvemos descançar. Tornamos a encontrar aqui o Parahyba que descreve uma grande curva, voltando para o norte em vez de continuar a direcção primitiva para o sul. As pessôas transpozeram-no por meio de canôas, os animaes a nado. Para dirigir estes, conduziram um animal amarrado por corda segura por pessoas que estavam na canôa, e os outros o seguiram. O Parahyba tinha actualmente, em consequencia das fortes e continuas chuvas, a largura de 170 pés. A navegação neste rio, por emquanto, não tem nenhuma importancia, devido, presumidamente, ás cachoeiras que existem no trecho inferior, ou porque o commercio visinho é insignificante e os habitantes não tem accesso facil para os seus productos por falta de pontes.

O trafego mais consideravel é entre *Aldêa da Escada* e *Pindamonhangaba*. Entre os habitantes desta região notamos uma hypertrophia endemica das amygdalas em tão alto gráu que não é commum encontrar-se na Europa. Muitas vezes o pescoço inteiro parece inchado, o que dá a esta gente, na maior parte de côr, um aspecto detestavel. Entretanto, parece que aqui consideram isso como embellezamento e não como deformação; porquanto, não raras vezes, vê-se mulheres com o pescoço inchado, enfeitado com correntes e joias de ouro ou prata, como que a exhibirem-no, sentadas á porta da casa com um cachimbo na mão e um fuso para fazer fios d'algodão.

Principalmente soffrem desse mal os negros, mulatos e mamelucos (i. e. bastardos de brancos e indios) que formam a maior parte da população; entre os brancos estão as mu-

lheres mais sujeitas ao mesmo do que os homens. As causas desta deformação parecem aqui exactamente as mesmas que em outros paizes; pois não são as altas e frias regiões montanhosas, mas sim o valle baixo do Parahyba, coberto frequentemente de denso nevoeiro, onde occorre o mal. A direcção de ambas as serras do sul para o norte não permitte a ventilação radical do valle, a mesma agua que se evapora, durante o dia, do rio e dos pantanos visinhos, recahe no valle durante a noite em fórma de neblina; o calor é consideravel e a agua, bastante impura e quente do rio, substitue a bôa agua potavel; as casas são humidas, sujas e expostas á acção dos ventos. A alimentação tem por base a farinha de milho, com preferencia á de mandioca, sendo mais substanciosa aquella, mas por outro lado, menos facilmente digerivel, e toucinho de porco, sendo possivel que contribúa isso para o desenvolvimento da doença; finalmente devem, talvez, ser considerados os excessos «in venere» causas concomitantes da existencia do struma (papo), como no Rio de Janeiro do sarco e hydrocele. Comquanto não se manifestem os tristes symptomas do cretinismo da mesma fórma que se notam na Europa ligados ao struma, todavia as pessoas nas quaes o mal se acha bastante desenvolvido, mostram não sómente indolencia e ausencia de energia como tambem o que propriamente se pode chamar «estupidez». Costumam applicar aos doentes cataplasmas de abóbora quentes e internamente agua que deixavam durante alguns dias sobre grandes formigueiros. Os cupins produzem, como é sabido, uma substancia viscosa que serve de cimento na construcção das suas habitações e parece, realmente, que tal substancia contém principio activo contra o desenvolvimento do struma. Os negros usam aqui como na Africa frequentemente substancias viscosas, alli p. e. a gomma arabica, contra o struma com successo, parecendo indicar tal facto que se trata d'uma anomalia de nutrição.

No caminho de *Jacarehy* encontrámos varios fugitivos hespanhóes, pertencentes ao sequito do bispo de Cordova. Eram victimas do partidarismo politico de Buenos-Aires e do Paraguay, e foram acolhidos pelos Paulistas com manifesta sympathia e humanidade. Pela remessa de força militar de S. Paulo para a ilha de Santa Catharina e dalli para Montevidéo os Paulistas tomaram interesse pelos acontecimentos politicos do Sul, julgando elles merecer, pelo acolhimento hospitaleiro desses fugitivos, direito a egual tratamento para os patricios actualmente no Sul.

A expedição portugueza para Montevidéo acarretava enormes sacrificios para a provincia de S. Paulo, porquanto foram remettidos não só tropas do exercito como tambem um regimento de milicias, o que occasionou sensivel falta na classe trabalhadora, com consequencias funestas para mais de uma familia. Como pereceram essas milicias em numero avultado, uns no combate contra o inimigo e outros

dizimados por doenças, observava-se geral descontentamento na capitania por causa desse emprehendimento.

E' verdade que o Paulista distingue-se entre todos os habitantes do Brazil pela lealdade e obediencia ao governo constituido; uma guerra, porém, que, na opinião geral, não foi emprehendida por motivos sufficientes, mas unicamente pelos caprichos d'uma minoria, devia afigurar-se cousa estranha ao cidadão pacifico, não habituado á guerra e provocar os mais vivos protestos, logo que foram sacrificadas a vida e felicidade de alguns concidadãos. Grande parte das milicias, por isso, desertaram, mesmo antes de se porem em marcha as forças, refugiando-se nos sertões inhabitados ou na provincia de Minas Geraes, a qual não tinha, em virtude das prerogativas de cada provincia, obrigação de entregal-os novamente ao governo de S. Paulo.

Em *Aldêa da Escada*, pequena aldêa tres milhas ao sul de Jacarehy, não longe de um velho hospicio de carmelitas, antigamente de certa importancia, hoje, porém quasi deserto, ao pé de uma montanha e á margem do Parahyba, tivemos o prazer de encontrar um sacerdote bastante intelligente, o qual dirige uma missão dos indios visinhos.

Contou-nos que a sua actividade reduziu-se mais de dia em dia em consequencia da ordem régia que aboliu todo constrangimento exercido contra os indios, dando a elles todos os direitos civis de que gozam os demais habitantes. Os effeitos dessa medida são de certa maneira desastrosos, porquanto de todos os logares, onde ha indios debaixo da tutela ou fiscalização dos portuguezes, retiram-se aquelles, cada vez em maior numero, para as matas. Presentemente a missão contava apenas sessenta parochianos. Não representam elles os remanescentes de uma mesma nação, mas sim uma mistura de diversas que possuiam esta região antes do dominio dos portuguezes.

O traço caracteristico de raça, indolencia taciturna, que se manifesta principalmente pelo olhar vago e pelas maneiras timidas do americano, eleva-se, ao primeiro passo na esphera da reflexão, e em consequencia do constrangimento desacostumado da civilização e do contacto com negros, mestiços e portuguezes, até o quadro tristissimo de intimo descontentamento e perversidade. O tratamento da parte d'alguns dos actuaes fazendeiros contribue, aliás, sem duvida, para tal decadencia moral e physica. Nem traços nacionaes nem deformações corporaes voluntarias (tatuagem), nem habitos ou costumes permittem concluir a que tribu ou tribus pertenciam esses miseros restos de habitantes primitivos. Egualmente a lingua que se ouve dos indios d'esta missão, parece composta de idiomas differentes e conter, sobretudo, muitas palavras emprestadas á lingua Guarani. Segundo os historiadores, ha probabilidade de que tivesse morada tanto aqui como nos campos de Piratininga ou São Paulo a tribu dos *Goyanases*. Dizem que estes ultimos se

distinguiam dos seus vizinhos, os *Tamoyos* e *Carijós*, pelo habito de morarem em covas subterraneas e de não matarem os inimigos vencidos; mas sim conservarem-n'os em escravidão, e que, juntamente com os *Goytacazes*, indios da mesma origem e que moravam mais para o norte, fórmavam os Goyanazes uma raça bella, vigorosa e guerreira.

Se os indios existentes ainda na Aldea da Escada, nas vizinhas matas da Mantiqueira e da Serra do Mar fossem realmente descendentes dos Goyanazes, essa lenta decadencia physica e physionomica, como consequencia d'um convivio de poucos seculos com brancos, seria um phenomeno bastante curioso. Custa acreditar que aquella nação vigorosa e aguerrida pudesse ter soffrido tão grande reducção no numero de individuos e ter chegado a estado tão miseravel n'um espaço breve. Mais provavel é serem estes indios descendentes da tribu dos *Carijós* ou *Guarús*, mais fracos que os Goyanazes, dos quaes eram inimigos, constando que d'elles existem ainda restos dispersos, sob a denominação de indios *Sacurús* na serra dos Orgãos egualmente. Talvez, se tenham misturado com aquelles Carijós ainda alguns descendentes dos Tamoyos, rudes cannibaes, que os primeiros colonos portuguezes na região do Rio de Janeiro pintam com côres terriveis e contra os quaes o dr. Antonio Salema, no anno de 1572, fez a ultima guerra de exterminio.

Os povos do continente americano, em épocas antigas, emprehenderam migrações semelhantes áquellas que levaram os povos da Asia central para a Europa. Que a direcção geral d'estas migrações foi do norte para o sul parece agóra fóra de duvida em virtude de investigações procedidas por viajante celebre. Também nós teremos ainda occasião de mencionar alguns factos que confirmam essa supposição. Além dos grandes movimentos geraes dos povos, porém, houve ainda muitos outros parciaes, em diversas direcções, e a chegada dos européus ás costas do Brazil impeliu, provavelmente, algumas das tribus mais importantes e fortes para o interior do paiz, só continuando as tribus mais fráca no antigo lugar, porque lhes parecia offerecer a junecção ou submissão aos portuguezes maior somma de segurança.

A mais poderosa de todas as tribus, os *Tupinambás*, os quaes foram encontrados nas costas pelos europeus, fornece-nos a prova da exactidão de tal opinião pelas suas extensas migrações e a successiva retirada das costas da Bahia e Pernambuco para Maranhão, Pará e o rio Amazonas acima até a fóz do rio Madeira, onde vêmos desapparecer o ultimo resto que as continuas guerras deixaram ainda, em Tupinambaránа (hoje Villa Nova).

Pernoitámos em Tarumá, um rancho isolado n'uma planicie rodeada de matas, visto não nos ter sido possivel alcançar a villa de *Mogy das Cruzes*. N'esta região notámos algumas fámilias de *cafuzos*, bastardos de negros e indios.

O exterior d'elles desperta vivamente a curiosidade do europeu. A sua estatura é alta e larga, com musculos bem desenvolvidos principalmente os do thorax e dos braços, os pés, porém, são, em comparação, fracos. A côr da pelle é de cobre escuro ou de café. A physionomia, em geral, é antes da raça ethiope do que da americana. A cara tem forma oval, os ossos fáciaes são salientes, porém menos largos de que nos indios, o nariz é largo e deprimido, mas pouco curvado, a bocca larga com labios grossos, porém pouco salientes, os olhos pretos de olhar mais franco do que nos indios, entretanto um pouco obliquo ainda. O que, porém, empresta a estes cafusos uma apparencia bem singular é o cabello extremamente comprido que se levanta meio crespo nas extremidades, do meio da fronte quasi verticalmente até a altura de 1 até 1 1/2 pés, formando assim uma cabelleira monstruosa e bastante feia. Tal formação curiosa do cabello que á primeira vista parece mais artificial do que natural, não é devida a nenhuma doença, mas simplesmente consequencia do cruzamento de raças, representando o meio termo entre o cabello lanoso (felpudo) do negro e o cabello comprido e liso do americano.

A altura da cabelleira, ás vezes, é tamanha, que obriga ao portador a curvar-se para passar pela porta da casa. Por aquella formação do cabello os cafusos assemelham-se aos Papús da Nova-Guiné.

As montanhas baixas perto da Aldea da Escada representam as ultimas ramificações da Serra do Mar. Uma série de pequenas collinas liga aqui as primeiras montanhas d'aquella serra com as da Serra da Mantiqueira. A vegetação é sobremaneira rica e pujante; ás formas da mata virgem reunem-se as mais finas dos campos e dos pantanos. De animaes, porém, e especialmente de insectos, a região parecia pobre na época da nossa passagem. As montanhas consistem, em geral, de gneiss. Antes de chegar á pequena villa de *Mogy das Cruzes*, distante cerca de 2 leguas de Taruma, apparece em alguns lugares uma pedra arenosa vermelha, alternando com jazidas de argila. Pouco a pouco effectua-se uma descida consideravel até encontrar-se no valle abaixo o rio *Tieté*, cuja correntesa aqui é bem mais lenta do que mais adeante na direcção noroeste, onde fórma diversas cachoeiras até a sua união com o rio Paraná.

Em Mogy a familia do Capitão preparou-nos uma recepção cordialissima. Esta boa gente tinha feito dos allemães mais ou menos as mesmas idéas que antigamente os gregos dos hyperboreos. Assim interessavam a elles não só a distancia da nossa patria septentrional como também o nosso habito externo. A parte feminina da familia examinou, com a graciosa ingenuidade peculiar ás Paulistas, os detalhes do nosso traje, exaltando a côr branca da nossa pelle aqui muito apreciada. Poucos dias antes tinha morrido um trabalhador da casa em consequencia da mordedura d'uma cobra (jararaca). Uma garrafinha de agua de Luce que deixamos, como remedio em futuros accidentes d'essa ordem, foi motivo dos mais vivos agradecimentos por parte de toda a familia.

As cercanias de Mogy já mostram certo desenvolvimento da agricultura, comtudo parece, na actualidade, bem sensivel a falta de braços causada em parte pela partida das milicias para o Sul.

No ultimo dia do anno, depois de termos atravessado umas matas e um campo deserto e pantanoso e passado um bonito sitio, chamado «Casa Pintada», distante tres leguas e meia da capital, abriu-se deante dos nossos olhos, na collina de Nossa Senhora da Penha—o panorama da cidade de *São Paulo* que se ergue sobre uma collina n'uma planicie occupada aqui e acolá, de arbustos, feixados ou capões. Diversos edificios grandes emprestam á cidade, vista deste lado, um aspecto assás importante, distinguindo-se sobretudo o antigo collegio dos jesuitas, hoje residencia do Governador, o mosteiro dos Carmelitas e o palacio episcopal. Quando chegámos á cidade, encontrámos, devido á attenção d'um patricio nosso, uma casa preparada para a nossa recepção e provida das commodidades que as circumstancias permittiam.

O senhor Daniel Pedro Müller, tenente-coronel do Real Corpo de Engenheiros, cujo pae foi, no principio, pastor da colonia allemã protestante e depois secretario da Academia de Sciencias de Lisbôa, embóra educado desde tenra idade em Portugal, soube conservar as mais cordiaes sympathias para com os seus patricios primitivos, recebendo-nos com uma lealdade e amizade allemã que devia despertar logo a nossa mais sincera estima e gratidão, sentimentos estes que temos o prazer de poder manifestar aqui publicamente.

Livro terceiro

CAPITULO I

ESTADIA NA CIDADE DE SÃO PAULO

O governo da provincia de São Paulo achava-se nas mãos d'um triumvirato, porque o Conde de Palma que acabava de assumir o governo da Bahia, não tinha ainda sido substituido pelo seu successor, o Barão de Oeiras (hoje), filho de pae allemão. Conforme a praxe estabelecida de longa data em semelhante caso, as autoridades superiores, ecclesiastica, militar e civil, administram conjunctamente a provincia. Era presidente d'este conselho o bispo Dom Matheus, veneravel ancião de 80 annos, natural da ilha da Madeira e educado na França. Foram os seus adjunctos o Brigadeiro de Santos e o Ouvidor de São Paulo. Receberam-nos

estas autoridades com bastante cortezia e ao mesmo tempo tivemos o prazer de encontrar os nossos patricios, os srs. Principe Taxis, Conde Wrbna e Conde Palfy, que se achavam aqui já havia oito dias. Estes senhores, sem motivo de demorarem-se em caminho, tinham feito a viagem do Rio a S. Paulo em tempo mais breve e já estavam prestes a voltarem para o Rio. Foi, por isso, por pouco tempo só que tivemos o prazer de visitar, em companhia d'elles, os logares e edificios mais notaveis da mais antiga cidade do Brazil, e sentimos ainda mais a nossa separação, porque o nosso amigo, o pintor sr. Th. Ender, com quem viviamos no Rio, tambem voltou para alli em companhia d'esses cavalheiros.

A cidade de São Paulo acha-se situada sobre uma collina nos vastos campos de *Piratininga*. A maneira de construcção demonstra pelos muitos balcões engradados que aqui não desappareceram ainda como no Rio de Janeiro, uma idade de mais de um seculo; entretanto as ruas são largas, arejadas e limpas, as casas têm, na maior parte, dous pavimentos. Raramente empregam-se tijolos e menos ainda alvenaria, sendo os muros em geral de *taipa*.

A residencia do governador, antigo collegio dos jesuitas, tem bom estylo de construcção, porém, não offerece mais segurança agóra; tambem o palacio episcopal e o mosteiro dos Carmelitas são grandes edificios, a cathedral e algumas outras igrejas são grandes, embóra carecendo de ornamentação de gosto; no resto o caracter architectural é modesto e burguez. A cidade possue tres mosteiros de frades (franciscanos, carmelitas, benedictinos), dous de freiras e dous hospitaes. O senhor tenente coronel Müller tem, fóra da cidade, um circo para touradas, segundo parece, solidamente construido, merecendo, aliás, elogios pela construcção de tres pontes de alvenaria sobre os corregos Tamanduatahy (Tamanduateby) e Inhagabahy (Anhangabahú) que se reunem abaixo da cidade.

Nos annaes do Brazil São Paulo offerece maior interesse historico do que todas as outras cidades. Aqui trabalharam antigamente (1552) os piedosos padres jesuitas Nobrega e Anchieta na catechese d'uma tribu pacifica dos indios *Goyanázes*, sob o mando do seu cacique Tibiriçá. Apraz muitas provas bem duras, que lhes valeram o titulo de thaumaturgos, fundaram elles mediante a chamada de colonos portuguezes de *São Vicente*, onde já em 1527 existia uma colonia, o primeiro estabelecimento de sacerdotes no interior do Brazil. Certo numero de condições, antes de tudo, porém, o clima ameno e o caracter manso dos indios que cruzaram-se com os européus, favoreciam esta colonia; ainda não tinham decorrido cem annos, e já encontramos os Paulistas entregues a emprehendimentos arrojados. Hoje levam elles, depois de ter cahido a sua terra natal sob o dominio hespanhol, minados do sentimento da independencia e liberdade portugueza, a guerra a longinquas provincias hespanholas, amanhã andam elles impellidos pela sêde de ouro, perscrutando os sertões do interior em todos os sentidos, exercendo, pelas suas descobertas felizes, decidida influencia sob e o paiz inteiro e mesmo sobre a mãe patria. Como consequencia d'esses factos notamos, de um lado, um desenvolvimento mais franco das condições do cidadão, de outro lado, porém, rixas entre familias, de caracter quasi identico ao d'aquellas que, durante a edade media, occorreram nos pequenos estados livres da Italia, uma luta exacerbada para fóra, principalmente contra a colonia rival de *Taubaté*, e assim, dentro do espaço de cento e cincoenta annos, desenrola-se deante dos nossos olhos quasi uma inteira historia evolutiva, para cuja formação concorrem todos os elementos intrinsecos necessarios. A este respeito distingue-se São Paulo entre todas as cidades do Brazil e aqui mais do que em outra parte o presente acha-se ligado ao passado. Este sentimento tem-no tambem o Paulista, e não sem orgulho diz elle comsigo mesmo que o seu torrão natal possúe uma historia propria, interna, determinando poderosamente a dos seus visinhos, embóra não remonte ella senão a poucos seculos. Esta circumstancia, sobretudo, devemos levar em linha de conta afim de attenuar e rectificar o juizo desfavoravel que costumamos formar ácerca do caracter do Paulista. Escriptores antigos descrevem os Paulistas como um povo avesso a toda regulamentação legal dos costumes, tendo-se, por isso mesmo, separado de Portugal para formar uma republica autonoma. Vieram em apoio d'esta opinião os relatorios dos jesuitas, os quaes, innegavelmente, tinham motivo para mostrarem-se descontentes com os Paulistas. Desde o anno de 1629 invadiram estes ultimos diversas vezes as reduções de indios, estabelecidas pelos jesuitas no Paraguay, levando comsigo todos os indigenas como escravos com insudita crueldade. Estas expedições flibusteiras e bem assim as explorações por causa do ouro em Minas, Goyaz e Cuyabá deram ao caracter dos Paulistas d'aquella época um cunho de dureza egoista e rude, implantando n'elles o menospreso de todas as condições e relações baseadas na Lei e nas noções de humanidade. Actualmente, porém, attenuou-se essa natureza rude, gozando o Paulista, em todo o Brazil, da reputação de grande franqueza, coragem inquebrantavel e avidez romanesca de perigosas aventuras. E' verdade que no seu caracter ficou um traço de iracundia e vingança rancorosa, de orgulho e dureza, sendo temido, por isso, pelos visinhos; o estrangeiro, porém, não enxerga n'isso senão seriedade e caracter, reconhece elle na sua franca affabilidade e hospitalidade um traço amavel, ficando conhecendo os defeitos delle menos do que os vizinhos. O seu orgulho pode ser desculpado unicamente pela circumstancia de poder vangloriar-se o Paulista dos seus legitimos direitos a esta parte do nosso mundo, creados pelos feitos dos seus antepassados, não tendo os

colonos europeus os mesmos direitos. Não ha duvida que os primeiros colonos cruzaram-se frequentemente com os indios visinhos, lembrando a côr e a physionomia do povo aqui mais do que em outras cidades do Brazil, p. e. Bahia e Maranhão, esses cruzamentos. No resto fixaram-se aqui sempre brancos em grande numero.

Em tempos passados muitos hespanhoes visitaram a capitania de São Vicente, e, entre outros, chegaram também muitos, depois do exito desastroso da expedição do Adelantado d. Pedro de Mendoza no Paraguay (1538-1546), assim como mais tarde, em principios do seculo decimo oitavo, havendo ainda vestigios d'elles em alguns nomes hespanhóes de familias Muitos Paulistas conservaram-se sem mistura com os indios, e estes têm a mesma côr branca, até mais branca do que se verifica nos puros descendentes de europeus no Norte do Brazil. Os mestiços procreados com indios — mamelucos —, têm, conforme o grau da mistura do sangue, a pelle côr de café, amarella clara ou quasi branca. Sob estudo, porém, resta como testemunha da mistura o rosto largo, arredondado com ossos faciaes salientes, os olhos pretos, não muito grandes e certa instabilidade do olhar. Os traços principaes da physionomia do Paulista são, aliás, estatura alta e larga, traços physiognomicos bem accentuados que denunciam desembaraço e amor da liberdade, olhos pardos, raramente azues, cheios de fogo e espirito de emprehendimento, cabellos pretos e lisos, musculatura forte, agilidade e destreza nos movimentos. Com razão são elles tidos como os mais vigorosos e sadios habitantes do Brazil. A força muscular que desenvolvem, quando se trata de domar cavallos ou de apanhar animaes soltos por meio de laço, é não menos admiravel que a facilidade com que aguentam labores continuados e fadigas, sêde e fome, frio e calor, humidade e privações de toda especie. Como no passado, é quasi indomavel o gosto d'elles pelas *migrações* e viagens, e assim não encontramos disseminados pelo Brazil colonos oriundos de outra qualquer provincia em tão grande numero como os procedentes de São Paulo. Em geral podemos definir o temperamento do Paulista como melancolico com alguma mistura de colerico. De certa maneira a sua constituição moral indica assim a zona que habita, porque quanto mais nos approximamos do equador, tanto mais pronunciado encontramos o caracter colerico. As habitantes femininas de São Paulo tem em commum com o sexo masculino a ingenuidade e indole bondosa. O tom da conversa é natural e jovial, animada de gracejos alegres. E' injusto accusal-as de leviandade, como alguns o têm feito. Comquanto o espirito da conversa esteja em vivo contraste com os costumes afinados das suas irmãs europeas, ás quaes a etiqueta severa não permitte a manifestação franca dos seus sentimentos, todavia não é de extranhar a alegria natural d'ellas n'uma provincia, onde se tem conservado, mais do que em qualquer

outra parte a franqueza e naturalidade do sentimento. As Paulistas são de figura esbelta, embora de constituição forte, graciosas nos seus movimentos, mostrando nos traços do rosto bellamente arredondado um agradavel conjuncto de alegria e franqueza. Tambem é o seu colorido menos pallido do que o da maior parte das demais Brazileiras, e por isso são ellas reputadas as mais bellas damas do Brazil (Ha proverbio que diz: Merecem louvores na Bahia *Elles*, não *Ellas*; em Pernambuco *Ellas*, não *Elles*; em São Paulo *Elles* e *Ellas!*).

Entre os Paulistas e os Pernambucanos encontra-se o maior numero de homens illustrados.

Os jesuitas promoveram aqui antigamente muito o estudo da theologia, sahindo dos collegios d'elles diversos homens distinctos. No gymnasio, se é permittido denominar assim o respectivo instituto, são lidos os classicos latinos com assiduidade. Também os estudos da philosophia que se ensinou antigamente nas escólas do Brazil de acordo com um livro bastante antiquado, tomaram outro rumo, desde que a philosophia de Kant tornou-se accessivel aos pensadores brazileiros mediante a traducção de Viller. O lente substituto de philosophia, Antonio Ildefonso, estava bastante versado no systema dos philosophos do Norte, e fomos agradavelmente surprehendidos achando termos e noções da escola allemã transplantados para as terras da America. A unica bibliotheca da cidade, além da dos Carmelitas, é a do veneravel bispo, o qual, apezar da sua idade, sabe conservar um vivo interesse pelos assumptos scientificos, mostrando-nos a bibliotheca com manifestações de sincero enthusiasmo. Contém ella bom numero de obras historicas, canonicas, de classicos antigos, constituindo importante meio de instrucção para os jovens sacerdotes que fazem durante alguns annos os seus estudos no seminario episcopal.

O numero dos habitantes da cidade de São Paulo eleva-se, segundo as estatisticas mais recentes, a pouco mais de 30000, sendo metade brancos e metade gente de côr. A população inteira da capitania de S. Paulo era no anno de 1800 de 200,478, no anno de 1814 de 211,928 e 1815 de 215,021.

A proporção da natalidade é digna de nota. Em geral conta-se 1 nascimento sobre 28 habitantes, sendo conhecida como a proporção mais favoravel a natalidade em quinze aldêas na visinhança de Paris com 1:22,7 e em trinta e nove aldeas hollandezas com 1:23,5; aqui, porém, conta-se 1 nascimento sobre cada 12 habitantes. A proporção da mortalidade que é de 1:46, é também um pouco inferior á constatada nas povoações, fóra dos grandes centros, da Allemanha.

Entre os habitantes de São Paulo o gosto pelo luxo europeu não se acha ainda tão desenvolvido como entre os ricos Bahianos, Pernambucanos e Maranhenses. Commo-

didade e asseio têm, nas installações domesticas, preferencia sobre elegancia e luxo, encontrando-se, em vez da mobilia norteamericana e dos espelhos francezes d'aquellas provincias, na sala uma fileira de cadeiras pesadas, cuja origem remonta a diversos decennios, e um pequeno espelho que se afigura ao visitante allemão, pela moldura de Nuremberg, como caro patricio seu. No logar de grandes lampeões de vidro ou candieiros com velas de cera, occupa o centro da mesa um lampeão de latão, no qual se queima, em geral, o oleo do «Ricinus communis». No tom da sociedade não se nota ainda grande influencia da Europa.

O jogo de cartas serve aqui com mais raridade para avivar a conversa, fála-se mais para distrahir se e enchem-se os intervallos com cantos e danças. Durante a nossa estadia tivemos o espectaculo d'uma tourada no circo. Os touros vêm do sul da provincia, principalmente de Curitiba. De ta vez os animaes não pareciam ter grande coragem, e egualmente os *matadores* (quasi todos gente de côr) pareciam inferiores em agilidade e coragem aos seus collegas hespanhóes. O caracter portuguez é, alias, avesso a tal divertimento, e n'um paiz, onde a natureza fórnece armas a tantos inimigos vigorosos do homem, é com profundo desgosto que se vê um animal domestico util transformado em instrumento de espectaculo tão cruel. Nem festas dramaticas fáltaram então em São Paulo. Assistimos no theatro modernamente construido á representação da opereta franceza «Le Déserteur» em lingua portugueza. O espectaculo correspondia áquelle tempo em que o carro de Thespis andou pela primeira vez pelas ruas de Athenas

Os actores, todos gente de côr, pertenciam á categoria d'aquelles aos quaes Ulpianus dá ainda «levis notæ maculam». O primeiro actor, um barbeiro, conseguiu commover profundamente aos seus concidadãos. Que a musica também andasse ainda, quasi chaoticamente. á procura dos seus elementos primitivos, não podiamos estranhar, visto que fóra do violão preferido para acompanhamento do canto, não se toca quasi nenhum instrumento de musica com assiduidade.

Por intermedio d'um capitão sueco, o Senhor Dankwart, que tinha fixado residencia aqui, fómos uma noite introduzidos n'uma soirée musical, onde recebemos uma impressão bastante favoravel do talento musical das senhoras Paulistanas. O canto d'ellas é cheio de singeleza e ingenuidade, correspondendo inteiramente ao espirito do idyllio poetico. As canções populares são de origem portugueza ou brazileira. As ultimas distinguem-se pela simplicidade natural no texto e na melodia. Amor despresado, torturas do ciume, a dôr da separação são os assumptos predilectos.

Toda a provincia de S. Paulo tem terras sobretudo proprias para o exercicio da industria pastoril. Possúe ella os mais extensos campos, onde se dão bem todas as especies de gado, principalmente o gado bovino e cavallar. Actualmente, que a população mais numerosa se acha concentrada nos districtos ao longe da costa e em zonas que se prestam para o cultivo da canna e plantas similares, a proporção do rendimento da agricultura e do da industria pastoril é de 4:1. Se calcularmos para o anno 1814 o rendimento total da lavoura de 1005:764$000, recahem..... 178:678$800 só sobre os productos da industria pastoril. Em comparação com o numero dos habitantes de S. Paulo a producção de generos coloniaes é, aliás, aqui já consideravelmente mais baixa do que nas provincias do norte, particularmente não dão muito bem o algodão e o café (?), a canna soffrivelmente. No anno 1808 contaram se nada menos de 458 engenhos d'assúcar e 601 alambiques para fabricação de cachaça, a producção de muitos d'esses engenhos, porém, limita-se a supprir as proprias necessidedes domesticas. Pequenos alambiques achám-se na maior parte das 190 fazendas—de criar—, emquanto as suas terras permittem o cultivo da canna. Mais ou menos a metade da producçao da capitania consome-se n'ella mesma, exportando-se a outra metade. Café, assúcar, fumo, aguardente, algum algodão, copaiba, pelles e chifres de boi, sebo etc. seguem para a Europa via Santos ou via Rio de Janeiro. O cultivo da mandioca não é muito frequente, mais frequente é o do milho. Os habitantes não julgam saudavel a farinha da mandioca, como os habitantes do norte julgam pouco saudavel a farinha de milho. Para o Rio exportam-se bastante milho e outros generos alimenticios para o consumo alli; para o Rio Grande do Sul, Montevideo e Buenos-Aires assúcar e aguardente; para Pernambuco e Ceará e Maranhão principalmente carne secca (pasoca); Goyaz e Mato Grosso recebem ainda sal e ferro, fóra de outros productos estrangeiros. O unico porto da provincia, em communicação directa com Oporto, Lisbôa, e as ilhas portuguezas, é Santos. Embóra distante da capital de S. Paulo 12 legoas só, as altas montanhas da Serra do Mar fazem que se eleve tal distancia quasi a 50 milhas. O caminho do *Cubatão*, como se denomina esta parte da serra, attinge em alguns pontos á altura de 3000 pés e mais acima do nivel do mar, e tem fortes declives, sendo a passagem practicavel só para mulas. Apezar dos melhoramentos executados pelo governador geral França e Horta torna-se necessario dividir todas as cargas em volumes pequenos para tranportal-as em ambas as direcções. Para fornecer á capital só um sino de egreja ou uma peça de artilharia torna-se mister o gasto d'uma somma extraordinaria em força e dinheiro. Os dous outros portos da provincia Paranaguá e Cananéa, distante o primeiro 58 é o ultimo 67 legoas de São Paulo, não tem importancia. Estão elles supprindo a comarca de *Curitiba*, as proprias terras de campo da provincia, com o mais indispensavel importado via Santos ou Rio de Janeiro. A exportação limita-se ainda

mais a farinha, pelles, carne secca e herva mate. Esta ultima representa aqui como no Rio Grande do Sul e nos paizes de La Plata, genero de primeira necessidade e de consumo quotidiano. Prepara-se o chá mate das folhas seccas e pulverisadas do arbusto «Cassine Gongonha nob.), costumando-se tomal-o por meio de tubos finos, em cuja extremidade se acha fixada uma pequena peneira. As alludidas condições do commercio de S. Paulo deixam entrevêr que não pode haver abundancia de moeda circulante como acontece nas provincias do norte, onde um commercio mais desenvolvido produziu um gosto bem accentuado pelo luxo. Até na capital nota-se quasi escassez do meio circulante, o que deixa ainda mais indifferente o habitante do campo, o qual, na sua simplicidade patriarcal, desconhece completamente muitas necessidades européas, julgando-se mais rico com o lucro tirado das suas tropas do que com a affluencia de dinheiro e de artigos de luxo européus.

As condições da industria fábril de S. Paulo correspondem perfeitamente ás do commercio. Além da fabricação domestica de fázendas grossas de lã e chapéus de feltro branco, nenhuma outra é conhecida aqui. Os criadores mais ricos costumam curtir grande parte das pelles do gado ou exportam-nas salgadas. Para o curtume emprega-se, aqui como no Rio, a casca de Rhisophora Mangel (o Mangue). Ha os necessarios profissionaes, embóra nem sempre perfeitamente habilitados.

Poucos mezes antes da nossa chegada o governo tinha transferido do Rio para cá uma fabrica de espingardas, sob a direcção do sr. tenente-coronel Müller. Os 8 mestres eram todos allemães, tendo sido chamados, ha annos, da fabrica de armas de Potsdam. Sob a direcção d'elles trabalhavam mulatos e negros, mostrando docilidade e dextreza, provando, porém, pela sua preguiça e falta de attenção serem justamente o contrario do operario allemão. Um aprendiz preto concertou muito bem uma das nossas espingardas estragada na viagem. Usam ordinariamente aço inglez ou aço fabricado de ferro de Sorocaba (Ypanema). Os productos da fabrica, embóra optimos, sahem tão caros como os importados da Europa, em consequencia da pouca demanda e do pequeno numero de operarios que torna impossivel a organização proveitosa do serviço. Como primeira escola de industria nacional, entretanto, a fabrica é util e de importancia.

O bispo d. Matheus de Abreu Pereira occupa-se, na sua quinta, também com a criação do bicho de seda que prospera bem, fornecendo um fio bastante bonito. Como a amoreira dá muito bem no clima de S. Paulo, é de esperar que a criação do bicho de seda possa ser desenvolvida com grande vantagem. A cultura da cochonilha, porém, poderia dar aqui resultados mais apreciaveis ainda, visto que o «cactus coccinellifer» encontra-se, com o respectivo insecto,

em muitos lugares da provincia de S. Paulo. Talvez, á pouca inclinação dos habitantes para trabalhos penosos seja devido o não desenvolvimento, por emquanto, da cultura de cochonilha.

As cercanias de São Paulo são lindas, embora de aspecto mais terrestre do que as do Rio de Janeiro. A ausencia do espectaculo grandioso do mar e de montanhas massiças fica compensada pelo panorama d'um extenso territorio que offerece toda a variedade possivel de campinas verdejantes e frondosas matas, de collinas alternantes com bons valles. Pode ser que a bella natureza, juntamente com o clima feliz, tenha fomentado o gosto dos Paulistas pelo cultivo de jardins e hortas, encontrando-se alguns d'estes, de effeito bastante agradavel, perto da cidade. Além das arvores fructiferas da terra, como a guyava, goabiroba, grumijama, jabot caba, acajú etc. cultivam ainda melões, larangeiras, figueiras, cerejeiras, pecegueiros, marmeleiros, e algumas variedades de madeiras, com bons resultados, egualmente experimentaram já a cultura da nogueira e do castanheiro.

A videira e azeitona ao contrario parecem de difficil acclimação ou carecem ainda do tratamento apropriado. As uvas que experimentámos, eram bastante azedas; pode ser que para a videira o sólo seja humido e pesado demais. A azeitona quasi nunca dá fructos, talvez por cahir a época da maturação na estação das chuvas. Verduras e legumes europêus dão-se bem; as cebollas de S. Paulo são celebres, como as da ilha de S. Catharina, por causa do seu tamanho e da sua quantidade. Comquanto já se note aqui a differença entre as diversas estações do anno, manifestando-se tanto no desenvolvimento das flôres como na formação dos fructos, parece não ter ella influencia ainda sobre a constituição das madeiras, encontrando-se aqui como na immediata visinhança do equador madeiras da maior densidade e sem vestigio quasi de annéis.

O clima da cidade de S. Paulo é dos mais salubres e agradaveis da terra. Tanto a posição quasi no tropico do capricornio como a elevação de 1200 pés sobre o nivel do mar de Santos proporcionam á cidade todos os encantos d'um céu tropical, sem os inconvenientes d'um calor exaggerado. Durante a nossa estadia o thermometro oscillava entre 15.° e 18° R. e o bygrometro entre 67.° e 70° A temperatura média annual dizem ser de 22 a 23° Cels. A differença das temperaturas nos mezes do inverno (Maio até Setembro) e nos mezes do verão ou da estação chuvosa (Outubro até Abril) é mais importante e sensivel do que nas provincias do norte. Não raramente nas regiões altas cáe geada durante o inverno; o frio, porém, nunca se torna tão intenso e persistente que exija a installação de fogareiros. Nas extensas planicies ao oeste e sul da capital nota-se certa regularidade na correspondencia dos ventos com a posição do sol. A maior quantidade de chuva cahe

no mez de Janeiro. N'este mez encontrámos muitas vezes as collinas perto da cidade, de manhã, cobertas d'uma neblina densa e fria que se dissipou sómente com o apparecimento do sol. Nos sertões do interior a estação das chuvas começa mais tarde.

A posição geographica da cidade tinha sido minuciosamente determinada por Oliveira Barbosa, membro da commissão de limites portug.-hespanhola, 331°,24',30" long. D. Fer. e 23.°, 33', 30' lat. sul (48° 59' 25" long. de Paris e 23° 33' 10" lat. sul, conforme o Bureau des longitudes). Egualmente realizaram-se aqui e em outros lugares da provincia, em tempo, observações sobre a declinação da agulha magnetica. No anno 1788 a declinação em S. Paulo tinha sido: 7° 15' N. Lèste.

O caracter das doenças em S. Paulo differe consideravelmente das condições pathologicas observadas no Rio, devido talvez tanto a differenças de constituição dos habitantes como á differença do clima. Verificam-se aqui com mais frequencia doenças rheumaticas e estados inflammatorios, principalmente dos olhos, do peito, do pescoço, e subsequente tisica pulmonar e tracheal etc.—Ao contrario, as doenças gastricas são mais raras, faltando aquella fraqueza geral do syatema digestivo, assim como as cardialgias que são tão frequentes nos habitantes das regiões mais proximas do equador, parecendo augmentar na mesma proporção do calor. Affecções do figado não são muito raras, parecendo influir nisso o temperamento melancolico e colerico do Paulista e bem assim o cruzamento com os indios, sendo digno de nota que a constituição do indigena americano favorece bastante a degeneração pathologica do figado e do baço. Hypertrophias e endurecimentos d'estes orgãos são frequentes n'elles. Doenças da pelle são mais raras do que nas provincias do norte; observam-se menos eczemas chronicos, sarnas e furunculos; as febres intermittentes são mais raras. O struma de que falámos acima, não é frequente na cidade. Além de inflammações nota-se maior numero de casos de hydropisia.

A capitania de S. Paulo, formada no anno 1710 da capitania de S. Amaro e de parte da capitania de S. Vicente, era dividida antigamente em duas comarcas, a comarca de S. Paulo com a capital de egual nome e a comarca de Paranaguá ou Curitiba. D'essa primeira separaram, ha uns 10 annos, a comarca de Ytú, cuja villa principal é a de Ytú. No sul da comarca é agóra Curitiba a sede das autoridades. O primeiro magistrado de cada comarca é o ouvidor, o qual está á testa tanto dos negocios juridicos como tambem dos administrativos, fóra do districto da residencia do Governador, tendo o ouvidor na Junta da Real Fazenda o primeiro voto apoz o governador.

Nos negocios da fasenda o juiz de fóra exerce o lugar de adjunto do ouvidor. Na cidade de São Paulo ha uma

administração municipal identica ás existentes em Portugal. Os membros do conselho municipal são eleitos pelos municipes, havendo um juiz da camara, certo numero de vereadores, um escrivão e um thesoureiro da Câmara. A sessões importantes comparece tambem o juiz de fóra que desempenha na maior parte das cidades egualmente as funcções do juiz de orphãos. A administração das instituições de caridade está a cargo da Camara, achando-se este systema adoptado em quasi todo o Brazil.

A capitania de S. Paulo contava no anno 1808, sobre uma população de 200,478 almas, 418 sacerdotes, dos quaes 331 regulares e 87 seculares, sendo os primeiros em 15 mosteiros. Mosteiros para freiras havia dous com 53 internadas. Desde aquella época não augmentou essa proporção, não parecendo que o governo esteja inclinado a auxiliar o desenvolvimento de taes instituições tão desfavoraveis ao povoamento do paiz. Pelo contrario, tratou o governo com solicitude da organização do serviço militar. Ha de tropas regulares um regimento de dragões e um de infantaria, distribuidos na costa, na capital e em certos pontos do interior. Os demais cidadãos têm de servir ou nas milicias, dos quaes ha oito regimentos de infantaria e tres de cavallaria, ou nas ordenanças. As milicias tem obrigação de sahir, em casos de necessidade, para fóra das fronteiras da provincia. As ordenanças não precisam deixar o lugar de sua residencia. A ellas pertence, a excepção dos funccionarios publicos, todo cidadão de dezeseis a sessenta annos de idade, emquanto não estiver servindo no exercito regular nem nas milicias. Estas ordenanças formam o verdadeiro nucleo da defesa nacional. De vez em quando fazem exercicios militares, como as milicias tambem; a sua principal utilidade, consiste, entretanto, em conservar no povo certo espirito de disciplina militar e em auxiliar a execução energica das determinações dos orgãos administrativos. A provincia de S. Paulo tem 157 companhias de ordenanças. Os officiaes de patente mais alta são os capitães móres, quasi coroneis, achando-se em communicação directa com o governo sobre muitos negocios, p. e. segurança publica. Os chefes das milicias são os «coroneis». A competencia d'estes coroneis e dos «capitães móres» é inteiramente diversa. Para os milicianos o juizo competente é o conselho de guerra, até em casos de crimes communs á escolha do accusado, e este geralmente prefere o julgamento pelo conselho. As ordenanças, porém, estão sujeitas á jurisdicção do juizo civil. As milicias de S. Paulo gozam, aliás, da reputação de manterem, mais do que outras, a solidariedade militar de que tambem deram provas na recente expedição contra Buenos Aires. Ambas as instituições de milicias e ordenanças recommendam-se, sobretudo n'um paiz novo e pouco rico, pela circumstancia de provêem a sua subsistencia com seus proprios recursos. Os officiaes de

ambos os corpos não recebem pagamento algum da parte do Estado, a excepção dos majores das milicias que são sempre officiaes do exercito e dirigem os exercicios militares.

A capitania de S. Paulo não está em condições de fazer fáce ás despesas administrativas mediante a sua propria receita carecendo para isso d'um auxilio de 60:000$000 annuaes. Desde a chegada a'El Rei, que com paternal desvelo desejava introduzir em todo o paiz uma justiça mais rigorosa e prompta, uma distribuição mais uniforme dos impostos, uma instrucção publica mais extensa, augmentaram as despesas da provincia, sem que haja, entretanto, em compensação augmento das receitas, cuja fonte principal são os impostos de exportação e os impostos sobre profissões e industrias. Egual experiencia teve de fazer o governo portuguez em pontos diversos, o que parece indicar que a organização proveitosa e feliz d'um paiz novo depende antes do augmento de sua população do que do desenvolvimento do seu commercio e dos capitaes internos. Talvez em nenhuma outra provincia do Brazil haja tão solidos e esperançosos fundamentos para a prosperidade dos futuros habitantes como aqui, onde as condições do solo e o clima abrem fontes perennes de bem estar.

Uma instituição bastante valiosa que teve inicio com o estabelecimento da côrte no Rio, é um serviço regular do correio entre São Paulo e Rio mediante estafetas que entregam as malas fechadas dentro em 15 dias no lugar do destino. Desde que se acha na parte sul do Brazil um corpo de exercito portuguez, também entre S. Paulo e Montevidéo foi organizado o serviço do correio.

Cartas, Provisão e Ordem referentes á administração da justiça na Capitania de São Paulo

Em seu tomo XIV esta *Revista* publicou, sob a rubrica de *Provisões, Cartas e Alvarás relativos a ouvidores e juizes de fóra da capitania* de *S. Paulo*, varios documentos offerecidos ao Instituto por seu socio honorario sr. dr. Alcibiades Furtado.

Este illustre consocio, a cuja dedicação e comprovada competencia deve o Archivo Nacional, de que é director, muitos e relevantes serviços, brindou, posteriormente, o Instituto com novos documentos egualmente interessantes para a historia da administração da justiça na Capitania de S. Paulo e a estes novos documentos ora dá esta *Revista* publicidade nas paginas que se seguem.

Carta pela Coal se dá conta a Sua Mag.de que os moradores de São Paulo pedem menistros de Justiça.

Snr. Em Carta de vinte e hum de Meyo dou conta a V. Mages.de q. os moradores de São Paulo me fizerão requerim.to em q. me pedião Menistros de Justiça, e como aquellas Capitanias carecem mais q. de hum Menistro sendo V. Mages.de servido de permitir lhos pellas grandes distancias q. ha de huas e outras povoações, me parece precizo dar conta a V. Mages.de das sobre ditas distanças para mostrar q. não pode o Menistro q. asistir em São Paulo, administrar justiça aos otros povos, porq. ficão as primeiras tres villas distantes de São Paulo, a primeira Seis legoas, a Segunda dizaçeis, e a terceira vinte e duas, e quando paressa admicivel q. haja os sobre d.tos Ministros, paresse q. hum delles ha de assistir na villa de Itú tanto por ser mayor que parsa de sete sentos fogos, e juntam.te por ficar em meyo das outras duas Villas; segueçe logo as villas de Mogi, Parahyba, Taubaté, Guaratinguета as quaes distão de S. Paulo, a prim.ra outo legoas a segunda dezaçeis a terceira vinte e tres, em huã destas pode assistir o Ministro naquela parte onde parecer mais comoda para administrar a justiça; das Villas que fição da Serra para Baixo não posso dar individual conta a V. Mages.de porquanto inda não fuy a todas por ser grande a distançia, e o tempo me não ter dado lugar, porem aquelas a que fuy q. he a Villa de Sanctos e a de S. Vicente, e a da Conceição podem ficar administradas pello Ministro q. asistir em S. Paulo, como da mesma sorte Jundiaby da Serra para Sima; e pellas noticias que tenho das outras aonde não tenho hydo deve asistir hum Ministro em Paranagoa porque fica administrando a Villa de Cananéa, a de Iguape e o rio de São Francisco, e suposto q. reconheço que não haver estes Ministros he grande prejuizo ao serviço de V. Mages.de duvidey a estes moradores quando fizeram o requerimento q. no caso em q. V. Mages.de fosse servido conceder lhes as justiças, não havia na R.l faz.da q. respeita as sobre d.tas Capitanias emulum.tos para pagarem aos Ministros, q. avião elles arbitrar meyos para se lhi haverem de pagar os seus Ordenados, responderão me q. querião lançar entre sy hum tributo nas bebidas de agoa Ar-

dente da terra, e vinho para serem pagos os subsidios Ordenados, e creyo dão conta a V Mages.de mandará o que mais convier a seu real serviço.

Guarde Deus a V. Mages.de m.tos annos Como os seus Vassallos havemos mister. Rio de Janeiro 24 de Mayo de 1698». Confere com o documento existente ás folhas 141, do livro Sexto da Collecção intitulada Governadores do Rio de Janeiro, que se acha nesta Repartição. — Archivo Nacional, 8 de Março de 1913. O chefe da 2.ª Secção, Manoel José de Lacerda.

Carta do Ouvidor de São Paulo a Antonio Luiz Peleya

«Dom Pedro por graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar e Africa, Senhor de Guiné e da conquista navegação Comercio de Ethyopia Arabia Persia e da Indìa etc. Faço saber aos que esta minha carta virem que havendo respeito a bôa informação que tenho das letras e, mais partes que concorrem no Doutor Antonio Luiz Peleya, e que no de que o encarregar me servirá como cumpre a meu serviço e bôa administração de justiça como fez nos logares que o cupou e ultimamente no de Provedor de Portalegre que servio e de que deo bôa rezidencia. Hei por bem fazer-lhe mercê do cargo de Ouvidor Geral da Capitania de São Paulo que foi servido crear de novo por tempo de tres annos, e além d'elles os mais que houver por bem emquanto lhe não mandar tomar rezidencia, o qual cargo servirá, confórme o regimento d'elle e de minhas ordenações, e haverá com o dito cargo o mantimento a elle ordenado e todos os proes e precalços lhe direitamente pertencerem e portanto mando ao Governador Capitão Geral do Rio de Janeiro, Officiaes da Camara, pessoas da Governança d'ella e suas annexas lh'o deixem servir e delle uzar, e haver os ditos mantimentos proes e percalços como dito hé sem a isso lhe posto duvida ou embargo algú. porque assim hé minha mercê, e na Camara da dita se lhe dará posse do dito cargo, pelos Officiaes d'ella e jurará na Chancellaria aos Santos Evangelhos que bem e verdadeiramente sirva o dito cargo guardando em tudo meu serviço e as partes seu direito de que se fará assento nas costas d'esta carta que por firmeza d'isto lhe mandei passar por mim assignada e sellada de meu sello pendente, que se lhe cumprirá inteiramente como se n'ella contem, e mostrou por certidão dos Officiaes da Chancellaria ter dado fiança a pagar em termo de hu anno os direitos que dever do dito logar por

ser creado de novo e não ter avaliação, como se vio de hu conhecimento em forma registrado no livro 1.º das ditas fianças a fôlha 10 Antonio Vahya a fez em Lisbôa a treze de Agosto do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo de mil seisentos noventa e nove. Francisco Lalvão a fez escrever. El-Rey. Carta do cargo de Ouvidor geral da Capitania de São Paulo que Vossa Majestade foi servido crear de novo e fazer d'elle mercê ao Doutor Antonio Luiz Peleia que acabou de Provedor de Portalegre pelo tempo de tres annos e o mais que for servido emquanto lhe não mandar tirar residencia. Para Sua Majestade ver. Manoel Lopes de Oliveira, Manoel da Costa de Almeida, Jurou. Lisbôa 10 de Janeiro de mil e setecentos. O Chanceller mór João di Rogas e Azevedo. Pagou cinco mil e seiscentos réis, aos officiaes duzentos e oitenta e oito. Lisbôa dezenove de Setembro de seiscentos noventa e nove. Dom Francisco Maldonado. Foi registrada esta carta na Chancellaria mór da Côrte e Reino em o livro de officios e mercês a fôlhas duzentas e tres. Dezenove de Setembro de seiscentos noventa e nove. Antonio de Mendonça. Cumpra-se como Sua Magistade que Deos Guarde manda, e registre-se nésta Secretaria. Rio de Janeiro treze de Abril de mil e setecentos. Artur de Saa e Menezes». Este documento é copia do existente ás paginas 11 v. a 14 do livro 10 da collecção Governadores do Rio de Janeiro, que se acha nesta repartição, Archivo Nacional, 6 de Março de 1913. O Chefe da 2.ª Secção, Manoel José de Lacerda.

Provisão do Dezembargador Joseph Vas Pinto de Superintendente das Minas

Eu El Rey faço saber aos que esta minha Provizão virem que tendo respeito a haver resoluto que haja hum superintendente das Minas de S. Paulo, para com a sua direção se estabellecer o adiantamento, e rendimento dellas e se hevitarem todos os extravios que ha nos quintos devidos a minha fazenda, pondo em sua devida observancia o regimento que mandey fazer sobre esta materia, e para este efeito convir que na pessoa que se houver e nomear para esta ocupação se encontrem todas aquellas partes que são necessarias e correspondão em tudo as obrigações deste officio, e na do Dezembargador Joseph Vaz Pinto que acabou de servir o lugar de Ouvidor Geral da Capitania do Rio de Janeyro concorrem todos estes requisitos. Hey por bem fazer lhe mercê do cargo de Superintendente das Mi-

nas de S. Paulo para que o sirva por tempo de tres annos e o mais enquanto lhe não mandar sucessor; e com elle haverá tres mil e quinhentos cruzados de ordenado cada anno pagos na forma do regimento. Pello que mando ao meu Governador da Capitania do Rio de Janeyro de posse ao dit. Dezembargador Domingos Vas Pinto, digo, Dezembargador Joseph Vas Pinto do dito cargo e lhe deixe servir pelo dito tempo e haver o dito ordenado; e elle jurará na forma custumada de que se fará acento nas costas desta Provizão que vallerá como carta sem embargo da Ordenação do L. 2.º tt. 40 em contrario; e porquanto o dito Joseph Vas Pinto se acha no Rio de Janeyro, e não tem nesta cidade, digo, côrte, Procurador que haja de lhe expedir este despacho nem a brevidade do tempo dar lugar a pagar os direitos novos e velhos. Hey por derogado qualquer regimento ou ordem em contrario; com declaração que não entrará de posse do dito posto, digo, dito cargo, sem primeiro dar fiança no Rio de Janeyro a mostrar dentro do tempo que parecer conveniente como mandou satisfazer a este Reyno os ditos direitos velhos, e novos, e esta não passará pela Chancellaria porque para tudo hey por dispensadas quaesquer solenidades que se requeirão para a validade deste provimento, que em tudo se cumprirá inteyramente como nella se contnem. Manoel Gomes da Sylva a fez em Lisboa a dezanove de Abril de mil e settecentos e dous. O secretario André Lopes de Laure a fez escrever «Rey» Do Conde de Alvor P.» Provizão porque V. Magestade faz mercê a Joseph Vas Pinto, digo, ao Dezembargador Joseph Vas Pinto do cargo de Superintendente das Minas de S. Paulo para que o sirva por tempo de tres annos e o mais enquanto lhe não mandar sucessor como nella se declara que não passa pela Chancellaria «P.ª V. Magestade ver «2.ª via» Por rezolução de Sua Magestade de 15 de Abril de 1702 em consulta do Conselho Ultramarino de 4 de Fevereiro do dito anno reformada em 11 de Março do mesmo anno, e escrittos do Secretario Joseph de Faria de 19 de Abril do dito anno «Registada a fls 58 de Provizões, digo, 58 em L. 4.º de Provizões que serve nesta secretaria do Conselho Ultramarino Lix.ª 2... de Abril de 1702» André Lopes de Laure» Cumprace e registece como Sua Magestade que Deus guarde manda. Rio de Janeyro 10 de Julho de 1702 «Francisco de Castro Moraiz.

Esta documento é copia do existente no livro decimo da colleção Correspondencia dos Governadores do Rio de Janeiro, as paginas 190 a 192 verso, cuja colleção se acha nesta Repartição.

Archivo Nacional, 6 de Março de 1913. O chefe da 2.ª Secção, Manoel José de Lacerda.

Ordem paçada ao Governador da Praça de Santos para em virtude della dar a ajuda e favor q.e lhe pedir o Sendicante de S. Paulo.

Porquanto S. Mag.e que Deos gr.de ordena se dem ao Doz.or Sendicante Antonio da Cunha Souto maior todos os off.es de guerra e soldados que lhe forem necessarios p.ª huma deligencia do seu Real serviço que de proximo lhe manda encarregar: o Governador da Praça de Santos dará à ordem do dito Sindicante, quando por elle lhe forem pedidos, todos os Soldados com os cabos dos de milhor satisfaçam os quaes hirão moniciados de bouca e guerra para vinte dias o que lhe mandará dar o Provedor da Fazenda Real da dita Praça pois assim o ordena tambem ao dito Sr. em cujo comprimento não haverá a menor duvida, ou demora na execuçam desta dita ordem, a qual se registará na Secretaria deste Governo, Rio de Janeiro 10 de Agosto de 1712 a o Secretario deste Governo João de oliveira a fez escrever com a rubrica do Governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho». Confere com o documento existente ás folhas sessenta e seis e sessento e seis verso do livro 19 da collecção Governadores do Rio de Janeiro, que se acha nesta Repartição Archivo Nanional, 8 de Março de 1913. — O Chefe da 2.ª Secção, Manoel José de Lacerda.

Alguns documentos relativos ao periodo da Independencia

PELO

DR. JERONYMO DE AVELLAR FIGUEIRA DE MELLO

Socio correspondente do Instituto

DUAS PALAVRAS

No decurso das minhas pesquizas no Archivo do Ministerio dos Negocios Estrangeiros em Vienna encontrei as quatro cartas cuja cópia tenho a honra de offerecer ao Instituto Historico e Geographico de São Paulo. Acham-se ellas entre os papeis da correspondencia do Barão Mareschal; as de Drummond têm na cinta que as envolve escriptos pela mão de Mareschal os dizeres:

«Lettres particulieres qui demontrent assez clairement l'état de la Province de Pernambuc et les efforts des Republicains dans le Nord du Brésil em 1822.»

Destas cartas, a assignada «O. Antonio» tem a mesma lettra das outras de Drummond; a carta da Bahia está n'uma cinta que tem escriptas pelo mesmo Mareschal, as palavras:

«Lettres ecrites par des personnes de crédit qui demontrent l'esprit public des habitants de la Province de Bahia.»

Ignoro se taes documentos já tiveram publicidade; creio porém que impressos não estão. Achei-os, curiosos e pittorescos, e isto me levou a transcrevel-os.

Vienna, 5 de novembro de 1912.

JERONYMO DE AVELLAR FIGUEIRA DE MELLO.
Secretario da Legação do Brazil na Austria.
Socio correspondente do Instituto.

Pernambuco 14 de Mc.° de 1822. N. 2

Mano Luis. A sua carta de 6 do mez p. p. q'recebi a 27 do m.mo mez não me foi agradavel como esperava, por ser nuncia do infausto acontecimento da morte do nosso, nunca assas chorado, Principe D. João Affonso. As noticias que me dá, respeito a obstinada opposição da Divisão Auxiliadora, ou p.a melhor dizer — Auxiliadora da Divisão — ao embarque que lhe foi ordenado por S. A. R. nada mais é q'um remate aos attentados commettidos, impunemente, pelos facciosos salteadores da infame quadrilha, p.r isso pouco me sobresaltarão, tão principalmt.e por ser cousa, que, com mais ou menos sacrificio, tem remedio prompto; mas o transito do nosso Principe p.a melhor vida, foi seta que me traspassou o Coração com uma dôr eterna.

Esta Provincia continúa no seo aspecto medonho.

Embarcou a 5 d'este a tropa de Portugal, e a 7 deo á vella. No dia 6 anniversario da Revolução de 1817 foi festejado p.r algumas pessoas, illuminando as frentes das suas casas; e este é o espirito d'uma duzia de sujeitos, qu'tem aurea publica. O Governo, como lhe chamão, do gargalheira, só tenta espassar tempo p.a chegar aos seos fins. Tenho formado partido na Cidade de Olinda pregando a verdade, debaixo da amizade de dous Frades Mestres no Seminario, que são de eguaes sentimentos, e talvez os unicos homens de luz q'ha'p.rá conceituados p.a com o publico, e resulton que a Camara dirigisse ao tal Governinho um Officio convidando para procederem á nomeação d'uma Deputação p.a ir comprimentar a S. A. R. e reconhecer a Sua Regencia, cujo officio teve em resposta, q' sendo esta a m.ma vontade do Governo, era contudo preciso aguardar tempo opportuno para não obrar com acceleração, visto não ter noticias officiaes. Com taes sophismas vai o *mudo falador* vencendo tudo. Elle prega a todo Mundo, que os negocios do R.° de Janeiro são venenosos por ser uma facção dos Empregados Publicos, com o que tem movido muita gente.

Estas boas almas andão agora em dansas (em louvor de Deos na Quaresma) pelas ruas p.a o q' obrigão os moradores a illuminar as suas Cazas. Chamão então a isto União de Pernambucanos, com os Europeos residentes, p.a o q' fazem subscripções em q' caem p.r medo os taes papalvos: e entre tanto, m.mo, entre o brinquedo vão amaçando os ossos aos Europeos p.r ajuste de contas

Os mulatos e os pretos q' formão — o Batalhão ligeiro Benemeritos da Patria — andarão estes tres dias passados

com a Musica dum Batalhão de Cassadores a cantarem pelas ruas, passando primeiro pela moradia do Prezidente, aonde davão o primeiro descante, aque respondia, o sobredito, com vivas e aplausos aos Benemeritos pretos e mulatos, repetindo versos a Constituição e assim andarão pelas ruas em numero excedente de 5 0 — a quem se guarda todo respeito e veneração.

Não assoalho estas noticias como dadas p.r mim, p.a me não acontecer a sorte d'um Francez aqui residente, q' escrevendo p.a L.a uma Carta sobre o estado d'esta Provincia, veio ao conhecimento d'estes Srs. q. havia semelhante Carta, e obom do Francez já chuxcu uma facada de q'está bem mal.

Escreva me com 2.a capa a Roberto Todi; e venhão os papeis publicos que houverem.

Eu não desanimo, e trabalho. Ahi vai a Segarrega já mudada da phrase das anteriores á minha custa.

Recommende-me ao Velho Lisboa.

Saudades a toda Familia, e creia que seu

Mano am.o e obr.o

O Antonio.

15 de Março de 1822. —

P. S.

O portador d'esta é o Alferes Meirelles, q' me pede a sua introducção, no q' convenho, e espero lhe fará o q' for compativel. Converse-o q'elle relatará muí circumstanciadam.te o q. p.r aqui vai.

A Carta junta é de José Tiburcio p.a o Tio.

Vai tudo fechado com obreia azul, e lacar encarnado; signete de meo nome.

Pernambuco, 19 de Março de 1822.

Ill.mo Sr. José Joaquim da Rocha

Tenho escripto a V. S.a em data de 15 do corrente; mas a demora da embarcação ainda me permitte avançar alguma cousa.

Os Frades estão todos partidarios, ou inclinados á causa dos verdadeiros e legitimos interesses do Brasil; e já um meo amigo Benedictino Fr. Miguel Lopes M.o no Collegio de Olinda pregou Domingo passado neste Recife sobre o assumpto; e pertendo que pelo meio do pulpito elles afastem os Fovos dos principios preparados pelos estupidos Governadores.

O marotão do Gervasio desprega agora as suas iras contra a Pessoa do Nosso Adorado Principe, assoalhando

q'é uma criança sem opinião, dirigido p.r facciosos desde que El-Rey se ausentou; e q' no Rio só tem mudado o genero das intrigas, sendo S. A. R. o brinco de intrigantes; levando a tanto a sua ousadia, q' no meio das borracheiras, q' tem havido (a que lhe chamão festas) nunca aplaudio os vivas dados a S. A. R., e ficava de cabisbaixo. Seria um nunca acabar o relatar o q' ousa semelhante patife; e até eu não me atreveria escrever taes e tão insolentes improperios. —

Sei de certeza, que elle tem vistas de enganar a S. A. R. com jogo de palavras da sua affectada submissão, a fim de obter algumas cousas de utilidade para esta Provincia: sendo a principal o regresso das Tropas Pernambucanas, q'estão em Montevidéo, e no Rio de Janeiro, q' ja lhe foi negado pelo Congresso. Talvez q'esta pretenção vá p.r este m.mo Barco; porq' o Governo demorou a sua sahida disendo q' precissava escrever de serviço. Com estes tafuis precisa-se de muita ronha.....

Tambem dizem que vão agora remettidos para essas prezas na Parahiba annunciadas na minha carta n 3.

O tal ex-mudo quarta mas p.r todos os lados as sahidas de maneira, q' tudo me é difficil.

Como adiantei na minha dita supracitada Carta, este Governinho tem arreglado a si todas as authoridades, e não obedece senão quando lhe faz conta, de maneira que está inteiramente independente, conservando comtudo uma correspondencia illusiva com L.a como se pode colligir dos seos Officios com o que practicar. Estão continuam.te demittindo os Empregados Publicos para os substituir com os presos de 1817, não obstante as emarteis dadas p.r S. Mag.e Fasem creações novas (como melhor lhes convem) como verá d'uma, cuja Provisão remetto por copia. Até o Juiz d'Alfandega está demittido, e vae ser substituido p.r um tal Bourboin, tambem preso de 1817. Aqui ninguem está seguro.

Já me communicarão, que o Governinho mandára convidar na America Inglesa a um Almirante, e a um General para virem Commandar n'este dissolado Pernambuco: mas eu ainda não dou p.r certo se bem q' seja o espirito do Governo.

A marinha q' aqui ha é a Escuna Maria Severina.

Agora vai o Alferes Meirelles, q' se bem n'um conceito mereça com tudo, sabe bem o q' p.r aqui vai.

Neste instante chega me participação q' o Governo acaba de receber Officios de algumas Camaras do Matto, pedindo o m.mo q' a de Olinda requerera: veremos o que surte.

Quando sôa q. algum fala ou escreva contra o Governo, ou contra qual quer cousa de Pernambuco, dão-lhe (pelo menos) uma massada de páo, qd.o não lhe tirão a vida que é o mais Seguro.

Eu tenho estado, p.r ora, isento do cacete, não obstante ter sido já p.r m.tas vezes investido, mas logo que me reconhecem dispensão-me a caridade, como bom *Patriota*, á custa de algumas patacas, com q' tenho grangeado reputação entre o Batalhão ligeiro, que me honrão. Para matar a tiro, facada ou cacetada não é mister o abrigo da noute, a qlq.r hora do dia apparecem os mulatos armados de páos, e *dão o seu recado*. *Nos ultimos* crepúsculos do dia vão aos mago es fazer feixar as lojas dos Europeos, dando em todos, q' encontrão por ellas á queima roupa, são estas as occasiões mais arriscadas nas quaes felizmen.te tenho escapado.

Tenho os olhos para o Sul aguardando noticias favoraveis.

Sou seo am.o e m.to obg.

ANT.o DE MEN.es VASL.s DE DRUMMOND.

Pernambuco 19 d'Abril de 1822.

Ill.mo Sr

N.o 7 2.a Via.

Pela fragata M.a da Gloria, escrevi a V. S.a p.r mão de J.e Tiburcio Carneiro de Campos, cuja 2.a Via agora remetto; e tudo confirmo.

Quanto mais *os homens são perseguidos p.r uma opinião*, mais se affirmão a ella: isto nos ensina a historia de todas as seit s politicas e religiosas; p.r tanto não se póde esperar outra cousa deste Gove no. — Dos officios, que elle tem dirigido ao Ministerio está bem claro, q' são destinados a ganhar tempo; e no ultimo que foi pela *Fragata confirma* se, o q' avancei na m.a n.o 4 de 19 do mez pp. a respeito do pedido dos soldados Pernambucanos, q' ahi estão, e. em Monte Video. corroborando este pedido uma petição assignada p.r differentes pessoas, q' forão solicitadas pelo m.mo Governo. A explicação q' elles pedem ao Barreto p.a anomeação dos Procuradores das Provincias na Corte é tambem p.a espaçar tempo, segundo o q' o m.mo Governo respondeu ás Camaras, q' lhe falarão n'isso, fazendo ver que não convinha a Pernambuco decidir se,. emq.to o Congresso não deliberasse sobre a sorte do Brazil, p.a não serem perjuros a Constituição.

Isto tem posto agua na fervura, e todos aguardão vêr como é hospedada a resolução do Rio de Janeiro nas Cortes de Portugal.

Este Governo tem o apoio da tropa, e é no que campa; agora aumentou-lhe o soldo p.a melhor se estribar. O Gervasio de vês em quando paga a sua contribuição aos Soldados p.a os ter de seu partido.

Tenho feito espalhar por todas a V.as que o Governo estabelecido é o de 1817 e p.a os m.mos fins, o q' não tem feito pouco receio aos matutos, q' abborrecem os successos d'aq.la desgraçada epoca; e não duvido q' haja mudança na gargalheira.

São tão vis, e tão captivos do Governo, os membros do Governo q' recebendo um d'elles Ten Coronel Ant.o J.e Victorino / q' foi Intendente de Policia em 1817 / uma Carta de seu Primo, o Des.or da Casa da Supp.ão M.el Caetano d'Albuquerque, em q' falava nos negocios actuaes do Brasil, elogiando muito a S. A. R ; o monstro a delacerou e a pisou aos pés com indignação. Esta acção practicada na prezença d'hum bom velho seu Tio, e Pae do d. Des.or do m.mo nome trouxe as lagrimas aos olhos do ancião q' recolheu os pedaços da Carta, e com elles veio lamentar-se em m.a casa.

Veio Ordem de L.a p.a q' o Governo remetta uma lista das lotações, de todos os officios e Empregos, com declaração, dos q' se acharem vagos, ou mal servidos, para serem providos em pessoas Constitucionaes: O Governo recusou dizendo q' tinha muitos benemeritos p.a empregar.

Algumas pessoas que forão prezas pelos successos do dia 2 e 3 tem sido soltas; e o Chefe do Batalhão Ligeiro de Olinda, q' cometteo nos dias 2 e 3 mortes e assombrosos attentados foi remettido debaixo de protecção do Gervasio p.a o Ceará, afim de estabelecer uma quadrilha. Forão tambem combinados os successos d'aquelle dia, q' na m.ma hora teve logar em todas as povoações d'esta Provincia, e na da Parahiba, e tudo pela m.ma influencia.

O Gervasio com os da Campanha estabelecerão um contrato de Carnes Verdes de q' são elles os contratadores e vão fazendo, por seus interesses, fome na terra. Este me*nino tem pretendido* q' a *Camara* de Olinda *suspendia* todos os seus afforamentos em certas terras de salinas para effectuar um a seu geito, e com a sua pessoa: a Camara tem recusado; mas elle vae dispondo as cousas com as suas traças p.a conseguir seus fins. Em todas as épocas elle tem tirado partido das circumstancias; *em 1817 vendeo muito bem os zuartes* para fardam.to dos soldados, e agora não poupa meios p.os adquirir, e ja mandou consolidar as dividas feitas em 1817 pelos rebeldes, de compras de alguns generos e munições, p.a ser pago com preferencia pela Junta da Fazenda, em cujas contas elle tem bom quinhão.

O Governador das Armas é este nullo, e contenta-se com a sua gratificação e o seu Soldo; demaneira q' o Governo anda agora a escrever Cartas aos Pais de Familias, p.a q' mandem seus f.os assentar Praça na Tropa de Linha.

Na noute do dia 12 do Corr.e continuarão as hostilidades do Batalhão ligeiro em Olinda, e, em outros lugares. N'esta V.a não teve lugar, p.r se ter sabido de antemão o plano projectado, q' era soltar os prezos da Cadea e roubar e matar

os europeos: o Governo entam / tal vez contra a sua vontade / postar Tropas p.ª prevenir o intento.

Aqui está o Marquez d'Angeja, q' veio arribado com 70 dias; mora em uma estaleje: p.r q' não foi tão medroso como o Conde de Belmente, q' ficou 20 dias a bordo; mas não sae á rua.

O referido velho Manoel Caetano d'Albuquerque Pae d'outro que ahi está na Supp.ção e a q.m entregará a Carta junta, partio p.ª o Cabo de S.to Agostinho a pregar verdades; muito devo a este velho. — A 21 vou p.ª a V.ª de Serinhaem.

Quando chegou a noticia do Nascim.to do Snr. Infante, não deo o Governo um só signal de contentamento: fui logo a Olinda queixar me de semelhante procedim.to: a Camara abrio no m.mo instante sessão extraordinaria, e determinou tres noites de iluminação, q' tiverão principio a 17 do cor.te. Este procedim.to obrigou a estes S.es a mandarem ontem m.mo uma igual ordem — p.ª o Recife e seu termo. Os Europeos, q' são pouco affectos a S. A. R. illuminarão as frentes das suas casas só p.r medo da comminação da pena com q' forão impostas.

Até agora pouco caso fasia eu das denuncias a respeito do q' se tentava contra mim, mas agora vou tendo respeito, e muita cautela, depois q' me vi obrigado a retroceder o caminho de Olinda p.ª Recife na noite de 13 do cor.te p.r causa d'um tiro avulso e sem sobscripto. Eu sei muito bem q' tudo vem do Governo; mas tenho julgado prudente não divulgar, p.ª não augmentar a vontade da execução.

Estes galés de 1817 como tiverão a clemencia do Rey, e não forão dançar na corda existem ainda p.ª a desgraça desta Provincia. Todos os actuaes Provisorios forão da sucia, e serão até a morte; e é a canalha mais baixa, e infame, q' tenho visto.

Torno a repitir que o Sr..... não se fie de boa fé em cousa alguma do tal Governinho, pois do contrario se achará enganado E' preciso muito boas palavras e nada de execução até ver.....

Asseguro-lhe q' meu genio não tem descansado; q' me tenho arrostado a tudo p.ª conseguir os fins; e se os não tenho conseguido já é pela naturesa das cousas invensiveis; mas esse m.mo palavriado, que elles mandão vem muito ao caso, — Os Successos desastrosos da Bahia forão o diabo, p.r que elles agora disem, q' não se podem decidir p.r estarem entre dous fogos, e não ter forças.

Eu tenho sentido muita a falta de Cartas suas, e de não ter tido periodicos da hi.

Conte entretanto com a sua firmesa e adhesão. Recommende-me e mande me as suas Ordens.

20 d'Abril

Agora chega o Consul Inglez da Parahiba, e acaba de contar me as desordens q' lá vão; e o partido fomentado pelo Gervasio p.ª a imaginada *Independencia*: deixo de ir p.ª Serinhaem, e vou com o Consul p.ª Parahiba em uma jangada. — Está a entrar um Brigue Ing'ez q' da hi vem: veremos o q' traz.

A. M. V. de Drummond

P. S.

Chegou o Berg.t e não tive Cartas.

Ill.mo Sr. amigo e Patricio do C.am

Bahia 24 de Julho de 1822.

Sabendo da sahida d'esta Embarcação Ingleza fui ao Correio tirar as cartas q. lhe tinha escrito a 10, e 16 do corrente, que vão, assim como esta vai, remettidas de baixo de capa dos Srs. Naylor Irm.s & C.ª p.r ser cada vez mais arriscada e perigosa a communicação franca pelo nosso Correio, cujo administrador seguro da impunidade, e sem attender a publica opinião, que contra elle clama, continua a atraiçoar aos seos Patricios e a causa do seo Paiz p.r o vil interesse pessoal, e torpe baixesa de fazer a Corte á finda Junta, hoje Alma do Governo das Armas.

Verá agora que bem fundados erão os nossos receios da vinda de mais Tropa p.ª a B.ª, onde os Srs. Deputados nas Cortes, premeditão já sem rebuço, estabellecer o Quartel Genl. Europeo para a reconquista do Brasil. Sim, contra a opinião dos Deputados do Brazil, q' todos assignaram a indicação, resolveu se na Sessão de 22 e 23 de Maio mandar vir mais Tropa p.ª a Bahia, e com effeito vem 600 homens p.ª conservala na sujeição do Despotismo das Cortes, cujos deverião embarcar até o dia 30: e assim não tardará m.to q nos batão aporta esses novos oppressores, que vem tornar mais cruel e sanguinolenta a guerra civil, q. parece inevitavel, se S. A. R não attender seriamente á nossa deploravel situação. Todo o Reconcavo tem reconhecido, e proclamado submissão á Regencia de S. A. R e conseguintem.te se tem rebellado contra o G.dor das Armas, por não querer obedecer as ordens do mesmo Snr. O Espirito publico da Prov.cia está animado de energia, e firmeza bastante para se agourar hum feliz resultado do seo empenho; mas temo muito que se elle precipite por falta de quem o saiba dirigir. — Tenho-lhe dito muitas vezes q. temos falta absoluta de Offes G.es de Offes Engenheiros, e de Offes de Corpos: Não temos nenhum só Coronel, e nem hu só Major Capaz de desempenhar as suas obrigações como taes. As Milicias, e a gente do Reconcavo está desarmada, e sem munições de guerra, cumpre provella d'estas faltas,

que sempre esperarão receber do R. V. S.ª, e eu, bem trabalhamos para q. as coizas chegassem a este ponto; agora até p.r dever de consciencia devemos solicitar o socorro q. ousamos lhe prometter fiados no nosso Magnanimo Defensor.

A Esquadra de Madeira composta da Correntinha Des de Feve°. do Brigue Promptidão (do Pará) do Brigue Audaz, e dos Navios Mercantis Regeneração, Conceição e Restauração sahio a 22 e seg.do diz a Junta com o destino de se ir encontrar com a Expedição do Rio: custa se a comprehender este atrevimento, que só he explicado com algûa premeditada traição; e já por aqui corre hum zun-zun p.r b ca pequena de que entre os of.es de Marinha da Expedição havia hu que dava parte, e inteirava ao G.dor das Armas de todas as operações do Ministerio relativas a esta expedição. Se não he bom acreditar em tudo, tão bem não he prudente desprezar tudo o que se ouve, particularm.te nestes tempos de clami.des, em que a traição, o engano, e a perfidia não dormem. Isto sirva de governo para ulteriores providencias, que sejão precizas (o que Deus tal não permitta) dar para aqui.—Creio que o Brasil não terá remedio para não servir-se de hûa Marinha estranha para impellir a aggressão iniqua, e já do Londres o Brasiliense lembrou a de Lord Cockrane, que de certo não terá escapado a agudeza do nosso Ministerio.

Ass. *Eu fico em m.to perig.*; e não será de admirar q. breve nos vejamos. — Entre — tanto acceite hû apertado abraço do

Seo am.º do C.m

... Pires

Na capa da carta lê-se:

Ao Ill.mo Sr.

José Joaquim da Rocha

Rio de Janeiro.

Uma viagem ao littoral norte de S. Paulo

Memoria apresentada ao Segundo Congresso Brazileiro de Geographia reunido na Capital de S. Paulo, de 7 de Setembro a 16 do mesmo *mez*.

POR

CARLOS GOURSAND

UMA VIAGEM AO LITTORAL NORTE DE S. PAULO

Tendo resolvido fazer uma viagem de excursão pela zona do littoral norte de S. Paulo, segui para Santos d'onde embarquei no vapor *Garcia*, navio costeiro, no intuito de gozar da perspectiva maritima em suas mais caprichosas fórmas e colorido.

Deixei o porto de Santos na manhã de 23 de Julho de 1908 indo ancorar ás 7 horas da noite desse mesmo dia em frente á antiga e tradicional cidade de S. Sebastião, outr'ora um dos emporios das antigas capitanias de S. Vicente e Santo Amaro.

Uma vez alli, senti meu coração enche-se de respeitoso jubilo, parecendo mesmo que na quietude do espaço e da solidão eu via os vultos dos heróes que alli perlustraram, a moverem-se com o garbo e o denodo que os caracterizavam. Grata phantasia do meu espirito.

Desembarcando, acolhi-me ao modesto hotel que alli existe, d'onde, depois de um somno reparador sahi pela manhã seguinte a visitar a cidade, a qual só transpira antiguidade e pobreza: ruas tortuosas e dessymetricas, de construcção archaica em que se notam as originalissimas janellas de rotula, eis o que mais impressiona o viajante.

Depois de dois dias de permanencia na cidade, segui para o bairro de S. Francisco, que dista dalli cerca de seis kilometros e que assim é denominado pela existencia, no local, d'um convento dessa ordem religiosa.

Como é sabido, outr'ora foram as localidades maritimas do Estado frequentadas pelos mercadores, pois eram então as chaves do commercio interior e ponto obrigado dos tropeiros, existindo ainda vestigios de uma estrada que, transpondo a Serra do Mar, estabelecia communicação entre S. Sebastião e algumas povoações interiores.

Na enseada de S. Sebastião, distante do bairro de S. Francisco mais ou menos doze kilometros, faz barra o historico e piscoso Juqueryquerê ou Curupacê que tem ahi a largura de sessenta metros e grande profundidade, sendo este ponto o preferido para residencia do caboclo que vive da pesca e que ahi constróe a sua tosca habitação.

O mero ferocissimo, o doirado e grande quantidade de mariscos são ahi encontrados aos cardumes.

Este rio, que nos tempos coloniaes marcava os limites da capitania de S. Vicente doada a Martim Affonso de Souza,

guarda até o porto do Nimbú muita uniformidade; as margens altas, cortadas a pique, dá-nos a idéa dum caprichoso caes: dahi para diante não se encontram mais habitações. O rio começa a descrever curvas e os terrenos marginaes revestem uma vigorosa vegetação que se vae emmaranhando gradualmente até se tornar em um cerrado masculo como acontece nas visinhanças da Serra do Nimbú, onde a natureza virgem ostenta severa robustez.

Troncos colossaes arrastados pela impetuosidade da corrente formam um escolho quasi insuperavel ás embarcações.

Antes alguns kilometros do porto das canôas, as margens afastam-se formando bellissimas praias orladas de arvoredo de grande corpulencia.

Na margem esquerda do rio e proximo ao referido porto a vegetação é imponente: grupos de jequitibás alteiam os troncos robustos, ostentando toda a majestade secular; jatobeiras no vigor da seiva productiva de lustrosos estojos pendentes; o sassafraz que embalsama o ambiente florestal com a resina que se desprende do amago; araçaranas e a celebre brejaúba que se desenvolve com prodigiosa facilidade, alli se encontram na mais fecunda promiscuidade.

O rio Páu d'Alho, affluente do Juqueryquerê, tem suas margens bastante accidentadas: ora é um espigão de serra encoberto por um massiço de arvores, ora é o terreno deprimindo-se e se transformando em paúes tristes e sombrios.

A margem direita do Juqueryquerê apresenta uma topographia irregular e sinuosa, coberta de floresta em que os raios solares escôam-se amortecidos, embriagando-nos num ambiente impregnado de exhalações balsamicas.

Corregos sussurrantes cortam as picadas sob abobodas de verdura: depois de algumas difficuldades oppostas pela natureza do terreno, conseguimos attingir as margens do rio Pirassununga e dahi seguimos em busca do rio Claro: a região deste rio offerece paizagens que variam conforme a inclinação do leito, havendo secções em que se desenrolam panoramas os mais bellos que a natureza virgem póde exhibir aos olhos do civilizado.

A variante da vegetação vae-se accentuando cada vez mais, conforme nos vamos approximando das suas cabeceiras onde a força germinadora e inegualavel da natureza, (manifestada desde o lichen iniciador da nossa flora até o gigantesco paú d'alho), promanada da espessa camada de humus muitas vezes secular, se nos apresenta em toda sua extraordinaria pujança.

Figueiras colossaes curvam para o rio a galharia plena de fructos sazonados, despertando a gula dos peixes que acodem em grandes cardumes a cevarem-se em tão substancioso alimento, formando os pesqueiros naturaes muito communs na rêde hydrographica do valle do Juqueryquerê.

Collados ás margens do rio concorrem tambem outras

especies vegetaes, entre as quaes destacam-se pela profusão ingazeiros de flores filiformes e estames multiplos, que attrahem myriades de insectos voltejantes sobre os fartos nectarios; embaubas de tronco alvacento, genipapeiros de fructos aromaticos.

Nos concavos dos barrancos, furtando se aos ardores do sol, brotam capillarias de varias especies, begonias cardiformes innumeras, angicos de folhas pequenas, caporocas que pontilham aqui, acolá, com o vermelho escarlate de suas flôres, cactus de ramagens caprichosas e bromelias de folhas fortes e espatuladas: á ramaria do arvoredo robusto adherem parasitas diversas, umas que serpeiam pelos troncos sugando-lhes a seiva, outras simples apiphetas de flores raras e caprichosas.

Uma vez visitado este rio com seus affluentes, retrocedemos ao porto das canôas d'onde continuamos a seguir o Juqueryquerê em demanda de suas nascentes.

O rio Juqueryquerê é até a foz do rio do Gentio perfeitamente navegavel; ahi, porém, o leito muda de constituição, as aguas espraiam deslizando em lençóes crystallinos sobre a superficie arenosa.

Até a primeira ilha encontramos isolados um ou outro blóco de pedra, mas dahi para diante transforma-se completamante a natureza do leito, notando se uma differença de nivel de cerca de 400 metros e as margens, já bastante afastadas, cingem-se de rochedos, emquanto das cavernas sombrias, abertas nos pendores dos montes, mimosas estalatytes, quaes chuveiros de chrystal, rebrilham aos raios solares apresentando as imagens do iris.

A' proporção que se avisinham suas nascentes, multiplicam-se as cachoeiras, surgem os mananciaes, uns por entre os concavos dos rochedos, outros precipitando-se pelos diversos lances de pedra, indicando a acção erosiva da massa liquida sobre a rocha denegrida.

Afinal attingimos o alto da serra.

Quando da eminencia de um rochedo voltamos os olhos para os valles, sentimo-nos invadido de admiração ante o surprehendente quadro que se desenrolava á nossa vista.

Em meio de um conjuncto verde e severo destacam-se aqui, alli, manchas extensas desde o ouro claro até a côr do enxofre, produzidas pelas inflorescencias do ipé, outras, tocadas a vermelho côr de fogo provenientes das folhagens novas das myrtaceas que se alternam com as variegadas côres das flôres da quaresma, desde o roxo carregado passando por diversos matizes até o róseo pallido e o branco niveo.

No fundo dos valles, como um tapete recamado de custosas pedrarias proveniente da multidão de plantas umbeliferas de colorido variado, destaca-se o caáeté-guassú com as bellas folhas claras e purpureas inflorescencias, dando-nos ideia de bellissimos pingentes que um genio caprichoso ahi collasse.

Quando pela primeira vez penetramos numa floresta virgem sentimo-nos apoderados de um grande pasmo: não habituado a enormidade das fórmas, fica-se sem saber para onde dirigir a attenção: o entrelaçado da galharia, o enovellado dos cipós que enroscando-se ás franças do arvoredo se confundem numa rêde inextricavel, ora estendendo-se por cima das copas das arvores, ora descendo para a terra como cordoaria de návios antigos.

Para augmento de confusão são elles envoltos por innumeras epiphetas de esquisitas fórmas e colorido, que lhes dão aspectos de grinaldas enfeitando templos de que nos falam as lendas do paganismo.

Palmeiras esbeltas levantam para o céo, sequiosas de luz, a sua coifa esmeraldina recurvando com nitidez inegualavel os graciosos leques.

A incomparavel gissára, a attéa-indaiá, os fétos arborescentes, tudo se congloba num enredado indescriptivel: é a desharmonia de uma multidão de organismos lutando pela existencia, em que o ar e a luz são disputados pelos corpulentos araribás, araçaranas, jacarandás, canjaranas, massaranduvas, perobas etc.

O singularissimo cipó-agua, o celebre mata páu, que trepa pelos troncos abarcando-os num duello de morte, é encontrado sempre junto áquelles gigantes.

Em meio de uma natureza immensamente luctadora, em que a vida é manifestada em sua mais imponente rudeza, o homem sente-se esmagado, e o espirito, seja o mais indifferente, ha de concentrar-se em verdadeiro extase.

Nunca a lucta pela existencia se manifestou mais pujante e feroz que no seio da floresta virgem, em que os individuos mais fracos são victimas dos mais fortes que os subjugam e os absorvem satisfazendo os seus instinctos vorazes.

E' na apreciação destas manifestações da natureza rude que o homem se exalta pela sua intelligencia e poderio como rei da creação.

Em parallelo á pujança florestal desta região está a fauna que nos apresenta felinos, reptis e saurios em todo o desenvolvimento.

Quadrumanos como macacos, monos e bugios; armadilhos como o tatú; milnecephagos como o tamanduá bandeira; ouriços revestidos de interessantes tunicas espinhosas; tartigrados como a preguiça; nos barreiros, proximo aos ribeiros, são encontradas a anta a paca, a lontra e a capivara.

Nas aves, é ella representada por papagaios, periquitos, maitacas, tucanos, araçaris, araponga, pica-páu, bem-te-vi, pelos tangarás que cruzam pela matta como musicos ambulantes e pelos noctivagos como o curiango e o urutáu.

Nas margens dos rios abundam o flexa-peixe e o martim pescador.

Entre os palmipedes e os pernaltas figuram os marrecos, os mergulhões, as garças e as siriemas.

No espesso das matas encontram-se gallinaceos como a jacutinga, o macuco, o urú, o nhambú e o jaó.

***

Devéras impressionado pelos encantos dessa estupenda natureza regressei a São Sebastião.

Eis-me emfim outra vez na velha cidade que suavemente inclinada sobre as praias, dormita entregue ás saudosas reminiscencias do passado longinquo.

Qual o individuo que, cercado de uma natureza suggestiva e impressionante, representada numa tão varia modalidade, possa fugir á emoção de maravilhamento que o domina e embriaga?

Sob a transparencia do espaço infinito desenrolam-se as mais encantadoras paizagens.

Ao norte o horizonte maritimo em que a vista se cança e perde.

Ao sul, até o morro do Araçá, uma cadeia de montanhas elevando as cercas rugosas acima da planicie arenosa.

Em frente, a ilha de São Sebastião voluptuosamente ceulada pelas vagas marinhas.

Numa magnifica manhã, plena de luz, embarquei para a ilha: os raios solares reflectiam-se no dorso das vagas como chuveiros de ouro.

Esta curta travessia era, comtudo, sufficiente para volver o espirito aos paramos infinitos, a conjecturar sobre essa força ignota que agita os elementos convulsionando os mares e faz rolar sob o céo vagalhões de nuvens calliginosas.

Na orla dos rochedos que guarnecem os flancos da ilha, arbustos melancolicos levantam sua folhagem pyramidal como verdadeiros atalaias da solidão.

As quebradas e os pendores das collinas cingem-se de casitas alvacentas que lhes emprestam um todo festivo.

Aqui, alli, collocados aos visos dos outeiros, renques de palmeiras de especies diversas agitam ao arfar da brisa maritima as assetinadas palmas.

Innumeras plantinhas criptogamicas arreiam em alfombra de matiz delicioso, o solo refrigerado pelas fontes de agua chrystalina: mais para o interior, afastadas do oceano, tufos de plantas do genero musa se alternam com o vigoroso arvoredo, deixando transparecer aqui, acolá, manchas prateadas de flôres elegantes e aromaticas.

Com o marulhar das vagas osculando as plantas dos rochedos, casam-se as vozes da cachoeira Pedra Branca a espadanar pelos alcantis, entoando selvatica symphonia.

S. Paulo, 30—8—1910.

ALEXANDRE LEVY

POR

GELASIO PIMENTA
Socio effectivo do Instituto

ALEXANDRE LEVY

(Trabalho apresentado ao Instituto Historico e Geographico de São Paulo em sessão de 20 de Outubro de 1910).

Meus senhores,

Nesta época de rude materialismo, em que o homem é absorvido pelas preoccupações utilitarias, o estudo da historia sobe de vulto para aquelles que ainda se não sentem atrophiados pelos exaggeros das cogitações positivas e vão buscar nas tradições do passado vultos e factos que possam servir de exemplo e incentivo ás gerações contemporaneas.

Muitos são os brasileiros que culminaram nas sciencias, na politica e nas artes e cujos feitos se vão apagando da nossa memoria, não porque não mereçam figurar nas paginas da historia nacional, mas porque temos o habito de esquecer muito cedo tudo que nasce e é acalentado no regaço da nossa Patria.

Possuimos um elevado grau de cultura, assimilada naquillo que de melhor têm produzido os francezes, os italianos, os allemães, os inglezes, os norte-americanos; temos uma instrucção bem cimentada, porque soubemos aproveitar de cada um desses povos o que elles têm produzido de melhor na irradiação do seu pensamento. Entretanto, ainda não aprendemos as suas lições no culto tributado aos grandes homens.

Esse culto deve abranger todos os ramos das sciencias e das artes. Não é sómente nos dominios das investigações praticas que o homem collabora para o engrandecimento de seu paiz. Tanto merece de seus compatriotas o scientista que no fundo do laboratorio descobre formulas novas e surprehendentes, como o poeta ou o musico, o pintor ou o esculptor que se destaca pelo labor inspirado e fecundo.

E, porque assim penso, apresentarei ao preclaro Instituto Historico e Geographico de São Paulo, onde acabo de ser immerecidamente recebido e saudado por um dos seus mais illustres membros, (*) um pequeno e modesto subsidio

(*) O orador foi saudado pelo Dr. Dinamerico Rangel, 1.º secretario do Instituto.

para o estudo da vida e da obra de um paulista notavel que culminou na arte sublime que inspirou Mozart e produziu Beethoven, que fez vibrar Rossini e inflammou Wagner.

Alexandre Levy é o musico de quem me occuparei.

Não foi propriamente um genio.

Genio foi Beethoven, que creou a «Pastoral» ; genio foi Mozart, que produziu o «Requiem» ; genio foi Haydn e foi Bach, foram Verdi e Rossini ; genio foi Carlos Gomes, que se immortalizou nas paginas selvagens do «Guarany».

Alexandre Levy foi um artista de grande talento e que vasou as suas producções em forma muito pura, capaz de resistir á critica mais severa.

S. Paulo estava influenciado, na época em que elle floresceu pela arte theatral, pelas bellezas da musica italiana ; Alexandre inclinou-se, porém, para a musica de camara e dedicou-se á escola alleman, imitando Schumann e Chopin, não porque repudiasse a musica do theatro, mas porque era para o outro genero que pendia o seu temperamento.

Berlioz teve de lutar contra o espirito rotineiro dos que não admittiam pudesse um genio revolucionario ferir e convulsionar regras e preconceitos que pretendiam tivessem força de lei nos dominios da esthetica musical. Temperamento arrebatado, espirito persistente e combativo, incapaz de transigir com os processos que repugnassem aos seus ideaes artisticos, o auctor da «Symphonia Fantastica» passou pela sua época sem ser comprehendido pelo vulgo—elle que, se não fôra o primeiro musico da França, teria sido, na opinião de Legouvé, um dos seu maiores escriptores.

Tambem Alexandre Lévy foi mal comprehendido pelos seus contemporaneos. Mas não foram os preconceitos da forma que se insurgiram contra os seus ideaes. São Paulo era um centro atrazado, onde podiam ser apontadas a dedo as pessoas que revelavam interesse pela arte musical. O artista teve de vencer a apathia de um meio incipiente, que apenas começava a receber os primeiros influxos dos centros europeus.

Modesto ao ponto de se mostrar sériamente contrariado quando seus paes, por um sentimento muito natural, com orgulho se referiam ao talento do filho predilecto, em palestra com as pessoas que lhes frequentavam a casa, era Alexandre uma dessas creaturas puras e meigas, que attraem e fascinam ao primeiro contacto. Os seus gestos brandos e macios reflectiam uma alma romantica e sciimadora, como a de Chopin, e que não encontou um ambiente favoravel aos seus canticos e aos seus devaneios.

Apesar de educado para o commercio, desde cedo se revolou artista. Era um bohemio. A's vezes vagueava pela cidade, acompanhado por um ou outro amigo, outras vezes ia á Ponte Grande ouvir os murmurios suaves da

correnteza, outras ainda ficava horas e horas a contemplar a luz branda e mysteriosa do luar projectada sobre o cimo alcantilado dos montes.

S. Paulo não tinha ainda os ruidos de uma grande capital, nem possuia essa fulgurante civilisação que constitue o orgulho da heroica estirpe dos bandeirantes. Não ostentava essa civilisação ruidosa, mas tambem não era invadida pelo seu negro cortejo de vicios e de crimes. Não tinha Jacinthos, mas não agasalhava ladrões de casaca nem assassinos de luvas. Era uma cidade pacata—um doce retiro onde podiam tranquillamente viver as almas ingenuas e contemplativas como a de Alexandre Levy, alma delicada de poeta que verteu em musica os seus poemas e as suas canções, alma privilegida de esthéta que amava o ideal e adorava o Bello em toda a sua pureza, em toda a sua magestade.

Alexandre era um artista na verdadeira accepção do termo. Não tinha feitio para negociante. Estando uma vez de plantão na loja de seus paes, pediu-lhe uma senhora que tocasse uma polka enfadonha. Alexandre mostrou-se amuado e respondeu com rude franqueza : — « Isso não posso tocar. Ouça esta outra musica, que é melhor». E executou uma «Sonata» de Beethoven. A freguesa protestou : achou que a «Sonata» não valia nada e insistiu com Alexandre para que lhe vendesse a polka, pois isso de classicos era só para os exquisitões de gosto estragado como elle.

Um episodio interessante. A familia Levy possuia um bello cão de fila, mais dedicado que o Fiel de Guerra Junqueiro, mais leal que o Cesar de Eduardo VII. Quando Luiz Levy, irmão mais velho de Alexandre, se sentava ao piano, o cão vinha infallivelmente collocar-se a seu lado. Quando, porém, o executante era Alexandre, o animal não se abalava de onde estivesse para o apreciar. O cão deliciava-se com as musicas de Luiz, porque eram alegres, e detestava as de Alexandre por serem tristes e lamuriantes. Em compensação, Alexandre tinha uma ardente admiradora, solidaria com as suas melancholias. Conta-se que uma aranha sentia verdadeira attracção pelas suas musicas. Sempre que elle tocava, ella surgia de seu ninho e vinha correr agastadamente sobre o piano...

O talento musical de Alexandre Levy teve quasi a mesma precocidade de Mozart e o brilho deslumbrante dos primeiros annos de Liszt.

Em 1871, quando Alexandre contava apenas sete annos de edade, Cardoso de Menezes, auctorisado critico musical, assim se exprimia em carta dirigida ao saudoso jornalista Ferreira de Menezes :

«Tendo recebido apenas algumas lições de seu irmão, ao que me consta quando se senta ao piano para tocar algum pedaço de musica com o seu joven mestre, converge toda a sua attenção para o que está executando e não dis-

Foi tambem: 1º secretario da *Sociedade Dramatica Abolicionista*, de Uberaba (1883), secretario do *Club Voletes de Ouro* (1884), do *Atheneu Literario* (1884), da mesma cidade; thesoureiro da sociedade dramatica *Vinte de Junho* (1886), 1.º secretario do *Club Pepublicno Casabranquerse* (1887, 88 e 89), membro do governo provisorio municipal, acclamado a 16 de novembro de 1889 (D), socio honorario da sociedade *Principe di Napoli*, membro do directorio do Partido Republicano. Tem escripto em diversos jornaes e publicado varios trabalhos literarios, que vêm mencionados no referido *Almanak* (E). De seu primeiro consorcio ha quatro filhos, naturaes de Casa Branca:

8—1. *Rosaura*, nascida a 8 de fevereiro de 1888.
8—2. *Rosalia*, a 30 de julho de 1890.
8—3. *Rosentina*, a 27 de junho de 1892.
8—4. *Rosina*, a 27 de maio de 1894.

7—4. *Albertina de Toledo Almeida*, nasceu a 19 de maio de 1867, e casou, a 30 de julho de 1887, com Joaquim Tito de Almeida, natural de Araxá e ali residente. Deste enlace existem dous filhos:

9—1. *Odette*.
9—2. *Oriovaldo*.

7—5. *João Augusto de Toledo*, nasceu a 23 de junho de 1869 e reside no Rio de Janeiro, em estado de solteiro.

A

Thomazia Augusta de Toledo, filha de Joaquim Manuel Teixeira e Luiza Alves França, neta paterna de Jacintho Manuel Teixeira e Maria Teixeira e materna de Antonio Alves França e Rita Marcelina de Magalhães, nasceu em Tamanduá a 18 de junho de 1833 e faleceu em Araxá, a 25 de outubro de 1891. Casou, em primeiras nupcias, com seu parente Francisco Manuel Teixeira, de quem houve os seguintes filhos:

1 — *Desiderio Teixeira França*, nascido a 17 de abril de 1850 e falecido em 20 de outubro de 1880; com descendencia.

2 — *Apollinario Teixeira França*, nascido a 29 de novembro de 1852 e falecido a 2 de janeiro de 1884; com descendencia.

3 — *Maria Alexandrina Teixeira*, nascida a 24 de junho de 1854, casada com Antonio Teixeira da Cunha; com descendencia.

Joaquim Manuel Teixeira, natural de Tamanduá (hoje Itapecerica), nasceu em 1800 e faleceu em 1850 e dedicou-se sempre á lavoura. De seu consorcio com d. Luiza Alves França, nascida a 3 de março de 1802, em S. João del-Rei,

e falecida a 4 de maio de 1884, em Araxá, ficaram os seguintes filhos:

1 — *Ananias Manuel Teixeira*, major da guarda nacional e advogado em Formiga, onde se casou e tem familia. Foi deputado á Assembléa Provincial em diversas legislatura e tem desempenhado diversos cargos publicos. De seus filhos dois seguiram estudos ragulares:

1 — Augusto Teixeira da Fonseca.
2 — Ananias Teixeira da Fonseca.

2 — *José Manuel Teixeira*, capitão da guarda nacional, escrivão de orphams de Araxá, nascido a 2 de dezembro de 1825. Casado com Anna Jacintha de Rezende, tem tres filhos:

1 — Theophilo Teixeira França.
2 — Luiza Teixeira.
3 — Francisco de Paula Teixeira.

3 — *Izaias Teixeira da Fonseca*, falecido em Dôres de Santa Juliana. Casou com sua prima Francisca da Paiva Teixeira e desse consorcio houve diversos filhos, e de entre os quaes:

1 — Ananias Teixeira, casado primeiro Maria do Carmo Etelvina Cardoso, filha do professor Francelino José Cardoso Junior, e depois com uma filha de seu parente Marcelino Manoel Teixeira.
2 — Azarias de Paiva Teixeira.
3 — Americo de Paiva Teixeira.

4 — *Francisco Manuel Teixeira*, falecido no Araxá, com descendencia.

5 — *João Teixeira França*, falecido no estado de solteiro.

6 — *Tecphilo Teixeira da Fonseca Tito*, nascido a 1.º de julho de 1840. E' casado duas vezes. Occupa o posto de major da guarda nacional. E' advogado e foi promotor da justiça da comarca de Araxá.

7 — *Joaquim Jorge Teixeira*, casado a primeira vez com Jacintha de Rezende Teixeira e a segunda com sua ex-cunhada Maria Theodora de Rezende, filhos havendo-os sómente do primeiro matrimonio, e são estes:

1 — Viriato Teixeira França.
2 — Nominato Teixeira França.
3 — Maria das Neves Rezende, casada.
4 — Luiza Teixeira de Rezende, casada.
5 — Leolina Teixeira.
6 — Anna de Rezende.

8 — *Luiz Alves Teixeira França*, falecido no Araxá em 1884; foi casado com sua sobrinha Maria Luiza Alves França, e não deixou descendentes.

9 — *José Alves Teixeira França*, falecido em Araguary, onde era advogado, em 1886, deixando de seu casamento com Isolina Carneiro, dois filhos:

1 — Leopoldo Teixeira França, residente em Araguary.
2 — D. . . . . .

10 — *Romualdo Teixeira França*, casado com sua prima Maria Romualda Teixeira, filha do 1.º tabellião de Araxá, Romualdo Teixeira da Fonseca. E' secretario da Camara Municipal, e exerceu os cargos de agente do correio, escrivão da colectoria, etc. Tem descendencia e conheço dois de seus filhos:

1 — Belmiro Teixeira França.
2 — Romualda.

11 — *Maria do Carmo Alves França*, casada primeiro com Francisco Teixeira, seu parente, e depois com o alferes Antonio Jacintho Ribeiro Mendes. Houve do seu primeiro casamento uma filha:

1 — Maria Luiza Alves França, casada com Luiz Alves Teixeira França.

12 — *Leolina Teixeira*, casada com Miguel Affonso Teixeira, residente em Tamanduá, e tem tres filhos:

1 — Francisco de Paula Affonso Teixeira.
2 — José Affonso Teixeira.
3 — João Affonso Teixeira.

13 — *Thomazia Augusta de Toledo*, já mencionada.

B

Maria Farani de Toledo, nascida em Casa-Branca (S. Paulo), a 25 de outubro de 1870, ahi faleceu a 5 de agosto de 1895. Era filha de Nicolau Felix Farani e Leonor Alves Farani, neta, pela parte paterna, de Braz Farani e Antonia Gallotti, e pela materna de Luiz Antonio Vieira e Mathilde Constança da Gloria.

Nicolau Farani, nascido em Sapri, provincia de Salerno, (Italia), a 28 de agosto de 1838, faleceu em Casa-Branca, a 12 de outubro de 1881, deixando quatro filhos:

1 — Antonio Farani, nascido a 5 de fevereiro de 1867, casado em 1889 com Virginia Ceque Farani. Tem os seguintes filhos:

1 — Maria de Lourdes Farani.
2 — Leonor Ceque Farani, falecida.
3 — Lazaro Farani.
4 — Carmen Farani.

2 — Maria Farani de Toledo.
3 — João Farani, nascido em 1873.
4 — Luiz Farani, nascido em 1879.

Luiz Antonio Vieira, filho de José Caetano Vieira e Maria Ignacia, nasceu em Rezende, estado do Rio de Janeiro, a 8 de janeiro de 1806. Casou-se em 1835 no Turvo, com Mathilde Constança da Gloria, filha de Vicente Ferreira Netto e Leonor Alves da Silva, e falecida a 4 de junho de 1884. Faleceu a 21 de novembro de 1889, em Casa-Branca, e de seu casamento houve os filhos seguintes:

1 — José Caetano Vieira.
2 — Agostinho Antonio de Paula Vieira.
3 — Geraldina, casada com Joaquim Carlos de Siqueira.
4 — Maria do Rosario, casada com Quirino Teixeira da Silva.
5 — Leonor Alves Farani, casada com Nicolau Felix Farani.
6 — Umbelina, casada com José Clemente Franklin.

C

Umbelina Xavier de Toledo, filha do tenente José Theodoro Xavier e Anna Theodora Xavier, nasceu em Mogy-mirim a 17 de janeiro de 1871 e casou, em primeiras nupcias, a 12 de agosto de 1885, com Fernando Franchi, filho de Giuseppe Franchi e Sara Franchi, natural de Castelnuovo de Garfagnana (Italia) e falecido a 16 de junho de 1892, em Casa-Branca; e desse enlace houve cinco filhos:

1 — Sara, nascida em 1886.
2 — Ida, em 1888.
3 — Annita, em 1889.
4 — Anela, em 1890; falecida.
5 — Fernando, em 1892; falecido.

José Theodoro Xavier, nasceu em Mogy-mirim, em 1829, e exerce ha 36 annos o cargo de escrivão da coletoria. E' filho do tenente coronel João Theodoro Xavier e irmão do dr. João Theodoro Xavier (nascido em 1.º de novembro de 1828 e falecido em S. Paulo, a 31 de outubro de 1878), que foi lente da Faculdade do Direito e presidente da provincia.

De seu consorcio com Anna Theodora Xavier, houve José Theodoro os seguintes filhos:

1 — Miguel Theodoro Xavier, solteiro, residente em Itapira.
2 — Umbelina Xavier de Toledo, já mencionada.
3 — José Theodoro Xavier Junior, casado com Candida Alves Xavier, falecido em 1896.
4 — Maria Theodora Franchi, casada com Angelo Franchi, residentes em Casa-Branca

D

O governo provisorio do municipio compoz-se dos cidadãos drs. Antonio Mercado, José Leão de Silos e Lafayette de Toledo. Dissolveu-se logo que o governo do Estado nomeou o primeiro para o cargo de delegado de policia.

E

A lista completa de seus trabalhos é esta:

PUBLICADAS

1 — *Silva Jardim*, biographia (no *Diario da Manhã*. de Santos) 1891—1892.

2 — *Almanak de Casa-Branca*, para 1888 (de colaboração com Wenceslau de Almeida), Campinas, 1887.

3 — *Almanak de Casa Branca*, para 1889, Campinas, 1888

4 — *Santistas Illustres*, (sob o pseudonymo de Tancredo Lucas), Campinas, 1887, 64 pags.

5 — *A Marselheza*, traduzido de J. Polio (no *Correio Paulistano*), S. Paulo, 1891.

6 — *Pela Patria*, pamphleto republicano (sob o pseudonymo de Laffite Junior), Casa-Branca, 1888.

7 — *Positivismo e Catholicismo*, traduzido de Jorge Lagarrigue (no *Oeste de S. Paulo*), Casa-Branca, 1888—89.

8 — *Indice synoptico chronologico e analytico dos decretos, leis, etc. de S. Paulo*, de 1899—92 .S. Paulo, 1893, 34 pags.

9 — *Indice synoptico chronologico e analytico dos decretos, leis, etc de S. Paulo*, de 1893. S. Paulo, 1894. 40 pags.

10 — *Imprensa Paulista*, (no *Diario Popular*), S. Paulo, 1894—95. (*a*)

INÉDITAS

11 — *Poetas mineiros*, estudo historico, literario e biographico, 1 vol. (*b*)

12 — *Monographia de Casa-Branca*, Historia da origem e fundação da cidade de Casa-Branca, 4 vols. (*b*)

13 — *Luta sem tréguas* } comédias representadas no
14 — *Um cometa!* } theatro de Casa-Branca em
15 — *Tréguas sem luta* } 1886 e 1887.

16 — *O concurso das lições*, comédia em 1 acto.

17 — *O thesouro do Curuçá*, memoria historica. (*b*)

18 — *Noticia historico geographica do Araxá* (de collaboração com Octaviano de Toledo). (*b*)

19 — *Ensaios Lexicologicos*, 1 vol. in-fol. de 59 pags., 1892. (*c*)

(*a*) Está archivado o manuscripto deste trabalho no *Instituto Historico* de S. Paulo. (1)

(*b*) Existem, em original, no *Instituto Historico*, do Rio de Janeiro.

(*c*) Foram publicados, em parte, no *Jornal do Commercio*, do Rio. O manuscripto está no *Instituto Historico Brasileiro*.

N. de A.

---

(1) O importante e apreciado trabalho do erudito prantendo consocio foi publicado no tomo III (1898) desta *Revista*, que tambem illustrou suas paginas com o *Diccionario Topographico da Comarca de Casa Branca*, dada á estampa no tomo XII (1907).

N. da R.

Padre João de Faria Fialho

No Almanach Litterario de S. Paulo, organizado por José Maria Lisboa 1879, pag. 228, sob o titulo *Lenda do arraial de Ouro Preto*, se lê o seguinte:

«Rezam as chronicas e a tradição oral de Ouro Preto, que ha coisa de quasi dois seculos chegou áquella localidade um padre, talvez da Companhia de Jesus, de nome João de Faria Fialho, que andava sempre munido de um varapau, o qual duplamente lhe servia de arma de defesa contra os animaes damninhos e reptis venenosos, e de arma de castigo, com a qual restabelecia a concordia entre os barulhentos que disputavam a posse do ouro e outros objectos, pedindo esmola para construir uma capéla onde pudesse desempenhar as funcções de seu santo ministerio.

Conta-se que em uma occasião que este prégava aos fiéis para o auxiliarem, um assistente incrédulo comprazia-se em particularmente combater as idéias e os pedidos do padre, mas que certo ponto da oração do missionario tanto impressionou-o e commoveu-o que deu-lhe todo quanto dinheiro levava. E' sobre isto que versa a lenda seguinte:

Prégava o padre Faria,
o logo ficou patente,
que o sermão acabaria
pedindo dinheiro á gente.

Eu fui commigo dizendo:
—Não creio em taes artimanhas;
fala p'ra ahi, reverendo,
que nem um vintem me apanhas.

Meu bolso estava repleto
de cobre, de prata e ouro,
e era com bem affecto
que eu guardava o meu thesouro.

A' medida que o sermão
se ia desenvolvendo,
a minha resolução
pouco a pouco ia cedendo.

Fiquei, por fim, commovido
com a pintura do pobre,
e estava já resolvido
a dar-lhe todo o meu cobre.

Novo rasgo de eloquencia
fulgiu do padre na bocca,
e envergonhou-me a consciencia
de offertar coisa tão pouca.

Essa eloquencia era fogo
de uma caridade exacta ;
resolvi-me desde logo
a dar-lhe tambem a prata.

Emfim, na peroração,
mostrou tal primor e estudo,
que dei-lhe de coração,
cobre, prata, ouro e tudo.»

—

Pedro Taques, na *Nobiliarchia Paulistana*, menciona o padre Faria como um dos fundadores da cidade de Pindamonhangaba, neste Estado; em uma publicação, porém, que saiu no jornal *A Provincia de S. Paulo*, em 1889, lê-se o seguinte :

«Alguns chronistas, ou historiadores dão o padre João de Faria Fialho como um dos fundadores de Pindamonhangaba, para cuja igreja matriz creou patrimonio ; mas não consta nada disto nos livros do Tombo, nem em qualquer outro documento historico, apenas isso vem na *Revista do Instituto Historico*, 2.º trimestre de 1872, pag 270.»

No Compendio das épocas da capitania de Minas Geraes, publicado na citada revista, se vêm os seguintes topicos :

«1701 —O mesmo coronel Salvador Fernandes Furtado descobriu nas immediações das minas manifestadas pelo padre Faria, o ribeirão do Bom Successo, com pinta assás rica de ouro.

1705.—O reverendo bispo do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas, d. Francisco de S. Jeronymo, enviou no caracter de vigarios, para o arraial de Ouro Preto, Antonio Dias, *padre Faria* e padre Mancel de Crasto.. »

—

Milliet de Saint-Adolphe, em seu *Diccionario geographico e historico do Brazil*, diz que «Antonio Dias, taubateano, o *padre João de Faria*, natural da ilha de S. Sebastião, e os paulistas Thomaz Lopes de Camargo e Francisco Bueno da Silva foram os primeiros que, em 1699 e nos annos seguintes, se estabelecoram nas margens de varios ribeiros da serra de Ouro Preto.»

Falando desta serra, diz ainda o mesmo escriptor que aquelle nome foi-lhe dado pela côr escura do ouro que em seus ribeiros colheram os sertanistas Antonio Dias, Thomaz Lopes de Camargo, Francisco Bueno da Silva e *João de Faria Fialho*, quando no decurso do anno de 1700 assentaram morada nos montes vizinhos.

—

Ha na capital de Minas um bairro denominado do *Padre Faria*, onde foram edificadas as primeiras casas da cidade, onde ha uma capéla, e cuja denominação recorda o fundador da cidade.

—

Na memoria *Descobrimento de Minas Geraes*, publicada na revista já citada (tomo XXIX, 1.ª parte, se lê no § 8.º:

«Dos corregos e mórros de Ouro Preto chamados ainda hoje o Passadez, o Bom Successo, Ouro Fino, e Ouro Bueno, foram descobridores Antonio Dias, natural de Taboaté (1), o padre *João de Faria Fialho* e Thomaz Lopes de Camargo, primo do descobridor de Itaberava Bartholomeu Bueno. Do primeiro tomou o nome a freguezia de Antonio Dias, e do padre Faria um bairro assim chamado na mesma freguezia, uma das de Villa Rica.»

Azevedo Marques. *Apontamentos historicos e geographicos da Provincia de S. Paulo*, diz que os paulistas Antonio Rodrigues de Arzão, padre João de Faria Fialho, Thomaz Lopes de Camargo e Francisco Bueno de Siqueira foram os primeiros que estabeleceram-se, pelos annos de 1694 e seguintes, nas margens de varios ribeiros da serra de Ouro Preto.

—

O padre Faria era irmão de Antonio de Faria Sudré, que foi casado com Ignez de Oliveira Cotrim, filha do guarda-mór Estevam Raposo Bocarro e de Maria de Abreu Pedroso Leme ; e tio de Miguel de Faria Sodré, João Leite da Silva Sudré e Antonio de Faria, todos de S. Sebastião Estado de S. Paulo.

Casa Branca (S. Paulo), 1896.

(1) Taubaté.

ACTAS DAS SESSÕES DE 1910

Primeira sessão ordinaria

PRESIDENCIA DO SR. DR. DOMINGOS JAGUARIBE

Aos 25 dias do mez de Janeiro de 1910, nesta cidade de S. Paulo, em sua séde social á rua Benjamin Constant n. 40, ás 8 horas da noite, reunidos os consocios do Instituto srs. J. V. Couto de Magalhães. Pedro Dias de Campos, Assis Moura, Dinamerico A. R. Rangel, Gentil Moura, Constante A. Coelho. João Coelho Gomes Ribeiro, Arthur Vautier, Luiz Piza. dr. Domingos Jaguaribe, Alfredo de Toledo, Edmundo Krug, A. Moreira da Silva, Eduardo Carlos Pereira, Leoncio A. Gurgel e José Torres de Oliveira, assumiu a presidencia o sr. dr. Dinamerico Rangel, 1.º secretario, como substituto legal dos srs. presidente e vice-presidente, que deixaram de comparecer, e declarou aberta a sessão.

Em seguida o sr. presidente fez uma breve allocução congratulando-se com o Instituto pela installação dos trabalhos do corrente anno e declarou que ia dar posse á Directoria eleita para funccionar no triennio de 1910 a 1913. Como todos os membros da nova Directoria tivessem sido reeleitos, á excepção do vice-presidente dr. Domingos Jaguaribe, o sr. presidente da sessão convidou este consocio para assumir a presidencia e declarou empossados de seus cargos todos os membros da Directoria, os quaes são os seguintes:—Presidente, conselheiro Manuel Antonio Duarte de Azevedo; Vice-presidente, dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe; 1.º secretario—dr. Dinamerico Augusto do Rego Rangel; 2.º secretario—dr. José Torres de Oliveira; thesoureiro—dr. Arthur Vautier; orador—dr. Raphael Corrêa de Sampaio.

Assumindo a presidencia, o sr. dr. Domingos Jaguaribe agradeceu ao Instituto a honrosa confiança com que o distinguira, prometteu envidar todos os seus esforços pela prosperidade da associação e offereceu, juntamente com varios autographos de brazileiros illustres, o original do discurso que proferiu em 1 de novembro de 1904, por occasião da installação do Instituto.

Em seguida o sr. 1.º secretario procedeu á leitura do Relatorio dos trabalhos e occurrencias do Instituto durante o anno social findo, sendo o mesmo approvado.

O sr. thesoureiro apresentou o balancete da receita e despesa do mesmo anno, o qual ficou sobre a mesa para exame dos srs. consocios.

No expediente foram lidos: um officio da Commissão Organizadora do Segundo Congresso Brazileiro de Geographia, a reunir-se em setembro p futuro nesta capital, convidando o Instituto a adherir a esse certamen scientifico; officio do consocio sr. Julio Conceição offerecendo o seu trabalho intitulado *Santos de Amanhã*, que expressamente confeccionára como homenagem ao Instituto; cartas dos srs. dr. Oliveira Botelho, Luiz Casabona, Carlos Augusto Novaes, Barão de Muritiba e J Lucio de Azevedo, agradecendo sua admissão como socios; officio do Instituto Historico e Geographico Parahybano remettendo diversos volumes da obra editada por aquella associação *Notas e Datas para a Historia da Parahyba*.

O sr. 1.° secretario accusou ainda o recebimento de livros, jornaes, opusculos e folhetos e leu uma carta do sr. dr. Wanderley de Araujo, offerecendo um interessante autographo de Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, datado de 1815.

Em seguida o sr. A. Moreira da Silva justificou a ausencia do sr. coronel Ludgero de Castro.

O sr. Couto de Magalhães, pedindo a palavra, fez referencias elogiosas á memoria de Joaquim Nabuco e requereu que fosse lançado na acta voto de profundo pezar pelo passamento do grande brazileiro e que se officiasse a sua familia, por intermedio de seu illustre cunhado dr. Hilario de Gouvêa, enviando lhe sinceras condolencias.

O sr. Leoncio Gurgel, declarando-se solidario com a proposta feita, apresentou um additivo para que o Instituto se fizesse representar na chegada á Patria do corpo do egregio patricio.

Approvadas unanimemente ambas as propostas, o sr. presidente declarou que irá pessoalmente ao Rio desempenhar essa incumbencia, para a qual tambem nomeava o sr. Barão Homem de Mello.

Em seguida o sr. presidente propôz um voto de pezar pelo falecimento do consocio sr. coronel Araujo Macedo e de Angelo Agostini.

A primeira parte da proposta, relativa ao consocio sr. coronel Araujo Macedo, foi unanimemente approvada.

A segunda parte, relativa a Angelo Agostini, foi approvada por maioria de votos, depois de umas explicações trocadas entre o sr. presidente e os srs. Dinamerico Rangel e Couto de Magalhães.

Pedindo a palavra o sr. Couto de Magalhães, requereu que, de conformidade com o disposto no art. 27 § 2.° dos Estatutos, o sr. presidente nomeasse nesta sessão as diversas commissões que têm de funccionar durante o triennio ora iniciado.

Este requerimento é sustentado pelo dr. Alfredo de Toledo e combatido pelo dr. Dinamerico Rangel.

Encerrando o incidente, o sr. presidente declara que na proxima sessão fará essas nomeações, não o podendo fazer na presente, por não ter tido tempo para fazer algumas consultas e combinações.

O sr. Assis Moura requereu a sua inscripção para em umas das proximas sessões ler um trabalho de sua lavra sobre *Os bandeirantes naturaes de Taubaté*.

Pediu, em seguida, a palavra o dr. João Coelho Gomes Ribeiro e, referindo-se a presente data, commemorativa da fundação de S. Paulo, requereu que fosse nomeada uma commissão para proseguir nos estudos destinados a constatar a exacta localização da legendaria villa de Santo André da Borda do Campo, e que o Instituto promovesse os meios de se restituir ao rio Tamanduatehy o seu nome historico de Piratininga.

Sobre estes assumptos manifestam-se diversamente os srs. Dinamerico Rangel e Couto de Magalhães, tendo este declarado expressamente que votava contra as duas indicações apresentadas.

O sr. presidente nomeia para a commissão lembrada pelo dr. Gomes Ribeiro, além deste consocio, os srs. drs. João Pedro Cardoso, Luiz Pizo, Assis Moura e Manuel Pereira Guimarães: quanto á segunda indicação diz que opportunamente officiará ao Congresso Legislativo do Estado.

Sendo 10 horas da noite o sr. presidente encerra a sessão, convidando os srs. consocios para a proxima, que se deverá realizar a 5 de fevereiro p. futuro.

Do que para constar eu, José Torres de Oliveira, 2.° secretario, lavrei a presente acta.

Em tempo: antes do expediente, foram lidas e approvadas sem debate, as actas das duas sessões anteriores.

Dr. Domingos Jaguaribe
Dinamerico A. R. Rangel
José Torres de Oliveira

Segunda sessão ordinaria

PRESIDENCIA DO SR. DR. DOMINGOS JAGUARIBE

Aos 5 dias do mez de fevereiro de 1910, ás 8 horas da noite, sob a presidencia do sr. dr Domingos Jaguaribe, secretariado pelos srs. drs. Dinamerico Rangel e Torres de Oliveira, foi aberta a sessão com a presença de mais os seguintes consocios: Gentil Moura, Barão Brazilio Machado, Assis Moura, dr. Joaquim P. da Silveira Cintra, dr. Joa-

quim José de Carvalho, Affonso A. de Freitas, Alfredo de Toledo, E. L. Bourroul, Pedro Dias de Campos e A. Moreira da Silva.

E' lida e approvada, sem debate, a acta da sessão anterior.

O sr. 1.º secretario declarou não haver expediente para ser lido.

Annunciada a 1.ª parte da ordem do dia, o sr. presidente da sessão declara que, usando da attribuição que lhe conferia o art. 27 § 2.º dos Estatutos, designava para servirem nas diversas commissões que têm de funccionar durante o corrente triennio, os seguintes consocios:

Regulamento e Estatutos — Dr. Luiz de Toledo Piza e Almeida, dr. José Vieira Couto de Magalhães, dr. Carlos Cyrillo Junior.

Admissão de socios — Dr. José Torres de Oliveira, dr. José Maria do Valle, dr. Francisco I. X. de Assis Moura.

Redacção da Revista — Horacio de Carvalho, dr. Estevam Leão Bourroul, dr. Alfredo de Toledo.

Historia de S. Paulo — Dr. Eugenio Egas, dr. João Baptista de Moraes, dr. Manoel Pereira Guimarães.

Historia do Brazil — Conego Ezechias Galvão da Fontoura, dr. Theodoro Sampaio, dr. Washington L. Pereira e Souza.

Geographia de S. Paulo — Dr. João Pedro Cardoso, dr. Edmundo Krug, Affonso A. de Freitas.

Geographia do Brazil — Dr. Gentil de Assis Moura, Commendador Tiburtino Mondim Pestana, João Wetter.

Literatura e manuscriptos — Dr. Dinamerico Rangel, Dr. Deocleciano Rodrigues Seixas, coronel Francisco Gaspar.

Sciencias — Dr. Gustavo Edwall, Dr. Hermann von Ihering, dr. J. P. da Silveira Cintra.

Artes e Industrias — Dr. Ignacio Wallace da Gama Cochrane, dr. Francisco de Paula Ramos de Azevedo, Humberto de Queiroz.

Contas — Dr. Carlos Reis, coronel Ludgero de Castro, João Lellis Vieira.

Disse mais o sr. presidente que, não tendo o dr. João Coelho Gomes Ribeiro aceitado a nomeação para membro da commissão, creada por sua indicação, e destinada a averiguar o local certo da villa de Santo André da Borda do Campo, nomeava em seu logar o sr. dr. Silveira Cintra.

Em seguida, são lidas propostas: transferindo da categoria de socio effectivo para a de honorario o dr. João Mendes de Almeida Junior e admittindo como socios effectivos os srs. professores Ruffus K. Lane e Oscar de Sá Campello.

As propostas relativas aos dois ultimos candidatos foram enviados á commissão de admissão de socios, para dar parecer; e a relativa á transferencia do dr. João Mendes foi dispensada de parecer e intersticio, a requerimento do dr. Torres de Oliveira, e havida como approvada, por estar assignada por todos os consocios presentes.

Em consequencia, o sr. presidente preclamou socio honorario do Instituto o dr. João Mendes de Almeida Junior.

Pediu, em seguida, a palavra, o dr. Joaquim José de Carvalho e disse que, incumbido pelo sr. presidente da Academia Paulista de Letras, communicava officialmente ao Instituto a creação e inauguração dessa Academia, e offerecia ao Instituto os estatutos, um exemplar da publicação inaugural e o modelo em bronze da medalha creada para servir de distinctivo aos membros da mesma Academia.

O sr. presidente agradeceu as offertas e a communicação, fazendo votos para que laços de fraternal convivencia e solidariedade se estabelecessem entre o Instituto e a Academia recem creada.

Tomando novamente a palavra o dr. J. J. Carvalho leu um escripto seu relativo ao finado professor Arthur Goulart, socio effectivo do Instituto, e concluiu requerendo que na acta da presente sessão fosse lançado um voto de pezar pelo seu fallecimento.

Esta proposta foi unanimemente approvada, com um addendo do dr. Torres de Oliveira para que se officiasse á familia do extincto enviando condolencias.

O dr. Alfredo de Toledo propoz tambem votos de pezar pelos fallecimentos do dr. Luiz Delfino e da Baroneza de Tatuhy.

Estas propostas tambem foram unanimemente approvadas com um additamento do dr. Assis Moura, para que se officiasse ás familias dos finados dando pezames.

Em seguida o sr. presidente levou ao conhecimento do Instituto que a sua Directoria, em sessão ha dias realizada, havia tomado as seguintes deliberações:

Primeira — não admittir que os socios novamente proclamados tomassem posse de seus logares sem que primeiramente pagassem a joia de admissão e a primeira annuidade.

Segunda — convidar todos os socios a se remirem, afim de que o Instituto pudesse, com o producto das remissões, fazer face a seus compromissos actuaes, podendo-se admittir que os socios em atrazo fizessem suas remissões, pagando, com as annuidades atrazadas, a quantia precisa para fornecer um total de duzentas mil réis.

Submettidas estas resoluções á apreciação da casa, foram ellas unanimemente approvadas.

Pedindo a palavra o dr. Brazilio Machado, disse que, passando-se a 11 de julho de 1911 o segundo centenario da elevação de S. Paulo ao predicamento de cidade, lembrava a necessidade de se commemorar condignamente essa data, publicando-se um estudo historico relativo á cidade de S. Paulo.

Approvada unanimemente essa indicação, declarou o sr. presidente que nomeava para organizar esse trabalho, que deverá ser publicado na *Revista do Instituto* uma commissão composta dos srs. Brazilio Machado, Adolpho Pinto e Manoel Pereira Guimarães.

O sr. presidente pediu á Commissão da *Revista* que envidasse todos os seus esforços para que essa publicação fosse posta em dia com a maior brevidade possivel, e que, caso ainda não existisse na repartição do *Diario Official* autorização para a impressão ser feita em suas officinas, a Commissão trouxesse esse facto ao conhecimento da Directoria do Instituto para se deliberar a respeito.

Nada mais havendo a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, declarando que a mesa do Instituto providenciaria para ser esta associação representada por occasião da chegada ao Rio de Janeiro do benemerito coronel Candido Rondon.

Do que, para constar, eu, José Torres de Oliveira, 2.º secretario, lavrei a presente acta.

Terceira sessão ordinaria

PRESIDENCIA DO SR. DR. DOMINGOS JAGUARIBE

Aos 21 dias do mez de fevereiro de 1910, ás 8 horas da noite, sob a presidencia do sr. dr. Domingos Jaguaribe, secretariado pelos srs. drs. Dinamerico Rangel e Gentil Moura, na ausencia do segundo secretario effectivo, foi aberta a sessão com a presença de mais os seguintes consocios: drs Barão Brazilio Machado, Alfredo de Toledo, João C. Gomes Ribeiro, Antonio Cintra, Estevam Bourroul, arcipreste Ezechias Galvão, João Wetter, Affonso de Freitas, major Pedro Dias de Campos e João Lellis Vieira.

E' lida e approvada, sem debate, a acta da sessão anterior.

O sr. 1.º secretario procede á leitura do expediente que consta de diversos jornaes, publicações e communicados, destacando-se entre elles os seguintes:

Telegramma do coronel Rondon agradecendo a congratulação que o Instituto lhe endereçou por occasião de sua chegada ao Rio de Janeiro.

Officio do director do Gymnasio Nogueira da Gama, offerecendo naquelle estabelecimento de educação um logar gratuito ao alumno que o Instituto designar.

Por determinação da casa e indicação do sr. presidente, esse logar é conferido a um indio, chamado João Martins, natural de Itararé, de nove annos de edade e pupilo do sr. Manoel Caetano Martins, residente nesta cidade.

Officio do dr. Hilario de Gouveia, agradecendo os pezames dados pelo fallecimento do dr. Joaquim Nabuco.

Idem dos srs. Barão de Tatuhy, Eduardo Agostini, Ernesto Penteado e da viuva de Arthur Goulart Penteado, agradecendo os pezames dados pelo Instituto.

Passando-se á 1.ª parte da ordem do dia, o dr. Alfredo de Toledo offerece ao Instituto, em nome do dr. Simoens da Silva, o seu trabalho intitulado *Viagem pelo interior da Republica Argentina*.

Pelo dr. Estevam Bourroul é proposto para socio effectivo o sr. Aristeu Seixas, indo a proposta á commissão de admissão de socios.

O sr. major Pedro Dias de Campos inscreveu-se para ler na proxima sessão um seu trabalho intitulado *Corpo de Bombeiros de S. Paulo — Retrospecto historico — actualidade — biographias*.

O dr. J. C. Gomes Ribeiro pede a palavra e diz que apezar de expresso nos Estatutos, no art. 39, que o Instituto deve conferir premios aos melhores trabalhos apresentados sobre historia e geographia, nunca se poz em execução essa determinação. Abundando em considerações a respeito, acha o orador que é occasião de se corrigir essa lacuna. Cita então os trabalhos da Commissão Geographica e Geologica com seus mappas parciaes e relatorios de explorações; o Barão Homem de Mello com o seu *Atlas do Brazil*; o dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme com sua *Genealogia Paulistana*; o dr. Estevam Bourroul com suas obras; o dr. Eurico de Goes com seu trabalho sobre a bandeira brazileira, completando o que a respeito escreveu Eduardo Prado e muitas outras obras de valor scientifico que têm sido apresentados desde a fundação do Instituto e cujos autores precisam ser galardoados com esses premios. Pede então que se nomeie uma commissão para organizar a lista dos trabalhos afim de se dar execução ás determinações daquelle artigo.

O sr. presidente declara-se de pleno acôrdo com o orador e justifica a não execução até agora da letra desse artigo pela falta de meios com que lutava o Instituto, obrigado a fazer face ás enormes despesas da construcção de seu edificio. Acha, porém, que para o fim deste anno se poderá cumprir essa obrigação. Nomeia para organizar a lista dos trabalhos que devam concorrer aos premios as commissões de historia e geographia do Brazil do Instituto.

O dr. Dinamerico propõe e é approvado que se officie á Sociedade de Geographia de Lisboa adherindo á idéia de Consiglieri Pedroso sobre os meios de se unirem mais os laços da união dos portuguezes com os brazileiros.

O dr Alfredo de Toledo, depois de fazer o elogio funebre do coronel George Earl Church, propõe que seja lançado na acta um voto de profundo pezar pelo seu fallecimento.

O dr. Dinamerico propõe que identica homenagem se preste á memoria do general Dionisio Cerqueira.

Em seguida pede a palavra o dr. J. C. Gomes Ribeiro e diz que não vê razão para continuar afastado dos trabalhos do Instituto o dr. Hermann von Ihering e acha que actualmente se offerece uma opportunidade para o Instituto significar áquelle consocio a consideração que lhe tributa. Diz o orador que aquelle cavalheiro, desejando realizar conferencias scientificas, tem encontrado difficuldades em obter uma sala onde as possa realizar. Propõe que o Instituto officie offerecendo-lhe seu salão. Depois falaram ainda a respeito os srs. drs Alfredo de Toledo explicando sua intervenção conciliadora para terminação dessa questão e dr. Dinamerico que diz entrar em duvida sobre a competencia do Instituto para offerecer seu salão. Allega aquelle consocio que o Instituto já por duas vezes o cedeu a pedido de pessoas interessadas e deve continuar a proceder assim quando elle seja solicitado, mas não se deve estabelecer a praxe de ir de encontro a quem delle necessite.

O sr. presidente propõe o seguinte substitutivo que é aceito: «que na acta fique consigado o profundo pezar dos socios por verem ausente do Instituto aquelle conspicuo consocio».

O sr. presidente pede ao sr. Barão Brazilio Machado para ampliar mais as attribuições que conferiu á commissão encarregada da commemoração do 2.º centenario da erecção de S. Paulo á cidade. Acha S. Excia. que aquelle consocio poderia realizar tambem uma conferencia sobre aquelle assumpto, na data do centenario.

Em seguida o dr. Alfredo de Toledo dá explicação sobre o que poude saber com referencia á publicação da *Revista*. Diz que no *Diario Official* ainda não ha ordem para publicação. Foi resolvido que a commissão de redacção conjuntamente com o sr. presidente fosse se entender sobre esse assumpto com o sr. vice-presidente do Estado.

O sr. presidente communica á casa que mandou imprimir cartões para serem remettidos aos socios nas vesperas dos dias de sessão convidando-os para a reunião.

Não havendo trabalho a ser lido na segunda parte da ordem do dia, encerra-se a sessão, convidando o sr. presidente os consocios presentes para a proxima sessão no dia 5 de março.

Do que para constar, eu Gentil de Assis Moura, segundo secretario interino, a escrevi.

Quarta sessão ordinaria

PRESIDENCIA DO SR. DR. DOMINGOS JAGUARIBE

Aos 5 dias de março de 1910, ás 8 horas da noite, sob a presidencia do sr. dr. Domingos Jaguaribe, secretariado pelos srs. drs. Dinamerico Rangel e Gentil Moura, este na ausencia do 2.º secretario effectivo, foi aberta a sessão com a presença de mais os seguintes srs. drs. Silveira Cintra, Jorge Maia, Alfredo de Toledo, professor João Wetter, Assis Moura e major Pedro Dias de Campos.

Por não ter sido lavrada, deixa de ser lida a acta da sessão anterior.

Achando-se na ante-sala o novo socio dr. J. A. de Oliveira Botelho, o sr. presidente designa para introduzi-lo no recinto os srs. drs. Alfredo de Toledo e Silveira Cintra. Depois que este toma posse, o sr. presidente o saúda congratulando-se com o Instituto pela acquisição do notavel homem de sciencia que acaba de entrar para o seu seio. Enaltecendo os meritos do recipiendario, lembra a dedicação com que actualmente elle se empenha para debellar a tuberculose, um dos maiores males que affligе a humanidade. E' tal a consideração que tem pelo dedicado medico, reconhece de tal alcance o valor das suas conferencias que resolveu mandar imprimi-las a sua custa para distribuir gratuitamente. Conclue fazendo votos para que, com o mesmo ardor com que se dedica áquella causa, se dedique aos assumptos que o Instituto estuda.

Em seguida tem a palavra o novo consocio que, depois de agradecer ao seu presidente o interesse tomado pelos seus trabalhos, lê um discurso em que diz sentir-se feliz por pertencer hoje a um meio tão selecto e illustrado. Narra o seu esforço na causa contra a tuberculose, destacando da sua exposição duas cartas, uma firmada pelos drs. Domingos Jaguaribe, Gustavo Silva, Antrisio Gouvêa, Carlos Comenale, A. Splendore, Bueno Miranda e Schmidt Sarmento e outra firmada pelo dr. Azevedo Bomfim em que dão testemunho da efficacia do seu methodo no tratamento da tuberculose. Não as querendo lêr por serem pessoaes, pede ao sr. 1.º secretario para faze-lo. Depois de satisfeito seu pedido, prosegue na leitura da exposição concluindo por uma saudação ao Instituto.

Passa-se em seguida á leitura do expediente, accusando o sr. 1.º secretario a recepção de diversas publicações que são recebidas com especial agrado.

São lidos tambem os seguintes officios: de Freiderich C. Sommer, pedindo os Estatutos do Instituto; do secretario do Instituto Geographico Pernambucano, participando a eleição da sua directoria; do Instituto Historico e Geographico Paranhybano, agradecendo a remessa das publicações do Instituto.

São lidos pareceres favoraveis da Commissão de admissão de socios sobre a admissão dos srs. drs. Oscar de Sá Campello, Aristeu Seixas e professor Rufus K. Lane como socios do Instituto.

A requerimento do socio Gentil Moura é dispensado o intersticio, sendo os mesmos proclamados socios effectivos.

O mesmo consocio apresenta a pedido do dr. João P. Cardoso e em nome do dr. Justo Jansen Ferreira o seu trabalho sobre os limites do Maranhão com o Piauhy e intitulado a *Barra da Tutoya*.

Pelo sr. presidente é justificada a ausencia do dr. Raphael Sampaio.

Passando se á segunda parte da ordem do dia, teve a palavra o major Pedro Dias de Campos, que por quasi uma hora prende a attenção do Instituto com a leitura do seu interessante trabalho *Corpo de Bombeiros de São Paulo*, estudando minuciosamente o serviço de extincção de incendios antes da creação daquelle corpo, o modo por que elle foi organizado, as modificações que soffreu e os grandes serviços que presta á cidade.

O sr. dr. Jorge Maia lê em seguida o primeiro capitulo de seu trabalho intitulado *Miscellanea Indigena*, em que combate a classificação feita por diversos autores sobre as nacionalidades dos indigenas da America do Sul.

O sr. presidente felicita a casa pelos excellentes trabalhos dos conferencistas cujos meritos exalta, incitando-os a proseguir com a mesma dedicação nos differentes ramos da sciencia cujos assumptos o Instituto estuda.

Nada mais havendo a tratar, encerra-se a sessão, convocando-se os socios presentes para a proxima reunião no dia 21 do corrente.

Do que para constar, eu Gentil Moura, segundo secretario interino, a escrevi.

Quinta sessão ordinaria

PRESIDENCIA DO SR. DR. DOMINGOS JAGUARIBE

Aos 21 dias do mez de março de 1910, ás 8 horas da noite, sob a presidencia do sr. Dr. Domingos Jaguaribe, secretariado pelos srs. drs. Dinamerico Rangel e Gentil Moura, este por ausencia do sr. 2.º secretario, que por doente não poude comparecer, abre-se a sessão com a presença de mais os seguintes srs.: drs. Barão Brazilio Machado, Assis Moura, Silveira Cintra, Pedro Dias de Campos, Edmundo Krug, Carlos Reis, Luiz Piza, Alfredo de Toledo, Deocleciano Seixas, Affonso de Freitas, arcipreste Ezechias Galvão,

Raphael C. Sampaio e J. Joaquim de Carvalho, digo, Joaquim José de Carvalho.

E' lida e approvada a acta da sessão antecedente.

São lidos os seguintes officios: do dr. Estevam Leão Bourroul justificando sua ausencia; da Sociedade de Medicina e Cirurgia participando a eleição de sua directoria; da Sociedade Humanitaria do Commercio fazendo identica communicação; do dr. Secretario da Justiça e Segurança Publica pedindo as publicações do Instituto.

São offerecidas as seguintes obras: pelo dr. Alfredo de Toledo, em nome do dr. Alcibiades Furtado, uma obra rara, edição de 1749, publicada em italiano e intitulada *Della Publica Felicitá*, por Antonio Muratori; o livro intitulado *Teixeira de Freitas* pelo dr. Sá Vianna: pelo dr. Carlos Reis: *New chart of the coast of Brasil from Port Santos to the River Plate* by I. W. Norris, 1834; *New chart of the River Plate, from its month up to Buenos Aires*. I. W. Narris, 1832; *Chart of the Western Coast of Africa estending from Sierra Leone and the Is les to the cap of God Hope*, by Norris, 1834; *Carta geral da illuminação da costa do Brazil* — trabalho organizado pela secção de pharóes da repartição da Carta Maritima, sob a direcção do vice-almirante Joaquim A. Cordovil Maurity, 1899 (acompanha um folheto indicador dos pharóes); *Mappa genealogico, historico, chronologico, diplomatico, litterario do reino de Portugal*, Paris, typographia Casemiro, rue de la Vieille — Monnaie, 12; *um edital* pondo em concurso as cadeiras de grammatica latina vagas nas villas de S. Paulo em data de 16 de abril de 1822.

O sr. presidente communica á casa que, achando-se doente o sr. 2.º secretario, irá visital-o em nome do Instituto.

São propostos para socios os srs. professor Ramon Rocca Dordal e dr. Nicolau Asprino Junior.

O dr. Alfredo de Toledo pede ao sr. presidente mande fazer a inscripção do Instituto no Segundo Congresso de Geographia e no Congresso de Americanistas de cujos convites teve ha tempos sciencia o Instituto.

O sr. presidente declara que vai mandar fazer as adhesões pedidas e nomeia para representar o Instituto no Congresso de Geographia os srs. drs Barão Brazilio Machado, senador Luiz Piza e Estevam Leão Bourroul.

Por proposta do mesmo socio, approvada, são lançados na acta votos de pezar pelos fallecimentos dos srs. Damasceno Vieira e professor Pedro Severo Bicudo.

Nada mais havendo a tratar, levanta-se a sessão, sendo convocada a seguinte para o dia 5 de abril proximo vindouro

Do que eu Gentil Moura, 2.º secretario interino, para constar, lavrei esta acta.

Sexta sessão ordinaria

Aos cinco dias do mez de abril de 1910, ás 8 horas da noite, sob a presidencia do sr. dr. Dinamerico Rangel, 1.º secretario, na ausencia dos srs. presidente e vice presidente, servindo de 1.º secretario o dr. Luiz Piza e de 2.º o consocio Gentil Moura e com a presença dos srs. drs. Silveira Cintra, Joaquim José de Carvalho, Jorge Maia, Edmundo Krug, professor João Wetter, Assis Moura, Lellis Vieira, major Pedro Dias de Campos e Affonso de Freitas, abre-se a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão anterior.

O sr. presidente lê uma carta do dr. Domingos Jaguaribe em que communica que por doente deixa de comparecer durante algum tempo ás sessões.

A requerimento do dr. Joaquim José de Carvalho é consignado na acta um voto de sentimento do Instituto por ser affligido pela molestia o seu digno vice-presidente.

E' lido o parecer da commissão de contas propondo a approvação do balancete apresentado pelo thesoureiro, sr. dr. Arthur Vautier.

E' consignado tambem um voto de louvor pelo modo por que esse consocio se houve na gestão dos trabalhos a seu cargo.

Pelos srs. Assis Moura, Gentil Moura e dr. Alfredo de Toledo é proposto para socio correspondente o sr. Irineu Ferreira Pinto, autor das *Datas e Notas para a Historia da Parahyba*.

O sr. 1.º secretario accusa o recebimento das seguintes obras offerecidas pelo sr. dr. Carlos Reis: diversos relatorios; 3 volumes encadernados dos *Annaes da Camara dos Deputados de S. Paulo* — anno de 1901 a 1903; 10 volumes encadernados dos *Annaes da Assembléa de S. Paulo* — anno de 1862 ao de 1884; um volume encadernado dos Annaes, Relatorios e Synopse do Estado de S. Paulo — anno de 1899; dois volumes enc. dos *Annaes do Senado de S. Paulo*, de 1896 a 1897, almanaks: do Estado da Parahyba, 1899, 1900 e 1901: da folha diaria *A Platéa*, 1900; de Sertãozinho, 1905; de Jahú, 1902; — *Padre Antonio Vieira*, homenagem do Instituto Geographico e Historico da Bahia no bi-centenario da morte daquelle famoso orador; *Pindorama*, commemoração do 4.º centenario do descobrimento do Brazil por Xavier Marques; *Descoberta do Brazil*, commemoração do 4.º centenario do descobrimento do Brazil por Moreira de Vasconcellos; Boletim del Ministerio de Agricultura, tomo XI, julio a deciembro de 1909; n. 7 do Boletim *of the New York Public Library*, febeuary, 1910, vol. XIV e n. 2 *Iona Texts* por Edward Sapir, *Homenagens a Joaquim Nabuco* pelo dr. Domingos Jaguaribe.

O consocio sr. Gentil Moura participou á casa que, por deliberação do dr. Domingos Jaguaribe, foi visitar o consocio sr. dr. Torres de Oliveira, 2.º secretario, que estava doente, folgando em communicar que já o encontrou em franco restabelecimento.

Na segunda parte da ordem do dia o sr. dr. Jorge Maia continúa a leitura de seu interessante trabalho intitulado *Miscellanea Indigena*, lendo o segundo capitulo em que analysa as differentes denominações dadas pelos diversos autores ás nacionalidades dos indigenas da America do Sul.

Em seguida o sr. dr. Joaquim José de Carvalho propõe que seja consignada na acta um voto de louvor ao conferencista pelo bello e interessante trabalho que apresentou.

Submettida a votos, é a proposta unanimemente approvada.

Nada mais havendo a tratar-se encerra-se a sessão, sendo designada a seguinte para o dia 20 de abril.

Do que para constar, eu, Gentil Moura, 2.º secretario interino, lavrei a presente acta.

Setima sessão ordinaria

Aos vinte dias do mez de abril de 1910, ás 8 horas da noite, presentes os consocios srs. Jorge Maia, Pedro Dias de Campos, conego Ezechias Galvão da Fontoura, Affonso A. de Freitas, Dinamerico Rangel, Alfredo de Toledo, Assis Moura, Luiz Piza, Gentil Moura, João Coelho Gomes Ribeiro, J. P. da Silveira Cintra, Edmundo Krug, Deocleciano Rodrigues Seixas e José Torres de Oliveira, assume a presidencia da sessão o dr. Dinamerico Rangel, passando a occupar o lugar de 1.º secretario o dr. Torres de Oliveira e o de 2.º secretario o sr. Gentil de Moura:

Aberta a sessão, é lida e approvada, sem debate, a acta da sessão anterior.

Expediente

O sr. 1.º secretario procede á leitura dos seguintes papeis: uma carta do sr. Barão Homem de Mello participando haver representado o Instituto nas cerimonias religiosas e solennidades civicas celebradas no Rio de Janeiro em consagração e em honra do grande brazileiro Joaquim Nabuco; um officio da Directoria Geral de Estatistica remettendo um questionario afim de organizar a estatistica da imprensa periodica brazileira no anno de 1908.

O sr. presidente informou que já havia respondido a esse questionario, na sua qualidade de 1.º secretario effectivo, fornecendo os dados ao seu alcance.

Um officio do Instituto Historico e Geographico Fluminense communicando sua installação.

Inteirado, agradeça-se.

Uma carta do sr. Z. Consiglieri Pedroso, presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa, congratulando-se com o Instituto pela sua adhesão á ideia do accôrdo luso-brazileiro em favor da approximação intima dos dois povos e lembrando que «o grande papel que neste momento pode desempenhar o Instituto é constituir-se em centro de propaganda e organizar uma commissão luso-brazileira nesta cidade, á semelhança das que estão em via de formação noutros Estados do Brazil, para se entender com a commissão luso-brazileira de Lisboa sobre os pontos concretos da approximação, que se irão estudando».

Ao mesmo tempo communicava o sr. professor Consiglieri Pedroso ao nosso 1.º secretario, dr. Dinamerico Rangel, destinatario da carta referida que, por proposta sua, havia a Sociedade de Geographia de Lisboa o proclamado seu socio correspondente.

O sr. Dinamerico Rangel, depois de declarar que só via na sua eleição para socio da Sociedade de Geographia de Lisbôa uma homenagem ao Instituto, de que era 1.º secretario, submetteu á apreciação da casa o assumpto da mesma carta.

Depois de falarem a respeito os srs Luiz Piza, Alfredo de Toledo e Dinamerico Rangel, ficou resolvido que até a proxima sessão fosse nomeada uma commissão de membros do Instituto, ficando a Directoria autorizada a determinar o seu numero e fazer a respectiva designação.

Continuando o expediente, é lido um officio da commissão promotora da commemoração do centenario de Alexandre Herculano, nesta cidade, convidando o Instituto a se fazer representar nas respectivas solennidades.

E' nomeada uma commissão composta dos srs. Rafael Sampaio, orador official do Instituto, Luiz Piza e Torres de Oliveira.

Em seguida o sr. 1.º secretario accusa o recebimento de varios livros, opusculos, revistas, boletins, jornaes, etc, os quaes todos o sr. presidente agradece em nome do Instituto.

1.ª parte da ordem do dia

O sr. 1.º secretario procede á leitura dos pareceres da commissão de admissão de socios, favoraveis ás propostas relativas aos srs. professor Ramon Rocca Dordal, para socio effectivo, Irineu Ferreira Pinto e dr. Nicolau Asprino Junior, para socios correspondentes.

A requerimento do dr. Alfredo de Toledo, são esses pareceres dispensados de intersticio e approvados, sendo, em consequencia, pelo sr. presidente proclamados socios do Instituto, na categoria para que foram apresentados, os novos candidatos.

O dr. Torres de Oliveira agradece a honrosa gentileza do Instituto, mandando uma commissão visital-o por occasião de sua enfermidade, e justifica, por esse motivo, a sua ausencia durante varias sessões.

O sr. presidente congratula-se com a casa por vêr voltar para seu seio, completamente restabelecido, o seu secretario.

Segunda parte da ordem do dia

Pede a palavra o dr. Luiz Piza e lê um trabalho seu, dedicado aos srs. Affonso A. de Freitas e Gentil Moura, sobre a *Identificação da Villa de Santo André da Borda do Campo*, analysando com bastante minudencia as sesmarias concedidas a Braz Cubas e a Pedro de Góes, documentos de valor inestimavel para o estudo dessa questão.

Em seguida tem a palavra o sr. João Coelho Gomes Ribeiro, que lê um trabalho de sua lavra sobre a momentosa questão da delimitação de nossas fronteiras com o Estado Oriental do Uruguay, defendendo, com valiosos argumentos, o tratado de condominio da Lagôa-Mirim e do rio Jaguarão, das increpações que lhe têm sido feitas.

Ao terminar a leitura de seus interessantes trabalhos, foram os dois oradores muito applaudidos pela casa.

Nada mais havendo a tratar-se, encerra-se a sessão.

Do que para constar, eu, José Torres de Oliveira, lavrei a presente acta.

Oitava sessão ordinaria

Aos 6 dias do mez de maio de 1910, ás 8 horas da noite, presentes os consocios do Instituto dr. Domingos Jaguaribe, vice-presidente em exercicio, drs. Dinamerico Rangel e Torres de Oliveira, 1.º e 2.º secretarios, e os srs. João Nogueira Jaguaribe, Assis Moura, João Coelho Gomes Ribeiro, Ludgero de Castro, Affonso A. de Freitas, Brazilio Machado, conego Ezechias Galvão da Fontoura, Humberto de Queiroz, Alfredo de Toledo, Gentil Moura, E. L. Bourroul, Luiz Piza, Lellis Vieira e João Wetter, é declarada aberta a sessão.

Achando-se na ante-sala o novo socio professor Oscar de Sá Campello, o sr. presidente nomeia uma commissão composta dos srs. Gentil de Assis Moura, João Nogueira Jaguaribe e Estevam Leão Bourroul para introduzil-o no recinto das sessões.

E recebido e toma assento, com as formalidades do estylo, o novo consocio.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, passa-se ao *expediente*.

O sr. primeiro secretario lê varios officios e accusa o recebimento de diversas offertas.

As offertas são agradecidas e os officios são mandados archivar.

Passa-se á *1.ª parte da ordem do dia*.

São lidas e, em seguida, enviadas á respectiva commissão, para dar parecer, propostas apresentando para socios do Instituto, na categoria de correspondentes, os srs. d. Alejandro Sorondo e padre João Baptista Hafkemeyer.

E' lida e approvada uma proposta, assignada por varios consocios, para que o Instituto, por sua Directoria, officiasse á Camara Municipal para que seja dada a uma das nossas ruas, com preferencia no populoso bairro do Braz, o nome do benemerito socio do Instituto, Barão de Rezende, de saudosa memoria, e que se communicasse esta resolução á exma. esposa do prantead consocio.

O sr. presidente communica a nomeação da seguinte commissão luso-brazileira, para o fim de promover a approximação dos dois povos, de acôrdo com o pedido do professor sr. Z Consiglieri Pedroso, approvado pela casa: dr. Brazilio Machado, dr. Julio Cezar Fereira de Mesquita, dr. Eugenio de Andrade Egas, dr. Raphael Corrêa de Sampaio e dr. José Torres de Oliveira.

Communica, em seguida, o sr. presidente estar facultada pelo Governo do Estado a continuação da publicação da *Revista do Instituto* nas officinas do *Diario Official*. Congratula-se com o Instituto por esse facto, devido, principalmente, á intervenção do consocio honorario do Instituto dr. José Alves de Cerqueira Cezar.

O sr. Alfredo de Toledo propõe e é approvado que se officie a este distinto consocio agradecendo os seus bons officios.

Pede a palavra o dr. Brazilio Machado e communica que o padre dr. Julio Maria tomará posse de sua cadeira no Instituto na proxima sessão de 20 do corrente.

Em seguida, depois de varias considerações, o mesmo consocio propõe que o Instituto intervenha perante o Governo do Estado para que se obtenha ou o original ou uma copia dos actos do governo colonial relativos ao periodo de 1709 a 1721 que interessam á historia de S. Paulo, os quaes devem existir nos archivos do Estado de Minas.

Foi approvado que a Directoria do Instituto oportunamente se entendesse com o governo do Estado a esse respeito.

Pede a palavra o sr. Assis Moura e denuncia a existencia na Delegacia Fiscal desta Capital, em pessimas condições de acondicionamento, de importantissimos documentos dos tempos coloniaes, como os livros de sesmarias e outros, utilissimos á historia de S. Paulo e requer que o Instituto

tome as providencias ao seu alcance para que esses documentos sejam devidamente resguardados, evitando-se que se deteriorem ou percam inteiramente.

Ficou deliberado que o Instituto, por sua mesa, se entendesse com o sr. ministro da fazenda federal, denunciando esse facto, e pedindo a entrega desses documentos para serem recolhidos e guardados em seu archivo. Nesse sentido a mesa declarou que, logo após a sessão, expedirá um telegramma á s. excia.

Pede em seguida a palavra o dr. Estevam Leão Bourroul e fundamenta uma proposta para que o Instituto protestasse contra o acto da nossa Camara Municipal mudando o nome do Largo do Arouche, de tradições paulistas, para o de Praça Alexandre Herculano e requereu que ficasse constando dos nossos Annaes a carta que a esse respeito publicou no *Estado de S. Paulo* o dr. Pennaforte Mendes de Almeida.

Dividida pelo sr. presidente a proposta em duas partes e aberta a discussão sobre a primeira, relativa á mudança do nome, pediu a palavra o dr. Torres de Oliveira e impugnou os seus fundamentos, fazendo ver que não tinha havido tal mudança de nomes, porquanto o nome de Largo do Arouche continuava a existir na parte alta desse Largo, que é a que sempre constituiu propriamente o tradicional Largo do Arouche, tendo-se dado o nome de Praça Alexandre Herculano a uma area annexa, sem denominação propria, embora tambem conhecida como a parte baixa desse Largo.

As palavras do dr. Torres de Oliveira foram apoiadas pelo dr. Dinamerico Rangel e outros consocios e combatidas pelo autor da proposta e pelos srs. drs. Luiz Piza, Gomes Ribeiro e Assis Moura, que não se deram por convencidos com as explicações dadas, sustentando que a parte baixa do Largo do Arouche fazia parte integrante do mesmo Largo.

Neste interim, de acôrdo com o autor da proposta, foi apresentado um substitutivo para que ficasse constando dos nossos Annaes tão sómente que «o Instituto lamentava o acto da nossa Camara Municipal».

Discutido este substitutivo e approvado pela maioria dos socios presentes, o sr. presidente declarou prejudicada a segunda parte da proposta.

Em seguida o dr. Torres de Oliveira communica que a commissão nomeada para representar o Instituto nas homenagens prestadas a Alexandre Herculano no dia do seu centenario desempenhou a honrosa incumbencia, assistindo a todos os actos respectivos.

Por proposta do dr. Dinamerico Rangel, sustentada pelo autor e pelos drs. Gomes Ribeiro e Luiz Piza, foi approvado que o Instituto, por sua mesa, telegraphasse á s. excia. o sr. Barão do Rio Branco, presidente honorario do Instituto,

manifestando os seus votos de admiração e applausos pela gloriosa obra de s. excia. ultimando a fixação de nossas fronteiras territoriaes.

Na *segunda parte da ordem do dia* requereu inscripção para leitura de um trabalho de sua lavra na primeira sessão o consocio dr. Gentil Moura.

Esse trabalho intitula-se — *O caminho do Paraguay a Santo André da Borda do Campo — Reconstituição do itinerario percorrido por Ulich Schmidel em 1553.*

Nada mais havendo a tratar, o sr. presidente encerra a sessão, convidando os srs. consocios para a proxima, de 20 do corrente, na qual será dada posse ao illustre consocio padre dr. Julio Maria.

Do que, para constar, eu, José Torres de Oliveira, lavrei a presente acta.

Nona sessão ordinaria

Aos 20 dias do mez de maio de 1910, presente a mesa do Instituto, composta dos srs drs. Domingos Jaguaribe, vice-presidente em exercicio Dinamerico Rangel e Torres de Oliveira, 1.º e 2.º secretarios, ás 8 horas da noite, é declarada aberta a sessão, com a presença dos seguintes consocios: dez.cr José Maria do Valle, Antonio Moreira da Silva, Alfredo de Toledo, Estevam Leão Bourroul, Ludgero de Castro, Affonso A. de Freitas, Joaquim Pinto da Silveira Cintra, Gentil Moura, José B. de Oliveira Coutinho, Joaquim José de Carvalho, Assis Moura, Luiz Piza, João Coelho Gomes Ribeiro, Eugenio A. Franco, João Wetter, Oscar de Sá Campello, Edmundo King, Rafael Corrêa Sampaio.

Achando-se na ante-sala o padre dr. Julio Maria, eleito socio honorario do Instituto, é o mesmo introduzido no recinto das sessões por uma commissão nomeada pelo sr. presidente e composta dos srs. dez.cr José Maria do Valle, Antonio Moreira da Silva e Estevam Leão Bourroul. Saudado carinhosamente pelo sr. presidente e pelo orador official do Instituto, dr. Rafael Sampaio, assume na tribuna o illustre socio recipiendario e profere uma eloquente oração de agradecimento.

Tanto o orador do Instituto como o novo consocio foram muito applaudidos pela casa.

Passando-se aos trabalhos ordinarios da sessão, é lida e approvada, sem debate, a acta da sessão anterior, seguindo-se o

Expediente:

O sr. 1.º secretario procede á leitura dos seguintes papeis: telegrammas do sr. Barão do Rio Branco, dirigidos a cada

um dos membros da mesa, agradecendo as felicitações do Instituto por ter ultimado os trabalhos de fixação das nossas fronteiras; cartas dos srs. Florentino Ameghino e Antonio Simões da Silva agradecendo sua nomeação para representarem o Instituto no Congresso Internacional dos Americanistas a reunir-se proximamente em Buenos Aires; carta do sr. dr. José Carlos Rodrigues, agradecendo sua eleição de socio honorario do Instituto; carta do sr. João Lyra Tavares offerecendo sua obra *Apontamentos para a historia territorial da Parahyba* com a qual pretende ser admittido como socio do Instituto; officios do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte e do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano participando a eleição de sua nova directoria; officio do Director Geral da Secretaria da Agricultura do Estado, enviando um exemplar da publicação *The Brasilian year book* correspondente ao anno de 1909; telegramma expedido de Santos pelo dr. Simões da Silva, em 9 do corrente, communicando seguir para Buenos Aires em desempenho da commissão do Instituto; officios da Secretaria da Prefeitura da Capital e da Bibliotheca Publica Barão do Rio Branco da Abbadia dos Dourados, Minas, pedindo a remessa de um exemplar da *Revista do Instituto* O sr. presidente determinou que fosse promptamente attendido o pedido da Secretaria da Prefeitura e que o da Bibliotheca da Abbadia dos Dourados ficasse adiado para ser opportunamente attendido.

O dr. J. J. Carvalho faz algumas observações sobre a inconveniencia de ser feita a remessa da *Revista* a algumas bibliothecas do interior. Responde-lhe o dr. Torres de Oliveira, 2.º secretario, explicando e justificando o procedimento da actual e das directorias anteriores a esse respeito.

Foram, em seguida, lidos pareceres da commissão de admissão de socios, favoraveis á eleição dos srs. Alejandro Sorondo e padre João Baptista Hafkmeyer. Ficaram sobre a mesa para serem votados na proxima sessão.

Passa-se á *primeira parte da ordem do dia*: são lidos e enviados á competente commissão, para dar parecer, propostas relativas a admissão, como socios do Instituto, dos srs. Carlos de Carvalho, director da contabilidade do Thesouro, na categoria de effectivo, e João de Lyra Tavares, na de correspondente.

Pediu a palavra o dr. Torres de Oliveira e fundamentou a seguinte indicação:

«Proponho que o Instituto envie á sua excia. o sr. ministro da agricultura um officio louvando e applaudindo a serie de medidas regulamentares que sua excia. está adoptando no sentido de tornar effectivas a protecção, catechese e civilização dos nossos selvicolas; fazendo votos para que de sua acção humanitaria e patriotica resulte o estabelecimento de um serviço regular e permanente, que assegure a vida e a propriedade desses nossos patricios,

primeiros povoadores dos nossos sertões. Sala das sessões do Instituto, 20 de maio de 1910. José Torres de Oliveira».

Disse o proponente que o Instituto não se podia conservar indifferente ante os actos do sr. ministro da agricultura reveladores do proposito de organizar definitiva e proficuamente o serviço de protecção, catechese e civilização dos nossos indigenas; que era a primeira vez neste Paiz que um ministro de Estado estava atacando esse serviço com dedicação e empenho; que entre os actos do sr. ministro da agricultura notavam-se já o projecto de creação de uma directoria, dependente da sua secretaria, para cuidar da protecção dos indigenas e da localização dos trabalhadores nacionaes, como complemento do serviço de povoamento do solo; a nomeação do benemerito tenente-coronel Candido Rondon para Director Geral dos Indios do Brazil; a commissão especial dada a um nosso distincto patricio e advogado de proteger os indios do sul do Estado; o auxilio pecuniario e o apoio moral e material dados á missão salesiana de Mato Grosso. Disse mais o proponente que agora mais do que nunca, a organização desse serviço se tornava necessaria e indispensavel, porque o estabelecimento de linhas telegraphicas e a construcção de estradas estrategicas atravéz do sertão, a construcção das novas linhas ferreas de penetração inter-estaduaes, pondo em contacto o homem civilizado com o selvagem, este seria inevitavelmente sacrificado si não fosse efficazmente protegido; que o sr. ministro da agricultura estava se revellando alheio a quaesquer preoccupações sectarias, parecendo querer fazer um serviço combinado de catechese religiosa e de protecção leiga, como a experiencia aconselhava; que, assim, a moção devia ser approvada, não só como louvor pelas medidas já adoptadas, mas como estimulo para que s. excia. levasse a bom termo a sua obra de humanidade e patriotismo.

Pediu a palavra o padre dr. Julio Maria e combateu a *proposta sob o fundamento de que o plano do sr. ministro da* agricultura não era catechizar o selvagem, serviço que só podia ser feito por meio das missões religiosas, mas sim conquistal-o e submettel-o pela força bruta

No mesmo sentido se manifestaram os srs. drs. J. J. de Carvalho, Estevam L. Bourroul e Assis Moura.

Falaram longamente, defendendo a proposta e enaltecendo os intuitos humanitarios e patrioticos do sr. ministro da agricultura, os srs. Torres de Oliveira, Rafael Sampaio, Ludgero de Castro, João Coelho Gomes Ribeiro, Luiz Piza e Moreira da Silva.

Encerrado o debate, pediu a palavra, pela ordem, o dr. J. J. Carvalho e requereu que a votação ficasse adiada para melhores estudos.

Submettido a votos o requerimento, a casa o rejeitou. O sr. Moreira da Silva requereu votação nominal da proposta, o que foi feito.

Votaram pela approvação os srs. Dominros Jaguaribe, Gomes Ribeiro, Moreira da Silva, Affonso de Freitas, dr. Joaquim Pinto da Silveira Cintra, Gentil Moura, Luiz Piza, João Wetter, Oscar de Sá Campello, Alfredo de Toledo, Ludgero de Castro e Rafael Correa Sampaio; e contra os srs. padre Julio Maria, J. J. Carvalho, Assis Moura, Estevam Leão Bourroul e dez.er José Maria do Valle.

Deixaram de tomar parte na votação o dr. Torres de Oliveira, por ser o autor da proposta, os srs. Dinamerico Rangel, José Bonifacio de Oliveira Coutinho e Eugenio Alberto France, por se terem retirado da sessão, antes da votação, sendo o primeiro por motivo participado de molestia e o dr. Edmundo Krug.

Annunciada a *segunda parte da ordem do dia*, sendo já 10 horas da noite, o sr. Gentil Moura requereu, e foi concedido, o adiamento para a proxima sessão, da leitura do seu trabalho intitulado *O caminho do Paraguay a Santo André da Borda do Campo*.

Em tempo: no expediente o sr. 1.º secretario accusou o recebimento de varios livros, revistas e jornaes, entre os quaes se destaca o trabalho do nosso illustre consocio Affonso A. de Freitas sobre *Os Guyanás de Piratininga*.

Do que para constar eu José Torres de Oliveira, segundo secretario, lavrei a presente acta.

Decima sessão ordinaria.

Aos 6 dias do mez de junho de 1910, ás 8 horas da noite, em sua séde social, sob a presidencia do sr. dr. Dinamerico Rangel e servindo de secretarios os srs. drs. Torres de Oliveira e Alfredo de Toledo realizou o Instituto Historico e Geographico sua decima sessão ordinaria do corrente anno, achando-se presentes, além da mesa, os seguintes consocios: drs. Antonio de Albuquerque Pinheiro, Barão Brazilio Machado, Gentil Moura, Affonso A. de Freitas, Assis Moura, João Wetter, Joaquim Pinto da Silveira Cintra, Francisco Gaspar, Pedro Dias de Campos, Edmundo Krug, Antonio Moreira da Silva e Leoncio Amaral Gurgel.

Lida e posta em discussão e a votos a acta da sessão anterior, foi ella approvada por unanimidade, passando-se, em seguida, ao expediente, no qual foi accusado o recebimento de revistas, jornaes e livros e, entre estes, um longo estudo sobre o *Marquez de Pombal* e outro sobre *As principaes representações cartographicas da costa brazileira nos primeiros tres lustros depois da descoberta*, ambos da autoria do padre João Baptista Hafkmeyer, residente em S. Leopoldo, Rio Grande do Sul.

Foram lidos os seguintes officios: do dr. Irineu Ferreira Pinto, da Parahyba do Norte, agradecendo sua eleição de socio correspondente; do sr. Alvaro Ramos, director da Secretaria da Prefeitura da Capital, agradecendo a remessa da coleção da *Revista do Instituto* para o archivo municipal; do dr. Francisco Bernardino Rodrigues da Silva, agradecendo as informações solicitadas.

Foi egualmente communicado á casa o seguinte têor do telegramma transmittido ao sr. Torres de Oliveira, secretario do Instituto, pelo sr. ministro da agricultura sr. Rodolpho Miranda; «Agradeço-vos intimamente penhorado testemunho valiosa solidariedade que me trouxestes moção offerecestes á deliberação desse Instituto louvando minha attitude perante nossos selvicolas. A iniciativa tão digno representante illustre corporação scientifica que se extrema bem servir nobres intuitos seu programma, confere ao meu espirito um elemento convicção sobre justiça causa que vou propugnando, alheio quaesquer tendencias sectaristas, de todo inconciliaveis respeito me despertam principios fundamentaes nossa Constituição. Cordiaes saudações. *Rodolpho Miranda, ministro da agricultura*».

Passando-se á primeira parte da ordem do dia, pediu a palavra o sr. dr. Brazilio Machado e leu a seguinte declaração de voto:

«Na ultima sessão do Instituto Historico, proposto, debatido e approvado foi por maioria de suffragios, um voto de louvor e applausos a uma «serie de medidas regulamentares» *que o sr. ministro da agricultura*, no governo da União, estava «adoptando no sentido de tornar effectivas a protecção, catechese e civilização dos nossos selvicolas».

Não se nos revelou do corpo da proposta qual fosse a louvaminhada serie de medidas interessantes á solução do difficil problema; sem embargo foi ella motivo de alvorço no seio do Instituto.

Na *discussão, porém, havida no gremio desta associação* e no ruido que em torno desse voto rescou desde logo lá fóra, se esclareceu a nota dominante do plano civilizador do sr. ministro da agricultura.

S. excia., e é confissão sua, tenta «constituir em bases novas a catechese, imprimir-lhe feição republicana, fóra do privilegio das castas, sem preoccupação de proselitismo *religioso*». O *alto funccionario* se suppõe novo executor implacavel da Constituição de 1891, e sendo, por tal, um impenitente adversario das «seitas», isto é, do elemento religioso, firma-se resoluto no implantar a chamada «catechese republicana dos selvicolas», sonoro circumloquio esse mal encobrindo a catechese leiga, a catechese condemnada, a catechese invertida, a catechese improficua, como é e será *toda a catechese descentralisada do seu terreno tradicional* e experimentado, distrahida do eixo dos sentimentos religiosos.

Não se chega a deslindar o sentido do que seja uma «catechese republicana», uma catechese de «feição republicana» (consoante a palavra ministerial): a America do Norte, exemplar das instituições republicanas, e cuja constituição foi modelo da nossa, não se sentiu diminuida na fidelidade aos principios basicos do seu *regimen politico*, por ter solicitado, animado, e recebido, a partir da presidencia Grant, a collaboração do agente religioso na obra da catechese dos seus indigenas.

Nem é «novo», como parece ao sr. ministro, o plano que solemnemente se vai annunciando Os congressos maçonicos de Buenos Aires em 1906, e do Rio de Janeiro em 1909, *podem com fruto reclamar para si a «novidade»* de semelhante catechese. Votou o primeiro: «a Maçonaria trabalhará por impedir a exploração do indio por congregações religiosas, instituindo «missões leigas que o realizem». Deliberou o segundo: «sendo a sciencia a grande bemfeitora da humanidade e cabendo lhe a direção material, intellectual e moral da sociedade, os serviços de civilização dos indigenas não são da competencia exclusiva dos representantes de quaesquer religiões, devendo ser de preferencia entregues a «preceptores e agentes leigos». Desses antecedentes, porém, se não infira que a «serie de medidas regulamentares» a receber a ultima demão official se tivesse informado naquelles moldes. O plano é novo. Houve, ao que parece, um fortuito encontro de vistas. Nada mais. O sr. ministro da agricultura não cessa de guardar uma crua aversão ás «tendencias sectaristas». Como quer que seja o systema, de luz propria ou de emprestimo, não deve merecer louvores. A experiencia, dentro e fóra do Brazil, não o soffraga. Será um artefacto vistoso no papel, nunca uma realidade consistente e fecunda. Falta-lhe o sopro vital do sacrificio e da abnegação que sómente o amôr Deus tem conseguido inspirar.

Além do que, as discussões carregaram a moção do Instituto para um atalho ingrato e irritante. Ao «Instituto, não se conteve na prudencia que não dissesse — manter uma attitude alheia «ás tendencias sectaristas irreconciliaveis com o respeito, que lhe despertaram os principios fundamentaes de nossa constituição»; e é superfluo accentuar que dessas «tendencias sectaristas», a que allude a phrase dura e aggressiva, se torna companhia a religião catholica, a cujo gremio se não envergonham de pertencer os dissidentes que não palmejaram a moção, intrepidos como devem ser na confissão publica de sua fé numa religião, reduzida embora, no conceito do sr. ministro, ás mesquinhas e desprezeiveis proporções de uma «seita».

A outros, baixando a resposta ao tom inferior do partidarismo, attribuiu s. excia. a ligeira opposição soffrida pela proposta de incondicionaes gabos, a uns «contendores respeitaveis, cujo modo de agir guarda coherencia com as

suas crenças politicas »; e esses «contendores» foram denunciados sob o distico, deveras carinhoso, de «cidadãos monarchistas catholicos ... orthodoxos »!!!

Em conclusão:

Se estivesse presente á ultima sessão do Instituto, eu negaria meu voto, aliás de peso minimo, á moção de applauso ao plano que, para amansamento dos selvicolas, está organizando o nobre ministro da agricultura.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, 6 de junho de 1910. *Brazilio Machado* ».

O sr. presidente mandou consignar na acta a declaração de voto do illustre consocio.

Pediu a palavra o sr, dr. Albuquerque Pinheiro e requereu que se consignasse na acta da presente sessão que s. excia. se achava de inteiro acôrdo com os conceitos da moção apresentada pelo seu consocio dr. Torres de Oliveira, e teria votado por sua approvação si estivesse presente na occasião.

Continuando a primeira parte da ordem do dia, foram lidas e em seguida, mandadas á respectiva commissão, para dar parecer, propostas apresentando para socios correspondentes do Instituto os srs. drs. Homero Baptista, Deoclecio de Campos e padre Etienne Igoace Brasil.

Postos em discussão e a votos os pareceres lidos na ultima sessão, foram elles approvados, sendo, em consequencia, proclamados socios correspondentes os srs. padre João Baptista Hafkmeyer e d. Alejandro Sorondo.

Lido o parecer relativo a admissão dos srs. Carlos de Carvalho e coronel João de Lyra Tavares, foi elle dispensado do intersticio regimental, a requerimento do sr. dr. Dinamerico Rangel, e, em seguida, approvado, sendo o primeiro proclamado socio effectivo e o segundo correspondente.

Pediu a palavra o sr. dr. Torres de Oliveira, 2.° secretario, e, em nome da mesa, deu conta das primeiras providencias tomadas, por intervenção do Instituto, pelo sr. ministro da fazenda da União, em relação aos livros de sesmarias existentes em abandono nos porões da Delegacia Fiscal desta cidade, e pediu os cuidados do sr. Assis Moura e dos demais consocios para que se chegue, com o seu auxilio, mais facilmente, ao objectivo que se tem em vista.

O sr. presidente da sessão nomeou para tratar desse assumpto sob todos os seus aspectos uma commissão composta dos srs. Xavier de Assis Moura, Torres de Oliveira e Barão Brazilio Machado.

Passando-se á segunda parte da ordem do dia, foi dada a palavra ao sr. dr. Gentil Moura, que leu, no meio da maior attenção e de grande interesse, a memoria de sua lavra — *O caminho do Paraguay a S André da Borda do Campo (reconstituição do itinerario de Ulrich Schmidel em 1553).*

O estudo feito por esse consocio foi muito apreciado, sendo o orador muito cumprimentado e abraçado pelo grande numero de socios presentes.

Terminada a leitura, o sr. presidente saudou o orador por seu trabalho, que, disse, honra o autor e o Instituto, e declarou encerrada a sessão, convidando os associados para a proxima sessão de 20 do corrente.

Do que, para constar, eu, José Torres de Oliveira, 2.° secretario, lavrei a presente acta.

Decima primeira sessão ordinaria

A' sessão ordinaria de 20 de junho de 1910 compareceram os seguintes consocios: dr. Theodoro Sampaio, dr. Estevam Leão Bourroul, dr. José Torres de Oliveira, dr. Dinamerico A. R. Rangel, major Pedro Dias de Campos, dr. Joaquim Pinto da Silveira Cintra, Edmundo Krug, Gentil Moura, Assis Moura e Sá Campello.

Serviram, de presidente, o dr. Dinamerico Rangel e de 1.° e 2.° secretarios, os srs. Torres de Oliveira e Edmundo Krug.

Lida e approvada, sem observações, a acta da sessão anterior, passou-se ao *expediente*, no qual foi lido um officio do sr. dr. Adolpho Pinto, agradecendo sua nomeação de membro da commissão incumbida de commemorar condignamente o segundo centenario da elevação de S. Paulo ao predicamento de cidade, mas pedindo dispensa desse encargo por affluencia de serviços.

Submettida á consideração da casa, resolveu esta não conceder a dispensa solicitada e officiar áquelle senhor insistindo pela aceitação da tarefa.

Em seguida, é accusado o recebimento de varios impressos e, entre estes, *A Parahyba*, em dois volumes, por João de Lyra Tavares, *Curso de Zootechnia Geral e Especial* por Adolpho B. Uchôa Cavalcanti, *Auxiliar Geographico*, por Joaquim Vieira Ferreira Sobrinho, *Limites inter-estaduaes entre Paraná e Santa Catharina*, pelo sr. Romario Martins, etc.

O sr. Assis Moura offereceu ao Instituto um exemplar da obra posthuma do tenente general José Arouche de Toledo Rendon—*Elementos de Processo Civil* e o dr. E. L. Bourroul a *Resenha historica do municipio de S. Pedro de Piracicaba*, da lavra do dr. Junio Soares Caiuby.

Passando se á primeira parte da ordem do dia, é lido o parecer da commissão de admissão de socios favoravel aos candidatos apresentados para socios correspondentes srs. dr.

Deoclecio de Campos, dr. Homero Baptista e padre Etienne Ignace Brazil.

Dispensado do intersticio regimental, a requerimento do dr. Dinamerico Rangel, e approvado o parecer, são proclamados os novos consocios.

Em seguida é lida uma proposta, devidamente assignada, indicando para socio correspondente do Instituto o sr. dr. Junio Soares Caiuby.

Dispensada de parecer por escripto e intersticio, depois de ouvidos os membros da commissão de admissão de socios, então presentes, dr. Torres de Oliveira e Assis Moura, é a proposta approvada e, em consequencia, proclamado socio correspondente o novo candidato.

O dr. Torres de Oliveira, segundo secretario, em nome do mesa, communica estar creado na bibliotheca do Instituto um livro, com dizeres impressos, para carga dos livros e objectos retirados pelos socios; justifica a creação desse livro e pede aos socios que têm livros ou objectos do Instituto em seu poder o obsequio de virem assignar a respectiva carga, para regularização do serviço.

Em seguida, o mesmo consocio requereu que se consignasse na acta um voto de profundo pezar pelo fallecimento da exma. sra. d. Veridiana Prado, socia honoraria do Instituto e que se officiasse ao exmo. sr. conselheiro Antonio Prado, unico filho varão sobrevivente da illustre extincta, transmittindo os sentimentos da casa. Disse o orador que para glorificação de d. Veridiana Prado bastava lembrar ter ella a felicidade de dar ao mundo os eminentes paulistas Antonio Prado, Martinho Prado Junior, socios fundadores do Instituto, Caio Prado e Eduardo Prado; mas que a essa qualidade natural reunia ella a excelsa virtude da caridade, largamente espalhada sobre todas as instituições de sua terra, e o seu devotado amor a todos os institutos de letras, sciencias e arte, acolhendo, com carinho, em sua casa scientistas e literatos.

O sr. presidente da sessão, julgando interpretar o sentimento de todos os consocios, deferiu o requerimento, independente de discussão e votação.

Annunciada a segunda parte da ordem do dia, não havendo socios inscriptos para leitura de trabalhos, o sr. presidente convida os srs. socios para a proxima reunião, na qual o sr. dr. E. L. Bourroul lerá trechos de um trabalho historico e literario que s. excia. está escrevendo sobre *O Barão de Rezende e seu tempo*.

As 9 horas e meia da noite é levantada a sessão.

De que para constar, eu, José Torres de Oliveira, segundo secretario, lavrei a presente acta.

Decima segunda sessão ordinaria

Aos 5 dias do mez de julho de 1910, no logar e hora do costume, presentes os consocios srs. Barão Brazilio Machado, dr. Estevam Leão Bourroul, córonel Ludgero de Castro, Affonso A. de Freitas, Edmundo Krug, Alfredo de Toledo, João Wotter, Assis Moura, Theodoro Sampaio, J. P. da Silveira Cintra, Gentil Moura, José Torres de Oliveira, não se achando presentes os outros membros da mesa, assumiu a presidencia na fórma dos Estatutos, o dr. Torres de Oliveira, segundo secretario, e declarou aberta a sessão, convidando para servirem de 1.º e 2.º secretarios, respectivamente, os srs. Alfredo de Toledo e Gentil Moura.

Lida e approvada, sem debate, a acta da sessão anterior, passou-se ao *expediente*, no qual foram lidos os seguintes papeis: officio do dr. Junio Soares Caiuby, agradecendo sua eleição para socio correspondente do Instituto e promettendo seus serviços — Inteirado, archive-se; officio do dr. Deoclecio de Campos, no mesmo sentido — Inteirado, archive-se; officio do dr. João Baptista Ambrosetti, de Buenos Aires, agradecendo sua nomeação de membro da commissão encarregada de representar o Instituto no XVII Congresso Internacional dos Americanistas, remettendo a collecção de resumos impressos dos themas tratados e avisando que o seu collega dr. Simoens da Silva entregará opportunamente outras publicações — Inteirado, agradeça-se; officio do dr. Adolpho Augusto Pinto, datado de 21 de junho p. p. insistindo na dispensa solicitada de membro da commissão encarregada de commemorar condignamente o segundo centenario da elevação de São Paulo á categoria de cidade. — Prejudicado em vista de nova resolução da peticionario, posteriormente manifestada.

Em seguida foi accusado o recebimento de varias offertas, e, entre estas, os *Archivos do Museu Nacional*, do Rio de Janeiro, volume XV; seis fasciculos do corrente anno da revista internacional *Les Documents du Progrés*, de que é representante na America do Sul o nosso socio dr. Domingos Jaguaribe, autor da offerta; *Minha viagem ao Salto Grande do Paranapanema*, edição allemã do nosso consocio dr. Edmund Krug; *Exploração Archeologica nos cemiterios da ilha de Tiharé* pelo dr. Salvador Debenedetti; *Revista do Instituto Historico e Geographo do Rio Grande do Norte*, volume VI, numero 1; *Revista Pharmaceutica* etc. Recebidas com especial agrado.

Na primeira parte da ordem do dia o sr. presidente, de acôrdo com os precedentes e com approvação da casa, mandou consignar na acta votos de pezar pelos fallecimentos dos socios do Instituto dr. Antonio Francisco de Araujo Cintra, fundador, e dr. Cleofano Pitaguary de Araujo e major Belizario Pernambuco, correspondentes.

Em seguida, o sr. presidente da sessão fez á casa as seguintes communicações: que já se achava inaugurado o protocollo de cargas para os livros da bibliotheca e objectos do archivo, convidando os consocios que têm livros ou objectos de Instituto em seu poder a virem assignar a respectiva carga, para regularização do serviço; que havia solicitado e obtido dos diarios da Capital a remessa de um exemplar da folha para a bibliotheca do Instituto; que, não tendo ainda se tornado effectiva a promessa, feita por s. excia. o sr. Secretario do Interior, de autorizar a continuação da publicação da *Revista do Instituto* nas officinas do *Diario Official*, ia a mesa novamente intervir perante s. excia. para se conseguir esse desideratum.

Por proposta do dr. Alfredo de Toledo foi approvada que caso fosse ineficaz a intervenção da mesa perante s. excia. o sr. secretario do Interior, a mesma mesa officiasse ao governo do Estado lembrando que essa publicação foi autorizada por uma disposição permanente de uma lei orçamentaria e pedindo o cumprimento dessa disposição.

O sr. Barão Brazilio Machado submetteu á apreciação do Instituto o plano organizado pelo dr. Adolpho Pinto, membro da respectiva commissão, da obra que deve ser publicada pelo Instituto, em 11 de julho de 1911, para commemorar o segundo centenario da elevação de S. Paulo ao predicamento de cidade.

Esse plano foi muito apreciado e ficou sobre a mesa para estudo dos srs. consocios. Intitula-se *A cidade de S. Paulo em 1911*. Contém 59 capitulos, cujas materias serão versadas pelos srs. consocios, á escolha de cada um, devendo até a proxima reunião, de 20 do corrente, ser conhecida a preferencia dada pelos socios ao capitulo ou capitulos que quizerem desenvolver.

Para esse fim declarou o sr. presidente que punha á disposição dos srs. consocios o plano apresentado, todos os recursos da bibliotheca e do archivo do Instituto e os officios da directoria.

Na segunda parte da ordem do dia foi dada a palavra ao socio inscripto, sr. dr. Estevam Leão Bourroul, que leu um capitulo do seu livro inedito *O Barão de Rezende e seu tempo*, historiando a fundação do partido catholico no Brazil, desde a sua genesis, em 1873, no conflicto episcopo-maçonico, até 1890.

O orador foi muito cumprimentado e applaudido pelo seu valioso trabalho.

O sr. presidente congratulou-se com o Instituto pelo trabalho que acabava de ser lido, erudito no fundo e primoroso na fórma, convidando o orador a honrar sempre a tribuna do Instituto; para o que pedia licença para o seu nome continuar inscripto afim de proseguir, opportunamente, na leitura dos outros capitulos da sua obra.

Ao encerrar a sessão o sr. presidente convidou os consorcios que quizerem collaborar na obra do segundo centenario da cidade de S. Paulo, a inscreverem os seus nomes á margem dos capitulos do plano organizado pela respectiva commissão.

Do que para constar, eu, José Torres de Oliveira, segundo secretario, subscrevi a presente acta.

Decima terceira sessão ordinaria

Aos 20 dias do mez de julho de 1910, no logar e hora do costume, presentes, além de visitantes, os consocios srs. Theodoro Sampaio, Benedicto Calixto, Brazilio Machado, João Wetter, Affonso A. de Freitas, J. P. da Silveira Cintra, Luiz Piza, Gentil Moura, Pedro Dias de Campos, Francisco Gaspar, Edmundo Krug, J. B. Reimão, Leoncio Gurgel, Alfredo de Toledo, Dinamerico Rangel e José Torres de Oliveira, assumiu a presidencia o dr. Dinamerico Rangel e declarou aberta a sessão, convidando para servir de segundo secretario o dr. Gentil Moura.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se ao expediente, no qual foram lidos os seguintes papeis: cartas dos srs. Homero Baptista, João de Lyra Tavares, padres J. B. Hafkemeyer e Etienne Ignace Brazil, agradecendo suas admissões como socios e promettendo seus trabalhos; circular do X Congresso Internacional de Geographia, a reunir-se em Roma, de 15 a 22 de outubro de 1911, enviando o programma dos respectivos trabalhos e convidando o Instituto a se fazer representar nesse certamen. Foi deliberado que o Instituto se inscrevesse, devendo opportunamente nomear seus delegados. Officio do secretario geral do Segundo Congresso Brazileiro de Geographia, pedindo a cessão do edificio do Instituto, de 7 a 16 de setembro proximo futuro, para nelle se effectuarem os trabalhos daquella assembléa, e convidando o Instituto a concorrer á exposição geographica que o mesmo Congresso pretende realizar. Foi attendido pela mesa, com approvação da casa.

O sr. presidente da sessão communicou mais que, tendo recebido do sr. dr. Brazilio Machado, presidente da Academia Paulista de Letras, um pedido de concessão do salão nobre do Instituto para ahi se realizar, no dia 15 de agosto proximo futuro uma sessão solenne da mesma Academia, havia attendido a esse pedido e sujeitava o seu acto á approvação da casa. A assembléa approvou, sem observações, o acto do sr. presidente.

Em seguida foi lido o seguinte officio, enviado ao Instituto pelo sr. Rodolpho Miranda, ministro da Agricultura:

« Rio de Janeiro, 4 de julho de 1910.

Sr. dr. Dinamerico A. P. Rangel, primeiro secretario do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo.

Venho significar-vos o meu agradecimento pelo officio que me dirigistes communicando-me a Moção votada por esse Instituto para traduzir os seus applausos ás medidas que até então haviam sido por mim adoptadas em beneficio dos nossos selvicolas.

Demorei involuntariamente a resposta que vos devia e dou cumprimento ao desejo de manifestar o muito que me penhorou tão lisonjeira distincção, precisamente quando as medidas preliminares que determinaram a homenagem promovida no meio dessa illustre instituição por seu digno secretario, dr. José Torres de Oliveira, tiveram consagração e foram mesmo completadas pelos dispositivos do decreto n. 8072, de 20 de junho, proximo passado, que marcará inesquecivel data na administração republicana.

O acto do sr. Presidente da Republica veiu realmente não só amparar os nossos selvicolas, subtraindo-os á miseria de uma condição que os aviltava, senão salvar as instituições vigentes da culpa de os haver abandonado ao arbitrio dos civilizados, deixando escapar á acção penal crimes que jamais foram praticados impunemente contra os proprios escravos.

O governo da Republica, volvendo sua attenção para esse problema secular, cumpriu, pois, um dever de que lhe não era licito eximir-se estendendo as mesmas vistas protectoras ao trabalhador nacional que ha de constituir elemento seguro, de par com o colono estranjeiro, no desenvolvimento da pequena propriedade agricola.

A realização desses nobres ideaes exige, porém, que o poder publico tenha a cooperação de todas as Instituições que se interessam por assumpto da vida nacional e entre ellas figura o Instituto Historico e Geographico de S. Paulo cujos trabalhos constituem valioso testemunho de actividade, perseverança e dedicação aos interesses vitaes do paiz.

Pedindo-vos o obsequio de transmittirdes a esse illustre Instituto o meu agradecimento e os votos que formúlo a bem da sua prosperidade, apresento-vos as seguranças de minha estima e consideração.

Saúde e Fraternidade.

Rodolpho Miranda »

Foram tambem accusadas varias offertas e, entre estas, a *Revista da Faculdade de Direito de S. Paulo*, vol. VI; *A marinha nacional* por Homero Baptista; o *Discurso* pronunciado pelo sr. Nelson de Senna, como orador official, na sessão inaugural da Academia Mineira de Letras; varios opusculos e revistas e todas as folhas diarias da capital.

Na primeira parte da ordem do dia foram lidas propostas apresentando para socios do Instituto os srs. Z. Consiglieri Pedroso, honorario, dr. Francisco Xavier da Silva Telles, padre Carlos Teschauer, dr. Adolpho Lutz e dr. Benjamin da Luz Novaes, correspondentes Persio Pacheco e Silva, monsenhor Charles Sentieul, Gelasio Pimenta e dr. Laerte de Assumpção, effectivos.

Concedida dispensa de parecer e intersticio, a requerimento do dr. Alfredo de Toledo, foram proclamados socios do Instituto, nas categorias indicadas, os srs. Persio Pacheco e Silva, Adolpho Lutz, dr. Francisco Xavier da Silva Telles, padre Carlos Teschauer e Z. Consiglieri Pedroso. As outras propostas foram enviadas á respectiva commissão para dar parecer.

O dr. Torres de Oliveira, em nome do sr. Mario Villares Barbosa, offereceu ao archivo do Instituto um fragmento da tela e do mastro do balão do nosso patricio Augusto Severo, apanhado em Paris na occasião do desastre.

Communicou o mesmo consocio, em seu nome e no de seus companheiros de secretaria, estar em organização a bibliotheca do Instituto, tendo para isso os secretarios tomado um auxiliar, devendo, dentro do preciso tempo, estar feito esse serviço e organizado o respectivo catalogo para ser publicado.

O sr. presidente louvou o sr. segundo secretario pelos seus esforços e especialmente pela sua diligencia em conseguir a remessa para a bibliotheca do Instituto de um exemplar das folhas da Capital.

A mesa communicou á casa as diligencias que está empregando para ser continuada a publicação da *Revista do Instituto* nas officinas do *Diario Official*.

Ainda na primeira parte da ordem do dia, o dr. Torres de Oliveira justificou uma indicação para que ficasse constando dos annaes do Instituto a exposição de motivos e o regulamento expedido pelo sr. ministro da Agricultura, relativo á protecção dos nossos selvicolas, trabalhos que têm sido muito applaudidos no paiz e no estranjeiro. Posta em discussão, pediu a palavra o sr. dr. Brazilio Machado e declarou que, embora mantivesse sua convicção sobre a inefficacia da catechese sem o influxo religioso, não se oppunha á indicação não só porque o sr. ministro da Agricultura não se referia á catechese, mas sim á protecção dos indigenas, como porque era a indicação o meio de corresponder á gentileza com que s. exa. tem se mantido nas suas relações com o Instituto.

O sr. presidente mandou remetter esses actos á commissão de redacção.

Ainda por proposta do mesmo consocio foi approvada que ficasse a mesa autorizada a solicitar da Camara Muni-

cipal e do Congresso do Estado o auxilio necessario para a publicação da obra do Segundo Centenario da cidade de S. Paulo.

Na segunda parte da ordem do dia foi dada a palavra ao sr. Benedicto Calixto, que leu um capitulo de seu livro inédito sobre *A villa de Santo André da Borda do Campo e a primitiva povoação de Piratininga.*

O trabalho do orador sobre esse ponto de investigação historica foi ouvido com muito agrado.

Não tendo comparecido o outro orador inscripto, dr. E. L. Bourroul, ficou adiada para outra sessão a leitura do seu trabalho.

O sr. João Wetter pediu sua inscripção afim de na proxima sessão ler a traducção de uns capitulos da obra de Martius sobre a sua *Viagem ao Brazil.*

A's 9 e meia foi encerrada a sessão.

Do que para constar, eu, José Torres de Oliveira, segundo secretario, subscrevi a presente acta.

Decima quarta sessão ordinaria

Aos 5 dias do mez de agosto de 1910, no logar e hora do costume, verificada a presença dos consocios srs. drs. Domingos Jaguaribe, Dinamerico Rangel, Theodoro Sampaio, Francisco Ignacio Xavier de Assis Moura, João Weter, Pedro Dias de Campos, Affonso A. de Freitas, J. P. da Silveira Cintra, Estevam Leão Bourroul, Luiz Piza e Edmundo Krug, é declarada aberta a sessão, sob a presidencia do primeiro nomeado, que convidou para servir de segundo secretario *ad hoc*, na ausencia do funccionario effectivo, o dr. Theodoro Sampaio,

Achando-se na ante-sala o socio recem-eleito sr. Persio Pacheco e Silva, é introduzido no recinto das sessões por uma commissão composta dos srs. Silveira Cintra, E. L. Bourroul e Assis Moura, tomando posse de sua cadeira com as formalidades do estylo.

Lida, foi unanimemente approvada a acta da sessão anterior.

No expediente foram lidos officios: do professor Consiglieri Pedroso accusando recebida a communicação da nomeação da commissão luso-brazileira; do dr. Adolpho Lutz e padre Etienne Ignace Brazil agradecendo a participação de terem sido eleitos socios correspondentes do Instituto; do Consul-geral da Republica Argentina no Rio de Janeiro, offerecendo diversos folhetos sobre assumptos relativos á Republica Argentina para a bibliotheca do Instituto; da exma. sra. d. Lydia de Souza Rezende, enviando «duas collecções encadernadas de cartas de seu avô, o Marquez de

Valença, e outras a ella endereçadas, referentes á era gloriosa da nossa independencia e a acontecimentos concomitantes».

Lido esse officio e examinado pelos consocios presentes a importantissima offerta feita pela dignissima filha do venerando Barão de Rezende, distincto socio benemerito do Instituto, por proposta assignada por todos os consocios presentes e fundamentada pelo dr. Dinamerico Rangel, 1.° secretario, que mostrou o incalculavel valor da dadiva e a consequente grandeza da divida de gratidão do Instituto para com a gentilissima offertante, foi ella acclamada socia honoraria do Instituto, dispensada a proposta de parecer e intersticio.

A exma. sra. Viscondessa de Cavalcanti offereceu a sua obra em dois volumes sob o titulo *Catalogo das medalhas brazileiras*, e o padre Rafael Maria Galanti, S. J., offereceu o 5.° tomo do seu compendio da *Historia do Brazil*

Estas e as demais offertas foram recebidas com especial agrado.

Passando-se á primeira parte da ordem do dia, foi lida e enviada á respectiva commissão para dar parecer uma proposta apresentando para socia correspondente do Instituto a exma. sra. Viscondessa de Cavalcanti.

Em seguida foi lido e ficou sobre a mesa para ser votado na proxima sessão o parecer da commissão de admissão de socios favoravel á indicação dos srs. dr. Laerte de Assumpção, Gelasio Pimenta e monsenhor Charles Sentroul para socios effectivos e do dr. Benjamim da Luz Novaes para socio correspondente do Instituto.

Foram tambem lidas e enviadas á respectiva commissão propostas indicando o dr. Altino Arantes Marques para socio effectivo e Vicente Melillo para socio correspondente.

Pelo presidente da sessão foi communicado que, tendo-se entendido, no Rio, com o sr. Presidente da Republica, relativamente ao monumento a erigir-se em Santos ao glorioso José Bonifacio de Andrada e Silva, Patriarcha da Independencia, pelo dr. Nilo Peçanha foi dito que julgava tão importante o assumpto, que seria caso de uma mensagem ao Congresso, mas que, não sendo isso de estylo, ia interessar-se junto ás commissões do mesmo Congresso para que a iniciativa do Instituto Historico de S. Paulo tivesse plena execução, cumprindo-se assim este dever de patriotismo dos brazileiros.

Pelo sr. presidente da sessão foi nomeada para representar o Instituto no Segundo Congresso de Geographia, a realizar-se no dia 7 de setembro proximo, nesta capital, uma commissão composta dos drs. Torres de Oliveira, Rafael Corrêa Sampaio e Dinamerico Rangel.

Na segunda parte da ordem do dia o consocio sr. João Wetter leu capitulos da traducção que fez das obras de Martius sobre sua *Viagem no Brazil*, tendo sido applaudido

o trabalho conscienciosamente feito para satisfazer a exigencia de socios que tinham indeclinavel e urgente necessidade de tal traducção.

Encerrando a sessão ás 10 horas da noite, o presidente dr. Domingos Jaguaribe declara julgar de utilidade convidar, acompanhado dos socios drs. Luiz Piza e Theodoro Sampaio, em nome do Instituto o honrado dr. presidente do Estado afim de fazer uma visita minuciosa ao mesmo Instituto, para avaliar a importantissima collecção de documentos originaes desde a nossa Independencia até hoje, a grande copia de trabalhos para serem impressos na *Revista* e a necessidade inadiavel da publicação desta, o que ha tres annos não se faz, causando essa falta o maior transtorno na ordem dos nossos trabalhos, com geral reclamo da opinião publica.

A casa approvou unanimemente a deliberação do sr. presidente.

Estando adeantada a hora, encerrou-se a sessão, ficando designado o dia 20 do corrente para a 15.ª sessão ordinaria do corrente anno.

Do que para constar lavrou-se a presente acta, segundo notas fornecidas ao sr. 2.º secretario, que esta subscreve.

Subscripta por mim, José Torres de Oliveira, segundo secretario.

Decima quinta sessão ordinaria

Aos 20 dias do mez de agosto do anno de 1910, á rua Benjamim Constant n. 40, ás oito horas da noite, teve logar a decima quinta sessão ordinaria do corrente anno.

Presidiu essa sessão o dr. Domingos Jaguaribe, secretariado pelos drs. Dinamerico Rangel e J. Torres de Oliveira, tendo comparecido, alem dos membros da mesa, os consocios srs. Luiz Piza, Affonso A. de Freitas, E. L. Bourroul, Pedro Dias de Campos, Benedicto Calixto de Jesus, Assis Moura, Francisco Gaspar, Gentil Moura e Edmundo Krug.

Lida, foi unanimemente approvada a acta da sessão anterior, passando-se ao expediente, no qual foram lidos os seguintes papeis: cartas dos padres Carlos Teschauer e J. B. Hafkemeyer agradecendo suas admissões como socios correspondentes do Instituto; carta do sr. Mario Villares Barbosa agradecendo a cessão do salão nobre do Instituto para a exposição de pintura que realizou e offerecendo, como lembrança, uma das telas que figuraram na mesma exposição; officio do governo do Estado do Piauhy offerecendo um exemplar da obra *Chronologia historica do Estado do Piauhy*, do dr. F. A. Pereira da Costa, mandada imprimir pelo governo daquelle Estado; carta do sr. Horacio de

Carvalho, director do *Diario Official*, communicando estar autorizado a publicar a *Revista do Instituto* nas officinas da sua repartição e pondo os seus serviços á disposição do Instituto.

O sr. presidente congratula-se com o Instituto por esse facto, mandando dirigir ao governo do Estado um officio de agradecimento.

Em seguida, foi lido o seguinte officio, enviado pela exma. sra. d. Lydia de Souza Rezende:

«Piracicaba, 19 de agosto de 1912.

Exmos. Srs.

Com o maior desvanecimento recebi o officio de Vs. Exas. communicando-me a minha acclamação para socia honoraria do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo.

Gratissima pela subida distincção a que nunca aspirei, reconheço que a devo unica e exclusivamente á generosidade e indulgencia dos illustres patricios, approvando os pouquissimos serviços que porventura hei prestado, no cumprimento de um dever de consciencia, a favor de nossos irmãos infelizes, guiada pelo amor da Patria e amparada pela Fé.

Sinto-me orgulhosa e cheia da mais viva alegria; muito me ufano de pertencer a uma instituição que tanto ennobrece a terra Paulista e tão magnificamente honra o Brazil; a uma instituição modelar, que, haurindo a sua força e a sua virtude nas entranhas do Passado, perpetúa pelo culto de nossas mais caras e venerandas tradições, a memoria dos nossos grandes antepassados e dos nossos mortos queridos, apresentando os seus vultos, os seus feitos, os seus exemplos, as suas lições ás gerações que se succedem e succederem no scenario da nossa Patria idolatrada.

Por todas estas homenagens, prestadas em torno aos nomes de meu avô Marquez de Valença e de meu pae, Barão de Rezende, dois grandes patriotas, permitta-se-me enfeixa-la numa corôa de goivos e perpetuas e deposita-la, em offerenda piedosa! sobre o tumulo de meu bem amado pae!

Faço votos a Deus pela saude e felicidade de Vs. Exs. e de cada um dos dignos membros do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo.

Deus guarde a Vs. Exs.

Exmos. Srs. Drs. Domingos José Nogueira Jaguaribe, Dinamerico Augusto do Rego Rangel, Arthur Vautier, Raphael Corrêa Sampaio e José Torres de Oliveira, d. d. presidente e membros da mesa do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo.

Lydia de Souza Rezende.»

Foi accusado o recebimento de varias offertas, e, entre estas: *Boletim do Instituto Geologico do Mexico*, n. 25, em dois volumes, comprehendendo texto e atlas; *Historia dos Jesuitas em Portugal*, edição allemã, do padre J. B. Hafkemeyer; *A Sciencia Social*, fasc. 71; *A Liga Maritima Brasileira* n. 37; *Boletins de Agricultura* do E. de S. Paulo e da *Estatistica demographo-sanitaria* de Belém.

Na primeira parte da ordem do dia foi dado conhecimento á casa do inteiro teor dos officios que a Directoria vai dirigir á Camara Municipal e ao Congresso do Estado solicitando auxilio para a publicação da obra do segundo centenario da elevação de S. Paulo ao predicamento de cidade, assim como para o Instituto integralizar o pagamento de seu debito e mobiliar os seus salões.

Em seguida foi lido, submettido á discussão e approvado, sem debate, o parecer, que havia ficado sobre a mesa, da commissão de admissão de socios favoravel á admissão dos srs. dr. Laerte de Assumpção, Gelasio Pimenta e monsenhor Charles Sentreul, como socios effectivos, e dr. Benjamin da Luz Novaes, como socio correspondente. Em consequencia, foram proclamados pelo sr. presidente os novos socios do Instituto.

Foi tambem lido o parecer favoravel á admissão dos srs. Vicente Melillo e Viscondessa de Cavalcanti, como socios correspondentes, e á do dr. Altino Arantes Marques, como effectivo.

Concedida dispensa de intersticio, a requerimento do dr. E. L. Bourroul, foi o mesmo parecer approvado e proclamados os novos consocios, deixando de o ser a exma. sra. Viscondessa de Cavalcanti, por já ser socia do Instituto, ha cinco annos.

Em seguida foram lidas propostas para admissão como socios do Instituto, honorarios, os srs. Abel Botelho e dr. Lobo de Avila Lima; effectivos, os srs. drs. Francisco Horta Junior, Manoel Aureliano de Gusmão e professor Miguel Carneiro Junior; correspondentes, os srs. d. Carlos Lix Klett e tenente coronel Raymundo Cyriaco Alves da Cunha; transferindo da categoria de correspondente para a de honorario o sr. conselheiro Ernesto Julio de Carvalho e Vasconcellos.

Concedida dispensa de parecer e intersticio, a requerimento do dr. Gentil Moura, foram proclamados socios honorarios do Instituto os srs. Abel Botelho, dr. Lobo de Avila Lima e conselheiro Ernesto de Vasconcellos. As outras propostas foram remettidas á respectiva commissão para dar parecer.

Pelo dr. Dinamerico Rangel foi proposto e justificado um voto de pezar pelo fallecimento do conselheiro Andrade Figueira e do dr. Pedro Montt, presidente do Chile.

Pelo dr. Torres de Oliveira foi tambem proposto e justificado um voto de pezar pelo fallecimento de Carmen Dolores, d. Julia Bandeira de Mello.

Ambas as propostas foram unanimemente approvadas, depois de sustentadas, a primeira, em relação ao conselheiro Andrade Figueira, pelo dr. Luiz Pizs, e a segunda, relativa a Carmen Dolores, pelo dr. E. L. Bourroul.

Em seguida o dr. Torres de Oliveira, segundo secretario, deu conta do movimento da bibliotheca, fazendo ver que esta já estava organizada, procedendo-se actualmente á confecção do respectivo catalogo; e informando que além de todos os diarios da capital e alguns do interior, a bibliotheca está recebendo o *Jornal do Commercio*, *O Paiz*, *A Gazeta de Noticias* e o *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro.

Pediu, em seguida, o mesmo consocio a todos os seus collegas que se interessassem o mais vivamente possivel perante os membros do Congresso e da Camara Municipal, para que fosse obtido o auxilio solicitado pelo Instituto, absolutamente indispensavel e inadiavel para attender ás suas necessidades do momento.

O dr. Domingos Jaguaribe, presidente da sessão, elogiou o segundo secretario pelos seus esforços, especialmente por ter obtido a remessa das folhas diarias do Rio para a bibliotheca do Instituto.

O dr. Dinamerico Rangel, primeiro secretario, enalteceu os valiosos serviços que á organização da bibliotheca do Instituto está prestando o auxiliar dos secretarios sr. Christovam Torres de Camargo.

Na segunda parte da ordem do dia occupou a tribuna o sr. Benedicto Calixto, que continuou a leitura do seu trabalho sobre a fundação da villa de S. Paulo de Piratininga.

Foi tambem á tribuna o dr. Dinamerico Rangel e expoz o plano de uma obra que está escrevendo sob o titulo *Memorias de um quatriennio*, finalizando por ler uma poesia descriptiva, de sua lavra, intitulada *Na Invernada*.

Ambos os trabalhos foram muito apreciados, sendo os oradores muito felicitados pelos socios presentes.

Estando a hora adeantada, o sr. presidente encerrou a sessão, marcando a seguinte para o dia 5 de setembro proximo futuro.

Do que, para constar, eu, José Torres de Oliveira, segundo secretario, fiz lavrar e subscrevo a presente acta.

Decima sexta sessão ordinaria

Aos cinco dias do mez de setembro de 1910, no logar e hora do costume, presentes os consocios srs. dr. Domingos Jaguaribe, vice-presidente em exercicio, drs. Dinamerico Rangel e J. Torres de Oliveira, 1.º e 2.º secretarios, drs. Eugenio Egas, E. L. Bourroul, Pedro Dias de Campos, J. P. Silveira Cintra, Desembargador José Maria do Valle,

Affonso A. de Freitas, Ludgero de Castro, Couto de Magalhães, Gentil Moura, Alfredo de Toledo, Edmundo Krug, Francisco Gaspar, Assis Moura e Cyrillo Junior, foi aberta a sessão.

Lida e approvada sem debate a acta da sessão anterior, passou-se ao expediente, no qual foram lidos, entre outros, os seguintes papeis: officio do sr. J. Herboso, ministro do Chile no Rio de Janeiro, agradecendo as condolencias do Instituto pelo fallecimento do dr. Pedro Montt, presidente daquella Republica; carta do dr. José Marcondes de Andrade Figueira agradecendo, em seu nome e no de sua familia, os pezames do Instituto pelo fallecimento do seu venerando pae conselheiro Domingos de Andrade Figueira; cartas dos srs. Vicente Melillo e monsenhor dr. Charles Sentroul, agradecendo suas admissões como socios do Instituto e promettendo seus trabalhos; carta do dr. Constante Affonso Coelho, offerecendo á bibliotheca um volume do hebdomadario *A Estrella*, de Curytiba, de que foi fundador e redactor; carta do sr. João Wetter communicando não poder comparecer ás sessões por motivo de força maior; segunda circular do X Congresso Internacional de Geographia, a reunir-se em Roma, de 15 a 22 de outubro de 1911, enviando o programma dos respectivos trabalhos e convidando o Instituto a se fazer representar nesse certamen scientifico.

O sr. presidente communicou que, devendo achar-se em Roma, por essa occasião, o consocio sr. barão Brazilio Machado, o nomeava representante do Instituto perante esse Congresso, tendo sido acceita a nomeação.

Entre as varias offertas recebidas destacam-se: *Cartas do Imperador D. Pedro I a Domitilla de Castro* (marqueza de Santos); *Libello do Povo*, por Timandro; *Uma these constitucional*, por José de Alencar; *Memoria economica sobre a plantação, cultura e preparação do chá*, por Fr. Leandro do Sacramento; *Discurso* sobre o estado religioso, politico e diplomatico de Portugal, por Felix Baptista Vieira; *Historia da Provincia do Espirito Santo*, por Misael Ferreira Penna; *Gobierno del Perú*, por d. Juan Matienzo; *Manual da Sciencia das Finanças Bolsa de Café* e *Lição inaugural de philosophia do direito*, pelo dr. J. P. da Veiga Filho; *Carta Economica* do Estado de S. Paulo pela Commissão Geographica e Geologica do Estado; *A Lavoura Paraense*; *Boletim* Official de Agricultura, ns. 21 e 22 do IV anno; *Illustração Brazileira*; *Gazeta Clinica* e outras.

O dr. E. L. Bourroul, em nome de monsenhor Charles Sentroul, offereceu uma collecção das obras deste scientista e communicou que este illustre consocio tomará posse de sua cadeira numa das proximas sessões, estando escrevendo especialmente para o acto de sua posse uma these intitulada *Les courants modernes de la philosophie (au point de vue historique)*.

Annunciada a primeira parte da ordem do dia, o sr. presidente diz que, achando-se na casa o sr. Henri Lorin, professor de geographia colonial nomeava para introduzil-o na sala das sessões uma commissão composta dos srs. secretarios e Assis Moura. Recebido, é o illustre professor saudado, em um bello improviso em francez pelo dr. E. L. Bourroul e responde, agradecendo o caloroso acolhimento que lhe era dispensado pelo Instituto.

Continuando a primeira parte da ordem do dia, foram lidas as propostas indicando para socios, correspondentes, os srs. conselheiro João Nepumuceno Torres, dr. Jayme Reis e Tancredo de Barros Paiva, effectivo, o sr. Pedro Rodrigues de Almeida e honorario o illustre escriptor Frederico Mistral.

Concedida dispensa de parecer e intersticio, a requerimento dos srs. E. L. Bourroul e Ludgero de Castro, são aceitos e proclamados socios do Instituto, na categoria de correspondentes, os srs. dr. Jayme Reis e conselheiro João Nepomuceno Torres e honorario o sr. Frederic Mistral, poeta e historiador, autor de *Mireille*, *Colendol*, *Les illes d'or* e outras obras primas.

As outras propostas foram remettidas á respectiva commissão para dar parecer.

Foi lido e ficou sobre a mesa para ser votado, na proxima sessão, o parecer favoravel á admissão dos novos consocios srs. Francisco Horta Junior, Aureliano de Gusmão, professor Miguel Carneiro Junior, tenente coronel Raymundo Cyriaco Alves da Cunha e d. Carlos Lix Klett.

O sr. presidente communicou que, tendo sido dirigido ao Instituto um convite da Commissão Organizadora do Segundo Congresso de Geographia para as sessões desse Congresso, transmittia o mesmo convite a todos os consocios para que comparecessem.

Disse mais o sr. presidente que, devendo demorar-se poucos dias entre nós os membros da delegação portugueza srs. conselheiro Ernesto de Vasconcellos, dr. Lobo d'Avila Lima e coronel Abel Botelho, que vinham tomar parte no Congresso de Geographia, tinha deliberado marcar uma sessão extraordinaria do Instituto para o dia 12 do corrente, ás 8 horas da noite, afim de ser dada posse a esses socios honorarios do Instituto e sujeitava seu acto á apreciação da casa.

A casa approvou unanimemente a deliberação do sr. presidente.

Em seguida, o dr. Torres de Oliveira, 2.º secretario, em nome do thesoureiro do Instituto, dr. Arthur Vautier, que por motivo de força maior deixára de comparecer á sessão, communicou que no dia 27 de agosto proximo passado tinha amortizado o debito contrahido pelo Instituto para construcção do edificio social, entrando com a quantia de dez contos de réis, ficando assim esse debito reduzido a cinco contos de réis. Fazendo essa communicação, teve o

sr. 2 ° secretario para com o sr. thesoureiro palavras do mais franco elogio, pois á sua actividade, perseverança, e bom tino administrativo, alliado á boa vontade dos socios, se deve a prospera situação financeira actual do Instituto.

A casa cuviu com muito agrado a communicação feita.

Em seguida pediu a palavra o dr. Dinamerico Rangel, 1.° secretario, e, em phrases brilhantes, saudou o consocio presente dr. Eugenio Egas, que em sua recente viagem á Europa tanto fez em prol do Instituto e dos interesses nacionaes, realizando conferencias em varias cidades do velho mundo.

Ao terminar foi o orador muito applaudido.

Pediu a palavra o dr. Eugenio Egas e em phrases eloquentes agradeceu a manifestação que lhe fazia o Instituto. Accrescentou que era sua intenção expôr, ainda que succintamente nesta sessão as suas impressões de viagem; mas á vista da grande perda que acabavam de soffrer o Instituto e a benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa com a prematuro fallecimento do sr. Consiglieri Pedroso, o momento era propicio tão sómente para sentir a morte do preclaro portuguez que tanto amava as duas nações irmãs.

Depois de outras considerações o orador narra ao Instituto as ultimas entrevistas que teve com o pranteado presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa. Relembra a capacidade intellectual, moral e actividade espantosa desse grande trabalhador, que agora consagrava ao acôrdo luso-brazileiro todas as forças de sua alma e todo o brilho do seu primoroso talento.

A sua obra, tão sympathica e tão util á patria portugueza, que tambem é nessa, e ao Brazil, que tambem é dos portuguezes, subsistirá e ha de triumphar. Termina dizendo que, assim como em Trafalgar os marinheiros inglezes tinham a seu lado a sombra de Nelson, todos nós que estamos lutando pela victoria de uma forte approximação luso-brazileira, teremos a nosso lado a sombra bemfazeja e luminosa de Consiglieri Pedroso.

O orador foi muito applaudido e cumprimentado pela numerosa assistencia.

Teve em seguida a palavra o dr. Dinamerico Rangel, que, em phrases alevantadas e repassadas de sincera commoção, tez o elogio funebre de Consiglieri Pedroso e do sr. José Jacintho Ribeiro, dois trabalhadores de valor que a morte havia derrubado. Ha poucos dias ainda, disse o orador, recebi longa carta de Consiglieri Pedroso que se exprimia, cheio de enthusiasmo, a proposito da sua iniciativa e do Segundo Congresso de Geographia. O dr. Dinamerico alongou-se em considerações e lamentando profundamente a morte do grande amigo do Brazil que foi Consiglieri Pedroso e do funccionario estudioso que foi J. Jacintho Ribeiro, pediu se lançasse na acta um voto de profundo pezar e que

a sessão fosse suspensa em homenagem aos pranteados extinctos.

Esta proposta foi unanimemente approvada, assim como outra do dr. Eugenio Egas para que o Instituto telegraphasse á Sociedade de Geographia de Lisboa apresentando pesames pela morte do seu benemerito presidente.

O dr. Domingos Jaguaribe, presidente da sessão, declarou que ia *in continenti* expedir o telegramma de pezames e suspendeu a sessão ás 9 1/2 da noite.

Subscripta por mim, José Torres de Oliveira, segundo secretario.

Sessão extraordinaria

Aos doze dias do mez de setembro de 1910, ás 8 horas da noite, no salão nobre do edificio social, realizou o Instituto, conforme a designação feita pelo sr. presidente, a sessão solemne extraordinaria para dar posse de suas cadeiras aos socios honorarios conselheiro Ernesto de Vasconcellos, coronel Abel Botelho e dr. José Lobo d'Avila Lima, delegados da Sociedade de Geographia de Lisboa ao Congresso de Geographia, professor Elias Nazareth, dr. Ermelino de Leão, dr. Jayme Reis, Romario Martins e almirante Alves Camara.

A essa reunião compareceram os consocios recipiendarios e mais os seguintes: drs. Dinamerico Rangel, José Torres de Oliveira, Pedro Dias de Campos, Benedicto Calixto, João Manoel Alfaya Rodrigues, E. L. Bourroul, Francisco Gaspar, Edmundo Krug, Affonso A. de Freitas, Assis Moura, Ludgero de Castro, Oscar de Sá Campello, Alfredo de Toledo, João Baptista Reimão, Luiz Pizs, Leoncio do Amaral Gurgel, Joaquim de Oliveira Botelho, Gentil Moura, Arthur Vautier e Freitas Valle.

O salão estava repleto de convidados abrilhantando a solennidade.

Abriu a sessão o dr. Dinamerico Rangel, tomando tambem logar á mesa dos trabalhos os srs. drs. José Torres de Oliveira, Gentil Moura, Arthur Vautier e commendador Leoncio Gurgel.

Aberta a sessão, o sr. presidente deu a palavra ao sr. dr. José Torres de Oliveira, segundo secretario do Instituto, para, na ausencia do orador official, saudar os novos consocios que iam ser empossados.

O dr. Torres de Oliveira, iniciando o seu discurso, disse que o Instituto Historico e Geographico de S. Paulo devia se revestir das suas melhores galas para receber os illustres consocios, recipiendarios. Infelizmente, diz o orador, aquella festa não podia ser tão completa quanto era para desejar, pois achavam-se ausentes o presidente effectivo do Instituto, o vice-presidente e o orador official, sendo que este,

á ultima hora, tinha se retirado para uma cidade do interior, onde eram reclamados os seus serviços profissionaes.

Não lhe é possivel dar um desempenho condigno á missão que, á ultima hora, lhe fôra commettida.

Não é orador. Si durante o tempo de sua mocidade poude alimentar essa velleidade, abandonou-a completamente nesta edade em que, na phrase de Joaquim Nabuco, «já começava a ouvir ao longe o toque de recolher».

Em todo o caso, precisa desempenhar a sua missão e vai fazel-o na medida de suas forças, pedindo ao auditorio a maxima benevolencia para as poucas palavras que vai proferir.

Diz que os illustres socios honorarios, que compõem a missão portugueza são membros conspicuos do alto patriciado intellectual de Portugal, e não precisa deter-se fazendo-lhes a biographia, pois elles já são muito conhecidos nesta terra, pela grande somma de trabalhos valiosos com que têm enriquecido a literatura portugueza.

Em seguida o orador estuda ligeiramente a personalidade de cada um dos membros da commissão portugueza.

Allude á idéa da approximação luso-brazileira, concebida pelo genio patriotico de Consiglieri Pedroso, fazendo ver a repercussão sympathica que a mesma idéa tinha encontrado em todas as classes da sociedade brazileira.

O orador faz tambem referencias encomiasticas aos meritos e trabalhos dos demais consocios que o Instituto naquelle momento empossava e termina, mais ou menos, com as seguintes palavras:

«O discurso de hoje devia ser todo tecido com phrases lapidares. Devia se formar com as nossas mais bellas flores um *bouquet* formosissimo para vos ser offerecido no dia de hoje.

Desculpae si o não poude fazer o orador presente e si elle simplesmente se limita, em nome do Instituto, a agradecer-vos a honra com que o distinguistes, aceitando as cadeiras que vos foram offerecidas, e a pedir que presteis a esta instituição nova, mas que muito quer trabalhar e produzir, a contribuição das vossas luzes, da vossa competencia e do vosso saber. *(Palmas prolongadas)*.

O dr. Dinamerico Rangel, que presidia a sessão, passou a presidencia ao sr. segundo secretario e occupou a sua cadeira de primeiro secretario, de onde pronunciou um discurso em que disse que aquelle era o seu logar; que daquella cadeira tinha partido a primeira adhesão do Brazil á idéa do sr. Consiglieri Pedroso de approximação dos dois paizes; partiu toda a correspondencia relativa ao assumpto; dalli sahiram os applausos ao seu distincto consocio dr. Eugenio Egas, quando em Portugal representou o Instituto; dalli sahiram as primeiras lagrimas de saudade que foram orvalhar o tumulo do grande genio, do grande coração, da cabeça nobilissima que se chamou Consiglieri Pedroso. Depois

de fazer ligeiras referencias aos delegados portuguezes, o dr. Dinamerico Rangel leu uns versos por s. exa. publicados em folheto, inutulado *O Cedro do Bussaco*, e dedicados aos representantes de Portugal no Congresso de Geographia.

Terminada a leitura desses versos, que foram calorosamente applaudidos, foi dada a palavra ao sr. conselheiro Ernesto de Vasconcellos.

S. exa. agradeceu em seu nome e no de seus collegas da missão portugueza a honra que lhes conferiu o Instituto, recebendo-os em seu seio. Para s. exa. tem um altissimo valor a significativa prova de consideração que acabava de receber. Quizera possuir dotes oratorios para poder agradecer, num rasgado vôo de eloquencia, a consideração em que tem as provas de apreço de que acabaram de ser alvos.

Faz então entrega ao presidente do Instituto da reproducção em photographia de nove cartas chorographicas, hydrographicas de toda a costa e portos da capitania de S. Paulo, com as plantas topographicas das suas villas e fortificações respectivas levantadas e configuradas pelo coronel graduado do Real Corpo de Engenheiros João da Costa Ferreira. As latitudes e longitudes são observadas pelo astronomo de S. Alteza Real Francisco de Oliveira Barbosa. As longitudes são contadas da parte mais occidental da Ilha do Ferro; as latitudes são austraes. Feitas no Real Archivo Militar. As cartas têm os seguintes titulos: Planta topographica da villa do Santos; planta topographica do porto da villa de Santos e egualmente as plantas das fortificações pertencentes ao porto; planta topographica da villa de Iguape; carta geographica que mostra a configuração da costa desde a Ponta do Arassú até a extrema da Capitania; carta topographica que mostra a configuração da costa desde o morro da enseada da Bertioga até a ponta fronteira á ilha de S. Sebastião; mappa topographico do porto e villa de Caraguá; carta topographica da costa do mar desde o rio Sumborim até a barra de Santos com a carta da villa da Conceição de Itanhaen; planta topographica do porto e fortaleza de Paranaguá; carta geographica e topographica do porto e villa de Guaratuba. S. exa. offereceu tambem ao Instituto um exemplar do catalogo da exposição de cartographia nacional de 1903 a 1904, organizado por s. exa. O orador fez diversas considerações sobre a utilidade dessas plantas, chamando para ellas a attenção do sr. dr. Gentil de Moura, que se dedica a esses estudos e que sobre ellas poderá lançar muita luz.

Entre as cartas do catalogo diz o orador que figura uma da Nova Lusitania, encontrada nos archivos da Bibliotheca de Pariz e cuja authenticidade foi posta em duvida pelos oppositores inglezes na questão de limites do territorio de Pirara.

Nessa occasião o sr. conselheiro Ernesto de Vasconcellos teve a felicidade de encontrar no archivo da Direcção Geral do Serviço de Engenharia do seu paiz a carta da Nova Lusitania, e não só essa carta como as folhas de campo, ainda a lapis, que serviram para coordenação e confecção geral da carta.

Pareceu-lhe isto de alto valor, e, a instancia do então ministro brazileiro em Lisbôa, dr. Alberto Fialho, fez um pequeno trabalho a respeito dessa carta, trabalho esse que foi enviado ao sr. Joaquim Nabuco e que elle publicou no ultimo volume de suas *Memorias*, como um auxiliar para a defesa dos direitos brazileiros. S. exa. diz que não póde haver para elle maior satisfação do que essa de ter prestado esse serviço de ter mostrado a authenticidade de uma carta, que era posta em duvida pelos opponentes do Brazil. Terminando, pede desculpas pelas singelas considerações que acaba de fazer, sem atavios de linguagem, sem flores de rethorica, mas apenas, com convicção e sinceridade e com o desejo de ser util a historia da Geographia do Brazil. (*Palmas prolongadas*).

O presidente agradeceu a valiosa offerta que o sr. conselheiro Ernesto de Vasconcellos fez ao Instituto e convidou os novos socios a assignar o Livro de Presença, o que foi feito com grandes applausos da assistencia.

Subiu depois á tribuna o sr. dr. Jayme Reis, representante do Paraná, que disse que se regosijava por ter comparecido áquella sessão, onde teve o prazer de ouvir o sr. representante de Portugal, que com a sua competencia e o seu alto merito, veiu indicar aos representantes da antiga quinta comarca de S. Paulo um novo caminho que os póde levar á descoberta dos limites do Estado do Paraná. S. exa. pronunciou o nome de Guaratuba, limite quasi que extremo do Estado que o orador representa com o de Santa Catharina, que estabeleceu um conflicto de limites e nessa palavra elle viu o raio promissor de uma nova aurora. E assim como Portugal nos trouxe, ha alguns annos, o precioso mimo de um futuro risonho, qual o que hoje possuimos, assim tambem essas velhos archivos, esses velhos alfarrabios e esses antigos mappas poderão ser para nós um balsamo tranquillizador para as agruras e os ferimentos de nossos corações de brazileiros.

Em seguida o orador agradece a honra de que foi alvo, junto com os seus companheiros, por parte do Instituto que os recebeu como socios correspondentes e promette empregar todos os seus esforços para bem merecer essa honrosa distinção.

Occupou tambem a tribuna o dr. Ermelino Leão para agradecer a prova de consideração que lhe deu o Instituto conferindo lhe o titulo de socio correspondente.

O sr. presidente communica então á casa que tinha verdadeira satisfação em fazel-a sciente de que o dr. Lima Mindello acabava de receber um telegramma autorizando-o a offerecer ao Instituto os mappas organizados pela Sociedade Nacional de Agricultura e que se acham expostos num dos salões do Instituto.

O telegramma recebido pelo dr. Lima Mindello era do presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, dr. Wenceslau Bello.

O sr. Ludgero de Castro communicou á mesa que o dr. Rafael Corrêa Sampaio, orador official, deixou de comparecer á sessão por motivo de força maior.

O sr. presidente, congratulando-se com todos os seus collegas pelo brilhantismo daquella sessão, declarou-a encerrada.

Do que para constar, eu, José Torres de Oliveira, segundo secretario fiz lavrar e subscrevo a presente acta.

Decima setima sessão ordinaria

Aos 20 dias do mez de setembro de 1910, no logar e hora do costume, presentes os consocios srs. drs. Domingos Jaguaribe, Dinamerico Rangel, J. Torres de Oliveira, Brazilio Machado, Assis Moura, Affonso A. de Freitas, Gentil Moura, E. L. Bourroul, Alfredo de Toledo, Leoncio A. Gurgel, João Mancel Alfaia Rodrigues e Edmund Krug, foi aberta a sessão.

No expediente foram lidos, entre outros, um officio do primeiro secretario do Segundo Congresso Brazileiro de Geographia, dr. Edmundo Krug, agradecendo a cessão dos salões do Instituto para a realização dos trabalhos daquelle Congresso, e uma carta do socio correspondende dr. Antonio Carlos Simoens da Silva, datada de Buenos Aires, communicando ter conseguido para o Instituto o diploma de socio correspondente da Sociedade Geographica de La Paz, Bolivia, e da Sociedade Folklore Chilena, esperando obter o mesmo diploma do Instituto Historico do Perú.

Foram accusadas muitas e valiosas offertas, entre as quaes, as seguintes: pela Sociedade Nacional de Agricultura, os dois grandes mappas do Brazil, organizados pelo dr. M. Paulino Cavalcanti; pelo sr. Tancredo de Barros Paiva, o 3.º volume (raro) da *Revista do Instituto Historico Brazileiro* e varios opusculos; pelo dr. Brazilio Machado, o *Codigo Commercial do Brazil em sua formação historica* (dois exemplares); pelo sr. conselheiro Ernesto de Vasconcellos *Expozição de cartographia nacional* (*1903 — 1904*); pelo Bureau de Ethnologia Americana de Washington os boletins ns. 38 e 42, encadernados; pelo dr. Domingos Ja-

guaribe — *O Brazil Antigo — Atlantide — Antiguidades Americanas*; pelo dr. Luiz Christiano de Castro — *A Catechese dos Indios*; *Revista do Archivo Publico Mineiro*, anno XIV; pelo dr. Arthur Orlando — *S. Paulo versus Alexandre VI* e *S. Paulo-Bandeirantes* (varios exemplares); pelo dr. Ermelino de Leão — *Paraná e S. Catharina — O voto do Ministro Pedro Lessa*; pelo dr. Theodoro Sampaio — *Atlas* dos E. U. do Brazil; pelo coronel Raymundo C. Alves da Cunha — *Paraenses Illustres* e numerosas revistas.

Na primeira parte da ordem do dia foram proclamados socios do Instituto: effectivos os srs. drs Francisco da Cunha Horta Junior, Manoel Aureliano de Gusmão e prof. Miguel Carneiro Junior; correspondentes, os srs. coronel Raymundo C. Alves da Cunha e d. Carlos Lix Klett.

Ficou sobre a mesa, para ser votado na proxima sessão, o parecer relativo ao candidato sr. Tancredo de Barros Paiva.

Foram lidas propostas: para socios correspondentes os srs. drs. Wenceslau J. de O. Bello, João Fulgencio de Lima Mindello, Manoel Paulino Cavalcanti, Sebastião Paraná de Sá Sottomaior; para socio effectivo, o commendador Antonio Augusto Mendes Borges; transferindo de correspondente para honorario o dr. Arthur Orlando da Silva.

Remettidas á respectiva commissão para dar parecer.

Por proposta do dr. Dinamerico Rangel foi approvado um voto de pezer pelo fallecimento do dr. M. P. de Siqueira Campos, socio fundador do Instituto.

Pelo mesmo consocio foi proposto e a casa approveu que se officiasse á Camara Municipal de Santos manifestando os applausos do Instituto pela nobre e patriotica resolução daquella municipalidade fazendo erigir um monumento ao padre Bartholomeu de Gusmão — o padre orador — inventor do aerostato; completando, por esta forma, a iniciativa do nosso consocio sr. commendador Alfaia Rodrigues, que se propoz a colocar, á sua custa, uma artistica placa de bronze na casa onde nasceu e viveu o glorioso paulista, naquella cidade.

Pelo mesmo consocio foi mais communicado que tendo sido nomeado para representar o Instituto perante o Segundo Congresso Brazileiro de Geographia, compareceria ás sessões e deva parecer sobre os trabalhos que lhe foram distribuidos.

Não tendo comparecido os socios inscriptos para leitura de trabalhos, o sr. presidente encerrou a sessão ás 9 horas, marcando a seguinte para o dia 5 de outubro vindouro.

Em tempo: Antes do expediente, foi lida e approvada, sem debate, a acta da sessão anterior.

Subscripta por mim, José Torres de Oliveira, segundo secretario.

Decima oitava sessão ordinaria

Aos 5 dias do mez de outubro de 1910, no logar e hora do costume, presentes os consocios srs. drs. Domingos Jaguaribe, vice-presidente em exercicio, Dinamerico Rangel e Torres de Oliveira, 1.º e 2.º secretarios, Assis Moura, Ludgero de Castro, Rafael Sampaio, J. P. da Silveira Cintra, Augusto de Siqueira Cardoso, Pedro Dias de Campos, Persio Pacheco e Silva, Alfredo de Toledo, Luiz Piza, Affonso de Freitas, Leoncio Gurgel e E. L. Bourroul, foi aberta a sessão.

São recebidos com as formalidades do estylo os novos consocios srs. drs. Horta Junior e Ramon Roca Dordal, que, saudados pelo sr. presidente, respondem, agradecendo.

São lidas e approvadas, sem debate, as actas da sessão extraordinaria de 12 e da sessão ordinaria de 20 de Setembro.

No expediente são lidos, entre outros, os seguintes papeis:

Cartas dos srs. dr. J. Nepomuceno Torres e d. Carlos Lix Klett, agradecendo suas admissões como socio, do Instituto e promettendo seus trabalhos; carta do sr. P. de Siqueira Campos, agradecendo, em seu nome e no de sua familia, as condolencias do Instituto pelo fallecimento do dr. M. P. de Siqueira Campos; carta do coronel Raymundo C. Alves da Cunha enviando um registrado contendo os livros — *O dr. Augusto Montenegro, sua vida e seu governo* e *A grammatica da lingua indigena*, da autoria do coronel Francisco Raymundo Corrêa de Faria; carta do padre Carlos Teschauer enviando varios trabalhos impressos para a bibliotheca do Instituto; carta do sr. Remigio de Bellido, director da Bibliotheca e Archivo Publico do Pará, remettendo um exemplar da obra de J. A. Mendes — *Extracção e futuro da borracha no valle do Amazonas*; carta do consocio sr. Carlos Lix Klett remettendo as seguintes publicações — Boletin del Ministerio de Agricultura, Revista Zootechnica y Boletin de Agricultura e Ganaderia, Homenaje al dr. Roque Saenz Peña, Lloyd Argentino Immigration en el ano de 1909 y datas desde 1857.

Além das offertas constantes dessas cartas, foram mais accusadas as seguintes: *La diplomacia oriental* en el Paraguay, commentada por Luiz Alberto de Herrera; *Alexandre Herculano* por Vasconcellos Veiga; Revista da Academia Cearense, tomo XV; *Boletim* do Instituto Geologico da Universidade de Upsala; *Carta geral* do Estado de S. Paulo. 1910, e muitas outras.

Na primeira parte da ordem do dia foi proclamado socio do Instituto, na categoria de correspondente, o sr. Tancredo de Barros Paiva.

Foram propostos para socios effectivos os srs. drs. Reinaldo Porchat e Miguel Archanjo de Paula Lima e o sr. Thomaz Oscar Marcondes de Souza, sendo que este ultimo apresentou em manuscripto o seu trabalho intitulado *Pro Patria, Pro Veritate*, reputação historica, já publicado no *São Paulo*.

Estas propostas foram remettidas á respectiva commissão para dar parecer.

Foi lido e ficou sobre a mesa, sujeito ao intersticio regimental, o parecer favoravel á admissão dos novos candidatos drs. J. F. de Lima Mindello, Wencesláu Bello, Paulino Cavalcanti e Sebastião Paraná, correspondentes, e commendador A. A. Mendes Borges, effectivo.

Achando-se sobre a mesa, sem parecer, as propostas relativas á admissão do sr. Pedro Rodrigues de Almeida, como socio effectivo, e á transferencia do sr. dr. Arthur Orlando da Silva da categoria de correspondente para honorario, o sr. presidente submetteu essas propostas á discussão, independente do mesmo parecer.

Tomando a palavra o dr. Torres de Oliveira, membro da commissão de admissão de socios, impugnou longamente ambas as propostas, dizendo, quanto á primeira, que se tratava de um estudante, de menor edade, cuja admissão só poderia ser concedida mais tarde, e, quanto á segunda, que não havia motivos sufficientes que justificassem a transferencia, pois, embora se tratasse de um publicista illustre, existiam no Instituto socios com muito maior numero de serviços prestados á historia, geographia e geologia do Estado, e que, entretanto, não haviam sido elevados á categoria de honorarios.

Contra este parecer manifestaram-se os srs. Assis Moura, membro tambem da commissão de admissão de socios, drs. Alfredo de Toledo e Dinamerico Rangel.

Encerrada a discussão e posta a votos, foi approvada, com o voto contrario do dr. Torres de Oliveira, a proposta relativa á transferencia do dr. Arthur Orlando da Silva da categoria de correspondente para o de honorario.

Na segunda parte da ordem do dia, o dr. Dinamerico Rangel leu, com muito agrado e applausos da assembléa, uma poesia, de sua lavra, intitulada *Pedro Corrêa no seu caminho de Damasco*, feita a proposito do quadro do illustre pintor paulista e nosso consocio sr. Benedicto Calixto, destinado á Matriz de S. Cecilia, desta capital.

A's 9 1/2 horas da noite, foi encerrada a sessão.

Do que para constar, eu, José Torres de Oliveira, segundo secretario, fiz lavrar e subscrevo a presente acta.

Decima nona sessão ordinaria

Aaos 20 dias do mez de outubro de 1910, no logar e hora do costume, presentes os socios srs. Affonso A. de Freitas, dr. J. P. da Silveira Cintra, Assis Moura, Alberto Penteado, Pedro Dias de Campos, Benedicto Calixto, E. L. Bourroul, Francisco Alves da Cunha Horta Junior, Americo Braziliense e Leoncio A. Gurgel, foi aberta a sessão, presidindo-a o dr. Dinamerico Rangel, primeiro secretario, ladeado pelo dr. Torres de Oliveira, segundo secretario que tomou o logar do primeiro e pelo dr. Gentil Moura, convidado para substituir o segundo.

Lida a acta da sessão anterior, usou da palavra o dr. E. L. Bourroul e protestou por não constar da acta a reclamação que fizera a respeito da eleição do sr. Pedro Rodrigues de Almeida. A' s. excia. deram explicações os srs. presidente e segundo secretario.

Achando-se na ante-sala os srs. consocios d. Lydia de Souza Rezende, honoraria, monsenhor dr. Carlos Bentroul e Gelasio Pimenta, effectivos, são recebidos com as formalidades do estylo.

O sr. presidente dirige aos socios recipiendarios uma calorosa saudação ao que respondem o dr. Americo Braziliense, em nome de d. Lydia Rezende, e monsenhor Bentroul. Este ultimo pede que fique adiada para outra sessão a leitura de seu trabalho, visto querer ceder a preferencia ao seu collega Gelasio Pimenta.

No expediente foram lidos, entre outros, os seguintes papeis:

Cartas dos srs. Silva Telles e Tancredo Barros Paiva, agradecendo suas admissões como socios correspondentes e promettendo seus trabalhos; carta do sr. d. Carlos Lix Klett enviando um exemplar do *Informe comercial sobre la Republica Argentina* pasado por el ministro de Francia, Mr. Charles Wiener en mision especial en la America Latina; officio do sr. Henrique Beiteux, director interino da Bibiotheca, Museu e Archivo da Marinha, agradecendo a remessa da coleção da *Revista do Instituto*; carta da secretaria geral da Sociedade de Geographia de Lisboa, agradecendo os pezames do Instituto pelo fallecimento de Z. Consiglieri Pedroso.

São accusadas as seguintes offertas:

Datas e Notas para a Historia da Parahyba por Irineu Ferreira Pinto; *Subsidios para o estudo dos Kaingangues do Paraná* pelo sr. Ermelino A. de Leão; *As inscripções lapidares* da egreja do N. S. da Victoria da Bahia por Theodoro Sampaio; *Lages*, historico de sua fundação pelo coronel Romario Martins; *Imprensa Nacional*. Apontamentos historicos, por Oliveira Bello; varios opusculos offerecidos

pelo sr. Tancredo de Barros Paiva, boletins, revistas, jornaes etc.

Na primeira parte do ordem do dia foi approvado unanimimente o parecer, que se achava sobre a mesa, relativo á admissão dos consocios srs. drs. J. F. de Lima Mindello, W. J. de Oliveira Bello, M. P. Cavalcanti e Sebastião Paraná, correspondentes, e commendador M. A. Mendes Borges, effectivo, os quaes são pelo sr. presidente proclamados socios do Instituto.

Lido o parecer favoravel á admissão dos candidatos drs. Reynaldo Porchat, M. A. de Paula Lima e Thomaz O. Marcondes de Souza, foi concedida dispensa de intersticio, a requerimento do sr. Assis Moura, e approvado unanimemente. Foram em seguida proclamados os novos socios.

Achando-se na ante-sala o sr. Thomaz O. Marçondes de Souza, foi empossado de sua cadeira: sendo saudado pelo sr. presidente e s. s. respondeu agradecendo a sua admissão no Instituto.

Lido e posto em discussão o parecer assignado só por um dos membros da commissão. sr. Assis Moura, favoravel á admissão do sr. Pedro Rodrigues de Almeida, como socio effectivo do Instituto, pediu a palavra o dr. Torres de Oliveira, segundo secretario e tambem membro da commissão de admissão de socios, longamente se manifestou contra essa admissão, que, no seu parecer, devia ser adiada para mais tarde, por se tratar de uma pessoa de menor edade, estudante de um dos primeiros annos da Faculdade de Direito e que não sendo uma celebridade precoce não estava em condições de ser socio do Instituto. Sustentou essa proposta, tambem em longo discurso, o seu autor o sr. dr. E. L. Bourroul, sendo ella approvada por oito votos contra seis, tendo se abstido de votar tres socios presentes.

Passando-se á segunda parte da ordem do dia, foi dada a palavra ao socio recipiendario sr. Gelasio Pimenta, que, depois de agradecer sua admissão como socio, procedeu á leitura do Elogio historico e critico do pranteado maestro paulista Alexandre Levy, de sua lavra.

Ao terminar a leitura, foi o orador muito applaudido, cumprimentado e abraçado por toda a assembléa.

O sr. Assis Moura, pedindo a palavra, lembra que se pedisse á familia Levy uma colleção completa das producções de Alexandre Levy, para ser conservada no archivo do Instituto.

O sr. Gelasio Pimenta declarou, em seguida, que estava autorizado pelos irmãos Luiz e dr. Mauricio Levy, então presentes, a fazer, a offerta de que se tratava.

O sr. presidente, antes de encerrar a sessão mandou consignar na acta votos de pezar pelo fallecimento dos socios do Instituto drs. Francisco Marcondes de Gouvêa Natividade e Eugenio Alberto Franco.

Em seguida o sr. presidente mais uma vez congratulou-se com o Instituto pelo brilhantismo daquella sessão, a que dava notavel realce a presença da excma. socia honoraria d. Lydia de Souza Rezende, a encarnação da virtude christã da caridade, e, como fecho de ouro, leu as seguintes duas formosas quadras, dedicadas á illustre senhora pelo sr. Conde Affonso Celso:

Heroina do bem! as vossas plantas
Os corações que soffrem e que pensam
Deitam um ramo destas flores santas
Affecto, gratidão, applausos, bençam.

A causa da oblação que se vos rende
Soubesse-a o mundo e a christandade inteira
Bradára: Salve Lydia de Rezende,
Nobre paulista, grande brazileira!

A's dez horas foi encerrada a sessão, sendo convidados os consocios para a sessão de encerramento dos trabalhos ordinarios do corrente anno, a qual se realizará no dia 25 do corrente.

Sessão de encerramento

Aos vinte e cinco de outubro de 1910, no logar e hora do costume, presentes os consocios drs. Dinamerico Rangel e Torres de Oliveira, 1.º e 2.º secretarios Assis Moura, d. Lydia de Souza Rezende, drs. E. L. Bourrout, Persio Pacheco e Silva, Pedro Dias de Campos, Oscar Marcondes, Affonso A. de Freitas, Gentil Moura, Brazilio Machado, Gelasio Pimenta, Edmundo Krug, Lerncio Gurgel e Americo Braziliense, assume a presidencia o dr. Dinamerico Rangel e declara aberta a sessão, passando a occupar a primeira secretaria o dr. Torres de Oliveira, segundo secretario, e a segunda secretaria, a convite do sr. presidente, o dr. Gentil Moura.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, foi dada posse ao novo consocio, sr. Pedro Rodrigues de Almeida, que, saudado pelo sr. presidente, respondeu agradecendo.

No expediente foram accusadas varias offertas, e lida uma carta da exema. sra. d. Hortencia de Sá Franco, agradecendo os pezames do Instituto pelo fallecimento de seu marido, dr. Eugenio Alberto Franco.

Na primeira parte da ordem do dia foi pelo dr. E. L. Bourroul enviada á mesa a seguinte proposta de reforma dos Estatutos:

«Os infra assignados, socios do Instituto Historico de S. Paulo, usando da faculdade concedida pelo art. 65 dos Estatutos, e na fórma por elles estabelecida, propõem:

I

A reforma parcial do art. 15 dos mesmos Estatutos, para ficar a directoria composta, além de outros membros no mesmo artigo referidos, de um primeiro vice-presidente, um segundo e um terceiro, em vez de um só vice-presidente.

II

A eliminação das oito ultimas palavras do art. 53, de modo que fique determinado que a eleição dos membros da directoria seja sempre por escrutinio secreto.

III

A substituição dos doze ultimos vocabulos do § 2.º do art. 3.º pelos seguintes: quer esse trabalho seja inedito, quer já estampado.

IV

O accrescimo ao art. 7 de dois §§, estabelecendo-se no 1.º que a proposta para socio effectivo será acompanhada do trabalho a que se refere o § do art. 3.º, e que será remettido, conforme sua natureza, á commissão competente para, depois de examinal-o, interpôr seu parecer concluindo pela sufficiencia ou insufficiencia da prova de capacidade do autor para os fins do Instituto; e no 2.º que, approvado o parecer de que trata o § anterior e concluindo elle pela sufficiencia, será o mesmo com a proposta por elle occasionada enviado á commissão de admissão de socios, a qual opinará sobre a idoneidade e conveniencia da admissão do candidato proposto.

V

A alteração da primeira parte do art. 8 para que fique prescripto que as propostas para as tres outras classes de socios que não os effectivos serão sujeitas, salvo em casos excepcionaes, ao exame e parecer da commissão de admissão, sendo que as dos socios effectivos observarão sempre os processos dos §§ do art. anterior.

VI

A limitação do numero de socios honorarios a 50 e o de socios correspondentes domiciliados fóra do Estado a 100, não havendo novas admissões emquanto houver numeros de socios dessas categorias excedente ao fixado e gosando estes de todas as regalias como até aqui.

VII

O estabelecimento do preceito de que no dia da posse de um novo socio o presidente faça uma pequena allocução de apresentação do recipiendario, este lia seu discurso de recepção e o orador o saúde, podendo haver dispensa dessas formalidades, a requerimento do recipiendario.

S. Paulo, 25 de outubro de 1910. — *Gentil Moura.* — *Assis Moura.* — *Francisco Gaspar.* — *José Torres de Oliveira.* — *Affonso A. de Freitas.* — *Pedro Dias de Campos.* — *E. L. Bourroul.* — *Alfredo de Toledo.* — *Oscar Marcondss.* — *Americo Braziliense.* — *Edmundo Krug.*»

Esta proposta, a requerimento do seu apresentante, foi remettida á Commissão de Estatutos para dar parecer, depois de um pequeno debate em que tomaram parte o sr. presidente da sessão e os dr. Alfredo de Toledo e Barão Brazilio Machado.

Em seguida o dr. Dinamerico Rangel, presidente da sessão e primeiro secretario, declarou renunciar o seu lugar na directoria do Instituto e agradeceu aos seus consocios a distinção com que até alli o haviam honrado.

Assumindo a presidencia o dr. Torres de Oliveira e submettendo á discussão e a votos a renuncia apresentada, foi ella negada por unanimidade de votos, depois de orarem o renunciante e o dr. Alfredo de Toledo.

Por proposta do dr. E. L. Bourroul, unanimemente approvada pela casa, o sr. presidente mandou consignar na presente acta um voto de louvor ao dr. Dinamerico Rangel pelos relevantes serviços prestados ao Instituto no seu cargo de primeiro secretario.

Nada mais havendo a tratar, o sr. presidente declarou encerrada a sessão, convidando os srs. consocios para a sessão magna de 1.º de novembro, e communicando que a mesa ficava constituida em commissão para convidar pessoalmente para a sessão magna os altos representantes dos poderes publicos do Estado e do Municipio.

Do que, para constar, eu, José Torres de Oliveira, segundo secretario, lavrei a presente acta.

Sessão magna

Ao primeiro dia do mez de novembro de 1910, no salão nobre do edificio social, ás 8 horas da noite, presentes os socios e convidados abaixo nomeados, realizou o Instituto Historico e Geographico, de acôrdo com seus Estatutos, a sessão magna commemorativa do seu 16.º anniversario.

Estando ausente da capital o presidente effectivo do Instituto conselheiro Duarte de Azevedo, estando vagos os lugares de vice-presidente e de primeiro secretario, foi a sessão presidida pelo dr. José Torres de Oliveira, segundo

secretario, que convidou para servirem de secretarios os srs. dr. Gentil Moura e Gelasio Pimenta.

Compareceram, além do presidente e secretarios da sessão, os seguintes consocios: dr. Raphael Sampaio, orador official, d. Lydia Rezende, dr. Ernesto Rodriguer Goulart Penteado, dr. João de Cerqueira Mendes, major Pedro Dias de Campos, arcipreste Ezechias Galvão da Fontoura, dr. Estevam Leão Bourroul, Barão Brazilio Machado, dr. Edmundo Krug, Affonso A. de Freitas; coronel Ludgero de Castro, Francisco Gaspar da Silveira Martins, Oscar de Sá Campell, Assis Moura, José Custodio Alves Lima, Americo Brasiliense de Almeida Mello e Joaquim Pinto da Silveira Cintra.

Compareceram egualmente os srs. Jorge Machado, representando o sr. Secretario da Fazenda, tenente Marcilio Franco por parte do dr. Secretario da Justiça, Vicente Massa, representando o sr. presidente da Camara Municipal, Baroneza de Rezende, d. d. Graciema Nobre, Francisca Rezende de Almeida Mello, Eugenia Torres de Oliveira, Maria Umbelina Torres de Oliveira, Olivia Torres de Oliveira, srs. coronel Francisco de Almeida Nobre, maestro Dias Albertini, Mauricio Levy, Albert Marie Vaillié, dr. Valeriano de Souza, coronel José Maraghiano, Carlos de Moraes Andrade, Affonso Augusto Corrêa, Christovam Torres de Camargo, representantes da imprensa e outras pessoas.

No salão do edificio tocou uma sessão da Força Publica.

O sr. dr. Torres de Oliveira explica os motivos porque preside e abre a sessão e convida a tomarem assento junto á mesa os representantes dos srs. secretarios da fazenda, da justiça e do presidente da Camara Municipal.

Sendo a sessão — verdadeira festa do amor e solidariedade — a ultima desse anno em que o Instituto festejava o seu 16.º anniversario, cumpria-lhe dizer algumas palavras, não para fazer um discurso nem apresentar um relatorio. A vida do Instituto, disse o dr. Torres de Oliveira, palpita na sua *Revista*, que já conta doze grossos volumes, afóra os que se acham no prelo e nos quaes fulgura a collaboração original de Eduardo Prado, João Monteiro, Theodoro Sampaio, Antonio Piza, Orville Derby, Alfredo de Toledo, Hermann von Ihering, E. L. Bourroul, Miranda Azevedo, J. C. Gomes Ribeiro, Manoel Pereira Guimarães, João Moraes, Paulo Egydio, Leoncio Gurgel, Washington Luiz e outros. Ainda ha pouco tempo, na Exposição de S. Luiz, os trabalhos do Instituto foram premiados com medalha de ouro, justa recompensa de seus infatigaveis esforços.

O dr. Torres de Oliveira, referindo-se ao anno social que se encerra, lembrou ter sido elle um dos mais vantajosos para a vida do Instituto.

Durante o anno prestaram a sua dedicada collaboração, sob varios aspectos, entre outros, os consocios drs. Brazilio Machado Domingos Jaguaribe, Alfredo de Toledo, Theodoro Sampaio, Affonso de Freitas, Gentil Moura, Dinamerico Rangel, major Pedro Dias de Campos, Adolpho Pinto, Estevam Leão Bourroul, João Coelho Gomes Ribeiro, Leoncio Gurgel, Assis Moura, Benedicto Calixto, Silveira Cintra, Edmundo Krug, Arthur Vautier.

Lembra a iniciativa tomada pelo Instituto de commemorar condignamente o segundo centenario da elevação de S. Paulo ao predicamento de cidade.

Resumindo as suas considerações, o dr. Torres de Oliveira termina dizendo que a vida do Instituto é actualmente a mais intensa e prospera.

Em seguida dá a palavra ao orador official, dr. Raphael Corrêa Sampaio para fazer o elogio dos socios fallecidos durante o anno. (*)

Assomando a tribuna, o dr. Raphael Sampaio, recebido com uma prolongada e enthusiastica salva de palmas, leu o elogio dos socios Joaquim Nabuco, coronel Araujo Macedo, Arthur Goulart, Pedro Severo Bicudo, José Jacintho Ribeiro, general Dionisio Cerqueira, d. Veridiana Prado, dr. Pedro Arbues da Silva, Conselheiro Pedroso, George Earl Church, dr. Manoel Pessoa de Siqueira Campos, dr. Eugenio Alberto Franco.

Ao terminar o seu discurso, no qual recordou em traços indeleveis, os serviços prestados pelos socios que tombaram no meio da jornada, o dr. Raphael Sampaio recebeu muitas felicitações dos socios e pessoas presentes.

O sr. presidente diz que estava preenchido o fim da sessão; agradece ás pessoas presentes e principalmente aos srs. secretarios da fazenda, da justiça e ao presidente da Camara Municipal o terem comparecido ou se feito representar na sessão; ás senhoras e senhoritas o realce dado á festa com a sua presença; aos jornaes da capital o auxilio que tem prestado ao Instituto com a publicação dos trabalhos lidos nas principaes reuniões, e o dr. secretario da justiça, com especialidade, o ter cedido a banda da Força Publica para abrilhantar a festa do dia, fria e singela como sóem ser as festas scientificas, notadamente quando nellas se commemoram os mortos.

Lembra aos srs. socios que o Instituto entra agora em ferias, devendo recomeçar os seus trabalhos no dia 25 de janeiro de 1911.

Levanta-se a sessão ás 9 horas e meia da noite.

Do que para constar, eu, José Torres de Oliveira, segundo secretario, lavrei a presente acta.

(*) O discurso do orador official deixa de ser publicado neste volume, por não ter chegado ao poder da Commissão de Redacção, apezar de seus esforços para conseguil-o.

RELATORIO

dos trabalhos e occurrencias sociaes do anno de 1910, apresentado pela Directoria em sessão de 25 de janeiro de 1911.

RELATORIO

DOS TRABALHOS E OCCURRENCIAS SOCIAES DO ANNO DE 1910, APRESENTADO PELA DIRECTORIA EM SESSÃO DE 25 DE JANEIRO DE 1911.

Srs. membros do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo.

Em cumprimento do disposto no art. 16 § 5° dos Estatutos, vem a Directoria do Instituto apresentar-vos hoje o relatorio dos trabalhos e occurrencias do anno social de 1910.

ADMINISTRAÇÃO

A Directoria que elegestes em sessão de 25 de outubro de 1909, para funccionar durante o triennio seguinte, exerceu o seu mandato durante o anno findo, sem nenhuma modificação.

Entretanto, na sessão de encerramento, o nosso distincto 1.° secretario, dr. Dinamerico Rangel, renunciou o seu lugar, privando-nos, com o maior pezar, da sua tão operosa e intelligente collaboração. Faz-se, assim, necessario proceder, por eleição, ao preenchimento dessa vaga.

Tambem, devido aos seus multiplos affazeres, que o conservaram quasi permanentemente ausente de S. Paulo, deixou de tomar parte nos nossos trabalhos, durante o anno findo, o nosso caro presidente, o exmo. sr. conselheiro Duarte de Azevedo.

A Directoria faz votos para que, cessando esses impedimentos temporarios, o nosso egregio companheiro continue a nos prestar o valioso concurso de sua prudencia e de seu saber.

COMMISSÕES

Na sessão de 5 de fevereiro o dr. Domingos Jaguaribe, nosso prezado vice-presidente, no exercicio da presidencia, procedeu á nomeação das diversas commissões que têm de servir com a actual Directoria.

SESSÕES E TRABALHOS

Durante o anno findo realisaram-se 20 sessões ordinarias, a sessão especial de 25 de outubro e a magna de 1.º de novembro. Houve tambem a assembléa geral, extraordinaria e solemne, de 12 de setembro, especialmente convocada para dar posse de socios honorarios aos illustres membros da delegação portugueza perante o Segundo Congresso de Geographia, assim como a varios socios honorarios e correspondentes, que se achavam presentes na capital por motivo do mesmo Congresso.

Todas as sessões, como se vê das actas, foram extraordinariamente concorridas, e durante ellas foram apresentados muitos e valiosos trabalhos, d'entre os quaes destacam-se os seguintes:

Elogio historico de Arthur Goulart, pelo dr. J. J. Carvalho;

O Corpo de Bombeiros de São Paulo, pelo major Pedro Dias de Campos;

Miscellanea Indigena, pelo dr. Jorge Maia;

Identificação da Villa de Santo André da Borda do Campo, pelo dr. Luiz Piza.

Limites entre o Brazil e o Uruguay, pelo dr. João Coelho Gomes Ribeiro;

O caminho do Paraguay a Santo André da Borda do Campo (reconstituição do itinerario percorrido por Ulrich Schmidel em 1553), pelo dr. Gentil Moura;

Os Guayanás de Piratininga, por Affonso A. de Freitas.

O Barão de Rezende e seu tempo (excerptos), pelo dr. Estevam Leão Bourroul;

Minha viagem ao Salto Grande do Paranapanema, pelo dr. Edmundo Krug;

A Villa de Santo André da Borda do Campo e a primitiva povoação de Piratininga, por Benedicto Calixto;

Viagem do Rio de Janeiro á cidade de S. Paulo, excerpto do livro *Viagem no Brazil, de Spix e Martius*, por João Wetter;

Os Cedros do Bussaco (poemeto), pelo dr. Dinamerico Rangel;

Elogio historico e critico do Maestro Paulista Alexandre Levy, por Gelasio Pimenta;

Santos de Amanhã, por Julio Conceição;

Refutação historica, por T. Oscar Marcondes de Souza;

A Barra de Tutoya, pelo dr. Justo Jansen Ferreira.

E outros.

Por iniciativa do consocio dr. Barão Brazilio Machado, o Instituto resolveu commemorar o segundo centenario da elevação de S. Paulo ao predicamento de cidade, publicando, em 11 de julho do corrente anno, uma obra

historica de grande vulto, segundo o plano organisado pelo consocio dr. Adolpho Pinto e approvado em sessão.

Para realizar essa empresa dispendiosa, que excede as forças economicas da sociedade, a Directoria, devidamente autorizada, pediu ao Congresso e á Camara Municipal o necessario auxilio.

Como esse auxilio não fosse concedido, a Directoria leva este facto ao conhecimento do Instituto, para tomar a respeito a deliberação que lhe parecer mais conveniente.

BIBLIOTHECA E ARCHIVO

Talvez como em nenhum dos annos anteriores, foram, o anno findo, a Bibliotheca e o Archivo do Instituto extraordinariamente enriquecidos com a offerta de livros, manuscriptos e impressos, folhetos, revistas, mappas, medalhas etc., devendo se salientar as obras expostas no Segundo Congresso de Geographia, e que, não tendo sido reclamadas pelos expositores, ficaram pertencendo á Bibliotheca do Instituto, conforme a gentil deliberação tomada pela digna commissão promotora do mesmo Congresso.

Attendendo á solicitação de um dos secretarios do Instituto, começaram a remetter gratuitamente á Bibliotheca um exemplar diario das respectivas folhas, as redacções dos jornaes— «Jornal do Commercio», «Paiz», «Gazeta de Noticias», «Correio da Manhã» e «Jornal do Brazil», do Rio de Janeiro, assim como as redacções do «Estado de S. Paulo», «Correio Paulistano», «Commercio de S. Paulo, «São Paulo», «Diario Popular» e «Platéa», desta capital.

A todos esses generosos offertantes a Directoria do Instituto aqui deixa consignado o seu vivo e sincero reconhecimento.

Para auxiliar os secretarios na administração e guarda da Bibliotheca e do Archivo, foi creado o lugar de Bibliothecario e Archivista, a quem está commettida presentemente a tarefa, já adeantada, de confeccionar o catalogo dos livros e mais objectos do Instituto.

REVISTA

Tendo sido renovada pelo Governo do Estado a autorização para continuar a se publicar a *Revista do Instituto*, nas officinas do *Diario Official*, estão entrando para o prelo os originaes dos volumes em atrazo, sendo de esperar que, dentro em pouco tempo, essa publicação seja posta em dia.

SOCIOS

Durante o anno foram proclamados socios do Instituto: na categoria de *honorarios* os srs. Consiglieri Pedroso, Abel Botelho, Lobo de Avila Lima, Frederico Mistral e d. Lydia de Souza Rezende; na de *correspondentes* os srs. Irineu

Ferreira Pinto, Nicolau Asprino Junior, padre João Baptista Hafkemeyer, João de Lyra Tavares, Deocleciо de Campos, Homero Baptista, padre Etienne Ignace Brazil, Junio Soares Caiuby, Adolpho Lutz, Francisco Xavier da Silva Telles, padre Carlos Teschauer, Benjamin da Luz Novaes, Vicente Melillo, Carlos Lix Klett, Raymundo Ciriaco Alves da Cunha, conselheiro João Nepomuceno Torres, Jayme Reis, Tancredo de Barros Paiva, J. F. de Lima Mindello, W. J. de Oliveira Bello, M. P. Cavalcanti, Alexandro Sorondo e Sebastião Paraná; na de *effectivos* os srs. dr. Oliveira Botelho, Oscar de Sá Campello, Aristéo Seixas, Rufus K. Lane, Ramon Roca Dordal, Carlos de Carvalho, Persio Pacheco e Silva, Monsenhor dr. Charles Sentroul, Gelasio Pimenta, Laerte de Assumpção, Altino Arantes Marques, Francisco Horta Junior, Manuel Aureliano de Gusmão, Miguel Carneiro Junior, Pedro Rodrigues de Almeida, Antonio Augusto Mendes Borges Reynaldo Porchat, Miguel A. de Paula Lima e Thomaz O. Marcondes de Souza.

Foram transferidos da categoria de correspondentes para a de *honorarios* os srs. conselheiro Ernesto Julio de Carvalho Vasconcellos e Arthur Orlando da Silva, e da de effectivo tambem para a de *honorario* o dr. João Mendes de Almeida Junior.

Si o Instituto teve a felicidade de vêr engrossarem-se as suas fileiras com tão copioso numero de novos collaboradores, teve tambem a magua de vêr baixarem á sepultura numerosos confrades, cuja vida e feitos já foram devidamente commemorados, e que foram — Arthur Goulart, George Earl Church, Coronel Araujo Macedo, Pedro Severo Bicudo, José Jacyntho Ribeiro, d. Veridiana Prado, Siqueira Campos, Antonio Francisco de Araujo Cintra, Cleofano Pitaguary de Araujo, Pedro Arbues da Silva, Francisco Marcondes de Gouvêa Natividade, Eugenio Alberto Franco, Joaquim Nabuco e Consiglieri Pedroso.

FINANÇAS

A Thesouraria do Instituto arrecadou o anno passado a quantia de rs. 12:342$000 e despendeu 15:108$900.

Tem actualmente em caixa, rs. 3:675$600.

Na despesa figura a verba de 10.000$000 paga por amortização do debito de 15:000$000, contrahido para a conclusão do edificio social, além dos juros do mesmo debito e dos pagos como indemnização pela deslocação dessa parte do capital antes do vencimento, como determinava a escriptura do mutuo.

Estando, pois, reduzido o debito hypothecario a 5:000$ e existindo em caixa 3:675$600, está quasi saldada a divida do Instituto.

No orçamento do Estado continúa consignada a verba de 3:600$000 como auxilio ao Instituto, assim como da Camara Municipal continuaremos a receber o auxilio de 2:000$000, apezar de não ter sido consignado no orçamento deste anno, visto não ter o illustre sr. prefeito sanccionado esta lei de orçamento e ter prorogado a lei do orçamento do anno passado.

REFORMA DE ESTATUTOS

Numa das ultimas sessões do anno transacto foi apresentado á nossa deliberação um projecto de reforma dos nossos Estatutos. Esse projecto foi enviado á commissão de Estatutos para emittir parecer. A Directoria confia em que do estudo que fizerdes e das deliberações que tomardes resultarão disposições proveitosas para a vida e engrandecimento da nossa sociedade.

CONCLUSÃO

Tal é, srs. membros do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, a exposição que a Directoria entendeu dever fazer-vos na sessão inaugural dos trabalhos do anno de 1911, estando prompta a prestar vos quaesquer esclarecimentos que forem exigidos.

S. Paulo, 25 de janeiro de 1911.

José Torres de Oliveira, 1.° secretario int.

Instituto Historico e Geographico de S. Paulo

DIRECTORIA

PRESIDENTE

Dr. Luiz de Toledo Piza e Almeida

VICE-PRESIDENTE

Dr. Alfredo de Toledo

1.° SECRETARIO

Dr. José Torres de Oliveira

2.° SECRETARIO

Tenente coronel Pedro Dias de Campos

ORADOR

Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay

THESOUREIRO

Commendador Leoncio A. Gurgel

COMMISSÕES PERMANENTES

Regulamentos e Estatutos

Arcipreste Ezechias Galvão da Fontoura
Dr. Diogo de Moraes
Humberto de Queiroz

Syndicancia e admissão de socios

Dr. Francisco I. X. de Assis Moura
Tenente-coronel Pedro Dias de Campos
Dr. José Torres de Oliveira

Redacção da Revista

Dr. Alfredo de Toledo
Dr. Estevam Leão Bourroul
Horacio de Carvalho

Historia e estatistica de S. Paulo

Dr. Gentil de Assis Moura
Dr. Adolpho B. de Abreu Sampaio
Dr. Affonso A. de Freitas

Historia geral do Brazil

Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay
Dr. Washington Luiz P. e Souza
Dr. Domingos J. Nogueira Jaguaribe

Geographia de S. Paulo

Dr. Affonso A. de Freitas
Dr. Victor da Silva Freire
Dr. Gentil de Assis Moura

Geographia Geral do Brazil

Dr. Adolpho Augusto Pinto
Dr J. P. da Silveira Cintra
Dr. Carlos Reis

Ethnographia do Brazil e especialmente de São Paulo

Dr. Affonso A. de Freitas
Dr. Edmundo Krug
Dr. J. V. Couto de Magalhães

Literatura e manuscriptos

Dr. Dinamerico Rangel
Dr. Eugenio Egas
Dr. Manoel Pereira Guimarães

Sciencias, numismatica e archeologia

Dr. Ricardo Severo
Dr. Brant de Carvalho
Dr. Americo Braziliense

Artes e industrias

Dr. F. P. Ramos de Azevedo
Galasio Pimenta
Commendador Leoncio A. Gurgel.

Contas

Coronel J. Lellis Vieira
Professor João Wetter
Dr. Decelesiano Seixas

CADASTRO SOCIAL

I

PRESIDENTE HONORARIO

Conselheiro Ruy Barbosa

II

SOCIOS BENEMERITOS

1 **Dr. Alfredo de Toledo**
2 **Dr. Carlos Reis**
3 **Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe**
4 **Dr. Hermann von Ihering**
5 **Julio Conceição**
6 **Dr. Orville A. Derby**
7 **Dr. Pedro Augusto Gomes Cardim**

III

SOCIOS HONORARIOS

Coronel Abel Botelho
Dr. Alberto dos Santos Dumont
Dr. Alcibiades Furtado
Dr. Alexandre J. de Mello Moraes Filho
D. Anselmo Hevia Requielme
Almirante Antonio Alves Camara
Dr. Antonio Martins Fontes Junior
Almirante Arthur Jaceguay
Dr. Arthur Orlando da Silva
Augusto Henrich Wieman
Conselheiro Augusto Carlos Teixeira de Aragão
Dr. Augusto Freire da Silva
Barão Brazilio Machado
Barão de Paranapiacaba
Barão de Studart
Barão Hesse Wartegg
Barão Homem de Mello
Balarmino Carneiro
Benedicto Calixto
Dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão
Dr. Bernardino de Campos
Dr. Bernardo de Azevedo da Silva Ramos
Dr. Carlos de Campos
Dr. Carlos Valente de Novaes
Dr. Clovis Bevilaqua
Conde Affonso Celso
Dr. Dinamerico Rangel
Dr. Diogo de Vasconcellos
Dionisio Caio da Fonceca
D. Duarte Lecpoldo
Duque dos Abruzzos
Dr. Emilio A. Goeldi
D. Epaminondas de Avila e Silva
Dr. Ernesto Guilherme Young
Conselheiro Ernesto J. de Carvalho e Vasconcellos
Dr. Estevam Leão Bourroul
Mons. Ezechias Galvão da Fontoura
Dr. Felisbello Freire
Mons. Francisco de Paula Rodrigues
Dr. Francisco I. Xavier de Assis Moura
D. Francisco J. Herboso
Frederico Mistral
Dr. Frederico Kerner Marilaum
Dr. Frederico Augusto Lisboa
General dr. Gregorio Thaumaturco de Azevedo
Guilherme Ferrero

Dr. Gustavo de Oliveira Godoy
Irineu Ferreira Pinto
Dr. João Capistrano de Abreu
Dr. João Mendes de Almeida Junior
Dr. João Ribeiro
Dr. Joaquim F. de Assis Brazil
Dr. John C. Branner
Dr. José Arthur Boiteux
Cons. José Carlos Rodrigues
Dr. José Lobo de Avila Lima
Dr. José Luiz de Almeida Nogueira
Dr. José Maria Moreira Guimarães
Dr. José Pereira de Queiroz
José Verissimo
Dr. José Vieira Fazenda
D. Julio Fernandes
Padre dr. Julio Maria
D. Larrabure Unamie
D. Lydia de Souza Rezende
Dr. Luiz de Toledo Piza e Almeida
Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme
Dr. Manoel Alvaro de Souza Sá Vianna
Dr. Manoel de Oliveira Lima
Mrs. Marie Robinson Wright
Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada
D. Mathias Alonso Creado
Dr. Olinto de Magalhães
Dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa
Padre Raphael M. Galanti
Dr. Richard Westtstein
Dr. Silvio Romero
D. Susviela Guarch
Dr. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro
Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brazil
Dr. Vicente Liberalino de Albuquerque
Dr. Victor Schiffner
Virgilio Varzea
Viscondessa de Cavalcanti

IV

SOCIOS EFFECTIVOS REMIDOS

1 Dr. Adolpho A. Pinto
2 Dr. Antonio de Albuquerque Pinheiro
3 Coronel Antonio de Lacerda Franco
4 Dr. Antonio Dino da Costa Bueno
5 Coronel Antonio Ludgero de Souza e Castro
6 Com. Antonio Mendes Borges
7 Antonio Moreira da Silva
8 Mons. Camillo Passalaqua

9 Dr. Carlos A. de Freitas Villalva
10 Dr. Cincinato Braga
11 Eduardo C. Pereira
12 Dr. Ernesto Pedroso
13 Dr. Eugenio Egas
14 Coronel Felicio de Campos Cintra
15 Dr. F. de P. Ramos de Azevedo
16 Dr. F. de P. Rodrigues Alves
17 Dr. Francisco Ferreira Ramos
18 Francisco Nicolau Baruel
19 Dr. Gabriel de Toledo Piza e Almeida
20 Dr. Gentil de Assis Moura
21 Dr. João A. de Oliveira Cezar
22 Dr. João Nogueira Jaguaribe
23 Dr. João Pedro Cardoso
24 Dr. Joaquim P. da Silveira Cintra
25 Dr. José Alves Guimarães
26 José Feliciano de Oliveira
27 José Francisco Soares Romeu
28 Dr. José Maria Whitaker
29 Dr. José Torres de Oliveira
30 Dr. Laerte de Assumpção
31 Com. Leoncio A. Gurgel
32 Dr. Manoel Pereira Guimarães
33 Otto Weissflog
34 Dr. Raphael Corrêa Sampaio
35 Dr. Rodolfo von Ihering
36 Dr. Theodoro Sampaio
37 Dr. Victor da Silva Freire

V

RELAÇÃO DOS SOCIOS EFFECTIVOS CUJAS ANNUIDADES ESTÃO PAGAS ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1912.

1 Dr. Affonso A. de Freitas
2 Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay
3 Alberto Löfgren
4 Dr. Alfredo Ellis
5 Dr. Altino Arantes Marques
6 Dr. Alvaro de Souza Queiroz
7 Dr. Americo Braziliense de Almeida Mello
8 Dr. Antonio Augusto Moreira de Toledo
9 Dr. Antonio Candido Rodrigues
10 Cons. Antonio da Silva Prado
11 Dr. Antonio de Padua Salles
12 Antonio Egydio Martins

13 Dr. Antonio F. de Paula Souza
14 Dr. Antonio Mercado
15 Dr. Armando Prado
16 Dr. Augusto de Siqueira Cardoso
17 Dr. Augusto Meirelles Reis
18 Dr. Bernardo Morelli
19 Dr. Bittencourt Rodrigues
20 Dr. Carlos A. Pereira Guimarães
21 Dr. Carlos Paes de Barros
22 Dr. Clementino de Souza e Castro
23 Dr. Eduardo Loschi
24 Eugenio Hollender
25 Dr. Francisco da Cunha Horta Junior
26 Dr. Francisco de Toledo Malta
27 Dr. Frederico de Barros Brotero
28 Dr. Galeno Martins de Almeida
29 Gelasio Pimenta
30 Horacio de Carvalho
31 Humberto de Queiroz
32 Dr João Baptista Reimão
33 João F. Meira de Vasconcellos
34 Coronel João Lellis Vieira
35 João Wetter
36 Dr. Joaquim Augusto Gomide
37 Coronel Joaquim de Toledo P. e Almeida
38 Dr. J. J. de Carvalho
39 Dr. Joaquim Miguel M. de Siqueira
40 Dr. Jorge Tibiriçá
41 Dr. José Brant de Carvalho
42 Dr. José Carlos de Macedo Soares
43 Dr. José E de Macedo Soares
44 Desor. José Maria do Valle
45 Conego dr. José Valois de Castro
46 Major José Vicente de Azevedo Sobrinho
47 Dr. Luiz Arthur Varella
48 Dr. Manoel F. de Campos Salles
49 Dra. Maria Renotte
50 Dr. Mario Tavares
51 Dr. Oscar de Sá Campello
52 Dr Oscar Thompson
53 Major Paulo Pinto Auto Rangel
54 Tenente-coronel Pedro Dias de Campos
55 Dr. Persio Pacheco e Silva
56 Prof. Ramon Roca Dordal
57 Dr. Raphael Sampaio Vidal
58 Dr. Ricardo Severo
59 Dr. Rogerio de Paula Fajardo
60 Dr. Rufus K. Lane
61 Dr. Silvio de Almeida
62 Dr. Theodoro Dias de Carvalho Junior
63 Dr. Washington L Pereira e Souza

VI

RELAÇÃO DOS SOCIOS CUJAS ANNUIDADES ESTÃO PAGAS ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1911

1 Dr. Adolpho A. da Silva Gordo
2 Dr. Alberto Penteado
3 Prof. Alfredo Bresser da Silveira
4 Mons. Dr. Carlos Sentroul
5 Emmanuel Vanorden
6 Dr. Francisco Franco da Rocha
7 Coronel Francisco Gaspar da S. Martins
8 Dr. Jorge Maia
9 Dr. José Getulio Monteiro
10 Dr. Julio Cezar F. de Mesquita
11 Dr. Luiz F. Rangel de Freitas
12 Coronel Luiz Gonzaga de Azevedo
13 Dr. Manoel Dias de Aquino e Castro
14 Dr. Pedro Rodrigues de Almeida
15 Dr. Raymundo Furtado Filho
16 Dr. Sergio Meira

VII

RELAÇÃO DOS SOCIOS CUJAS ANNUIDADES ESTÃO SATISFEITAS ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1910

1 Dr. Affonso Arinos de M. Franco
2 Dr. Alvaro A. da Costa Carvalho
3 Dr. Augusto Carlos da Silva Telles
4 Carlos de Carvalho
5 Dr. Decleciano Rodrigues Seixas
6 Dr. Edmundo Krug
7 Dr. Firmiano de Moraes Pinto
8 Dr. Gustavo Koenigswald
9 Dr. Ignacio de Rezende
10 Dr. João C. Gomes Ribeiro
11 Oscar Pereira da Silva
12 Dr. Plinio de Mendonça Uchôa

VIII

SOCIOS CORRESPONDENTES DOMICILIADOS FÓRA DO ESTADO DE SÃO PAULO

A. Lafone Quevedo
Dr. Adolpho Lutz
Alberto Ferreira Rodrigues
Dr. Alberto Rangel
Dr. Albino Alves Filho
Dr. Alcides de Freitas Cruz

D. Alejandro Sorondo
Dr. Alfredo de Carvalho
Alfredo Ferreira Rodrigues
Dr. Alfredo Varella
Americo W. Brazil
D. Andrés Lapeña
Antonio A. Borges dos Reis
Dr. Antonio Augusto Campos da Cunha
Dr. Antonio Augusto de Lima
Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva
Contralmirante A. C. Gomes Pereira
Dr. Antonio Ennes de Souza
Dr. Antonio Manoel Bueno de Andrada
Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel
Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires
Arthur F. Machado Guimarães
Dr. Augusto O. Viveiros de Castro
Dr. Barão de Alencar
Dr. Barão de Muritiba
Candido Costa
Dr. Carlos Góes
D. Carlos Lix Klett
Carlos Marques Leite
Carlos Parlagreco
Dr. Carlos Porto Carrero
P.e Carlos Teschauer
C. Pallu de La Barrére
Dr. Daniel Garcia de Acevedo
Dario Velloso
D. Delminda Silveira de Souza
Dr. Deocleciо M. de Campos
Major Domingos Nascimento
Dr. Eduardo M. Peixoto
Prof. Elias de Figueiredo Nazareth
Elpidio Leite
Dr. Ermelino A. de Leão
Dr. Ernesto Quesada
Coronel Ernesto Senna
Dr. Esmeraldino Bandeira
Dr. Estevam de Mendonça
P.e Etienne Ignace Brazil
Felix Pacheco
F. W. Dahlgren
Dr. Fernando Caldeira de Andrada
Filinto de Almeida
Dr. Flavio Marója
Francisco G. de Araujo Góes
Dr. Francisco G. de Araujo Góes Filho
Dr. Francisco Xavier da Silva Telles
Dr. George Dumas
Dr. Göran Björkman

Com.ª Henrique Boiteux
Dr. Henrique R. Leang
Capitão Henrique Silva
Dr. Homero Baptista
Horacio Nunes
Dr. Hossanah de Oliveira
Dr. Isaac Leão Pinto
Dr. James Darcy
Dr. Jeronymo de A. Figuera de Mello
Pe. João Baptista Hafkemeyer
Dr. J. B. Paranhos da Silva
Dr. João Carneiro Monteiro
Coronel João de Lyra Tavares
Dr. J. F. de Lima Mindello
J. Lucio de Azevedo
Dr. J. Pamphilo de Assumpção
Dr. João Pandiá Calogeras
Dr. João P. de Castro Pinto
João R. Coriolano de Medeiros
Dr. João Teixeira Alvares
Major Joaquim de Locerda Abreu
Dr. Joaquim de Oliveira Botelho
Dr. José Americo dos Santos
Major José C. Sotto
Dr. José Felicio Buarque de Macedo
José F. da Rocha Pombo
Dr. José Nipce da Silva
Dr. José Pereira do Rego Filho
Coronel Jesuino da Silva Mello
D. Juan Ambrosetti
D. Juan Vucetich
D. Julia Lopes de Almeida
D. Julio Vicuña Cifuentes
Luiz Casabona
Dr. L. G. de Escragnolle Doria
Prof. Luiz G da Silva Pessanha
Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva
Dr. M. de Mello Cardoso Barata
Dr. M. E. Gomes de Carvalho
Dr. Manoel Paulino Cavalcanti
Dr. Manoel P. Monteiro Tapajós
Manoel Pio Corrêa
Dr. Manoel T. Alves Nogueira
Max Fleiuss
Dr. Moysés M. de Oliveira e Sá
Dr. Nelson C. de Senna
Dr. Odwaldo Pacheco e Silva
D. Olga de Moraes Sarmento.
Olympio Paranhos
D. Pablo Bananchêa
Pe. Pablo Hernandes

Paul Walle
Dr. Pedro de Souto Maior
Coronel Raymundo C. Alves da Cunha
Dr. Rodolpho Jacob
Dr. Rodrigo Octavio L. de Menezes
Coronel Romario Martins
Dr. Sebastião Paraná
Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão
Tobias Antonio da Rosa
Dr. Vicente Ferrer de B. W. de Araujo
Dr. Vicente G. Quesada
Victor Orban
Dr. Virgilio Augusto de Moraes
Dr. Virgilio de Lemos
Dr. Virgilio Martins de Mello Franco
Visconde de Faria

IX

RELAÇÃO DOS SOCIOS CORRESPONDENTES DOMICILIADOS NO ESTADO DE S. PAULO, QUE SATISFIZERAM SUAS CONTRIBUIÇÕES.

1 Dr. Alberto Carlos de Assumpção
2 Dr. Antonio Alvares Lobo
3 Dr. Antonio A. Gomes Nogueira
4 Dr. Antonio de Almeida Cintra
5 Athayde Marcondes
6 Benedicto Octavio de Oliveira
7 Dr. Bernardino Peixoto de Campos
8 Brazilio de Magalhães
9 Dr. Calixto de Paula Souza
10 Dr. Eurico Doria de Araujo Góes
11 Coronel Fernando Prestes de Albuquerque
12 Francisco Cardona
13 Francisco Corrêa de Almeida Moraes
14 Francisco da Cunha
15 D. Ibrantina Cardona
16 Dr. Isidoro Campos
17 Dr. Joaquim Alvaro de Sousa Camargo
18 Dr. José de Campos Novaes
19 Conego José Pedro de Araujo Marcondes
20 Dr. Junio Soares Cainby
21 Dr. Luciano Esteves dos Santos Junior
22 Manoel Marcellino de Souza Franco
23 Dr. Mario de Assis Moura
24 Ottoniel Motta
25 Dr. Primitivo de Castro Rodrigues Setto
26 Raphael de Andrade Duarte
27 Coronel Septimio Augusto Werner
28 Vicente Melillo
29 Dr. Virgilio de Rezende

SOCIOS ELEITOS EM 1910

NOMES	CATEGORIAS	DATA DA ELEIÇÃO	
Dr. João Mendes de Almeida Junior	Honorario	5	Fevereiro
Dr. Oscar de Sá Campello	Effectivo	»	Março
Dr. Rufus K. Lane	»	»	»
Aristeu Seixas	»	»	»
Prof. Ramon Rocca Dordal	»	20	Abril
Irineu Ferreira Pinto	Correspondente	»	»
Dr. Nicolau Asprino Junior	»	»	»
Coronel João de Lyra Tavares	»	6	Junho
Padre João Baptista Hafkemeyer	»	»	»
D. Alejandro Sorondo	»	»	»
Carlos de Carvalho	Effectivo	»	»
Dr. Homero Baptista	Correspondente	20	»
Padre Etienne Ignace Brazil	»	»	»
Dr. Deocleciо de Campos	»	»	»
Dr. Junio Soares Caiuby	»	»	»
Dr. Persio Pacheco e Silva	Effectivo	»	Julho
Dr. Adolpho Lutz	Correspondente	»	»
Dr. Francisco Xavier da Silva Telles	»	»	»
Padre Carlos Teschauer	»	»	»
Prof. Z. Consiglieri Pedroso	Honorario	»	»
D. Lydia de Souza Rezende	»	5	Agosto
Cons. Ernesto J. de Carvalho e Vasconcellos	»	20	»
Dr. José Lobo de Avila Lima	»	»	»
Coronel Abel Botelho	»	»	»
Mons. Charles Sentroul	Effectivo	»	»
Dr. Altino Arantes Marques	»	»	»
Dr. Laerte de Assumpção	»	»	»
Gelasio Pimenta	»	»	»
Vicente Melillo	Correspondente	»	»
Dr. Benjamim da Luz Novaes	»	»	»
Frederic Mistral	Honorario	5	Setembro
Dr. Jayme Dormund dos Reis	Correspondente	»	»
Cons. João Nepomuceno Torres	»	»	»
Dr. Francisco da Cunha Horta Junior	Effectivo	20	»
Dr. Manoel Aureliano de Gusmão	»	»	»
Prof. Miguel Carneiro Junior	»	»	»
D. Carlos Lix Klett	Correspondente	»	»
Coronel Raymundo C. Alves da Cunha	»	»	»
Dr. Arthur Orlando da Silva	Honorario	5	Outubro
Tancredo de Barros Paiva	Correspondente	»	»
Dr. Pedro Rodrigues de Almeida	Effectivo	20	»
T. Oscar Marcondes de Souza	»	»	»
Commendador M. A. Mendes Borges	»	»	»
Dr. Miguel A. de Paula Lima	»	»	»
Dr. Reinaldo Porchat	»	»	»
Dr. Sebastião Paraná	Correspondente	»	»
Dr. W. J. de Oliveira Bello	»	»	»
Dr. Manoel Paulino Cavalcanti	»	»	»
Dr. J. F. de Lima Mindello	»	»	»

XI

SOCIOS FALECIDOS EM 1910

Dr. Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo
Prof. Arthur Goulart
Prof. Pedro Severo Bicudo
Damasceno Vieira
Dr. Pedro Arbues da Silva
D. Veridiana Prado
Dr. Cleophano Pitaguary de Araujo
Dr. Antonio F. de Araujo Cintra
José Jacintho Ribeiro
Z. Consiglieri Pedroso
Dr. Manoel P. de Siqueira Campos
Dr. Francisco M. Gouvêa Natividade
Dr. Eugenio Alberto Franco
Major Belisario Pernambuco

INDICE

Pag.

A Speleologia Brazileira pelo dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires 3
A Zona da Ribeira pelo dr. Diogo de Moraes . . 65
Annaes de Matto Grosso pelo Marechal Visconde de Beaurepaire Rohan. 37
A Constituinte e o dia 3 de Maio por Affonso A. de Freitas 117
A Mococa — De sua fundação até 1900 — por Humberto de Queiroz. 123
O Descobrimento do Brazil pelo padre J. B. Hafkemeyer S. J. 199
A Geographia Nacional pelo dr. Gentil de Assis Moura 209
Subsidios para o estudo dos Kaingangues do Paraná pelo dr. Ermelino A. de Leão . . . 221
A Villa de Santo André da Borda do Campo e a primitiva povoação de Piratininga por Benedicto Calixto. 253
A costa septentrional do Brazil na cartographia dos primeiros lustros do seculo 16 pelo padre J. B. Hafkemeyer S. J. 265
A Ouvidoria de Paranaguá pelo dr. Ermelino A. de Leão. 275
Clima Brazileiro pelo dr. Arthur Orlando. . . 291
Dr. Melchiades Trigueiro por J. Vieira de Almeida 303
Bartholomeu de Gusmão. A sua época — O padre e a Inquisição — A historia e a lenda — por Benedicto Calixto. 311
Santos de Amanhan por Julio Conceição. . . . 323
Viagem do Rio de Janeiro á cidade de S. Paulo — Excerpto do livro Reise in Brasilien (Viagem no Brazil) de Spix e Martius traduzido do allemão por João Wetter. 337
Cartas, provisão e ordem referentes á administração da justiça na Capitania de S. Paulo . 361
Alguns documentos relativos ao periodo da Independencia pelo dr. Jeronymo de Avellar Figueira de Mello 369
Uma Viagem ao littoral norte de S. Paulo por Carlos Goursand 379

	Pag.
Alexandre Levy por Gelasio Pimenta.	387
Notas genealogicas por Lafayette de Toledo . .	405
Actas das sessões de 1910.	421
Relatorio dos trabalhos e occurrencias sociaes do anno de 1910	479
Directoria.	487
Commissões Permanentes.	488
Presidente honorario	489
Socios benemeritos	489
Socios honorarios.	490
Socios effectivos remidos	491
Relação dos socios effectivos, cujas annuidades estão pagas até 1912, inclusive	492
Relação dos socios effectivos, cujas annuidades estão pagas até 1911 inclusive	494
Relação dos socios effectivos, cujas annuidades estão satisfeitas até 1910, inclusive. . .	494
Socios correspondentes domiciliados fóra do Estado de S. Paulo.	494
Relação dos socios correspondentes domiciliados no Estado, que satisfizeram suas contribuições.	497
Socios eleitos em 1910	496
Socios fallecidos em 1910	499

ERRATA

A' pag. 325 ha um erro de impressão bastante sensivel, qual a média do verão em Nova-York, Estados Unidos, que é de 38.° e não de 8.° á sombra.